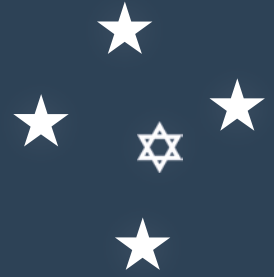


Israel Blajberg

Israel Blajberg

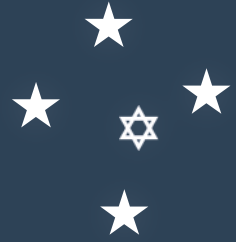


Estrela de David no Cruzeiro do Sul

Estrela de David no Cruzeiro do Sul

Memória da presença judaica
nas Forças Armadas do Brasil –
De Cabral ao Haiti





Da Carta de Mestre João a D. Manuel I sobre o Cruzeiro do Sul
em 1º de Maio de 1500

Portugal, Torre do Tombo, Corpo Cronológico,
Parte III, mç. 2, n.º 2

... e estas estrelas, principalmente as da Cruz, são grandes, quase como as do Carro; e a estrela do Pólo Antártico, o Sul, é pequena como a do Norte e mui clara, e a estrela que está em riba de toda a Cruz é muito pequena. Não quero mais alargar, por não importunar a vossa alteza, salvo que fico rogando a Nosso Senhor Jesu Cristo a vida e estado de vossa alteza acrescente como vossa alteza deseja. Feita em Vera Cruz, o primeiro de Maio de (1)500.

*Do criado de Vossa Alteza e vosso leal servidor
João
Bacharel em Artes e Medicina*

Mestre João, médico particular da Coroa portuguesa e astrónomo.
Primeiro a identificar a constelação do Cruzeiro do Sul.
Cristão-novo, veio nas caravelas de Cabral.

Vide carta e nota explicativa no Cap. 39 – Anexos



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-60811-24-3



9 788560 811243



A obra mostra a identidade de um segmento da nossa sociedade, afirmando a cidadania brasileira dos judeus e seus descendentes, reafirmando que a sua pátria é a do solo onde nasceram e contribuem para o pleno desenvolvimento, nação construída por imigrantes europeus e africanos, formando com os indígenas uma nacionalidade com DNA de todas as religiões e etnias.

O profundo trabalho do grande historiador militar brasileiro Israel Blajberg, registrando a presença marcante de membros da comunidade judaica nas Forças Armadas e Policiais, além de contar a história da bravura de nossos militares tem um mérito extraordinário no combate ao racismo e ao preconceito.

Total comprometimento com nossa terra, gente e costumes. Nada nos aproxima mais da cidadania que lutar em todos os níveis por nosso país, proteger suas fronteiras e riquezas, defender a democracia e a sociedade, dar nosso sangue em luta, como foi na 2ª Guerra Mundial.

A lealdade dos filhos de imigrantes que elegeram como sua terra este fantástico País é inquestionável. Onde quer que venhamos somos todos brasileiros, não importa a origem. Na história de glória dos militares brasileiros judeus, aqui se manifesta nossa cidadania verde amarela.

Que esta história seja conhecida.

Eng.º Sergio Niskier
Presidente da Câmara Brasil-Israel de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro
Presidente da FIERJ no período 2006-2008

Este importante trabalho do Prof. Blajberg vem contribuir no preenchimento de uma lacuna na história da presença judaica no Brasil.

Desde o Império as histórias foram muitas, boa parte desconhecida dos estudiosos. Com o aumento do número de correligionários, muitos seguiram a carreira militar, fatos nem sempre conhecidos a não ser pelas famílias. A saudosa “caçadora dos passos perdidos”, como gostava de ser chamada, a historiadora Frieda Wolff, já viúva e em idade avançada depois de décadas de estudos e dezenas de livros publicados, junto com o saudoso marido Egon Wolff, sobre a presença judaica no país, iniciou pesquisa visando recolher fontes primárias sobre este tema, pouco conhecido. Durante um ano e meio frequentou o Arquivo Histórico do Exército, analisando toda documentação que pudesse dar indícios, mas era apenas parte de um longo trabalho que ela já não mais poderia continuar e se preocupava com este fato.

Limitada pelas condições físicas, encontrou no disciplinado e persistente Prof. Blajberg, Diretor do Memorial Judaico de Vassouras, a pessoa certa para continuar a difícil missão nos arquivos do Exército, Marinha e Aeronáutica, e localizar protagonistas e familiares. Tarefa complexa, muitas vezes tendo que convencer interlocutores da importância histórica do depoimento.

A obra constitui-se pois em valioso instrumento de resgate da memória da presença militar judaica e seus descendentes em nosso país, desde a primeira geração incorporados e completamente integrados ao povo e a nação brasileira, entregando-se de corpo e alma em valorizar e defender os ideais da pátria que tão bem acolheu seus antepassados.

Prof. Dr. Luiz Benyosef
Presidente do Memorial Judaico de Vassouras
Pesquisador Titular do Ministério da Ciência e Tecnologia/Observatório Nacional



Memorial Judaico de Vassouras na Santa Casa, hoje Asilo Barão do Amparo.



Estrela de David no Cruzeiro do Sul

Israel Blajberg



Estrela de David no Cruzeiro do Sul

Uma amostragem dos precursores e integrantes judeus
e de origem judaica das Forças Armadas do Brasil
Na paz e na guerra – de Cabral ao Haiti



Resende – RJ
2015

- ▶ Copidesque e revisão: Rachel Ades
- ▶ Capa e diagramação: Carlos Alberto Herszterg
- ▶ Impressão: Cromosete Gráfica e Editora Ltda., São Paulo – SP

▶ Ficha Catalográfica

Catálogo na fonte

Elaborada pela Bibliotecária Erika Arruda CRB-7 5228

B635 Blajberg, Israel.

Estrela de David no Cruzeiro do Sul : uma amostragem dos precursores e integrantes Judeus e de origem judaica das Forças Armadas do Brasil – Na paz e na guerra – de Cabral ao Haiti / Israel Blajberg. Resende, RJ : AHIMTB, 2015.

680 p.

ISBN 978-85-60811-24-3

1. Judeus 2. Militares – Brasil. 3. Ex-Combatentes. 4. Brasil – Forças Armadas. 5. Guerra Mundial, 1939-1945. I. Título.

Palavras-chave: História Militar, História Judaica, Brasil

▶ Israel Blajberg

- ▶ Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), Cadeira 24 – Coronel Mário Clementino
- ▶ Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB), Cadeira 73 – Marechal Mascarenhas de Moraes.
- ▶ E-mail: iblj@telecom.uff.br e Iblajberg@poli.ufrj.br

- ▶ Conforme as Normas da Propriedade Intelectual e Direitos Autorais, o conteúdo desta obra pode ser citado ou reproduzido, no todo ou em parte, desde que citada a fonte.
- ▶ Obra sem fins lucrativos e de distribuição gratuita para bibliotecas e instituições selecionadas.
- ▶ O produto das vendas, deduzidas as despesas para publicação, lançamento e distribuição, será revertido para ressarcimento aos apoiadores culturais por financiamento. O eventual excedente será doado a instituições de caridade.
- ▶ Todo empenho foi dedicado a determinar as fontes das imagens desta obra, o que em alguns casos não foi possível, entretanto, será dado o devido crédito caso as mesmas se manifestem.

*A Egon e Frieda Wolff,
inesquecível casal de historiadores que tanto
contribuiu para o melhor conhecimento da
rica trajetória judaica neste país, honrando a
mensagem de Osório.*

“(...) quem escreve deve fazê-lo pela Pátria.”

Rio de Janeiro, 4 de outubro de 1879.

Manoel Luis Osório (1808-1879)

Marechal e Marquês do Herval, “O Legendário”

Patrono da Arma de Cavalaria do Exército Brasileiro

À Marinha de Tamandaré
Ao Exército de Caxias
À Força Aérea de Eduardo Gomes

Dedicatória

À Marlene, esposa, mãe e avó fantástica – além de desenhista habilidosa, artista plástica criativa e arquiteta de brilhantes ideias, cujo apoio e incentivo é fundamental para tudo que faço.

Agradecimentos

Editora

- ▶ Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), de Resende – RJ, pelo seu Fundador, Presidente e Acadêmico Grande Benemérito Cel. Claudio Moreira Bento, eminente pensador militar, a quem devemos sua amizade, decidido apoio e valiosa orientação.

Patrocínio

- ▶ Dr. Israel Klabin
- ▶ Dr. Daniel Miguel Klabin
- ▶ Dr. Armando Klabin
- ▶ Anônimo
- ▶ Associação Religiosa Israelita Chevra Kadisha do Rio de Janeiro
- ▶ Câmara Brasil-Israel de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro
- ▶ Cromosete Gráfica e Editora Ltda.

Apoio Cultural

- ▶ General de Divisão Marcio Rosendo de Melo, Presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB – ANVFEB
- ▶ General de Brigada Walter Nilton Pina Stoffel, Diretor do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército e 2º. Presidente de Honra da AHIMTB/Rio de Janeiro
- ▶ Coronel de Artilharia Luiz Antonio Fortes, Diretor do Museu Histórico do Exército e Forte Copacabana
- ▶ GEN | Grupo Editorial Nacional – Mauro Koogan Lorch e Alberto Moszkowicz
- ▶ Dr. Sergio Niskier
- ▶ Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro – FIERJ
- ▶ Memorial Judaico de Vassouras

Apoio de Pesquisa e Documentação

- ▶ 1º Ten Rosana – Chefe da Seção de Apoio Técnico da UNIFA
- ▶ AHJB – Arquivo Histórico Judaico Brasileiro
- ▶ Ariane Zwiers, Mediatheek – Joods Historisch Museum (Museu Histórico Judaico), Amsterdam
- ▶ Arquivo Histórico do Exército
- ▶ BIBLIEX
- ▶ Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha
- ▶ Dr Miguel Grinspan
- ▶ Gerson Rissin
- ▶ Kíssila da Silva Rangel 2T QCOA AQV – Chefe da Seção de Documentação Textual da UNIFA
- ▶ Maj Brig Wilmar Terroso de Freitas, INCAER
- ▶ Prof. Dr. Luiz Benyosef
- ▶ Profa. Dra. Tania Kaufmann

Esta obra foi possível pela ajuda de biografados e familiares, que colaboraram fornecendo preciosos dados e informações.

▶ Nota sobre as imagens: as nominatas são sempre da esquerda para a direita, salvo indicação em contrário.

Dois Momentos



Cento e quarenta e sete anos separam estas duas imagens, que têm em comum militares judeus partindo para longe da Pátria, conduzindo na missão o sagrado Pavilhão Nacional.

- ▶ 26 de fevereiro de 1865 – Tenente-Coronel Francisco Leão Cohn – Oficial da Guarda Nacional

O Tenente-Coronel Cohn seguiu para a Guerra do Paraguai (de dezembro de 1864 a março de 1870) no comando de um dos batalhões do primeiro contingente do Rio de Janeiro, o 1.º Batalhão de Voluntários da Guarda Nacional do Rio de Janeiro, em 1865. Ao embarcar, recebeu a bandeira das mãos do Imperador Dom Pedro II.

No Arsenal de Marinha, achavam-se com S. M. o Imperador, os seus semanários, os ministros da Justiça e da Marinha, o ajudante-geral do Exército, o presidente da província do Rio de Janeiro, o inspetor do Arsenal e diversos oficiais do Exército e da Marinha.

O batalhão, com seu Comandante à frente, prestou as honras regulamentares ao Imperador. Sua Majestade, depois de receber a continência da tropa, dirigiu-se com toda a comitiva para a ponte de embarque.

Ali se realizou a entrega do Pavilhão Nacional ao porta-bandeira da unidade, Comendador Espírito Santo. Nessa ocasião, dirigindo algumas palavras afetuosas ao Tenente-Coronel Cohn, disse-lhe Sua Majestade que lhe confiando aquele penhor esperava que com ele voltasse triunfante.

O Tenente-Coronel Cohn respondeu que “ou cumpriria o voto do Imperador ou ficaria sem vida no campo de batalha”.

- ▶ 2012 – Tenente Médica Dr.^a Natasha Rissin – Oficial do Exército Brasileiro Integrantes da Força de Paz, com o Pavilhão Nacional, prestes a embarcar na aeronave FAB KC-2140.

A Tenente Médica Dr.^a Natasha seguiu em 2012 para o Haiti como Oficial Médica do Batalhão Brasileiro das Forças de Paz da ONU, para a MINUSTAH – Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti.

Chefiou o serviço de saúde do BRABATT 1, integrando o Estado-Maior.

Sumário

▶ 1	Introdução – Palavras do Autor	1
▶ 2	Linha do Tempo e Estrutura Adotada nesta Obra	5
▶ 3	“Origens Judaicas”: Conceito Adotado nesta Obra	7
▶ 4	Brasil: o Descobrimento	15
▶ 5	Brasil: País de Imigrantes.	27
▶ 6	Panteão dos Heróis	33
▶ 7	Bandeirantes	47
▶ 8	Brasil Holandês 1630 – 1654	51
▶ 9	A Marinha no Império.	69
▶ 10	O Exército no Império.	75
▶ 11	Guarda Nacional	79
▶ 12	Movimentos Internos do Século XX	93
▶ 13	A Marinha na Segunda Guerra Mundial	107
▶ 14	Marinha – Quadros de Carreira.	115
▶ 15	Marinha – Quadros de Saúde	125
▶ 16	Marinha – Quadro Complementar, Técnico, CIORM, EFORM, Saúde	135
▶ 17	Exército Brasileiro – Integrantes da FEB no Teatro de Operações da Itália	171
▶ 18	Exército Brasileiro – Ex-combatentes na Defesa do Litoral	269
▶ 19	Exército Brasileiro	281
▶ 20	Exército Brasileiro – Quadros de Carreira – Serviço de Saúde	317

▶ 21	Exército Brasileiro – Antigos Alunos dos CPOR e NPOR	357
▶ 22	Exército Brasileiro – Escolas Preparatórias e Colégios Militares . . .	437
▶ 23	Exército Brasileiro – Batalhão Suez	441
▶ 24	Exército Brasileiro – Serviço Militar	449
▶ 25	FAB – Aviação Naval e Aviação Militar.	475
▶ 26	A FAB na Segunda Guerra Mundial – Ex-combatentes	479
▶ 27	FAB – Quadros de Carreira.	485
▶ 28	FAB – Quadro de Saúde	495
▶ 29	FAB – CPOR e ITA	507
▶ 30	FAB – Escola Preparatória	511
▶ 31	Marinha Mercante	515
▶ 32	Forças Auxiliares – Polícias Militares.	533
▶ 33	Corpos de Bombeiros Militares	549
▶ 34	Veteranos das Nações Amigas Aliadas	555
▶ 35	Partisans.	573
▶ 36	Diplomados pela Escola Superior de Guerra – ESG	577
▶ 37	Civis	581
▶ 38	Comunidade Maior: Personalidades e Manifestações	603
▶ 39	Anexos	615



Estrela de David no Cruzeiro do Sul – Israel Blajberg

Israel Blajberg faz um trabalho abrangente acerca da contribuição dos judeus na História do Brasil, por intermédio da participação destes nas Forças Armadas.

Enfocando o momento histórico vivido por esses homens, suas convicções e contradições, o autor apresenta um mosaico histórico de experiências e paixões que caracterizam o seu papel para a construção do País.

General de Brigada Walter Nilton Pina Stoffel

Diretor

DPHCEX – Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército

Prefácio

O presente livro, intitulado *Estrela de David no Cruzeiro do Sul*, de autoria do historiador Israel Blajberg, atual acadêmico benemérito da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), é mais uma contribuição sua ao desenvolvimento da História das Forças Armadas do Brasil, abordando a contribuição de judeus e de brasileiros de origem judaica que integraram as Forças Armadas do Brasil, na paz e na guerra, do descobrimento até a atual Missão de Paz do Brasil no Haiti.

Neste livro, seu autor dá continuidade e complementa expressivamente os estudos dos historiadores judeus alemães, o distinto casal Egon e Frieda Wolff, naturais de Berlim. Casal, lamentavelmente falecido, com o qual tive o prazer de conviver como seu confrade no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e estar presente em sua concorrida Bodas de Ouro no Hotel Glória, no Rio de Janeiro.

Egon e Frieda Wolff escreveram 43 livros, a maioria em coautoria, sendo o primeiro em 1975, pela Universidade Federal de São Paulo, e os demais até a década de 90, além de 400 artigos sobre o tema de judeus no Brasil.

Frieda Wolff dedicou-se à temática dos judeus militares brasileiros, assunto que Israel dá continuidade no presente livro e o amplia expressivamente. Tendo estreado no tema com seu livro *Soldados que vieram de longe* (Resende: Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2008), por nós apresentado. Livro tratando dos 42 brasileiros com descendência judaica que combateram na 2.ª Guerra Mundial em nossas Forças Armadas e em nossa Marinha Mercante, cabendo destacar dentre estes bravos, o Marechal Waldemar Levy Cardoso, como o Tenente-Coronel Comandante de uma unidade de artilharia da FEB, e hoje consagrado patrono de cadeira especial da FAHIMTB.

A obra, esgotada, foi lançada de 2008 a 2013 em 11 cidades brasileiras na oportunidade dos Encontros Nacionais de Oficiais da Reserva do Exército (ENOREx), egressos dos CPOR e NPOR. Os ENOREx planejados pelo Conselho Nacional de Oficiais R/2 (CNOR), sob a presidência desde a sua fundação há 17 anos do historiador militar e acadêmico da FAHIMTB, Ten. R/2 Sérgio Pinto Monteiro, em cidades espalhadas pelo país, e antes do CNOR as coordenações

atuavam isoladas. O ENOREx desde então tem a sua sede no CPOR RJ, na Avenida Brasil n.º 5.292. A Reserva de Oficiais R/2 se orgulha hoje de ostentar o título de “Reserva atenta e forte do Exército”, tendo seu próprio uniforme privativo dos oficiais da reserva formados nos CPORs e já projeta este ano realizar em sua sede no Rio o primeiro Curso de Atualização para Oficiais R/2 do Exército, com conferências de autoridades do Exército a partir de seu Comandante e Chefe do Departamento de Educação e Cultura. Grande iniciativa do Ten. Monteiro!

A presença de judeus do Brasil, segundo o autor deste livro, teve início com dois deles integrando a frota de Pedro Alvares Cabral, quando do descobrimento do Brasil em 1500. O Mestre João, médico e astrônomo, que foi o primeiro a identificar a Constelação do Cruzeiro do Sul, teria inspirado um dos primeiros nomes da terra descoberta, Terra de Santa Cruz; e Gaspar da Gama, intérprete que acompanhara Vasco da Gama às Índias como o comandante da nau que transportava mantimentos da expedição. Além desses dois que faziam parte da guarnição da Esquadra de Cabral, cristãos-novos, judeus que foram obrigados a se converteram ao catolicismo e mudaram de nome.

E o autor, ao longo de seu alentado trabalho, desfila os nomes e dados biográficos de judeus e descendentes que ao longo do processo histórico brasileiro integraram as nossas Forças Armadas na paz e na guerra.

Eu me lembro de um deles, um oficial brasileiro descendente de judeus, o 2.º Ten. R/2 Eng.º Isaac Clerman, porto-alegrense, que foi o meu primeiro



► Foto no lançamento do livro *Brigadeiro Antônio Sampaio, o Patrono da Infantaria (bicentenário)*, do Cel. Claudio Moreira Bento, também autor do prefácio deste livro, por ocasião do 65.º aniversário da vitória de Monte Castelo. Da esquerda para a direita: o segundo, o acadêmico Gen. Div. Marco Antônio Farias, comandante da 1.ª DE; o terceiro, Cel. Claudio Moreira Bento; e o quinto, Israel Blajberg, autor do livro ora apreciado.

comandante em 1950, há 65 anos, quando ingressei no Exército como soldado na 3.^a Companhia de Comunicações, acantonada no 9.^o Regimento de Infantaria em Pelotas, o Regimento Tuiuti, o regimento do Brigadeiro Antônio de Sampaio – ao qual estive ligado de Capitão a Brigadeiro, até Tuiuti, onde foi a sua vanguarda. O Tenente Clerman era muito apreciado por seus comandados.

Israel Blajberg, nascido em 31 de maio de 1945, no Rio de Janeiro, decorridos 23 dias do Dia da Vitória da Democracia e Liberdade Mundial, escreveu nos seus 70 anos uma bela história de vida, em especial de relacionamento, com assuntos e integrantes das Forças Armadas do Brasil. Há 12 anos exerce intenso trabalho como acadêmico na cadeira n.º 24, a de Mário Clementino, o “Jovem Turco”, autor do histórico editorial da revista n.º 1 de *A Defesa Nacional*. Atuação dedicada e destacada que o levou a delegado da FAHIMTB, no Rio de Janeiro, à Delegacia Marechal João Batista de Matos e, a partir de 21 de abril de 2011, no bicentenário da criação da Academia Real Militar, à Delegacia transformada em AHIMTB/RJ – sendo o autor promovido a acadêmico benemérito da FAHIMTB e agraciado com a sua Medalha de Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, além de já ser titular da cadeira n.º 79, a do Marechal Mascarenhas de Moraes, do Instituto de Geografia de História Militar do Brasil (IGHMB), de cuja diretoria participou.

Foi declarado, há 50 anos, Ten. R/2 de Artilharia, em 1965 – Turma Marechal Candido Mariano Rondon, e pelo CPOR/R tem se dedicado a prestar serviços, desde 2002, na Associação dos Antigos Alunos Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro.

O autor mantém inteira ligação com assuntos relacionados com a história de nossas Forças Armadas, em especial no Rio de Janeiro, no contexto de suas funções, inicialmente de delegado da Delegacia da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), Delegacia Marechal João Batista de Matos e a partir de 21 de abril de 2011, transformada em AHIMTB – RJ, federada à Federação de Academia de História Militar do Brasil (FAHIMTB), com sede em instalações no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), onde, em 2012, Israel Blajberg se destacou no Encontro de Historiadores Militares, ali realizado, por iniciativa da Diretoria de Patrimônio Histórico e Cultural de Exército (DPHICEx), junto com o Ten. R/2 Sergio Pinto Monteiro, presidente do CNOR.

Israel é membro do Instituto Histórico e Geográfico Militar do Brasil (IHGMB), onde integra sua diretoria e foi empossado na cadeira de Marechal Mascarenhas de Moraes, o Comandante da Força Expedicionária Brasileira (FEB). É diplomado pela Escola Superior de Guerra e é diretor de Relações Públicas da Associação de Veteranos da FEB (ANVFEB), que o consagrou como seu sócio benemérito. E tem sido uma presença constante nos ENOREx (realizados anualmente em diversas cidades brasileiras desde 2003).

Israel Blajberg foi diplomado em 2004 pela Escola Superior de Guerra pelo CAEPE – Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia e pelo CLMN – Curso de Logística e Mobilização Nacional. Por sua atuação intensa no campo da História Militar, tornou-se muito apreciado no seio das Forças Armadas, onde possui largo

círculo de amizades e de conhecidos, tendo sido agraciado pelas Forças Armadas com: a Medalha do Mérito da Defesa (oficial), pelo Ministério da Defesa, Ordem de Mérito Militar e Pacificador pelo Exército, Mérito Aeronáutico pela Força Aérea Brasileira e Mérito Almirante Tamandaré pela Marinha do Brasil.

É engenheiro eletrônico pela Escola Nacional de Engenharia e dedica especial atenção à campanha pela preservação do prédio do Largo do São Francisco, inaugurado como sede da Real Academia Militar, berço da engenharia militar e civil no Brasil, e depois sede da Escola Politécnica, onde ele estudou e hoje está muito pichada e sem os cuidados de preservação que merece por sua enorme projeção na história do ensino no Brasil. É lamentável!

Estas são partes dos títulos no que se refere às suas ligações com as Forças Armadas do Brasil, que se constituem em atração e motivação para que o presente livro represente uma pioneira contribuição à história das Forças Armadas do Brasil, nas quais foram exemplos, segundo Israel, os Marechais Manoel Deodoro da Fonseca e Manoel Luis Osório, que, segundo o autor, possuem fortes indícios de descenderem de judeus, cristãos-novos.

Votos de sucesso e boa acolhida dos leitores a este novo livro de Israel, coincidente com o ano em que comemora o seu Jubileu de Diamante de idade junto com o Jubileu de Diamante do Dia da Vitória, e o seu jubileu de Ouro como integrante da “RESERVA ATENTA E FORTE DO EXÉRCITO DO BRASIL”.

Cel. Claudio Moreira Bento
Historiador Militar e Jornalista
Membro Grande Benemérito, fundador e presidente da Federação de
Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB)
Resende – RJ, 21 de fevereiro de 2015
No Jubileu de Diamante do Combate de Monte Castelo

CAPÍTULO 1

Introdução – Palavras do Autor

A historiografia nacional é riquíssima em títulos abordando a temática militar, bem como existe substancial acervo de literatura sobre os judeus no Brasil. Entretanto, parece-me que ainda há muito a ser escrito sobre a intersecção dos dois subconjuntos, ou seja, os militares brasileiros de origem judaica, bem como seus temas conexos, na paz e na guerra – de Cabral ao Haiti.

Parece existir pouca visibilidade sobre a participação dos brasileiros judeus nas Forças Armadas. Já no que concerne a outros segmentos da sociedade, sejam religiosos, geográficos ou das diferentes origens imigratórias, suas vertentes militares encontram-se muito mais disseminadas, em decorrência de livros, associações, eventos e outras manifestações. Como exemplo, citamos: livros sobre soldados descendentes de alemães, poloneses, italianos e outros; associações de militares cristãos, espíritas, evangélicos; comemorações diversas, como o centenário da imigração japonesa, que repercutiu nas Forças Armadas por homenagens aos nisseis, de soldado a general; monografias temáticas, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Já no que concerne aos militares judeus, poucas são as iniciativas nesse sentido.

A saudosa historiadora D.^a Frieda Wolff (1911–2008), sócia emérita do IHGB, foi a pioneira e praticamente a única até então a se dedicar com afinco ao assunto. Em vista da importância desse nicho histórico pouco abordado, resolvemos nos dedicar ao mesmo, culminando, em outubro de 2008, com o lançamento no Rio de Janeiro de *SOLDADOS QUE VIERAM DE LONGE*, sobre os 42 heróis brasileiros judeus da Segunda Guerra Mundial, sendo *ESTRELA DE DAVID NO CRUZEIRO DO SUL* a continuidade desse trabalho inicial e praticamente *sui generis* até o momento.

Editado em 2008 pela Academia de História Militar Terrestre do Brasil e pela FIERJ – Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro, o livro *Soldados que vieram de longe* contou com a participação especial do General Ruy Leal Campello, veterano do Regimento Sampaio da FEB e do Batalhão Suez; apresentações do Coronel Claudio Moreira Bento, Presidente da Academia e do engenheiro Sergio Niskier, Presidente da FIERJ; prefácio do Coronel Germano Seidl Vidal e mensagem do Marechal Waldemar Levy Cardoso. A edição inicial de mil exemplares está esgotada, tendo sido realizados 11 lançamentos em diversas cidades, de norte a sul do Brasil, de 2008 a 2013.

O título *Soldados que vieram de longe* refere-se aos pracinhas, assim vistos pelos italianos, a princípio desconfiados daqueles homens que vieram de uma terra distante, mas logo iriam descobrir, por trás dos uniformes verde-oliva, a especial e boníssima alma brasileira daqueles soldados-cidadãos.

As pesquisas necessárias para produzir um livro assim aos 70 anos de idade fizeram aflorar antigas recordações. Este é, portanto, um livro escrito com emoção, e o autor acredita que os leitores também a experimentarão.

A obra do Casal Wolff serviu como inspiração e um dos pontos de partida para nossos dois livros, onde utilizamos e ampliamos suas pesquisas sobre precursores e integrantes judeus e de origem judaica nas Forças Armadas do Brasil, conforme apresentado por D.^a Frieda Wolff à CEPHAS, Comissão de Estudos e Pesquisas Históricas do IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em sua 5.^a Sessão de 14 de abril de 1985, cujo presidente era o Dr. Marcos Carneiro de Mendonça e a secretária era a Prof.^a Cybelle de Ipanema: *Os judeus no Brasil e a 2.^a GM.*¹

Valiosos subsídios foram obtidos em alguns dos livros do Casal Wolff, como em *Participação e contribuição de judeus ao desenvolvimento do Brasil*, de 1985, onde registraram os nomes levantados em suas extensivas pesquisas no Arquivo Histórico do Exército e outras fontes.

Alguns elementos deste nosso segundo livro constaram de uma comunicação apresentada no V Encontro do AHJB, na Hebraica de São Paulo, em novembro de 2008: “Judeus fardados na obra de Egon/Frieda Wolff”.

O último livro de D.^a Frieda Wolff² veio à lume em 1999. Lendo essa obra é fácil constatar como a perda do esposo Egon foi sentida por D.^a Frieda. Na contracapa, D.^a Frieda deixou uma mensagem, espécie de premonição. Já estava com 88 anos, mas ainda esperançosa:

“(...) me ocupar com a descrição das carreiras de muito coronéis e até generais judeus no Exército Brasileiro, depois de tanto tempo de pesquisa no arquivo do mesmo? Ah, mas isso ainda precisa de mais pesquisa, história oral – e não sei se terei o tempo e a coragem necessários.”

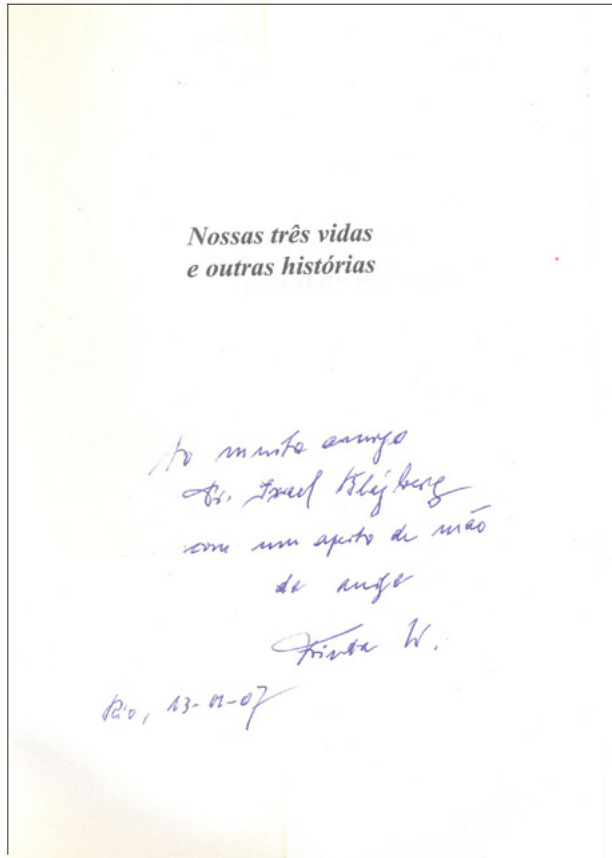
Em uma de suas conferências, em 8 de outubro de 1991, D.^a Frieda já havia mencionado que

“(...) o fato de que judeus brasileiros fizeram suas carreiras nas Forças Armadas é geralmente pouco conhecido, mesmo na Comunidade Judaica.”

Em 17 de maio de 2008, falece D.^a Frieda, aos 97 anos, sem ter tido tempo de enriquecer a História Militar com o livro que pretendia escrever sobre os judeus nas Forças Armadas do Brasil, confirmando seu presságio de uma década antes. A ela, assim como ao nosso Grande Patriarca Moisés, o Eterno não concedeu a

¹ WOLFF, Frieda. *Revista do IHGB*, n. 349, out./dez. 1985.

² WOLFF, E. & F. *Nossas três vidas e outras histórias*. Rio de Janeiro: Sette Letras/Imprimatur, 1999. 232 p.



► Pouco mais de um ano antes de partir, já residindo no Lar da Amizade da Rua Santa Alexandrina (Rio Comprido – RJ), D.^a Frieda Wolff ofereceu ao autor um exemplar de seu último livro *Nossas três vidas e outras histórias* (1999). Na dedicatória lê-se: “Ao muito amigo Dr. Israel Blajberg com um apeto de mão da amiga Frieda W. – Rio, 13-11-07”. Acervo do autor.

glória de entrar na Terra Prometida, permitindo apenas que a contemplasse do alto. D.^a Frieda partiu, deixando a lembrança do seu rosto sempre sorridente, e um valioso legado de preciosa contribuição à História dos Judeus do Brasil, abrangendo a relevante e pouco conhecida participação nas Forças Armadas nacionais.

Agora, com este nosso segundo livro, pretendemos prestar tão singela e modesta quanto sincera homenagem *post mortem* ao inesquecível casal de historiadores, que tanto contribuiu para o melhor conhecimento da rica trajetória judaica neste país, tentando, não com o mesmo brilho, dar continuidade à sua obra pioneira – que em seu fantástico trabalho historiográfico sobre os judeus no Brasil abordou aqueles que seguiram carreira nas Forças Armadas, lista extensa, e que continua a aumentar, nas Forças Singulares e Auxiliares.

Naturais de Berlim, Egon, nascido aos 28 de julho de 1910, faleceu aos 81 anos, em 23 de janeiro de 1991; e D.^a Frieda, nascida aos 30 de outubro de 1911, faleceu aos 97 anos, em 17 de maio de 2008.

O casal escreveu no total 43 livros, a maior parte em coautoria, o primeiro em 1975 pela USP, sendo três livros na década de 70; 27 livros na década de 80; e 13 livros na década de 90. Publicaram ainda mais de 400 artigos em revistas nacionais e estrangeiras, todos sobre a temática judaica brasileira. Frieda Wolff, em particular, dedicou-se mais à temática alusiva aos militares judeus brasileiros, principalmente após o falecimento de seu marido.

Os manuscritos e pesquisas do Casal Wolff, alguns ainda inéditos, encontram-se arquivados no AHJB-SP, e no Memorial Judaico de Vassouras, sob a presidência do Prof. Dr. Luiz Ben-Yosef, que foi muito próximo a D.^a Frieda desde os tempos da descoberta das sepulturas de dois marroquinos que viveram e faleceram na cidade dos barões do café no século passado, hoje em dia lembrados pelo memorial lá erguido.

D.^a Frieda não conseguiu concluir aquela que seria a sua última contribuição à História dos judeus do Brasil, mas longe de ombrear com a sua reconhecida competência, e já decorridos sete anos que D.^a Frieda nos deixou sem que surgisse alguma continuidade ao seu trabalho na vertente militar (pelo menos de nosso conhecimento), ofereço aos interessados pelo assunto esta obra, que se constitui na nossa singela homenagem ao inesquecível casal de historiadores.

Rio de Janeiro, 19 de março de 2015.

Israel Blajberg
ibljberg@id.uff.br

CAPÍTULO 2

Linha do Tempo e Estrutura Adotada nesta Obra

O presente trabalho constitui-se em uma continuidade de *Soldados que vieram de longe*, livro lançado em outubro de 2008 sobre os 42 heróis brasileiros judeus da Segunda Guerra Mundial, apresentando relatos sobre esses 42 ex-combatentes, sendo 30 do Exército (26 na FEB), quatro da Marinha, três da FAB e cinco da Marinha Mercante, dos quais, em janeiro de 2015, é possível que não mais do que três deste total ainda estejam entre nós.

Para melhor compreensão da nossa proposta, adotamos um roteiro linear cronológico que se inicia com a chegada de Cabral, já trazendo a bordo da esquadra os primeiros cristãos-novos a desembarcar nesta terra. Os capítulos iniciais sintetizam didaticamente aspectos já conhecidos, servindo ainda de subsídio para consolidar a ideia básica, a saber:

- ▶ Cap. 1 – Introdução – Delineia as motivações e objetivos do trabalho.
- ▶ Cap. 2 – Linha do tempo e estrutura adotada nesta obra.
- ▶ Cap. 3 – “Origens Judaicas” – Conceito adotado nesta obra – Conceito amplo adotado em relação à complexa questão de “quem é judeu”, esclarecendo as premissas definidas para seleção e inclusão nesta obra dos precursores e integrantes judeus e de origem judaica das Forças Armadas do Brasil.
- ▶ Cap. 4 – Brasil: o descobrimento – Discorre sobre as navegações e a respectiva contribuição judaica, tendo como uma das consequências a descoberta do Brasil.
- ▶ Cap. 5 – Brasil: país de imigrantes – Aborda a temática geral dos cristãos-novos, e a inserção dos judeus nas correntes imigratórias que formaram o nosso Brasil.

Os capítulos iniciais deste livro resumem, a título de informação, uma História do Brasil ainda pouco ensinada nos bancos escolares até o 2.º Grau. Nas universidades, o assunto está em pauta, já que temas como criptojudaísmo, cristãos-novos e a Inquisição têm sido objeto de mais estudos. O leitor interessado poderá aprofundar-se na farta bibliografia disponível.

Em seguida aos cinco capítulos iniciais, passamos a elencar cronologicamente alguns dos muitos milhares de homens, e modernamente mulheres, que algum dia, nos últimos cinco séculos, serviram sob as diversas bandeiras que tremularam nesta terra, desde a da Ordem de Cristo (paradoxalmente vedada a judeus) até o atual Pavilhão Nacional.

No cap. 6 – Panteão dos heróis, apresentamos os que incorreram no sacrifício supremo da própria vida, e aqueles que foram condecorados por bravura em combate na época moderna.

Seguem-se: Bandeirantes; Brasil Holandês; Marinha e Exército no Império; Guarda Nacional; Movimentos e conflitos internos; Forças de Terra, Mar e Ar; Marinha Mercante e Forças Auxiliares.

Complementarmente, incluímos veteranos de nações amigas aliadas e partisans que se estabeleceram no Brasil, os diplomados pela ESG, os civis que prestaram serviços relevantes às Forças Armadas e algumas personalidades civis e militares da comunidade maior afetas ao tema desta obra.

Torna-se necessário esclarecer que a inclusão ou não de determinada pessoa neste livro, ainda que de acordo com o disposto no cap. 3 (“Origens judaicas” – Conceito adotado nesta obra), não foi uma escolha pessoal ou arbitrária do autor, mas sim dependeu de diversos fatores. Entre eles, podemos citar: disponibilidade de fontes, vontade pessoal de cada um e oportunidade para prestar informações, seja do próprio, seja dos descendentes, o que nem sempre é possível. Assim, eventuais omissões de pessoas não representam nada a não ser uma conjunção de fatores fortuitos.

Nosso horizonte de pesquisa inicia-se em 1500, com a chegada de Gaspar da Gama com a Armada Cabralina, e estende-se ao longo dos séculos até alcançar a Era Contemporânea.

A epopeia da FEB na Itália merece especial atenção, bem como militares que passaram para a reserva nas últimas décadas, inclusive alguns ainda na ativa.

Esta é uma obra que deverá ter continuidade periódica e, esperamos, permanente, eis que não existe qualquer empecilho para os descendentes de judeus em seguir a carreira militar, sendo seu número hoje significativo se referido como percentual da população de confissão judaica.

CAPÍTULO 3

“Origens Judaicas”: Conceito Adotado nesta Obra

Após a Proclamação da República, na sequência dos conflitos e perseguições europeias, o Brasil recebeu mais famílias judaicas, hoje integradas e presentes em todos os segmentos da sociedade brasileira. Aos judeus, desde os cristãos-novos aos que para cá vieram no séc. XX, o Brasil deve muito.¹

Carlos Lessa

Economista

Professor Emérito e ex-Reitor da UFRJ

Ex-Presidente do BNDES

Esta obra propõe-se a registrar excertos da significativa contribuição judaica vertida para as Forças Armadas do Brasil, aí compreendidos os precursores que atuaram em nosso território quando ainda não havia forças organizadas, que assim formaram entre as tropas portuguesas.

Para tanto, consideraremos passível de inclusão, além, é claro, de judeus, os cristãos-novos, ou marranos, ou criptojudéus, ou judaizantes, que no idioma hebraico são designados como “anussim” (forçados), bem como aqueles oriundos de famílias com origens judaicas que em um determinado momento, seja pelo casamento, seja por outros motivos, embora nominalmente pudessem ter se deslocado da sua condição judaica, mas que nem por isso perderam os laços genealógicos que os vinculam ao judaísmo (ainda que eventualmente remotos), eis que estes são quase que indissolúveis, pelas razões que exporemos nas linhas que se seguem.

São esses, portanto, como bem denota o próprio subtítulo da obra, alguns dos precursores e integrantes judeus e de origem judaica das Forças Armadas do Brasil. Seja um povo, religião, cultura, filosofia, sejam sionistas ou antissionistas, bundistas² ou trotskistas, socialistas ou capitalistas, liberais, de direita ou de esquerda, a resposta à pergunta sobre quem é judeu não é tão simples quanto parece. Sartre saiu-se com uma interessante definição – judeu é quem assim é considerado como tal pelos outros.

¹ *Educação em linha*, SEE/RJ, Ano IV, n. 14, out./dez. 2010.

² Movimento político de operários judeus, surgido entre os anos de 1890 e 1930 na Europa.

Cristalizados na terra dos antepassados bíblicos, os judeus, mesmo assim, permanecem presentes em mais de uma centena de países, onde são cidadãos como quaisquer outros, sem deixar de manter os laços espirituais e afetivos com a antiga Canaã, para onde seguiu Abraão ao sair de Ur, na Caldeia. Com a Diáspora em 70 d.C., os judeus iniciaram o processo de presença nos quatro cantos do mundo, algo *sui generis* pelas dimensões geográficas e temporais de tão poucos, apenas 13 milhões de judeus hoje em dia no mundo, dos quais meros 150 mil no Brasil.

Pela religião judaica, segundo a Halachá³, judeu é aquele cuja mãe é judia. Assim, apenas é considerado como judeu quem nasceu de um ventre judaico, ou que fez sua conversão ao judaísmo de acordo com a Halachá.

Entretanto, para identificar e qualificar os “precursores e integrantes judeus e de origem judaica das Forças Armadas do Brasil”, lançamos mão de alguns outros conceitos, geralmente adotados neste livro, além, naturalmente, das declarações individuais de judeus declarados ou descendentes de judeus, direta ou indiretamente.

Um critério é o sobrenome, como Levy, e mesmo o primeiro nome, como Moisés ou Isaac, já prenunciando uma possível descendência. Entretanto, a elevada taxa de casamentos em que um dos cônjuges não é judeu tem introduzido inúmeras exceções a esta regra.

Os judeus podem ser classificados em alguns grupos, cujos critérios seriam algo complexos para uma exposição mais resumida, como se pretende neste texto. Para efeito desta obra, podemos citar os sefarditas e os asquenazitas. Sefarditas são os descendentes dos judeus oriundos da Espanha (Sefarad em hebraico) e asquenazitas são aqueles descendentes de judeus da Europa Central e Oriental.

Como os primeiros se caracterizam pelo idioma ladino, ou judeu espanhol, e os últimos pelo iídiche, um dialeto germânico que emprega o alfabeto hebraico, fica assim relativamente fácil identificar as origens judaicas e respectivas procedências.

Atualmente, é muito comum que judeus brasileiros possuam sobrenomes que fogem à regra acima, ou seja, nomes totalmente portugueses.

Além desta grande classificação, existem outros grupos, como os judeus orientais ou levantinos (Mizrachi).

Interessante também é a distinção entre as origens remotas passadas por tradição oral, de pai para filho homem, que remonta à época do Grande Templo de Salomão em Jerusalém: os descendentes dos sacerdotes (Cohen), dos levitas (Levy) e da população em geral (Israel).

Outro critério específico desta obra é que consideramos, apenas para efeito de inclusão, descendentes de famílias judaicas, ainda que não tenham mantido a religião dos seus antepassados. Isto porque fica caracterizada uma contribuição, dado que existiu a raiz judaica.

³ Conjunto de leis que orientam a vida judaica. Incluem os 613 mandamentos da Torá e posteriores determinações de eminentes rabinos e do Talmud, os comentários sobre a Bíblia.

Modernamente, tem sido possível comprovar a origem judaica pela herança dos cromossomos, mediante análise de DNA, acessível, inclusive, pela internet através de *sites* de genealogia.

Já disse um estatístico que os judeus seriam o povo mais numeroso da Terra, já que existem por tantos séculos, se muitos não tivessem se afastado das comunidades judaicas, seja por abandono da religião, seja pelas sistemáticas campanhas de extermínio ao longo da História Universal. É incrível que exista ainda um povo judeu após tudo isso.

Na Alemanha e terras ocupadas pelos nazistas durante a 2.^a Guerra Mundial, muitos descendentes de judeus nem sabiam mais que eram judeus, até que Hitler os lembrou disso. As Leis de Nuremberg de 1935 estabeleciam que qualquer pessoa que tivesse pelo menos três avós judeus era assim considerado, mesmo que os pais já fossem batizados e tivessem esquecido o judaísmo. Deveriam, portanto, pagar com a vida pelo “crime” de ser judeu. Apenas os que possuíam os quatro avós alemães eram considerados de sangue puro. O mestiço (*mischlinge*), descendente de apenas um ou dois judeus, era um elemento de segunda classe. Já os eslavos, polacos e similares seriam deixados vivos apenas para servir como escravos. Ciganos seriam também exterminados juntos com judeus, homossexuais e doentes. Baseados nessa distinção, os nazistas determinaram leis de segregação racial, que proibiam a união matrimonial, coabitação e relações sexuais entre judeus e alemães.

Com efeito, no Gueto de Varsóvia havia igrejas para aqueles que já haviam abandonado o judaísmo, mas mesmo assim não escaparam da armadilha mortal. Incluiu-se na sentença cruel até mesmo uma Santa da Igreja Católica, uma personalidade tão significativa que a humanidade reverencia pela sua bondade: Edith Theresa Hedwing Stein ou Santa Teresa Benedita da Cruz (1891-1942), filósofa e teóloga alemã. De origem judia, converteu-se posteriormente ao catolicismo, tornando-se uma carmelita descalça. Primeira mulher a defender uma tese de Filosofia na Alemanha, mártir, faleceu em 9 de agosto de 1942 no campo de morte de Auschwitz. Beatificada em 1.^o de maio de 1987, em Colônia, pelo Papa João Paulo II, e canonizada pelo mesmo papa aos 11 de outubro de 1998, em Roma. Padroeira dos hebreus católicos, dos judeus convertidos, do Dia Mundial da Juventude e da Europa.⁴

Deu no IBOPE: 37% dos entrevistados não gostariam de ter um vizinho judeu.⁵ Seria o antissemitismo uma realidade nesta terra? Ou teria a pesquisa recolhido apenas uma falsa imagem estereotipada enraizada no inconsciente imaginário do povão? Herança triste de um passado colonial, ou mesmo nem tão remoto assim, que produziu conceitos deturpados como o verbete “judeu” dos dicionários, até hoje utilizado pejorativamente, em que pese a lei. Luiz Gonzaga,

⁴ BLAJBERG, Israel, 1942 – Um ano singular – Os 70 anos dos torpedamentos e da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, Encontro de Historiadores Militares, 2012 – Academia Militar das Agulhas Negras, Resende – RJ.

⁵ BLAJBERG, Israel. Artigo publicado em *O Hebreu*, 2002, São Paulo – SP.

em “Asa branca”, talvez sem o querer, o fez. Um distinto locutor da rádio certa vez utilizou o termo para referir-se a maus tratos a animais, tenho certeza que involuntariamente.

Muitos não sabem o que é um judeu, talvez pensem que eles têm rabo ou parte com o demônio, como ensinavam na roça no século passado. É provável que ao ver ou falar com algum, nem se deem conta. Claro, existem os antisemitas, para quem não é possível ser judeu e brasileiro, mas essa patologia social afeta um número ínfimo neste país.

Quando aqui chegamos, a bordo das caravelas de Cabral, possivelmente antepassados de vários dos 37% que responderam à pesquisa vieram juntos conosco. Viemos buscando um novo mundo, onde ninguém fosse obrigado a ter a religião do rei, onde pudéssemos seguir os Dez Mandamentos, a Lei de Moisés. Foi enorme a contribuição judaica nos 500 anos do Brasil, essa gente que secretamente comia carne na Semana Santa, não jejuava, não ia à missa, não considerava crime a vida sexual, enfim, não achava correto que alguém fosse obrigado a seguir uma religião à força, como hoje querem os aiatolás e talibans.

Vimos passar a Babilônia, Grécia e Roma. As fogueiras da Inquisição e as câmaras de gás dos nazistas. Ainda que alguns dos nossos tivessem sido encantados pelo Bezerro de Ouro, resistimos e não renegamos a fé no Todo-Poderoso.

Odiados por uns, amados por outros, geralmente concordam que somos “O Povo do Livro”. Para os ortodoxos, somos o povo eleito. Para os socialistas, somos capitalistas. Para os capitalistas, socialistas e para os nazistas, fomos simplesmente... judeus.

Com banqueiros como Rothschild e Safra, mas também com mendigos. Se por um lado da nossa gente vieram Rosa Luxemburgo e Trotsky, de outro, saíram poderosos industriais renomados no século XX.

Nas cidadezinhas da Europa Oriental, da África Setentrional, do Líbano ou da Síria, éramos sapateiros, carregadores de água, alfaiates ou artesãos. Mas da nossa gente vieram Einstein e dezenas de prêmios Nobel.

Hoje nas terras bíblicas, Israel é defendido por um dos melhores exércitos do mundo, mas já fomos indefesos, quase exterminados.

Na verdade, somos feitos de carne e osso como qualquer um, somos altos e baixos, gordos e magros, pretos e brancos, ateus e ortodoxos. Também torcemos pelo Flamengo, Vasco, Corinthians, pulamos o carnaval, até vamos ao centro espírita, não tapamos a luz do sol tropical com a Torá. Pouco nos importa quem seja nosso vizinho, convivemos de bom grado com gente decente, seja gay, árabe, negro, índio, chinês ou nordestino.

O Todo-Poderoso nos criou para sermos tão numerosos quanto os grãos de areia do deserto e as estrelas no firmamento; se somos poucos é porque tantos dos nossos abandonaram a fé mosaica ao longo do caminho.

Um até ensinou que a humanidade deve se amar, que uns amem aos outros, assim como Ele nos amou. E que aquele que não tivesse culpa, que atirasse a primeira pedra.

Vinte séculos transcorreram antes que o seu representante na Terra se penitenciasse porque os seus seguidores não Lhe deram ouvidos.

Já em tempos imemoriais, nossos sábios ensinavam a lavar as mãos antes das refeições, assim a peste negra nos poupou na Idade Média, daí nos acusaram. Hoje, não nos perseguem com as fogueiras, usam a internet.

A fé mosaica era professada pelo primeiro poeta nacional, Antônio José de Oliveira, o Judeu. Fernando de Noronha foi um judeu, o primeiro português a quem D. Manuel deu um título de donatário, pioneiro na extração de madeira. Outro judeu, Garcia da Horta, foi médico de Martim Afonso, governador das Índias. Antônio Raposo Tavares, o bandeirante caçador de esmeraldas, cristão-novo, teve a madrasta presa pelo Santo Ofício. Os jesuítas quiseram entregá-lo à Inquisição, mas ele os rechaçou e os fez saber que avançava em nome da Lei de Moisés.

Ainda é pouco conhecida a história dos cristãos-novos que vieram por livre vontade a um Brasil para onde El Rey mandava os criminosos de Portugal. Nos 500 anos, esqueceram deles, mais que dos índios e dos negros.

Um dia, nossos historiadores farão justiça aos que povoaram esta terra, e nem tão longe, pois aqui perto, em São Gonçalo, no Engenho Columbandê e na Baixada Fluminense, eles estiveram. Por coincidência, séculos depois campos santos judaicos se estabeleceram nessas regiões.

Assim, sendo tudo isso verdade, seria bem possível que muito dos 37% jamais poderão ficar longe de judeus. Sim, pois o sangue judaico daqueles cristãos-novos que produziram parte da nossa nacionalidade terá permeado gerações e gerações e hoje flui, ainda que repartido em proporções milésimas, em suas próprias veias...

É a herança do DNA...

Comentários⁶

Seria conveniente que o presente trabalho, como subconjunto de historiografia militar inserindo-se no panorama geral da contribuição dos brasileiros de origem judaica à nacionalidade, tivesse um breve introito sobre os respectivos macroaspectos, como subsídio aos leitores que ainda não se debruçaram mais amiúde sobre o tema.

Entretanto, não é objeto destas breves linhas detalhar a longa e rica história judaica brasileira, já tão bem estudada por diversos autores, dentre os quais podemos destacar a Prof.^a Anita Novinsky, a grande pesquisadora dedicada ao estudo da contribuição dos cristãos-novos à formação da sociedade brasileira.

É animador constatar que a academia tem intensificado fortemente a pesquisa de temas judaicos. A cada ano, novas teses abordam o papel dos judeus no desenvolvimento do Brasil, seja no caso dos cristãos-novos, seja de épocas mais

⁶ Com subsídios da obra de Egon e Frieda Wolff.

recentes, passando ainda pelo estudo da evolução das comunidades judaicas nas capitais e no interior do país.

Algumas pesquisas trazidas à lume seriam surpreendentes para o grande público, como, por exemplo, saber que uma família de cristãos-novos, os Montarroyo, fizeram erguer em 1637 a Capela de São Mateus em Nilópolis – RJ, que existe até hoje. Seu desejo de progredir nos negócios levou-os a procurar abandonar de vez o judaísmo, liberando-os da mácula de “cristãos-novos”, da qual desejaram se afastar através da construção de uma capela para facilitar sua aceitação num mundo católico pelos cristãos-velhos.

Justamente o caminho inverso de judeus da Europa Oriental, que 300 anos depois escolheram outro caminho, construindo uma comunidade em Nilópolis com sinagoga e cemitério...

Mas, indubitavelmente, tanto uns quanto outros, em Nilópolis ou no Nordeste, nas Minas Gerais ou na Amazônia, ajudaram a fazer deste país uma grande nação.

É sabido que historiadores divergem bastante entre si com respeito à confirmação da condição judaica de diversos vultos da História do Brasil, mormente no período colonial, constando ter sido relevante a contribuição judaica aos 515 anos do Brasil. Queremos crer, entretanto, que todos concordam que a presença judaica no Brasil, seja através de judeus, cristãos-novos ou criptojudeus, é um fato que não pode ser minimizado.

A História do Brasil e a História Judaica andam juntas desde o descobrimento.

A vida em segredo dos judaizantes tem um ponto final quando, no dia 25 de maio de 1773, José de Carvalho e Melo, mais conhecido como o Marquês de Pombal, Ministro de Estado português, depois de convencer o rei, decreta o fim da classificação do povo português em cristãos-velhos e cristãos-novos.

Segundo a doutora em História, professora emérita da USP e especialista em marranismo:

“(...) todos os brasileiros devem ter algum parente judeu. Muitos dos primeiros colonos são de ascendência judaica, depois se misturaram muito. Muitos judeus, escondidos como cristãos-novos, continuaram praticando a cultura e a religião.”⁷

Continuidade judaica – Os bisnetos ainda serão judeus?

A revista americana *Look* publicou (há 50 anos) uma reportagem prevendo o desaparecimento da comunidade judaica nos 50 anos seguintes, devido aos casamentos inter-religiosos e à falta de identidade. Algo que nem os piores inimigos de Israel conseguiram ao longo da História Universal.

Ironicamente, foi a revista que desapareceu, meros 10 anos depois...

Estatísticas mais recentes mostram que os chamados casamentos mistos podem atingir 70% nos grupos seculares, caindo para 53% nos reformistas, 37% nos conservadores e 3% nos ortodoxos.

⁷ TABAK, Bernardo; FARAH, Tatiana. Portugal: nacionalidade para judeus expulsos. In: *O Globo*, p. 29, 2015.

Já o número médio de filhos por família é de três nos ortodoxos, podendo chegar a seis nos ultraortodoxos, enquanto nos outros três grupos é de apenas 1,7. Aplicando esses valores a um grupo de 100 indivíduos, conclui-se que cada 100 seculares da 1.^a geração de hoje terão apenas cinco descendentes ainda judeus de 4.^a geração. Já os reformistas serão 13, os conservadores 24, os ortodoxos 346 e os ultraortodoxos 2.588.

Portanto, as chances seriam remotas de que os bisnetos continuem judeus, com exceção dos ortodoxos. Hoje, apenas 10% são ortodoxos.

CAPÍTULO 4

Brasil: o Descobrimento

Tudo começou em 1500 com Cabral

Sabe-se que dois judeus em posição proeminente serviram sob as ordens do Almirante Pedro Álvares Cabral, em 1500, fazendo parte de sua tripulação: Mestre João, médico particular da Coroa portuguesa e astrônomo, o primeiro a identificar a constelação do Cruzeiro do Sul; e Gaspar da Gama, intérprete (ajudara Vasco da Gama nas Índias, onde vivia) e comandante da nau que trazia mantimentos. Gaspar da Gama, por exemplo, foi personagem de uma aventura só comparável à de Marco Polo. Judeu polonês, de Posna, originário de Jerusalém, passou a vida entre Portugal, Espanha, Índias e África. Aprisionado pelos portugueses, o judeu polonês transformou-se no “língua”, o intérprete de Vasco da Gama, participando das descobertas nos mares das Índias. Mais tarde, torna-se piloto de Cabral e de Américo Vespúcio, tudo isto tendo como pano de fundo o drama da Inquisição, com a conversão forçada dos judeus. Um estudo desse personagem, tal como feito pelo historiador brasileiro Elias Lipiner, em *Gaspar da Gama, um converso na frota de Cabral*, mostra-nos que o ambicioso projeto ultramarino português só foi possível graças à participação concreta dos judeus. E mais: os judeus vinculavam o sucesso desses projetos às suas próprias aspirações de redenção, com o restabelecimento da soberania nacional, perdida com a queda do Segundo Templo, na antiga pátria bíblica.¹

A contribuição judaica ao descobrimento de novas rotas e de novas terras para a Coroa portuguesa não se limitou ao campo científico de feição preparatória, senão também se traduziu na participação direta das temerárias viagens, nas quais os judeus se revelaram de vital utilidade, graças ao conhecimento que tinham das línguas e costumes de vários países e povos. E foi assim que os judeus tiveram papel importante na expedição que resultou no descobrimento do Brasil.

Mestre João, como astrônomo, viajou equipado com os instrumentos de outro judeu, o rabino cabalista Abraham Zacuto, tendo como incumbência realizar pesquisas astronômicas e geográficas; Gaspar de Lemos – ou da Gama ou

¹ VELTMAN, Henrique. Os hebraicos da Amazônia. Disponível em: < <http://www.coisasjudaias.com/2008/07/os-hebraicos-da-amaznia-henrique.html>> Acesso em: mar. 2005.

das Índias – foi o primeiro explorador do Brasil. Como relata outro Gaspar, o Correia, em *Lendas da Índia*:

“El-Rei entregou ao Capitão-mor Gaspar da Gama (Gaspar de Lemos), o judeu, porque sabia falar muitas línguas, a que El-Rei deu alvará de livre e forro de sua comédia em terra dez cruzados cada mês, muito lhe recomendando que o servisse com Pedro Álvares Cabral, porque se bom serviço lhe fizesse, lhe faria muita mercê; e porque sabia as coisas da Índia, sempre bem aconselhasse ao Capitão-mor o que fizesse, porque este judeu tinha dado a El-Rei muita informação das coisas da Índia mormente de Goa”.

Gaspar de Lemos era judeu nascido na Polônia, de onde foi expulso ou teve que fugir em 1450, quando criança, por não ter sua família acedido em converter-se ao cristianismo. Após uma longa peregrinação através da Itália, Palestina, Egito e outras terras, teria resolvido permanecer em Goa, na Índia, ali adquirindo prestígio e vindo a ocupar a função de Capitão-mor de uma armada pertencente a um rico mouro na ilha de Arquediva. Foi nessa ilha que Vasco da Gama, em 25 de setembro de 1498, ao regressar de uma viagem à Índia, conheceu Gaspar de Lemos, que se lhe apresentou a bordo como cristão e prisioneiro do poderoso Saboya, proprietário da ilha. Não tendo conseguido burlar a perspicácia de Vasco da Gama, este depressa o forçou a confessar que tinha sob suas ordens 40 navios com instruções de Saboya para, na primeira oportunidade, atacar a frota lusitana. No entanto, o incidente acabou gerando uma sólida amizade de Vasco da Gama com Gaspar de Lemos, a quem levou consigo para Portugal, onde o apadrinhou no batismo, dando-lhe o seu nome – que passou a ser Gaspar da Gama – e apresentou-o ao rei, D. Manoel, que o fez *persona grata* na Corte, nomeando-o “cavalheiro de sua casa”. Vários historiadores acham que foi apoiado na sua enorme experiência de viagens marítimas que Gaspar intencionalmente induziu Pedro Álvares Cabral a afastar-se da África por acreditar na existência de outras terras na direção oeste da vastidão do oceano. Gaspar da Gama fez jus ao epíteto de “o primeiro explorador da terra”, que lhe deu Afrânio Peixoto, e mesmo ao de “codescobridor do Brasil”, que lhe atribuiu Alexander von Humboldt. Não podemos esquecer, também, a figura do também judeu Bartolomeu Dias, o primeiro a atravessar o Cabo das Tormentas. Na prática, foi o homem que possibilitou não apenas a viagem de Vasco da Gama às Índias, mas a própria expedição de Cabral. Foi Bartolomeu quem concebeu uma manobra chamada de “volta do mar”, o percurso original que, afastando-se da costa africana, permitiu às naus portuguesas escaparem da calmaria nas proximidades daquele litoral.

As grandes navegações: mapas, tábuas e instrumentos que ajudaram a descobrir o Brasil²

“(...) a época legendária em que o infante D. Henrique cercou-se de alguns judeus e moçarabes mais conceituados de então em náutica, cartografia e matemáticas, até a Inquisição pôr tudo a perder.”³

² Baseado em BLAJBERG, Israel; FURMAN, Jorge Bastos. *Breve relato da contribuição de judeus e cristãos-novos à cartografia, astronomia e navegação*. Furman é engenheiro cartógrafo (UERJ, 1975), membro do AHJB e SGJB e engenheiro da CISCEA (Comando da Aeronáutica).

³ CARVALHO, Cel. Luiz Paulo Macedo. *Colóquio Militar Luso-Brasileiro*, Lisboa, 2002.

Há que se destacar a importante contribuição judaica para as navegações e, assim, a descoberta do nosso país. Foi marcante a cultura judaico-espanhola e sua influência na cultura ocidental, irradiada que foi para Portugal e de lá para tantos destinos, como o nosso Brasil – incluindo-se em lugar de destaque as ciências de navegação, cartografia e astronomia.

A expulsão dos judeus da Espanha ocorreu em 1492, justamente o ano da descoberta da América por Cristóvão Colombo. A essa altura já existia uma massa crítica de cartografia e astronomia, em boa parte acumulada pela *intelligentsia* judaica, e que viabilizou os grandes descobrimentos, como o do continente americano por Colombo – que seria impossível sem o aporte dos grandes geógrafos e astrônomos judeus da época, que tiveram importante papel no preparo e fundamentação teórica das grandes viagens de navegação no século XV e na produção de mapas e instrumentos. Era o *software* e o *hardware*, o estado da arte da tecnologia na época, que permitiu as grandes descobertas.

Algumas correntes defendem, inclusive, a tese de que o próprio Colombo seria judeu, bem como boa parte das tripulações.

Judeus dirigiam as escolas de cartografia na Península Ibérica – eram os chamados “judeus dos mapas ou do compasso”.

Junto com os instrumentos da época, astrolábios e balestilhas, os mapas eram fundamentais. A palavra mapa vem do vocábulo “mappah”, palavra oriunda da língua hebraica e de outras línguas semíticas, significando rolo, toalha de mesa. Os mapas eram complementados por tratados emblemáticos, como *Libros del saber de astronomia*, importante obra de síntese científica das culturas cristã, judaica e muçulmana da Península Ibérica; e da *Midrash Chochmá*, uma enciclopédia científica, elaborada por Yehudá Cohen, já no século XII.

Yehudá, judeu sefardita espanhol, era médico oficial da Corte do rei Afonso X, o Sábio, de Castela, e traduziu do árabe para o castelhano livros de astronomia e filosofia. Assim como foram especialmente relevantes para as navegações as famosas Tábuas Afonsinas, uma compilação de listas de movimentos planetários, obra de dois astrônomos judeus, também sefarditas espanhóis, Isaac ben Sayid e Yehudá ben Moshé Cohen. Constituíram-se em documentos básicos para a astronomia moderna, tendo evoluído a partir das Tábuas de Toledo, compiladas por 12 astrônomos judeus chefiados pelo astrônomo árabe de Córdoba Al Zarkali (Arzachel). Tais tabelas astronômicas foram organizadas por ordem do rei Afonso X. Dividiam o ano em 365 dias, 5 horas, 49 minutos e 16 segundos. Também conhecidas como “Tabulae Astronomicae” (Tábuas Astronômicas), os autores as dedicaram ao rei Afonso X.

Durante seu reinado, Afonso X, o Sábio (1221-1284) – “Rey de Castilla y Lion” de 1252 até 1284 – estimulou os eruditos judeus sefarditas do seu reino a traduzir para o castelhano as principais obras árabes de Astronomia, Matemática, Botânica, Medicina e Filosofia. Ele nasceu em Toledo e morreu em Sevilha. Foi estudioso de Astronomia, de Ciências, de História e de Direito Romano.

Mais tarde, vieram à luz o *Regimento do Astrolábio e do Quadrante* e o *Tratado da Esfera* – o exemplar de Munique, livro de Navegação e Astronomia Geocêntrica, de 1509, traduzido por Joaquim Bensaúde.

O atlas cosmográfico foi confeccionado em Portugal, entre 1597 e 1612, pelos cartógrafos judeus sefarditas portugueses Luís Teixeira e João Baptista Lavanha (cosmógrafo real).

Cartógrafos judeus da ilha de Maiorca, especialmente Abraham Cresques, elaboraram mapas, publicados entre 1375 e 1385, demonstrando extraordinário conhecimento. Cresques publicou em 1376 um importante mapa-múndi.

Abraham Cresques (1325-1387), um judeu sefardita da ilha de Maiorca, Espanha, era astrónomo, cartógrafo, relojoeiro e matemático, além de construtor de bússolas, astrolábios e de instrumentos náuticos de precisão. Autor do Atlas Catalão, publicado em 1375, encomendado pelo rei D. Pedro IV, de Aragão, para presentear o rei Carlos V, da França. O Atlas apresenta o centro do mundo próximo a Jerusalém e desenvolve-se em uma direção leste-oeste, em um conjunto de 12 folhas montadas em tábuas que se fecham como um biombo. É considerado o fundador da Escola de Cartografia de Maiorca, sendo o seu maior representante.

Seu filho e sucessor, Jafud ou Judá Cresques, foi convertido à força, adotando o cristianismo por ocasião dos massacres de 1391. Mais tarde, mudou-se para Portugal, tornou-se o diretor da Academia Náutica de Sagres, prestando serviços ao infante Dom Henrique, o Navegador. Ele sistematizou de forma coerente os conhecimentos dispersos sobre Geografia, Cartografia, Astronomia e Ciência Náutica.

Outro expoente foi o rabino, cosmógrafo real e astrónomo Abraão ben Shmuel Zacuto (1452-1515), de Salamanca, no Reino de Castilla, onde foi catedrático emérito de Astronomia da universidade. Radicou-se em Portugal após a expulsão da Espanha. Tornou-se íntimo de D. Manuel, o Venturoso. Como astrónomo da Corte dos reis D. João II e D. Manuel, o Venturoso, planejou a viagem de Vasco da Gama (1496) e forneceu instrumentos, tabelas e cartas de navegação aperfeiçoadas – e diversas instruções detalhadas de navegação noturna, essencial para a execução da extensa viagem das caravelas. Vasco da Gama viajou apoiado pelo primeiro astrolábio de cobre, desenvolvido e aperfeiçoado por Zacuto, em substituição aos tradicionais de madeira. Ele era amigo de Cristóvão Colombo e acreditava no êxito de suas viagens. Inclusive, suas previsões de alta precisão de eclipses foram usadas por Colombo para ameaçar os nativos em momentos de perigo. É autor do *Almanach Perpetuum*, editado em 1496 em hebraico em Leiria, mais tarde traduzido para o latim e castelhano pelo Mestre José Vizinho. Com as novas perseguições aos judeus, devido à conversão forçada, por decreto do rei D. Manuel I, e não desejando optar pelo catolicismo, preferiu deixar Portugal em 1497, dirigindo-se a Tunis e de lá para a Terra de Israel. Faleceu em Damasco, na Síria.

Também na matemática e unidades de medidas, fundamentais para a navegação, judeus se destacaram. A palavra algarismo ou algoritmo é oriunda do nome do matemático Al-Khwarizmi, tendo sido empregada pela primeira vez pelo erudito judeu espanhol sefardita Juan ibn Daud na obra *Liber Algorismi de numero indorum de practica arithmetica*, no século XII, como símbolo para a representação dos números indo-arábicos.

Parsá era o nome dado pelos judeus para a antiga medida pasaranga egípcia ou síria, sendo uma parsá igual a 4 milhas de 1.620 metros cada uma, totalizando 6.480 metros. A parsá judia de 4 milhas deu origem à légua de 4 milhas usada pelos navegantes portugueses e espanhóis do século XV.

Contribuição de judeus à arte da navegação

ESPAÑHA

A seguir cita-se, resumidamente, as principais contribuições de judeus espanhóis no campo da Astronomia, Cartografia e Navegação.

- ▶ Abenazara (ou Benazara), Judah (século XIV). Cartógrafo judeu sefardita. Autor do Mapa do Mediterrâneo, típico da escola catalã-maiorquina de cartografia e de outros importantes mapas em 1500.
- ▶ Abravanel, Judá (1460-1521). Também conhecido como Leão Hebreu. Judeu sefardita português. Médico, astrônomo, matemático e filósofo. Nasceu em Lisboa e faleceu em Nápoles, Itália. Era filho de Isaac Abravanel, ministro de Afonso V, o Africano, rei de Portugal, e posteriormente, devido a problemas políticos, emigrou para a Espanha, tornando-se ministro de Fernão de Aragão e Isabel de Castela, os Reis Católicos.
- ▶ Bar Hiyya, Abraham, o Savasorda (século XII). Astrônomo judeu sefardita espanhol. Adaptou e traduziu para o hebraico a obra de Muhammad ibn Musa al-Khwarizmi sobre o sistema numérico indiano, com o título de *Hibbur ha-Mechiba ve-ha Tichboret* (Tratado da medida e do cálculo), introduzindo na Europa os algarismos indo-arábicos. Em 1145, o texto hebraico foi traduzido para o latim por Platão Tiburtino de Tívoli, sob o título de *Liber Embadorum*.
- ▶ Bath, Adelardo de (1080-1152). Inspirado em Moisés Sefardi (Petrus Alfonsi), escreveu no ano de 1140 a obra em latim *Regulae Abaci*, sobre tábuas de cálculo de números do sistema de algarismos indo-árabicos.
- ▶ Bocarro, António (1594-1642). Publicou, em 1635, a obra *Livro das plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental*.
- ▶ Daud, Abraão ibn (1110-1180). Astrônomo, filósofo e historiador judeu sefardita espanhol. Influenciado pelo filósofo e médico árabe Avicena (ibn Sinna, 980-1036), escreveu diversas obras. Completou, no ano de 1180, a sua obra sobre Astronomia. Morreu martirizado em Toledo.
- ▶ Daud, Juan ibn (1090?-1165). Judeu sefardita espanhol. Também conhecido pelos nomes de David Judaeus Avendaet de Toledo e Johannes Hispalensis; e após a sua provável conversão ao cristianismo como João da Luna ou João de Sevilha. Escreveu uma obra sobre o princípio do cálculo do sistema decimal posicional, traduzida para o latim sob o título *Liber Algorismi (de al-Khwarizmi) de numero indorum de practica Arithmetica*. Empregou pela primeira vez os termos algarismo e algoritmo.
- ▶ Ezra, Abraham ibn (1089-1164). Judeu sefardita de Toledo. Astrônomo, astrólogo, médico, poeta, teólogo e gramático. Viajou para a Itália, França,

Inglaterra e, talvez, Palestina. Autor de uma obra astrológica denominada *Mishpate Ha-Mazalot*.

- ▶ Maimon, Moisés ben (1135-1204). Maimônides. Era rabino. Sua principal contribuição à Astronomia foi a completa rejeição da Astrologia, baseada em horóscopos. Sua tumba em Tiberíades na Galileia até hoje é muito procurada em busca de milagres.
- ▶ Moshé Ha-Levi, Yitschak bar (século XV). Também conhecido como Ha-Efodi ou Profiat Duran. Rabino judeu sefardita espanhol. Autor de obras de Astronomia, Filosofia, Gramática e História Hebraica.
- ▶ Nafucí, Issac (século XIV). Judeu sefardita de Maiorca. Construtor de astrolábios e membro da escola catalã-maiorquina de cartografia de Abraham Cresques.
- ▶ Nunes, Pedro (1502-1578). Matemático, astrônomo português cristão-novo (de origem judaica sefardita). Estudou na Universidade de Salamanca, Espanha, e foi professor das universidades de Lisboa e de Coimbra. Em 1529, passou a exercer a função de cosmógrafo real. Era partidário do sistema geocêntrico (aristotélico-ptolomaico) de Cláudio Ptolomeu, e escreveu trabalhos sobre Geometria e Técnica de Navegação. Traduziu, em 1537, para o português, *Tratado da Esfera*, de Johannes de Sacrobosco, acrescentando *A teoria do Sol e da Lua*. Inventou o nônio, instrumento para medir ângulos.
- ▶ Rish, Hayim ibn (século XIII). Cartógrafo judeu sefardita da Escola de Maiorca.
- ▶ Rodrigo, Mestre (século XV). Físico (médico) e astrônomo judeu sefardita. Junto com o Mestre José, Vizinho e Martim Benhaim, foi coautor da construção de um astrolábio de madeira e esteve na Guiné, em 1485, para calcular a latitude do local. Esses estudos foram utilizados por Cristóvão Colombo, em 1492, na viagem do descobrimento da América.
- ▶ Rubem Gerondi, Nissim ben (1320-1376). Judeu sefardita espanhol. Também chamado de Ran. Astrônomo, médico e talmudista. Atuou em Barcelona, onde registros seculares referem-se a ele como “Magister Nescim”.
- ▶ Santaella de Sevilha, Rodrigo de (século XIII). Judeu sefardita espanhol converso ao cristianismo. Traduziu o livro de Marco Polo para o castelhano.
- ▶ Sefardi, Moisés. Médico e matemático judeu sefardita espanhol de Huesca. Também conhecido pelo nome de Moisés da Espanha, e após sua conversão ao cristianismo como Petrus Alfonsi. Em 1106, assumiu a função de médico do Rei Henrique I, da Inglaterra. Em 1115, elaborou as tábuas de cálculo baseadas em al-Khwarizmi.
- ▶ Tiburtino, Platão (de Tívoli) (século XII). Em 1145, traduziu para o latim o livro hebraico *Hibbur ha-Mechiba ve-ha Tichboret* (Tratado da medida e do cálculo), de autoria do astrônomo judeu sefardita espanhol Abraham ben Hiyya de Barcelona, com o título de *Liber Embadorum*, referente à obra de Muhammad ibn Musa al-Khwarizmi sobre o sistema numérico indiano.
- ▶ Torres, Luis de (1452?-1493). Nome de batismo do judeu converso sefardita espanhol Yossef Ben Ha-Levi Haivri (o Judeu). Participou da viagem

do descobrimento da América na função de intérprete. No ano de 1523, em Cuba, escreveu um diário sobre a primeira viagem de Colombo.

- ▶ Tudela, Benjamin de (1127-1173). Benjamim ben Jonah. Rabino judeu sefardita da Espanha. Escreveu sobre a sua viagem para o Egito, a Palestina, a Mesopotâmia e a Pérsia.
- ▶ Verga, Judá ibn (?-1497?). Cronista judeu sefardita espanhol. Escreveu obras de História (Shevet Yehudah), Aritmética e Astronomia. Em 1492, por ocasião da expulsão dos judeus da Espanha, fugiu de Sevilha para Lisboa, onde foi martirizado.
- ▶ Yacub al-Israeli, Ibrahim ben (final do século X). Viajante judeu sefardita espanhol. Partindo da Espanha aproximadamente em 965, viajou através da Europa Central, visitando a Corte de Oto I, da Alemanha. As descrições de suas viagens só subsistem em trechos esparsos.

PORTUGAL

Durante o reinado de Dom Manuel I, o Venturoso (1469-1521), ocorreu a descoberta do caminho marítimo para as Índias por Vasco da Gama e o descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral.

Portugal se firmou como grande potência marítima, tendo os judeus colaborado de forma ponderável, ainda mais quando a população de Portugal aumentou em cerca de 10% com a chegada dos judeus expulsos da Espanha. Entre eles havia inúmeros membros de uma elite de cientistas, médicos, hábeis artesãos no manejo do cobre e dos metais. Gente disciplinada, ordeira e trabalhadora. Os homens eram todos alfabetizados para poder ler a Torá. Muitos eram políglotas e tradutores.

Dom Manuel criou no primeiro quartel do século XVI um curso universitário de Astronomia, encarregando dois médicos e astrônomos judeus conversos, Mestres Filipe e Torres, para regerem o curso.

Dom Manuel, se de um lado precisava dos judeus e era amigo de muitos deles, por outro, pressionado pela necessidade de se casar com a Princesa Isabel, filha dos Reis Católicos da Espanha, estava num beco sem saída diante da ameaça espanhola, vizinho agressivo que acabara de derrotar os exércitos mouros. Assim, foi obrigado a promover uma política de expulsão ou conversão forçada dos judeus de Portugal ao catolicismo, tendo muitos se transformado em cristãos-novos.

Nos parágrafos seguintes, citaremos resumidamente as principais contribuições de judeus portugueses ao campo da Astronomia, Cartografia e Navegação.

- ▶ Armas, Duarte das. Judeu sefardita português. No início do século XVI, elaborou o *Livro das fortalezas do reino*, confeccionado em pergaminho e desenho à pena. Dentre as fortalezas retratadas estão o Castelo de Bragança e o Castelo de Vide.
- ▶ Ben Gedalia, de família judaica sefardita, que prestou uma valiosa contribuição na divulgação de obras da Ciência em Portugal, durante o período das Grandes Navegações.

- ▶ Bensaúde, Joaquim (1859-1952). Engenheiro e historiador cartográfico português de origem judaica. Considerado um dos mais importantes eruditos das Ciências Náuticas em Portugal. Traduziu para o português o livro *O regimento do astrolábio e do quadrante e Tratado da Esfera* (o exemplar de Munique de 1509).
- ▶ Colombina, Francisco Tosi (século XVIII). Cartógrafo português e professor de Geografia do Colégio dos Nobres em Lisboa. Realizou várias viagens ao Brasil. O autor do mapa da planta da Capitania de Goiás com o projeto de uma estrada em via reta da cidade de São Paulo até Vila Boa, datado de 6 de abril de 1751.
- ▶ Correia, Gaspar. Publicou, em 1636, a obra *Livro do Estado da Índia Oriental*, contendo mapas e plantas das fortalezas portuguesas na Índia.
- ▶ Dourado, Fernão Vaz (1520-1580). Cartógrafo português, de origem judaica, nascido na Índia. Estudou na Universidade de Coimbra. Produziu, entre 1568 e 1580, sete atlas marítimos. O atlas para a prática de navegação é de 1576, e consiste de 17 mapas, além de tabelas de declinação e regras cosmográficas. O atlas pertenceu às coleções reais do Palácio das Necessidades, em Lisboa. É considerado o melhor cartógrafo do século XVI.
- ▶ Faras, Mestre João (Emanalaus). Cosmógrafo da esquadra portuguesa de Pedro Álvares Cabral, físico (médico) e cirurgião do rei, de provável origem galega, e cristão-novo. Em 27 de abril de 1500, fez as primeiras observações astronômicas do Brasil, calculando a latitude da terra recém-descoberta pelo Sol, e a determinação do Polo Sul pela constelação do Cruzeiro do Sul. Escreveu, em 1.º de maio de 1500, uma carta ao rei D. Manuel I relatando suas observações, que se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Traduziu do latim para o castelhano a obra *De situ orbis*, de autoria de Pompônio Mela.
- ▶ Fernandes, Marcos. Cartógrafo português do século XV e XVI. Era filho de Pero Fernandes, que em 1558 foi nomeado “mestre de fazer cartas de navegar”. Marcos Fernandes teve carta de ofício de cartógrafo em 1592, depois de examinado pelo cartógrafo-mor Tomás de Orta. Pertencia à dinastia dos cartógrafos Teixeira: era irmão de Luís Teixeira; tio de João Teixeira ou João Teixeira Albernaz, de Pedro Teixeira e de Pedro Lemos, e tio-avô de Estevão Teixeira. Não se conhece qualquer trabalho cartográfico de Marcos Fernandes, sabendo-se apenas de sua existência pelo diploma registrado na chancelaria de Filipe I de Portugal e II da Espanha, em 1592.
- ▶ Fernandes, Pero. Cartógrafo português que deve ter exercido a sua atividade antes de 1558.
- ▶ Filipe, Mestre. Médico e astrônomo judeu sefardita português. No primeiro quartel do século XV, D. Manuel I, o Venturoso, designou-o, junto com Mestre Torres, para dirigir um curso universitário de Astronomia em Portugal.
- ▶ Lavanha, João Baptista (1550-1624). Cartógrafo judeu sefardita português. Substituiu o famoso cosmógrafo Pedro Nunes na função de Cosmógrafo Real. Autor da obra *Regimento Náutico*, em 1595. Escreveu livros sobre ciência, arte de navegar, construção naval e, elaborou os primeiros desenhos em

perspectiva. Juntamente com o cartógrafo judeu sefardita português Luis Teixeira, confeccionou o *Atlas Cosmográfico* (1597?-1612).

- ▶ Reinel, Jorge. Cartógrafo português atuante entre o fim do século XV e meados do século XVI. De sua autoria se conhece três mapas: “Carta do Oceano Índico”, de 1510; “Planisfério”, de cerca de 1519 e “Mapa Atlântico”, de cerca de 1540.
- ▶ Ribeiro, Diego (?-1533). Cartógrafo português. Participou da primeira viagem de circum-navegação do mundo, realizada entre 1519 e 1522 por Fernão de Magalhães. Em 1529, publicou o seu mapa rompendo definitivamente com o modelo da tradição ptolomaica para a representação do mundo.
- ▶ Rozales, Immanuel Bocarro Frances y (1588-1662). Também conhecido como Jacob Hebraeus Rozales. Médico, matemático, astrônomo e poeta judeu sefardita português. Nasceu em Lisboa e estudou na Universidade de Montpellier. Em 1625, foi para Roma, onde conviveu com Galileu Galilei.
- ▶ Sá, Diogo de (século XVI). Autor do livro *Navigacione Libri tres*, em 1549, no qual faz críticas às teorias matemáticas e filosóficas de Pedro Nunes.
- ▶ Sanches, Francisco (1551-1623). Astrônomo, filósofo, matemático e médico cristão-novo português. Nasceu em Braga e faleceu em Toulouse, na França. Professor da Faculdade de Artes por 25 anos, e da Faculdade de Medicina, por 10 anos, em Toulouse.
- ▶ Seco, Fernão Álvares (século XVI). Cartógrafo Português de origem judaica. Autor do mapa de Portugal denominado “Portugallia et Algarbia quae olim Lusitania”, de 1561, representando o “Oceanus Occidentalis” (Oceano Atlântico) ao norte e o reino de Castela ao sul. A primeira edição deve ter sido em Veneza, em 1561, mas teve outras edições (Antuérpia, 1565), e foi incluído em vários atlas, inclusive o de Gerard Mercator de 1612.
- ▶ Silveira, Miguel de (?-1638). Médico e matemático judeu sefardita português. Nasceu em Celorico da Beira e faleceu em Nápoles, na Itália. Estudou Medicina, Matemática, Filosofia e Jurisprudência na Universidade de Coimbra (Portugal) e de Salamanca (Espanha).
- ▶ Teixeira, Estevão (século XVII). Cartógrafo português. Parente dos cartógrafos Luis Teixeira, Marcos e Pero Fernandes. No ano de 1636, se ofereceu para desenhar e sondar o rio Cuama, situado em Moçambique.
- ▶ Teixeira, Luís (século XVI/XVII). Cartógrafo judeu sefardita português. Filho do cartógrafo Pero Fernandes e irmão do cartógrafo Marcos Fernandes. Autor do mapa “Carta Atlântica” e, com o Cosmógrafo Real João Baptista Lavanha, entre 1597? e 1612, confeccionou o “Atlas Cosmográfico”.
- ▶ Torres, Mestre. Médico e astrônomo judeu sefardita português. No primeiro quartel do século XV, D. Manuel I, o Venturoso, designou-o, junto com Mestre Filipe, para dirigir um curso universitário de Astronomia em Portugal.
- ▶ Velho, Bartolomeu (?-1568). Cartógrafo português de origem judaica. Nasceu em Lisboa e radicou-se na França, onde faleceu. Autor do “Mapa de Cosmografia”, de 1568. Foi o primeiro a apresentar a divisão administrativa do Brasil em capitanias hereditárias e realizou o trabalho pioneiro de localizar

com exatidão sete tribos indígenas, além dos topônimos do interior e o curso do rio São Francisco. Seus mapas registram a expansão no interior, de que são Vicente e Santos serviram de base.

- ▶ Vizinho, Mestre José (século XV). Físico (médico) e astrólogo judeu sefardita português do Rei D. João II. Natural de Covilhã. Discípulo de Abraham Zacuto. Elaborou as tábuas de declinação solar para o regimento do astrolábio; traduziu para o latim e castelhano a obra *Almanach Perpetuum*, escrita em hebraico por Avraham Zacuto. Junto com o Mestre Rodrigo e Martim Benhaim, foi coautor da construção de um astrolábio de madeira. Por ordem do rei, esteve com ambos na Guiné, em 1485, para calcular a latitude do local, comprovando a veracidade das tábuas de Avraham Zacuto, servindo de preparação para as viagens marítimas de Bartolomeu Dias e de Vasco da Gama. Esses estudos foram utilizados por Cristóvão Colombo, em 1492, na viagem do descobrimento da América. Os historiadores Cecil Roth e Meyer Kayserling identificaram-no como sendo o cristão-novo Diogo Mendes Vizinho.

HOLANDA

- ▶ Colon, Yaacov (século XVII). Cartógrafo judeu sefardita da Holanda. Autor de um atlas marítimo.
- ▶ Iaacov, Abraham ben (final do século XVI). Cartógrafo judeu que viveu em Amesterdã, onde elaborou o “Mapa do êxodo dos israelitas através do Deserto do Sinai”.
- ▶ Musa al-Khwarizmi, Muhammad ibn (século IX). Bibliotecário persa do Califa al-Mamun. Escreveu em 825 uma obra sobre o sistema numérico decimal posicional indiano. Na Espanha, no século XII, foi adaptada pelo judeu sefardita Abraham ben Hiyya de Barcelona, o Savasorda, com o título em hebraico *Hibbur ha-Mechiba ve-ha Tichboret* (Tratado da medida e do cálculo). Em 1203, Leonardo Fibonacci traduziu a obra de al-Khwarizmi para o latim com o título de *Liber Abbaci*. Também escreveu uma obra sobre Geometria, baseada no livro *Mishná haMidot*, do erudito judeu Neemias (século II). Do nome al-Khwarizmi originou-se os termos algarismo e algoritmo.

ITÁLIA

- ▶ Anatoli, Jacob ben Aba (1194?-1246). Judeu sefardita nascido em Provença. Pregador, tradutor e filósofo. Estabeleceu-se em Nápoles e, sob a proteção do imperador Frederico II, traduziu para o hebraico os trabalhos astronômicos e filosóficos árabes, principalmente os de Averroes, que mais tarde foram vertidos para o latim.
- ▶ Meir Ha-Cohen, Yossef ben Yehoshua ben (século XVI). Historiador judeu genovês. Autor de *A crônica dos reis da França e dos sultões dos turcos otomanos*, redigido em hebraico e publicado em 1554, atribuía a descoberta do Novo Mundo a Américo Vespúcio.
- ▶ Sforno, Obadiah ben Jacob (1470-1550). Médico judeu sefardita italiano. Escreveu obras de Geometria, Gramática e Filosofia.

OUTROS PAÍSES

- ▶ Delmedigo, José Salomão Ber Elias (1591-1655). Judeu nascido na ilha de Creta, de família alemã. Astrônomo, matemático e talmudista. Estudou na Universidade de Pádua, Astronomia (com Galileu Galilei), Filosofia, Matemática e Medicina. Viajou para o Egito, Turquia, Polônia, Alemanha, Holanda e Boêmia. Escreveu diversos livros religiosos e científicos, tendo sido compilados alguns desses escritos em *Sefer Elim*. Morreu em Praga.
- ▶ Gans, David ben Salomão (1541-1615). Judeu asquenazita polonês. Astrônomo e historiador. Estudou em Cracóvia e se estabeleceu na cidade de Praga, onde foi colaborador de Johannes Kepler e de Tycho Brahe. Publicou um livro em hebraico denominado *Nechmad ve-Naim*, sobre problemas astronômicos e matemáticos.
- ▶ Haim, Levi ben Abraham ben (1245?-1315). Erudito judeu sefardita francês. Nasceu em Villefranche-de-Conflent, nos Pirineus Orientais. Astrônomo, matemático, poeta e teólogo. Escreveu uma obra enciclopédica intitulada *Sefer Ha-Kolel* ou *Leviat Chen*, dividida em duas partes ou colunas, sendo uma denominada Yakin e a outra Boaz (nome das colunas do Templo de Salomão). A primeira parte, Yakin, compõe-se de cinco seções que tratam de Aritmética, Lógica, Geometria, Astronomia, Astrologia, Física e Metafísica. A segunda, Boaz, trata de Teologia. Seus escritos astronômicos e astrológicos estão fundamentados nos trabalhos de Cláudio Ptolomeu e de Abraham ibn Ezra.
- ▶ Salomão, Gerson ben (século XIII). Erudito judeu sefardita francês. Escreveu em hebraico o trabalho enciclopédico *Shaar ha-Shamayim*, sobre Ciência Natural, Matemática e Astronomia.
- ▶ Tibon, Jacob ben Makhir ibn (1240-1308). Também conhecido como Don Profiat. Astrônomo, médico, escritor e tradutor judeu sefardita. Nasceu em Marselha, na França. Traduziu do árabe para o hebraico as obras de Euclides, Averroes e Al-Gazali. Professor de Medicina na Universidade de Montpellier. Suas Tabelas Astronômicas, elaboradas no ano de 1300, foram traduzidas para o latim e usadas por Dante em *Divina comédia*.
- ▶ Tibon, Moisés ben Samuel ibn (1240-1283?). Escritor, tradutor e médico judeu sefardita. Residiu em Marselha, na França e, traduziu do árabe para o hebraico muitos livros filosóficos e científicos.

CAPÍTULO 5

Brasil: País de Imigrantes

A presença judaica no Brasil data dos primórdios, com a chegada de Cabral, em cuja armada já havia cristãos-novos, como nos ensina o Almirante Max Justo Guedes. Eram também conhecidos como conversos, ou pejorativamente marranos, na literatura hebraica “anusim”.

Nas décadas seguintes, muitos outros viriam nas expedições, às vezes até como financiadores. O mesmo fenômeno aconteceu também com as expedições de Colombo em 1492 e Hernan Cortés em 1519. Os cultores secretos da Lei de Moisés vinham animados pela possibilidade de viver longe do ódio e da intolerância, e principalmente das garras da Inquisição, aliada às notícias das riquezas do Novo Mundo. Nem todos se mantiveram fiéis à fé de seus ancestrais, e os que haviam abraçado o cristianismo eram visados pela Inquisição, suspeitos de serem judaizantes (judeus em segredo), “crime” para o qual correspondia a pena de serem queimados vivos nas fogueiras. O terror inquisitorial certamente em muito contribuiu para que as comunidades de conversos fossem desaparecendo, até não restar mais indícios da tênue vida judaica. Apenas com o Marquês de Pombal e a Abertura dos Portos este panorama iria se modificar.

Assim, a atual comunidade judaica brasileira não descende linearmente daqueles pioneiros, cujo judaísmo latente foi se perdendo através das gerações. Se a estes fosse dada a possibilidade de exercer livremente sua religião, é possível que hoje o número de judeus brasileiros fosse muitíssimo maior. Mas como não foi isso que aconteceu, pouco a pouco os criptojudeus e os cristãos-novos foram perdendo a identidade judaica. Assim, as origens dos atuais judeus brasileiros são mais recentes, ou seja, correspondem a imigração procedente nos últimos 200 anos de alguns polos principais, em diferentes levadas vindas do Império Otomano, Marrocos e a Europa, principalmente. Entretanto, o DNA daqueles cristãos-novos de priscas eras permanece adormecido, possivelmente em boa parte da atual população brasileira, em partes infinitesimais.

A raiz de tudo foi certamente a Diáspora Judaica, iniciada em 70 d.C. com a destruição de Jerusalém pelos romanos, quando o povo hebreu se espalhou pelos quatro cantos da terra.

Dispersos, os judeus mantiveram ao longo dos séculos uma ligação sedimentada nos laços religiosos com a Torá (Bíblia) e com a Terra Santa, onde

viveram em épocas remotas seus antepassados distantes, o que é verdadeiro também para os judeus no Brasil. Algo como existe de norte a sul do Brasil, as pontes culturais, sociais e até econômicas vigentes entre brasileiros que descendem de alemães a japoneses, de italianos a portugueses e espanhóis, por exemplo. Nada de que todos os citados não possam justamente se orgulhar.

O contexto da inserção dos judeus e seus precursores no Brasil, no que diz respeito ao presente trabalho, é a mesma de qualquer outro grupo de imigrantes. Dada a riqueza da literatura disponível sobre o assunto, nos limitaremos apenas aos contornos principais da questão, de modo a situar os militares abordados neste livro nos respectivos contextos em que decorreu o seu pertencimento na sociedade brasileira.

Somos, portanto, essencialmente um país de imigrantes, que a partir de 1500 foram se somando aos indígenas que aqui habitavam. Já dentre os primeiros colonizadores portugueses havia cristãos-novos, iniciando o fluxo dos seguidores da Lei de Moisés que se manteria pelos séculos vindouros.

Um fator que contribuiu para a vinda de judeus ao Brasil foi a expulsão dos seguidores da Lei de Moisés em 1492 do reino espanhol, seguindo-se em 1496 a expulsão de Portugal, ambos éditos revogados cinco séculos mais tarde na época de Franco e do rei Juan Carlos de Bourbon, e mais recentemente em 2013 pelo governo português, sendo que ambos os governos estão oferecendo a cidadania aos descendentes daqueles antigos súditos.

As perseguições da Inquisição criaram novas categorias de judeus, como os cristãos-novos, convertidos ao catolicismo e batizados voluntária ou coercitivamente, e os judaizantes ou criptojudes, que eram os cristãos novos que procuravam manter alguma tradição judaica, mesmo isolados e sem orientação rabínica, cujos descendentes chegaram até nossos dias, ainda praticando certos ritos e costumes por tradição oral, mesmo sem conhecer sua origem.

Em 1630, chegaram com o invasor holandês no norte do Brasil antigos judeus portugueses que haviam se estabelecido em Amsterdam, fugitivos da Inquisição, formando no Recife a primeira comunidade judaica das Américas. Após a derrota holandesa, os judeus tiveram que partir. Aqui permaneceram alguns, ocultos, ou tendo aderido à religião do Rei.

O Tribunal do Santo Ofício da Inquisição realizava visitas ao Brasil para averiguar os “crimes de judaísmo”, ocorridas no final do séc. XVI e início do séc. XVII.

As vidas secretas, visando burlar a perseguição inquisitorial, puderam ser abandonadas definitivamente em 25 de maio de 1773, quando o Marquês de Pombal aboliu a odiosa discriminação. Ninguém mais precisou esconder suas origens.

Em 1808, com a chegada da Corte de D. João VI devido à invasão de Portugal por Napoleão, o Brasil inicia, então, uma abertura para a imigração plena e livre. A partir desta época iniciam-se algumas correntes migratórias, a princípio tímidas, vindas da Inglaterra, Alsácia e Marrocos, principalmente. Nos séculos XVIII

e XIX, aqui aportaram os fugitivos dos pogroms¹, do serviço militar escravizante de 25 anos, da segregação.

Há dois séculos o Brasil ingressava numa nova era: de simples colônia tornava-se a sede do Império Português. A mudança da família real e toda sua corte para o Rio de Janeiro deu início a uma série de profundas transformações inesperadas para a Coroa e os demais poderes metropolitanos, culminando com a independência brasileira. No bojo dessas transformações, havia uma que indicava um novo tempo para os judeus: a possibilidade de aqui se estabelecer com liberdade e segurança, impossível desde o descobrimento, com exceção do período do domínio holandês em Pernambuco.²

Em 1773, o ministro do rei D. José, avô de D. João, o Marquês de Pombal, eliminou a diferença, assestando um duro golpe no Tribunal do Santo Ofício. Naquele ano, viviam no Rio de Janeiro cerca de 4.800 cristãos-novos, 24% da população branca (20 mil) ou 6% da população total. Em 1799, o ministro do Príncipe Regente D. João, Rodrigo de Souza Coutinho, convidou formalmente a comunidade de judeus portugueses residindo há mais de um século no Suriname a voltar a Portugal, onde se lhes garantia total liberdade e segurança. A medida era uma retribuição à carinhosa acolhida que aquela comunidade oferecera aos tripulantes de uma nau portuguesa que ali se refugiou após uma dura perseguição por corsários franceses sob as ordens de Napoleão Bonaparte. Portanto, para o Príncipe Regente e seus ministros não era uma novidade ou surpresa a aceitação de judeus no reino. No Brasil, faltava, apenas, uma oportunidade. E ela ocorreu a partir da vinda da família real em 1808. Como a abertura dos portos às nações amigas somente seria possível se os súditos ingleses fossem autorizados a desembarcar no Brasil e aqui comerciar livremente, a última barreira à presença de judeus nestes trópicos caiu. Afinal, os súditos de SM eram não apenas anglicanos e puritanos, mas também judeus. O mais antigo registro da presença de um judeu no Brasil, ainda antes da Independência, é o de Leon Cohn, inglês, que aqui se estabeleceu definitivamente no Rio de Janeiro com um escritório de corretagem. Seu filho, Francisco Leão, é citado, em 1849, como coronel da Guarda Nacional.

Já os marroquinos preferiram a Amazônia, onde hoje estima-se que existam centenas de milhares de descendentes daqueles pioneiros, mas a grande maioria abandonou o judaísmo e sequer conhece as suas origens que, entretanto, ficam evidentes nos sobrenomes como Benchimol, Assayag, Bentes, Benzecry e tantos mais.

Com a diversificação da imigração, começa a se evidenciar uma dicotomia dentro da comunidade judaica, entre sefarditas e asquenazitas, os primeiros

¹ Palavra russa que significa ataque violento maciço a pessoas, com a destruição simultânea do seu ambiente. Historicamente, a palavra pogrom é associada a ataques espontâneos ou premeditados contra judeus. Um pogrom famoso foi o de Kishinev, na Rússia, em 1903, que inspirou o grande poeta Bialik a escrever o poema “Na cidade da matança”.

² HELLER, Reginaldo. Artigo: A partir de 1808 as portas do Brasil se abrem aos judeus.

oriundos de países árabes e orientais, e os últimos procedentes da Europa. Os asquenazitas falavam o iídiche, dialeto germânico, e os sefarditas o árabe, ladino ou haquitia, assim só poderiam se comunicar entre si no português, idioma que os recém-chegados ainda levariam tempo para assimilar e dominar. Hoje em dia, com as gerações de imigrantes extintas, esses traços culturais já não são mais significativos, entretanto, a tradição fez com que alguns clubes e sinagogas ainda mantenham certas características mais ligadas a uma ou outra origem, principalmente no tocante à maneira de conduzir os serviços religiosos; além da culinária.

Por volta de 1920, assiste-se a um incremento na população judaica, motivada pelo aumento da imigração pós-I Guerra Mundial. Alguns fatores que contribuíram para tal foram a desestabilização da economia em países como Polônia, Romênia, Alemanha, Áustria, França e Bélgica, onde havia comunidades judaicas importantes, ou a Revolução de 1917 na Rússia, enfim, a falta de oportunidades e o antissemitismo. Com o advento do nazismo, viriam os alemães e austríacos.

A História do Brasil nos mostra que nunca foi interrompida a imigração judaica para cá. Os descendentes dessas correntes são muitos, talvez mais do que se possa imaginar, e certamente ainda não foi totalmente descrita a sua saga, em que pese o número cada vez maior de estudiosos e pesquisadores do tema. A historiografia brasileira, porém, durante muito tempo ignorou sua existência: tais imigrantes até hoje sequer são mencionados nos livros escolares e mesmo universitários.

Mais recentemente, novas luzes foram surgindo, com o aparecimento e crescimento a cada ano de grande quantidade de livros, teses, monografias e demais trabalhos acadêmicos, e, o que é mais interessante, com predomínio de autoria por não judeus.

A renomada Prof.^a Anita Novinsky, que pesquisou extensivamente o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, declara que durante 500 anos se escreveu a História do Brasil sem mencionar nem cristãos-novos nem a Inquisição. Então, a História do Brasil tem que ser reescrita.³

A revelação das origens judaicas do Brasil leva a crer que hoje a quantidade de brasileiros que têm algum DNA judaico nas veias é ponderável, o que é compatível com as estimativas de que Portugal à época do descobrimento teria um percentual de cidadãos de fé judaica da ordem de 10 a 15%. Assim, em linguagem figurada, pode-se dizer que no Brasil se realizou a profecia divina: *Meu povo será tão numeroso quanto as estrelas no céu e os grãos de areia do deserto...* Mas, na prática, os números encobrem a herança do passado, não considerando os infinitésimos de sangue judaico que corre nas veias de tantos brasileiros: é o que nos mostram os dados estatísticos abaixo resumidos.⁴

³ Oito minutos sobre a Inquisição no Brasil, Programa Comunidade na TV – FIERJ, 20 dez. 2013.

⁴ DECOL, René Daniel. Judeus no Brasil: explorando os dados censitários. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 16, n. 46, jun. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092001000200008&lng=en&nrm=iso>

População judaica no Brasil

1914 – 1918 – 5-7 mil

1920 – 15 mil

1940 – 55.563

Imigração total para o Brasil

1872 – 1949 – 4.555.000 (1,75% de judeus)

Percentual de imigrantes na população judaica

1980 – 31,47 %

1991 – 22,32 %

Imigração judaica para o Brasil

1872 – 1929: 42.316

1930 – 1939: 22.452

1940 – 1949: 8.512

Total: 73.280

Cronologia simplificada⁵

O Brasil foi um dos poucos países que recebeu tantas levas de judeus das mais diferentes origens, línguas e costumes, isso em apenas cinco séculos. Os biografados nesta obra descendem, assim, em boa parte, daqueles que em algum momento aqui aportaram e viveram os eventos assinalados:

- ▶ 1500 – Criptojudaísmo luso-brasileiro, ou seja, práticas judaicas desenvolvidas em segredo pelos cristãos-novos.
- ▶ 1591 – Primeira visitação da “Santa Inquisição” – Bahia.
- ▶ 1630 – 1654 – Durante 24 anos o judaísmo prospera no Brasil Holandês, mas a derrota holandesa representa um hiato entre os que partiram e as futuras comunidades que se estabeleceriam dois séculos depois. Genealogicamente, estas novas comunidades nada terão em comum com aquelas.
- ▶ 1773 – Marquês de Pombal decreta a ilegalidade de qualquer restrição contra os cristãos-novos. Mas já era tarde... apenas restava uma tênue consciência de remoto judaísmo, fiapos de memória...
- ▶ 1808 – Abertura dos Portos – Pouquíssimo havia restado do criptojudaísmo no Brasil.
- ▶ 1810 – Oficialmente proibidas as atividades da Inquisição no Brasil. Judeus marroquinos chegam em números ponderáveis ao Amazonas e Pará, durante o Ciclo da Borracha, subindo o grande rio Amazonas até Iquitos no Peru.

⁵ HOROVITZ, Eduardo. Idn in Brasil – an Aingartiker Ishuv, in Unzer Baitrag (em iídiche: Judeus no Brasil – uma comunidade singular, nossa contribuição), 1956, Rio de Janeiro, citado em Ziskind, Spitscovski, Zimberg, Gitelman e Leipziger – *Pepitas a flor da Terra*: fontes esquecidas para a História dos judeus no Brasil, Departamento de Cultura Iídiche do AHJB, VI Encontro do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo, 2014.

- ▶ 1870 – A Guerra Franco-Prussiana motiva a vinda de judeus da Alsácia-Lorena tomada da França pelos alemães.
- ▶ Final do séc. XIX – Chegam ao Rio de Janeiro e São Paulo negociantes judeus alemães e ingleses.
- ▶ Por volta de 1900 – O Barão Hirsch patrocina a vinda de judeus do Império Russo para trabalharem na terra nas colônias de Philipson (Santa Maria/RS) e 4 Irmãos (Erechim/RS), através da Jewish Colonization Association. Pequenos núcleos no Norte, Bahia e Rio de Janeiro, e esparsos imigrantes em diversos pontos do Brasil.
- ▶ Década de 1920 – Mudança radical: coletividades maiores estabelecidas no Rio de Janeiro e em São Paulo, e várias menores em capitais litorâneas e cidades do interior. A grande massa é de asquenazitas vindos da Europa Oriental, e ainda sefarditas e mizrachitas do decomposto Império Otomano.
- ▶ Década de 1930 – Refugiados da Alemanha, Áustria e Itália, em geral com elevada escolaridade e profissionais especializados.
- ▶ Após 1945 – Refugiados de guerra e sobreviventes do Holocausto.
- ▶ 1956 – Refugiados do Egito, após a Guerra do Canal de Suez. Tropas brasileiras integram a UNEF – United Nations Expeditionary Force, permanecendo na região até a Guerra dos 6 Dias em 1967.
- ▶ Séc. XXI – Os diferentes fluxos migratórios estão amalgamados e incorporados à sociedade e cultura nacional, trilhando o caminho em busca do futuro promissor da Nação Brasileira.

Herança judaica de um brasileiro

Nasci no Brasil, mas minhas raízes datam de mais três milênios, eis que sou também um Levita, conforme a tradição oral passada ao meu pai por meu avô, que por sua vez a recebeu de seu pai, e assim por diante, até chegar a um remoto antepassado da Tribo de Levi, que em pleno deserto ao sopé do Monte Sinai não quis acreditar naquele bezerro de ouro, preferindo aguardar o retorno do Grande Patriarca Moisés trazendo as Tábuas da Lei. Pela demonstração de fé e fidelidade foram os Levitas nomeados auxiliares dos membros da casta sacerdotal, descendentes do Cohen Gadol (sumo sacerdote) Aharon, irmão de Moisés. Até hoje os Levitas detêm esta função, e o privilégio de sermos chamados à Torá, logo após os Cohanim (sacerdotes). Nestes momentos, quando um Cohen une as mãos elevando-as para o alto na bênção sacerdotal, a congregação evita olhá-lo, cobrindo os olhos com o *talit* (manto ritual), pois ali naquele instante se manifesta a Presença Divina.

CAPÍTULO 6

Panteão dos Heróis

Neste capítulo, apresentamos o panteão virtual dos heróis brasileiros de origem judaica. O panteão é constituído por militares e civis falecidos em atos de guerra ou em serviço, e pelos militares condecorados por atos de bravura em combate.

Militares e civis falecidos em atos de guerra ou em serviço

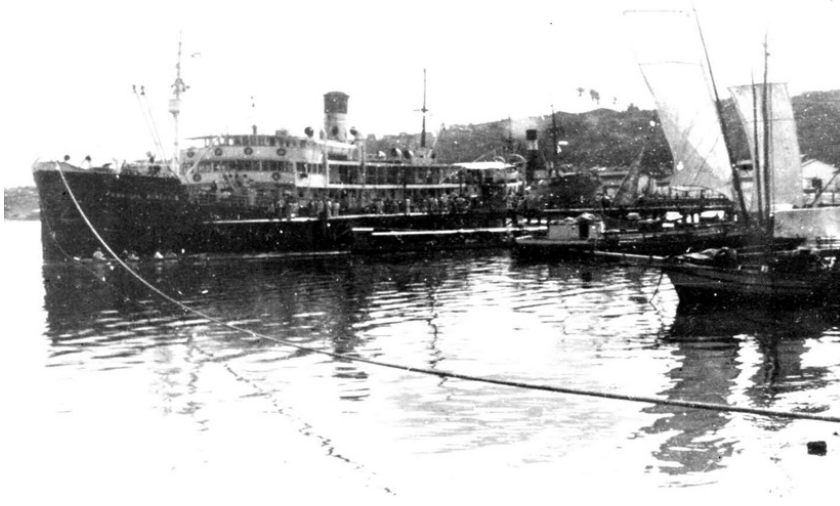
Neste primeiro levantamento, foram apurados nove nomes, sendo cinco de militares das três armas falecidos em serviço e quatro civis falecidos em combate ou atos de guerra contra o Brasil.

Os postos dos falecidos incluem Tenente da Arma de Aviação do Exército, Comissário de Marinha Mercante, Aluno do CPOR, Aspirante a Oficial Aviador e Tenente Coronel Aviador.

Os civis pereceram por ocasião do torpedeamento de navios nacionais pelo submarino nazista U-507, em 1942, no litoral da Bahia e Sergipe, e durante a Revolução de 1932.

Este trabalho insere-se nos esforços para a maior divulgação do panteão virtual dos heróis brasileiros de origem judaica, e adoção de medidas no sentido de recuperar alguns dos túmulos, que não se revestem das devidas condições desejáveis para perpetuar os atos heroicos daqueles bravos, e a possível construção de monumentos ou instalação de placas em cemitérios e sinagogas, além da realização de cerimônias anuais que sirvam de referência de cidadania para a comunidade maior em geral e comunidade judaica brasileira *in memoriam* daqueles que honrando o juramento, fizeram o sacrifício supremo da própria vida.

- ▶ José Preis (1932) – Voluntário da Revolução Constitucionalista
- ▶ José Zippin Grinspun (30 jan. 1939) – 1.º Tenente da Arma de Aviação do Exército
- ▶ Mauricio Pinkusfeld (17 ago. 1942) – 2.º Comissário de Marinha Mercante
- ▶ Alter Ber Zylbersztajn – Civil
- ▶ Nute Faiwel Zylbersztajn (1942) – Civil
- ▶ Jaime Sagorski (1942) – Civil
- ▶ Reiven Rosenthal (1942) – Aluno do CPOR/RJ
- ▶ Luiz Kanter (1945) – Asp. Of. Av.
- ▶ Oscar Grubman (1973) – Ten. Cel. Av.



► Navio mercante Aníbal Benévolo, do Lloyd Brasileiro, torpedeado pelo submarino nazista U-507 na costa da Bahia em 16 de agosto de 1942, no qual o 2.º Comissário Maurício José Pinkusfeld realizou a sua primeira, última e única viagem. Crédito: n. d.

Suas histórias

► **José Preis**

José Preis era um jovem brasileiro israelita que cursava a Faculdade de Direito de São Paulo, tendo sido incorporado ao início da Revolução no Batalhão Ibrahim Nobre. Seguiu logo para a frente sul de combate, integrando-se no destacamento do Coronel Pedro Dias de Campos. Foi um bravo. Mostrou, exuberantemente, sua fibra patriótica, tal como seus colegas da faculdade. Não mediu sacrifícios em benefício do ideal que servia. Sua morte foi trágica e sublime, combatendo corpo a corpo com um oficial gaúcho, que também foi ferido. O trágico acontecimento deu-se entre Salto Grande e Ourinhos, às margens do rio Pardo. A data presumivelmente está entre 27 e 28 de setembro.¹

► **1.º Tenente da Arma de Aviação do Exército José Zippin Grinspun**

Aqui resumimos a história do Tenente Zippin, melhor detalhada no capítulo 25 – FAB – Aviação Naval e Aviação Militar. Em 30 de janeiro de 1939, ocorreu o

¹ *Cruzes paulistas*, por especial gentileza do Coronel PMSP Mario Fonseca Ventura, Secretário da Sociedade Veteranos de 32 – MMDC. No dizer do poeta Paulo Bomfim, a Bíblia do Movimento Constitucionalista de 1932 é o livro *Cruzes paulistas*, editado em 1936. Um exemplar, presenteado a SV32-MMDC em 1966 por um veterano, foi cedido à Imprensa Oficial do Estado para uma reedição. O livro traz as biografias dos que morreram em combate naquela época, mais de 700 heróis de 32 que estão imortalizados no monumento Mausoléu do Soldado Constitucionalista de 32, no Ibirapuera.

primeiro acidente fatal envolvendo um V-11 no Brasil, ocasião que o avião matriculado 115, que era pilotado por Zippin Grinspun e Mr. Powell (piloto de provas e demonstração da fábrica Vultee), colidiu com uma casa no bairro de Vila Isabel, no Rio de Janeiro, quando realizava voos rasantes na região, acarretando a morte dos seus dois tripulantes.

Nascido em 25 de setembro de 1910, natural do Paraná, Zippin foi matriculado no Curso de Oficial Aviador da Escola de Aviação Militar em 30 de março de 1935.

O então 2.º Ten. Zippin teve participação destacada na repressão ao levante comunista da madrugada de 27 de novembro de 1935 na Escola de Aviação Militar, onde servia, sendo elogiado nominalmente pelo Ten. Cel. Eduardo Gomes, comandante do 1.º Regimento de Aviação, por ter se distinguido na reação ao levante, e ainda conforme declaração de próprio punho firmada pelo Brigadeiro Eduardo Gomes em 19 de agosto de 1948, para fins de melhoria de pensão militar. Até esta ocasião, contava o mesmo com 365 aterragens e tempo de voo de 172 horas e 39 minutos.

No elogio fúnebre, assim se manifestou o comandante do regimento (trechos):

(...) o destino na sua implacável sentença quis deter a brilhante trajetória do nosso inesquecível Ten. Zippin(...) aliava as qualidades de aviador intemorato às de um bravo(...) ao lado do Cel. Eduardo Gomes constituiu o reduto inexpugnável à investida criminosa comunista(...) sua bravura e patriotismo(...) na grandeza de seus atos(...) devotado soldado do dever.

► 2.º Comissário de Marinha Mercante Mauricio Pinkusfeld e os civis Alter Ber Zylbersztajn, Nute Faiwel Zylbersztajn e Jaime Sagorski

O dia 17 de agosto de 1942² foi um dia de luto para o Brasil e sua comunidade judaica. O 2.º Comissário de Marinha Mercante Mauricio Pinkusfeld (vide cap. 31 – Marinha Mercante) desapareceu no naufrágio do N/M Aníbal Benévolo ao largo da costa da Bahia, afundado pelo submarino nazista U-507. Aos 18 anos, era recém-saído da Escola da Marinha Mercante. Foi a sua primeira, última e única viagem. Apenas quatro dos 154 a bordo se salvaram.³



² Agressão – Documentário dos fatos que levaram o Brasil à guerra. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

³ BLAJBERG, Israel. *Soldados que vieram de longe* – Os 42 heróis brasileiros judeus da 2.ª Guerra Mundial, p. 119-123. Resende-RJ: FIERJ/AHIMTB, 2008, 245 p.

► Retrato 3 x 4 de Mauricio Pinkusfeld na sua ficha da Escola de Marinha Mercante. CIAGA – Centro de Instrução Almirante Graça Aranha, na Av. Brasil, Penha/RJ.

Os civis Alter Ber Zylbersztajn e Nute Faiwel Zylbersztajn, pai e filho caçula, passageiros desaparecidos no naufrágio do N/M Itagiba ao largo da costa da Bahia, afundado pelo submarino nazista U-507.⁴

O civil Jaime Sagorski, passageiro desaparecido no naufrágio do N/M Araraquara ao largo da costa da Bahia, afundado pelo submarino nazista U-507.

Em 15 jun 1942, Hitler ordenou ao Comandante da Kriegsmarine, Almirante Karl Doenitz, lançar uma blitz submarina no litoral brasileiro, em represália à exportação de alimentos e matérias-primas estratégicas do Brasil para EUA e Inglaterra. Mais de 30 navios mercantes seriam afundados, com a nação lamentando o sacrifício de um milhar de preciosas vidas brasileiras inocentes. Foi empregada uma flotilha de 10 submarinos de 500 a 700 ton, baseados na França ocupada, e mais um de reabastecimento, ao qual se agregaram mais tarde unidades italianas.

Em apenas três dias, de 15 a 17 de agosto de 1942, foram torpedeados o Baependy, Aníbal Benévolo, Araraquara, Itagiba e Arará; das 824 pessoas a bordo dos cinco navios, três quartos desapareceram no mar: 607 patrícios inocentes,

⁴ Entrevistas com Dr. Salomon Binensztok e Arq Izaac Szulc, netos de Nute Faiwel Zylbersztajn e sobrinhos de Alter Ber Zylbersztajn, jan. 2013, Rio de Janeiro-RJ.



► Casamento no Grande Templo Israelita da Rua Tenente Possolo, em 16 de agosto de 1942.

Nute Faiwel Zylbersztajn (desaparecido) é o terceiro sentado, da direita para a esquerda; sua esposa está entre ele e o noivo; seu filho Alter Ber Zylbersztajn (desaparecido), de 18 anos, é o primeiro da direita na última fila, de terno claro. Sobreviveram: Czeslava S. Eisenberg, primeira sentada da direita para esquerda, e seu marido Natalio Aisenberg logo atrás, de terno claro. Salomão Binensztok, futuro médico pediatra tinha 5 anos, e estava sentado com as outras crianças, o segundo da direita para a esquerda. Acervo pessoal de Izaac Szulc.



► 17 de agosto de 2012 – Monumento aos Náufragos no Quartel do 21 GAC em Niterói-RJ – 70.º aniversário do torpedeamento do Itagiba e Baependy, que transportavam o 4.º GADo do Rio de Janeiro para Recife. Acervo do autor.

passageiros e tripulantes daqueles navios de cabotagem do Lloyd Brasileiro e Lloyd Nacional, nas costas da Bahia e Sergipe. Até uma simples barça, a Jacira, foi afundada pelos nazistas, mas seus seis tripulantes se salvaram. Quatro brasileiros judeus estavam entre as centenas de mortos, sendo um tripulante e três passageiros.

O Itagiba aportou em Vitória, e no dia 15 zarpuou com destino a Salvador, Bahia, sem saber que o U-507 o espreitava. O torpedo partiu ao meio o navio, que afundou rapidamente a 13 milhas de Morro de São Paulo. Eram 10h50 da manhã de 17 de agosto. Mal houve tempo para descer uma ou duas baleeiras. Atos de heroísmo se verificaram, principalmente pelos integrantes do 4.º Grupo de Artilharia de Dorso, que estava sendo remanejado do quartel de São Cristóvão no Rio de Janeiro para Olinda a fim de guarnecer o litoral. Ao todo, no Baependy e Itagiba, 142 bravos militares perderam a vida, ficando gravada na história a saga do Tenente Andrada Serpa, que preferiu salvar um de seus comandados cedendo-lhe o salva-vidas. Desapareceram no mar duas baterias de artilharia, material para o quartel de Recife e o destacamento de Fernando de Noronha, o comandante da tropa, Major Landerico de Albuquerque Lima, três capitães, cinco tenentes, oito sargentos e 125 cabos e soldados.⁵ Somente no Baependy, 270 passageiros e tripulantes desapareceram no mar. Apenas 36 dos 306 a bordo se salvaram. Uma verdadeira matança, uma catástrofe no mar.

No Itagiba, dos 181 a bordo houve 145 sobreviventes, que permaneceram no mar até as 14 horas, quando veio em socorro o vapor Arará, que navegava para Valença. Alguns sobreviventes foram recolhidos pelo Arará, tendo testemunhado

⁵ DUARTE, Paulo de Queiroz (General de Exército). *Dias de guerra no Atlântico Sul*, p. 211-213 e 105-127. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1968, 367 p.

sem nada puderem fazer, o esforço de Alter Ber, jovem de 18 anos, atlético e bom nadador, mas que foi vencido pelas ondas ao tentar ajudar o pai Nute Faiwel, ficando os dois entre os 36 desaparecidos do Itagiba. Lamentavelmente, a Alemanha nazista acabava de assassinar judeus no Brasil, juntamente com centenas de outros patrícios, numa versão reduzida do Holocausto que já vinha ocorrendo na Europa sofrida.

Por incrível que pareça, os nazistas não se comoveram com a sorte dos náufragos! Também o Arará, com as máquinas paradas, foi torpedeado logo em seguida, tendo a bordo 15 sobreviventes que recolhera do Itagiba.

Como por milagre, uma hora depois surgiu o barco de madeira Aragipe, que vinha de Ilhéus transportando cacau, recolhendo os novos náufragos, alguns tendo escapado dos dois naufrágios, como foi o caso do então soldado do 4.º GADo, Dálvaro José de Oliveira, hoje tenente, com 94 anos, antigo Presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB. Dálvaro todo ano comparece à cerimônia recordatória no quartel do 21.º Grupo de Artilharia de Campanha, unidade que sucedeu o 4.º GADo, sediada em Niterói-RJ. Dos 35 a bordo do Arará, apenas 15 se salvaram. O U-507 afastou-se devido a aproximação do cruzador Rio Grande do Sul, e de uma aeronave, permitindo o salvamento de 159 náufragos. Também o saveiro Deus do Mar retirou da água muitos sobreviventes. O U-507 estava avariado, com defeitos no tubo de torpedos e na câmara de submersão. Foi atacado por uma aeronave da USAF, reagindo com fogo de canhão. Sua última vítima foi a barça Jacira, afundada com cargas de detonação.

No Aníbal Benévolo, desapareceu também um tripulante judeu, o 2.º Comissário Mauricio José Pinkusfeld, de 18 anos, recém-saído da Escola da Marinha Mercante. Foi a sua primeira, última e única viagem ⁶. A perda foi imensa, uma tragédia. Apenas quatro dos 154 a bordo se salvaram.

A triste notícia dos cinco navios afundados caiu como uma bomba sobre a população. Imediatamente as ruas foram tomadas pelo povo e pelos estudantes, os caras pintadas da época, exigindo que o governo revidasse a brutal agressão. A multidão em frente ao Itamaraty e os marítimos diante do Palácio Guanabara clamavam por uma resposta ao ataque traiçoeiro e imotivado, tendo em vista nossa terra tão dadivosa e tão hospitaleiramente acolhedora, até para os próprios alemães.

Em resposta, o presidente Getúlio Vargas em seu discurso declarou que

“os agressores não ficariam impunes, com os bens dos súditos do Eixo no Brasil, esta boa terra que lhes deu hospitalidade e onde fizeram fortuna sendo incorporados ao patrimônio do Estado; e que os quinta-colunistas, os espíões, traidores dos interesses brasileiros, denunciando a partida dos navios afundados, iriam de enxada e picareta ao ombro, cortar estradas no interior do Brasil. O Brasil defenderá as suas águas e trabalhará pela sua grandeza!”⁷

⁶ BLAJBERG, Israel. *Soldados que vieram de longe*, p. 119-123.

⁷ Agressão – Documentário dos fatos que levaram o Brasil à guerra, DIP. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, jan. 1943.

Desta vez os germanófilos de plantão se calaram, e o presidente Vargas, diante do clamor popular, reconhece em 22 de agosto de 1942 o estado de beligerância. À nota do Chanceler Oswaldo Aranha dirigida aos governos da Alemanha e Itália, segue-se em 31 de agosto de 1942, através do Decreto-Lei n.º 10.358, a declaração do Estado de Guerra com a Alemanha e Itália.

O Brasil confiscou diversas propriedades do Eixo no Brasil, e logo na semana seguinte, o Hospital de Base Alemão para a América do Sul foi requisitado pela Força Aérea, tornando-se o Hospital Central da Aeronáutica, na rua Barão de Itapagipe, no Rio Comprido, Rio de Janeiro, que existe até hoje. Descobriu-se, então, que ele possuía um *bunker* subterrâneo, já como preparativo para uma futura invasão alemã; outros prédios desapropriados serviram mais tarde como sede da UNE (Praia do Flamengo) e Faculdade Nacional de Filosofia, hoje, devolvido, sedia o Consulado Italiano no Rio de Janeiro.

O Brasil soube reagir e enfrentar o desafio nazista. O U-507 pagou o preço pelos seus crimes, sendo afundado em 13 de janeiro de 1943, a noroeste de Natal, por um Catalina da US Air Force baseado em Parnamirim, que o atacou lançando cargas de profundidade, levando à morte seus 54 tripulantes, incluindo o comandante, Harro Schacht, cuja carreira não foi longe. Ele havia recebido há apenas quatro dias a Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro – Ritterkreuz des Eisernen Kreuzes – e em 1944 foi promovido *post-mortem* a Capitão de Fragata. A viúva recebeu a Cruz de Guerra em nome do falecido, que veio a perder quando sua casa em Hamburgo foi destruída nos bombardeios aliados.

► Aluno do CPOR/RJ Reiven Rosenthal

Da ficha do aluno temos as seguintes informações:

Reiven Josef Rosenthal, filho de Guedes Rosenthal e Rebeccha Rosenthal, nascido em 22 de dezembro de 1920 no Distrito Federal, matriculado em 1.º de dezembro de 1942 no CPOR/RJ, era estudante do 1.º ano de Engenharia.

1.º dez. 1942 – Julgado apto para o serviço do Exército e na mesma data matriculado no 1.º ano do Curso de Artilharia, tomando o n.º 651.

4 dez. 1943 – Promovido ao 2.º ano.

10 mar. 1944 – Deu-se seu falecimento. Foi público ter sido acidentado na instrução de equitação do dia 7 de março, sendo transportado para o Hospital do Pronto Socorro, e dali transferido para o HCE, onde ocorreu seu falecimento no HCE, na 14.ª Enfermaria, sendo em consequência excluído do estado efetivo deste CPOR.

Reiven faleceu em 10 de março de 1944 quando cursava o 2.º ano do Curso de Artilharia. Naquela época, a artilharia era hipomóvel, e durante um treinamento de marcha, seu cavalo disparou e chocou-se violentamente contra um bonde nas proximidades da Barreira do Vasco. Reiven caiu da montaria sofrendo fratura semiexposta da perna, sendo conduzido para o Hospital Souza Aguiar. No mesmo dia, à noite, foi transferido para o HCE, sem que fosse diagnosticada uma hemorragia cerebral, tendo falecido durante a madrugada devido a um coágulo.

Por ter o empresário Adolfo Aizen intercedido junto a um amigo que tinha sido Chefe de Polícia de Getúlio Vargas, foi dispensada a realização da autópsia, visto ser proibida pela lei judaica.

Ele era primo do veterano Tenente Dr. Israel Rosenthal. A mãe do inditoso aluno Reiven Rosenthal, D.^a Rebecca Aizen, havia falecido por ocasião do parto de seu filho. A mesma era prima de Adolfo Aizen.

► Aspirante-Aviador Luiz Kanter⁸

Luiz Kanter nasceu na Rua Sant'Anna 14, em 6 de junho de 1926, na região da então Praça XI judaica. Na certidão de nascimento constam os nome dos avós paternos Luiz e Elza, e maternos, Hans Vigoder e Chaja Vigoder Wether, todos lituanos.

Realizou estudos do admissão até a 4.^a série de 1937 a 1941, e a 5.^a série em 1942, no tradicional Colégio Anglo-Americano na Praia de Botafogo.

Foi matriculado no CPOR/Aer em 1.^o de fevereiro de 1945, sendo promovido de estágio em 25 de maio de 1945 e matriculado no 2.^o Grupamento.

Sua história nos arquivos históricos da UNIFA, no Campo dos Afonsos, termina com uma singela anotação em sua ficha – Desligado do CPOR/Aer por falecimento.

Com pouco mais de 19 anos, em voo de treinamento na aeronave P-19-128 da FAB, ao executar a manobra “folha seca”, o motor não teve potência suficiente para recuperar a estabilidade, determinando o impacto da aeronave no solo, em 23 de setembro de 1945, na praia de Maria Angú.

⁸ Informações obtidas na Seção de Apoio Técnico e Seção de Documentação Textual da UNIFA – Universidade da Força Aérea, Campo dos Afonsos – Rio de Janeiro.



► 17 de agosto de 2012 – Tenente Israel Rosenthal (E.), Veterano da FEB, Tenente Dálvaro José de Oliveira (D.), este último sobrevivente de dois naufrágios, do Itagiba e do Arará, e veterano da FEB. Acervo do autor.



► 17 de agosto de 2012 – Local onde se realiza anualmente a cerimônia recordatória dos Náufragos no Quartel do 21 GAC em Niterói/RJ. Acervo do autor.

Luiz Kanter repousa eternamente no Cemitério Israelita de Vila Rosaly (Velho), na Baixada Fluminense. Seu túmulo, onde consta a patente de Aspirante-Aviador, destaca-se pela altura um pouco maior, sendo diferente dos demais, construído em mármore branco, material que lhe confere uma aparência marcante, singela e formal, usual em túmulos militares. Em caracteres hebraicos, seu nome consta como Eliezer Itzhak ben Avraham Yacov Kanter.

► Ten. Cel. Oscar Grubman

Em 1961 aos 19 anos, o jovem Oscar, nascido em 31 de dezembro de 1942, ingressou na EPCAR – Escola Preparatória de Cadetes da Aeronáutica. Três anos depois, em 1964, foi matriculado na antiga Escola de Aeronáutica, localizada no eterno Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro.

Era uma tarde de domingo, 3 de julho de 1977. A aeronave C-95 FAB 2157 decolou da Base Aérea de Natal, Campo Eduardo Gomes (Parnamirim), RN. Sua tripulação estava composta pelo 1.º Piloto Cel. Av. Antônio Carlos Azevedo da Rocha Paranhos, 2.º Piloto Maj. Av. Oscar Grubman, em Missão de Transporte.⁹

Às 18h05, logo após a decolagem, a aeronave perdeu altura e veio a se chocar contra o solo. Infelizmente, não houve sobreviventes entre os quatro tripulantes e 14 passageiros. Era o segundo acidente com a frota de 60 Bandeirantes da FAB.

Major Oscar, com 2.925 horas de voo, praça de 1961 e aspirante da Turma de 1966, brasileiro nato de primeira geração, partiu prematuramente, servindo à Pátria.

Passados 50 anos, em 18 de março de 2011, a Turma Sai da Reta comemorou seu Jubileu de Ouro em Barbacena, com a presença do Comandante da

⁹ Dados do relatório do acidente disponível no CENIPA, fornecidos por Franz Matheus – Cel. Av R1, Chefe da DIPAA, mediante autorização do Brigadeiro Diretor.



► Túmulo do Major Aviador Oscar Grubman no Cemitério Israelita de Vila Rosaly (Novo), na Baixada Fluminense/RJ. Acervo do autor.

Aeronáutica, Tenente-Brigadeiro do Ar Juniti Saito e o Comandante da EPCAR, Brigadeiro do Ar Carlos Eurico Peclat dos Santos; o orador¹⁰ recordou os anos de 1964 e 1965, vividos no legendário Campo dos Afonsos, os primeiros passos como pilotos militares na aeronave Fokker T-21, e o inesquecível North American Texan T-6, no Destacamento Precursor da Academia da Força Aérea, na cidade de Pirassununga, no ano de 1966, já como cadetes do 3.º ano do Curso de Formação de Oficiais Aviadores.

Por decreto de 5 de dezembro de 1977, assinado pelo Presidente da República Ernesto Geisel e pelo Ministro da Aeronáutica Brigadeiro Joelmir Campos de Araripe Macedo, o Maj. Aviador Oscar Grubman foi promovido *post-mortem* ao posto de Tenente-Coronel. Que a sua alma siga os caminhos da Vida Eterna.

¹⁰ Alocação alusiva ao Jubileu de Ouro da Turma Sai da Reta por Manuel Cambeses Júnior – Cel. Av. Ref. Aluno 61-238. Barbacena/MG, 18 mar. 2011.

Juramento dos militares e reservistas

Ao serem incorporados às respectivas forças, sejam conscritos ou futuros oficiais e praças, todos fazem o Juramento à Bandeira Nacional, nos seguintes termos:

“Incorporando-me ao (Exército, Marinha, Aeronáutica, conforme o caso) prometo cumprir rigorosamente, as ordens das autoridades a que estiver subordinado, respeitar os superiores hierárquicos, tratar com afeição os irmãos de armas e com bondade os subordinados; e dedicar-me inteiramente ao serviço da Pátria, cuja honra, integridade e instituições defenderei com o sacrifício da própria vida.”

Militares condecorados por atos de bravura em combate

► Marechal Waldemar Levy Cardoso

Cruz de Combate 2.^a Classe (CZC2) – 1947

Estrela de Bronze, Estados Unidos (EBr, EU) – Bronze Star (EUA) – 1946

► General de Divisão Moyses Chahon

Medalha Silver Star (Estrela de Prata)

Medalha Sangue do Brasil

Cruz de Combate de 2.^a Classe

Citação de combate do General de Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB, expedida aos 23 de fevereiro de 1945:

“A combatividade, o espírito de sacrifício, a decisão inquebrantável, a elevada compreensão que tem da honra militar, a capacidade de comando reveladas pelo Ten. Chahon, são exemplos dignificantes que desejo pôr em relevo, para os brasileiros que combatem na Itália.”

► Coronel de Artilharia Salli Szajnferber

Cruz de Combate de 1.^a Classe.

O diploma assinado pelo Ministro da Guerra General Pedro Aurélio de Góis Monteiro destaca:

“(...) sua grande coragem, sangue frio e capacidade de ação, durante os encarniçados combates de 14 e 15 de abril de 1945. Progredindo em terreno minado severamente batido por fogo de artilharia, morteiro e armas automáticas, o Ten. Salli cumpriu galhardamente a sua missão de Observador Avançado ajustando com precisão os tiros da nossa artilharia.”

Elogio em Boletim pelo Comandante do Regimento Tiradentes, 11.º RI de São João D’el Rey, Cel. Inf. Delmiro Pereira de Andrade:

“(...) pela bravura e espírito de sacrifício nas duras jornadas de 14 e 15 de abril, junto aos pelotões terrivelmente hostilizados pelo inimigo. A sua calma, a sua competência e a sua bravura pessoal o fizeram credor da admiração de toda a Companhia.”

► **Coronel de Infantaria Alberto Chahon**

Cruz de Combate de 2^a. Classe

► **Ten. R/2 de Infantaria Salomão Malina**

Cruz de Combate de 1^a. Classe

Em extensa citação no diploma, Malina é louvado:

“(...) pela coragem com que comandou seu pelotão, abrindo caminho para a passagem da Infantaria no eixo de ataque através de terreno minado, sob pesado fogo da artilharia e de morteiros alemães, durante o avanço do regimento para a conquista de Montese, uma das maiores glórias da FEB.”

► **Cel. Salomão Naslauski**

Cruz de Combate de 2^a. Classe, por ter, como Capitão Comandante da 2.^a Bateria do 1.^o Grupo de Artilharia 105 mm da FEB, revelado capacidade profissional, sangue frio e coragem nos combates em que tomou parte sua Unidade durante a Campanha da Itália. Concedida pelo presidente da República por decreto de 27 de outubro de 1960.

Algumas histórias

► **Cerimônia dos Náufragos – Quartel do 21 GAC – Niterói-RJ – 17 de agosto**

Todo ano ocorre a Cerimônia dos Náufragos no Quartel do 21 GAC em Niterói-RJ, a cada 17 de agosto, recordando os infames torpedeamentos do Itagiba e Baependy, que transportavam o 4.^o GADo do Rio para Recife. Em 2012, nos 70 anos, compareceram os veteranos da FEB Tenente Israel Rosenthal e Tenente Dálvaro José de Oliveira, este sobrevivente de 2 naufrágios: Itagiba e Arará

Passadas décadas, a Alemanha é hoje uma nação amiga, mas há que recordar o que aconteceu. Desde aquela época, nos quartéis do Rio e Recife, diante do Monumento aos Náufragos, no histórico Forte do Imbuhy e 21.^o Grupo de Artilharia de Campanha, Jurujuba, Niterói – RJ, e no 7.^o Grupo de Artilharia de Campanha, em Olinda – PE, velhos artilheiros, veteranos da FEB e familiares recordam os tripulantes e passageiros que em agosto de 1942 fizeram sua última viagem para jamais retornar, tendo como tumulo os mares verdes do Nordeste. O drapejar da bandeira nacional tremulando sobre a tropa emite um ruído característico, lembrando um navio que corta as ondas.

A mesma bandeira de um país pacífico e ainda rural, que também pontificava sobre os mercantes Itagiba e Baependy. Ainda assim, foram atacados sem aviso, por uma das mais mortíferas e ultramodernas armas da época, o submarino.

Em 2012, decorridos 70 anos, apenas um dos naufragos sobreviventes do glorioso 7.^o Grupo de Artilharia de Dorso pôde comparecer. O jovem soldado Dálvaro viveu momentos de angústia e sacrifício junto com seus camaradas do

7.º Grupo de Artilharia de Dorso (7.º GADo), atual 7.º Grupo de Artilharia de Campanha, em deslocamento do Rio de Janeiro/RJ para Olinda/PE. Filhos e parentes de desaparecidos e sobreviventes também comparecem para prestar mais uma homenagem a memória dos entes queridos, inocentes vítimas de uma ideologia equivocada, contra a qual o Brasil iria se levantar em armas, enviando 25 mil dos seus melhores filhos para o Teatro de Operações Europeu, uma façanha que ainda hoje seria admirável.

A cerimônia é singela mas significativa. O Comandante do 21 GAC, Ten. Cel. Lima, recorda aquela história fantástica, de bravura e desprendimento diante da tragédia. O Comandante da Artilharia Divisionária e Guarnição Federal de Niterói, Gen. Faillace, presta uma emotiva homenagem, ele que no início da década comandou o próprio 7.º GAC de Olinda.

As palavras de ordem são respondidas pela tropa em uníssono, trazendo de volta o eco refletido pelas montanhas que circundam o quartelamento. Jovens soldados entoam a “Canção do Expedicionário”, desfilam com garbo, mesmo os recém-incorporados. Jovens com a fibra do soldado brasileiro que doravante o serão, até o dia em que tiverem que deixar o quartel, do qual jamais se esquecerão.

O desfile é magnífico, o pavilhão nacional e os estandartes tremulando ao vento. As baterias com suas flâmulas vão se distanciando e passam ao lado do nicho onde Santa Bárbara inspira e protege os artilheiros.

O Toque de Silêncio corta os ares, enquanto ao longe se ouvem apenas as turbinas dos aviões distantes. Nesses momentos, nos perguntamos por que tantos inocentes tiveram que pagar com a própria vida pelos desvarios de um despota. Mas se nem ao próprio Patriarca Moisés o Eterno se permitiu dizer por que seu Povo sofria, também nós, simples mortais, jamais teremos esta resposta.

Os velhos artilheiros recordam pensativos os irmãos de armas não mais aqui presentes e aqueles que não voltaram. Não existe consolo, mas suas almas se elevaram pela certeza de que um mundo melhor passaria a existir. Seu sacrifício não foi em vão. Derrotadas as tiranias, uma nova era de democracia e liberdade despontou com a Vitória. Três anos depois, uma pesada barragem de fogo da Artilharia da FEB contra as tropas alemãs encerraria a resposta às agressões sofridas pelo Brasil, com a perda de mais de um milhar de preciosas vidas de inocentes nos torpedeamentos.

A cerimônia vai terminando. Imersos em pensamentos, todos retornam ao mundo do dia a dia, deixando as recordações do passado... Velhos Artilheiros, cumpriram seu dever, honrando a memória da nossa gente. Simplesmente foram soldados do Exército de Caxias, da artilharia de Mallet, a bradar o eterno e sagrado comando, que ecoou em Tuiuti, Fornovo di Taro, e agora em Niterói e Olinda, o Brasão d'Armas do Marechal Mallet (Patrono da Artilharia Brasileira):

Peça, Fogo!!!

Peça Atirou!!!

“Ma Force d'en Haut”

Minha Força vem do Alto

CAPÍTULO 7

Bandeirantes

Mestre de campo Antonio Raposo Tavares, o Bandeirante – 1598-1650

Segundo a eminente Prof.^a Anita Waingort Novinsky¹, uma das maiores autoridades mundiais em marranismo e estudos dos cristãos-novos, há um mistério em torno da vida de Raposo Tavares, bandeirante paulista que expandiu as fronteiras brasileiras às custas dos domínios espanhóis. Entretanto pesquisas recentes acrescentaram um fato novo à história dos bandeirantes: sua possível origem judaica, da qual não se conhecem ainda muitos detalhes. Há relatos que afirmam que ele *avançava em nome da lei de Moisés*, contestando jesuítas, opressão e fanatismo. Afinal, ele e muitos bandeirantes possuíam, efetivamente, parentes presos nas terríveis prisões da “Santa Inquisição”.

A documentação dos inquisidores sobre os hereges brasileiros era enviada ao Provincial da Companhia de Jesus, isso desde a primeira visitação de 1591. Os bandeirantes eram mencionados como judeus, sob epítetos como corsários e facínoras.

Antônio Raposo Tavares, o Velho, nasceu em 1598, em São Miguel de Beja, Alentejo, de origem judaico-portuguesa, tendo falecido em 1658 em São Paulo. Filho de cristãos-novos, chegou ao Brasil em 1618 com o pai, Fernão Vieira Tavares, designado capitão-mor governador da Capitania de São Vicente em 1622. Era assim preposto do Conde de Monsanto, donatário da Capitania de São Vicente. A mãe era Francisca Pinheiro da Costa Bravo.

Com a morte do pai mudou-se a Vila de São Paulo no planalto de Piratininga, passando a integrar expedições para a Captura de índios. Raposo foi criado no Alentejo natal pela madrasta, Maria da Costa, que observava em segredo as festas e tradições judaicas. Capturada pela Inquisição com outros parentes, confessou-se culpada sob tortura, do “crime de judaísmo”.

Raposo tinha 18 anos ao chegar em São Paulo. Em 1628, expulsou os jesuítas do Paraguai e incorporou as terras conquistadas ao Brasil. Além de atacá-los, ainda destruía suas igrejas e imagens. Como se sabe, o judaísmo é uma

¹ NOVINSKY, Anita Waingort (historiadora e professora livre-docente da USP). O judeu Raposo Tavares e os jesuítas, *Folha de São Paulo*, 11 abr. 2013.

religião sem ícones. Um acaso evitou que Raposo fosse entregue à Inquisição: a revolução que dividiu Portugal e Espanha. A ordem real acabou ficando em aberto.

Em 1647, Raposo trilhou uma das maiores expedições realizadas, desbravando a América do Sul e estendendo as fronteiras do Brasil. “Herói de uma das mais famosas façanhas de que guarda memória a história da humanidade” – assim o descreveu Julio de Mesquita Filho. Jaime Cortesão coloca Raposo Tavares como um dos homens que construíram o Brasil.

A mais longa Bandeira de Limites (1648 a 1651) foi empreendida por Raposo Tavares, explorando as bacias dos rios Paraná, Paraguai e Amazonas, até alcançar Gurupá, na confluência do rio Xingu com o delta do rio Amazonas, onde havia um forte erguido pelos holandeses no início do século XVII.²

O Exército muito adequadamente deu a denominação histórica de Regimento Raposo Tavares ao 4.º Batalhão de Infantaria Leve – 4.º BIL, anteriormente 4.º Batalhão de Infantaria Blindada – 4.º BIB) e 4.º Regimento de Infantaria – 4.º RI, de Quitaúna, Osasco/SP, cujo quartel se situa em terras outrora pertencentes ao bandeirante Raposo Tavares.

É oportuno ainda registrar um descendente remoto do bandeirante Raposo Tavares, o Coronel Amerino Raposo, tendo completado 90 anos em 20 de janeiro de 2012. Conceituado pensador militar e membro da AHIMTB,

² SECOMANDI, Elcio Rogerio. A construção de um país “gigante pela própria natureza”. In IV Jornada de Estudos de História Militar, DPHCEX, 14/15 out. 2014.



► Brasão do Regimento Raposo Tavares – 4.º Batalhão de Infantaria Leve – 4.º BIL, de Quitaúna – Osasco/SP, cujo quartel se situa em terras outrora pertencentes ao bandeirante Raposo Tavares. Extraído do sítio da 12.ª Brigada de Infantaria Aeromóvel. Disponível em: <www.bdaamv.eb.mil.br/conteudo.php>



► 4 de maio de 2013 – Estátua de Raposo Tavares no Museu Paulista da USP. Acervo do autor.

integrou a FEB na Itália, tendo comandado a Linha de Fogo em 1945, realizando o Último Tiro da Artilharia Brasileira na 2.^a Guerra Mundial, disparado pelo 1.^o/2.^o Regimento de Obuses 105 Autorrebecado (1.^o/2.^o RO 105 Au R – III Grupo da Força Expedicionária), herdeiro de antigas e tradicionais unidades, hoje aquartelado em Barueri-SP, o 20.^o Grupo de Artilharia Leve – GAC Leve – Aeromóvel, tropa de elite integrante da Força de Ação Rápida Estratégica do Exército.

Coincidências interessantes foram verificadas, como o Regimento Raposo Tavares e o 20.^o Grupo Leve do Cel. Raposo pertencerem à mesma 12.^a Brigada de Infantaria Aeromóvel, sediada em Caçapava/SP; e o brasão de armas do Regimento Raposo Tavares levar as cinco Estrelas de David...

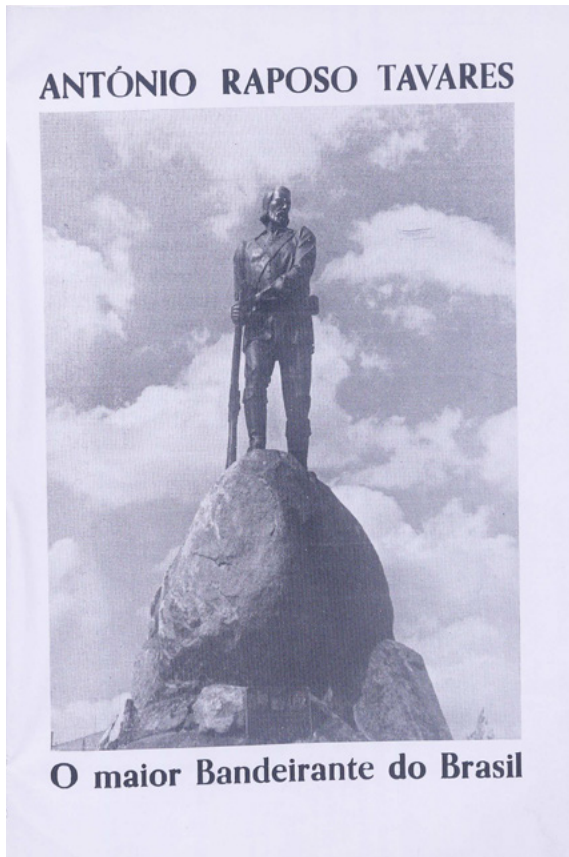
Muitas homenagens foram feitas a estes homens que moldaram os contornos do Brasil de hoje, como nos nomes dados às largas rodovias paulistas que se estendem para oeste, outrora tão bravio: Anhanguera, Bandeirantes, Fernão Dias e Raposo Tavares, seguindo os eixos de penetração daqueles desbravadores.

Os bandeirantes ampliaram os limites territoriais do Brasil e tornaram-se merecedores do majestoso monumento de Becheret, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Estátuas de grande porte de Raposo Tavares podem ser encontradas no Museu Paulista (da USP) e na Avenida Paulista, na calçada do Parque Trianon.

Na estátua do museu pode-se ler:

“Conquistou aos espanhóis o Paraná, Sul de Mato Grosso e Norte do Rio Grande do Sul, Guaira, Itatins, Tapes. Comandou o socorro paulista contra os holandeses em 1639. Aclama D. João em São Paulo. Vence os Andes do Peru, Nova Granada e a Selva Amazônica. Atinge a foz do Amazonas, aí encerrando o maior ciclo de desbravamento de terras americanas.”

A Marinha do Brasil também homenageou o bravo explorador, que chegou até a Amazônia. O navio-patrolha fluvial NPaFlu P21 Raposo Tavares navega nas mesmas águas que o bandeirante desbravou. Subordinado ao Comando da Flotilha do Amazonas, realiza inspeções e patrulhas navais, contando com um helicóptero Esquilo UH-12 e duas LAR – Lanchas de Ação Rápida.



► Estátua de Antonio Raposo Tavares. Cortesia: VA Domingos Savio de Almeida Nogueira, Comandante do 9.º Distrito Naval, sediado em Manaus.

CAPÍTULO 8

Brasil Holandês 1630 – 1654

Introdução¹

Com a instalação da Inquisição em Portugal, muitos judeus fugiram em direção ao norte, para a França, Inglaterra e Holanda. E quando a Companhia das Índias Ocidentais decide enviar uma frota de navios com o objetivo de se fixar na Capitania de Pernambuco, muitos judeus se oferecem para participar da expedição, também como milicianos. O calvinismo se diferenciava do catolicismo porque não matavam seus inimigos de fé. No Brasil, esses judeus se juntaram a outros que chegaram ainda durante o século XVI, período do descobrimento e dos primeiros colonizadores, e se tornaram criadores de gado e proprietários de terras plantando cana-de-açúcar. Um deles era Duarte Saraiva, dono de cinco engenhos e de casas na antiga Rua dos Judeus, uma das quais ao lado daquela onde vivia com a família e transformada na sinagoga Kahal Tzur Israel.

No século XVII, os holandeses invadiram o Nordeste. No Brasil Holandês os judeus puderam então prosperar, na indústria do açúcar e sob a liberdade de crença – em 1636 construindo a primeira sinagoga das Américas, a Kahal Zur Israel (Comunidade Rochedo de Israel) em Recife, a capital holandesa Maurícia, formada por judeus portugueses que vieram de Amsterdã, onde até hoje existe a sinagoga de rito português.

15 de fevereiro de 1630 marcou o início da invasão holandesa com o bombardeio do Recife pela esquadra do Almirante Hendrick Loncq, formada por 50 navios e 7 mil homens a soldo da Companhia das Índias Ocidentais, iniciando o breve período de 24 anos do Brasil Holandês. Em 19 de abril de 1654, eles foram derrotados e expulsos. Assim, em 2014, decorreram 360 anos da data que o Exército Brasileiro escolheu para comemorar o seu dia. Marca também os 360 anos da imigração judaica do Brasil para Nova Iorque, o que foi condignamente

¹ MELLO, José Antônio Gonsalves de. Gente da Nação. *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, Recife, v. 51, 1979. MOURA, Hélio Augusto de. Presença judaico-marrana durante a colonização do Brasil. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, v. 18, n. 2, p. 267-292, jul./dez. 2002.

comemorado naquela cidade pela Sinagoga hispano-portuguesa do Central Park, 2 W 70th Street, a Congregação Shearith Israel (Remanescentes de Israel), cujo primeiro cemitério se situa no sul de Manhattan – é o mais antigo cemitério judeu na América do Norte, em Chatham Square, Chinatown, onde há túmulos de 22 veteranos da Revolução Americana, um dos quais Abraham Seixas, e seu pai, Guershon Mendes Seixas, o primeiro rabino nascido nos EUA.

Durante o período holandês, houve um acentuado progresso e liberdade, interrompendo a vigência da Inquisição, que retornaria nos séculos seguintes.

Conforme Antonio Campos, escritor e advogado², “... graças a influência judaica, o povo pernambucano aprendeu a cultivar, com igual intensidade, o gosto pelo cosmopolitismo e por suas raízes mais profundas, instaurando um forte orgulho regional, tão peculiar nesse efervescente pedaço do Brasil”. Além disso, reconhecidamente exímios comerciantes, os judeus do Recife foram responsáveis diretos pela consolidação da cidade como importante polo comercial no Nordeste do país.

Há quase quatro séculos a Holanda era uma superpotência. Através da West Indies Company, sediada em Amsterdã, o Brasil, colônia de Portugal, estava em seus planos para obter o cobiçado açúcar da cana. A Casa de Orange-Nassau esteve presente no Brasil por breves 24 anos no século XVII, deixando em Recife, antiga Maurícia, o testemunho da sua presença.

A Sinagoga da Rua do Bom Jesus, antiga Rua dos Judeus, fechada há 350 anos pela intolerância, foi reaberta em 2002, enquanto a Sinagoga Portuguesa de Amsterdã, fundada pelos judeus portugueses que do Brasil para lá se dirigiram, se manteve aberta todos esses séculos.

O curto período de governo holandês (1630-1654) teve grande significado para a cultura brasileira, convivendo o elemento português, africano, índio, judeu e holandês em tolerância e liberdade, tornando possível o desenvolvimento em todos os setores da sociedade.

O príncipe Maurício de Nassau (1604-1679) chegou ao Recife em 1637, trazendo escultores, astrônomos, arquitetos, cientistas e pintores, como Franz Post. Aperfeiçoou a produção de açúcar e modernizou a cidade do Recife, construindo canais, diques, pontes e palácios, criou o zoológico, o Museu de História Natural e o Jardim Botânico; e melhorou a qualidade dos serviços públicos.

O historiador Evaldo Cabral de Mello no livro *Nassau – Governador do Brasil Holandês* considera de “mais simpático nele [Nassau] a tolerância religiosa, sendo seus 7 anos nordestinos de maior liberdade religiosa que em qualquer outra parte do então mundo ocidental”.

Entretanto, os portugueses acabaram expulsando os holandeses em 1654, vindo a determinar o fechamento do maior símbolo do judaísmo brasileiro, a Sinagoga Kahal Zur Israel, e a emigração em massa dos judeus para Curaçao, Europa e até uma ilha distante onde fundaram a Nova Amsterdã.

² Ideias, *JB*, 20 fev. 2010, p. L7.

O prédio da sinagoga foi em nome do rei e por alvará do governador Francisco Barreto, de 27 de setembro de 1656, doado a um dos comandantes da rebelião, João Fernandes Vieira. Outro comandante, Henrique Dias, recebeu em doação o cemitério dos judeus, cuja localização exata é desconhecida até os nossos dias.

Os que não escaparam tiveram que se converter para escapar da Inquisição, transformando-se em criptojudeus, praticando o judaísmo em segredo. No interior, escondiam-se das autoridades nas pequenas cidades ou fazendas.

Os cristãos-novos, criptojudeus ou conversos, embora perseguidos pela Inquisição, se tornaram pioneiros no cultivo da cana e na produção de açúcar nos engenhos, mas as perseguições, arrestos, confisco de propriedades e a emigração dos judeus impactaram severamente a economia brasileira, quase paralisando a produção e exportação de açúcar, desarranjando o comércio entre Brasil e Portugal.

Ainda em 1647, a Inquisição prendeu Isaac de Castro, por ensinar ritos e costumes judaicos no Brasil. Mandou-o para Lisboa, onde foi condenado, sendo queimado vivo na fogueira.

A discriminação perdurou até 1773, quando um decreto real finalmente aboliu a Inquisição contra os judeus. Mal imaginavam aqueles sofridos judeus brasileiros que 347 anos mais tarde, em 2002, a velha sinagoga seria reaberta.

Soldados judeus no Brasil Holandês³

O Brasil Holandês perdurou de 1630 a 1654, com a invasão de Olinda e Recife, podendo ser dividido em três fases:

- ▶ 1630-1637 – Resistência ao invasor.
- ▶ 1637-1644 – Administração do Conde e Príncipe João Maurício de Nassau-Siegen – 25 de janeiro de 1637 a 6 de maio de 1644.
- ▶ 1644-1654 – Insurreição pernambucana.

A tolerância religiosa e liberdade de consciência garantida pelo governo de Haia às colônias a serem conquistadas pela Dutch West India Company (Cia. Holandesa das Índias Ocidentais), induziu judeus a participar da expedição ao Brasil em 1629, com 7.180 soldados e marinheiros, e uma frota de 56 navios armada com 1.170 peças de artilharia, tendo os primeiros 3 mil soldados desembarcado em Recife, no Pau Amarelo, aos 15 de fevereiro de 1630.

Conforme o cronista da época, Duarte de Albuquerque Coelho, o judeu Antonio Dias – conhecido como Paparrobalos, que foi por vários anos comerciante em Pernambuco antes de chegar à Holanda –, guiou aquela primeira onda de desembarque, já que o território era ainda desconhecido para as tropas invasoras, compostas por mercenários de várias nacionalidades contratados por três anos. Havia holandeses, alemães, noruegueses, escoceses, judeus e outros⁴.

³ Com subsídios do *paper* de Arnold Wiznitzer, *Jewish Soldiers in Dutch Brazil (1639-1654)*, AJHS – American Jewish Historical Society, PAJHS XLVI, set. 1956, p. 40-50.

⁴ MELLO, José Antonio Gonsalves de. *Tempo dos flamengos*. Rio de Janeiro, 1947, p. 57.

Entre as tropas havia um número não determinado de judeus, os primeiros soldados judeus das Américas, como Moisés [Moseh] Nauarro [Navarro], Antonio Manuel, e Daudid [David] Testa, mencionados em documentos da época. Após o término dos respectivos contratos, os soldados podiam pedir permissão para permanecer no Brasil como *Vrijeluijden* (civis livres), tornando-se comerciantes ou empregados. Moisés Navarro foi um deles, tendo chegado ao Brasil como Cadete Naval (*adelborst*) na Companhia do Capitão Bonnet, e solicitado permissão para se tornar civil em maio de 1635 – vindo a ser um senhor de engenho em *Jurisseca*, na Capitania de Pernambuco, e mais tarde um dos mais ricos e importantes judeus do Brasil Holandês. Sua assinatura consta do Livro de Fundação da Congregação Zur Israel (Rochedo de Israel).

Em 1637, o Conde Johan Maurits van Nassau foi nomeado Governador Geral e Comandante das Operações Militares do Brasil Holandês. Nessa ocasião, todos os civis livres (*Vrijeluijden*) aptos para o serviço militar, inclusive os judeus do Recife, foram incorporados às milícias, formadas por quatro companhias com seus respectivos capitães e estandartes, com um total de 700 homens em Recife e Maurícia, na Ilha de Antonio Vaz (Mauritiópolis ou Maurits Stadt). Os judeus eram dispensados do serviço no Shabat (sábado), tendo que indenizar este privilégio. Entretanto, a partir de 1645, foi necessário suprimir esta folga, em razão do avanço dos portugueses, que terminariam por expulsar os holandeses em 1654. É razoável assumir que uma das quatro companhias da milícia era totalmente judaica. Um dos postos, em um morro de Olinda, situado a uma légua, era conhecido como a Fortaleza dos Judeus, aparecendo em um mapa como “*Excubiae Iudaeorum*”. Era um forte construído com pedras e acessível apenas por uma escada, armado com um canhão. Ao início do avanço lusitano em 1645, os milicianos judeus eram em número de 350, ou seja, metade do total.

Segundo o excelente relato de Johan Nieuhoff, alemão que serviu de 1640 a 1649 na Dutch West India Company no Brasil Holandês, publicado em 1682 em Amsterdã:

“... os judeus, mais do que ninguém, estavam em uma situação desesperadora, preferindo portanto morrer de espada na mão do que enfrentar a fogueira sob o jugo português...”

Não há documentos que permitam avaliar quantos milicianos judeus morreram em combate, mas este número parece ser elevado, conforme se depreende de uma petição das Nações Judaicas de Amsterdã e do Brasil, enviada às autoridades holandesas, datada de setembro de 1653 em Amsterdã, e assinada por Abraham de Azevedo, um dos judeus mais importantes do Brasil Holandês:

“... a Nação Judaica esteve sempre desejosa e vigilante, mantendo guarda dia e noite, como os demais habitantes. Assim sendo, muitos deles foram mortos pelo inimigo em combate...”

O Haham (Sábio) Rabino Isaac Aboab da Fonseca, Rabino-Chefe do Brasil de 1642 a 1654, escreveu em seu famoso poema histórico em hebraico “Zecher Asiti leNiflaot El” (Ergui um Memorial aos Milagres de D’us), composto no Recife em 1646: “(...) Há muitos combatentes em meio a minha Nação.”

Em 1655 (ano hebraico 5415), em Amsterdã, o Rabino Aboab da Fonseca publicou em sua introdução ao trabalho cabalístico de Abraham Cohen Herrera, *Shaar ha-Shamayim* (Portão do Paraíso), que traduziu do original espanhol para o hebraico, as seguintes considerações sobre os eventos recém-ocorridos no Brasil Holandês:

(...) O Senhor realizou o milagre de nos retirar da fornalha do Brasil, do Egito, onde nossos inimigos nos afligiram com zombaria e escárnio. Do lado de fora impera a espada, e dentro o medo. No ano 5406 do calendário hebraico (1645-1646), muitas dificuldades foram suportadas pela amada nação; livros e pergaminhos não seriam suficientes para contar esta história. A Corte Celestial havia decretado que o bando de saqueadores aparecesse, invadindo florestas e campos. Alguns faziam pilhagens, outros caçavam seres humanos, pois o inimigo veio com a intenção de destruir tudo. Este exército e seus oficiais vieram do deserto e do sertão solitário. Alguns [dos judeus] foram mortos e outros morreram de fome e foram se reunir a seus ancestrais, e descansaram em seus locais de repouso [túmulo]. E muitos poucos de nós permaneceram vivos e esperando a morte e vergonha. Comemos como se fossem iguarias em uma mesa de ouro qualquer migalha ou pão seco, sem nenhuma segurança. Mas até isso também se tornou raro em nossos lares, e nada mais restou para se comer ou beber. Os judeus, como de costume, oraram ao Senhor e Ele os ajudou e fez chover maná sobre eles, para que pudessem satisfazer sua fome. Foi um milagre. Depois de muitas dificuldades e males, uma voz do céu ordenou que deveríamos ser totalmente expulsos do país. Alguns nus, outros descalços, partiram nos navios. Porque D’us fez com que eles fossem libertados. O grupo sobrevivente se tornou o Shearith Israel [Remanescentes de Israel].

O Senhor guiou e salvou e animou o espírito dos humilhados e ninguém da comunidade inteira foi perdido. Eu, pessoalmente, estava entre os exilados e o Senhor me fez voltar a este lugar (Amsterdã) para desfrutar o paraíso do estudo da Torá (a Bíblia Hebraica Sagrada – Velho Testamento)...

Deste tocante depoimento legado pelo primeiro rabino do Brasil, podemos concluir que não se tratam de simples coincidências:

a) a primeira congregação judaica em Londres, fundada em 1663, ter sido denominada *Shaar ha-Shamayim* (Portão do Paraíso). Isto porque muitos refugiados do Brasil vieram a se estabelecer em Londres.

b) a primeira congregação judaica fundada na Nova Amsterdã (Nova Iorque), com a chegada dos 23 peregrinos do Brasil, ter sido denominada *Shearith Israel* (Remanescentes de Israel).

Outra interessante constatação daquele valioso escrito do Rabino Aboab da Fonseca, é de que o mesmo se valeu do sentido figurado do termo hebraico *barzel* (ferro) como fornalha de ferro, sinônimo de “lugar de aflição” (vide Reis,

8:51 e Jeremias, 11:4), referindo-se a “Fornalha do Brasil”, uma alusão ao clima tropical do Recife, lugar de aflição para os judeus.⁵

Além da prestação do serviço obrigatório na milícia, 40 judeus apresentaram-se como voluntários para servir na Armada Holandesa sob o comando de um capitão judeu, sendo enviados à Ilha de Itamaracá em 1645.

Portanto, no Brasil Holandês, judeus serviram nas Forças Armadas holandesas em operação no Brasil em três situações:

1. Aqueles que voluntariamente se alistaram em 1629 como mercenários na expedição holandesa que desembarcou em Recife em 1630;
2. Os que prestaram o serviço obrigatório na milícia entre 1645 e 1654; e
3. Aqueles que se apresentaram como voluntários para a Marinha em 1645.

Muitos soldados judeus tombaram em combate. Os judeus sobreviventes que partiram do Brasil em 1654 possuíam, assim, treinamento militar, estabelecendo-se na Holanda, Inglaterra, Nova Holanda (Nova Amsterdã), Ilhas do Caribe e outros locais. Tinham experiência de combate e estavam determinados a lutar pelos seus direitos civis, inclusive o de servir nas forças armadas. Com efeito, participaram na defesa da Nova Amsterdã, sua nova pátria adotiva, como foi o caso de Asser Levy van Swellem.

Quando os representantes dos judeus de Amsterdã, em janeiro de 1655, enviaram uma petição à Diretoria da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, naquela cidade, a fim de obter para os judeus o direito de viajar e residir na nova pátria, a Companhia respondeu:

“(...) é fato, e para sua honra, que a Nação Judaica no Brasil foi em todos os momentos fiel e se esforçou para proteger e manter esse lugar, para tanto arriscando os seus bens e o seu sangue (...)”

Novas descobertas arqueológicas recentes em 2013⁶

Em agosto de 2013, foram encontradas no Recife/PE, as ossadas de 80 indivíduos, todos homens, jovens adultos e adultos, entre 15 e 50 anos, enterrados individualmente, com os pés voltados para o leste, os braços ao longo do corpo, sem vestígios de quaisquer adereços como botões, fivelas, sapatos, vestimentas e caixões, mas sepultados diretamente na terra, como manda a tradição judaica. Próximo ao local dos sepultamentos, os arqueólogos encontraram um objeto cuja frente e verso ostentam uma *menorá*⁷ e uma estrela de David, descritos num texto a respeito das descobertas como “ícones judaicos”.

Os esqueletos, em perfeito estado de conservação, foram descobertos durante as escavações para a construção de um conjunto habitacional no

⁵ N. do A. – Independente do texto do Rabino Aboab, consta que a semelhança fonética entre Barzel e Brasil tem levado a especulações sobre possíveis origens da denominação dada ao nosso país como tendo origem hebraica.

⁶ Revista *Hebraica*, n. 66, abr. 2014.

⁷ Candelabro para sete velas, o mais antigo símbolo judaico.



► Evidências de um cemitério da época colonial no Pilar, bairro do Recife/PE. Escaneamento em 3D de sepultamento. Foto cedida por: A. Pessis, A. C. P. T. Ramos, A. M. Pereira Filho, G. Martin, I. P. da Costa, M. X. G. de Matos, S. F. S. M. da Silva, S. Ferraz. Participação especial de Tânia Kaufman e Gustavo Wanderley, do Núcleo de Pesquisa do Acervo Histórico Judaico de Pernambuco. AHJPE – Museu Sinagoga Kahal Zur Israel.

bairro do Pilar, no Recife, considerado de interesse histórico e, de acordo com a legislação municipal, foram acompanhadas por arqueólogos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O laboratório de genética humana da universidade realiza os exames de DNA mitocondrial e a Fundação Museu do Homem Americano (Fumdhm) e a Fundação Seridó, no Piauí, especialistas em pesquisa arqueológica, vão se ocupar de análises biomoleculares, carbono 14 e outras, para conhecer o modo de vida dos indivíduos e saber se a morte deles está relacionada a eventos de guerra ou a epidemias. Quanto à origem deles, já se sabe tratar de europeus e brancos. A maioria dos esqueletos está com a arcada dentária intacta.

À página 26 do longo documento a respeito dessa descoberta, lê-se:

“Há indícios de que o cemitério, achado durante as escavações arqueológicas do Pilar, poderia pertencer a uma comunidade judaica do século XVII ou, também, tratar-se de soldados judeus de uma tropa holandesa.”

Em artigo publicado na revista *Clio de Arqueologia*, da UFPE, a professora Tânia Neumann Kaufman assinala que os milicianos de origem judaica e as ossadas encontradas no Recife podem ter relação com os muitos judeus que se incorporaram aos contingentes militares que se dirigiam às colônias holandesas. Alguns se alistaram como mercenários na Holanda, em 1629, e outros prestaram serviço obrigatório nas milícias organizadas em quatro companhias

e comandadas pelo governador-geral e chefe das operações militares no Brasil Holandês, Maurício de Nassau.

Documentos de origem judaica fazem referência aos serviços prestados pelos judeus em defesa do Brasil Holandês e nos quais pedem tratamento igual para 40 soldados judeus que viajaram com objetivos militares não especificados com destino à ilha de Itamaracá na barca do judeu Simão Slecht.

Mesmo antes da chegada dos holandeses (1642-1654), havia muitos judeus sefarditas por toda a Capitania de Pernambuco, e apesar da resistência dos calvinistas à presença judaica, as lideranças da comunidade de então contornavam as restrições diretamente com o governo holandês. A liberdade de culto e a inserção econômica atraíram centenas de judeus espalhados pelo interior da Capitania ao Recife, superpovoando a cidade que se expandiu enormemente na região entre os rios Capibaribe e Beberibe. A derrota dos holandeses para as forças portuguesas obrigou os judeus a uma espécie de retorno ao interior da Capitania de Pernambuco e em direção às outras capitanias, ao norte, sul e oeste do Brasil, isto é, quanto o mais possível distante das garras da Inquisição, o que explica judeus em vilas, freguesias e povoações da Bahia, Alagoas e Sergipe.

Conclusão

Foi, portanto, no Brasil onde se formaram as primeiras unidades militares judaicas combatentes desde a tomada de Jerusalém e da Terra Santa pelas legiões romanas de Tito, com a queda do Templo em Jerusalém, no ano 70 d.C., e a consequente dispersão dos judeus pelo mundo, gerando a diáspora.

Eram soldados e marinheiros judeus que falavam português, pois eram portugueses, emigrados para Amsterdã e de lá vindos para o Brasil. Pela primeira vez em 16 séculos, judeus pegavam novamente em armas em defesa da



► Frente e verso de fragmento de artefato metálico identificado durante as escavações nas proximidades dos sepultamentos. Observar ícones judaicos no artefato. Foto cedida por: A. Pessis, A. C. P. T. Ramos, A. M. Pereira Filho, G. Martin, I. P. da Costa, M. X. G. de Matos, S. F. S. M. da Silva, S. Ferraz. Participação especial de Tânia Kaufman e Gustavo Wanderley, do Núcleo de Pesquisa do Acervo Histórico Judaico de Pernambuco. AHJPE – Kahal Zur Israel.



► 2014 – Sinagoga Portuguesa de Amsterdã, fundada pelos judeus que partiram do Brasil em 1654 após a expulsão dos holandeses. Verdadeira catedral judaica, imensa, profunda, janelas altas, até hoje iluminada por velas, sem utilizar a luz elétrica. Nela pregou o primeiro Rabino do Brasil, Isac Aboab da Fonseca, que em 1675 construiu a sinagoga monumental, à feição do Templo de Salomão em Jerusalém, a maior do mundo na época. Abriga a biblioteca Etz Haim, a Árvore da Vida, mais antigo repositório judaico existente. O coro da sinagoga entoava até hoje cânticos luso-judaicos. A língua portuguesa está presente em placas e inscrições, e nos livros de orações. Acervo do autor.

sua liberdade, da liberdade de crença, de não serem obrigados a seguir a religião do rei.

A opção judaica pelo lado holandês era clara, eis que os calvinistas garantiam liberdade de crença a católicos e judeus. Do lado português havia de se esperar apenas a perseguição da Inquisição com suas torturas cruéis e as fogueiras.

Até soldados cristãos-novos que defenderam o lado português, permanecendo na colônia mesmo após a expulsão dos holandeses, foram vítimas de denúncia. Entre esses homens havia os que judaizaram publicamente no Recife, frequentando a sinagoga, sendo a Inquisição informada desses fatos. Resolveram ficar, mesmo correndo risco, vivendo normalmente entre os católicos, inclusive frequentando as igrejas.⁸

Gaspar Gomes foi remetido da Bahia à Inquisição de Lisboa, chegando a seus cárceres em janeiro de 1643. Era natural de Arraiolos, e daí vinham as denúncias que pesavam contra ele – ao todo 33 pessoas, em sua grande maioria de parentes. Todo seu processo transcorreu tendo por base as denúncias de criptojudaísmo, e nada lhe foi perguntado sobre os anos que passou no Brasil servindo como soldado. Acabou sendo queimado em 10 de julho de 1644.

⁸ SILVA, Marco Antônio Nunes da. *O Brasil holandês nos cadernos do promotor: Inquisição de Lisboa, século XVII*. – São Paulo, 2003. 393 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo.

O soldado Manoel da Silva foi um outro exemplo de alguém preso na Bahia e remetido a Lisboa, julgado apenas tendo por base os “crimes” que havia cometido quando ainda morava na metrópole, mais especificamente na vila de Arraiolos. Entregue nos cárceres inquisitoriais em fevereiro de 1644, ouve sua sentença num auto público nesse mesmo ano, em 10 de julho, sem dizer uma única palavra sobre o tempo que estivera servindo no Brasil.

Os inquisidores mostraram-se interessados apenas em que ele confessasse que havia judaizado quando ainda morava em Arraiolos, e pedisse perdão. Como ele satisfez estas exigências, ao menos conseguiu salvar sua vida, sofrendo apenas a humilhação de ser exposto em um auto de fé.

Um outro soldado enviado do Brasil, acusado de bigamia, foi Mateus Delgado da Costa, a quem os inquisidores ignoraram o fato de ter estado na região dominada pelos holandeses, lutando contra eles. Será questionado apenas sobre o fato de se ter casado duas vezes, sendo a primeira esposa ainda viva. Após ser repreendido, ouviu sua sentença no auto celebrado em 10 de julho de 1650, sem dizer uma única palavra sobre os anos que lutou contra os holandeses no Brasil.

Em março de 1643, deu entrada nos cárceres mais um soldado, Manoel de Matos, este também preso na Bahia. A história é praticamente a mesma, e como Manoel da Silva, também estava sendo julgado pelo criptojudaísmo que havia observado em Arraiolos. Ouve sua sentença em 12 de julho de 1644, e os inquisidores ignoraram o fato de que talvez ele – como todos os outros – tivesse judaizado também na colônia, ou então soubesse de pessoas que o fizessem. Porém, nada disso foi considerado, e ele não foi importunado nesse sentido.

Assim, os judeus jamais poderiam em sã consciência participar do movimento que segundo algumas correntes historiográficas assinala os primórdios



► 2012 – Mapa do Teatro de Operações Pernambucano da Guerra Brasileira contra a Holanda invasora. Acervo do autor.

do nacionalismo brasileiro, com brancos, africanos e indígenas lutando pela expulsão do invasor.

As forças portuguesas foram lideradas pelos senhores de engenho André Vidal de Negreiros (mameluco nascido na Paraíba) e João Fernandes Vieira (mestiço da Ilha da Madeira criado no Brasil); pelo afro-descendente Henrique Dias (brasileiro filho de escravos); pelo índio brasileiro da tribo Potiguar Felipe Camarão (Potiguaçu ou Poti); e por Antonio Dias Cardoso e Matias de Albuquerque, estes dois de possível origem de cristãos-novos.

João Fernandes Vieira, de origem portuguesa, era mulato e trabalhou para um abastado comerciante judeu ligado à DWIC (Cia. Holandesa das Índias Ocidentais)

As lutas culminaram com a derrota e partida definitiva dos holandeses, cujas datas mais significativas foram:

- ▶ 1645 – Insurreição Pernambucana – Batalha do Monte das Tabocas (hoje Vitória de Santo Antão).
- ▶ 1648-1649 – Batalhas dos Guararapes, vencidas pelos luso-brasileiros.
- ▶ 1654 – Capitulção do Campo do Taborda no Forte das Cinco Pontas em Recife.

Em função desses acontecimentos, a data de comemoração do Dia do Exército, mais conhecido como Dia do Soldado, foi mudada de 25 de agosto, dia do nascimento do Patrono Duque de Caxias, para 19 de abril, data da Batalha de Guararapes, assinalando o berço da nacionalidade e do Exército Brasileiro. Para essa mudança certamente contribuiu o ato do então General João Baptista Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB – Força Expedicionária Brasileira, que ao retornar vitorioso da Itália, dirigiu-se ao Monte Guararapes em 9 de julho de 1945 para a deposição dos louros da vitória, como a fazer uma ligação entre os dois eventos.

Por Decreto de 24 de maio de 1994 assinado pelo Presidente da República Itamar Franco e pelo Ministro do Exército Zenildo de Lucena, foi criado o “Dia do Exército Brasileiro”, a ser comemorado em 19 de abril, data da Primeira Batalha dos Guararapes, travada em 1648, e data da criação do Parque Histórico dos Montes Guararapes, em 1971. Coincidência ou não, o Ministro Zenildo é natural de São Bento do Una/PE.

Entretanto, segundo outras correntes de historiadores, embora o termo Pátria tenha constado do pacto dos chefes da Insurreição Pernambucana para expulsão dos holandeses, a *motivação* não teria sido patriótica, política ou nacionalista, mas sim econômica, movida pelo interesse dos senhores de engenho, nem havia *tropas regulares portuguesas em operação*. As causas teriam sido puramente econômicas e comerciais.

Desta forma, esta corrente não aceita o dia 19 de abril como assinalando o nascimento do Exército Brasileiro, como é comemorado hoje em função do decreto específico, uma vez que os comandantes das tropas eram portugueses e a

tropa não era integralmente formada de brasileiros, pois havia além dos indígenas, negros escravos e portugueses.

Note-se ainda que, em fevereiro de 1641, a restauração do trono português, com Portugal e Holanda aliando-se em guerra com a Espanha deveria trazer como consequência natural à cessação de hostilidades no Brasil. Com efeito, celebrou-se um armistício de 10 anos, em que Portugal reconhecia a conquista pela Holanda dos territórios de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, e os batavos se comprometiam a não expandir suas ações para outras áreas.

Apesar do armistício – desrespeitado por ambos os lados –, os pernambucanos mantiveram a luta contra os invasores. D. João IV, rei de Portugal, velada e modestamente, manteve o apoio aos insurgentes nordestinos. De Salvador foi enviado o sargento-mor Antônio Dias Cardoso, exímio especialista em combate de guerrilhas, com a missão de organizar e treinar secretamente o exército luso-brasileiro, fortalecido com as tropas do índio Felipe Camarão e do negro Henrique Dias.

Assim, a revolta que expulsou os holandeses foi motivada essencialmente pelos antigos portugueses senhores de engenho, que perderam suas terras para os invasores, e as queriam de volta. Aceitar que portugueses, índios e negros teriam se unido em condições de igualdade e fraternidade para expulsar o invasor holandês convive com verdades históricas irrefutáveis, como a caça aos índios nos sertões, o tráfico negreiro e a continuidade de índios e negros como cidadãos de segunda classe após a restauração do domínio lusitano, apesar da dita “nacionalidade forjada”.



► 2012 – Vista do PHNG – Parque Histórico Nacional dos Guararapes, no local onde se desenrolaram as 1.ª e 2.ª batalhas, vendo-se ao fundo os prédios ao longo da praia. Acervo do autor.



► 2012 – Ten. Cel. Carlos Daroz, professor do CMR faz uma apresentação no modelo reduzido do Mirante do PHNG para a comitiva de antigos alunos do CPOR participantes do XIV ENOREx. Acervo do autor.

Esta tese, de que os invasores foram expulsos pela união heroica de portugueses, índios e negros foi revista por Evaldo Cabral de Mello, em sua obra *O negócio do Brasil* (Cia. das Letras), na qual prova que os portugueses entregaram em pagamento 63 toneladas de ouro para que os batavos deixassem Pernambuco. Especialista em Brasil Holandês e História de Pernambuco, em outubro de 2014 o conceituado historiador e diplomata de 78 anos, irmão de J. C. de Mello Neto (1920-1999), foi eleito para a vaga de João Ubaldo na Cadeira 34 da Academia Brasileira de Letras.

O Brasil independente veio, pois, a surgir apenas 168 anos depois da expulsão dos holandeses, em 7 de setembro de 1822.

Especulações poderiam ser levantadas a partir da hipótese de uma eventual derrota portuguesa. Um Brasil colonial holandês teria sido melhor? Se judeus não tivessem partido do Recife para a Nova Amsterdã, hoje a cidade poderia ser uma Nova Iorque?

Fica a avaliação ao prudente critério do leitor.

Breve relato sobre a comunidade judaica do Recife Holandês⁹

Um dia foi Maurits Stadt. Emoldurada pelo mar e pelos rios, já faz quase quatro séculos que os holandeses partiram, após escassos 24 anos fantásticos, que deixaram sua marca na História do Brasil.

⁹ BLAJBERG, Israel. Notas de viagem a Recife por ocasião do XV ENOREX 2013 e lançamento de *Soldados que vieram de longe*.

A pequena sinagoga Kahal Kadosh Zur Israel, a Santa Congregação Rochedo (Recife) de Israel. Suas portas e paredes servem de mudas testemunhas do quanto pode a insensibilidade humana. Com a partida dos judeus, ficou perdida através dos séculos, até que José Antonio Gonsalves de Mello, o maior estudioso do tempo dos flamengos, a quem devemos o resgate do solo sagrado daquela Casa de orações.¹⁰

Tangidos pela intolerância, a Gente da Nação, de que falava Gonsalves de Mello, teve que partir. Mas aqui já haviam formado a primeira unidade militar judaica a entrar em combate desde a queda do Templo de Salomão no ano 70 d.C., quando as legiões romanas conquistaram Jerusalém. Anteriores ao regimento do Coronel Berek Joselewicz, que lutou com Tadeusz Kocziusko, e ao Zion Mule Corps de Trumpeldor e a Jewish Brigade, da 1.^a e 2.^a Guerras Mundiais. Soldados que falavam português, sob a bandeira da Casa de Orange-Nassau, também lutando pela liberdade, e pelo direito de seguir a Lei de Moisés, e não a religião do rei. Legaram ao Brasil a tecnologia dos engenhos, e a crença nos seus valores universais. Se hoje temos a bioenergia verde do álcool, a eles não pouco devemos.

Mas aquela gente sofrida afinal venceu, eis que a Inquisição desapareceu na poeira dos tempos. E aqui estamos novamente. Decorridos séculos, continuamos poucos, mas orgulhosos, muito orgulhosos de pertencer à Nação Brasileira.

Os Rolos da Lei foram dali removidos há séculos. Transformada em museu, por dentro a sinagoga, embora pequena, revela-se majestosa em sua simplicidade, e impressionante capital simbólico, herança de uma época incrível quando judeus conviveram lado a lado com os calvinistas, sem medo da *Santa* Inquisição e das visitasões do *Santo* Ofício.

Vencidos os batavos, aos grandes comerciantes, esteios da Cia. das Índias Ocidentais e aos judeus, o Mestre de Campo General Francisco Barreto de Menezes apenas como favor se lhes permite receber dívidas, levar algum ouro e prata, o que fora proibido ao povo em geral.

Aqueles judeus de Recife nunca imaginaram... mas um dia em terras brasileiras haveriam governantes justos e humanos – aos 18 de março de 2002, Fernando Henrique Cardoso adentraria a pequena sinagoga, para inaugurá-la novamente, seguido, anos depois, no 27 de janeiro, Dia Internacional da ONU para a Recordação do Holocausto, por Lula e Dilma, a escutar no salão as mesmas rezas, as mesmas inscrições reproduzidas, como que a simbolizar a continuidade judaica. Para um povo que há milênios espera a chegada do Messias da Casa de David, 400 anos não significaram tanto assim... Apenas seis meses depois do tenebroso 11 de setembro de 2001, ocorrido naquela Nova Amsterdã para onde seguiram 23 judeus do Recife, que lá reconstruíram sua sinagoga, onde até hoje se ouvem as mesmas rezas pelo rito português sefardita.

¹⁰ MELLO, José Antonio Gonsalves de. *Gente da Nação: cristãos-novos e judeus em Pernambuco, 1542-1654*. Recife. Fund. Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 1989. 552 p.

Nossos irmãos se foram, mas acabaram retornando. Os judeus de Recife se espalharam pelos quatro cantos do mundo civilizado de então.

A sua busca por um lugar onde pudessem acreditar em seu Deus sem ter que prestar contas ao rei, em que a vida sexual não fosse pecado, em que pudessem praticar sua religião livremente, os levaram a um Novo Mundo, e assim muito ajudaram a lançar as bases da nossa sociedade civilizada.

A Humanidade tanto deve aos que percorrendo seus caminhos, partiram de Maurits Stadt sem saber que um dia seus descendentes tão importante papel desempenhariam nos negócios, nas artes, na cultura, nas ciências, e que afinal haveriam de retornar ao Brasil novamente contribuindo para fazer deste país uma grande nação, onde nas veias de tantos de seus filhos ainda corre um infinitésimo do sangue do remoto antepassado cristão-novo. E que podem se orgulhar disso.

Comentários¹¹

No Brasil Holandês, já em 1637, a população judaica se tornara tão numerosa que conseguiu arrendar espaço para duas sinagogas, onde os cultos públicos foram celebrados. Como exemplo da tolerância religiosa, consta que no exército regular holandês havia uma milícia na qual os judeus eram isentos da guarda aos sábados, em deferência aos seus “escrúpulos de consciência”. Tinham, entretanto, que pagar uma certa quantia por este privilégio.

Ocupavam importante posição na indústria açucareira e na arrecadação de impostos (63% dos negócios de arrecadação no Brasil Holandês)

Os resultados da pesquisa de Anita Novinsky mostram que havia cristãos-novos ao lado dos holandeses, como havia cristãos-velhos, porém em número incomparavelmente menor do que do lado dos portugueses, e que os cristãos-novos educados na Bahia constituíam um elemento cultural diferente daqueles educados no judaísmo na Holanda ou daqueles que viviam na comunidade judaica do Recife. Cristãos-novos e velhos teriam apoiado a causa holandesa ou portuguesa não por motivos religiosos ou políticos, mas, principalmente, econômicos.¹²

Ante a contínua ameaça dos holandeses, o governador pediu aos senhores de engenho e lavradores mais ricos que construíssem por sua própria conta barcos para ajudar a socorrer os engenhos do Recôncavo, pois a Coroa não estava em condições de fazê-lo e, havendo ataque, os senhores de engenho deviam acudir a cidade com esses barcos e ainda com negros e remeiros. Encontramos diversos cristãos-novos atendendo ao pedido do governador, além de Mateus Lopes Franco e Diogo Ulhoa, e ainda Domingos Alvarez de Serpa, Antônio Dias de Morais, Diogo Correa do Sande etc. (Novinsky, na obra citada, p. 126-127)

¹¹ NOVINSKY, Anita. *Cristãos-novos na Bahia*. São Paulo: Perspectiva, 1972

¹² GRUMAN, Marcelo. *Individualismo, família e projeto: negociando identidades em casais formados por judeus e não judeus*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional – PPGAS, 2006. 369 p.

Sobre o “Grão Mestre da História de Pernambuco e do Nordeste” José Antônio Gonsalves de Mello¹³

Tempo dos Flamengos – nos arquivos dos Países Baixos, onde pôde consultar a farta documentação da Companhia das Índias Ocidentais, empresa responsável pela conquista do Nordeste brasileiro, na qual estão incluídos milhares de manuscritos da maior importância para o entendimento de nossa história social. Documentação notarial existente no Arquivo Municipal de Amsterdã, onde se conservam vários documentos relativos à Comunidade Judaica do Recife.

Gonsalves de Mello chegou à livre-docência da Real Universidade de Utrecht e recebeu a Ordem de Orange-Nassau, no grau de oficial, outorgada pela Rainha Juliana, sem esquecer o Portugal da Ordem Militar de Cristo e a Academia Portuguesa da História, na qual se iniciou como correspondente, chegando a acadêmico da cadeira 37.

Em Gente da Nação. Cristãos-Novos e judeus em Pernambuco 1542-1654, Gonsalves de Mello veio superar a si próprio no seu afã de descobrir a verdade no complicado quebra-cabeças da pesquisa histórica

José Antônio Gonsalves de Mello fez jus aos títulos não apenas “o grão-mestre da história de Pernambuco e do Nordeste”, como também “o mais vigilante guardião dos valores que ela encerra”.

Na noite chuvosa de 18 de março de 2002, estava a Rua do Bom Jesus engalanada para festejar a reconstituição da Sinagoga Kahal Kadosh Zur Israel (Santa Comunidade Rochedo de Israel), a primeira em funcionamento nas três Américas.

A ausência de José Antônio Gonsalves de Mello turvava a solenidade. Tudo que ali acontecia devia-se, tão somente, a ele. Sem a sua obstinação de pesquisador, sem o denodo do seu trabalho diuturno, sem o seu desprendimento pelas coisas materiais, sem os seus constantes estágios em arquivos de Portugal, Holanda, Espanha e Inglaterra, nada daquilo que estava ocorrendo poderia acontecer.

Só a José Antônio, somente a ele, se deve os estudos reveladores acerca do passado da comunidade judaica de Pernambuco e a identificação dos dois prédios da Rua do Bom Jesus, no bairro do Recife, onde, entre 1636 e 1654, funcionou a primeira sinagoga das Américas.

Somente com a confrontação da planta do início do século passado, existente no arquivo da Empresa de Urbanização do Recife – URB, encontrada pelo arquiteto José Luiz da Mota Menezes, foi novamente confirmada a identificação do local da Sinagoga Zur Israel do Recife, e escavada pelo arqueólogo Marcos Albuquerque do Laboratório de Arqueologia da UFPE.

Era tão grande a paixão de José Antônio pela causa que, ele mesmo, se considerava um judeu. O sonho de José Antônio foi finalmente realizado.

Ele, porém, dois meses antes, no dia 7 de janeiro de 2002, deixou o nosso convívio em busca da eternidade, deixando três filhos: Diva Maria Gonsalves de Mello, Maria Dulce Gonsalves de Mello e Ulysses Pernambucano de Mello, neto, não assistiu a conclusão de suas obras, mas nos deixou seu riquíssimo legado.

¹³ Oração de posse do Cel. Claudio Skora Rosty na Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

Concluo este trabalho reafirmando a minha alegria de ter sido distinguido para ocupar tão significativa cadeira especial de José Antônio Gonsalves de Mello.

Traços e itinerário da fulgurante vida desse insigne pernambucano tentei mostrar, mas suas obras aí estão, para serem consultadas e seguidas, como guia aos pesquisadores. Ele foi a imagem do historiador completo, por engajar-se de corpo e alma nas pesquisas e é para todos nós, este momento, um momento de grande sorte por nos reunirmos agora, aqui neste auditório do Arquivo Nacional, em torno do autor e de sua obra: Tempos dos flamengos.

Após as palavras do novo acadêmico, o Cel. Bento, Presidente da Academia, cumprimentou o Cel. Rosty pela brilhante exposição sobre essas duas brilhantes figuras: José Antônio Gonsalves de Mello e o Prof. Dr. Frederico Pernambucano de Mello, personalidades com quem conviveu em 1970 e 71 no Recife, por ocasião da construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes (PHNG) e na elaboração do seu livro *As Batalhas dos Guararapes*: descrição e análise militar.

CAPÍTULO 9

A Marinha no Império

Capitão-Tenente Leão Amzalak (1859-1919)¹

Na Marinha do Império, Leão Amzalak foi o primeiro judeu de que se tem conhecimento, filho de Isaac Amzalak, da Bahia, e irmão das três beldades – Simy, Esther e Mary Roberta – que Castro Alves imortalizou em alguns de seus poemas.

Leão sentou praça como Aspirante em 1879; acompanhou seu colega de turma o príncipe Dom Augusto na visita a Portugal, a bordo do encouraçado Solimões. Segundo-Tenente em 1886, Primeiro-Tenente em 1889, foi transferido para a reserva em 1894, devido à sua participação na Revolta da Marinha.

Em 1900, era Capitão-Tenente, servindo na Biblioteca da Marinha e no Museu Naval, ingressando depois na Marinha Mercante.

O sobrenome Amzalak é de origem berbere ou árabe, significando “Calvo”, este muito comum entre judeus sefarditas e cristãos-novos.

Isaac Amzalak, judeu português, chegou à Bahia entre 1829 e 1832, para abertura de uma filial da firma Amzalak & Irmão, provavelmente localizada em Lisboa. Homem muito rico, rapidamente adquiriu projeção na sociedade da Bahia, tendo entre seus amigos mais próximos o Marquês de Paranaguá e o Barão de Cotegipe.

Escreveu um memorial narrando o cerco à cidade da Bahia durante a Guerra da Sabinada e suas ações em favor das forças da lei e da Revolução de 7 de novembro de 1837. O memorial foi reeditado por volta de 1924, no Rio de Janeiro, com a permissão de seu neto, Dr. Isaac da Costa Mesquita.

Casou-se na Bahia com Hannah Levi, aos 29 do mês de Av de 5604, pelo calendário judaico, correspondendo a 14 de agosto de 1844.

O casal residia em uma bela casa com grande varanda na rua Sodré. Quis o destino que fossem vizinhos de Castro Alves, que encantado com a beleza das filhas do casal, escreveu poemas memoráveis inspirado nelas, um hino à beleza da mulher judia, como “Hebreia”.

¹ Com subsídios de D.^a Frieda Wolff, Abecassis, Eng. José Maria, *Genealogia Hebraica* em 5 volumes, Lisboa, 1990 e PERNIDJI, Joseph Eskenazi: *A saga dos cristãos-novos*, Rio de Janeiro: Imago, 2005, 216 p.

Isaac Amzalak fez amigos na Corte Imperial, visitando o Rio de Janeiro com frequência.

O *Jornal do Commercio* de 6 de junho de 1871 registrou a notícia de um “Appello” à população da cidade para ajudar os judeus perseguidos pelo czar da Rússia, assinado por uma comissão de seis eminentes israelitas. De acordo com o editor, era a prova do grande espírito ecumênico da população do Rio de Janeiro. O coração judaico de Amzalak não lhe permitia esquecer os sofrimentos de seus irmãos, cruelmente assassinados nos pogroms da Rússia.

Depois de relatar os suplícios dos infelizes judeus russos, continua o apelo:

“O único modo, pois, de mitigar os sofrimentos dos israelitas – que, na Rússia, depois de terem consumido a vida no trabalho honesto, tomando parte na comunhão de boas obras sempre que a humanidade o exigia, agora foram forçados a deixar ali tudo quanto possuem, menos de que pode dispor qualquer sectário de qualquer religião – é socorrê-los pecuniariamente”.

O Capitão-Tenente José Carlos de Carvalho, casado com a viúva Simy Henschel, filha de Isaac Amzalak e irmã do membro do comitê Abraham Amzalak, contribuiu com 100 mil réis.

Isaac Amzalak faleceu aos 6 de fevereiro de 1872, a bordo de um vapor que se dirigia a Santo Amaro/BA, sem que os dois médicos a bordo pudessem salvá-lo. Teve a morte instantânea dos justos, e seu desaparecimento foi profundamente sentido na sociedade local.

Leon Amzalak casou-se com D.^a Leocádia Pereira de Souza Barros, filha de Manuel Pereira de Souza Barros, o Barão de Vista Alegre.

Entre seus filhos, podemos citar o General Oscar de Barros Amzalak e Marina de Barros Amzalak, que trabalhou no Ministério das Relações Exteriores – Itamaraty e tornou-se secretária do presidente Getúlio Vargas.

O General Oscar de Barros Amzalak casou-se com D.^a Honestália Reis Frattini. Membros da família e seus descendentes vivem em Três Corações/MG, onde um Amzalak é professor de matemática na universidade local.

Nos arquivos do casal Wolff, temos notícia de outro judeu na Marinha, Elias Liverman.

Elias era turco, 27 anos, foguista a bordo do encouraçado Solimões desde 1882, onde também serviu o Cap. Leão Amzalak. Naturalizado em 11 de abril de 1885. Em 18 de março de 1885, o Comandante em Chefe da Esquadra emitiu atestado de bons antecedentes em seu favor.

A história de Castro Alves com a família Amzalak

▶ Hebreia, a musa sefardita de Castro Alves²

Castro Alves, um dos mais talentosos poetas brasileiros, nasceu na Bahia em 1847 e se engajou desde muito cedo na campanha pelo fim da escravidão negra

² Com informações do Prof. Dr. Luiz Benyosef.

em nosso país. Aos 19 anos, em Salvador, apaixonou-se perdidamente por uma jovem de rara beleza que residia em uma casa localizada bem em frente à sua, na Rua do Sodré. Ao que tudo indica, teria sido um amor platônico e o poeta saberia apenas que sua musa inspiradora era filha de Isaac Amzalak, membro de tradicional família judaica de origem marroquina.

Em homenagem à amada o jovem Castro Alves compôs um de seus mais belos poemas, que denominou “Hebreia”.

*Pomba d'esperança sobre um mar d'escolhos!
Lírio do vale oriental, brilhante!
Estrela vésper do pastor errante!
Ramo de murta a recender cheirosa!...
Tu és, ó filha de Israel formosa...
Tu és, ó linda, sedutora Hebreia...
Pálida rosa da infeliz Judeia
Sem ter o orvalho, que do céu deriva!
Por que descoras, quando a tarde esquiva
Mira-se triste sobre o azul das vagas?
Serão saudades das infindas plagas,
Onde a oliveira no Jordão se inclina?*



► Mary Roberta Amzalak, a musa de Castro Alves, uma das três filhas de Isaac Amzalak. Foto extraída de publicação do casal Egon e Frieda Wolff.

*Sonhas acaso, quando o sol declina,
 A terra santa do Oriente imenso?
 E as caravanas no deserto extenso?
 E os pegureiros da palmeira à sombra?!...
 Sim, fora belo na relvosa alfombra,
 Junto da fonte, onde Raquel gemera,
 Viver contigo qual Jacó vivera
 Guiando escravo teu feliz rebanho...
 Depois nas águas de cheiroso banho
 Como Susana a estremecer de frio –
 Fitar-te, ó flor do babilônio rio,
 Fitar-te a medo no salgueiro oculto...
 Vem pois!... Contigo no deserto inculto,
 Fugindo às iras de Saul embora,
 Davi eu fora –, se Micol tu foras,
 Vibrando na harpa do profeta o canto...
 Não vês?... Do seio me goteja o pranto
 Qual da torrente do Cédron deserto!...
 Como lutara o patriarca incerto
 Lutei, meu anjo, mas caí vencido.
 Eu sou o lótus para o chão pendido.
 Vem ser o orvalho oriental, brilhante!...
 Ai! guia o passo ao viajor perdido,
 Estrela vésper do pastor errante!...*

A morte pressentida

Pouco tempo depois de ter composto essa belíssima poesia, Castro Alves viria a falecer, vítima de tuberculose pulmonar, em uma época em que não havia tratamento eficaz para combater a doença. Apesar de ter morrido bastante jovem, com apenas 24 anos, conseguiu produzir uma das mais expressivas obras poéticas em língua portuguesa, onde se destacam “Navio negreiro”, que serviu de bandeira para a causa abolicionista, “Hebreia”, uma ode ao amor, e “Mocidade e morte”, em que pressentia a chegada do fim nos pungentes versos “Eu sei que vou morrer. Dentro em meu peito um mal terrível me devora a vida”...

Quem teria sido Hebreia?

O casal de pesquisadores Egon e Frieda Wolff se apaixonou pela história e procurou identificar a musa do grande poeta por intermédio da trajetória dos Amzalak rumo ao sul do país. Descobriu que na cidade de Três Corações, Minas Gerais, existiam descendentes dessa família, e pediram ao geofísico Luiz Benyosef, que possuía parentes residindo no Triângulo Mineiro, para ajudá-los a elucidar essa importante questão.

Para Luiz Benyosef, pesquisador do Ministério de Ciências e Tecnologia que havia desenvolvido um sensor eletrônico para pesquisar reservas subterrâneas de minerais, acostumado, portanto, a procurar agulha em palheiro, a tarefa



► Leão Amzalak, Capitão-Tenente da Marinha do Brasil.
Foto extraída de publicação do casal Egon e Frieda Wolff.

não parecia assim tão difícil. Entrou em contato com o ramo dos Amzalak que residia em Três Corações e que guardava, com muito carinho, antigas fotos de família. Contemplou uma das imagens, amarelecida pelo tempo, e foi logo perguntando, assim meio de sopetão: “Qual dessas pessoas era a musa de Castro Alves?”. Todos apontaram para o rosto de uma bela jovem e, em uníssono, responderam: “Essa era a paixão secreta do poeta!”. Estavam se referindo a uma das três filhas de Isaac Amzalak, de nome Mary Roberta – Mary Roberta Amzalak, a musa de Castro Alves

CAPÍTULO 10

O Exército no Império

Os efetivos do Exército eram pequenos, mercê, entre outras causas, do êxodo dos militares portugueses que integravam suas fileiras. Carecendo de completar o efetivo do Exército, o imperador fez uso de mercenários, comuns à época, particularmente para lutar no Prata. Criou, em 8 de janeiro de 1823, o 1.º Regimento de Estrangeiros, composto de Estado-Maior, um batalhão de granadeiros e dois batalhões de caçadores, com 834 homens cada. Em 1825, foi criado o 2.º Batalhão de Granadeiros.

O recrutamento era problemático. Para entrar no Exército as praças deviam ser de “raça pura”, ou seja, brancos. Os pardos e negros só serviam nas Tropas Auxiliares (Milícias e Ordenanças), as quais foram extintas posteriormente para que o parlamento criasse a Guarda Nacional, *“uma organização militar que, ao contrário das antigas forças auxiliares coloniais, não era subordinada à administração central, o controle da tropa era dado aos juízes de paz”*.

As preferências se estendiam aos oficiais: “No fim do Primeiro Reinado, apesar da Independência e do retorno para a Europa de um grande número de oficiais portugueses, dos 44 generais em serviço no Exército, apenas 16 deles, um pouco mais de um terço, eram brasileiros”. Os brasileiros eram, em sua maioria, limitados ao posto de Capitão. A preferência era entrar na Guarda Nacional.

Conforme sua lei de criação, as corporações deveriam ser organizadas e subordinadas às autoridades locais. Seu serviço de pessoal era obrigatório e abrangia os homens maiores de 18 anos que tivessem renda superior a 200 mil réis, com exceção dos militares de terra e mar, as autoridades locais, os maiores de 50 anos, os reformados da Marinha e do Exército e os inaptos para o serviço. Cabe ressaltar que os que não quisessem fazer parte dessa força militar podiam indicar substitutos de boa procedência. Em 10 de setembro de 1860, outro Decreto-Lei referente à Guarda Nacional foi promulgado, com a determinação de que todos os cidadãos filhos de estrangeiros que possuíssem renda superior a 200 mil réis eram obrigados a servir na Guarda Nacional.¹

¹ NASCIMENTO, Luiz Augusto Rocha. *Preparação logística para a Guerra da Tríplice Aliança: A organização do 1.º Corpo do Exército Imperial Brasileiro*. Trabalho de conclusão de Curso de Especialização em História Militar – UNIRIO/IGHMB.

Poucos judeus serviram no Exército durante o Império, uma vez que a população era muito pequena, da ordem de 2 mil almas, neste número incluídas mulheres, idosos e crianças, o que reduzia ainda mais o quantitativo passível de incorporação.

É possível, e até provável, que alguns judeus estrangeiros tivessem participado da Guerra da Tríplice Aliança, uma vez que houve o alistamento de estrangeiros, que eram aceitos desde que em boas condições físicas, contando entre 18 e 50 anos.

É conhecido o caso dos soldados germânicos, mercenários em sua maioria, contratados em 1851 pelo governo do Brasil para lutarem na guerra contra Oribe e Rosas. Como reclamavam muito do soldo e das condições em que viviam, além das características da língua, estranha aos ouvidos luso-brasileiros, receberam a alcunha “Brummer”, que pode ser traduzido como “resmungão”.²

Um caso conhecido é o que ora passamos a relatar:

Capitão Ludwig (Luis) Hartwig Brie (1834-1917)³

Nascido em Hamburgo, em 1834, chegou ao Rio de Janeiro em 1852 aos 18 anos de idade, em consequência do levante da Escola Militar daquela cidade, conseguindo então ser incorporado como cadete em uma unidade de artilharia formada por alemães.

Alistou-se como voluntário na expedição do Gen. Justo, que combateu contra Rosas, integrando as forças brasileiras incorporadas sob o comando de Urquiza, e no próprio campo de batalha, em Monte Caseros, foi promovido a sargento pela valentia demonstrada em combate. Distinguiu-se na Batalha de Cáceres.

Após sua desmobilização, Brie se estabeleceu no comércio em Buenos Aires, tendo posteriormente se alistado novamente, na Guerra contra o Paraguai, já agora do lado argentino, atendendo ao chamado da pátria adotiva. Ao término do conflito (1865-1870), ostentava a patente de Capitão, tendo sido condecorado.

Em 11 de dezembro de 1871, diante do juiz Andrés Ugarriza, Brie adotou a cidadania argentina, convertendo-se assim no primeiro cidadão legal argentino a professar a religião judaica abertamente.

Sua dedicação e cultura motivaram o General Rivas a nomeá-lo seu secretário particular em Montevidéu, onde mais tarde foi o Capitão dos Portos.

Voltou a vestir a farda em 1874 e 1890, sempre em defesa do governo constitucional argentino, por ocasião de revoluções.

² DILLENBURG, Fabricio Gustavo. Batalhão de Voluntários da Pátria n.º 33 (33.º Corpo de Voluntários da Pátria) – Núcleo de Estudos de História Militar. *Vae Victis in O Tuiuti* n. 86, ago. 2013 – órgão de divulgação das atividades da AHIMTB/RS e IHTRGS; LEMOS, Juvêncio Saldanha. *Os mercenários do imperador: a primeira corrente imigratória alemã no Brasil (1824-1830)*. Porto Alegre: Palmarinca, 1993.

³ FEIERSTEIN, Ricardo. *Historia de los judíos argentinos; A Columna, 1917.*

Contraiu núpcias por duas vezes com distintas damas argentinas de religião católica, uma delas Rudecinda de Los Ríos, continuando na sua religião. Durante 14 anos (1895-1898 e 1904-1915) dirigiu os destinos da primeira organização comunitária judaica, da qual era cofundador, a Congregação Israelita da Argentina.⁴

Em 1894, havia presidido a Sociedade do Cemitério Israelita Chevra Kadisha (sociedade funerária), e em 1897 aderiu à primeira entidade sionista constituída no país. Pertenceu também à Maçonaria.

Faleceu aos 83 anos, como servidor do Estado, ocupante de elevado cargo na Administração Pública. Como judeu observante, dispôs expressamente que seus funerais fossem realizados sob o estrito rigor ritual do culto israelita.

⁴ Casal WOLFF. *Dicionário Biográfico II* – Judeus no Brasil – séc. XIX, p. 78.

CAPÍTULO 11

Guarda Nacional¹

A Guarda Nacional foi uma força paramilitar organizada por lei no Brasil durante o período regencial, em agosto de 1831, para servir de “sentinela da constituição jurada”; e desmobilizada em setembro de 1922.

Em 1864, a Guarda Nacional consistia em 212 comandantes superiores e um grande quadro de oficiais. Contava com 595.454 praças, distribuídos na artilharia, cavalaria, infantaria e infantaria da reserva. Em contraposição, o exército regular nessa época contava com 1.550 oficiais e 16 mil praças.

Durante a Guerra do Paraguai, a Guarda Nacional teve participação importante, haja vista que do efetivo total de cerca de 123 mil soldados, 59.669 seriam provenientes da Guarda Nacional.

A Guarda Nacional foi perdendo espaço com o advento da República, cuja instalação se deu por conta do Exército, historicamente oposto à Guarda.

Foi transferida em 1892 para o Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Em 1918, passou a ser subordinada ao Ministério da Guerra, através da organização do Exército Nacional de 2.^a Linha, que constituiu de certo modo sua absorção pelo Exército. Sua última aparição pública foi no 7 de setembro de 1922, quando do desfile pela independência do Brasil na cidade do Rio de Janeiro, marcando aquele, também, o ano de sua oficial desmobilização.

A Guarda Nacional tinha por missão legal “defender a Constituição, a liberdade, a independência e a integridade do Império”. Todo homem livre com mais de 18 anos, possuidor de um certo patrimônio, pertencia à Guarda, mas a ascensão hierárquica dependia da posição social da família, e da renda compatível com a taxa cobrada para promoção aos altos postos do oficialato, o que possibilitava somente aos capitalistas, grandes fazendeiros e altos funcionários, chegarem a major, tenente-coronel e coronel. Os famosos coronéis que dominaram a política do país.

Este modo de escolher os comandantes nos municípios e nas províncias – pela influência da família, do partido, da pressão social – e o pagamento das patentes é que, nos seus últimos anos, tornaram a Guarda Nacional menos respeitável.

¹ DONATO, Hernani. *História dos usos e costumes do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 2005, p. 287, 304.

Porém, no apogeu do regime monárquico, era preciso pertencer à “Briosa”, como era conhecida, pela participação em todas as revoluções e guerras externas, inclusive a do Paraguai – além de missões de escolta de presos e transporte de valores, e de substituir o Exército, como força auxiliar, nas guarnições de fronteira. Segundo o historiador Américo Jacobina Lacombe, a Guarda “foi a arma salvadora da unidade nacional(...) foi com essa força que o governo venceu as tormentas da desagregação e da anarquia”.

O moço que ao chegar aos 18 anos não dispusesse, por si ou por seu pai, de renda bastante para se inscrever na Guarda Nacional estava rebaixado para a Guarda Policial, destinada a combater salteadores, atacar quilombos, caçar escravos fugitivos. Assim, a vida ficava muito mais difícil para tal jovem, em um tempo em que a escalada social exigia enormes esforços.

A Guarda Nacional em seu período de maior expressividade chegou a contar com um efetivo de 600 mil homens da Infantaria, Cavalaria e Artilharia, com mais de duas centenas de comandos de Oficial Superior. Gozava de efetiva importância política até ser enquadrada pelo Ministério da Guerra, por ocasião da Guerra da Tríplice Aliança.

Com o advento da República, a Guarda Nacional novamente passou a estar subordinada ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, entretanto, era apenas uma sombra do que havia sido no passado. Em 1918, retorna ao Ministério da Guerra, como a Tropa de 2.^a Linha do Exército, entretanto, vinha perdendo espaço, caminhando naturalmente para sua paulatina extinção, o que acabou ocorrendo sem maior alarde.

Depois do último grande evento de que participou com destaque, o Desfile do Centenário da Independência do Brasil, em 1922, ainda foram nomeados oficiais da instituição, mas, de qualquer modo, ela foi extinta.

Tenente-Coronel Francisco Leão Cohn

Oficial da Guarda Nacional, teve atuação brilhante como Ajudante de Ordens, Quartel-Mestre Geral e Comandante do 6.^o Batalhão de Caçadores.

Seguiu para a Guerra do Paraguai no comando de um dos batalhões do primeiro contingente do Rio de Janeiro, o 1.^o Batalhão de Voluntários da Guarda Nacional do Rio de Janeiro, em 1865, recebendo a bandeira das mãos do imperador D. Pedro II, ao embarcar.

O *Diário do Rio de Janeiro* de 10 de maio de 1843, publica a seguinte declaração:

“S. Ex. o Sr. Tenente General Commandante Superior da Guarda Nacional da Côrte manda convidar aos Srs. officiaes da sobredita guarda, para comparecerem na quarta-feira 10 do corrente às 5 horas da tarde no Imperial Paço da Cidade para cumprimentarem a S. Alteza Real o Sr. Príncipe de Joinville.”

Quartel General do Commando Superior da Guarda Nacional, em 9 de maio de 1843.

Francisco Leão Cohn, Ajudante d’Ordens.



► 27 de fevereiro de 1865 – Ao embarcar para Montevidéu, o Tenente-Coronel da Guarda Nacional da Corte, Francisco Leão Cohn. O Comandante, à frente do 1.º Batalhão de Voluntários da Guarda Nacional do Rio de Janeiro, presta as honras regulamentares ao Imperador, dele recebendo a Bandeira na ponte de embarque. Acervo de Frieda Wolff e *Jornal do Commercio* de 28 de fevereiro de 1865.

Vinte anos mais tarde, Francisco Leão Cohn alcançou a patente de tenente-coronel.

Ligado à corte imperial, Francisco Leão Cohn, como Ajudante de Ordens do Comandante da Guarda Nacional da Corte, costumava assinar as ordens do dia sobre todos os assuntos atinentes ao Quartel-General, como sobre o “feliz consórcio de S.A.I. a Sra. Princesa D. Januária, com S.A.I. o Sr. Príncipe Conde d’Áquila”, sobre o “aniversário da maioridade de S.M. o Imperador”, “convida para o beijar mão de SS.MM. e AA. II. pelo motivo de ser o aniversário do feliz natalício de S.A.I. o Sr. D. Luiz Carlos Maria, Príncipe das Duas Sicílias e Conde d’Áquila” e as grandes paradas da Independência.

Uma carreira de destaque²

Francisco Leão foi admitido na firma do pai em 1833. Era filho de Leão Cohn, provavelmente o primeiro judeu chegado ao Brasil depois da Abertura dos Portos. Ao menos em 1810, Leão residia no Rio de Janeiro e era desde 1809 um dos mais honrados corretores de gêneros alimentícios da cidade. Era casado com D.^a Teresa de Jesus, talvez descendente de Maria de Jesus ou de outra carioca, Leonor de Jesus, ambas judaizantes.

Em 1842, Major e Ajudante de Ordens do Comandante da Guarda Nacional, assinou nessa qualidade a maioria das Ordens do Dia.

² Com subsídios de WOLFF, Egon e Frieda, *Jornal Israelita*, Rio de Janeiro, 5/4/79. Arquivo do autor.

No mesmo ano, foi nomeado para o cargo de Quartel-Mestre Geral, sem afastamento das funções de Ajudante de Ordens, “lugar este, que, pela maneira hábil e inteligente com o que tem sempre desempenhado, faz tornar o mesmo Major cada vez mais digno de minha estima e de bem merecidos elogios”, como se expressou o Comandante da Guarda Nacional, Tenente-General Lázaro José Gonçalves.

Era também colaborador da *Gazeta Oficial* e exerceu as funções de primeiro escriturário e ajudante da Guarda-Mor da Alfândega do Rio. Por ocasião do aniversário do imperador em 1849, foi contemplado com a Ordem da Rosa, no grau de Cavaleiro.

Em 1858, foi designado Comandante do 6.º Batalhão de Caçadores; em 1862 alcançou o posto de Tenente-Coronel. Ao irromper a guerra com o Paraguai, a Guarda Nacional foi convocada e o Tenente-Coronel Francisco Leão Cohn foi designado Comandante do primeiro contingente do Rio de Janeiro.

A Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado da América do Sul, entre Paraguai e a Tríplice Aliança, formada pelo Brasil, Argentina e Uruguai, de dezembro de 1864 a março de 1870. Em dezembro de 2014 comemoraram-se os 150 anos do seu início.

No dia 27 de fevereiro de 1865, embarcou a tropa para se unir em Montevideú ao Exército Brasileiro. O imperador e sua comitiva dirigiram-se para a ponte de embarque, onde foi entregue a Bandeira.

O *Diário do Rio de Janeiro*, de 28 de fevereiro de 1865, assim descreveu o embarque da tropa:

“No Arsenal de Marinha achavam-se com S. M. o Imperador, os seus Semanários, Ministros da Justiça e da Marinha, Ajudante-General do Exército, Presidente da Província do Rio de Janeiro, Inspetor do Arsenal e diversos oficiais do Exército e da Marinha.

O Batalhão com seu Comandante à frente prestou as honras regulamentares ao Imperador.

Sua Majestade, depois de receber a continência da tropa, dirigiu-se com toda a comitiva para a ponte de embarque. Ali realizou-se a entrega da Bandeira, e nessa ocasião, dirigindo algumas palavras afetuosas ao Sr. Tenente-Coronel Cohn, disse-lhe Sua Majestade, que confiando-lhe aquele penhor esperava que com ele voltasse triunfante. O Sr. Tenente-Coronel Cohn respondeu que ou cumpriria o voto do Imperador ou ficaria sem vida no campo da batalha.”

De Montevideú, logo depois da sua chegada, em 7 de março, dirigiu uma carta ao então Ministro da Justiça, o Conselheiro Furtado, a primeira comunicação ao seu protetor.

Montevideú, em 7 de março de 1865.

Ilmo. e Exmo Sr. Conselheiro Francisco José Furtado, Presidente do Conselho, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça.

Aqui cheguei no dia 5 do corrente tocando em Santa Catarina, para receber o contingente do Batalhão do Depósito, com 227 praças, por conseguinte, a força com que desembarquei foi a seguinte:

<i>Guarda Nacional da Corte</i>	294 praças
<i>Deposito de Santa Catarina</i>	227 praças
<i>Corpo Policial de Niterói</i>	109 praças
<i>1.º de Fuzileiros da Corte</i>	7 praças
TOTAL	637 praças

No dia 5 desembarquei esta força no Cerro a 3 léguas desta cidade.

O Sr. General em Chefe, Osório, veio ao meu encontro. O corpo policial seguiu a se unir ao que já aqui se achava, assim também as 7 praças de Fuzileiros, e as 227 do Depósito.

A Guarda Nacional acampou, porém nesse monte não se pode armar barracas por que não trazíamos as pás e os preparos: tivemos de dormir, tendo por cama a relva e por cobertor o luar e as estrelas, isso foi para irmos nos acostumando.

Tendo hoje recebido ordem, levantei o meu acampamento do Cerro e vim aquartelar perto de Montevidéu, com a 5.ª Brigada de Linha, justamente o lugar em que os Srs. Blancos haviam preparados fortes, trincheiras e barricadas –, Bem sabiam eles que teriam elas de nos servir.

A Guarda Nacional sob meu comando está nas melhores disposições e com o maior entusiasmo. Vamos principiar os exercícios já, 2 vezes por dia –, o que seria muito e muito necessário, era a vinda dos 500 homens que me faltam para completar a força de meu Batalhão –, Por esta ocasião eu escrevo ao Sr. General Comandante Superior, para ele arranjar a remessa de um instrumental para uma banda de música, é quase que uma necessidade.

A nossa viagem do Rio de Janeiro a esta cidade foi magnífica, os Guardas foram muito bem tratados pelo que o Sr. Alcanforado, Comandante do vapor, tornou-se digno de bem merecido elogio.



Exmo. Sr. – Desculpe-me V.^a Ex.^a que eu aproveito esta ocasião para lhe pedir uma vez se dignar conceder-me a sua proteção, sem ela, o que será de mim e fiado é que eu marchei.

V.^a Ex.^a lembra-se que me prometeu que me ia dar promoção posto de Coronel, estou quase convencido que esta hora, tal tem sido a sua bondade, que lhe devo desde já agradecer-lhe esta graça.

Felizmente tenho a glória de dizer a V.^a Ex.^a que os Srs. Comandantes e Oficiais do Corpo da Linha procuram ser-nos úteis, já com instrução, já com outro trabalhos – e com essa coadjuvação muito tenho conseguido.

Meus Oficiais estão extremamente contentes e satisfeitos – sofrem com a maior resignação todos os incômodos, como se a eles já estivessem habituados. Daqui a 2 meses assegurou a V.^a Ex.^a não terei vergonha de apresentar o meu Batalhão onde quer que seja – A S. Majestade o Imperador ao saber estas minuciosidades julgo ser-lhe há muito satisfatório. Por isso muito pedia a V.^a Ex.^a o especial favor de patentear ao tão Augusto Monarca estas lisonjeiras novas.

Desculpe-me V.^a Ex.^a, que assim tomei parte do precioso tempo de que V.^a Ex.^a dispõe, e ansioso aguardo as suas ordens.

Deus guarde V.^a Ex.^a

*Quartel do Comando do 1.º Batalhão de Voluntários
da Guarda Nacional do Rio de Janeiro, em 7 de março de 1865.
Francisco Leão Cohn – Tenente-Coronel.*

Para melhor entendimento do papel desempenhado pelos Voluntários da Pátria, louvamo-nos em *O Tuiuti* – informativo oficial da AHIMTB/RS.³

À medida em que a espontaneidade da população caía, os presidentes das províncias foram incumbidos de providenciar voluntários para preencher as cotas necessárias de combatentes contra o Paraguai.

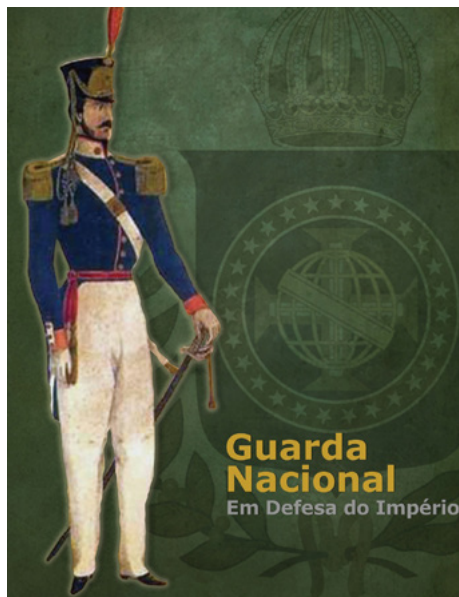
Os Corpos de Voluntários da Pátria (CVP) foram criados em face da necessidade de tropas para a Guerra da Tríplice Aliança (Guerra do Paraguai) pelo Decreto Imperial nº 3.371, de 7 de janeiro de 1865. O Brasil passava a contar então, além das tropas de 1.^a e de 2.^a linhas e das unidades da Guarda Nacional (GN), com os Voluntários.

Essa mobilização teve por finalidade inicial formar reservas para as forças terrestres, mas, conforme o Subtenente Osório Santana Figueiredo, “dada à sua disciplina e vontade combativa, tanto quanto os batalhões efetivos (...) logo foram designados para a frente de combate”.

A participação dos CVP se deu do início ao fim da Guerra do Paraguai. As perdas por morte foram imensas, mas não só dos VP, e sim como característica trágica, drástica e dolorosa daquela guerra, de ambos os lados.

Osório Santana Figueiredo refere que foram 57 os CVP, tendo sido comandados por oficiais do Exército Brasileiro (EB) ou da Guarda Nacional (GN), sendo aceitos homens entre 18 e 50 anos de idade em todo o Brasil.

³ GIORGIS, Cel. Luiz Ernani Caminha. *Os Corpos de Voluntários da Pátria: sua estruturação, organização e atuação na Guerra do Paraguai.*



► Fuzileiro da Guarda Nacional; ao fundo, bandeira do Império. Foto de capa do n.º 82 de *O Tuiuti*.

Por ocasião da invasão do Rio Grande do Sul pelas tropas paraguaias ao comando do Tenente-Coronel Antônio de La Cruz Estigarribia, no 2.º semestre de 1864, o imperador ouviu de seu Conselho de Estado que não deveria ele, como monarca, se deslocar à região invadida, tendo D. Pedro II dito o seguinte: “Se a Constituição o impedia de marchar como Chefe da Nação, não o impedia o Conselho de abdicar, e seguir como simples Voluntário da Pátria”.

E, assim, quando da criação dos CVP, ele se autoproclamou como o primeiro dos voluntários.

O 1.º CVP foi organizado no Rio de Janeiro. Seu primeiro comandante foi o Tenente-Coronel João Manoel Menna Barreto. Do 2.º ao 7.º, que foram os primeiros, originaram-se do Rio de Janeiro (dois), da Bahia (um), mais três do Rio e um de São Paulo, respectivamente.

Afinal, Francisco realizou seu sonho tornando-se Coronel da Guarda Nacional.

Morreu no Rio de Janeiro, estando enterrado no Cemitério São João Batista.

Sua participação em um momento histórico⁴

Um desenho foi publicado pela *Semana Ilustrada*, representando a partida para a guerra do 1.º BIGNCRJ – 1.º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional da Corte do Rio de Janeiro, embarque ocorrido a 26 de fevereiro de 1865. O Imperador D.

⁴ DUARTE, Gen. Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. BIBLIEX, v. I, 1981, p. 185.

Pedro II entrega, no cais do Arsenal de Marinha, o Pavilhão Nacional ao porta-bandeira da unidade, Comendador Espírito Santo, vendo-se ao lado em continência o Ten.-Cel. Cmt. Francisco Leão Cohn.

Foi essa tropa, com três companhias, que partiu para o sul com a designação de Guarda Nacional, em vez de Corpo de Voluntários da Pátria. Chegando em Montevidéu, em 11 de março, o Gen. Osório mandou incluir o 1.º BIGNCRJ na 5.ª Brigada, pela Ordem do Dia n.º 6 de 11 de março de 1865. Em 10 de maio, foi mandado remanejar para a 10.ª Brigada. Afinal, estando o Exército acampado junto a Vila de Concórdia, segundo a Ordem do Dia n.º 52, as três companhias foram incorporadas ao 14.º Batalhão de Linha, que passou a contar então com oito companhias, sob o comando do Major José Martini.

Ficou, então, o Ten.-Cel. Cohn sem unidade para comandar, tendo que regressar ao Rio de Janeiro. Não restaram claras na bibliografia as razões que determinaram a dissolução e incorporação ao Exército da única Unidade de Infantaria que partira para a Campanha do Paraguai com a designação de Guarda Nacional.

Major Arthur Dieudonné Haas

Em 1877, um judeu participou da construção da nova capital de Minas Gerais: Belo Horizonte.

Trata-se do alsaciano Arthur Dieudonné Haas que, recém-casado com Mathilde Liebmann, transformou tudo o que pertencia a ele em material de construção, viajando com sua jovem esposa até a aldeia de Nossa Senhora da Boa Viagem do Curral del Rei, fundando lá a firma A Construtora. E, inaugurada no local, Belo Horizonte cooperava ativamente no desenvolvimento da cidade.

Foi cofundador da Associação Comercial como também da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, introduziu o primeiro moinho de vento em BH, o primeiro automóvel Ford e, mais tarde, devido ao antissemitismo explícito de Ford, os automóveis Chevrolet, fundando o Automóvel Clube. Levou o primeiro avião para o aeroporto da cidade, este planejado e construído por sua iniciativa.

Major da Guarda Nacional, membro do Conselho Deliberativo da Santa Casa de Misericórdia, custeou seu primeiro ambulatório e, sempre judeu, ajudou na construção de igrejas e outras instituições católicas. O nascimento de seu filho Alberto foi o primeiro registrado na nova capital; sua filha Rosa casou-se com Wolf Klabin, cofundador da importante firma dos nossos dias e pai dos irmãos Israel, Daniel Miguel e Armando Klabin, que continuam a obra do pai. A Casa Arthur Haas, de Belo Horizonte, continua também até os dias de hoje, dirigida agora pelos seus netos, filhos do filho Luiz.

Capitão Leão Zagury⁵

Nasceu em Rabat, Marrocos em 1864. Chegou ao Amapá em 1879 com 15 anos de idade, trazendo mercadorias dos armazéns dos seus conterrâneos e negociando

⁵ Entrevista com o neto do Cap. Leão Zagury, Dr. Leão Zagury, em seu consultório de Ipanema, em 1.º de fevereiro de 2011.



► Cerca de 1908 – Capitão Leão Zagury. Foto extraída do livro *Personagens ilustres do Amapá*, de Coaracy Sobreira Barbosa.

em Macapá, Bailique e Mazagão. Dez anos depois de uma vida agitada, montou seu estabelecimento comercial, onde vendia de tudo. Casou-se com a jovem Sarah Roffé, natural de Tânger, Marrocos, filha do abastado comerciante Abraão Roffé. Dessa união nasceram Isaac, pai do médico Leão Zagury, renomado endocrinologista no Rio de Janeiro, Esther, José, Eliezer, Issac, Syme, Meryan, Abrão, Moisés e Ana. Isaac possuía uma concessionária Ford em Macapá, e dois outros filhos vieram para o Rio de Janeiro estudar. Naturalizou-se brasileiro em 13 de outubro de 1904. Recebeu a patente de Capitão da Guarda Nacional em 13 de agosto de 1905. D.^a Sarah, sua esposa, naturalizou-se brasileira em 5 de outubro de 1945. O Capitão Leão Zagury teve uma atuação importante em Macapá, fazendo parte do grupo formado pelos Coronéis Coriolano Jucá, José Serafim Gomes Coelho, José Antônio Siqueira, o jornalista Mendonça Júnior do jornal *Pizona* e uma plêiade de ilustres militares. Fundou a primeira farmácia com o primeiro farmacêutico amapaense, seu filho José Zagury; colaborou com o padre Júlio Maria Lombaerd na fundação da escola infantil, do internato feminino e do teatro. O Capitão Leão Zagury faleceu repentinamente no ano de 1930, deixando marcada a sua passagem na história do Amapá como um homem de bem e ilustre personagem do então território federal.⁶

O esteio maior dos judeus no Amapá foi plantado por Leão Zagury, que lá chegou com sua esposa Sara Roffé Zagury⁷ em fins do século XIX oriundo de Marrocos, chegando a receber patente de Capitão pela defesa do solo brasileiro na Fortaleza de Macapá, marco histórico da conquista portuguesa na Amazônia. Seu diploma da Guarda Nacional, com data de 13 de agosto de 1906 está exposto no museu daquela cidade.

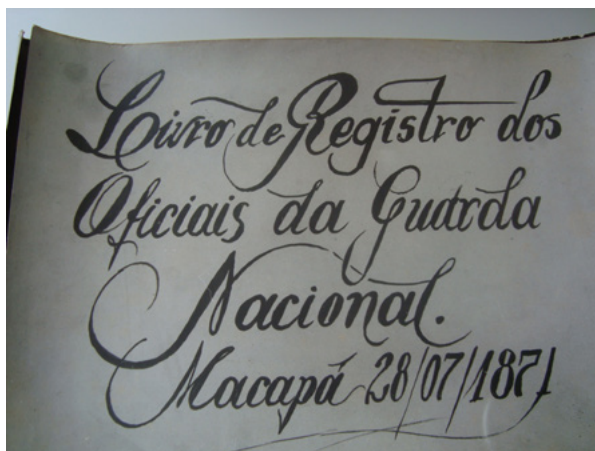
⁶ BARBOSA, Coaracy Sobreira. *Personagens ilustres do Amapá*, v. II, SEAD – Departamento de Imprensa Oficial, Macapá, ago. 1998, p. 101-102.

⁷ Minha Sinagoga, <http://www.comiteisraelitodoamapa.com.br/cronicas.php?id=11>, por Ruben Bemerguy, Presidente do Comitê Israelita do Amapá.



► Carta-patente assinada pelo Presidente da República Afonso Penna atestando a nomeação por Decreto, de 13 de agosto de 1906, de Leão Zagury para o posto de Capitão Assistente da 6.ª Brigada de Infantaria da Guarda Nacional da Comarca de Macapá do Estado do Pará. Foto cedida pelo Dr. Leão Zagury, neto do Capitão Leão Zagury.

Seu neto Ruben Bemerguy, recorda a sua Sinagoguinha em Macapá, capital do antigo Território Federal do Amapá, situada no alpendre da casa da sua tia Esther Zagury Bemerguy, onde uma grande mesa retangular nas festividades judaicas abrigava toda a comunidade em volta da Torá. Festividades comemoradas com fervor pelas poucas famílias, os Zagury, Bemerguy, Alcolumbre,



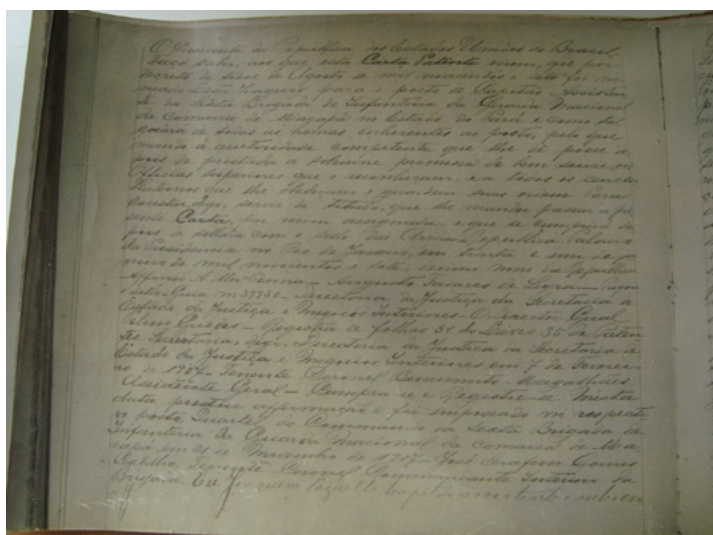
► Capa do Livro de Registro dos Oficiais da Guarda Nacional de Macapá, aberto em 28 de julho de 1871. Foto cedida pelo Dr. Leão Zagury, neto do Capitão Leão Zagury.



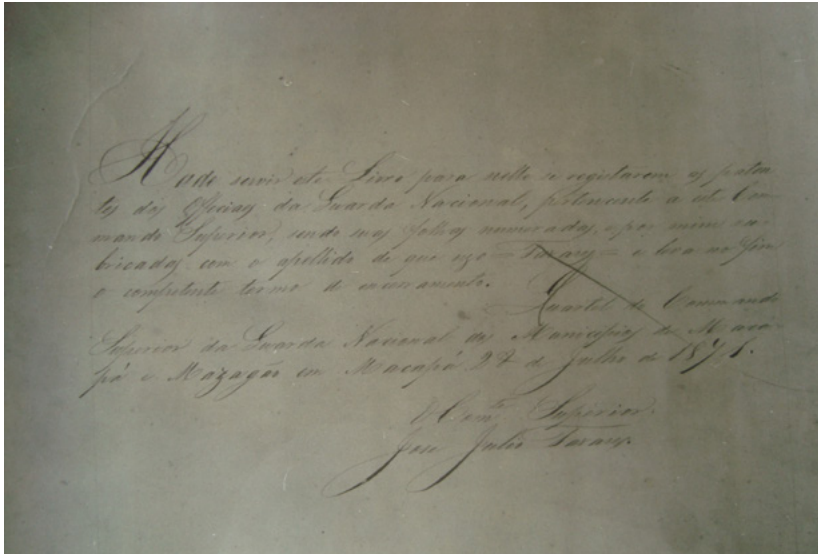
► Página de abertura do Livro de Registro dos Oficiais da Guarda Nacional de Macapá. Foto cedida pelo Dr. Leão Zagury, neto do Capitão Leão Zagury.

Peres, Benoliel, Barcessat, Amar, todos descendentes de sefarditas marroquinos que fugiram das perseguições para tentar a vida num novo mundo melhor.⁸

⁸ Dr.Simão Arão Pecher: Imortal da Academia Brasileira de Médicos Escritores (ABRAMES) e Prof. Titular de Dermatologia da Universidade Federal do Amazonas.



► Registros da 6.ª Brigada de Infantaria da Guarda Nacional de Macapá. Foto cedida pelo Dr. Leão Zagury, neto do Capitão Leão Zagury.



► Registro da carta-patente do Capitão Leão Zagury no livro próprio. Foto cedida pelo Dr. Leão Zagury, neto do Capitão Leão Zagury.



► Anos 50 – Governador Janary Gentil Nunes e outros visitantes com a família Zagury nas dependências da fábrica do Flip Guaraná. Identificados por Sarah Zagury: da esquerda para direita – a tia Meriam (hoje com 93 anos), o pai Isaac Zagury, a avó Sarah Rofféh Zagury, o Coronel Janary Nunes, o tio Zeca (José Zagury) e a tia Ester. Dos demais integrantes conseguimos reconhecer à direita (na porta da fábrica atrás do visitante de bigode) o Sr. Otaciano Bento Pereira (bem novo) e mais à direita, olhando por trás do visitante de calça preta e de óculos, o Dr. Hildemar Pimentel Maia. Ao fundo, o barracão de madeira da fábrica do Flip Guaraná. Foto cedida por Sarah Zagury para o blog João Lázaro.



► 1.º de fevereiro de 2011 – Dr. Leão Zagury, endocrinologista e presidente da Academia de Medicina do Rio de Janeiro com a carta-patente de Capitão da Guarda Nacional pertencente ao seu avô Leão Zagury. Acervo do autor.

Os judeus contribuíram plenamente para o progresso da cidade de Macapá, com estabelecimentos e armazéns, como Moysés Zagury & Cia. e Salomão Alcolumbre Derivados de Petróleo S/A; na área de comunicação com as famílias Tobelem e Alcolumbre, das redes de televisão Bandeirantes e Record. Prestam relevantes serviços sociais na área política membros da família Alcolumbre, na Assembleia Legislativa no Amapá e na Câmara dos Deputados no Distrito Federal.



► 2 de julho de 2013 – Tania e Leão Zagury lançam juntos os livros infantis *O menino e o macaco Caco* e *O jacaré que comeu a noite*, em 23 de junho de 2013 na Livraria da Travessa do Shopping Leblon, Rio de Janeiro/RJ. Foto do jornal ALEF.

Em 2014, foi eleito pelo Amapá para o Senado Federal David Samuel Alcolumbre Tobelem. Além do ilustre Major Eliezer Moisés Levy, prefeito de Macapá, alguns foram eternizados em logradouros como a rua Isaac Alcolumbre, alameda Abraão Peres, Aeroporto Alberto Alcolumbre e Trapiche Major Eliezer Levy.⁹

Ao neto do Cap. Leão Zagury devemos a recuperação da memória de seu avô, levantando a documentação alusiva à Guarda Nacional. Homônimo do avô, Dr. Leão Zagury é um conhecido médico especializado em diabetes no Rio de Janeiro.

Major Eliezer Moisés Levy

Eliezer Moisés Levy, também conhecido como Major Eliezer Levy (Belém, 29 de novembro de 1877 – Belém, 9 de janeiro de 1947), foi um político judeu brasileiro.

O Major Eliezer Moisés Levy governou Macapá em três períodos (1932-1935; 1937 e 1942-1944), tendo sido responsável pela reforma do antigo prédio da Intendência de Macapá, a construção do trapiche que recebeu seu nome, e da capela do cemitério central. Também teve início, em sua administração, a construção da Rodovia BR-156 (Macapá-Clevelândia).

É interessante notar que, acidentalmente, o Major Eliezer Moisés Levy teve papel fundamental na formação do Cemitério Israelita do Caju. Com o falecimento no Rio do seu filho, o médico Abrahão Levy, o Major viajou para o sepultamento, e foi quando tomou conhecimento que os judeus sefarditas eram enterrados em uma ala especial delimitada na Quadra dos Protestantes no Caju.

Assim, recomendou a seu outro filho, Isaac Eliezer Levy, diretor da União Israelita Shel Guemilut Hassadim – UISGH, que envidasse esforços para a criação de um cemitério judaico, o que foi feito, com a assinatura da escritura com a Prefeitura do Distrito Federal em 29 de dezembro de 1953, sob a égide da UISGH, fundada no séc. XIX. A Pedra Fundamental da atual Sinagoga da rua Rodrigo de Brito, em Botafogo, foi lançada em setembro de 1948, quando o então Capitão de Artilharia Abrahão Ramiro Bentes foi um dos três associados encarregados do preparo do cimento.

Os militares sefarditas que ocuparam cargos na entidade foram:

Presidente do Conselho Deliberativo

1962-1964 – Coronel Abrahão Ramiro Bentes

1972 – General Aarão Isaac Benchimol

Presidente da UISGH

1968-1970 – General Aarão Benchimol

1988-1990 – General Abrahão Ramiro Bentes

⁹ <http://www.conib.org.br/comunidades.asp?id=3>, por Samuel Hilel Benchaya, presidente do Comitê Israelita do Amapá, jan. 2013.

CAPÍTULO 12

Movimentos Internos do Século XX

REVOLUÇÃO DE 1924

Na madrugada de 5 de julho de 1924, irrompeu em São Paulo, capital, a chamada Revolução de 1924, contra o governo do presidente Arthur Bernardes. Algumas tropas mais tarde se uniram aos revoltosos gaúchos e formaram a Coluna Miguel Costa/Prestes que durante dois anos marchou através do Brasil.

Os revoltosos procuraram reforçar suas forças com o concurso de imigrantes europeus, de preferência veteranos da 1.^a Guerra Mundial, conforme se concluiu da História da Revolução de 1924 na *História do Exército Brasileiro – Perfil Militar de um Povo*, publicado em 1972, v. 3, p. 905/919 e no livro *A noite das grandes fogueiras*, de Domingos Meireles (Ed. Record, 1995).

Dos 122 que teriam se alistado no Batalhão Húngaro, 13 seriam oficiais com alguma experiência em combate. A colônia húngara de São Paulo era de cerca de 6 mil habitantes, distribuídos nos bairros da Lapa e Vila Pompeia.

O Batalhão Alemão foi localizado próximo ao Batalhão Húngaro, e passou a ser denominado Batalhão Patriótico da Colônia Alemã, possuindo 650 homens, sendo 200 alemães e 80 italianos. Os restantes 370 eram brasileiros. Alguns eram apenas descendentes de imigrantes, e provavelmente havia entre eles alguns judeus, ficando esta nota como lembrete para futuras pesquisas.¹

REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932

Salve, M.M.D.C.

[Martins, Miragaia, Drausio, Camargo]

Por nós tombastes, pelo direito,

A glória de Deus vos dê,

Por nosso sangue derramado,

no céu láurea de heróis.

¹ BENTO, Claudio Moreira. A participação de imigrantes europeus veteranos da I Guerra Mundial na Revolução de 1924 em São Paulo. *O Tuiuti* – órgão de divulgação das atividades da AHIMTB/RS e IHTRGS.

*Por vós São Paulo é glorificado.
Valentes, salve os Paulistas
dos batalhões constitucionalistas!*

Trecho do Hino ao Soldado de 32

Em julho de 1930, o gaúcho Getúlio Dornelles Vargas (1883-1945) derrubou o governo de Washington Luiz, apoiado pelos grandes fazendeiros de Minas Gerais e São Paulo, assumindo a presidência com plenos poderes.

A Revolução de 1930 impediu a posse na presidência da República do ex-presidente do estado (antiga denominação de governador), Júlio Prestes, depondo o Presidente da República Washington Luís, o “Paulista de Macaé”.

Assim, a Revolução Constitucionalista de 1932 foi uma revolta dos paulistas contra o estado de coisas reinante após a Revolução de 1930, com as elites paulistas desejosas de manter a sua posição privilegiada anterior a 1930.

Em 23 maio 1932, quatro estudantes foram mortos pela polícia durante manifestações no Centro da cidade, passando o movimento a denominar-se “MMDC” – iniciais de Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo.

Em 9 de julho, começa a Revolução Constitucionalista, com grande adesão da sociedade, voluntários ingressando nas tropas de infantaria e sendo transportados para as frentes de batalha, nas fronteiras com Minas Gerais, Paraná e Vale do Paraíba.

O Estado se mobilizou, unido pela causa paulista. O 9 de julho passou a ser a mais importante data cívica de São Paulo, maior movimento cívico de sua história. Primeira grande revolta contra o governo de Getúlio Vargas, foi o último grande conflito armado ocorrido no Brasil.

Os combates aconteceram ao longo de 87 dias (9 de julho a 4 de outubro de 1932). Oficialmente, houve 934 mortos, embora algumas estimativas cheguem a 2.200.

Após a revolução de 32, São Paulo voltou a ser governado por paulistas. Dois anos depois a nova Constituição de 1934 foi promulgada.

Tropas federais foram enviadas para conter o movimento. Mais de 30 mil voluntários se inscreveram para participar do Movimento Constitucionalista, sendo formados quase 100 batalhões (ex: 14 de Julho, Desportivo, Borba Gato, Marcílio Franco, Princesa Isabel, José Bonifácio, etc., etc.). Muitos se inscreveram nas cidades do interior, de onde partiram diversos batalhões.

Sobre um soldado constitucionalista

► José Preisz, um herói esquecido de 32²

I- Introdução

A intensa militância política dos alunos da faculdade de Direito de São Paulo levou muitos deles a lutar e morrer nos campos de batalha durante a Revolução

² Este extenso texto sobre José Preisz é de autoria de Emeric Lévy, juiz do Tribunal de Alçada Criminal do Estado de São Paulo e professor na Faculdade Direito da Universidade Mackenzie. Ver: LÉVAY, Emeric. *Leitura*, São Paulo, Universidade Mackenzie, 11 ago. 1992.

de 1932. Entre eles, o estudante húngaro José Preisz, que morreu num encontro com as forças federais em Salto Grande, na fronteira no Paraná.

Para perpetuar a memória dos estudantes da faculdade de Direito do Largo de São Francisco que tombaram na Revolução de 1932, ergueu-se em seu pátio um monumento de granito negro e mármore branco, completado por um pedestal encimado com uma cabeça de soldado em bronze dourado, cuja face anterior reproduz os versos de Tobias Barreto:

*Quando se sente bater
no peito heroica pancada
deixa-se a folha dobrada
enquanto se vai morrer.*

A escultura é de Adriana Janacópulos, sobrinha do estadista João Padiá Calógeras, constando que foi o político e jornalista Carlos Lacerda que posou para a artista, no Rio de Janeiro, quando da concepção dessa obra de arte.³

Na face posterior da composição, estão gravados os nomes de setes estudantes que não voltaram para os bancos das faculdades: José Maria D’Azevedo, César Penna Ramos, José Preisz, Angeniro Alves Sylvestre, Ary Carneiro Fernandes, Nélio Baptista Guimarães e Hermes de Oliveira César.

Waldemar Ferreira, uns dos líderes da Revolução recordaria, em junho de 1957, numa sessão do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o papel da Faculdade de Direito na arrancada de 32, dedicando as palavras finais da sua comovente oração àqueles sete jovens que partiram da escola, quase todos do Batalhão 14 de Julho, que operou no Setor Sul, sob o comando do Coronel Brasília Taborda.

Significativamente, Waldemar Ferreira destacou a figura de José Preisz:

*“Alto, espadaúdo, os olhos esverdeados, cabelos alourados, fisionomia de homem concentrado e enérgico (...) que trazia no íntimo o espírito da rebeldia contra a opressão que em sua terra se consumia; e não teve como deixar de bater-se pela autonomia da terra que seria de sua pátria de adoção, ao lado de seus companheiros de estudos jurídicos, com eles formando seu sentimento de liberdade sobre a égide da lei”.*⁴

O retrato é completado por Miguel Reale, em suas apreciadas memórias, ao recordar a figura do colega e amigo que integrou o 1.º Pelotão do Batalhão Ibrahim Nobre e de quando fora vítima, juntamente como Nélio, nas trincheiras da região de Ourinhos: “Era uma alma nobre e desprendida”, sentencia o memorialista, “que punha acima de tudo valor da amizade”.⁵

³ LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Editora Nova Fronteira, p. 83.

⁴ FERREIRA, Waldemar. A Faculdade de Direito na arrancada de 9 de julho de 1932. *Revista da Faculdade de Direito da USP*, 1960, n. 3, v. 55, p. 433.

⁵ REALE, Miguel. *Memória*, Destino cruzado, v. 1, p. 62. O mesmo autor aos colegas de turma José Preisz, Nélio Baptista Guimarães, em *O Estado Moderno*, ed. 1934, Mortos heroicamente na Revolução de 1932, sonhando com um Brasil maior.

Em *Cruzes paulistas*, que se ressentia de melhores dados biográficos, lê-se que José Preisz, logo após a incorporação, seguiu para Frente Sul, integrando-se num destacamento do Coronel Pedro Dias de Campos, e morreu combatendo, corpo a corpo, com um oficial gaúcho que saiu ferido. Segundo a mesma fonte, o trágico acontecimento ocorreu entre Salto Grande e Ourinhos, provavelmente a 27 ou 28 de setembro, tendo Aureliano Leite, em *Páginas de uma longa vida*, aduzido que a morte do herói se verificou num reconhecimento da linha defensiva ao longo do Alto Paranapanema.⁶

II – Origem húngara

José Preisz não era brasileiro, e sim húngaro, nascido em 19 de fevereiro de 1904 numa pequena cidade, Kapolcs, situada nas proximidades do lago Balaton, na região central da Hungria.

Filho de Manoel Preisz e de Sarah Lász, cursou o ginásio Imre Madács, nos anos 1915-1922, com excelente aproveitamento, ingressando a seguir na Faculdade de Direito da Universidade Pázinany Péter, de Budapeste, que frequentou até o terceiro ano, de 1922 a 1924, com o mesmo brilho, de maneira a merecer os melhores conceitos de seu mestre.⁷

Razões de ordem pessoal, contudo, levaram-no a emigrar para o Brasil no ano seguinte, juntamente com a sua mãe viúva e a irmã Ilona, embarcando a família em Cherbourg, na França, no vapor Arlanza, da Mala Real Inglesa, que aportou em Santos no dia 17 de maio de 1925.⁸ Na ocasião, Preisz tinha 21 anos, passando a trabalhar na General Motors do Brasil, sem descuidar de sua formação escolar básica, necessária à continuação dos estudos superiores interrompidos na Hungria, que completou submetendo-se a exames de madureza no ginásio do Estado, nas matérias indispensáveis à inscrição para o exame de vestibular.

Assim, de posse do certificado de aprovação, José Preisz matricula-se no dia 22 de março de 1930 no primeiro ano da Faculdade de Direito e, em maio do mesmo ano, solicita a dispensa dos exames de Direito Romano e Economia Política, por ter sido aprovado nessas disciplinas no país de origem, mas a Comissão de Ensino, formada pelos professores Spence Vanpré e João Arruda, somente em parte acolhe a sua pretensão no tocante à primeira matéria.

No fim do ano, porém, em virtude dos graves acontecimentos de outubro, é favorecido pelo decreto federal que permitiu a promoção à série imediata, independentemente de exames, mediante a comprovação de frequência de mais de metade das aulas dadas em cada cadeira. Terminado o segundo ano, matricula-se em 25 de fevereiro de 1932 na terceira série do curso de bacharelado, e nessa etapa intermediária, como solicitador, começa a praticar a advocacia no escritório de Enzo Trípoli, aguardando, também, o deferimento de seu pedido de naturalização.

⁶ LEITE, Aureliano. *Páginas de uma longa vida*, Editora Martins, p. 171.

⁷ “O Boletim de Estudo” (em húngaro “Leckeckonyv”) do aluno José Preisz, no arquivo da Faculdade de Direito, pasta n.º 7.995.

⁸ Pesquisa do autor na Hospedaria dos Imigrantes, situada na Rua Visconde Parnaíba n.º 1.316, São Paulo/SP.

III – MMDC

A vida acadêmica, contudo, se agita na fase de turbulência política nacional. A chamada “causa de São Paulo” – que postula na autonomia do tocante à escolha de seus governantes, a par da campanha pelo restabelecimento do regime constitucional interrompido pela Revolução de 30 – assumia, nas praças, nos comícios, destacando-se a palavra inflamada de Ibrahim Nobre, que reclama uma definição das autoridades.

A crise atinge o clímax na noite de 23 de maio de 1932, quando a população, em delírio nas ruas, festejando a notícia da formação de um novo governo estadual, “genuinamente paulista e tirado da frente única”, é recebida à bala pelos legionários de Miguel Costa, dando origem à Sociedade MMDC, tirada do nome das primeiras vítimas fatais: Mário Martins de Almeida, Euclides Buenos Miragaia, Dráusio Marcondes de Souza e Antonio Américo de Camargo Andrade. A sigla não compreendeu o nome de uma quinta vítima, Orlando de Oliveira Alvarenga, que faleceu posteriormente no Hospital Santa Rita, no dia 12 de agosto.

IV – Militância política

José Preisz não se mostra indiferente à reação popular. Juntamente com outros colegas reclama da prisão do Coronel Joaquim Thedompo Godoy Vasconcelos no Rio de Janeiro, que serviu na 2.^a Região Militar de São Paulo. Assina um documento dirigido ao presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto, além de participar da formação da Liga Pró-Constituinte, no dia 11 de junho, conforme se pode verificar de sua assinatura na lista de presença dos alunos.⁹

Nas ruas, o movimento constitucionalista avança, com o fortalecimento pela união entre o Partido Democrático e Republicano, até a eclosão da Revolução de 9 de julho, sob a chefia do Coronel Euclides Figueiredo, e apoio da força pública, comandada pelo Coronel Júlio Marcondes Salgado, seguindo-se a mobilização da primeira tropa civil no Largo de São Francisco.

José Preisz engaja-se no movimento, alistando-se no batalhão que leva o nome do tribuna da Revolução – Ibrahim Nobre – e segue para o Sul, onde se localizava os dois eixos naturais de penetração entre a paulista Itarare e Ribeira, servido de duas estradas, uma de ferro e outra de rodagem, na direção de Itapetininga, a pouca distância de Sorocaba, que seria o palco de sangrento combate, e cuja sorte, afinal, favoreceu as tropas governamentais vindas do Paraná sob o comando do General Waldomiro de Castilho Lima.

V – Combate fatal

Foi ali, no Distrito de Salto Grande, então comarca de Santa Cruz no Rio Pardo, que José Preisz caiu mortalmente ferido numa emboscada, vindo a falecer às 8 horas da manhã do dia 23 de setembro, quando circulavam na Frente Norte

⁹ Arquivo da Faculdade de Direito da USP, livro da diretoria do Centro XI de Agosto, ano de 1932, presidente Arnaldo Barbosa.

os primeiros boatos da cessação das hostilidades, como de fato ocorreu oficialmente a 2 de outubro, após a Força Pública se retirar da luta.

Sua morte foi comunicada à Faculdade de Direito por telegrama expedido de Alvaré pelo Coronel Pedro Dias de Campos, notificando a imediata promoção do bravo estudante “Post Mortem” ao posto do Capitão. José Preisz foi sepultado provisoriamente no Cemitério de Salto Grande, juntamente com outros companheiros mortos em combate,¹⁰ sendo exumado dias depois em presença de cunhado Victor Hajnal e de vários colegas da Academia, que acompanharam seu corpo a São Paulo, onde chegou a 15 de outubro, pelo trem das 8h45 da manhã na estação de Sorocabana, hoje Júlio Prestes.¹¹ O enterro verificou-se no dia imediato, domingo, no Cemitério de Vila Mariana, onde se encontram seus restos mortais num túmulo coberto por uma lápide negra, cujo frontal ostenta uma placa dedicada pelo Centro Acadêmico XI de Agosto ao inesquecível colega “morto nos campos Sul, na arrancada constitucionalista”.

VI – Homenagem

Antes do reinício das aulas, a congregação da faculdade, juntamente com a diretoria, mandou celebrar missa de réquiem em sufrágio à sua alma no pátio da escola¹², e o primeiro mestre a falar dos estudantes mortos na Revolução foi o professor Cândido Mota, ouvindo-se em seguida a palavra eloquente do professor Pinto Ferreira, que também participou do movimento como um simples soldado, e do acadêmico Dário Ribeiro Filho, em nome dos alunos.

A imprensa acadêmica tarjou-se de luto: *A Balança*, em seu número 18, que circulou em novembro de 1932, presta significativa homenagem aos estudantes Nélio Guimarães, José Preisz, Agemiro Silvestre e Ary Fernandes, que tombaram na luta, em artigo assinado por Arnaldo Barbosa e Alexandre Barbour. *A Tribuna Liberal*, sob o título “Nossa luta”, relata com pormenores os destinos de cada um, inclusive o de José Maria D’Azevedo, cujos nomes somados aos de dois outros companheiros – César Penna Ramos e Hermes de Oliveira César – viriam a receber a luz perene da lâmpada votiva que ilumina o monumento plantado no coração da velha academia, à sombra das Arcadas, símbolo do sacrifício de suas vidas por um ideal.¹³

Na *matzeiva* (lápide tumular em hebraico) de Preisz no Cemitério Israelita de Vila Mariana, Q1 R8 n.º 133, lê-se em húngaro: “Orokke. Gyaszol. Anyad. Hugod, Sogorod.” (Lembrança eterna da mãe, irmã e irmão).

¹⁰ Assento de óbito de José Preisz lavrado no livro C-21 fls. 47-v, do Cartório de Registro Civil de Santa Cruz do Rio Pardo; pesquisado pelo Dr. Manoel Renê Nunes, a pedido do autor.

¹¹ *O Estado de S. Paulo*, edição de 16 de outubro de 1932, 1.ª página.

¹² *O Estado de S. Paulo*, edição de 5 de outubro de 1932, p. 3, sob o título “Anúncio Fúnebre”. Idem na edição de 6 de outubro, p. 3.

¹³ O prefeito Jânio da Silva Quadros, por sugestão do autor destas linhas, referendada pela Sociedade Veteranos de 32 – MMDC, assinou o Decreto nº 24.763, de 14 de outubro de 1987, dando o nome de José Preisz a uma rua do Bairro da Saúde.

Sobre outro soldado constitucionalista

► Isaias Pinto

Isaias nasceu em 1.º de novembro de 1916, natural de Quatro Irmãos/RS, onde residiu até os 16 anos. Sua adolescência foi bastante conturbada, tendo participado da Revolução de 32.

“(...) eu era do Corpo Provisório da Brigada Militar, sempre tive vocação e educação militar. Na época, tudo era muito regrado.”

Isaias trabalhou em diversos locais, sua vida foi repleta de mudanças e adaptações. Não prosseguiu na carreira militar, mas formou-se em Administração e especializou-se em Organização e Métodos.

Após o falecimento da esposa, mudou-se para o Lar Mauricio Seligman da Sociedade Israelita Rio-Grandense.¹⁴

Sobre a atuação pró-Revolução da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas de São Paulo

Uma das marcas da presença israelita na Revolução ficou registrada na ata da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas de São Paulo.¹⁵

Aos 11 de julho de 1932, consta a proposta da Sr.^a Fanny Mindlin que a Diretoria da Sociedade se ponha à disposição do governo de São Paulo para

¹⁴ Jornal *Chai do Lar Mauricio Seligman*, set/out 2005, p. 5.

¹⁵ FALBEL, Nachman. *Estudos sobre a comunidade judaica no Brasil*. São Paulo, 1984.



► Senhoras voluntárias da organização feminina israelita, com pacotes de materiais médicos para envio às tropas paulistas durante a Revolução de 1932. Fonte não determinada.

qualquer auxílio que fosse necessário. Também resolvem anunciar nos jornais *O Estado de São Paulo* e *Diário da Noite* pedindo aos israelitas donativos para a Cruz Vermelha Brasileira. Ainda por proposta da Sr.^a Mindlin, ficou resolvido fazer capuzes para os soldados. As próprias senhoras da Sociedade fizeram 949 capuzes, que foram entregues à Cruz Vermelha.

Outras instituições, como a Ezra e a Loja Moses Mendelsohn da B'nai B'rith, também se mobilizaram, mostrando, segundo o jornal *San Pauler Idische Tzeitung* que “toda a comunidade israelita está participando deste grande movimento”.

Depoimentos

O Núcleo de História Oral do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro tem em seu acervo várias entrevistas que mencionam a Revolução Constitucionalista de 1932, das quais destacamos os seguintes depoimentos:¹⁶

Ida Coulicoff Gotlieb – nascida em 21 de setembro de 1911 (21 anos)

“Na Revolução em 32, eu e minha irmã Rosa levávamos cigarros para os soldados. Nós coletamos cigarros – fomos em várias fábricas –, sempre na companhia do meu pai. Iamos nas fábricas e depois íamos levar nos quartéis – junto com meu pai, sempre na companhia dele – nós levávamos cigarros para os soldados. Nossos soldados, não é?”

Sender Fishiman – nascido em 8 de setembro de 1915 (17 anos)

“Em 1932 eu estudava no Ginásio Oswaldo Cruz, que ficava na Rua Marquês de Itu. Então eu fazia o serviço militar, que era o Tiro de Guerra, e meu irmão também, embora ele não estivesse estudando na mesma escola. Nós fazíamos instrução juntos. No dia 9 de julho rebentou a Revolução. Nessa ocasião, apelavam para que os jovens do Tiro de Guerra se apresentassem para ir pra briga lá na Serra da Mantiqueira, onde dezenas e dezenas de jovens morreram, dezenas vieram sem pernas, sem braços... Sabe por quê?”

Sjoma Casoy – nascido em 26 de dezembro de 1923 (8 anos)

“Naquela época, morávamos na Rua do Glicério – não muito longe tinha um quartel. Nós tínhamos um armazenzinho de secos e molhados e alguns soldados às vezes vinham até lá tomar alguma coisa. Meu pai, que tinha sido soldado na Rússia, todo dia ele ia para o quartel, desmontava, montava, arrumava... E minha mãe ficava na loja.”

Luiz Sterman – nascido em 1.º de agosto de 1914 (17 anos)

“Quando eu estava no quarto ano do Ginásio, em 1932, estourou a Revolução aqui. Eu tinha 17 anos e como naquela ocasião a gente andava cheio de ideais,

¹⁶ Um voluntário judeu na Revolução Constitucionalista de 1932, Marília Freidenson, diretora adjunta do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, pesquisadora do Núcleo de História Oral do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, presidente do setor judaico da Fraternidade Cristão-Judaica de São Paulo.

dia 11 de julho de 1932 eu me alistei – e foi uma experiência tremenda na minha vida. Eu morava na Rua Abílio Soares e havia um posto de alistamento aqui no Largo Ana Rosa. Eu tinha feito Tiro de Guerra em 1931, um ano antes, então tinha todo fardamento, tinha tudo aquilo. Eu me fardei, e eu e meu irmão saímos para nos alistar no dia 11 de julho. Justamente eu me entusiasmei talvez porque... Sempre nós discutíamos isso... Houve aquela mortandade na Praça da República, morreram aqueles quatro estudantes, então, isso sempre trazia aquela revolta, aquele mal-estar. Se falei com minha mãe quando me alistei? Não contei para a mamãe – falei com o meu pai. O que ele disse? Não disse nada... ‘Vocês podem ir.’ Meu irmão foi para o Sul e eu fui incorporado ao Terceiro Batalhão, do lado de Caçapava. Fui para a Barra Funda num depósito onde iria embarcar de trem. Quando saímos lá da Barra Funda – se não me engano foi num Grupo Escolar que acampamos – nos mandaram aguardar e eu fiquei de sentinela. Tinha um frio desgraçado, eu não tinha comido, não comia direito, não dormia direito... Fiquei andando lá e de repente o sargento me deu um safanão: ‘Ei! Está de plantão aí e está dormindo?’ Em Caçapava também foi uma experiência única. Primeiro eu vi... Não vi morto nenhum, só vi um companheiro que levou um tiro no pescoço; a bala atravessou aqui e foi arrebentar o braço dele. Chamava-se Vasconcelos, era advogado – uma vez encontrei com ele depois de muitos anos e ele já era juiz numa cidade do interior.

Se sabiam que eu era judeu? Não, não. Ninguém perguntava nada. Éramos voluntários, ninguém sabia quem era, quem não era... Nós fomos andando em direção a Resende, onde estava o confronto entre os legalistas e nós. De lá, fomos recuando... fomos recuando. E aconteceu um fato engraçado. Eu estava olhando um avião que era um tal de ‘vermelhinho’¹⁷, e me deram uma espingarda para atirar no avião... Era espingarda pra matar tico-tico! Numa das recuadas, na retirada, me lembro que tinha um córrego e eu parei lá. O pessoal tinha sumido. Nesse córrego tinha um descampado com uma casa; eu comecei a andar devagar, um dia bonito, sol... Então comecei a ver uma poeira perto das minhas pernas e me dei conta que provavelmente era tiro de metralhadora. Quando percebi aquilo, eu corri e me meti num bananal que havia ali. Me meti no mato e lá encontrei um companheiro. O companheiro chamava-se Eugênio Beltran – está enterrado aqui no Obelisco. Aí passamos a noite lá, vimos o tal do trem blindado passar e começamos a andar no sentido de São Paulo. Chegamos na beira do Rio Paraíba e começamos a fazer sinal: ‘Nós somos paulistas!’ Aí veio um sujeito, atravessou com a barca o Rio Paraíba – tinha uma correnteza forte –, ele atravessou direitinho e fomos parar em Queluz, do outro lado do rio. Eu estava tiritando de frio e estava molhado... uma noite de julho, um frio desgraçado. Ele viu que eu estava tremendo assim e disse: ‘Toma isso daqui’, e me deu um copo com um negócio. Depois eu soube que era pinga. Bom, eu não tinha comido todo aquele tempo. Chegamos na estação de Queluz e lá tinha uns caldeirões grandes – eu abri uma tampa, não tinha comida nenhuma lá. Abri outra e havia uns restos de comida, uns nacos de alguma coisa... Peguei aquilo lá e disse: ‘Morrer de fome eu não vou!’ Depois de muitos anos eu fui comer uma feijoada na casa de um amigo, fui comer uma carne e vi que era aquela lá. Então eu perguntei: ‘Que carne é essa?’ Era carne de porco!

¹⁷ Avião de observação do governo, pintado de vermelho.

Que eu me lembre, na minha casa não entrava carne de porco.¹⁸

De Queluz, eu me lembro de outro fato. Eu tinha recebido uma carta e estava na estação lendo essa carta em cima de uma carroça quando começou o tiroteio. Eu estava sentado na carroça, estava desarmado, aí eu me virei, me joguei assim para trás e me escondi. Isso foi no começo de agosto – eu devo ter ficado em Queluz um mês, um mês e pouco, talvez mais.

Aí de Queluz nós voltamos... Numa daquelas retiradas, parei para tomar um banho – eu acho que há mais de um mês eu não tomava banho. Tiro a roupa, fui tirar a bota, tinha só o cano da meia! A parte do pé tinha sumido! Gasta! A bota estava lá, mas tinha sobrado só o cano da meia.

Um outro fato... Nós fomos tomar uma posição chamada Bela Vista no alto da Serra da Mantiqueira – de lá se via todas as cidades do Vale do Paraíba. Nós descemos, fomos tomar posição numa fazenda e dormimos lá numa casa. Dormia no chão, não é? Eu acordei, olhei assim... meu fuzil tinha sumido! Era muito ‘organizado’ aquilo. Peguei, passei a mão na do outro. O sujeito acordou, fez um esparramo... Quem sabia o que tinha, o que não tinha, quem é que fazia, quem é que mandava... nada disso! Era uma bagunça desgraçada! A Revolução não foi pra frente por causa disso talvez – e talvez muita sem-vergonhice.

Por aí começaram: ‘Dê ouro para São Paulo’. Minha irmã andou organizando, meus pais deram as alianças e tudo isso. Aquele ouro sumiu depois, ninguém viu onde estava. Aquilo foi uma calamidade!

Um dia eu tive que baixar no hospital em Caçapava porque estava cheio de feridas. Encontrei um amigo daqui de São Paulo que era médico, o Doutor José Galucci, e ele me deu uns dias de licença para eu ficar me tratando lá. E eu estava passando assim, quando de repente vejo meu pai! Meu pai veio para Caçapava com ordem do Quartel General para dar minha baixa porque eu era menor. Papai veio atrás de mim.

Por que, se ele tinha me deixado ir? Bom, você imagina como minha mãe ficou.

Voltei para São Paulo, fui para o quartel do MMDC e fui prestar serviço lá na Água Branca. Eu tinha a carteira do MMDC e me deram uma divisa de Cabo. Já estava no fim a Revolução.

Outra coisa que me lembro... Eu era ingênuo, lá no quartel eu vi o pessoal numa fila e falei assim: ‘O que é isso?’ ‘O pessoal está recebendo soldo.’ Eu, na minha ingenuidade, disse: ‘Soldo como? Se nós somos voluntários, vamos receber soldo disso?’ Essa foi a minha decepção que eu não compreendi até hoje.

Bom, aí acabou a Revolução. Depois, com o tempo, houve o que nós queríamos, que era a Constituição.”

INTENTONA COMUNISTA – 27 DE NOVEMBRO DE 1935

Nesta data, ocorreu a primeira tentativa violenta de tomada do poder pela esquerda brasileira, quando militares foram sacrificados em defesa da Pátria. Decorridos quase 80 anos, o tema está fartamente descrito em vasta bibliografia. Na Praia Vermelha, entre o Pão de Açúcar e o IME ergue-se o Monumento

¹⁸ Referência ao fato que tradicionalmente os judeus não comem carne de porco.

Votivo às vítimas da Intentona Comunista de 1935, onde a cada 27 de novembro o Exército realiza uma cerimônia recordatória com a presença de parentes dos que tombaram naquela data. O monumento foi construído na gestão do Ministro da Guerra Aurélio de Lyra Tavares. Anteriormente, a cerimônia era realizada no mausoléu do Cemitério São João Baptista, de onde os corpos foram trasladados para o novo local. A cerimônia teve altos e baixos, chegando a não ser realizada em alguns anos, e em outros era promovida também nos demais locais onde ocorreram os combates, em Recife, Natal e no Campo dos Afonsos (Escola de Aviação Militar e 1.º Regimento de Aviação).

O impressionante monumento na Praça General Tibúrcio na Praia Vermelha, Rio de Janeiro, retrata um soldado abatido por metralhadora, simbolizando os militares brasileiros assassinados enquanto dormiam, na fatídica noite de 27 de novembro de 1935, por seus próprios ditos irmãos de armas, pois que companheiros no 3.º Regimento de Infantaria e formados na mesma nobre instituição militar.

2.º Tenente José Gutman

José Gutman nasceu em 1914 e faleceu em 30 de dezembro de 2009, aos 95 anos. Cursou o Colégio Militar e a Escola Militar do Realengo, situando-se entre os mais bem classificados da turma. Seu pai era imigrante da Bessarábia, região histórica da Europa Oriental cujo território hoje se divide entre Moldávia e Ucrânia, e de onde partiram levas ponderáveis de imigrantes judeus para o Brasil.

Em 1935, aos 21 anos, era tenente e servia no 3.º Regimento de Infantaria, na Praia Vermelha, uma das unidades sublevadas na chamada Intentona Comunista, promovida pela Aliança Nacional Libertadora (ANL).



► O Tenente José Gutman é o terceiro da direita para a esquerda, em grupo de revoltosos do 3.º RI na Praia Vermelha – Rio de Janeiro/RJ. Fonte não determinada.

Foi incluído com mais 22 oficiais no Decreto n.º 558, de 31 de dezembro de 1935, que determinou a perda de patente e posto de “*officiaes que participaram de movimento subversivo das instituições políticas e sociaes*”, baixado por Getúlio Vargas.

Esteve preso na Ilha Grande e posteriormente em Fernando de Noronha. O escritor Graciliano Ramos o descreveu como “José Gutman, baixinho, lourinho, cantava sambas”.¹⁹

Gutman foi indiciado em 27 de novembro de 1935 e recolhido à Casa de Detenção. Em 6 de dezembro foi transferido para o navio Pedro I. Em 31 de dezembro foi expulso do Exército por atividades subversivas. Em maio de 1936 assinou na prisão, junto com os demais acusados do levante, o manifesto ao Povo e às Forças Armadas. Foi condenado a oito anos de prisão, sendo libertado em 10 de junho de 1943, passando a dedicar-se a atividades políticas e à *Editorial Victoria*, de sua propriedade, que foi fechada em fevereiro de 1949 por vender obras marxistas.²⁰

Foi sepultado no Cemitério São João Baptista, em Botafogo, Rio de Janeiro/RJ.

GUERRA CIVIL ESPANHOLA²¹

Um número ainda não especificado de judeus, então residentes no Brasil, que foram expulsos do país ou que acharam conveniente dele se retirarem após o levante de 27 de novembro de 1935 e prisões, foram levados a se defrontar diretamente não só com o franquismo espanhol mas, posteriormente, com os nazistas em terras francesas. De certa forma, junto com o grupo maior de nacionais, foram os pré-pracinhas brasileiros, mas com três “agravantes”: eram comunistas, judeus e partisans. Não se pretende, de forma alguma, esgotar o assunto. Apenas singularizar as informações sobre estes judeus “brasileiros”, disponíveis em arquivos, livros e *sites* da internet.

Podem existir, fora os aqui mencionados, soldados ainda desconhecidos, judeus saídos do Brasil que participaram e morreram na luta antifascista na Espanha e na França, dos quais ainda sequer sabemos os nomes. Como conclusão, fica a sugestão de retirá-los do anonimato, de suas possíveis covas rasas e mesmo resgatar suas cinzas e dar-lhes como lápide definitiva uma memória.

Extensivamente, suas vidas nos indicam que nossa trajetória comunitária judaico-brasileira ainda está repleta de homenagens póstumas por fazer. Árvores por plantar como lembranças e a *mitzvá* de não esquecer. Nunca reunimos, coletivamente, os pracinhas brasileiros de origem judaica dos campos da Itália para prestar o devido reconhecimento, e nem eventuais judeus do Brasil, combatentes antifascistas na Europa. Quantos judeus brasileiros morreram nas guerras contemporâneas de Israel dos quais não se fez, sequer, um *izkor*²² simbólico?

¹⁹ RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Editora Record.

²⁰ IOKOI, Z. M. G. *Intolerância e resistência: a saga dos judeus comunistas entre a Polônia, a Palestina e o Brasil (1935-1975)*. 1. ed. Itajaí/São Paulo: Associação Editorial Humanitas; Ed. Univali, 2004. 419 p.

²¹ SAMET, Henrique. *No pasaran olvidados – Judeus do Brasil na Guerra Civil Espanhola e Resistência Francesa*.

²² Hebraico – lembrança, reza *in memoriam* dos falecidos.

O “PUTSCH” – GOLPE INTEGRALISTA DE 1938 CONTRA GETÚLIO VARGAS

Em 11 de maio de 1938, aconteceu o chamado “Putsch”, levante integralista contra Getúlio Vargas, com o ataque ao Palácio Guanabara.

O Gen. Dutra, Ministro da Guerra, conseguiu sair de casa no Leme sem ser visto pelos homens encarregados de prendê-lo, dirigindo-se ao Forte Duque de Caxias – Forte do Leme, onde o Oficial de Dia do Forte do Leme era o Tenente Mauricio Kicis, que reuniu 12 soldados em uma viatura para que o Gen. Dutra pudesse romper o cerco ao Guanabara, sob intenso tiroteio.

Dois soldados morreram e Dutra ficou levemente ferido, o levante foi dominado e Plínio Salgado preso e deportado para o exílio em Portugal.

AÇÕES IRREGULARES NO PERÍODO 1964-1985 – GUERRILHA DO ARAGUAIA

Atuação de Maurício Grabois – Cadete da Escola Militar do Realengo

Maurício Grabois dedicou sua vida à causa da Revolução Socialista. Estabeleceu-se com militantes do PCdoB, em 1967, na região do Bico do Papagaio, entre os rios Araguaia e Tocantins, iniciando os preparativos para ações de guerrilha, tentando travar contato com os camponeses locais. As Forças Armadas passaram a perseguir o grupo em 1972, quando foi descoberto. Maurício foi morto na região no Natal de 1973. Até hoje, seu corpo não foi encontrado. Em 1975, uma força de paraquedistas foi enviada à região, desmantelando totalmente o que restava do movimento. Seu filho André era o comandante militar da guerrilha, com o codinome Zé Carlos.

Segundo sua esposa Crimeia, André foi morto em emboscada preparada pelas tropas do Exército que operavam na região. Segundo o Tenente-Coronel reformado Licio Augusto Maciel, André morreu em combate após atacar e incendiar, com um grupo, um posto da PM e adentrar a mata. Carregando armamento e munição da PM, o grupo deixou pegadas visíveis, o que possibilitou que as tropas do Exército o seguisse.

O grupo teria sido dizimado por militares sob o comando do então Major Sebastião Curió. Muitos ainda são considerados desaparecidos, já que os restos mortais jamais foram localizados, que é o caso de Maurício Grabois.

VPR, ALN, MR-8 e demais movimentos da esquerda armada tiveram algum sucesso inicial, mas não conseguiram manter-se devido à articulação militar e dos serviços de informação, que inicialmente haviam sido pegos de surpresa.

Assim, em 1972, apenas a Guerrilha do Araguaia subsistia, como último foco de guerrilha no Brasil. Esse movimento na selva Amazônica do interior do Pará, planejado pelo pelo PCdoB, foi um dos grupos armados que mais tempo atuou contra o regime de 1964.

Maurício Grabois nasceu em Salvador em 1912. Seus pais, Augustin Grabois e Dora Kaplan, eram imigrantes judeus da Ucrânia, refugiados da guerra

Rússia-Japão, aqui chegando em 1905. Conviveu com Carlos Marighella em sua juventude, seu colega no Ginásio da Bahia.

Militante do PCB na década de 30, organizou células do partido nas Forças Armadas, como Cadete da Escola Militar do Realengo, onde foi admitido em 1931, sendo desligado em 1933. Alguns cadetes foram expulsos e rebaixados a soldado raso. Segundo a Fundação Maurício Grabois, em 1932 o mesmo foi soldado no 1.º Regimento de Infantaria no Rio de Janeiro.²³

Esteve preso durante o Estado Novo.

Foi diretor de *A Classe Operária* e da Editora Horizonte do PCB, no Rio de Janeiro, até seu fechamento em 1949.

Aos 14 de outubro de 1947, o deputado Maurício Grabois e o Senador Luis Carlos Prestes compareceram à cerimônia no Grande Templo Israelita, de onde partiu o chamado “Enterro do Sabão” para o Cemitério Israelita de Vila Rosali, na Baixada Fluminense.²⁴

Havia a suposição, na época, de que os nazistas produziram sabão a partir de gordura de judeus mortos em campos de extermínio, o que modernamente não tem mais sido aceito como fato verdadeiro.

Entretanto, logo após a guerra, algumas barras de sabão foram trazidas da Europa por sobreviventes do Holocausto, com inscrições que atestariam terem sido produzida daquela forma. Isso levou a comunidade, ainda sob forte impacto daquela tragédia, a organizar um ato religioso no Grande Templo, onde compareceram milhares de pessoas, seguindo uma caravana com mais de 500 automóveis para o cemitério, onde as pretensas barras de sabão humano foram depositadas solenemente em um monumento que existe até hoje ao centro do Cemitério de Vila Rosaly (velho).

Por ocasião do 100.º aniversário de nascimento de Maurício Grabois, a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro – ALERJ promoveu em sua homenagem uma sessão solene em 2 de outubro de 2012, por iniciativa do deputado Paulo Ramos. O coral da ASA (Associação Scholem Aleichem) participou do ato, a convite de D.^a Victória Lavinia Grabois Olimpio, filha de Maurício.

No mesmo ano de 2012, alguns meses antes, o Congresso Nacional realizou uma sessão de homenagem aos 90 anos do PCdoB, integrante da base do governo, fundado em março de 1922 em Niterói/RJ, como PC – Seção Brasileira da Internacional Comunista. O Presidente do Senado José Sarney disse que até hoje admira os princípios comunistas. Identifica neles “uma ideia generosa de igualdade entre os homens, que se aproxima da justiça social”.²⁵

²³ MONTEIRO, Adalberto Alves (Presidente da Fundação Maurício Grabois). *Homenagem à memória e ao legado de Maurício Grabois*, São Paulo, 2 out. 2012.

²⁴ *Tribuna Popular*, jornal comunista que circulou de 1945 a 1947, segundo José Roitberg.

²⁵ *Jornal do Senado*, ano XVIII – nº. 3.626, 27 mar. 2012.

CAPÍTULO 13

A Marinha na Segunda Guerra Mundial

Introdução

Os judeus têm uma grande tradição naval. Como se sabe o cristão-novo Gaspar da Gama aqui chegou nas caravelas de Cabral, e o chamado Pai da Escola de Sagres, Abraham ibn Ezra, um dos primeiros integrantes da escola, estabelecida pelo infante Dom Henrique, desenvolveu os primeiros instrumentos para navegação que possibilitaram a descoberta do caminho marítimo para as Índias e as grandes navegações portuguesas, como a descoberta do nosso Brasil. Nos capítulos iniciais desta obra, tecemos outras considerações sobre o assunto, alinhando a seguir as biografias de alguns bravos integrantes da Marinha do Brasil naquele período difícil da Segunda Guerra Mundial.

O Brasil na Guerra – Ataques submarinos nazistas¹

Aos 9 de dezembro de 1941, Hitler autorizou o Comando da Força de Submarinos a operar contra o Brasil.

Entre 12 de janeiro e 6 de fevereiro de 1942, submarinos alemães afundaram 13 navios brasileiros no Caribe antes mesmo da ofensiva atingir o litoral nordestino. A pesada campanha antissubmarina contra a navegação marítima nacional iniciou-se com o torpedeamento do Buarque, o primeiro de mais de 30 navios mercantes a serem afundados, com a nação lamentando o sacrifício de um milhar de preciosas vidas brasileiras inocentes.

Em apenas quatro dias de agosto, foram torpedeados seis navios, desaparecendo no mar 600 patrícios inocentes, passageiros e tripulantes dos navios Baependy, Itagiba (estes dois transportavam para Recife o 7.º GADo), Araraquara, Aníbal Benévolo, Arará e Jacira.

Diante do clamor popular nas ruas, o governo reconhece o estado de beligerância, e em 31 de agosto de 1942, através do Decreto-Lei n.º 10.358, o Brasil declara o estado de guerra com a Alemanha e Itália.

¹ BLAJBERG, Israel. 1942 – Um ano singular – Os 70 anos dos torpedeamentos e da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. I SENAB – Seminário Nacional O Brasil na 2.ª GM – DPHCEX – Museu Militar Conde de Linhares – 27-30 ago. 2012.

A Marinha do Brasil, materialmente carente, enfrentou o desafio, ainda hoje tão complexo, de defender toda a costa brasileira, atracando o encouraçado São Paulo no porto do Recife, e o Minas Gerais em Salvador, servindo como fortalezas flutuantes, prontas a revidar qualquer ataque do inimigo.

Foram 600 mil milhas navegadas sob forte ameaça submarina, nessas empreitadas tendo a lamentar a perda do Vital de Oliveira, com 100 mortos, da corveta Camaquã, em junho de 44, a 12 milhas NE de Recife, que vitimou 33 marinheiros, inclusive o Comandante Gastão Moutinho, e o naufrágio do cruzador Bahia, em julho de 1945, já com a guerra terminada, em missão de apoio aos aviões vindos da África, com a perda de 337 marinheiros, incluindo o Comandante Garcia d'Ávila Pires e Albuquerque, a 500 km de Fernando de Noronha e a 100 km do Arquipélago de São Pedro e São Paulo.

No cômputo geral, além das preciosas vidas de 1.900 soldados e marinheiros, perdemos 31 navios mercantes, três navios de guerra e 22 aviões de combate.

► **Vice-Almirante Boris Markenzon**

Nascido no Rio de Janeiro em 28 de maio de 1915, era filho de Adolfo e Anna Markenson, imigrantes russos que se fixaram no Rio de Janeiro. Tinha um irmão, Samuel, médico e professor.

Boris cursou o Colégio Militar na Rua São Francisco Xavier na Tijuca, e a Escola Naval, na Ilha de Villegagnon, Rio de Janeiro, onde foi praça de Aspirante em 26 de abril de 1934, sendo declarado Guarda-Marinha do Corpo da Armada na turma de 23 de dezembro de 1938.

Como jovem tenente, esteve embarcado até o final da guerra, participando de operações de escolta a comboios de navios mercantes. Sobre aquela época, seus filhos Ricardo e Roberto não recordam a presença do pai em casa, apenas as chegadas e partidas, e a apreensão da mãe, D.^a Amália. Os filhos também cursaram a Escola Naval, tornando-se oficiais da Marinha.

Havia o risco da presença de submarinos alemães, responsáveis por dezenas de torpedeamentos de navios mercantes nacionais. Em um desses navios, o Aníbal Benévolo, estava o cunhado de Boris, Maurício Pinkusfeld, irmão caçula da esposa, lamentavelmente desaparecido no mar após o ataque do U-507, seguindo-se o afundamento do referido navio do Lloyd Brasileiro.

Foi promovido a Capitão-Tenente aos 10 de dezembro de 1951, sendo nomeado Capitão dos Portos da Paraíba e promovido a Capitão de Corveta aos 17 de março de 1952.

Em 1957, serviu na Força de Transporte da Marinha, a bordo do navio de transporte Ary Parreiras.

Realizou o Curso de Submarinos e de Comando da Escola de Guerra Naval.

Em 1958, foi imediato do navio de transporte de tropas Barroso Pereira, que transportou o Batalhão Suez para a região de Gaza, onde atuou como Força de Paz da ONU no período 1957-1967.

Em 1959, tirou o CEMCFA – Curso de Estado-Maior e Comando das Forças Armadas, na ESG – Escola Superior de Guerra. Em 1960, era chefe da 4.ª Seção do EMFA – Estado-Maior da Forças Armadas, no Palácio Monroe, Cinelândia, Rio de Janeiro/RJ.

Em 1961, comandou o contratorpedeiro Greenhalg. Em 1964, foi Capitão dos Portos do Pará e Amapá, e Delegado do Trabalho Marítimo. Por diversas vezes, exerceu interinamente o comando do 4.º Distrito Naval.

Foi agraciado com a Medalha de Serviços de Guerra, Medalha da Força Naval do Nordeste, Mérito Tamandaré, Medalha Militar em Ouro – 30 anos de Bons Serviços e Ordem Nacional do Mérito da República do Paraguai.

No posto de Capitão de Mar e Guerra, passou para a reserva em 16 de outubro de 1964, e por ter servido em zona de guerra e contar mais de 35 anos de serviço, foi elevado na inatividade ao posto de Vice-Almirante.

Falecido em 7 de agosto de 1988.

► *Contra-Almirante Médico Dr. Edidio Guertzenstein*

Nascido em São Paulo, em 21 de junho de 1920, era filho caçula do reverenciado Rabino Marcos Guertzenstein e Sara Guertzenstein.

Formou-se em Medicina com 21 anos de idade e prestou concurso para o Quadro de Saúde da Marinha do Brasil, na qual ingressou no posto de 1.º Tenente.

Ao longo da Segunda Guerra Mundial permaneceu embarcado, tendo cumprido cerca de 180 dias de mar em missões de escolta a comboios na costa brasileira e nas rotas do Caribe, e em operações com as forças da IV Esquadra norte-americana. Seu tempo em campanha na Segunda Guerra foi de 15 de março de 1944 a 16 de maio de 1945.

Por sua participação na Segunda Guerra, foi agraciado pelo Presidente da República com a Medalha Naval de Serviços de Guerra com 2 Estrelas, concedida aos que participaram de operações visando assegurar as comunicações marítimas necessárias à vitória, sendo o diploma assinado pelo Ministro da Marinha Almirante Sylvio de Noronha.

Fato marcante no período foi o nascimento de sua primeira filha, Solange, em 19 de abril de 1944, quando se encontrava embarcado, a família não tendo como participar-lhe a notícia. Outra filha, Helena, casou-se com o Eng.º Ruy Schneider, antigo aluno do CIORM, desde então sempre ligado à Marinha, cuja biografia encontra-se também nesta obra.

Após o término do conflito, teve uma carreira destacada, sendo um dos primeiros Oficiais Médicos da Marinha do Brasil designados para cursar nos Estados Unidos. Especializou-se em Cirurgia Pulmonar no Saint Albans Naval Hospital, em Nova Iorque, e fez curso de cirurgia torácica em Boston, onde foi assistente do renomado cirurgião professor Overholt.

Foi diretor do Sanatório Naval de Nova Friburgo e implantou a Clínica de Cirurgia Torácica do Hospital Naval Marcílio Dias, que na época constituiu-se em referência no tocante à cirurgia pulmonar.

Nos períodos letivos dos anos 1956, 1957 e 1958, no Hospital Naval Marcílio Dias, o médico Capitão de Mar e Guerra Dr. Edídio Guertzenstein supervisionou um Setor Experimental (pesquisa científica), treinando técnicos para anestesia e endoscopia peroral em cães, e em 1959 foi diretor do Departamento de Cirurgia – no Laboratório de Técnica Operatória e Medicina Experimental da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (hoje UNIRIO).

Recebeu diversas condecorações, nacionais e estrangeiras, incluindo-se a Ordem do Mérito Naval.

Promovido a Capitão de Mar e Guerra, solicitou transferência para a reserva, no posto de Contra-Almirante.

Autor de livros sobre cirurgia pulmonar, Edidio Guertzenstein foi presidente da FIERJ – Federação Israelita do Rio de Janeiro, no período de 1965 a 1968.

Faleceu em 28 de junho de 1978, estando sepultado no Cemitério Israelita de Vila Rosaly, Rio de Janeiro/RJ.

► *Boris Chigris*

Boris trabalhou num navio socorro, um rebocador de alto-mar assistindo os navios na costa brasileira do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul e, mais tarde, cardiologista, no Hospital Marcílio Dias, servindo com Amihay Burlá – depois Almirante e diretor do Hospital Central da Marinha, onde também serviram Marcus Blank, urologista, Luís Blank, anestesista, e Drs. Mink e Brenner, cardiologistas como Boris, que foi, no final da carreira, transferido para Brasília, fundando na então nova capital o primeiro hospital da Marinha e convidado a ser médico cardiologista do presidente Médici.

Fé de Ofício:

Nascido no Rio de Janeiro aos 20 de maio de 1933

1.º Ten. em 4 de janeiro de 1960

CT em 5 de fevereiro de 1936

CC em 5 de março de 1969

► *2.º Tenente Melchisedech Affonso de Carvalho*

O Ten. Melchisedech é um dos mais jovens veteranos vivos. Quase um menino ainda, alistou-se na Escola de Aprendizes Marinheiros de Fortaleza, no mesmo tempo em que seu irmão, o Maestro Eleazar de Carvalho, alistava-se no Corpo de Fuzileiros Navais. Mel, como é carinhosamente conhecido, é filiado à ARI – Associação Religiosa Israelita, em cujo Kabalat Shabat está invariavelmente presente, colaborando sempre com associações de veteranos, FIERJ e outras entidades dentro e fora da comunidade judaica, em atividades voltadas para a cidadania e benemerência.

Nascido aos 16 de novembro de 1928, em Fortaleza/CE, filho de D.^a Dalila M. de Carvalho, descendente de índios tabajaras, e do Capitão do Exército e pastor presbiteriano, Manoel Afonso de Carvalho.

Fez o curso de grumete na E.A.M Almirante Batista das Neves em Angra dos Reis.



► Tenente da Marinha do Brasil Melchisedech Affonso de Carvalho na Formatura Comemorativa da Tomada de Monte Castelo no Regimento Sampaio – Vila Militar, 21 de fevereiro de 2008. Acervo do autor.

Prestou serviços efetivos de operações de guerra em missão de comboio e patrulhamento, durante o período da Segunda Guerra Mundial, quando embarcado a bordo do destróier Bracuhy.

Prestou ainda serviço embarcado no tender Ceará, no contratorpedeiro Mariz e Barros, no destróier Beberibe, na Força de Contratorpedeiros e 1.^a Flotilha de Contratorpedeiros.



► O Ten. Melchisedech (de paletó branco e calça preta bem atrás do Ten. Israel Rosenthal) participa da aposição de coroa de flores no busto do Marechal Mascarenhas, Comandante da FEB pelos Veteranos. O Gen. Cesário, Comandante Militar do Leste, está ladeado pelo Ten. Rosenthal e o Gen. Campello, antigo comandante do Regimento. Acervo do autor.

É diretor cultural da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção do Rio de Janeiro, presidente do Conselho Deliberativo da Sociedade dos Amigos da Marinha – SOAMAR-RIO e membro da The Royal British Legion e The British & Commonwealth Society of Rio de Janeiro.

Tenente reformado, Melchisedech Affonso de Carvalho dedica-se ativamente à causa dos veteranos, sendo assíduo nos eventos promovidos pela Marinha alusivos à memória dos ex-combatentes.

É ainda assistente da presidente da Fundação Cultural, Educacional e Artística Maestro Eleazar de Carvalho, onde colabora para divulgar a memória e obra do seu saudoso irmão, que também serviu à Marinha do Brasil como músico (tocava tuba) e, em 1928, já no Rio de Janeiro, estudando solfejo e harmonia e integrando a Banda dos Fuzileiros Navais. No ano seguinte, fez concurso para a Orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Para prestar o concurso, teve que sair da Marinha, que perdeu um músico, mas o Brasil ganhou o grande Maestro Eleazar de Carvalho, a quem a música erudita no Brasil tanto deve. Regeu as principais orquestras do mundo e ensinou em grandes escolas americanas. Sempre voltou. Dizia: “Meu lugar é aqui!”

Melchisedech participou do quinto voo de apoio da FAB à Operação Antártica – XXI PROANTAR, realizado em maio de 2003.

Possui diversas condecorações, entre as quais Serviço de Guerra, Força Naval do Nordeste, Ordem do Mérito Naval, Medalha Mérito Tamandaré, Medalha do Pacificador, Medalha de Mérito do Ex-Combatente do Conselho Nacional da Associação dos Ex-Combatentes, Medalha da Vitória da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção do Rio de Janeiro, Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes, Medalha Amigo da Marinha, Honra ao Mérito Maçônico e Medalha Sargento Max Wolff Filho.



► 2014 – Prof. Israel Blajberg, Diretor-Secretário da Associação dos Veteranos Ten. Melchisedech Afonso de Carvalho e Almirante Médico Roberto Becman durante o tradicional almoço dos veteranos, no Espaço Varanda do restaurante O Navegador, no Clube Naval – Rio de Janeiro, promovido pela Associação dos ex-combatentes do Brasil – Seção Rio de Janeiro, reunindo veteranos da Marinha do Brasil, FEB, FAB, Marinha Mercante, Forças do Litoral, Forças de Paz e Nações Amigas Aliadas, extensivo aos amigos e familiares.

► 2.º Tenente Leão Stambowsky

Leão nasceu em 30 de janeiro de 1923, em Salvador/BA, tendo sido incorporado à Marinha do Brasil como aprendiz de marinheiro, e mais tarde como marinheiro de máquinas, MN-EL 2 Cl, tendo servido em operações de guerra embarcado no cruzador Rio Grande do Sul, no tender Belmonte e no encouraçado Minas Gerais.

Era filho de Neiman e Rachel Lanis Stambowsky. Frequentava a Hebraica do Rio de Janeiro, na Rua das Laranjeiras.

Seu filho Eduardo Stambowski tomou a si a honrosa tarefa de preservar a memória desse dedicado ex-combatente, que cumpriu inúmeras missões embarcado em comboios de escolta a navios mercantes nacionais, assegurando as comunicações marítimas vitais, tendo participado de operações conjuntas com a IV Esquadra Americana, tudo isso no período de 1º de setembro de 1942 a 31 de julho de 1945.

Eduardo lembra que seu pai nunca transigiu quando como judeu sofreu alguma discriminação, reagindo ainda que isso lhe custasse eventualmente alguma punição. Jamais ocultou a sua identidade religiosa, exemplo de coragem e dignidade.

Leão passou para a reserva no posto de 2.º Tenente aos 21 de maio de 1949, após nove anos, dois meses e 14 dias de serviço em unidades navais.

Este bravo marinheiro do Brasil faleceu aos 20 de novembro de 1971, e sua memória ficará eternizada como uma das glórias da comunidade judaica brasileira na sua contribuição à derrota do nazismo e restabelecimento das liberdades na Europa e no mundo.

Leão nunca se afastou do cumprimento do dever, como bem atesta o diploma recebido ao ser agraciado com a Medalha de Serviços de Guerra com 2 Estrelas, concedida pelo Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil em 21 de abril de 1949, pelos valiosos serviços prestados ao país, e assinado pelo Ministro da Marinha Almirante Sylvio de Noronha.

Apenas *en passant*, não devemos esquecer que o cristão-novo Fernando de Noronha foi um dos primeiros arrendatários de terra do Brasil. Assim, talvez, quem assinou aquele diploma de serviços relevantes, até sem o saber, tivesse correndo em suas veias alguns infinitésimos do precioso sangue judaico...

Leão honrou a sua imaculada farda branca, como vemos em antigos retratos, fazendo jus à memória do imperial marinheiro Marcílio Dias, e tendo sempre em mente os imortais Sinais de Barroso² alçados ao mastro principal da fragata Amazonas no Rio Paraguai.

- O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever.
- Máquinas à frente a toda força que a vitória é nossa.

² O Código Internacional de Sinais é o resultado da necessidade de se uniformizar todos os sinais empregados na comunicação visual e via rádio, e passou a vigorar a partir de 1.º de abril de 1969. É composto por 26 bandeiras alfabéticas, 10 numéricas, três substitutas e um galhardete de código ou reconhecimento.

CAPÍTULO 14

Marinha – Quadros de Carreira

CMG FN Benjamin Tissenbaum

O Cmt. Tissenbaum nasceu em 4 de julho de 1926, filho de Chuna Karlos Tissenbaum e Eva Grinberg Tissenbaum, ambos judeus ucranianos de Kamenetz Podolski, aqui chegados em 1925.

Estudou nos tradicionais colégios Pedro II e Andrews.

Foi declarado Guarda-Marinha Fuzileiro Naval na Turma Beauclair, tendo cursado a Escola Naval de 1943 a 1945. É ex-combatente por ter servido em zona de guerra.

Morava na Praça da Bandeira, sua família tinha poucos recursos. Sua entrada na Escola Naval foi difícil e desestimulada pelo próprio Comandante, o qual, em conversa com seu pai, recomendou que o jovem Benjamim estudasse engenharia, pois era bastante preparado, entretanto, ele não desistiu e acabou conseguindo seu intento.

A Viagem de Instrução não se realizou devido à guerra, e o jovem Tissenbaum foi servir em Ladário/MT, na 1.ª Cia Regional de Fuzileiros Navais.

Concluiu vários cursos, como o de eletrônica, no qual o primeiro classificado um dia viria a ser o presidente da Telebras e Ministro das Comunicações, Cmt. Euclides Quandt de Oliveira, falecido recentemente em Petrópolis/RJ.

Frequentou ainda o Curso de Comando da Escola de Guerra Naval – EGN, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais – EsAO do Exército, na Vila Militar – Rio de Janeiro, e o Communications Course, em Quantico, Virginia, EUA.

Dedicou-se aos esportes, vôlei no Botafogo e natação no Vasco da Gama.

Casou-se na Argentina em 1973, tendo uma filha, Virginia (Bassia).

Serviu no Centro de Instrução do Corpo de Fuzileiros Navais (CICFN) na Ilha do Governador, atual CIASC, o precursor dos modernos fuzileiros de hoje em dia. Entre seus comandantes, houve vários Comandantes-Gerais do Corpo de Fuzileiros Navais, assinalados com (*):

- ▶ (*) CMG (FN) Heitor Lopes de Sousa – 28/2/1961 a 4/1/1962
- ▶ (*) CMG (FN) Roberval Pizarro Marques – 1/º/4/1964 a 5/1/1966
- ▶ CMG (FN) Benjamin Tissenbaum – 20/8/1968 a 4/6/1971
- ▶ (*) CMG (FN) Carlos de Albuquerque – 4/6/1968 a 24/12/1971



► 2012 – CMG FN Benjamin Tissenbaum e sua esposa, na residência no Jardim Botânico. Acervo do autor.

No Centro de Instrução e Adestramento do CFN (CIAdestCFN)

- (*) CMG (FN) Carlos de Albuquerque – 24/12/1971 a 11/12/1974
- CMG (FN) Sérgio Treitler (Interino) – 20/2/1989 a 26/4/1989
- CAIm. (FN) Edésio Campanille Neves Araripe – 26/4/1989 a 9/1/1990

Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC)

- (*) CAIm. (FN) Marcelo Gaya Cardoso Tosta – 10/8/1995 a 13/3/1997
- (*) CAIm. (FN) Álvaro Augusto Dias Monteiro – 8/2/2001 a 27/3/2001

Entre os oficiais que serviam no Centro de Instrução do CFN em 1955/1956, estava o então 2.º Ten. (FN) Fernando Nascimento, encarregado da Divisão do Rancho/Conforto, que mais tarde seria Almirante e Presidente da AVCFN – Associação dos Veteranos.

O Cmt. Tissenbaum foi estagiário da ESG em 1960, onde conviveu com conhecidas personalidades, que eram ou se tornariam nomes de destaque no cenário civil e militar brasileiro:

CEMCFA – Almirante Tamandaré
Patrono: Almirante Tamandaré

- Capitão de Mar e Guerra – Benjamin Tissenbaum
- Vice-Almirante – Henry British Lins de Barros
- General-de-Exército – João Baptista de Oliveira Figueiredo
- Tenente-Coronel – Waldemar Raul Turola
- Médico – Afonso Ligório Pinheiro Jofily

- ▶ Professor – Amaury Alves Menezes
- ▶ Doutor – Antônio Carlos Do Amaral Osório
- ▶ General-de-Brigada – Hugo Panasco Alvim
- ▶ Advogado – Joaquim Manoel Xavier da Silveira
- ▶ Tenente-Brigadeiro do Ar – Joelmir Campos de Araripe Macedo
- ▶ General de Brigada – Luiz Neves

A partir de 19 de abril de 1964, já como Capitão de Fragata, Benjamin Tissenbaum foi nomeado Comandante do Comando de Serviços da FFE – Força de Fuzileiros da Esquadra, em portaria de 1.º de junho de 1964, assinada pelo Ministro da Marinha Alm. Ernesto de Mello Baptista.

No exercício de 1970, o Capitão de Mar e Guerra Benjamin Tissenbaum assinou Termo de Convênio Especial com o Ministério da Educação e Cultura – Conselho Federal de Cultura e o Centro de Instrução do Corpo de Fuzileiros Navais para aplicação de recursos destinados ao Plano Nacional de Cultura, com o Ministro de Estado da Educação e Cultura, Senador Jarbas Gonçalves Passarinho, e o Presidente do Conselho Federal de Cultura, Dr. Arthur Cezar Ferreira Reis, Plano de Metas da Cultura Nacional.

CMG Isaac Benchimol

As origens da família Benchimol remontam ao Marrocos pelo lado paterno. Seu avô paterno, Issac Aaron Benchimol, de Tanger, imigrou para a Amazônia no início do ciclo da borracha. Sua avó Oro Dueña (Ordueña Cohen) nasceu em Buim no Alto Tapajós. Casaram-se em Belém e tiveram oito filhos, entre os quais dois vieram a se tornar Oficiais-Generais, seu tio Elias Isaac Benchimol, residente em Belém, e seu pai, Gen. Aarão Benchimol. Pelo lado materno, descende de Maurício Baratz, oriundo de Secureni, na Bessarábia.

Seus pais Aarão e Rachel se conheceram no Rio, no famoso Clube dos Cabiras, na região da antiga Praça XI de Junho, onde nas décadas de 20 a 50 se concentrou a comunidade judaica carioca.

O Cmt. Benchimol era, pois, um predestinado, já que o dia 11 de junho recordado no nome da praça nada mais é que o dia da Batalha Naval do Riachuelo. O casal teve mais uma filha, a Sr.ª Helena Benchimol Wieselberg.

Benchimol cursou o Colégio Militar do Rio de Janeiro de 1948 a 1952, onde foi incorporado ao Esquadrão de Cavalaria, arma de seu pai Aarão. Em seguida, entrou para o Colégio Naval em Angra dos Reis/RJ, onde estudou de 1953 a 1954, seguindo então para a Escola Naval, de 1955 a 1958. Ao longo de quase 30 anos de carreira militar, 1958-87, desempenhou importantes comissões, embarcado e em terra:

- ▶ Contratorpedeiro Araguaia – 17/4/63 a 23/12/63, Encarregado de Divisão de Máquinas.
- ▶ Comando do 5.º Distrito Naval – 13/1/64 a 23/6/65, Ajudante de Ordens do Comandante Almirante Murillo Vasco do Valle Silva.

- ▶ Comando em Chefe da Esquadra – de 4/3/66 a 17/7/68, Oficial de Pessoal.
- ▶ Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos – de 17/7/68 a 4/11/69, Assessor Militar da Marinha no Ministério do Exército, atual Palácio Duque de Caxias, Rio de Janeiro/RJ.
- ▶ EMFA – Estado-Maior das Forças Armadas – de 6/11/69 a 16/2/72, Oficial de ligação com o Congresso Nacional e o Ministério das Relações Exteriores, em Brasília, com o Alm. Murillo.
- ▶ Cursou o Naval War College, NSC, da Marinha dos EUA – de 22/1/73 a 30/6/73, Naval Staff Course, Newport Rhode Island.
- ▶ Oficial de Logística da Força de Contratorpedeiros – de 21/9/73 a 22/2/74, Ilha das Cobras, Alm. Téo Albano de Aratanha.
- ▶ Instrutor no Centro de Adestramento Almirante Marques de Leão – de 11/8/75 a 5/4/76, CAAML – Ilha das Cobras.
- ▶ Comando de Operações Navais – de 19/4/76 a 6/9/77, como Encarregado da Subseção de Busca e Salvamento (Salvamar Brasil).
- ▶ Secretaria-Geral da Marinha – de 28/9/77 a 9/5/79, Oficial e Chefe de Gabinete em Brasília, chefia do Alm. Carlos Auto de Andrade.
- ▶ Diretoria de Administração da Marinha, Adjunto no Plano Diretor – de 14/5/79 a 10/7/80.
- ▶ Comandante do NDCC Garcia D'Ávila – de 21/7/80 a 7/8/81.
- ▶ Escola Superior de Guerra, Curso Superior de Guerra – de 2/3/82 a 3/1/83.



▶ Imagem 10 – Casamento de Isaac Aaron Benchimol e Oro Dueña (Ordueña) Cohen. Acervo da família.



► 1960 – Casamento da filha do Gen. Aarão Benchimol, em 1960, no Rio de Janeiro. À esquerda, o então Primeiro-Tenente Isaac Benchimol, irmão da noiva. Acervo da família.

- Estado-Maior da Armada – de 21/2/83 a 23/11/84, encarregado da Divisão de Organismos Extra-Marinha (Ministério das Relações Exteriores, Comissão Nacional da Bacia do Prata e Comissão Nacional do Meio Ambiente).



► 1957 – Desfile de representação dos Aspirantes da Escola Naval em homenagem ao presidente de Portugal Craveiro Lopes. O Aspirante Isaac Benchimol vem logo atrás do Capitão-Tenente Comandante da Companhia de Alunos. Acervo da família.

- Representante Especial do Governo Brasileiro junto a organismos econômicos multilaterais como assessor para Assuntos da Organização Marítima Mundial (IMO) – 5/2/85 a 5/2/87, em Londres, Inglaterra.

Transferência para a Reserva em 1.º de junho de 1987.

Como tenente, entre as demais funções, foi imediato do NT Gastão Moutinho, navegando na Região Amazônica, entre Belém e Manaus, e Ajudante de Ordens do Comandante do 4.º Distrito Naval, Alm. Ernesto de Mello Baptista, em Belém. Serviu ainda no EMA, ComemCh, Diretoria de Administração da Marinha, e cursou a EGN em 1974.

CMG FN Samuel Frydman

O Cmt. Frydman tem origens familiares nas cidades de Szydlowiec, Polônia, e Damasco, Síria.

Estudou no Colégio Hebreu-Brasileiro da Rua Desembargador Isidro, na Tijuca. Realizou o concurso vestibular optando pela Escola Naval. Anteriormente cursou o CEFET – Telecomunicações, tendo trabalhado em 1968 na então CTB, mais tarde TELERJ, nas estações telefônicas Pentaconta PC-1000, que eram as mais modernas na época.

Em 1969, ingressou na Escola Naval. Seu pai era religioso e desejava que ele observasse o Shabat (sábado judaico) e a Kashrut (leis alimentares judaicas), mas acabou concordando, dado que seria complicado obedecer às regras durante os treinamentos e serviço.

O Cmt. Frydman, então Capitão de Corveta, dirigiu o Curso de Cabos no CADIM – Ilha da Marambaia, de 1984 a 1986, foi a quarta turma feminina.

Foi Diretor de Ensino e gestor de concursos.

Em 1980, cursou a EsAO, onde um dos instrutores era o futuro General Elito, na época Capitão de Infantaria (1984).

Serviu na Força de Fuzileiros da Esquadra – FFE, e realizou exercícios no Espírito Santo, Itaoca e Itapemirim. Em 1995, alcançou o posto de Capitão de Mar e Guerra.

CMG Mário Edelman

Nascido no Rio de Janeiro aos 2 de maio de 1929, filho de Meyer Edelman e Perel Edelman. Seu pai era imigrante de Hotin, Bessarábia, hoje Moldávia, e sua mãe de Mogilev-Podolski, Ucrânia, próximo a Kiev.

Estudou no Colégio Israelita Brasileiro Sholem Aleichem, na Tijuca, e no Colégio Pedro II. Foi da Turma de 1946 da Escola Naval, tendo realizado o curso prévio de um ano, já que na época não havia Colégio Naval.

Era Capitão de Fragata quando passou para a reserva, a pedido, em 23 de agosto de 1971, sendo promovido a Capitão de Mar e Guerra. Era hidrógrafo, e na vida civil trabalhou na CIE com o Alm. Edno Chamoun, na Divisão de Levantamentos, em projetos de barragens, bem como na Construtora Morrisson Knudsen. Formou-se em Engenharia Cartográfica na UERJ, em 1974.

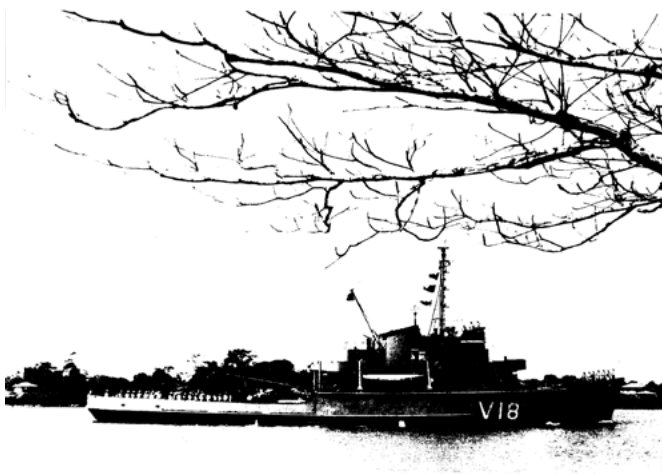


► Visita do Presidente da República à Escola Naval. Acervo Cmt. Mário Edelman.

Realizou em 1952 uma viagem de circunavegação do globo terrestre a bordo do Almirante Saldanha, com duração de 13 meses. A Praça d'Armas deste navio foi desmontada e encontra-se hoje no Espaço Cultural da DHN, na Ponta da Armação, Niterói/RJ, onde se situa o assim chamado “Bode Verde”.



► Retratos 3 x 4 do então Guarda-Marinha Mário Edelman. Acervo Cmt. Mário Edelman.



► Novembro de 1956 – V 18 – CV Forte de Coimbra Itajaí. Acervo Cmt. Mário Edelman.

Serviu a bordo de navios hidrográficos de 1953 a 1957, Camocim, Caravelas, José Bonifácio, e na Ilha Fiscal, antiga sede da DHN. A Hidrografia está presente na História do Brasil já desde que pela primeira vez as caravelas de Cabral lançaram o prumo em nossas costas, apurando a profundidade em braças na Baía de Todos os Santos, como descrito no magnífico Espaço da Memória Histórica no térreo da Casa d' Armas da Ponta da Armação, que data de 1644.



► Túnel de aço formado pelos colegas de turma à saída do Grande Templo Israelita – Rua Tenente Possolo n.º 8, próximo à Pça. Cruz Vermelha. Acervo Cmt. Mário Edelman.



► O rabino celebrante e os noivos. Acervo Cmt. Mário Edelman.



► Beber do cálice de vinho puro faz parte do ritual do casamento. Acervo Comte Mário Edelman.

Outras comissões incluíram a corveta Forte de Coimbra V18, que era um navio de socorro, e viagens no Sirius e Canopus vindas do Japão. Participou de salvamentos no mar em ressaca, de navios à matroca, trabalho duro e arriscado.

Em 1957, foi Instrutor de Navegação e Astronomia da Escola Naval, como Capitão-Tenente, para quatro turmas de Guardas-Marinha. Participou da montagem do Planetário da Escola.

Em 1962, viajou no governo Jânio Quadros no navio-escola Custódio de Mello, para a Expo África.

Em dezembro de 1964, participou da expedição à Antártida, passando por Valparaíso e Piloto Pardo.

Em março de 1965, viajou com cientistas e pesquisadores ao Círculo Polar Antártico, onde não havia noite, apenas cinco minutos de crepúsculo, fazendo levantamentos hidrográficos e cartas de navegação para o Chile. Em reconhecimento, um acidente geográfico foi denominado Cerro Edelman. O Brasil ainda não tinha a Base Comandante Ferraz. Da expedição participou o pai do futuro presidente do Chile, Eduardo Frey.

Serviu em Natal/RN e cursou a Escola de Guerra Naval – EGN em 1971. Foi designado imediato do Custódio de Mello.

Reside atualmente no Flamengo, Rio de Janeiro/RJ.

Capitão de Fragata Fuzileiro Naval Israel Orenstein

Falecido em 29 de novembro de 1974 quando exercia o comando do Batalhão de Transporte Motorizado do Comando de Reforço da Força de Fuzileiros da Esquadra. O anúncio fúnebre foi publicado nos jornais pelo Comandante-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. Foi sepultado no Cemitério São Francisco Xavier, no Cajú – Rio de Janeiro/RJ. Era da Turma de 1955 da Escola Naval e de 1951 do Colégio Naval, a mesma de um antigo Comandante-Geral do CFN, Alm. Valdir Bastos Ponte.

CAPÍTULO 15

Marinha – Quadros de Saúde

Vice-Almirante Médico Amihay Burla¹

Filho de Moisés Burlá, natural de Jerusalém e de Fortuné Burlá, de Galipoli, Turquia, nascido a 10 de abril de 1925, faleceu aos 30 de julho de 2003. Casado com D.^a Maria Helena Burlá, natural de Minas Gerais, enfermeira diplomada. Era irmão de Eliezer Burlá, presidente da FIERJ, Jacob Burlá, presidente da Sinagoga Beth-El e Jayme Burlá, médico.

Estudou no Colégio Hebreu Brasileiro da Tijuca e Colégio Pedro II. Inicialmente pretendia ser engenheiro, participava das Olimpíadas de Matemática do famoso Professor Malba Tahan, do Colégio Mello e Souza. Posteriormente desejou ser médico inspirado por ter seu avô falecido por falta de socorro.

Foi interno da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil e da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro no biênio 1949-1950. Comissionado 1.º Tenente Médico aos 15 de julho de 1952, atingiu o posto de Capitão de Mar e Guerra aos 31 de abril de 1973. Contra-Almirante em 31 de março de 1980 e Vice-Almirante em 31 de março de 1986. Passou para a reserva aos 31 de março de 1988.

Serviu no contratorpedeiro Amazonas, no cruzador Barroso, CIAT-Natal. Coursou a Escola de Guerra Naval – EGN.

Recebeu diversas distinções, entre as quais sócio honorário da ABOMI – Associação Brasileira de Odontologia Militar, sócio titular da Academia Brasileira de Medicina Militar, Cidadão Honorário de Houston, Personalidade Ilustre de Nova Friburgo, Honra ao Mérito do Conselho Nacional de Farmácia, Medalha Mérito Tamandaré, Medalha do Pacificador, Medalha Santos Dumont, Ordem do Mérito Judiciário Militar, Ordem de Rio Branco e as Ordens do Mérito Naval (Grande Oficial), Militar e da Aeronáutica (Comendador).

Era um marinheiro nato, cirurgião torácico, serviu em Natal, Nova Friburgo e Rio de Janeiro, HNMD no Lins de Vasconcellos.

Foi diretor do Sanatório Naval de Nova Friburgo e do Hospital Central da Marinha na Ilha das Cobras, e Diretor de Saúde da Marinha, o posto mais

¹ Com relatos de seus filhos José Alberto e Maurício.



► 1986 – Diretor de Saúde da Marinha – Vice-Almirante Médico Amihay Burlá. Acervo da família.

elevado da área, cujo titular é o único Vice-Almirante Médico de 3 estrelas, que comanda a “Nau Capitânea da Saúde”.

Em 12 de maio 1977, o Ministro da Marinha Geraldo Azevedo Henning nomeou o CMG MD Amihay Burlá para exercer o cargo de Diretor do Sanatório Naval de Nova Friburgo, sendo exonerado do cargo de Vice-Diretor do Centro Médico Naval Marcílio Dias – CMNMD.



► 1986 – Diretor de Saúde da Marinha – Vice-Almirante Médico Amihay Burlá recebido em audiência pelo Papa João Paulo II no Vaticano. Acervo da família.

Trabalhou com os Almirantes Karam e Saboya. Foi recebido pelo Papa, estando um retrato do encontro na ABOMI. Dom Eugênio Salles a ele se referiu dizendo que “foi preciso um judeu para reformar a capela do HCM”.

Durante sua gestão, ocorreu o acidente nuclear em Goiânia, com o Césio 137, quando trabalhou com os engenheiros Rex Nazaré e José de Julio Rosental, da CNEN. Em entrevista coletiva, ao ser perguntado se os pacientes goianos tinham aparelhos de rádio e Tv em seus quartos, respondeu: “Os senhores estão querendo que eu mate os meus pacientes antes da hora?”. Após a gargalhada geral, explicou: “De eles assistirem a TV, vão acabar morrendo só de ler o que os senhores estão escrevendo sobre eles...”²

Quando da ativação do Serviço de Medicina Nuclear no HNMD, em 1972, iniciou-se o preparo das equipes médicas e paramédicas com cursos de adestramento básico na área de radioproteção.

Em 1981, foi ativada a Enfermaria de Pacientes Irrradiados, construída em área afastada das Unidades de Internação e Serviços Ambulatoriais, com paredes blindadas e ar-condicionado central, necessários à internação de pacientes radioativos.

Um acidente com radiações ionizantes envolve um padrão de risco que somente uma organização militar, com sua estrutura hierarquizada, tem condições de assumir.

² PINTO, Fernando. *Memórias de um repórter*. Thesaurus Editora, 2004.



► 1986 – Diretor de Saúde da Marinha – Vice-Almirante Médico Amihay Burlá em seu gabinete. Acervo da família.



► 1986 – Diretor de Saúde da Marinha – Vice-Almirante Médico Amihay Burlá recebendo as honras de estilo. Acervo da família.

O hospital é capaz de atender aos acidentados graves, principalmente os portadores da Síndrome Aguda da Radiação, que requerem cuidados semelhantes aos de um imunodeprimido, como as vítimas do acidente em Goiânia, já que a radiação comprometeu seriamente sua medula óssea. A necessidade de permanecerem em ambiente extremamente asséptico, sem qualquer tipo de ameaça de infecção, confirmava a necessidade de transferir os doentes para o HNMD.³

Era muito querido por todos que com ele trabalhavam, fossem oficiais, praças ou servidores civis. Excelente militar, médico competente, amigo de todos, brilhante na profissão e na carreira, digno, educado, honrado, generoso, leal, ilustre chefe, amigo de todos seus comandados.⁴

Com Isaac Karabichevski estimulou a música na Marinha.

Embarcou no cruzador Barroso para a Coroação da Rainha Elizabeth, na mesma viagem que trasladou para o Brasil os restos mortais do Conde d’Eu.

Em fins de 1982, foi notícia:

“(...) O atual diretor do Hospital Central da Marinha, Contra-Almirante Médico, Amihay Burlá, conseguiu restaurar dois locais históricos na Ilha das Cobras, onde está localizado o Hospital Central da Marinha: a capela de São José e a cela em que Tiradentes ficou preso, de maio de 1789 até junho de 1791, ao lado da Casa do Corpo da Guarda” (Jornal do Brasil, 10/12/1982).

Dois anos depois, Amihay Burlá foi empossado na Academia Brasileira de Medicina Militar (merecendo ser notícia no *Jornal do Brasil*, 7/12/1984).

³ ROCHA, Sonia Fonseca. *O Hospital Naval Marcílio Dias (HNMD)* – referência no tratamento de vítimas de acidentes radioativos.

⁴ Depoimento da sua secretária D.^a Iaraci Casaes Lamenha Lins, servidora civil da Marinha de 1952 a 1989. Revista *Marítima Brasileira*, jan. 2004.

A partir de 1955, trabalhou no Hospital Naval Marcílio Dias, durante 25 anos, interrompidos por duas estadas no Sanatório Naval em Nova Friburgo, de 1970 a 1975, e de 1977 a 1979, como seu diretor. Em abril de 1980, foi nomeado diretor do Hospital Central da Marinha.

Amihay Burlá foi sepultado no Cemitério Comunal Israelita do Cajú – Rio de Janeiro/RJ. Uma cerimônia religiosa foi oficiada na Sinagoga Beth-El, na Rua Barata Ribeiro 489, em Copacabana, em 28 de agosto de 2003, aos 30 dias do seu passamento. A pedra tumular – *matzeiva* – foi descoberta aos 21 de março de 2004.

CA (Md) Dr. Roberto Becman

O Dr. Roberto Becman formou-se em 1976 pela Faculdade de Medicina do Centro Universitário Serra dos Órgãos, ingressando em 1977 no Quadro de Médicos da Marinha. Foi promovido ao Posto de Contra-Almirante (Médico) em 2003, tendo deixado o serviço ativo em 2005.

Natural do Rio de Janeiro/RJ, tem 62 anos, filho de Lucio Becman (1919 – 1987), brasileiro, médico, e de Sara Colcher Becman (1919 – 2008), romena, naturalizada brasileira, professora.

Seu pai, Ten. R/2 Méd. Lucio Becman, cursou o CPOR, constando desta obra no cap. 21 – Antigos Alunos do CPOR.

Dr. Becman ocupou relevantes funções:

- ▶ Diretor do Centro de Perícias Médicas da Marinha – 2003 e 2004.
- ▶ Presidente da Junta Superior de Saúde da Marinha (a instância Médico-Pericial de mais elevado nível da Marinha).
- ▶ Membro da Comissão de Promoção de Oficiais.
- ▶ Diretor do Hospital Naval de Salvador – ao longo do ano de 2003 (cargo em que se encontrava quando foi promovido a Contra-Almirante).
- ▶ Presidente da Junta Superior Distrital de Saúde do Comando do Segundo Distrito Naval (a instância Médico-Pericial de mais elevado nível daquele Comando de Área).
- ▶ Diretor da Unidade Integrada de Saúde Mental – de março de 1999 a fevereiro de 2002 (cargo em que se encontrava quando foi designado para o Curso de Política e Estratégia Marítimas da Escola de Guerra naval).
- ▶ Chefe do Departamento de Planejamento do Centro de Perícias Médicas da Marinha – de 1995 a 1998.
- ▶ Presidente da Junta Superior Distrital de Saúde do Comando do 1.º Distrito Naval.
- ▶ Chefe do Departamento de Planejamento da Diretoria de Saúde da Marinha.

Em 1994 e 1995, foi Coordenador Geral da Estruturação do Serviço de Saúde em apoio a todo o contingente da Marinha que participou da Operação de Manutenção da Paz em Angola, da Organização das Nações Unidas – ONU,

denominada UNAVEM III, com mandato de 1995 a 1997 – atividade de grande abrangência e complexidade, sem paralelo, pelo menos desde os anos de 1965 e 1966, que foi a ocasião anterior em que a Marinha do Brasil havia participado em grande escala de uma Força de Paz da ONU, na República Dominicana, operação esta cujos dados de planejamento, entretanto, não serviam como referência para a Estruturação do Serviço de Saúde da Operação UNAVEM III.

Foi ainda chefe do Ambulatório Naval da Ilha do Governador, em 1994, chefe do Ambulatório Naval da Penha, em 1993, e chefe do Departamento de Saúde da Escola Naval, de 1989 a 1993.

Entre outras atividades colaterais, o Alm. Becman foi designado, em 1992, como Oficial de Ligação Brasileiro, junto ao Presidente da República da Bulgária, Zhelyu Mitev Zhelev (1935-2015), durante viagem oficial ao Brasil (de 1.º a 15/6/1992), como Chefe de Estado, e para participar da RIO-92, Conferência das Nações Unidas – ONU, sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a chamada Cúpula da Terra ou ECO-92, e que reuniu 108 Chefes de Estado.

Foi ainda designado, em 1982, como Oficial Médico para apoio à estada do Exm.º Sr. Ministro das Relações Exteriores, Chanceler Ramiro Elísio Saraiva Guerreiro (1918-011), e comitiva, durante a sua estada no Centro de Instrução da Ilha da Marambaia, no Município de Mangaratiba, ao sul do estado do Rio de Janeiro.

Dr. Becman tirou o CEPEM – Curso de Política e Estratégia Marítimas da EGN (Escola de Guerra Naval), com doutorado em Ciências Navais, concluído em 2002; com o Curso Superior da Escola de Guerra Naval, concluído em 1993; o Curso de Formação de Peritos Médicos, da Associação de Magistrados de São Paulo, sob a Direção do Professor Fortunato A. Badan Palhares (da UNICAMP), concluído em dezembro de 1998; e o Curso Básico da Escola de Guerra Naval, concluído em 1982.

Realizou Residência Médica no Hospital de Ipanema do INSS, no Serviço de Medicina Interna, sob a preceptoría do professor Stanislau Kaplan, conferindo o Título de Especialista em Medicina Interna/Clínica Médica, com duração de dois anos e três meses, concluído em março de 1979. Concomitantemente, realizou estágio na Unidade de Terapia Intensiva do mesmo Hospital, com admissão através de classificação em concurso público.

É Membro Honorário da ABMM – Academia Brasileira de Medicina Militar, e ABOMI – Academia Brasileira de Odontologia Militar.

Recebeu as seguintes condecorações: Mérito Naval, Mérito Judiciário Militar, Mérito do Ministério Público Militar, Medalha da Vitória, Medalha Militar de Prata com Passador de Prata, Mérito Tamandaré, Jubileu de Ouro da Vitória, Medalha de Amigo dos Ex-Combatentes, Medalha da Academia Brasileira de Medicina Militar e Medalha da Academia Brasileira de Odontologia Militar.

Foi agraciado com o Diploma de Homenagem, conferido pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro/RJ, em novembro de 2001, e com o título de Cidadão Honorário de Salvador/BA, conferido pela Câmara Municipal em novembro de 2003.

Capitão de Mar e Guerra (Md RM1) Dr. Alexandre Cherman

Filho de Aron Isidoro Cherman e D.^a Anita Cherman. O CMG Cherman nasceu aos 7 de abril de 1958, tendo sido aluno do Colégio Scholem Aleichem no curso primário e frequentador da associação juvenil Chazit da Associação Religiosa Israelita – ARI. Foi transferido para a reserva remunerada a pedido, por tempo de serviço.

Em sua carreira médica militar, exerceu funções relevantes, a saber:

- ▶ Chefe da Seção de Saúde e Médico-Perito isolado do 2.º Batalhão de Infantaria de Fuzileiros Navais (Batalhão Humaitá) – de 1985 a 1987.
- ▶ Chefe do Departamento Médico do Sanatório Naval de Nova Friburgo – 1988 a 1991.
- ▶ Médico-Assistente da Clínica de Obstetrícia do Hospital Naval Marcílio Dias –1992.
- ▶ Chefe da Divisão de Saúde e Presidente da Junta Regular de Saúde da Diretoria de Hidrografia e Navegação – 1993 a 2000.
- ▶ Chefe do Departamento de Saúde e Presidente da Junta Regular de Saúde do Comando Naval da Amazônia Ocidental – de janeiro de 2001 a dezembro de 2003.
- ▶ Vice-Diretor, membro da Junta Superior Distrital e Presidente da Junta Regular de Saúde do Hospital Naval de Brasília – de janeiro de 2004 a dezembro de 2005.
- ▶ Chefe do Departamento de Medicina do Hospital das Forças Armadas – de janeiro de 2006 a março de 2007.
- ▶ Gerente da Divisão de Saúde do Departamento de Saúde e Assistência Social do Ministério da Defesa – de março de 2007 a março de 2008.



▶ Capitão de Mar e Guerra (Médico RM1) Dr. Alexandre Cherman ao receber a Medalha Mérito Tamandaré. Acervo pessoal.

Na vida civil, exerceu entre outras as seguintes funções: Médico-Assistente da Maternidade de Alto Risco do Hospital dos Servidores do Estado (Rio de Janeiro); Médico-Perito do Ministério da Saúde em Manaus-AM; Vice-Diretor Médico do Hospital-Dia Samdel – Segurança e Medicina do Trabalho; Médico-Perito do Ministério da Saúde (estatutário concursado), cedido ao GDF para realizar perícias para a Vara de Ações Previdenciárias, na Diretoria de Saúde do Trabalhador – Sec. Saúde do DF; 1.º Secretário da Regional do Distrito Federal da Sociedade Brasileira de Perícias Médicas; membro da Diretoria da Associação Brasileira de Medicina do Trabalho. É registrado pelo CRM-DF como qualificado nas especialidades de Medicina do Trabalho, Ginecologia e Obstetrícia.

Graduado em Medicina na FTE Souza Marques/RJ (1977 a 1982), Residência Médica em Ginecologia e Obstetrícia no Hospital da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (1983/1984), pós-graduação “Lato Sensu” em Medicina do Trabalho pela Faculdade de Medicina de Itajubá (USC-CEDAS) em 1998/1999, Curso de Formação de Oficiais para o Corpo de Saúde da Marinha, Curso Básico e Superior da Escola de Guerra Naval.

Recebeu as seguintes condecorações: Ordem do Mérito da Defesa (Ministério da Defesa), Ordem do Mérito Bombeiro Militar do DF – Grau Comendador, Ordem do Mérito Militar (Exército Brasileiro), Ordem do Mérito Cívico – Grau Comendador, Medalha Militar com Passador de Prata, Medalha Mérito Tamandaré (Marinha do Brasil), Medalha do Pacificador (Exército Brasileiro) e Mérito Santos Dumont (Força Aérea Brasileira).

Capitão de Mar e Guerra (CD-RM1) Sergio Prais

Nascido em 16 de janeiro de 1961, natural do Rio de Janeiro. Filho de Julio Prais, cirurgião-dentista, já falecido, e Macha Prais. Diplomado como cirurgião-dentista pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 28 de agosto de 1984.

Foi convocado para o serviço ativo da Marinha a partir de 15 de fevereiro de 1985, servindo como cirurgião-dentista no posto de Guarda-Marinha. Foi nomeado ao posto de 2.º Tenente em 15 de agosto de 1985. Em 10 de março de 1986, foi matriculado no Curso de Formação de Oficiais do Corpo de Saúde da Marinha, finalizando a sua adaptação em 26 de setembro de 1986, sendo nomeado ao posto de 1.º Tenente nesta data.

Em 7 de outubro de 1986, foi designado para a Diretoria de Hidrografia e Navegação, embarcando no navio hidrográfico Sirius. Assumiu a função de Ajudante da Divisão de Saúde, permanecendo durante um ano e um mês nessa comissão. Após o seu desembarque, foi movimentado para a Odontoclínica Central da Marinha, assumindo a função de Assistente da Clínica de Dentística Restauradora.

Em 11 de abril de 1988, foi designado para servir no Colégio Naval, assumindo a função de Ajudante da Divisão de Odontologia em 30 de junho de 1988. Permaneceu nesse Colégio durante dois anos e oito meses. Em 25 de dezembro de 1990, foi promovido por antiguidade ao posto de Capitão-Tenente.



► Capitão de Mar e Guerra (Cirurgião-Dentista RM1) Dr. Sergio Prais, na Escola Naval. Acervo pessoal.

Em 14 de janeiro de 1991, assumiu a função de Assistente da Seção de Odontologia Integrada na Policlínica Naval Nossa Senhora da Glória. Em 1.º de março de 1992, foi matriculado no Curso de Aperfeiçoamento em Dentística Restauradora, realizado na Odontoclínica Central da Marinha.

Assumiu a função de Assistente da Clínica de Cirurgia Bucomaxilofacial do Hospital Naval Marcílio Dias em 10 de novembro de 1992.

Em 7 de janeiro de 1993, foi designado para servir na Escola Naval. Exerceu a função de Ajudante da Divisão de Odontologia. Recebeu a Medalha Militar de Bronze por ter completado 10 anos de bons serviços prestados, em 21 de fevereiro de 1995.

Foi promovido por merecimento ao posto de Capitão de Corveta em 28 de agosto de 1997. Permaneceu nessa escola durante sete anos e dez meses.

Em 17 de novembro de 2000, procedente da Escola Naval, foi movimentado para a Odontoclínica Central da Marinha, assumindo a função de Ajudante da Clínica de Dentística em 20 de novembro de 2000. Assumiu a função de Ajudante de Serviço da Clínica de Odontogeriatrics em 22 de maio de 2003. Foi nomeado instrutor do Curso de Pós-Graduação na especialidade de Dentística Restauradora em 2 de fevereiro de 2004.

Em 26 de agosto de 2004 foi promovido por merecimento ao posto de Capitão de Fragata. Foi condecorado com a Medalha Militar de Prata por ter completado 20 anos de bons serviços prestados, em 16 de agosto de 2005. Assumiu a função de Encarregado da Divisão de Dotação de Material de Saúde no Centro Logístico de Saúde da Marinha em 5 de setembro de 2006. Em 30 de setembro de 2007, foi movimentado para o Hospital Central da Marinha, assumindo as funções de Encarregado da Divisão de Odontologia e posteriormente a de Chefe do Departamento de Saúde nesse nosocômio.

Finalmente, em 19 de maio de 2008, assumiu as funções de Encarregado da Divisão de Apoio, Gestor de Material e Patrimonial da Odontoclínica Central da Marinha. Foi promovido por merecimento ao posto de Capitão de Mar e Guerra em 27 de agosto de 2010, sendo em 16 de março de 2011 transferido para a reserva remunerada (RM1).

CAPÍTULO 16

Marinha – Quadro Complementar, Técnico, CIORM, EFORM, Saúde

Ao iniciar este capítulo, que registra uma das mais relevantes contribuições, seja numérica seja qualitativa da Comunidade Judaica Brasileira à Marinha, queremos registrar a epopeia dos Sinais de Barroso, que apesar do tempo decorrido desde que aqueles jovens pela última vez envergaram o honroso uniforme branco, certamente ainda acompanha esses antigos marinheiros, e lhes serve de inspiração:

Sinais de Barroso – Guerra da Tríplice Aliança (Guerra do Paraguai)

No dia 11 de junho de 1865, nossos marinheiros se preparavam para um ato religioso a bordo da fragata Amazonas, quando foi dado o aviso de “inimigo à vista”. Seguiu-se o toque de “postos de combate”, sendo içado nos mastros o sinal de bandeiras:

– “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”.

Travou-se a batalha e os brasileiros se viram incentivados por novo sinal, mandado içar pelo Almirante Barroso:

– “Sustentar o fogo que a vitória é nossa”.

CIORM¹ – Legislação

Os CIORM foram criados pelo Decreto-Lei n.º 9.851 de 13 de setembro de 1946, sendo colocado em funcionamento o do DF pelo Aviso n.º 2.890, de 24 de novembro de 1951. Seus primeiros comandantes foram o CF Ernesto de Mello Batista (que assumiu em 10 de dezembro de 1951), CC Arnaldo de Negreiros Jannuzzi, CF Gualter Maria Menezes de Magalhães, CF André Estefano Guimarães e CF Lourival Monteiro da Cruz. O primeiro viria a ocupar o cargo de Ministro da Marinha no Governo Castello Branco.

Extrato do Decreto n.º 32.765 – Rio de Janeiro, 13 de maio de 1953; 132.º da Independência e 65.º da República. Getúlio Vargas e Renato de Almeida

¹ Centro de Instrução de Oficiais da Reserva da Marinha.

Guillobel (Almirante): Institui o escudo de armas, o estandarte e o selo para o CIORM do Distrito Federal.

O escudo de armas é franchado de prata e azul com uma âncora com amarra de vermelho brocante posta em pala e carregada de duas espadas de prata com guarnição de ouro, em aspa, o escudo encimado por uma coroa naval de ouro. O simbolismo do azul e prata evoca a imensidão do firmamento e dos mares onde os oficiais formados nos CIORM, e representados pela âncora de vermelho e pelas espadas, com integrantes da Marinha Brasileira, que lutarão pela soberania da Pátria.

Extrato do Decreto n.º 36.830 – Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1955; 134.º da Independência e 67.º da República. João Café Filho, Edmundo Jordão Amorim do Valle (Vice-Almirante – Ministro da Marinha): Aprova o Regulamento para os Centros de Instrução de oficiais para a Reserva da Marinha.

Art. 1.º – Os Centros de Instrução de Oficiais para a Reserva da Marinha (CIORM) são estabelecimentos destinados à formação de oficiais para Reserva do Corpo da Armada, do Corpo de Fuzileiros Navais e do Corpo de Intendentes da Marinha.

Art. 3.º Os CIORM orientarão a educação, a instrução e a seleção dos alunos de modo a assegurar que sejam moralmente dignos do oficialato, e física e intelectualmente capazes de exercer as funções normalmente atribuídas:

- a) aos ajudantes de divisão, no Corpo da Armada;
- b) aos comandantes de pelotão, no Corpo de Fuzileiros Navais;
- c) aos ajudantes de divisão, no Corpo de Intendentes da Marinha.

Art. 10. O estágio escolar será feito em dois anos letivos para todos os cursos, consistindo cada ano letivo em:

- a) um período de instrução contínua, realizado em duas fases:

De 15 de dezembro a 14 de fevereiro.

De 1.º de julho a 31 de julho.

- b) um período de instrução descontínua, realizado somente aos domingos, de 1.º de março a 30 de junho.

Parágrafo único. No mês de julho, haverá uma viagem de instrução para os alunos do 1.º ano.

Art. 11. O estágio de adaptação será realizado no período de 15 de dezembro a 14 de fevereiro, e será feito inteiramente a bordo de navios da Marinha, exceto para os Guardas-Marinha da Reserva do Corpo de Fuzileiros Navais, que farão parte dos estágios em unidades da corporação.

Art.12. Os alunos serão externos, exceto quando embarcados.

Parágrafo único. Os alunos terão direito a rancho quando a duração do período de instrução diária o exigir; quando embarcados, perceberão rações.

Art.14. Para se inscrever nos concursos de admissão o candidato deverá provar:

- a) que é brasileiro nato ou por opção, comprovada neste caso, pelo documento de opção;
- d) que tem idoneidade moral para a situação de futuro oficial;
- e) que foi vacinado ou revacinado contra varíola há menos de seis meses;
- f) que é aluno de estabelecimento de ensino superior, ou que já cursou, cursa o 2.º ano dos cursos Clássico, Científico, ou 2.º ano do 2.º ciclo Comercial ou Técnico de Colégio oficial ou equiparado.

Art. 17. Os candidatos aprovados e classificados serão matriculados pelo Comandante do CIORM, em um dos três cursos, considerando-se:

- a) a Faculdade que o candidato frequenta, ou pretende frequentar, ou sua atividade na vida civil.
- b) a preferência do candidato.

Art. 21. Não é permitida a transferência de alunos de um curso para outro.

Art. 22. Não serão admitidos alunos ouvintes.

Art. 26. Anualmente, a cada aluno será atribuído um grau de aptidão para o oficialato, conferido por uma junta de oficiais do CIORM. O grau de oficialato será dado numa escala de zero a dez e o julgamento se fará como preceituado no Regimento Interno.

Parágrafo único. O aluno que tiver grau de oficialato inferior a quatro será excluído do CIORM.

Art. 31. Só é permitido aos alunos repetirem um ano.

Art. 32. Os Guardas-Marinha da Reserva inabilitados em assuntos do Estágio de Adaptação prestarão um exame oral do assunto três meses após a primeira inabilitação. Se inabilitados neste exame oral, serão demitidos.

Do regime disciplinar:

Art. 35. Os alunos do CIORM, tanto no estágio Escolar como no de adaptação estarão sujeitos ao Código Penal Militar, e as penas estabelecidas no Regimento Interno.

Parágrafo único. Quando embarcados ou aquartelados, estarão sujeitos ao Regulamento Disciplinar para a Armada.

Art. 37. Os alunos dos CIORM terão os seguintes direitos:

- a) o direito às horas e sinais de respeito que lhes forem aplicáveis pelo Regulamento de Continência, Honras e Sinais de Respeito da Forças Armadas;
- b) tratamento gratuito nos hospitais e demais estabelecimentos de saúde da Marinha, quando vítimas de moléstia durante o curso, ou acidentados na instrução ou no serviço;
- c) transporte gratuito quando em serviço ou instrução;
- d) alimentação por conta do Estado, quando embarcados, ou aquartelados.

Art. 38. Os alunos não perceberão vencimentos, vantagens ou quaisquer gratificações enquanto no Estágio Escolar; durante o Estágio de Adaptação, como

Guardas-Marinha da Reserva, terão os vencimentos e vantagens dos Guardas-Marinha da ativa.

Art. 39. Os alunos farão, no ato da matrícula, um depósito em dinheiro, destinado à idealização do material escolar fornecido durante o período de instrução.

Art. 40. Os alunos custearão as despesas de aquisição e renovação de seus uniformes.

Em 2 de fevereiro de 1961, pela Lei n.º 3.885, foram criados os Quadros Complementares de Oficiais da Armada, de Fuzileiros Navais e de Intendentes da Marinha.

O Quadro Complementar tem suas raízes no extinto Centro de Instrução de Oficiais da Reserva da Marinha (CIORM). As normas da época permitiam a convocação de 2.º Tenentes formados por aquele Centro.

A concepção do Quadro Complementar é devida ao Almirante Renato de Almeida Guilhobel, então Ministro da Marinha, que via no aproveitamento dos Oficiais da Reserva recém-formados pelo CIORM, a solução para o problema de claros no efetivo da Marinha, uma vez que a formação natural de Oficiais para os quadros regulares da carreira naval não vinha sendo suficiente para atender ao crescimento da Marinha.

Extrato do Decreto n.º 50.782 – Brasília, D.F., 12 de junho de 1961; 140.º da Independência e 73.º da República. Jânio Quadros, Sylvio Heck (Vice-Almirante R. Rm, Ministro da Marinha): Aprova o Regulamento para os Quadros Complementares dos Corpos da Armada, de Fuzileiros Navais e de Intendentes da Marinha.

Art. 1.º – Os Quadros Complementares de que trata o presente Regulamento têm por finalidade o aproveitamento, em serviço ativo, dos oficiais formados pelo CIORM.

Art. 5.º – Serão incluídos nos Quadros Complementares os 2.º Tenentes da Reserva Naval, oriundos do CIORM, que tenham sido designados para o serviço ativo e que satisfaçam as seguintes exigências:

I – Requerimento do candidato ao Ministro da Marinha, solicitando ingresso no Quadro Complementar correspondente à sua qualificação de oficial da Reserva, devendo constar do requerimento o compromisso de serviço à Marinha pelo prazo de cinco anos.

Centro de Instrução Almirante Wandenkolk (CIAW)

A filosofia dos antigos CIORM, EFORM² e QC, ou seja, a formação de oficiais fora da Escola Naval, foi consolidada no CIAW, que forma oficiais dos seguintes Corpos e Quadros:

² Escolas de Formação de Oficiais da Reserva da Marinha.



► Braço do CIAW. Foto extraída de www.mar.mil.br.

- Quadro Complementar de Oficiais (Armada, Fuzileiros Navais, Intendentes da Marinha);
- Corpo Auxiliar da Marinha (Quadros Técnico, Capelães Navais, Auxiliar da Armada e Auxiliar de Fuzileiros Navais);
- Corpo de Saúde (Médicos, Dentistas e Quadro de Apoio à Saúde);
- Corpo de Engenheiros da Marinha.
- Curso de Formação de Oficiais Voluntários e/ou Convocados (RM2) – proporciona instrução militar-naval aos militares convocados ou voluntários para a prestação do Serviço Militar, com duração de oito semanas.

O CIAW na Ilha das Enxadas e o CIAT – Almirante Tamandaré em Natal/RN foram criados em 1945.

O CIAW cujo lema é “Aqui se formam os profissionais do mar” tem como Patrono o Alm. Eduardo Wandenkolk, primeiro Ministro da Marinha após o advento da República, falecido no Rio de Janeiro em 4 de outubro de 1902.



► Vista aérea da Ilha das Enxadas, na Baía da Guanabara, onde está instalado o CIAW, e onde funcionou o CIORM e a EFORM. Foto extraída de www.mar.mil.br.

O CIAW situa-se na Ilha das Enxadas, com cerca 50 mil m², entre edificações, áreas de esportes e muita fauna e flora. O ensino é ministrado para os cursos de formação, serviço militar inicial, curso de especialização e aperfeiçoamento, para oficiais de diversos Corpos e Quadros da Marinha.

ADEFORM – Associação dos Diplomados da Escola de Formação de Oficiais da Reserva da Marinha

Em 9 de dezembro de 1971 foi constituída a Associação dos Antigos alunos da EFORM, em sessão solene no Theatro Municipal, com a presença dos governadores Chagas Freitas da Guanabara e Raimundo Padilha do Estado do Rio; Alm. Adalberto de Barros Nunes, Ministro da Marinha; Alm. José Uzeda de Oliveira, Comandante do 1.º Distrito Naval; Alm. Julio de Sá Bierrenbach, Comandante do CIAW; Alm. Rubem de Matos, Diretor da Escola Naval; General Almir Castro Neves, representando o Gen. Bina Machado, Comandante do I Exército; e Monsenhor Francisco Bessa, representante de Dom Eugênio Salles, Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro.

A sessão revestiu-se de grande pompa no Theatro Municipal, sendo apresentada então a ópera *Madame Butterfly*, como homenagem à nossa gloriosa Marinha. Desde 1953 até 1971, o CIORM havia formado quase mil oficiais.

À época, o governador do Rio de Janeiro cedeu para sede da nova entidade o prédio da Rua das Marrecas n.º 27, justamente ao lado da atual sede da Casa da FEB, que está até hoje no n.º 35.

Congregando cerca de mil antigos alunos, seu primeiro presidente foi o Deputado Joaquim Affonso Mac Dowell Leite de Castro, vice-presidente Mário Henrique Simonsen, secretário-geral jornalista Arnaldo Niskier, primeiro secretário José Carlos de Mello Ourivio, segundo secretário Paulo Noemio Xavier da Silveira, tesoureiro Alexandre de Médiçi, diretor de relações públicas Marcos Pereira Vianna, e membros do Conselho Fiscal Pedro Calmon Filho, Sergio Cabral de Sá, Dalmar Santos (titulares), José Carlos Pecegueiro Rangel, Julio Raphael Aragão Bozzano, Tomaz Francisco Leonardo (suplentes). Notam-se nomes conhecidos de personalidades destacadas na vida nacional, ministros, presidentes de bancos estatais e privados, ilustres juristas, engenheiros e jornalistas.

Na ocasião foi lida a Ordem do Dia baixada pelo Ministro da Marinha, Alm. Adalberto de Barros Nunes. Seus estatutos foram publicados na coluna Ministério da Marinha – Comandos Navais – 1.º Distrito Naval, do DO de 15 de outubro de 1971, dos quais destacamos:

Art. 31. Todos os Excelentíssimos Senhores Ministros da Marinha de Guerra, Almirantes Chefes do Estado Maior da Armada; Comandantes de Operações Navais e Comandantes do 1.º Distrito Naval, além dos Comandantes da Escola de Formação de Oficiais da Reserva da Marinha, são Presidentes Honorários da ADEFORM.

Art. 33. Até a posse da referida primeira Diretoria fica constituída a seguinte Comissão Constituinte: Dr. J. A. Mac. Dowell Leite de Castro, Presidente Dr. José Carlos Mello Ourivio, Dr. Dalmar Santos Filho e Dr. Arnaldo Niskier.

Art. 34. A sede da ADEFORM funcionará, temporariamente, no prédio do Clube Naval, no Estado da Guanabara.

As primeiras turmas do CIORM

► Turma de 1953

Em 12 de setembro de 1953, ocorreu a Declaração da Primeira Turma de Guardas-Marinha da Reserva, composta por 81 universitários, com a presença do Presidente da República Getúlio Vargas que ao chegar às 11h passou em revista os Guardas-Marinha em forma juntamente com o Corpo de Alunos.

Seguiu-se a leitura da Ordem do Dia do Comandante do CIORM, Capitão de Corveta Arnaldo de Negreiros Jannuzzi, a prestação do compromisso solene, troca de platinas, e a entrega de espadas pelas madrinhas e prêmios aos primeiros colocados.

Após o desfile dos Guardas-Marinha e Corpo de Alunos em continência ao Presidente da República, seguiu-se um almoço oferecido pela Marinha ao Chefe do Governo.

Em 14 de setembro de 1953, o *Diário Oficial* assim noticiou a solenidade:

O Presidente da República chegou ao Ministério da Marinha às 11 horas em companhia do General Aginaldo Caiado de Castro, Chefe do Gabinete Militar da Presidência, do Subchefe do Gabinete Civil, Ministro Coelho Lisboa, Chefe do Cerimonial, Major Ene Garcez dos Reis, Chefe do Pessoal, e ainda dos seus Ajudantes de Ordens, Comandante José Perraiolo Filho e Major José Henrique Acioli, sendo ali recebido pelo Ministro da Marinha, Almirante Renato de Almeida Guillobel, e outras altas autoridades da nossa Armada. Nessa ocasião a Banda dos Fuzileiros Navais executou o Hino Nacional enquanto contingente das Forças Navais prestava as honras de estilo ao primeiro magistrado do País.

Após, o Chefe do Governo, acompanhado das altas autoridades, tomou a lancha especial que o conduziu à Ilha das Enxadas. Do palanque situado em frente ao campo de instruções do CIORM, o presidente Getúlio Vargas assistiu toda a solenidade, tendo antes passado em revista os oficiais Guardas-Marinha e o corpo de alunos.

Procedida à leitura da Ordem do Dia do Comandante daquele Centro, Capitão Arnaldo Negreiros Jannuzzi, pelo Capitão José Carlos Aberto Zavataro, teve lugar a troca de platinas, que constituiu a parte de maior realce da solenidade. As madrinhas e padrinhos dos 81 primeiros Guardas-Marinha a concluírem os estudos no CIORM foram convidados a colocar as novas platinas em seus respectivos afilhados. Seguiu-se a entrega das espadas, cabendo ao presidente Getúlio Vargas entregar aos primeiros colocados os prêmios a que fizeram jus pelos esforços despendidos durante o Curso bem como as suas respectivas espadas.

Prestado o compromisso de honra pelos Guardas-Marinha que deixavam o Centro de Instruções de Oficiais da Reserva da Marinha, o Professor Pedro Calmon, Magnífico Reitor da Universidade do Brasil, dirigiu uma saudação aos jovens oficiais concitando-os a empregarem o máximo de seus esforços nessa nova responsabilidade que acabavam de assumir, tendo sempre em mente o engrandecimento cada vez maior da nossa gloriosa Marinha de Guerra, que tem forjado, no cumprimento do dever patriotismo, homens capazes de elevar mais alto o Brasil e o próprio patrono da turma – Almirante José Candido Guillobel.

Concluindo a solenidade, os Guardas-Marinha e o corpo de alunos da CIORM desfilaram em continência ao chefe da nação. Finda a cerimônia, o Ministro Renato de Almeida Guillobel ofereceu ao Presidente da República e autoridades presentes, entre os quais se encontravam ministros de Estado, altas patentes das nossas Forças Armadas, o Presidente da Câmara dos Deputados, adidos navais e outras autoridades, um almoço que se realizou no salão de refeições daquele estabelecimento naval. Antes de se retirar, o presidente Getúlio Vargas foi convidado pelo Ministro da Marinha a visitar as dependências do Centro da Instrução de Oficiais da Reserva da Marinha, tendo percorrido todos os departamentos, inclusive as Escolas de Caldeira e de Motores, bem como os melhoramentos que ali haviam sido recentemente realizados.

No Decreto de 23 de agosto de 1954, o Presidente da República resolve: Promover ao posto de 2.º Tenente da Reserva do Corpo de Oficiais da Armada os Guardas-Marinha:

- ▶ Leizer Lerner
- ▶ Isaac Sapir
- ▶ Isaac Leisgold
- ▶ Adolpho Milman
- ▶ Manoel Griner
- ▶ Ary Roitberg
- ▶ José Silva Sambursky
- ▶ Samuel José Lederman
- ▶ Marcos Blanc
- ▶ Naum Klinger

▶ *Leizer Lerner – Turma de 1953*

Leizer nasceu em 23 de agosto de 1932 em Minas Gerais, filho de Gerson e Sima Lerner. Foi matriculado no CIORM-DF em 11 de maio de 1952, sendo nomeado Guarda-Marinha da Reserva do Corpo de Oficiais da Armada em 5 de setembro de 1953, classificado em quarto lugar na turma. Em 1991, a turma foi convidada a participar da cerimônia que marcou a formação da última turma da Reserva, já naquela ocasião oriunda da transformação do CIORM em EFORM, e que se extinguia em virtude da criação de um novo Quadro de Oficiais.

Na verdade, Leizer e outro colega cursavam o 1.º ano do CPOR quando o CIORM iniciou as atividades, resolvendo transferir-se para a nova instituição, mesmo perdendo um ano. Seu estágio foi realizado embarcado no CT Bauru, hoje um Navio Museu atracado no antigo Cais do Lloyd Brasileiro e atual Espaço Cultural da Marinha, próximo à Praça XV.

A notícia da formatura foi publicada até em um jornal no idioma iídiche que circulava no Rio de Janeiro, *Undzer Shtime* (nossa voz), que na edição de 25 de setembro de 1953 publicou sob a manchete *Gradtzirung fun Iídiche Ofitzern – Graduação de Oficiais Judeus – os detalhes da cerimônia*. Ao final do texto lia-se “*Zoln di graduirte ofitzern dinen der zaf fun progress un shalom fun Brazil*” – que os oficiais ora graduados se empenhem no progresso e paz do Brasil.



► 1953 – Formatura da 1.ª Turma de Guarda-Marinha do CIORM. Em pé: GM Isaac Sapir, GM José da Silva Samburski, GM Nicola Provenzano, dois GM NI, GM Samuel Lederman. Sentados: dois GM NI, GM Manoel Griner, GM Leizer Lerner e GM NI. Acervo Leizer Lerner.

Leizer ingressou na Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil em 1951 e graduou-se em Engenharia Civil na turma de 1955. Ainda estudante foi convidado a participar da cadeira de Estradas de Ferro e de Rodagem. Permaneceu no magistério por 40 anos, vindo a chefiar o Departamento de Engenharia de Transportes da Escola de Engenharia da já agora UFRJ



► 21 de setembro de 1953 – Formatura da 1.ª Turma de Guarda Marinha do CIORM. Familiares e amigos de Leizer Lerner e Isaac Sapir – após a entrega das espadas pelas madrinhas. Acervo Leizer Lerner.



► 1953 – Estágio de Guarda Marinha da 1.ª Turma do CIORM a bordo do CT Bauru, hoje navio-museu. Em pé: CT Imediato, quatro oficiais do navio, GM Isaac Sapir e GM Eduardo Della Nina. Agachados: GM Octavio Lopes da Silva F.º e GM Leizer Lerner. Acervo Leizer Lerner.

(a ex-Universidade do Brasil). Foi membro da Congregação da Escola de Engenharia e por fim membro do Conselho Universitário. Fez cursos de pós-graduação na Holanda, França e Brasil. Foi presidente da Associação dos Antigos Alunos da Politécnica (A3P) – eleito Presidente de Honra, é atualmente membro do Conselho Diretor. No Clube de Engenharia, foi diretor e atualmente é conselheiro vitalício.



► 24 de setembro de 1953 – Notícia no jornal em língua iídiche *Unzer Shtime*. Formatura da 1.ª Turma de Guarda-Marinha do CIORM. Acervo Leizer Lerner.

► **Arnaldo Niskier – Turma de 1956 – Intendentes**

Arnaldo nasceu em Pilares, Rio de Janeiro, em 30 de abril de 1935. Eleito em 22 de março de 1984 para a Cadeira n.º 18 da ABL foi recebido pela acadêmica Rachel de Queiroz.

Filho de Marcos e Fany Niskier, imigrantes poloneses de Ostrowiec. Morou na Tijuca, em 1939, circunstância que o aproximou do Instituto de Educação. Ali foi aluno no jardim de infância, conduzido pela professora Paulina Dain Buchman, que depois viria a ser sua sogra. Depois morou no Riachuelo, onde frequentou a 1.ª série do primário na Escola 19 Canadá, hoje Escola Pareto. Cursou o ginásio no Colégio Vera Cruz, sempre o primeiro da classe. Praticou esportes no América Futebol Clube e no Clube Municipal, onde foi campeão carioca de basquetebol (2.ª Divisão). Até hoje, é torcedor do América.

No científico, aos 16 anos, fazia crônicas esportivas para o jornal *Última Hora*. Entrou na *Manchete Esportiva*, aproximando-se de Adolpho Bloch com quem trabalhou 37 anos.

Fez vestibular para Engenharia, mas não teve êxito, cursando depois Matemática, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Foi secretário de Estado de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (o primeiro da América Latina), de 1968 a 1971. De 1979 a 1983, foi secretário de Estado de Educação e Cultura do Rio de Janeiro.

Mas nada melhor que deixar o próprio Imortal contar a sua história, em seu estilo claro e elegante:

Rio de Janeiro, 15 de outubro de 2010.

Prezado Israel Blajberg:

Atendendo a seu pedido, aí vão algumas informações sobre a minha experiência militar.

De início, devo esclarecer que me matriculei no CPOR, que funcionava perto da Quinta da Boa Vista. Ao entrar para a então UDF (curso de Matemática), recebi do amigo Euler Correa diversas informações sobre o CIORM (Centro de Instrução de Oficiais da Reserva da Marinha), onde, segundo ele, eu me daria melhor, sobretudo porque na época era desportista e isso poderia ser uma vantagem na Marinha.

Pedi adiamento de incorporação, fiquei para o ano seguinte, e fiz as provas na Marinha, onde passei em 6.º lugar. Mas, como usava óculos, não poderia ficar no Corpo da Armada. Fui colocado na Intendência, onde fiz os dois anos e o estágio a bordo do cruzador Almirante Tamandaré e do contratorpedeiro Bauru, além de um período como “pagador” do tender Belmonte.

Guardo excelentes recordações dessa época (1954-1955). Eram meus contemporâneos figuras como Mário Henrique Simonsen e Júlio Bozzano. Também os oficiais Almirante Gualter Maria Magalhães, Almirante André Stéfano e os comandantes Augusto Fleiuss Calvet (tornou-se queridíssimo amigo, para sempre) e Miguel Noce.

Como atleta, ajudei a organizar as Olimpíadas do CIORM. Ganhei nove medalhas em dois anos, praticando as modalidades de basquete, voleibol, futebol, natação e atletismo (onde ganhei os 100 metros rasos, com o bom tempo de 11,6 seg).

Uma das cenas dramáticas desse tempo foi assistir, da ponte de acesso à Ilha das Enxadas (estava de serviço), as comemorações do Rio relativas ao Réveillon. Os fogos espocando lá longe e nós, de revólver na cinta, à espera de um inimigo que nunca apareceu...

As viagens foram muito importantes. Na primeira delas, visitamos a região de Abrolhos, onde demos tiros de canhão (cada um era obrigado a dar três tiros num alvo alaranjado situado a 3 milhas de distância). Difícil acertar, mas atiramos à vontade. Depois, à noite, os tiros eram de metralhadora antiaérea (pom-pom), procurando alvos que se encontravam a quilômetros de distância. O céu coalhado de estrelas e com aqueles tiros que deixavam um rastro vermelho – isso foi espetáculo difícil de esquecer.

Quando tudo terminou, depois de uma viagem de contratorpedeiro a Recife, parando, naturalmente, fui promovido de Aspirante a Guarda-Marinha e depois a 2º Tenente. Naquele ano, a Marinha do Brasil estava precisando de profissionais para as suas atividades e os alunos do CIORM eram altamente qualificados (muitos estudantes de Engenharia, Direito e Medicina). Então, foi oferecido ao nosso grupo permanecer na ativa, podendo as promoções alcançar o posto de Capitão de Mar e Guerra. Alguns continuaram (Condoreli, Enio Baldissara Pires, Nelson Gallo etc.).

Para mim, não era vantajoso, pois eu já trabalhava na Manchete e ganhava mais do que me era oferecido, mas fiquei tentado pela proposta. Já tinha feito muitos amigos na Marinha.

Uma última palavra sobre a formatura. Foi um espetáculo lindo, na Ilha das Enxadas, todos os 120 alunos das três turmas (Armada, Intendência e Fuzileiros Navais) vestidos de branco, recebendo o espadim das respectivas madrinhas. E marchando, na pista olímpica, em saudação às autoridades presentes. Eu tinha 21 anos de idade e acabara de conquistar uma posição em que a grande maioria dos formandos pertencia à classe média alta, da qual eu estava economicamente bem distante. Foi um feito!

Arnaldo Niskier, sobre quem sai agora uma biografia de José Louzeiro, *Luzes da consagração*, que narra a luta que o antigo menino de Pilares empreendeu nos últimos decênios em prol de uma política de educação que transformasse este país grande num grande país.³

Depois de uma infância em subúrbio pobre e de uma dedicação permanente ao estudo, já aos 33 anos era Secretário de Ciência e Tecnologia do Estado do Rio de Janeiro e, em seguida, Secretário de Educação e Cultura: estava inteiramente integrado na luta que vem empreendendo até hoje. No discurso com que foi recebido na Academia Brasileira de Letras, Rachel de Queiroz chamou a atenção para os 28 livros que Arnaldo publicara até então. Estas foram suas palavras:

A história de Arnaldo Niskier e de sua família, bem como a história geral de uma concepção do mundo, na linha que nos vem de Abraão e da Bíblia, aparecem

³ OLINTO, Antonio. A luta de um educador, artigo publicado na *Tribuna da Imprensa* do dia 13 de maio de 2008. Anais da Academia Brasileira de Letras – Sessão do dia 15 de maio de 2008. Rio de Janeiro, p. 172.



► 1957 – Arnaldo Niskier no CIORM. Acervo pessoal.

com evidência no livro de José Louzeiro, junto com o relato das perseguições que seus descendentes sofreram em toda a parte. De tal modo ela se integra na existência do Brasil como país que o livro de Louzeiro acaba sendo também uma História do Brasil dos tempos do integralismo e de Getúlio Vargas, que foi quando nos aproximamos, em tempos recentes, de uma inaceitável e condenável política racial.



► 1957 – CIORM – Arnaldo Niskier é o segundo. Acervo pessoal.

O livro faz um levantamento de todos os membros da família Niskier no Brasil, inclusive o do irmão mais velho, Odilon Niskier, que tem sua história própria, também como escritor que, sindicalista e membro do Partido Comunista Brasileiro, escreveu sobre problemas nossos. Dele disse Davy Bogomeletz:

“Em toda geração existem 36 homens justos, graças aos quais o mundo sobrevive. Não fossem eles, Hitler teria vencido a guerra, a África seria de Idi-Amin, a América do Sul de Pinochet, ou seja, o mal estaria instalado no Mundo. E eu não tenho a menor dúvida de que Odilon Niskier, na geração dele, é um desses 36.”

O livro registra ainda a atitude de Aracy de Carvalho Guimarães Rosa, segunda mulher de Guimarães Rosa, e do próprio Rosa, salvando judeus que desejavam emigrar para o Brasil (o que havia sido proibido pelo governo Vargas). Rosa era cônsul-adjunto do Brasil em Hamburgo, Alemanha, e Aracy, com o apoio do marido, fornecia vistos para que os judeus perseguidos viessem morar no Brasil.

Ao terminar seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, usou Arnaldo Niskier as seguintes palavras de Alcântara Machado:

“Só em minha terra, de minha terra, para minha terra, tenho vivido; e incapaz de servi-la quanto devo, prezo-me de amá-la quanto posso.”

O prefácio do acadêmico Murilo Melo Filho começa com a citação de John Kenneth Galbraith:

“A história dos grandes homens começa, geralmente, em crianças humildes.”

E segue:

“Pude escrever este prefácio porque José Louzeiro, o autor deste livro, teve a gentileza de submeter previamente os seus originais à minha apreciação. Deliciei-me com a sua leitura da primeira à última página.

Já conhecia o biografado Arnaldo Niskier há mais de meio século, quando nos encontramos e nos unimos num afeto comum, nascido na velha oficina de Bloch Editores, onde a Revista Manchete dava, então, os seus primeiros passos.

Os ancestrais de Arnaldo têm raízes profundas em Ostrowiec, na Polônia dos cruéis tempos que antecederam à Segunda Grande Guerra, com as implacáveis perseguições de Hitler ao bravo povo judeu, até o seu êxodo para o Brasil, que adotaram como a sua segunda Pátria.”

Em sua apresentação Júlio Niskier ressalta:

“Em seu uniforme branco, Arnaldo dava os primeiros passos na admirável caminhada pelos estudos que o levariam a destinos que nem em sonhos poderíamos supor”.⁴

⁴ LOUZEIRO, José. *Luzes da Consagração* – Vida e obra do educador, escritor e acadêmico Arnaldo Niskier.

► *Turma de 1957*

Em 27 de setembro de 1957, foram declaradas as Turmas Kilo, Luar e Maré, respectivamente da Armada, Intendentes e Fuzileiros, com a presença do Presidente Juscelino Kubitschek, com a presença do Ministro da Marinha, Alm. Antonio Alves Câmara Jr.; do Chefe do Estado Maior da Armada, Alm. Renato Guillobel; e do Patrono da Turma, Alm. Ari Parreiras.

► *Turma de 1958*

Esta, que foi a sexta turma do Centro, editou uma revista⁵ explicitando a importância do CIORM, com fotos de todos os formandos, da viagem de instrução, olimpíadas e os currículos de formação de cada turma.

Houve missa como se fazia na época e também uma bela cerimônia religiosa no Grande Templo Israelita com a presença de todos os oficiais, oficiada pelo Rabino-Chefe Jacob Fink. Esta turma deteve um possível recorde na adesão da comunidade judaica, que forneceu nada menos que 21 integrantes.

O Baile de Gala realizou-se no Clube Naval, na Ilha do Piraquê na Lagoa, em 4 de outubro de 1958 às 22h, os militares de uniforme branco, e os civis de *smoking*.

⁵ A revista e demais subsídios foram cedidos pelo integrante da Turma Isaac Huf.



► 1958 – CIORM – Cerimônia religiosa no Grande Templo Israelita da Rua Tenente Possolo n.º 8, na Praça Cruz Vermelha, oficiada pelo Rabino-Chefe Jacob Fink. A turma de 1958 deteve um possível recorde na adesão da comunidade judaica, nada menos que 21 integrantes. Sentados: 1) Samuel Adler, falecido em acidente de moto, 2) Abraão Rumchinski, 3) Samuel Cogan, 4) não identificado, 5) Isaac Huf, 6) Jayme Tobias Steichel, 7) Chefe do Departamento Escolar CC Maurício Mockel Paschoal, 8) Mário Sitnoveter, 9) David Finkielsztejn (falecido), 10) Bernardo Schipper, 11) Moyses Sacks, 12) Daniel Cohen. Em pé: 1) Leon Gornsztejn, 2) Leyser Garber, 3) não identificado, 4) Bernard Toledano Vaena, 5) Paulo Roberto Sauberman (1.º Lugar Geral da Turma – médico, falecido em 2010), 6) não identificado, 7-Milton Jacob Mandelblatt, 8), 9) e 10) não identificados. Acervo Pessoal Isaac Huf e Abrahão Rumchinsky.

Coincidentemente, a turma conta com dois músicos que atuam juntos em corais israelitas, o Maestro Abrahão Rumschinski e o violinista Isaac Huf, como veremos à frente.

Em 19 de dezembro de 1956, ao serem matriculados no CIORM/DF, era Comandante o CF Gualter Maria Menezes de Magalhães, que viria a ser Ministro da Marinha. Era Veterano de Guerra do Atlântico em Operações na Segunda Guerra Mundial, com a Força Naval do Nordeste, 1942-1945, tendo servido a bordo da corveta Camaquã, CS Jundiáí, do qual foi imediato, CS Jacui e CS Guaíba, os quais comandou.

A Turma de Guardas-Marinha Cmt. Garcia D'Ávila – CIORM nos anos 57/58 (Turma Nega) tinha um total 21 em 105 GM – ou seja, exatos 20% da turma eram judeus, um possível recorde!

▶ ***Turma Nega I – Corpo da Armada – Máquinas***

Seis judeus em 25 GM:

- ▶ Samuel Cogan – 1.º lugar da Turma de Máquinas (Faculdade Nacional de Arquitetura – FNA/UB)
- ▶ Bernardo Schipper
- ▶ Isaac Huf
- ▶ Moyses Resnitzky
- ▶ Moyses Sacks
- ▶ Samuel Adler
- ▶ Corpo da Armada – Convés – 1 em 24 GM

▶ ***Turma Nega II***

- ▶ Helio Gilberto Hasson

▶ ***Turma Onda – Corpo de Intendentes***

Nove judeus em 28 GM:

- ▶ Paulo Roberto Sauberman – 1.º lugar da Turma de Intendentes (Faculdade Nacional de Medicina – UB)
- ▶ Abrahão Rumchinsky
- ▶ Bernardo Toledano Vaena
- ▶ Dario Gabai
- ▶ David Finkielsztejn
- ▶ Jayme Tobias Steichel
- ▶ Leon Gornsztejn
- ▶ Mário Sitnoveter
- ▶ Sergio Salem

▶ ***Turma Prep. – Corpo de Fuzileiros Navais***

Cinco judeus em 28 GM:

- ▶ Daniel Cohen
- ▶ Leyser Garber

- ▶ Maurício Leonardos
- ▶ Milton Jacob Mandelblatt
- ▶ Pincos Gorenstein

Boa parte da turma era de estudantes universitários, com predominância da ENE – Escola Nacional de Engenharia (33 GM), Escola Politécnica da PUC, seguindo-se Direito, Economia e alguns vestibulandos. Um futuro presidente do Clube de Engenharia era GM da Turma de Fuzileiros Navais, Hildebrando Góes. Compulsando-se a revista da turma, amiúde aparecem nomes hoje reconhecidos que viriam a ser renomados profissionais liberais.

A Solenidade de Declaração dos GM da Reserva ocorreu na Ilha das Enxadas às 10h de 25 de setembro de 1958, com ato solene de agradecimento e louvor no Grande Templo Israelita da Rua Tenente Possolo n.º 8 no mesmo dia às 20h30. No dia 26 ocorreu a Missa em Ação de Graças no Convento de Santo Antonio.

O Patrono da Turma, CF Garcia d'Ávila, foi o comandante do cruzador Bahia, e na catástrofe de seu navio em 1945 a morte o levou aos 48 anos de idade. Em sua última ordem dispensou o médico de socorrê-lo.

Era Ministro da Marinha o AE Jorge do Paço Mattoso Maia, Comandante do CIORM CF Lourival Monteiro da Cruz e Imediato CC Azor Xavier Muller.

▶ *Bernardo Schipper – Turma de 1958 – Corpo da Armada – Máquinas*

Nascido em 27 de julho de 1936, filho de Arnaldo Schipper, polonês e Rebeca Schipper, nascida no Rio de Janeiro.

Engenheiro formado pela Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil em 1968, Bernardo fez a Viagem de Instrução no cruzador Barroso, na rota Salvador/Recife/Santos.



▶ 1958 – Guardas-Marinha em forma no CIORM. Na segunda coluna Bernardo Schipper é o segundo e Isaac Huf o terceiro. Acervo pessoal B. Schipper.



► 1958 – Declaração de Guardas-Marinha – Bernardo Schipper e familiares. Acervo pessoal B. Schipper.

Seus irmãos também são engenheiros, José Shipper (ENE-62) e David Schipper (UFF-70). Bernardo trabalhou na Agenco e no Ministério da Fazenda.

A formatura da sua turma ocorreu em 25 de setembro de 58, e o baile de formatura em 4 de outubro de 1958 no Clube Naval, na Ilha do Piraguê.

Houve a cerimônia religiosa judaica oficiada pelo Grão Rabino Jacob Fink, e um mês depois o seu noivado em dezembro de 1958, com o casamento em



► 1958 – Em 24 de julho de 1958 a bordo do submarino Humaitá, Bernardo Schipper recebeu o “Certificado de Batismo de Imersão”. Acervo pessoal B. Schipper.

janeiro de 1960 no mesmo Grande Templo Israelita e oficiado pelo mesmo Rabino Fink.

Bernardo realizou estágio e visitas técnicas a instalações navais como o Dique Seco da Ilha das Cobras, e fez uma submersão no submarino Humaitá por duas horas.

Bernardo foi presidente do Colégio A. Liessin de 1973 a 1977, e do Vaad haChinuch (Comitê de Ensino das Escolas Israelitas Brasileiras) de 1980 a 1982. Integra a Diretoria da Chevra Kadisha (sociedade funerária) desde 2000. Estudou na Escola Israelita Brasileira H. N. Bialik do Méier e Ginásio Hebreu Brasileiro.

► ***Isaac Huf – Turma de 1958 – Corpo da Armada – Máquinas***

Filho de Wolf Bereck Huf e Sura Huf, nasceu no Rio de Janeiro em 1.º de janeiro de 1937.

Como tantos outros, seus pais recém-casados, ele alfaiate, vieram da Polônia em 1929 devido ao forte antissemitismo. Foram viver na região do atual SAARA, e com muita dificuldade tiveram três filhos, sendo Isaac o caçula, nascido em 1937.

Quando criança, já fazia barquinhos à vela, na Rua General Câmara, onde morava, na antiga Praça XI, o bairro judaico da época. Por ali passavam as tropas que desfilavam no 7 de Setembro, que o menino Isaac assistia, e onde viu também o retorno da FEB.



► 1958 – Viagem de instrução no C-11 cruzador Barroso. Isaac Huf está ao centro. Acervo pessoal.



► 1958 – Declaração de Guardas-Marinha – Isaac Huf e familiares. Acervo pessoal.

Estudou na escola pública do Campo de Santana e no Pedro II, não muito distantes de sua casa, por onde passaram muitos jovens da comunidade judaica, e frequentava a BIBSA – Biblioteca Israelita Brasileira Shalom Aleichem, na Praça XI, e mais tarde na Rua Álvaro Alvim na Cinelândia.

O ambiente judaico de lar tradicionalista fez o menino apaixonar-se pelo violino desde tenra idade. Músicas cantaroladas em casa e os concertos no Cine



► 1958 – Isaac Huf declarado Guarda-Marinha. Acervo pessoal.

Rex foram a estrada que o levou a frequentar a Escola Nacional de Música até o ano de 1958, quando ficou difícil a conciliação entre o sonho e a realidade de um jovem que precisava trabalhar para ter uma vida digna.

Em 1949, seu tio-avô de Miami Sam Maltz lhe trouxe um violino, e assim estudou música durante o curso do Pedro II, aos 12 anos, o que veio a retomar 40 anos depois.

Estudou Estatística, Engenharia Econômica e cursou seis anos de violino na Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil.

Ao terminar a faculdade e começar a vida profissional, a partir do início da década de 60, ainda participava do coral da Escola Eliezer Steinbarg.

No antigo Teatro Recreio, na esquina que hoje não existe mais da Rua do Senado com a Rua Pedro I, Praça Tiradentes, demolido para a construção do BNH, Isaac participava de uma bandinha *klezmer* (música judaica) com Abraão Rumschinski, colega de turma do CIORM.

Isaac realizou o estagio a bordo do CT Amazonas durante dois meses, e do cruzador Barroso.

Nesta ocasião, um acidente nas caldeiras vitimou o Cmt. Didier, causado pela aspiração do vapor superaquecido.

Casado em 1966, tem dois filhos e três netos.

Em 2004, já praticamente aposentado, Isaac retornou ao violino depois de 40 anos, participando há mais de 10 anos da Orquestra Rio Camerata, além de ter retornado ao Coral do Instituto Israelita Brasileiro – Eliezer Steinbarg.

A música tem sido uma terapia, de tal forma que Isaac sente estar realizando aquele sonho interrompido em 1958.

► *Abraão Rumchinsky – Turma de 1958*

O Maestro Rumchinsky, como é conhecido nos meios artísticos e sociais, dedica-se há muitos anos ao Coral Israelita Brasileiro, formado por voluntários, sempre presente em audições não só no Rio de Janeiro, mas também nos estados e até no exterior.

O coral participou de cerimônias cívicas realizadas no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, em homenagem ao Soldado Desconhecido Brasileiro, interpretando o Hino Nacional Brasileiro e a Canção do Expedicionário, sempre obtendo calorosos aplausos do público.

Nascido em 13 de março de 1937, em Pouso Alegre/MG, o menino Abraão chegou no Rio em 29 de dezembro de 1945 com 8 anos para morar com os tios. Havia algumas poucas famílias judaicas na região de Poços de Caldas, Santa Rita do Sapucaí, no Sul de Minas Gerais, bem depois de Itajubá e Piquete.

Seu pai Maurício Rumchinsky era imigrante de Secureni, Bessarábia, maçom muito conceituado em Pouso Alegre, um Grão-Mestre. Sua mãe Sarah Cimerman Rumchinsky era polonesa.

Estudou no Colégio Israelita Brasileiro Sholem Aleichem na Tijuca, e no Ginásio Hebreu Brasileiro, na Rua Desembargador Isidro, na Praça Saens Peña, depois Impacto e GPI. Cursou o Colégio de Aplicação em um casarão da Praça



► 1958 – Abrahão Rumschinski no CIORM. Acervo pessoal.

São Salvador, e a FNFi – Faculdade Nacional de Filosofia, de 1957 a 1961, no prédio onde funcionou a Embaixada da Itália, que foi confiscado em 1942 e devolvido depois da guerra. Fez pós-graduação na FAHUPE.

Estudou violino em 1948 com Tibério Cancielli. Em 1952, frequentava a BIBSA, na Rua Álvaro Alvim n.º 48, 6.º andar, onde foi fundada a Orquestra Pró Música e o coral regido por Henrique Morelenbaum.

A BIBSA deu origem à atual ASA, em Botafogo. Entre seus participantes estavam os fundadores do teatro Casa Grande, Moisés Eichenblat e Max Haus.



► 1958 – CIORM – Ilha das Enxadas – Declaração de Guardas-Marinha – Preparando para o Desfile em Continência. Acervo pessoal A. Rumschinsky.



► 1958 – Desfile dos Guardas-Marinha. Abrahão Rumschinsky é o 4.º da D. para E. Acervo pessoal.

Havia grupo de teatro, onde participaram Helio Tys, Paulo Afonso Grizolli, ganhando vários prêmios. Abrahão era assistente de direção. Yan Michalski, um dos grandes críticos de teatro brasileiro também participava.

O grupo obteve o primeiro lugar no Festival de Teatro do Rio de Janeiro, organizado em 1960 por Paschoal Carlos Magno, diplomata e escritor.

Abrahão foi incorporado ao CIORM em 1957, a instrução era aos domingos, e o coro ensaiava aos sábados à tarde.



► 1958 – Grupo de Guardas-Marinha no Grande Templo Israelita, com o Comandante CC Gualter Maria de Menezes Magalhães e oficiais do CIORM. Acervo pessoal Abrahão Rumschinsky.

Seu tio era do coral, Abrahão entrou no seu lugar como tenor, Moisés Aron Levcowiz do Dram Kreiz da BIBSA.

De 1964 até 1989, participou do coro, e em 1990 tornou-se regente, lugar que foi ocupado por Niremberg, Morelenbaum e Karabchevsky.

Era um regente autodidata, e possui o curso de seis anos da Escola Nacional de Música, na Rua do Passeio.

Em 2000, na Orquestra Rio Camerata, fundada pelo maestro Israel Menezes, tornou-se assistente do regente.

O Coral Israelita Brasileiro do qual Abrahão é regente foi fundado juntamente com a Escola Israelita Brasileira Eliezer Steinbarg, na Rua das Laranjeiras n.º 405, pelo IIBCE – Instituto Israelita Brasileiro de Cultura e Educação, em 1954.

Abrahão foi professor de matemática no Pedro II e em diversos colégios.

Seu estágio de Guarda-Marinha foi de três meses, em 1959, sendo realizado na Base Almirante Castro e Silva – BACCS, na Ilha do Mocanguê, onde se situa a Força de Submarinos da Esquadra. Ainda não existia a Ponte Rio-Niterói, que hoje serve de acesso à base. Na ocasião, teve oportunidade de realizar uma imersão submarina de oito horas em câmara de pressão.

► *Ruy Flaks Schneider – Turma de 1961*

Em 19 de julho de 2011, a Turma de 1961 comemorou 50 anos de formatura, quando o Centro de Instrução Almirante Wandenkolk (CIAW) recebeu os ex-alunos do antigo Centro de Instrução de Oficiais da Reserva da Marinha (CIORM) para celebrar a data.

Após visitarem as instalações do CIAW, os ex-alunos participaram, juntamente com os alunos do Curso de Formação de Oficiais (CFO), do Cerimonial à Bandeira Nacional.

A visita foi finalizada com uma confraternização no Edifício Colonial. Na ocasião, o Comandante do CIAW, Contra-Almirante Eric Barbosa, discursou sobre os projetos em andamento na Marinha e a importância dos encontros



► 11 de junho de 2014 – Ruy Flaks Schneider (Turma de 1961 do CIORM) recebe comenda por ter sido promovido ao grau de Grande Oficial da Ordem do Mérito Naval. Acervo pessoal Ruy Schneider.



► 2015 – O Eng.º Ruy Schneider, presidente do Grande Templo Israelita e ex-aluno do CIORM, cumprimenta o novo Comandante da Marinha Alm. Esq. Eduardo Bacellar Leal Ferreira por ocasião de sua posse. Acervo pessoal.

de turma para a preservação das tradições navais. “É gratificante perceber que, mesmo após 50 anos, os senhores carregam a Marinha no coração, mantendo vivas as experiências adquiridas durante o curso”, destacou.

Foi a oitava reunião da turma e a segunda realizada no CIAW. A primeira ocorreu nove anos depois da formatura, em 1970.

O arquiteto Renato Menescal e o engenheiro Ruy Schneider foram os idealizadores do evento. Muitos não se viam desde a formatura em 1961.

Anos depois, Ruy cursou a ESG, tirando o CSG – Curso Superior de Guerra, na Turma de 1978, cujo Patrono é Carlos Chagas.

Ruy é titular da empresa Schneider & Cia., que se dedica a negócios e consultoria, no Rio de Janeiro.

Em 2014, a Presidente da República Dilma Rouseff, acolhendo proposição do Excelentíssimo Senhor Comandante da Marinha do Brasil Almirante de Esquadra Julio Soares de Moura Neto e do Excelentíssimo Senhor Ministro da Defesa Embaixador Celso Amorim promoveu o Dr. Ruy Flaks Schneider ao grau de Grande Oficial da Ordem do Mérito Naval. A cerimônia realizou-se em 11 de junho, aniversário da Batalha Naval de Riachuelo, data magna da Marinha.

Ruy é também o presidente do Grande Templo Israelita da Rua Tenente Possolo n.º 8, próximo à Praça da Cruz Vermelha.

Fundado em 1932, o Grande Templo Israelita é o maior monumento da comunidade judaica do Rio de Janeiro e faz parte da história da cidade. No passado, teve sua época áurea como ponto de referência para os judeus cariocas. Tombado em 1987, atualmente abre só para as Grandes Festas, eventos especiais e visitação turística.

O avô materno de Ruy Schneider, Jacob Schneider, foi um dos fundadores do tradicional Grande Templo Israelita. Oriundo da Bessarábia, Jacob Schneider chegou ao Brasil em 1903, aos 16 anos.

O casamento dos pais de Ruy, Tzipora Schneider e Israel Flaks, foi o segundo realizado no Templo, em 1935. O próprio Ruy casou-se com Helena Guertzenstein também no Templo, em 1967.

Outros ex-alunos do CIORM também se casaram no Templo. Ruth e Arnaldo Niskier, em 1962, em cerimônia oficiada pelo Rabino Rachmil Blumenfeld. “Estava lotado, apesar da chuva. Seguramente, mais de 600 pessoas”, orgulha-se. Jornalista, professor e escritor, o carioca Arnaldo Niskier foi o primeiro judeu a entrar para a Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1984, presidindo a Casa de Machado de Assis de 1998 a 1999.⁶

► *Salomão Vainberg – Turma de 1961*

Salomão nasceu em 12 de junho de 1938, sendo engenheiro formado pela ENE-UB, Turma de 1960. No CIORM, foi da Turma Rata – 1958-1961.

Seu pai Abram Vainberg chegou em 1928, imigrante de Ostrowiec, Polônia, e sua mãe Gitla Vaimberg era oginária de Kielce, sendo que os pais se conheceram no Brasil, embora morassem em cidades próximas, só se conheceram no Brasil.

⁶ MORAES, Marcus (jornalista responsável pelas notícias do site morasha.com e correspondente da JTA – Jewish Telegraphic Agency no Brasil e Portugal). Revista Morashá, Ed. 39, dez. 2002.



► 1961 – GM RRm Salomão Vainberg e o Grão-Rabino do Grande Templo Israelita Jacob Fink. Acervo pessoal Salomão Vainberg.

Estudou em Olaria, na Escola Israelita Brasileira Mendale Moishe Sforim. Como o colégio não tinha o curso completo, transferiu-se para o Cardeal Leme. Residiu de 1938 até 1956 em Olaria, quando a família mudou-se para Copacabana.

Sua turma da Escola Nacional de Engenharia apresentou um dos maiores coeficientes de formandos de origem judaica, 58 em um total de 200, sendo que alguns cursaram o CIORM.

Salomão foi intendente, e no CIORM teve um curso de contabilidade, permanecendo dois anos e mais dois meses em Viagem de Instrução no cruzador Tamandaré.

No CIORM havia alguns judeus, sendo que eram em maior número no CPOR. Entre seus contemporâneos recorda-se de Marcos Stainberg, Pedro Paulo de Souza e Mariani. Leizer Lerner, também antigo aluno do CIORM, foi um dos seus professores na ENE.

Salomão é Diretor de Patrimônio da Sinagoga Kehilat Iaacov, de Copacabana.

► *Turma de 1962*

- Carlos Alberto Alhanati
- David Tenengauzer
- Ikeciel Kiperman
- Israel Beloch
- Moyses Szwarcberg
- Sloime Zylberberg



► Turma do CIORM de 1962. Fila da frente: Israel Beloch é o quarto e Moyses Szwarcberg é o sétimo. Fila do meio: Ikeciel Kiperman é o sétimo. Fila de trás: Sloime Zylberberg é o sexto. Acervo pessoal Israel Beloch.

► *Israel Beloch – Turma de 1962*

Declarado Guarda-Marinha em 1962 e em seguida promovido a 2.º tenente.

Nascido em 12 de julho de 1942 no Rio de Janeiro, filho de Hirsz Beloch, natural de Minsk, Bielorrússia, e de D.^a Libina Beloch, natural de São Paulo. É sócio da ARI e ex-membro da diretoria do Museu Judaico. Estudou nas escolas A. Liessin, Max Nordau e Mello e Souza. É engenheiro mecânico, PUC 1964; e mestre em História, UFF 1984.

Foi engenheiro de Worthington SA Máquinas (1965-1970); pesquisador do prof. Helio Silva (1970-1972); pesquisador da Enciclopédia Mirador (1972-1974); pesquisador do CPDOC/FGV e coordenador do Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (1974-1987); Subsecretário de Planejamento do Estado do Rio de Janeiro (1987-1988); diretor da Memória Brasil Projetos Culturais (1990 até o presente) e diretor da Adonis. É diretor da Casa Stefan Zweig e conselheiro da Associação de Amigos do Jardim Botânico. Coordenou grandes projetos editoriais na área de História do Brasil.

Em 1968, sua patente foi cassada por motivos políticos⁷, sendo recuperada 20 anos depois, em 26 de outubro de 1988, quando o Ministro da Marinha Almirante Henrique Sabóia baixou a Portaria n.º 929, reintegrando Israel Beloch à Reserva não remunerada no posto de 2.º Tenente da Reserva da Marinha do Corpo da Armada, a partir de 28 de agosto de 1979, data da promulgação da Lei n.º 6.683 (Lei da Anistia).

⁷ Israel Beloch – 2º Tenente. Sanção: Demissão. D.O.: 26-8-1969, p. 7242. Atos Institucionais Sanções Políticas.



► Turma do CIORM de 1962. Em pé: Israel Beloch é o sexto, agachados: David Tenengauzer é o terceiro. Acervo pessoal Israel Beloch.

► ***Dawid Aronson – Turma de 1967 – Fuzileiros Navais***

Nascido em 9 de maio de 1946, seus pais Leon e Hadasa eram imigrantes da Polônia. Dawid estudou na Escola Israelita Brasileira I. L. Peretz de Madureira até o científico.

Dawid cursou o CIORM no período 1965-67. Fez estágio no Batalhão Riachuelo na Ilha do Governador e no navio aeródromo NAeL Minas Gerais. Morou em Israel de fevereiro de 1969 a setembro de 1978. Seu filho Danny, nascido em 1970, cursou a EFORM – Corpo da Armada, no período 1988-90.

► ***Turma de 1983***

Na Portaria n.º 1.811 de 26 de julho de 1983, o Diretor do Pessoal Militar da Marinha, resolve: Declarar Guardas-Marinha da Reserva não Remunerada, do Corpo da Armada (Convés), a partir de 28 de julho de 1983, os alunos da EFORM abaixo relacionados:

- Gilberto Cytryn – 1.º da Turma
- Marcelo Szpilman – 2.º da Turma
- Walter Faria Maciel

► ***Gilberto Cytryn – Turma de 1983 – Corpo da Armada (Convés)***

Foi o primeiro da turma durante todo o curso, obtendo a primeira colocação por cinco vezes com a maior média histórica do curso. Recebeu o Prêmio Reserva Naval, sendo contemplado com uma espada pelo Ministro da Marinha Almirante Maximiano da Fonseca.

Convocado para o serviço ativo, realizou a Viagem de Ouro no NE Custódio de Mello, tendo sido incluído no QC pelo então Ministro Almirante Henrique Sabóia.

Ao retornar da viagem, embarcou na Escola Naval de 1982 a 1986, sendo designado para o COMCA (Comando do Corpo de Aspirantes) e Encarregado da Divisão de Esportes e Chefe Interino do Departamento de Esportes. Também acumulou interinamente o Departamento de Náutica na ausência do Comandante daquele Setor.

Foi Auxiliar do Departamento de Ensino do Navio Escola Custódio de Mello e da Escola Naval.

Possui permissão para pilotar embarcações de esporte e recreio em portos nacionais e internacionais, com validade até 2019.

Cytryn é brasileiro, casado, filho de Abram Cytryn e Rosita Segal Cytryn. Professor e Mestre com formação concluída na Universidade do Estado do Rio de Janeiro é servidor público estadual, tendo lecionado em escolas da rede pública, onde exerceu cargos de coordenador e diretor.

Na Suderj foi integrante do Programa para Portadores de Deficiência.

Secretário de Finanças da Diretoria Executiva da UNDIME-RJ para a Gestão 2011-2012. Coordenador de Educação do Detran-RJ (2003/2007).

Membro Efetivo da Câmara Temática de Educação para o Trânsito e Cidadania do Contran (Conselho Nacional de Trânsito – 2003/2007) e Comissão Técnica de Produtos Perigosos do INMETRO (2005/2006)

Superintendente do Centro Cultural Adolpho Bloch (1994/2003), Consultor na Brascan Imobiliária AS (1995/1997) e Cerimonialista Público (CNCB).

Palestrante em diversas instituições, dentre as quais EMERJ, Caixa Econômica Federal, Petrobras, Comando da Aeronáutica, GSE – Corpo de Bombeiros RJ e Embrapa.

Desde 2007 exerce o cargo de Secretário Municipal de Educação Cultura e Esporte de Miguel Pereira e de presidente do Conselho Municipal de Educação

Modificou a política educacional de Miguel Pereira aderindo aos programas do governo federal e obtendo excelentes resultados no IDEB e em atividades que se tornaram referência em educação na região

Implantou os serviços educacionais especializados e o Centro de Atendimento Educacional Especializado de Miguel Pereira, assim como a Universidade Aberta do Brasil/MEC em Miguel Pereira, sendo o Polo Universitário do CEDERJ, com cursos de Matemática, História, Pedagogia e Pós-Graduação ministrados pela UNIRIO.

Elaborou com sua equipe o Plano Municipal de Educação, o Currículo do Ensino Básico de Miguel Pereira e os Projetos Políticos Pedagógicos das Unidades Escolares. No Conselho Municipal de Educação regularizou o Sistema de Ensino e regulamentou a Terminalidade Específica, entre outros.

Realizou viagem em Missão na Finlândia (2010).

Recebeu o prêmio SESI de Educação e a Medalha Tiradentes de Educação, entre outros.

Autor do livro *Avaliação do ensino* – uma abordagem conceitual – uma leitura sobre o comportamento humano e o ensino. Seu currículo completo consta em <http://lattes.cnpq.br/3316090191601567>

► **Marcelo Szpilman – Turma de 1983 – Corpo da Armada (Convés)**

Foi o segundo da turma. Nasceu no Rio de Janeiro em 2 de janeiro de 1961. Biólogo marinho formado pela UFRJ, com pós-graduação executiva em Meio Ambiente (MBE) pela COPPE/UFRJ. Autor dos livros *Guia Aqualung de peixes* (1991) e da versão ampliada em inglês *Aqualung Guide to Fishes* (1992), *Seres marinhos perigosos* (1998), *Peixes marinhos do Brasil* (2000) e *Tubarões no Brasil* (2004) e *Judeus* – suas extraordinárias histórias e contribuições para o progresso da humanidade (Mauad, 2012).

É um dos maiores especialistas em peixes e tubarões e escritor de várias matérias e artigos sobre natureza, ecologia, evolução e fauna marinha publicados nos últimos anos em diversas revistas, jornais, *blogs* e *sites*.

Marcelo Szpilman é muito requisitado para ministrar palestras, conceder entrevistas e dar consultoria técnica para diversos canais de TV.

Atualmente, é diretor do Instituto Ecológico Aqualung, diretor do Projeto Tubarões no Brasil, membro do Conselho da Cidade do Rio de Janeiro (área de

Meio Ambiente e Sustentabilidade) e membro e diretor do Subcomitê do Sistema Lagunar da Lagoa Rodrigo de Freitas.

A família de Marcelo tem uma tradição musical, iniciada na Polônia, e que continua no Brasil de hoje. Talvez o mais conhecido, famoso no mundo inteiro, seja o músico que se tornou uma lenda, retratado no filme *O pianista*, de Roman Polanski, Wladyslaw Szpilman, nascido em Sosnowiec, Polônia, em 5 de novembro de 1911.

Mas poucos sabem sobre seu pai, o músico Szmul Szpilman, que pereceu no Gueto de Varsóvia, e de seu tio, Reuwen Szpilman, piedoso judeu nascido em Ostrowiec, Polônia, músico talentoso cujos oito filhos e netos também eram músicos – mártires do povo judeu assassinados pelos nazistas no campo da morte de Treblinka, Polônia, e que lamentavelmente não puderam escapar do Holocausto, como Wladyslaw.

Wladislaw esteve no Brasil em 1957.

Quadro Técnico

- ▶ 1.º Ten. RM2 Marcos Jaimovick Homsani

Bacharel em Direito, foi incorporado às fileiras da Marinha em janeiro de 2008, como Guarda-Marinha, tendo sido promovido ao posto de 2.º Tenente em julho de 2008 e ao posto de 1.º Tenente em janeiro de 2009.

Imediatamente após o curso de formação, foi movimentado para a Diretoria de Hidrografia e Navegação, em seguida foi transferido para o Presídio da Marinha, único presídio militar federal do país, onde exerce a função de assessor jurídico e encarregado da Divisão de Custódia.

Sua esposa Renata Gorinstein também é da Marinha, sendo 1.ª Tenente RM2-S Nutricionista.



- ▶ 2012 – 1.º Ten. RM2 Marcos Jaimovick Homsani – Porta-Bandeira – Rio de Janeiro. Acervo pessoal.

Quadros de Saúde

► Dr. Alberto Samuel Mercante

Dr. Alberto prestou o Serviço Militar na Marinha, sendo incorporado como Guarda-Marinha Médico. Serviu na Policlínica Naval N. S. da Glória, na Tijuca, Rio. Faleceu prematuramente em 2004, no intervalo do almoço do Hospital S. F. de Assis na Cidade Nova, Rio de Janeiro, onde atendia, ao dirigir-se ao BANERJ nas proximidades, na fila sofreu um enfarto fulminante. Foi sepultado em 18 de julho de 2004 no Cemitério Comunal Israelita do Caju.

Em 1.º de outubro de 1995, no salão principal do CELD – Centro Espírita Léon Denis, sito na Rua Abílio dos Santos, 137, Bento Ribeiro, Rio de Janeiro, foi fundada a AME-RIO – Associação Médico-Espírita do Estado do Rio de Janeiro, com a presença de 20 participantes, constituindo associados fundadores entre outros os seguintes médicos: Dr. Leon Levy e Dr. Alberto Samuel Mercante.⁸

Em 2006, o prefeito Cesar Maia baixou decreto denominando um logradouro da Barra da Tijuca Rua Alberto Samuel Mercante (Médico), entre as Avenidas Luís Carlos Prestes e Juan Manuel Fangio, depois da Avenida Ayrton Senna.

⁸ http://www.ame-rio.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1&Itemid=2



► 1994 – Dr. Alberto Samuel Mercante – Guarda Marinha (Md) RM2 – Rio de Janeiro. Acervo pessoal.



► 1994 – Dr. Alberto Samuel Mercante – Guarda Marinha (Md) RM2, ao receber suas platinas – Rio de Janeiro. Acervo pessoal.

Obituário:⁹

Alberto Samuel Mercante, Z^oL, veio a este mundo com uma missão, que bem cumpriu durante os 54 anos que lhe haviam sido concedidos. Sim, pois quando uma criança nasce, o seu destino já foi traçado por uma força superior, e nada poderá mudá-lo.

Mercante, já em tenra idade, viu despertar a sua vocação para a Medicina. Entretanto, jamais desejou seguir a profissão em busca da riqueza, nem da fama ou da glória, Mercante veio a este mundo para servir, sempre bem-humorado, a todos contagiando com a sua alegria.

Logo após a formatura apresentou-se como voluntário para prestar o Serviço Militar no Corpo Médico da Marinha do Brasil, ao que se seguiu a sua opção pelos mais pobres. Com poucos recursos e ajuda da família, abriu uma clínica na Baixada Fluminense, uma região tão carente de atendimento médico, realizando o seu sonho de infância, a custa de muito trabalho seu e dos familiares.

Durante pouco mais de meio século de vida deixou um exemplo a ser seguido, digno do Juramento de Hipócrates. Sua opção foi a mesma de grandes nomes da Medicina, como o Dr. Albert Schweitzer, que trocou a Europa sofisticada pelo interior da África remota para ajudar os que sofriam. No último plantão, antes que o Anjo da Morte cruzasse o seu caminho, teve a derradeira oportunidade de praticar a tzedaká, milenar palavra hebraica que traduz a autêntica caridade, e a que todos nos seguidores da Lei de Moisés estamos obrigados.

Tirou do próprio bolso o seu remédio, para cedê-lo a uma paciente. Muitos de nós se perguntam... Por que teve que partir? Mas se o nosso Grande Patriarca

⁹ Palavras de Israel Blajberg durante o Ofício Religioso no sepultamento do Dr. Alberto Samuel Mercante no Cemitério Comunal Israelita do Caju.

Moshe Rabeinu¹⁰ ao subir ao Monte Sinai não conseguiu saber do Todo-Poderoso por que seu Povo sofria, também nós, simples mortais, jamais teremos esta reposta.

Dus Todo Poderoso, em sua infinita sabedoria, sempre nos ensina uma lição, ainda que por vezes através de caminhos transversos, dolorosos. Alberto partiu, mas sabendo que um novo Dr. Mercante viria, na pessoa do filho caçula Rafael, que acaba de ser aprovado no vestibular para a FMT. Dar continuidade à sua obra certamente será a maior homenagem que lhe poderia ser prestada.

Mercantão, Primo Querido, Amigo Querido, que a sua Alma descanse em paz, e como você sempre lembrava em diversas ocasiões: Que nos encontremos somente nas alegrias, e somente nas alegrias.

► **Dr. Jony Reifman**

Prestou o Serviço Militar na OCM – Odontoclínica Central da Marinha. Atualmente exerce a odontologia em consultórios no Leblon e Barra da Tijuca. Herdou do pai o gosto pela profissão, junto com a irmã, também dentista, e a filha ora terminando a faculdade.

Ao dar baixa da OCM foi-lhe ofertada uma panóplia onde se lê: “OCM – Ao Ten. (CD) Jony Reifman pelos bons serviços prestados a esta casa”.

Jony realizou, entre outros, os seguintes cursos: The ITI Dental Implant System, San Francisco, CA, Impl-Med System, Ft. Lauderdale, Fla. USA, Implant International Program, Taylor College of Dentistry, The Texas A&M University, Dental Implants in the Nineties, The Division of Oral & Maxillofacial Surgery, School of Medicine, University of Miami, Steri-Oss Dental Implant System, Anaheim, Ca. É membro da American Dental Association e Academy of Osseointegration.

¹⁰ Hebraico: Moisés nosso Mestre.



► 2013 – Dr. Jony Reifman – 1.º Ten. (CD) RM2 em seu consultório no Leblon, tempos depois de haver dado baixa do Serviço Ativo – Rio de Janeiro. Acervo pessoal.

Colégio Naval

Cursaram o Colégio Naval em Angra dos Reis: CMG Isaac Benchimol, Michel Cohen e José Pines. Os dois primeiros estão biografados em outra parte desta obra.

José Pines é engenheiro formado pela ENE-UB, Eletrônica, 1966. Cursou o Colégio Naval de 1959 a 1961, onde foi colega de turma do jovem aluno Moura Neto. Entretanto, seus caminhos se separaram ao final do curso. Pines formou-se em Engenharia Eletrônica e seguiu brilhante carreira na Embratel, onde ocupou cargos importantes, e escreveu livros profissionais muito utilizados nas faculdades. Moura Neto continuou no serviço militar, chegando a Comandante da Marinha, recordando aquele período ao deixar o cargo, em sua Ordem do Dia, da qual transcrevemos o trecho alusivo:

Passagem do Cargo de Comandante da Marinha

Brasília/DF

Em 6 de fevereiro de 2015

Ordem do dia n.º 2/2015

Assunto: Passagem

As recordações são pungentes e fazem lembrar os idos de 1959, quando cheguei à Angra dos Reis, para ingressar no Colégio Naval. Naquela oportunidade, com apenas dezesseis anos, não poderia antever que estaria principiando uma duradoura trajetória e que seria, dentre aqueles rapazes, que viriam a constituir a Turma Mendes, o que atingiria o posto máximo da nossa querida e digna carreira. Assim, por ser sabedor que chegaria a hora de não mais usar os uniformes que venho envergando com orgulho e devoção, desde aquela época, é com espírito sereno e pronto para o futuro que enfrento esse instante, já bastante próximo.

Aos companheiros da Turma Mendes, pelo estímulo constante e, sobretudo, pela amizade construída, desde quando, ainda muito jovens, chegamos à Enseada Batista das Neves e à Ilha de Villegagnon.

Os colegas de Pines que prosseguiram na carreira naval após a formatura no CN em 1961 ingressaram na Escola Naval em 1963 e foram declarados Guarda-Marinha em 1966. Era a Turma Aspirante Moura, assim denominada devido ao trágico falecimento em 1966 do aspirante (aluno da Escola Naval) José Cláudio Soares Moura, integrante dessa turma desde o CN-61. Seu irmão mais velho, Julio Soares de Moura Neto, GM de 1964, atingiu o posto mais alto da carreira, Almirante de Esquadra (4 estrelas) e tornou-se o Comandante da Marinha em 2007.¹¹

¹¹ Revista Marítima Brasileira, DPHDM, v. 134, n. 1/3, jan./mar 2014.

CAPÍTULO 17

Exército Brasileiro – Integrantes da FEB no Teatro de Operações da Itália

Definição de ex-combatente

Ex-combatente é aquele que participou efetivamente de operações bélicas na Segunda Guerra Mundial, como integrante da Força do Exército, da Força Expedicionária Brasileira, da Força Aérea Brasileira, da Marinha de Guerra e da Marinha Mercante.

Ex-combatente do Litoral é aquele que participou de missões de segurança na costa brasileira, ilha de Fernando de Noronha ou transportado em navios escoltados por navios de guerra.

A comprovação é feita por elementos como:

- ▶ Diploma da Medalha de Campanha ou o certificado de ter serviço no Teatro de Operações da Itália, para o componente da Força Expedicionária Brasileira;
- ▶ Certificado de participação efetiva em missões de vigilância e segurança do litoral, como integrante da guarnição de ilhas oceânicas ou de unidades que se deslocaram de suas sedes para o cumprimento daquelas missões.
- ▶ Diploma da Cruz de Aviação, para os tripulantes de aeronaves engajados em missões de patrulha.
- ▶ Diploma da Medalha Naval do Mérito de Guerra, desde que tenha sido tripulante de navio de guerra ou mercante, atacado por inimigos ou destruído por acidente, ou que tenha participado de comboio de transporte de tropas ou de abastecimentos, ou patrulha;
- ▶ Certidão de integrante de tropa transportada em navios, escoltados por navios de guerra.

O Brasil em guerra

Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, houve grande adesão popular às campanhas de recrutamento e doações.

Em 19 de setembro de 1942, *O Globo* noticiava em primeira página uma grande cerimônia na 1.ª Circunscrição de Recrutamento – 1.ª CR, no Palácio

da Guerra, onde sob a manchete “Brasileiros e estrangeiros juraram defender o Brasil” a matéria informa que “juraram bandeira 3 mil cidadãos de todas as camadas sociais”, citando nomes de personalidades que fizeram o juramento, incluindo um Monsenhor, industriais e cidadãos estrangeiros, tendo usado da palavra entre outros os Srs. Karl Langenbach e Vitor Schiffer, pela União Associação Beneficente Israelita. Segundo a matéria, mil israelitas desfilarão, o que nos parece um número exagerado.

Já em outra edição, de 21 de setembro de 1942, *O Globo* reduz o número com a manchete “Seiscentos israelitas estiveram presentes e desfilarão em continência ao Pavilhão Brasileiro”.

Em 21 de julho de 1944, o Departamento de Defesa Nacional da UNE fez uma doação de instrumentos musicais ao Regimento Sampaio, na Vila Militar/RJ, quando compareceram Fany Malin e Clara Grossman. Fany fez uma breve alocução e entregou os instrumentos em nome da UNE ao Oficial de RP Maj. Syzeno Sarmiento e ao Comandante do Regimento Cel. Caiado de Castro. Pouco tempo depois, o regimento embarcaria para a Itália, onde estes dois oficiais se destacariam nos combates, e no futuro viriam a ocupar importantes cargos, como Oficiais Gerais.

O soldado Joaquim Xavier da Silveira agradeceu em nome de seus camaradas, já revelando o grande advogado e empresário que se tornaria como presidente da Embratur e autor de livros sobre a Campanha da Itália, como *Cruzes brancas*.

Encerrando a cerimônia, a tropa bradou três hurras em homenagem aos estudantes do Brasil, e realizou vibrante desfile em acelerado.

OS ISRAELITAS DO BRASIL E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL¹

O Brasil é um país de imigrantes, as situações econômicas e políticas na Europa eram fatores para a chegada de correntes migratórias desde o século passado. A depressão, iniciada em 1929, causou desemprego e crises que permitiram a extremistas como Hitler chegar ao poder na Alemanha. A consequente emigração de israelitas, radicados na Alemanha, em parte há centenas de anos, notou-se também no Brasil. Foram tomadas medidas não oficiais para impedir a chegada de um maior número de judeus da Alemanha, fato para o qual era responsável a ala pró-germânica no governo do Estado Novo de Getúlio Vargas.

Mesmo assim, quando o Brasil se viu envolvido na guerra, ao lado dos aliados, os israelitas do Brasil entregaram ao presidente um manifesto, ainda em setembro de 1942, contando com as assinaturas de 46 proeminentes membros das comunidades israelitas brasileiras. O pergaminho, confeccionado por Kurt Krakauer, traz nas margens desenhos e textos artísticos alusivos, como os Dez Mandamentos, tendo os seguintes dizeres:

¹ WOLFF, Egon e Frieda. *Jornal Israelita*, 19 fev. 1979.

Os israelitas do Brasil fazem entrega desta mensagem

Ao Primeiro Magistrado da Nação Brasileira, Excelentíssimo Senhor

Dr. Getulio Dornelles Vargas

Em testemunho de unânime e integral solidariedade ao grande estadista que preside os destinos da Pátria Brasileira

“O Brasil tem sido sempre um almejado refúgio e porto seguro para a Humanidade – sofredora vítima de injustiças sociais, perseguições religiosas, políticas e raciais, ou sedenta de Liberdade, desde os primeiros tempos do descobrimento e da colonização até os nossos dias. Israelitas de todas as partes do mundo aqui correram, aqui têm encontrado a sua felicidade no meio desta grande e hospitaleiro povo. E eles têm considerado privilégio estarem presente nesta generosa terra e terem podido contribuir para o advento da civilização brasileira.

Nestes momentos de exaltação patriótica, como os que a Nação está atravessando na atual encruzilhada histórica, os brasileiros israelitas, os naturalizados e os que aqui se refugiaram partilham solidariamente dos anseios do Povo Brasileiro e oferecem a sua integral colaboração ao Governo, confiantes na sábia direção de Vossa Excelência, em cujas mãos a Providência colocou a imensa tarefa de moldar os destinos da Pátria Brasileira.”

Capital Federal, setembro de 1942; 121.º Ano da Independência e 53.º Ano da República.

O orador oficial no ato da entrega foi o Dr. Samuel Malamud, sendo o documento assinado por 46 representantes de instituições judaicas de todo o Brasil, sendo a primeira de Eduardo Horovitz, seguindo-se as demais em ordem alfabética, entre as quais: Aron Bergman, Victorio Camerini, Salomão Guelman, Wolf K. Klabin, Horacio LAfer, Rabino Dr. H. Lemle, Samuel Malamud, Aron



► Representação do Clube Macabi – porta faixa de apoio a FEB, diante de um estádio que parece ser o Pacaembu. Crédito não determinado.

Neumann, Tofic Nigri, Jacob Palatnik, David José Perez, Rabino Dr. Fritz Pinkuss, Jacob e Scylla Schneider, Rabino Mordechai Tzikinovski, Moisé Vainer, Rosa Waisman e outros.

IHGB

Em sessão do IHGB, D.^a Frieda Wolff discorreu sobre “Os judeus no Brasil e a Segunda Guerra”. Discute dados da imigração israelita. Oferece cópia do manifesto, em apresentação artística, da comunidade judaica ao presidente Getúlio Vargas, saudando a entrada do Brasil na guerra. Promete relação datilografada dos signatários. Arrola ex-combatentes israelitas, como o Gen. Leyy Cardoso e o pintor Carlos Scliar. Apartes do Gen. Jonas, Mário Barata e Cel. Ruas, o qual lembra de Carlos e seus desenhos da frente de batalha.

*Judeus doam cinco aviões ao Estado*²

Em 23 de dezembro de 1942, portanto, menos de quatro meses após a declaração de guerra do Brasil contra as potências do Eixo, a comunidade judaica formalizou no Aeroporto Santos Dumont, lotado, a doação de cinco aeronaves para a FAB. Estavam presentes o Ministro da Aeronáutica, Salgado Filho, o Interventor Amaral Peixoto, os Generais Sílio Portella, representando o Gen. Góis Monteiro, e o General Candido Mariano da Silva Rondon, o famoso indigenista, autor da célebre frase “Morrer, se preciso for, matar, nunca”.

Falaram pela comunidade, o eminente Professor David José Perez, o jornalista Eduardo Horowitz, presidente do Centro Hebreu Brasileiro de Socorro às Vítimas da Guerra e o advogado Samuel Malamud.

As aeronaves foram batizadas de: Isabel a Redentora, Rosa da Fonseca, Maurício Cardoso, O Macabeu e Antonio José da Silva.

*Os indesejáveis*³

Alguns dos militares brasileiros judeus retratados nesta obra recordaram suas dificuldades em serem admitidos nas escolas de formação. No caso destes, as restrições foram contornadas, conforme relatado nas respectivas biografias, graças ao famoso “jeitinho brasileiro”. Entretanto, nem todos os candidatos tiveram esta sorte, conforme mostra o trabalho que citamos, uma tese de doutorado apresentada ao PPGH/UERJ que originou um livro revelador.⁴

O Exército brasileiro adotou medidas para impedir a entrada, nos seus quadros, “de negros, de judeus e de islâmicos, grupos considerados subversivos ou inferiores racialmente para a formação de uma nova elite militar”.

² ROITBERG, José. Menorah, jul. 2014, p. 34-37.

³ RODRIGUES, Fernando da Silva. Discriminação e intolerância: os indesejáveis na seleção dos oficiais do Exército Brasileiro.

⁴ RODRIGUES, Fernando da Silva. Indesejáveis – Instituição, pensamento político e formação profissional dos Oficiais do Exército Brasileiro (1906-1946).

Além de comunistas e filhos de estrangeiros. O auge da política racista chega com o Estado Novo e com o ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra, a partir de 1937.

A nota reservada 1.101, de 28 de outubro de 1937, assinada por Dutra, estabelecia que não se aceitariam indivíduos com “estigmas ideológicos e raciais”. Uma sindicância seria realizada na Escola Militar e nos colégios militares para ver se havia comunistas, judeus e estigmatizados raciais. Em nota de 1941, ele seria mais claro. Nada de gente com estigmas raciais e ideológicos.

O regulamento para entrar na Escola Militar ou na Escola Preparatória de Cadetes exigia dos candidatos: “Não ser de cor. Não ser – nem seus pais – judeu, maometano ou ateu confesso”.

Comunistas, negros, judeus e islâmicos, eram grupos considerados subversivos ou inferiores racialmente para a formação de uma nova elite militar. Contextualizado pela instalação de um governo como o do Estado Novo, o Ministro de Estado da Guerra, o general Eurico Gaspar Dutra, mostra com os documentos produzidos e com suas decisões ministeriais a sua feição autoritária e discriminatória, principalmente contra judeus e negros, considerados por ele portadores de estigmas ideológicos e raciais.

Pela análise de alguns documentos oficiais, porém reservados, confidenciais ou secretos, produzidos pelo general Dutra à frente do ministério, verifica-se a restrição ao ingresso de negros, judeus e mulçumanos, com o objetivo de se construir uma elite Institucional.

Os negros e judeus foram os principais alvos da gestão autoritária do Ministro da Guerra, como mostram os dados estatísticos dos candidatos considerados inaptos. O Ministro da Guerra justificava a discriminação, principalmente contra judeus e negros, considerados por ele portadores de estigmas ideológicos e raciais, pelo fato de o judeu ser considerado raça sem raízes com a terra, e o negro por conta das convenções sociais estabelecidas que a Instituição não poderia abolir, pois constituíam normas e praxes do uso corrente na sociedade.

Não há dúvida a respeito do posicionamento do Brasil contra judeus, negros, pobres e outros grupos de estrangeiros constantes da documentação institucional analisada e da própria historiografia da época que tentava fundamentar o novo Estado que se estava organizando: um Estado forte, centralizador, católico, elitista, branco e autoritário.

O racismo e o antissemitismo seletivo do general Dutra foi endossado pela política do Estado como uma prática de bastidores e fundamentado por um conjunto de normas impostas através de documentos institucionais secretos (Instruções, Ofícios, Circulares) e decretos-leis.

Um caso lamentável de antissemitismo na Marinha – 1941⁵

Francisco Teixeira: O antissemitismo... durante a guerra tínhamos um correio para Salvador. Lá havia um Capitão de corveta, Hoffmann – um nome já suspeito, alemão. Ele era um nazista descarado!... A Escola de Aprendizes Marinheiros que ele comandava, convidou a tripulação para jantar com ele. Quando acabou o jantar, ele levantou um brinde: “Agora eu quero levantar um

⁵ TEIXEIRA, Francisco. Brigadeiro Francisco Teixeira (depoimento, 1983/1984). Rio de Janeiro, CPDOC, 1992.

brinde de satisfação pelo mundo ter-se livrado de uma judia nojenta que faleceu hoje”. Era a mãe do Roosevelt! ⁶ Nós ficamos boquiabertos! O Brasil ainda não estava em guerra com a Alemanha, mas... Exatamente nessa fase começaram torpedeamentos de navios na costa brasileira. Evidentemente a posição dos navios seria dada daqui do Brasil. E o Hoffmann foi acusado desta coisa. Foi acusado, e a Marinha, a contragosto, chamou-o ao Rio para depor num inquérito que estava aberto sobre uma denúncia que tinha havido contra ele, que eu acho que era verdadeira, dado esse brinde que ele fez. E ele, para confirmar, suicidou-se durante a viagem. Suicidou-se.

Entrevistador L.H.: Não chegou aqui para depor?

F.T.: Não chegou ao Rio. Suicidou-se no meio da viagem, num navio de guerra, onde estava meio preso. Aí o Brasil já estava quase na guerra, porque estavam torpedeando os navios. E era ele quem dava as informações.

L.H.: Ele era comandante da Escola de Aprendizes Marinheiros?

F.T.: Era o comandante da Escola de Aprendizes Marinheiros de Salvador. Morreu. O que eu quero dizer é que já havia um certo antissemitismo. Ele era, claro, um integralista dos mais destacados da Marinha. Foi!

Brigada Judia na frente italiana

Manchetes na imprensa:

“Assim como a FEB, a Brigada Judia estava enquadrada pelo 5.º Exército Americano do General Mark Clark”

“Cinquenta por cento desses homens [da Brigada] sofreram terrível perseguição dos hitleristas”

“Vários nazistas mortos pelo comandante duma patrulha israelita”

“Saudação do General Clark à atuação judaica”

Notícias veiculadas em Roma:⁷

INS – International Network Services:

O quartel-general aliado anunciou que toda a Brigada Judia composta de refugiados da Palestina e da Europa – mais de metade da qual sofreu, diretamente, perseguições dos nazistas – encontra-se em ação no teatro de guerra italiano desde os princípios de março.

O tenente-general Mark Clark, declarou que “o povo judeu, que sofreu terrível perseguição do nazismo, está agora representado diretamente por uma força na linha de frente. Não tenho dúvida de que provarão ser inestimável acréscimo às forças aliadas atualmente empenhadas em desferir o golpe final no inimigo”.

A.P. – Associated Press:

Anuncia-se oficialmente que a Brigada Judia que está lutando nas fileiras do 8.º Exército foi formada com diversos batalhões da Palestina.

⁶ Sara Ann Delano Roosevelt faleceu em 7 de setembro de 1941 e nem era judia. O presidente Roosevelt foi seu único filho.

⁷ Notícias citadas na obra do Casal Wolff.

Numa das operações de patrulhamento efetuada por elementos dessa brigada, foram mortos vários nazistas pelo comandante da patrulha, um judeu alemão refugiado cuja família foi deportada para a Polônia, onde desapareceu.

O general Mark Clark enviou uma mensagem ao comandante da brigada de judeus, saudando a sua entrada na luta desejando boa sorte a todos os seus membros.

U.P. – United Press:

O general Mark Clark, comandante dos exércitos aliados na Itália, revelou hoje que uma brigada judia, composta de cidadãos naturais de 37 países e comandada pelo general de brigada britânico E.F. Benjamin, famoso engenheiro, está lutando com o VIII Exército inglês na Itália. Cerca de 50 por cento dos membros da referida brigada são homens que foram perseguidos pelo nazismo. O general Clark diz em sua mensagem, o seguinte:

“Sinto-me satisfeito pelo fato de que o povo judeu, que tão terrivelmente sofreu em mão do nazismo, está agora representado diretamente por esta força de combate na frente Italiana”.

A.P. – Associated Press:

Anuncia-se que as forças do 8.º Exército britânico repeliram um contra-ataque desfechado pelos nazistas e sudoeste de Cotignola no setor Adriático, depois de 2 horas de luta.

Foi revelado que desde princípios deste mês uma brigada de infantaria, composta de elementos judeus, está lutando entre as demais unidades do 8.º Exército.

A FEB chega à Itália

Em 1943, os alemães ocuparam o Norte e Centro da Itália. Em outubro 1943, começa a deportação dos judeus da Itália aos campos de extermínio. A libertação de Roma pelas forças aliadas ocorreu em 4 de junho de 1944. Neste pano de fundo, a FEB desembarca na Itália em 16 de julho de 1944.

Marechal Waldemar Levy Cardoso – O último Marechal

Nascido em 4 de dezembro de 1900, Dia de Santa Bárbara, Padroeira da Artilharia, e falecido em 13 de maio de 2009 – foi um homem que viveu em três séculos, o último Marechal, Veterano da 2.ª Guerra Mundial, atual detentor do Bastão de Comando da Força Expedicionária Brasileira, um ícone da nacionalidade, figura querida e admirada por todos.

Há Cardoso de origem judaica, mas não é o caso do Marechal. Sua raiz judaica provém do sobrenome Levy de sua mãe, com origem provável na Argélia, descendente de judeus franceses. “Disso me orgulho muito, pode crer”, afirmou o Marechal ao imortal Arnaldo Niskier, por ocasião de uma cerimônia onde estiveram juntos.⁸

⁸ Um herói nacional. Artigo no Jornal do Commercio, 4/4/2005.



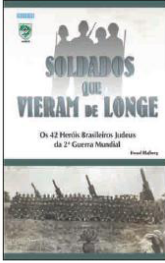
► 4 de dezembro de 2006 – 106 anos do Marechal Levy e Dia da Padroeira da Artilharia. Forte Copacabana no Dia de Santa Bárbara e reunião da Ordem dos Velhos Artilheiros, da qual era o Decano. No Cassino dos Oficiais, o Marechal Levy recebeu o Bastão de Comando da FEB, como mais antigo ex-combatente, e da janela comandou uma salva festiva, disparada por peças do 8.º Grupo de Artilharia de Campanha Paraquedista. Acervo do autor.

Sua família era toda do Rio de Janeiro, apenas o pai sendo natural do Rio Grande do Sul, Antonio de Almeida Cardoso, filho de portugueses, falecido quando o menino Waldemar tinha 11 anos, passando então a ser criado por sua mãe, professora. O pai havia se convertido ao judaísmo para casar-se com D.^a Stela Levy, em 1898.



► 4 de dezembro de 2006 – Marechal Levy pensativo, contemplando os obuses em posição, recorda antigas manobras, quando ele mesmo comandava a Ordem de Fogo para as suas Baterias. Depois do “Parabéns”, o Marechal apagou as velas e agradeceu emocionado, encerrando-se a festa com a “Canção da Artilharia” (à esq. D.^a Dora Nahon, filha do Gen. Isaac Nahon). Acervo do autor.

בן 108 הלך לעולמו / רותי נוי



מלמטה בכיתוב השטח: עטיפת הספר "החיילים שבאו מרוחק", קבוצת צילומים של לוי קרדוזו מנול 53 עד מיל 108. קרדוזו בן 108 עם המחבר ישראל בלייברג. עמוד סמארוי (סמרוק)



כל הצילומים מוקד ספרו של ישראל בלייברג: החיילים שבאו מרוחק.

השבוע הגננו את יום הזיכרון האמריקאי. מפרץ ניו יורק המה כספיקות של שני, כולן מעוטרת בדילגונים והציר מלאה כיפאים



לובשי כחול-לבן. כמו ככל ימי הזיכרון, אף השנה נצרכו כאן כנסים מיוחדים אשר לוו במצעדים של אנשי צבא וחילים משוחררים. כולנו חכינו לייששים לובשי המדים ולווינו אותם במחזות כפיום. לפני שניים-שלושה עשורים היו בנייהם שרידי החיילים שלחמו במלחמת העולם הראשונה והיום הם שרידי החיילים של מלחמת העולם השנייה. לאלה עלינו להודות עד היום, כי אחרים מום שרדו בכרדיום אשר שחררו את בני שפתחונדו מן המפנות בזמן השואה ואלמלא הם רבים מאיתנו לא היו כאן.



לחבר את תפארת עברה של יהדות ירו דה ניצור ולספר את ספורם של אנשיה ואנשיה ההיסטוריים החולקים ונכודים מן העולם. יחי זכרו של לוי קרדוזו ברוך! noyfilms@gmail.com; למחזות

הקדשה, סמרונית גרודי הארטילריה. לכל אורך המלחמה האמין קרדוזו שהקדשה היצילה את חייו וכך, אחרי המלחמה, המיר את דגו והתחבר. קרדוזו היה אז בן חמישים ושלוש. הוא נולד בשנת 1900 והשנה עמד לתגוב את יום הולדתו המאה ותשע. ללא ספק, אישיות מאלפת. מי שענויין לשמוע עוד על לוי קרדוזו ואנשי הכינה והספוגה בדם יהודי לקראו את ספרו המרתק של ההיסטוריון היהודי הברזילאי ישראל בלייברג. בספר שיתחוו מרבת בעד עצמה - "החיילים שבאו מרוחק", נהגום הפטי מפרטנות) תוכלו למצוא את ספרו חייהם המרדניים של ארבעים ושניים חיילים יהודיים מברזיל שתרמו למען הניצחון במלחמת העולם השנייה. הספר הנצח SOLDADOS QUE VIERAM DE LONGE יצא בחסות האקדמיה הצבאית הברזילאית והפרזיה היהודית של ירו דה ניצור. הוא כתוב בפורטוגזית ומשוייבם בו צילומים היסטוריים נפלאים שהספיקו אור על חיי היהודים

► O *Maariv*, maior jornal de Israel, publicou a notícia do 108.º aniversário do Marechal Levy, em 2008. Extraído do jornal.

Tiveram dois filhos, Armando Levy Cardoso, que foi ativo na comunidade judaica, na época de Capitão. Alcançou o posto de Coronel, tendo falecido em maio de 1983.

O menino Waldemar foi educado na religião judaica, tendo se convertido à religião católica com 53 anos. Na época, comandava o Regimento de Artilharia de Itu/SP, cidade com a qual tinha fortes laços familiares.

Consta que Frei Gilberto, daquela cidade, desempenhou papel relevante na sua conversão, cuja motivação remonta a um episódio ocorrido durante a guerra na Itália.

Tendo o então Tenente-Coronel Levy se extraviado, adentrou uma igreja para solicitar informações sobre a posição da tropa brasileira. O pároco não sabia, mas aproveitou para mostrar uma antiga e valiosa imagem de Santa Barbara, a mártir cristã. Ao retirar-se, Levy percorreu uma curta distância e avistou o pavilhão nacional hasteado no ponto que procurava.

Ainda conforme relatado ao Prof. Niskier, uma pequena medalha de Santa Bárbara que lhe foi dada pela mulher, na véspera da partida para a guerra, o protegeu:

“Sou judeu, não nego, mas Santa Bárbara, a quem venero, foi quem salvou a minha vida. Minha mãe era muito religiosa. Tinha o sobrenome Levy. Não queria que me casasse fora da religião judaica, mas aconteceu.”

Assim, tendo nascido no Dia de Santa Bárbara, padroeira dos Artilheiros, o jovem Levy Cardoso ingressou na tradicional Escola Militar, onde optou pela Arma de Artilharia, e já adulto pela religião católica.

A vida de Santa Bárbara se relaciona à artilharia porque após ser martirizada ocorreu violento temporal com raios e trovões, semelhantes ao estrondo e clarão dos disparos de canhão. A santa nasceu em um 4 de dezembro no século III, na Ásia Menor, sob domínio romano. Era filha de pagãos, e seu pai a prendeu numa torre para evitar um casamento indesejável ou seduções do cristianismo. A jovem fugiu, é trazida de volta pelo pai e entregue ao governador Marciano, que a martiriza. Após sua morte, um raio fulmina o pai. A santa tornou-se padroeira da boa morte, sendo invocada pelos devotos quando de relâmpagos e trovões.

Sempre, a cada 4 de dezembro, uma missa no Forte Copacabana celebra o dia da padroeira, com a presença do Marechal enquanto pôde comparecer, quando manifestava grande religiosidade e devoção à santa.

Acompanhado por familiares e amigos, contrito, ouvia a palavra do capelão militar, e ao final recebia a hóstia, nos últimos anos em cadeira de rodas, devido a uma queda sofrida em sua residência.

Era uma tradição seu comparecimento ao Forte de Copacabana no Dia de Santa Bárbara, que coincidia com a reunião da Ordem dos Velhos Artilheiros, da qual era decano. O almoço festivo reunia Artilheiros da Ativa e da Reserva,



► Retrato do então Cel. Levy Cardoso na Galeria dos Comandantes do Regimento Mallet em Santa Maria/RS, 3.º Regimento de Obuses 105 mm, atualmente 3.º Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsado. Acervo do Regimento Mallet.



► 27 de novembro de 2003 – Dia de Santa Bárbara e 103.º aniversário do Marechal Levy, no 31.º Grupo de Artilharia de Campanha – Grupo Escola de Artilharia em Deodoro, com a Sr.ª Dorinha Nahon, filha do General Isaac Nahon. Acervo do autor.

em torno do carismático e respeitado Marechal, que residia nas proximidades, na Rua Toneleros.

Em diversas outras solenidades sua presença conferia um clima todo especial ao evento, como no 8 de Maio – Dia da Vitória, e no 10 de Junho, Dia da Artilharia, em uma unidade da Arma de Mallet.

Quer seja de noite ou de dia, nas Fortalezas de Santa Cruz ou São João, na Vila Militar ou em São Cristóvão, o Marechal estava sempre presente, invariavelmente acompanhado de seu genro, General de Exército Antonio Joaquim Soares Moreira, antigo Chefe do Estado-Maior do Exército e presidente do Superior Tribunal Militar.

A dedicação e carinho do General Moreira para com o Marechal eram notáveis. Também ele oriundo da Arma de Artilharia, estava sempre junto ao Marechal, auxiliando os acompanhantes a deslocá-lo em cadeira de rodas.

Toda unidade de artilharia costuma ter uma imagem da Santa Padroeira em local de destaque. Na reunião de 4 de dezembro de 2007 foi inaugurada a imagem de Santa Bárbara junto ao Portão Histórico do Forte de Copacabana, entronizada pelo capelão da 1.ª Região Militar, Padre Lindenberg, seguindo-se a missa em homenagem à santa no auditório do forte. No Cassino dos Oficiais, o Marechal Levy recebeu o Bastão de Comando da FEB, como o mais antigo ex-combatente, e da janela comandou uma salva festiva disparada por peças do 21.º GAC.

Depois do “Parabéns”, o Marechal apagou as velas e agradeceu emocionado, encerrando-se a festa com a “Canção da Artilharia”.

Na Homenagem aos Heróis Brasileiros Judeus da Segunda Guerra Mundial, o Marechal Levy compareceu ao Grande Templo Israelita, no Centro do Rio, mesmo em cadeira de rodas. Estava como sempre sorridente e bem disposto. Quem sabe naqueles momentos solenes recordou a infância e juventude, quando frequentava a sinagoga com seus saudosos genitores, não muito longe deste mesmo templo.

Por ser o detentor do Bastão de Comando da FEB, em 19 de abril, Dia do Exército – que recorda a Batalha de Guararapes em 1648, quando os holandeses foram expulsos do Brasil, e que marca as origens do Exército Brasileiro –, no Salão Nobre do Palácio Duque de Caixas, sede do Comando Militar do Leste, o autor fez entrega de um diploma alusivo à homenagem no Grande Templo ao Marechal, que, sorridente como sempre, agradeceu e comentou:

“Sou judeu, não nego minha raça, minha mãe era Stella Levy, mas pela religião sou católico.”

Na ocasião, o correligionário Melchisedech Affonso de Carvalho, Diretor Cultural da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, foi agraciado com a Medalha da Ordem do Mérito Militar, mais alta comenda do Exército Brasileiro, pelos relevantes serviços prestados à Força Terrestre, na solenidade que foi presidida pelo General de Exército Domingos Curado, Comandante Militar do Leste.

Da sua vida familiar judaica, quando solteiro, o Marechal ainda guarda algumas recordações, embora não possa precisar a data da chegada da família de D.^a Stela Levy e seus pais e outros parentes, por nunca ter indagado, como em geral acontece, dado que poucos jovens se interessam por estas questões.

Sua mãe formou-se professora na Escola Normal na Praça da República, onde hoje está instalada a Escola Municipal Rivadávia Correia. Com ótima classificação, foi convidada pelo seu professor Bricio Filho para ser sua assistente. Terminado esse estágio, foi classificada em uma escola no litoral. Para lá chegar,



► Marechal Levy proferindo suas palavras, vendo-se a retaguarda D.^a Dorinha Nahon, sua filha D.^a Myriam Levy Cardoso Moreira, e seu genro General Antonio Joaquim Soares Moreira, ex-Presidente do STM. Acervo do autor.



► Honras militares. Ao centro, o Comandante do Exército Gen. Francisco Albuquerque. Acervo do autor.

vijava de bonde de tração animal até a estação Central do Brasil, onde embarcava no trem para Campo Grande. De lá, um pagem contratado pelo marido Armando a conduzia a cavalo até a escola.

Chegava em casa ao anoitecer. O marido lhe pedia que deixasse de lecionar, mas ela insistia, alegando *ser seu dever ensinar*, o que fez sucessivamente nas escolas do Alto do Morro do Castelo, que subia a pé, Rua do Vianna em São Cristóvão, Rua Mariz e Barros, e finalmente na Escola Teophilo Ottoni, na Rua Senador Furtado na Praça da Bandeira, quando se aposentou.

Ao final do séc. XIX, quando Stela e Armando se casaram, a população judaica do Brasil era pequena, apenas 300 indivíduos, segundo o IBGE, mas diversos autores como o Casal Wolff, AJC e outros estimam que um número mais real seria da ordem de 3 mil almas.

O Marechal recorda que se relacionavam com seu pai Armando Levy, Wolf Klabin e Horacio Lafer, da Indústria de Papel Klabin, as famílias Azulay, Kanitz (ou Kaminitzer) e a família Abraão, cujo filho Rafael (Rafa) possuía uma fazenda de café em São Paulo.



► O Comandante entrega o estandarte do Grupo-Escola ao Marechal Levy. Acervo do autor.



► 2006 – Marechal Levy Cardoso e o autor em solenidade no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial. Acervo do autor.

Havia outros familiares judeus, como Armando Lyndaimer, casado com uma tia de D.^a Stela Levy, também chamada Stela, Henry Levy, francês da Alsácia que emigrou para o Brasil após a guerra de 1870 e casou com Clara, uma prima de Stela Levy. Tiveram um filho, René, que foi o melhor amigo do Marechal durante a sua vida.

Elias Toruzman, judeu marroquino de Casablanca, emigrou para o Brasil, casando-se com Rachel, outra prima de Stela Levy.

Isaac Nahon, casou-se com a tia mais velha do Marechal, Maria, tendo uma filha, Fortunée, e um filho também chamado Isaac Nahon, que chegou a General de Exército.

O jovem Waldemar frequentou uma sinagoga no Centro da cidade do Rio de Janeiro, não se recordando exatamente o local, talvez na Rua do Rezende. Como todo menino judeu, foi circuncidado e fez o *bar-mitzvá*, cerimônia que marca a maioridade religiosa aos 13 anos, e que ele recorda ser designada com o *tefilin*⁹ e sido oficiada por um judeu a quem chamavam de Rabi.

Seus pais foram sepultados no Cemitério do Caju, e conforme acredita o Marechal, sua genitora o foi no cemitério judaico ali existente.

A memória do Marechal ainda lhe permite recordar, em suas próprias palavras, que quando foi colocar o *tefilim*, lhe foi entregue uma oração, escrita como

⁹ A Torá descreve tefilin (filactérios) como um sinal de envolvimento do indivíduo expressando seus sentimentos básicos de identificação e valores judaicos.

se pronuncia em hebraico (que ele não dominava), assim: “*Baru, Batai, Adonai, Mitzvá, Achê, Eloeinu, etc...*”¹⁰

O jovem Waldemar não praticava a religião, mas todos respeitavam o Yom Kippur¹¹. Waldemar jejuava durante 24 horas, inclusive sem beber água, indo a pé de casa até a sinagoga, como preconiza a Lei Mosaica.

Turma de 18 de janeiro de 1921 da Escola Militar do Realengo – do Marechal Levy Cardoso

A Turma de Aspirantes a Oficial formada em 18 de janeiro de 1921 na Escola Militar do Realengo daria ao Brasil importantes personalidades históricas, diversos marechais e generais que viriam a ter papel preponderante em acontecimentos relevantes da história pátria.

Pertenciam a esta Turma: Ministro da Guerra, General Jair Dantas Ribeiro; Chefe do Estado-Maior do Exército, General Humberto de Alencar Castello Branco; Comandante do I Exército, General Armando de Moraes Ancora; Comandante do II Exército, Gen. Amaury Kruel; Comandante do III Exército, General Benjamim Rodrigues Galhardo; Chefe do Departamento- Geral do Pessoal, General Arthur da Costa e Silva; Chefe do Departamento de Provisão- Geral, General João de Segadas Viana; Comandante da 4º RM, General Olímpio Mourão Filho, Generais Adhemar de Queiroz, Ministro da Guerra; João Baptista de Mattos, escritor e historiador militar; Octacílio Terra Ururahy; Nilo Augusto Guerreiro Lima; Estevão Taurino de Rezende Netto; João Batista Rangel; José Theófilo de Arruda; Emílio Maurell Filho; Ignácio de Freitas Rolim e Antônio Accioly Borges.

Por Armas, entre outros, estes foram alguns de seus integrantes mais conhecidos:

- ▶ Infantaria: Humberto de Alencar Castello Branco, Olympio Mourão Filho, Aguinaldo Caiado de Castro, Nilo Augusto Guerreiro Lima, Jair Dantas Ribeiro, Ignácio de Loyola Daher, João Baptista de Mattos, Armando Levy Cardoso.
- ▶ Cavalaria: Armando de Moraes Ancora, Estevão Taurino de Rezende Netto, Amaury Kruel.
- ▶ Artilharia: Waldemar Levy Cardoso, Alcides Gonçalves Etchegoyen.
- ▶ Engenharia: Edmundo Macedo Soares e Silva, Otacílio Terra Ururahy.

Waldemar Levy Cardoso foi o último Marechal do Exército Brasileiro, posto que foi extinto em 1967, e a que chegaram militares como Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias; Manuel Luís Osório, Patrono da Arma de Cavalaria; Deodoro da Fonseca, proclamador da República; Cândido Rondon,

¹⁰ Transcrito de documento ditado pelo Marechal Levy ao seu genro General Moreira. Bem próximo de “Baruch Atá, Adonai” – Bendito Seja Vós, nosso Deus, início de muitas rezas.

¹¹ Hebraico: Dia do Perdão, o mais sagrado do ano.

paladino da causa indígena; Juarez Távora; Cordeiro de Farias; Costa e Silva; Eurico Gaspar Dutra; Floriano Peixoto; Sousa Aguiar; Lott; Hermes da Fonseca; Castello Branco; José Pessoa; Mascarenhas de Moraes; Aguiinaldo Caiado de Castro; Ângelo Mendes de Moraes; Carlos Machado Bittencourt; João de Deus Mena Barreto; João de Segadas Viana; José Pessoa; Odílio Denys e outros.

O Marechal Levy assentou praça em 9 de janeiro de 1918 como voluntário na Escola Militar, passando para a Reserva em 6 de outubro de 1966, com 48 anos, 8 meses e 28 dias de tempo de serviço militar.

Cursou o Colégio Militar da capital federal, Escola Militar do Realengo – 1918/1921, Escola de Artilharia – 1933 e Escola de Estado Maior – 1935/1937.

Casou-se com D.^a Maria da Glória de Oliveira Levy Cardoso, nascida em 23 de junho de 1907 e falecida em 2006.

Sua carreira militar foi vasta e profícua, servindo em diversas unidades de Artilharia, tendo sido Comandante do 1.º Regimento de Obuses Autorrebotado, unidade da Força Expedicionária Brasileira em campanha na Itália – 1944/45, a convite do General Cordeiro de Farias, Comandante da Artilharia Divisionária. Sua unidade teve desempenho destacado na conquista de Monte Castelo, Castelnuovo e Montese.

Em 1951, foi enviado para a Europa como adido militar às embaixadas do Brasil na França e na Espanha.

Retornando ao Brasil em 1953, foi comandar o Segundo Regimento de Obuses 105 em Itu/SP, onde servira como aspirante, tendo permanecido até a promoção a General de Brigada.

Em 1957, foi nomeado para a chefia do gabinete do Ministro da Guerra, General Henrique Teixeira Lott, em seguida Diretor da Diretoria de Aperfeiçoamento e Especialização – 1961; Comandante da 2ª Divisão de Infantaria – 1961; Diretor da Diretoria de Serviço Militar – 1963.

Após a revolução de 1964, assumiu a chefia do Departamento Geral de Pessoal e Departamento de Provisão Geral.

Passou para a Reserva em 1966, com a patente de Marechal. Em abril de 1967, foi nomeado presidente do Conselho Nacional do Petróleo, cargo que manteve até março de 1969, quando assumiu a presidência da Petrobras. Deixou a presidência em novembro de 1969. Entre 1971 e 1985, foi conselheiro da Petrobras.

Resumo da Fé de Ofício:¹²

Data de praça: 9 de janeiro de 1918 (voluntário)

Reserva: 6 de outubro de 1966

Vida escolar:

- ▶ Colégio Militar da capital Federal;
- ▶ Escola Militar do Realengo – 1918/21 (Art. Reg. 1919)

¹² Fé de Ofício: Pasta nº XIV-23-43 A e B-SAP-AHEX; Almanaque de Oficiais, 1966. Pesquisa realizada por Omar Couto Conde – Cap. QCO.

- ▶ Escola de Artilharia – 1933
- ▶ Escola de Estado Maior – 1935/37

Vida profissional:

- ▶ 4.^a Companhia de Infantaria (1918);
- ▶ 4.^o Regimento de Artilharia Montada (1921);
- ▶ 6.^o Grupo de Artilharia a Cavalo (1931);
- ▶ 4.^o Regimento de Artilharia Montada (1932);
- ▶ Escola de Artilharia (1933);
- ▶ Regimento Misto de Artilharia (1934);
- ▶ Estado-Maior do Exército (1937);
- ▶ 4.^a Região Militar (1938);
- ▶ 2.^o Regimento de Artilharia de Divisão de Cavalaria (1940);
- ▶ 2.^a Região Militar (1941);
- ▶ 1.^a Região Militar (1943);
- ▶ Estado-Maior do Exército (1944);
- ▶ Comandante do 1.^o Regimento de Obuses Autorrebecado (FEB) (1944);
- ▶ Estado-Maior do Exército (1945);
- ▶ Comandante do 5.^o Regimento de Artilharia Montada (1948);
- ▶ Chefe de Gabinete do Ministro da Guerra (1949);
- ▶ Adido Militar das Embaixadas Brasileiras na Espanha e França (1951);
- ▶ Comandante do 2.^o Regimento de Obuses (1953);
- ▶ Chefe do Estado Maior da 2.^a Região Militar (1954);
- ▶ Comandante da 2.^a Região Militar (1960);
- ▶ Diretor de Aperfeiçoamento e Especialização (1961);
- ▶ Comandante da 2.^a Divisão de Infantaria (1961);
- ▶ Diretor de Serviço Militar (1963);
- ▶ Chefe do Departamento Geral do Pessoal (1964);
- ▶ Chefe do Departamento de Provisão Geral (1964).

Possuía as seguintes medalhas e condecorações: Medalha Militar de Prata – 1934; Croce Valore Militare (Itália) – 1945; Medalha de Guerra – 1945; Cruz de Guerra com Palma – 1945; Estrela de Bronze, Bronze Star (EUA) – 1946; Medalha de Campanha (MC); Medalha de Guerra (MG); Cruz de Combate 2.^a Classe (CZC2) – 1947; Medalha Militar de Ouro – 1949; Ordem do Mérito Militar – 1955; Medalha Marechal Hermes Aplicação e Estudo em Prata com 1 coroa (MHP1) – 1956; Medalha do Pacificador – 1957; Medalha Mérito de Santos Dumont – 1957; Medalha Militar de Ouro com passador de Platina SPP – 1958; Ordem do Mérito Aeronáutico (OMA4); Ordem do Mérito Naval – 1958.

Promoções:

- ▶ Aspirante: 18/1/1921
- ▶ 2.^o Tenente: 11/5/1921
- ▶ 1.^o Tenente: 7/9/1922

- ▶ Capitão: 26/6/1929
- ▶ Major: 5/3/1940 – merecimento
- ▶ Tenente-Coronel: 24/6/1943 – merecimento
- ▶ Coronel: 25/3/1948 – merecimento
- ▶ General de Brigada: 9/8/1954
- ▶ General de Divisão: 25/3/1961
- ▶ General de Exército: 25/11/1964
- ▶ Marechal de Exército: 6/10/1966 – inatividade

Seria interessante destacar que tanto o Coronel Levy Cardoso quanto o Coronel Isaac Nahon comandaram a mais tradicional unidade da Arma de Artilharia do Exército Brasileiro, o Regimento Mallet, onde também serviu o neto do Gen. Nahon, Tenente-Coronel Paulo Antonio Nahon Penido Monteiro.

Decano das unidades de Artilharia de Campanha do Exército Brasileiro, foi criado em 4 de maio de 1831, com a denominação de Corpo de Artilharia a Cavalos em Rio Grande de São Pedro/RS.

Sob o comando de Mallet, participou da Campanha contra Oribe e Rosas, na qual adquiriu o legendário apelido de “Boi de Botas”, participando da maior batalha da América do Sul, Tuiuti, em 24 de maio de 1866, na qual enfrentou mais de vinte cargas da Cavalaria paraguaia:

“Eles que venham! Granada e metralha, espoletas a seis segundos!...Por aqui eles não passam!...Por aqui não entram!”

Em 1925, o 5.º RAM instalou-se em Santa Maria/RS, recebendo em 1932 a denominação histórica “Regimento Mallet”. Cinquenta e quatro integrantes da unidade integraram a Força Expedicionária Brasileira na Itália.

Posteriormente, recebeu a denominação 3.º Regimento de Artilharia 75 mm Autorrebotado, 3.º Regimento de Obuses 105 mm e atualmente 3.º Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsado, o “Regimento Mallet”, por ter recebido em 1971 obuseiros M 108 105 mm autopropulsados.

Abriga o Memorial Mallet, onde repousam os restos mortais do Patrono da Artilharia e sua esposa, e o museu, que possui um fragmento de osso de Santa Bárbara. A relíquia é guardada em estojo de prata guarnecido de ouro, protegida por uma tampa redonda de cristal atada com um cordão de seda vermelha com o selo do Vaticano, e tem certificado de autenticidade assinado pelo vigário-geral do Vaticano. Ela foi recebida como doação pelo Marechal Levy Cardoso, ex-Comandante do Regimento Mallet, quando visitou o mosteiro de Monte Casino, na Itália, em 1945.

O grupo de Santa Maria construiu uma capela que abriga o estojo com o fragmento de osso e imagens de Santa Bárbara e Nossa Senhora da Conceição, padroeira do 3.º GAC.

Saudades do Marechal Levy

Em 13 de maio de 2009, a família, o Exército e o Brasil sofreram uma grande perda, com o passamento do detentor do Bastão de Comando da Força

Expedicionária Brasileira – e também Decano da Ordem dos Velhos Artilheiros e Sócio Honorário do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil – aos 108 anos de vida. O saudoso Marechal Levy, com uma vida toda marcada pela luta incessante em prol dos ideais libertários e democráticos.

Desde 1921, quando saiu da Escola Militar, passando pelas glórias alcançadas na FEB, até idade tão avançada, manteve elevada vibração, ardor e patriotismo, ele que era o mais antigo Veterano da Força Expedicionária Brasileira, combatendo na Itália para que a Humanidade pudesse viver em paz.

Duas coincidências refletem seu merecimento, por desígnios do Altíssimo, justamente quando ingressa no Mundo Vindouro. Os dias que correm revestem-se de profundo simbolismo, ligando a sua história de luta pela Liberdade por de duas efemérides marcantes:

- ▶ 13 de maio foi quando a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea.
- ▶ E, no calendário judaico, o 34.º dia do período de sete semanas em que os hebreus deixaram a escravidão do Egito, recordando a jornada do Povo de Israel, o Êxodo para o Sinai, onde Moisés recebeu as Tábuas da Lei.

Com D.^a Maria da Glória, falecida em 2006, teve três filhos (Myriam Levy Cardoso; Cláudio Levy Cardoso; Roberto Levy Cardoso) que lhes deram 11 netos, 15 bisnetos e tataranetos. Myriam é casada com o General Antônio Joaquim Soares Moreira, também da Arma de Artilharia.

Tendo falecido em 13 de maio de 2009, no HCE – Hospital Central do Exército, o Marechal Levy foi sepultado com honras militares no Cemitério São João Baptista, em Botafogo/RJ.

O velório ocorreu no saguão de entrada do Palácio Duque de Caxias, antigo Ministério da Guerra, entre a Central do Brasil e o Itamaraty, com as honras fúnebres regulamentares do cerimonial das Forças Armadas a que fazem jus por falecimento os Marechais do Exército Brasileiro.

A Missa de Corpo Presente foi celebrada pelo Arcebispo do Rio, Dom Orani João Tempesta, seguindo-se o deslocamento do cortejo ao cemitério, quando foi executada uma salva fúnebre na passagem pelo Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial no Parque do Flamengo.

As homenagens póstumas foram realizadas conforme autorização dos familiares, com a participação da Guarda, Escolta e Salva Fúnebre, com a Guarda da Câmara Ardente formada por cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) da arma de Artilharia, a qual pertencia o Marechal Levy Cardoso e representações de Organizações Militares da Guarnição do Rio de Janeiro.

Que a memória da sua rica existência sirva de exemplo e guia para as futuras gerações.

Nascido no dia da Santa Bárbara, falecido no Dia da Abolição e no decurso das sete semanas recordando a jornada de um povo liberto, que sua alma permaneça serena nos laços da vida eterna. Amém.

Moyses Chahon

Moyses Chahon nasceu em 27 de agosto de 1918 no Rio de Janeiro, filho de José Ascher Chahon e Mathilde Gammal. Em princípios do séc. XX, seus pais emigraram de Izmir, Turquia, país onde florescia importante comunidade judaica, há poucos anos vítima do ódio que dinamitou uma sinagoga.

Após longa viagem de navio, a família foi morar na Rua do Rezende. Preferiram o Brasil, país do futuro, no dizer do correligionário Stefan Zweig, seguindo os passos de outros que haviam partido mais cedo em busca dos ares mais amenos do Novo Mundo.

Ali perto, Moyses estudou no Colégio Anglo-Americano na Praia de Botafogo, e depois no Colégio Pedro II (internato). Kursou a Escola Militar do Realengo, praça de 28 de abril de 1939, tendo sido declarado Aspirante a oficial da Arma de Infantaria em 3 de dezembro 1941.

Promovido a 1.º Tenente, foi transferido para o Rio, onde foi servir no Sampaio, o I Regimento de Infantaria, na Vila Militar. Os jornais de Florianópolis de janeiro de 1944 noticiavam os atos de promoção e transferência do Ministro da Guerra, já naquela época destacando suas qualidades promissoras, lamentando a sua ausência e referindo-se em termos bastante elogiosos.

Embarcou para a Itália no 2.º Escalão, em 22 de setembro de 1944. Na FEB, foi incorporado à 6.ª Companhia do Regimento, hoje o 1.º Batalhão de Infantaria Motorizada do Grupamento de Unidades Escola. Comandou um pelotão de fuzileiros, nos ataques a Monte Castelo em 12 de dezembro de 1944 e em 21 de fevereiro de 1945. Conquistou as posições inimigas em La Serra em 24 de fevereiro de 1945.

De amarelecidos recortes de jornais zelosamente preservados pela família, pode-se reviver uma história recoberta pela poeira do tempo. A emoção de ler hoje estes relatos é a mesma de exatos 70 anos, em 24 de fevereiro de 1945, três dias após a Tomada do Monte Castelo.

Segundo despacho do correspondente de guerra Joel da Silveira, enviado especial da Agência Meridional de algum ponto da Itália, ao cair da tarde, os pelotões comandados pelos Tenentes Moyses Chahon e Apolo Miguel Rezk receberam ordem de avançar sobre os morros de La Serra. Após seis horas de combate, a posição foi tomada, ficando feridos os tenentes Apolo e Moyses.

A valente conduta dos soldados sob pesado fogo alemão, tomando dois pontos fortemente defendidos foi elogiada pelo Comandante do V Exército Americano, devido à sua grande importância para as operações futuras.

O *Correio da Manhã*, sob a manchete “É carioca o Tenente Chahon”, divulga que ele tem 26 anos, filho de Matilde Chahon Gammal, o endereço na Av. N. Sr.ª de Fátima, 86/501, e que esta senhora, além do Ten. Moyses, tem outro filho lutando pelo Brasil, que se chama Alberto e é tenente do Corpo de Transmissões.

Ao final da guerra, em 23 de maio de 1945, ainda na Itália, na cidade de Alexandria, o Comandante do V Exército Americano, Tenente General Lucian Truscott, agraciou os soldados brasileiros da FEB e da FAB que mais se destacaram com as seguintes medalhas:

- ▶ 1 – Citação de Combate – Medalha Distinguished Service Cross (Cruz de Serviços Distintos) – concedida a Apollo Miguel Rezk (1G – 153466) – 1.º Tenente R/2 de Infantaria.
- ▶ 2 – Citação de Combate – Medalha Silver Star (Estrela de Prata) – concedida a Moyses Chahon (1G-163.603) – 1.º Tenente de Infantaria; Gervazio Deschamps Pinto (1G-149.061) – 2.º Tenente de Infantaria; João Guilherme Schultz Marques (1G-243.180) – 1.º Sargento de Infantaria; e Afonso de Mello (1G-267.486) – Soldado de Infantaria.
- ▶ 3 – Citação de Combate – Medalha Bronze Star (Estrela de Bronze) – concedida a 11 militares brasileiros, entre os quais os Tenentes-Coronéis Humberto de Alencar Castello Branco e Amaury Kruel, que um dia se tornariam Marechais do Exército Brasileiro.
- ▶ 4 – Citação de Combate – Medalha “Air Medal” (Medalha de Aero-náutica) – concedida a 20 pilotos de caça brasileiros.

Portanto, apenas quatro brasileiros receberam a Silver Star, entre os quais Moyses.

A única Medalha de Serviços Distintos, mais alta condecoração americana, foi concedida a apenas um brasileiro, o Ten. R/2 Apolo, conhecido justamente como o maior herói da FEB, e que comandava o outro pelotão da mesma 6.ª Cia. do Regimento Sampaio, junto com o pelotão de Moyses na Tomada de La Serra.

A citação expedida em Boletim do Quartel General do V Exército, traduzida do inglês, concede a Silver Star a Moyses por atos de bravura em combate em 23 de fevereiro de 1945, na conquista do importante objetivo de La Serra, onde sob pesado e constante fogo de artilharia e morteiros, conduziu seu pelotão no avanço sobre o ponto cotado 958, expulsando os alemães de posições extremamente bem fortificadas. Confrontando intenso fogo inimigo e repetidos contra-ataques, organizou e manteve a defesa da posição recém-conquistada, ainda que penosamente, dado ter sido ferido ao início do engajamento. O 1.º Tenente Moyses brava e heroicamente liderou os seus soldados na derrota do inimigo. Ingressou no Serviço Militar no Brasil.

Moyes recebeu ainda a Medalha Sangue do Brasil, por ter sido ferido em ação, a Cruz de Combate de 2.ª Classe, Medalha de Campanha, Medalha de Guerra, e uma Citação de Combate do General de Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB, expedida em 23 de fevereiro de 1945, onde se pode ler ao final:

“A combatividade, o espírito de sacrifício, a decisão inquebrantável, a elevada compreensão que tem da honra militar, a capacidade de comando reveladas pelo Ten. Chahon, são exemplos dignificantes que desejo por em relevo, para os brasileiros que combatem na Itália.”

Recebeu ainda a Ordem do Mérito Militar de 1.ª Classe, Medalha Militar com Passador de Ouro (30 anos), Medalha do Pacificador, e a Carta-Patente de Cavaleiro de Mérito da Ordem Militar e Hospitalar de São Lázaro de Jerusalém.



► 1945 – Ten. Moyses Chahon (em pé, ao centro, de bigode), sentado o futuro Presidente da República, o então Ten.-Cel. Castello Branco. Acervo da família.

Moyes foi agraciado com a Cruz de Combate de 2.^a Classe outorgada pelo Presidente da República. Em extensa citação no diploma, Moyses é louvado pela coragem com que comandou seu pelotão, mantendo-se por quatro dias em face de sucessivos e violentos contra-ataques inimigos, sendo atacado a granadas de mão, desabrigado e sob fogo de artilharia e morteiros. Nos dias seguintes melhorou as posições e repeliu diversos contra-ataques, fazendo prisioneiros, tendo seu pelotão sofrido as maiores baixas da companhia.

Moyes retornou da Itália em 22 de agosto de 1945. Transferido para Reserva no posto de General de Divisão em 25 de dezembro de 1969 e reformado em 22 de setembro de 1971.

Moyes Chahon, este bravo soldado brasileiro de fé judaica, herói de La Serra, nos combates da Itália honrou a memória do valente cearense de Tamboril, Brigadeiro Antonio de Sampaio, Patrono da Arma de Infantaria que dá nome ao seu Regimento. Deixou nosso convívio em 24 de junho de 1981, aos 63 anos.

Depoimentos

Tentaremos mostrar o desempenho dos sempre lembrados companheiros Alberto Chahon e Moyses Chahon, dois irmãos que viveram, como todos nós jovens tenentes da arma de infantaria, todas as agruras da guerra, integrando o Regimento Sampaio. A exposição relativa a Moyses Chahon é mais ampla, pois participou de todas as operações do II BI (Major Syseno), justamente o meu

batalhão e daí a decisão de mostrar nossas observações que retratam os embates enfrentados na campanha pelos executantes de 1.º escalão de combate. No que respeita ao caro companheiro e amigo Alberto, integrando o 1.º BTL (Major Uzeda) do mesmo Regimento citamos, um resumo, mas sua conduta merece toda admiração e é digna de ser apontada.

Dr.^a Vera Chahon, filha do General Moyses Chahon e sobrinha do Coronel Alberto Chahon¹³

Um pouquinho da história dos irmãos Chahon:

A família: o pai, José Ascher Chahon – nascido em Rodes, Grécia (ele se dizia turco na época, devido à guerras permanentes), chegou ao Brasil com seu irmão mais velho David.

A mãe, Mathilde Cohen (de solteira) – nascida em Smirna, Turquia, se dizia grega pelas mesmas razões. Falava ladino. Faleceu em 1984.

Antes de chegar ao Brasil, minha avó Mathilde esteve antes na Argentina.

Meu avô José morreu jovem, aos 39 anos, deixando três filhos, Rebecca, a mais velha e os dois meninos.

Papai ficou órfão aos 9 anos de idade e tio Alberto aos 7.

Vovô sofria de uma doença renal hereditária – rim policístico –, que infelizmente meu pai herdou e que aos 62 anos foi a causa de sua morte.

Muito pouco se falava desse avô, pois antes de falecer o casal havia se separado – acredito que muito em função das alterações da doença, que viemos mais tarde a conhecer em nosso próprio pai.

Sempre que ele sentia dores nos rins, nos pedia para sentar sobre suas costas fazendo peso, e lembrava-se que o pai lhe pedia o mesmo, já separado da mãe e morando em um quarto de hotel.

Devido à situação financeira muito precária, minha avó Mathilde passou a costurar para fora, e conseguiu bolsa de internato para os dois meninos, no Colégio Anglo Americano. Posteriormente, tornou-se costureira de alta costura, o que lhe garantiu uma freguesia da “alta”. Digo isto porque este fato teve influência na entrada dos meninos para as Forças Armadas. Inicialmente, ao prestarem exames, foram barrados pelo fato de serem judeus. Uma freguesa de vovó, esposa de um general (Gen. Pondé),¹⁴ ao saber, relatou ao marido, que então enviou uma carta de recomendação, o que lhes abriu as portas.

Uma estrela de David no peito! Quanta diferença fez!

¹³ Dr.^a Vera Chahon é psicóloga no Rio de Janeiro, e gentilmente elaborou o relato que reproduzimos abaixo. Julgamos oportuno preservar o estilo coloquial, apenas com ligeiras alterações, permitindo ao leitor conhecer o lado familiar dos irmãos Chahon, emotivo e tocante.

¹⁴ Gen. Francisco Azevedo de Paula Pondé, sócio do IGHMB e da AHIMTB.

Contavam eles que foram muito discriminados no Internato, e até mesmo sofreram maus tratos por parte de uma diretora – Miss Dayse –, pois eram pobres, mal vestidos. Papai contava do solado de seu sapato, formando uma língua, das camisetas surradas... Eles eram muito diferentes dos outros meninos.

Interessante que nunca transpareceu nenhuma queixa, ressentimento ou mágoa. Acho que nos contava essas passagens muito no sentido de nos ensinar a valorizar as conquistas e o esforço necessário para se vencer na vida.

Os estudos acima de tudo!!! Ele foi exigente nesse ponto, mas a gente nunca se sentiu pressionado, era muito suave a forma como exerceu sua função paterna. Minha mãe às vezes se dirigia a ele como sendo “pai-mãe”, pois era ele que nos levava ao colégio (para que ela pudesse dormir um pouco mais), preparava merenda, comprava livros e encapava os cadernos, ajudava nos trabalhos de escola. E sempre fazendo amizade com nossos mestres. Só mais tarde percebi que era uma forma de controlar nosso “andamento”, mas também era tão sutil e natural que nunca nos sentimos perseguidos ou envergonhados por sua presença constante.

Lembro de uma vez o meu tio Alberto, já em idade avançada, comentando o fato, e tomado de tanta emoção que me comoveu, pois não sabia que tinham sofrido a tal ponto.

Depois estudaram no Pedro II e de lá direto para a Escola de Cadetes, após vencerem as provas difíceis, inclusive de esforço físico, e com a carta de recomendação do Gen. Pondé.

Seguiram carreira, papai serviu inicialmente em Florianópolis.

(Nossa, Israel, ao escrever estas linhas acabei me emocionando tanto! Fico a pensar como deve ter sido difícil a vida para eles ainda tão pequenos, vivendo a separação dos pais, em uma época em que isto não era nada comum. Em seguida, órfãos de um pai muito querido, e separados da mãe ao viverem no internato... Acho que para quem conseguiu vencer essas batalhas da vida e da alma, a guerra foi... não dá para saber!)

Na época da guerra, minha avó foi chamada ao Quartel General, pois tendo dois filhos militares, e sendo viúva, somente um deveria ir para a Itália. Escolha de Sofia! Ela retrucou que iriam os dois, ou nenhum.

Daí em diante você já conhece parte da história. Tio Alberto ocupou função nas telecomunicações, e ficamos sabendo das “ordens” que eram dadas, quando havia problemas nos fios, sei lá. Na época pode-se imaginar a precariedade de tudo.

Ao voltarem da guerra, fizeram de imediato exame para a Escola Técnica Militar (atual IME). Loucos! Passaram, mas tiveram que esperar o ano seguinte para que fossem então promovidos a Capitão (houve alteração impedindo que 1.º Ten. ingressassem no IME).

Meus pais se casaram no Grande Templo, em 26 de janeiro de 1950.

Ambos foram grandes chefes de família, pais amorosíssimos, maridos maravilhosos, segundo as esposas. Também filhos gratos e generosos, pois com as economias que fizeram durante a guerra, vovó comprou uma casa geminada

em Botafogo, cujo aluguel sempre foi revertido para o casal (ela e o padrasto, um verdadeiro e amadíssimo pai postiço e avô –Selim Gammal –, nascido em Alexandria, Egito). Os dois sempre se ocuparam do bem-estar do casal, mesmo morando fora do Rio.

Papai Moyses, após concluir Engenharia Mecânica de Automóveis e Industrial, fez arquitetura na Universidade do Brasil (atual UFRJ). Mas ele era um compositor, fazia músicas, cantava, e sua grande frustração era não tocar nenhum instrumento. Isto nunca lhe impediu de cantar nos bailes, o que me surpreendia, porque apesar de muito expansivo e dado, ele era um tímido lá no seu interior. Uma figura! Amava esportes, e ao receber um trote da turma de Cavalaria, passou a se dedicar à montaria. Tenho seu uniforme completo de equitação – menos o quepe.

Aos 36 anos de idade, foi diagnosticado como portador da doença paterna, e lhe deram de seis meses a um ano de vida, devido à falta de recursos da medicina. Outra batalha a enfrentar – dietas absolutas, privações de toda ordem, inclusive de praticar esportes.

Ele cumpriu rigorosamente tudo que lhe favorecesse uma melhor qualidade de vida – e assim foi! Trabalhava normalmente, sem nunca faltar, enfim, levou vida normal e controlada. Gostava muito de viver! Fazia tudo pela família.

Sáimos do Rio para Itajubá, sul de Minas (muito distante na época) e lá ele serviu na Fábrica de Armas de Itajubá. Em Juiz de Fora, serviu no Quartel sede da 4ª Região Militar, tendo chefiado o Setor de Motomecanização de toda a Região Militar, em especial em março de 1964, quando apoiou a Revolução juntamente com o Gen. Olímpio Mourão Filho, sendo o responsável pela mobilização das tropas para o famoso encontro no Rio Paraibuna.

Nunca, porém, rompeu com seu ideal de democracia, entendendo que os presidentes militares deveriam ter realizado a transição de poder aos civis, muito antes do ocorrido.

Mesmo morando fora, e não tendo sinagoga nem famílias judias onde morávamos, sempre vínhamos ao Rio para todos os festejos judaicos. Tínhamos a sorte de comemorar com ambas as famílias, pois moravam no mesmo prédio em Copacabana. Embora tenhamos tido na juventude pouco contato com a comunidade, nossos avós – maternos e paternos – eram muito religiosos e zelosos quanto aos princípios judaicos, mas não diria propriamente ortodoxos. Presunto, camarão, nem pensar.

Frequentávamos a Sinagoga Beth-El, do CIB – Centro Israelita Brasileiro, na Rua Barata Ribeiro em Copacabana/RJ.

Com o agravamento da doença, Papai Moisés sofreu um transplante de rim, passando para a Reserva, isso após ter feito o curso de Direito juntamente com o filho, José Alberto Chahon, engenheiro do BNDES. Tio Alberto mudou-se para Barueri.

Eis que foram colegas de nossa turma de cadetes da saudosa Escola Militar de Realengo, matriculados em 1938, portanto, época em que o fantasma da Segunda Grande Guerra preparava-se para mostrar suas garras avassaladoras.

General Campello¹⁵

I – Dois Tenentes

O Tenente Alberto Chahon, mais moço dos [anteriormente] citados, comigo serviu no 2.º Regimento de Infantaria, quando se iniciou a organização da FEB. Foi classificado no 1.º Batalhão do Regimento Sampaio e exerceu função de realce como “oficial de transmissões”, termo usado na época para indicar importante necessidade de combate e chefia, isto é, as comunicações necessárias ao comando, no que respeita o estabelecimento das ligações, transmissão de ordens e informações de combate. No 1.º Batalhão de Sampaio permaneceu durante toda a campanha. Viveu as dificuldades da entrada em ação no ataque, de 29 de novembro de 1944, a Monte Castelo, a defensiva de inverno no Vale do Reno; o ataque vitorioso a Monte Castelo de 21 de fevereiro de 1945; as operações da ofensiva da primavera em Montese e a perseguição das colunas inimigas até o Vale do Pó. Em nenhum momento ouvi ou presenciei atos ou reclamações que atingissem sua atuação profissional, principalmente, no seu Batalhão (Btl. Uzeda), cujo comandante não poupava àqueles que apresentassem alguma falha. Alberto Chahon continuou sua carreira, já agora, no posto de Coronel e fazendo parte de quadro especial, pois concluíra o curso do Instituto Militar de Engenharia (QMB), Material Bélico. Calmo, simples e cortês, compareceu sempre às reuniões de sua turma – “Os cadetes de 1938”. Em setembro de 2001, perdemos o caro companheiro e fomos homenageá-lo em seu sepultamento, no Ceminário de São Francisco Xavier (Ala Israelita).

O Tenente Moyses Chahon, irmão mais velho de Alberto, sempre apresentou traços diversos de personalidade. Alegre e comunicativo, conosco confraternizou, nos tempos felizes de tenentes solteiros, na Tijuca e em suas reuniões festivas. Inteligente e com facilidade no trato de idioma estrangeiro, deixou passar a oportunidade e foi ultrapassado por Alberto, que foi declarado Aspirante a Oficial, da arma de Infantaria, um ano antes, a 3 de dezembro de 1940. A época era de incerteza e vamos encontrá-lo, vejam o destino, também classificado no Regimento Sampaio, que se preparava para integrar a FEB. Eram os tempos do 2.º Batalhão (Major Syseno) e o Ten. Chahon fora assumir a sua função de comandante de pelotão da 6.ª Cia. Em novembro 1944, nosso comandante do Regimento, o sempre lembrado Coronel Aguinaldo Caiado de Castro, em sua “Ordem do Dia”, alertava seu Regimento: “Além, nas Alturas Apeninas, o “Boche” invasor e traçoeiro vos espera...!” Estávamos ainda acampados na área da Tenuta di S. Rossore (Pisa), em final de ajustamentos. Dias antes, final de outubro de 1944, por puro acaso, quando nos deslocávamos, vamos encontrar, em animada conversa, Alberto e Moyses Chahon que estavam “sendo visitados” por outro companheiro de turma – o Tenente José Maria Pinto Duarte, que integrava o 6º RI, em ação no Vale do Serchio, pois seu Regimento fazia parte do 1.º escalão da FEB e nos precedera na chegada além-mar. A conversa seguia animada e Pinto Duarte transmitia suas

¹⁵ Depoimento do General Campello, com base em: CAMPELLO, Ruy Leal. Um Capitão de Infantaria da FEB. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1999. A numeração dos tópicos foi adaptada aqui para seguir uma ordem cronológica.

observações. O inimigo estava em retirada e seu Regimento, até o momento, não encontrara dificuldades. O 6.º RI conseguira os primeiros louros de sua atuação. Anotei as observações. Mas, o destino acabaria por desfazer a facilidade pintada pelo nosso entusiasmado e sempre lembrado companheiro. Ele seria, mais adiante, uma das vítimas a lamentar! O inimigo, na verdade, manobrava em retirada, até a linha de alturas escolhida para quebrar o ímpeto da ofensiva do nosso GT (Grupamento Tático), que atuava no Vale do Serchio e, tinha razão, a advertência de nosso Comandante, o Coronel Caiado.

II – Entrada em Ação

Finalizados os reajustamentos necessários, o nosso 2.º Batalhão (Major Syseno) entra em ação no Vale do Reno, substituindo a tropa do 6.º RI. A 6ª CIA, do Tenente Moyses Chahon, ocupa posição a oeste da 5.ª Cia., região Áfrico-Volpara. Tivemos, então, os primeiros contatos com o inimigo. Grande tensão e apreensão. Surgem as primeiras baixas. O frio já mostrava suas dificuldades. A leste do dispositivo do 2.º Batalhão sobressaíam as alturas de Torre de Nerone e Soprassaso, que tinham amplo domínio de observação sobre nossas posições. Ação de artilharia e morteiros. Patrulhas que procuram sondar os pontos sensíveis do dispositivo. A lama e as alturas dificultam o aprovisionamento e remuniamento. São empregados muares dos alpinos italianos.

Mais adiante, as linhas avançadas aparecem cobertas de panfletos. Eram os tiros de propaganda inimiga que, àquela altura, já identificara a nacionalidade da tropa que o enfrentava. Procurava, assim, influir na moral de nossas tropas. Os panfletos poderiam ser utilizados como salvo-condutos.

Nas posições defensivas e naqueles dias de verdadeira adaptação à vida do infante em campanha, tivemos, todos nós, ocasião de provar nossas condições físicas e morais necessárias aos embates que estavam por acontecer. A 29 de novembro, o 1.º Batalhão (Uzeda) tomara parte em operação de ataque a Monte Castelo. A notícia chegara ao conhecimento dos 2.º e 3.º Batalhões, em posição, na frente defensiva. Claro que o impacto do insucesso foi recebido com preocupação. Logo a seguir, início de dezembro, o inverno já fazia sentir seus efeitos. Os Batalhões (2.º e 3.º) que estavam em linha são substituídos, colocados em Reserva e reajustam seus efetivos. Haverá nova operação de ataque a Monte Castelo, em data ainda não conhecida em nosso escalão, mas nos reconhecimentos realizados indicavam que logo estaria para acontecer. A 12 de dezembro, a operação é desencadeada. O 2.º Batalhão, incluindo a 6.ª Cia. do Tenente Moyses Chahon, torna parte no ataque. As três subunidades, a 4.ª, 5.ª e 6.ª Cia., são engajadas e sofrem pesadas baixas. A visibilidade não permitia o apoio necessário dos fogos de artilharia e dos carros de combate americanos. A infantaria não conseguiria e não conseguiu quebrar as resistências alemãs que em suas casamatas e dominando a observação do compartilhamento de ataque impediam a progressão do escalão de ataque, causando pesadas baixas. A 6.ª Cia., e aí estão os Tenentes Apolo Rezk, Moyses Chahon e Deschamps, assim como os demais integrantes da 4.ª e 5.ª Cia., tiveram papel importante e provaram sua têmpera de infantes. O Tenente Apolo foi o mais sacrificado, pois, vencido pelas dificuldades de observação, foi envolvido e seu pelotão é praticamente dizimado pelo fogo ajustado do inimigo. Ao cair da tarde, a operação

é encerrada e a tropa atacante retorna às bases de partida. Muitos ali ficaram e seus corpos só foram recuperados mais tarde, por ocasião da ofensiva da primavera. A neve, que começara a cair, seria a mortalha daqueles que, sem medo e com denodo, cumpriram o sagrado dever de servir ao seu Exército e à sua Pátria. Devo acrescentar que esta dissertação é difícil de resumir e tudo o mais que ainda falta relatar. Eis que, como o Tenente Moyses Chahon, enfrentamos o inimigo e, na pele e na alma de jovens oficiais, sentimos os efeitos da dolorosa jornada e experimentamos o amargor da derrota e do insucesso.

III – Ataque a Monte Castelo a 21 de fevereiro

O IV CEx que enquadrava a nossa DIE recebera o reforço de uma divisão: a 10.^a DI Mnth, especialmente preparada para combater em regiões montanhosas e que estava concentrada na região de Vididiatico, no limite oeste da zona de ação, tendo ao Norte, justamente, os conjuntos montanhosos de Monte Capel Buzo (1.151) Pizzo di Campiano – Monte Belvedere (1.140) – Monte Gorgolesco (1.120), cuja posse era essencial para o sucesso da ofensiva. O cenário daquelas alturas, observando a Região Norte e Nordeste da localidade da Gaggio Montano, onde surgia Monte Castelo (977), era menos íngreme. A observação da topografia deixava ver a dificuldade do ataque, sem anular, em um primeiro lance, o domínio das elevações citadas a oeste. Desta vez, porém, Monte Castelo seria atacado pela DIE, após a ação da 10.^a DI Mnth, e em cobertura de seu flanco leste para permitir a progressão visando às passagens que levavam ao Vale do Pó.

Tomaram parte na jornada, o 1.^o Ten. Alberto Chahon, como oficial de transmissões do 1.^o BI (Major Uzeda) assegurando as ligações e transmissões de ordens e o 1.^o Ten. Moyses Chahon, na 6.^a Cia., 2.^o BI (Major Syseno), que seria lançado no prosseguimento da operação de La Serra.

IV – De La Caselina – La Serra

Os dias que se seguiram, após o êxito do ataque a Monte Castelo, exigiram grande atenção e redobrados reforços. Monte Castelo era nosso!

Entretanto, os alemães ofereciam séria resistência, ainda em Torraccia, dificultando a progressão da 10.^a DI Mnth. Era necessário anular a obstinação inimiga. O 2.^o BI (Major Syseno) é lançado a Leste, na direção Caselina La Serra, com a missão de conquistar Cota 958 – La Serra, em condições de prosseguir sobre Roncovelio. Operação de grande importância, pois o sucesso tornava difícil a manutenção de Torraccia pelo inimigo.

O desempenho dos Tenentes Apolo e Chahon foi merecedor de destaque, bem como o do Tenente Deschamps e os demais integrantes da 5.^a Cia., Tenente Bicudo, Segismundo e Moacir. Estão incluídos também e com destaques os Tenentes Bordeaux e Acioli do 3.^o BI (Major Franklin).

A noite de 24/25 de fevereiro, passada em Caselina, foi enfrentada debaixo de pesados bombardeios desencadeados, e destacamos o desempenho dos capitães comandantes da 6.^a e da 5.^a Cia., pela calma e segura atuação, orientando a ação de combate de seus pelotões. O Pelotão Chahon ultrapassa Bela Vista e conquista 958. O Tenente Apolo sofre leve ferimento e é substituído pelo

Sargento Schultz, mais tarde promovido a 2.º Tenente. O Pelotão Deschamps é lançado em reforço para La Serra. A operação tem sucesso, afinal, e a frente 950 – La Serra –, Seneveglio está em nossas mãos.

V – Montese – Ofensiva da Primavera

Recebemos ordens para reconhecimentos de novas posições:

Campo Del Sole – Tamburini-Sassomolare, a sudeste de Montese, onde deveríamos substituir tropa americana da 92.ª DI, cujos efetivos eram constituídos por homens de cor e somente os oficiais superiores brancos. Um tipo de segregação racial, para os brasileiros, estranha. Hoje, tal atitude mudou. A conduta dos homens da 92.ª DI era displicente, inclusive abandonando material.

Diversas proclamações foram distribuídas às tropas atacantes: do Supremo Comandante Aliado do Teatro de Operações do Mediterrâneo, Marechal H.G. Alexandre; Do CMT do V Exército, Tenente Gen. L. K. Truscott Jr e do CMT da DIE, Gen. Mascarenhas de Moraes. Os textos das proclamações mostravam, de maneira incisiva, a certeza do êxito e da vitória final que resultaria da ofensiva a desencadear. A operação ganhou o nome de “Ofensiva da Primavera” e teria início a 10 de abril.

Nesse ínterim, foram realizadas patrulhas à luz do dia. Face a Montese, visando 747 e 759, ao comando do Tenente Iporan e Sargento Max Wolf, do 11.º RI. O desempenho do Sargento Wolf mostrou sua intrepidez e bravura, e sua morte, à frente de seus homens, notável exemplo de abnegação e liderança

Mais a leste, na frente da 4.ª Cia., em Creda e Possessione, o Aspirante Amorim e Aspirante Mega, lutam com denodo e determinação, resultando o ferimento do Aspirante Amorim e a morte do Aspirante Mega, além do soldado enfermeiro Wilson Bonfim, vitimado em campo minado.

A 5.ª Cia. recebe ordem de reforçar a 6.ª Cia., a leste do dispositivo, permanecendo, ainda na defensiva ocupando, 810 – Campo Del Sole. Pouco mais tarde, já na região de Sassomolare, em reforço a 6.ª Cia., assistimos à chegada do General Mascarenhas acompanhado de um grupo de oficiais de seu estado-maior. O Cmt. da Cia., Capitão Wolfgang tem, então, oportunidade de apontar os pontos no terreno que estão mais à frente, ocupados por seus pelotões e que encontram dificuldades pela reação inimiga de ultrapassar 744, Pelotão Chahon e Apolo. O local, de onde observam a frente, Posto de Observação (PO), é hoje, histórica fotografia e dali foi possível mostrar ao General Mascarenhas, o comportamento do ataque em curso. Pouco mais adiante, o General Cmt. retira-se.

VI – Perseguição – Final das Operações

A DIE organiza três GT (Grupamentos Táticos) ao comando dos Gen. Cordeiro, Falconiere, Zenobio, com a missão de continuarem a ofensiva visando o cerco do Exército da Ligúria. A 2 de maio, recebe a DIE ordem de cessar as hostilidades tendo em vista a rendição total das forças inimigas. O nosso 2.º BI (Major Syseno) ocupa PIACENZA e o Quartel General da DIE é localizado em Alexandria. A missão que nos cabe, então, é de ocupação do território italiano, livre agora do jugo nazi-fascista!

A 8 de maio, é divulgada a notícia do término oficial da guerra na Europa!

A operação denominada “Ofensiva da Primavera” iniciada em 14 de abril tivera seu final a 2 de maio, e exigira dos integrantes dos dois Exércitos aliados – o V Exército Americano e o VIII Exército Britânico – determinação e denodo nas diversas fases da campanha em que foram envolvidos.

Os tenentes Alberto e Moyses Chahon compartilharam conosco em toda a caminhada do glorioso Regimento Sampaio, do Rio Arno ao Vale do Pó, nas operações realizadas, durante a II Grande Guerra. Seu desempenho foi escrito baseado na bibliografia existente e na memória do autor. É claro que, em se tratando de um resumo, foram deixados de parte muitos detalhes. Os elogios a que fizeram jus sintetizam passagens da atuação de cada um deles e não podem suscitar dúvidas ou considerações.

O calor do combate e a emoção ao recordar os quadros e as situações que vivemos permanecem gravados e íntegros nas minhas lembranças de velho combatente da FEB.

A figura inolvidável do nosso Comandante de Regimento, o Coronel Aguinaldo Caiado de Castro, que preparou a unidade moral e profissionalmente; o Major Syseno Sarmiento, Comandante do 2.º BI, figura ímpar de soldado e chefe que exerceu o comando do Batalhão, durante toda a campanha, transmitindo a seus comandados, carinho e solidariedade, em todas as agruras enfrentadas; o nosso Comandante da 5.ª Cia. Fzos., Capitão Valdir Moreira Sampaio, um exemplo de Capitão de Infantaria, digno de ser apontado e seus subalternos (Tenentes Segismundo, Darcídio, Bicudo, Gilson, Moacir e Evilásio), não podem ser esquecidos. Hoje, não estão mais presentes, mas o seu trabalho e convivência permanecem através o passar inexorável dos tempos. Nossos bravos graduados e soldados que suportaram as dificuldades surgidas e os esforços despedidos para que as missões fossem cumpridas, mostraram o valor dos soldados brasileiros. Muitos tombaram ou foram vítimas de sequela durante o desenrolar da campanha, mas souberam elevar bem alto o conceito do Exército e do Brasil!

Condecorações: Cruz de Combate 2ª Classe (CZC2), Medalha Sangue do Brasil (MSB), Medalha de Campanha (MC), Ordem do Mérito Militar 1.ª Classe (OMM1), Medalha Militar Passador Ouro (S1), Medalha de Guerra (MG), Estrela de Prata, Estados Unidos (EPr, EU), IME 7, Infantaria Regulamento de 29.

Alberto Chahon

Alberto Chahon, nascido em 12 de dezembro de 1919, no Rio de Janeiro, sentou praça como Cadete da Escola Militar do Realengo em 28 de abril de 1938, sendo declarado Aspirante oficial da Arma de Infantaria em 3 de dezembro de 1940.

Em sua rica e extensa carreira militar ao longo de 39 anos, serviu em diversificadas organizações militares, como o 14.º Batalhão de Caçadores em Florianópolis; o 2.º Regimento de Infantaria, Rio de Janeiro; o 1.º Regimento de Infantaria, Regimento Sampaio, da Vila Militar no Rio de Janeiro, quando

participou da Campanha da Itália, tendo embarcado em 22 de setembro de 1944 no posto de 1.º Tenente, ao qual fora promovido em 15 de abril de 1943.

Na guerra, era comandante do Pelotão de Transmissões do Regimento Sampaio, encarregado das comunicações do comando com as subunidades no *front*, o que o levou a expor-se inúmeras vezes ao perigo nas primeiras linhas de combate, para garantir a chegada das ordens a tempo e a hora, às vezes sob a inclemência de tempestades de chuva e neve e sob fogo inimigo. Participou de ações importantes empreendidas pelo Regimento, como as batalhas de Monte Castelo.

Foi à guerra junto com o irmão Moyses, do mesmo Regimento, fato que foi noticiado na imprensa da época.

Por sua atuação, foi agraciado pelo Presidente da República com a Cruz de Combate de 2.ª Classe, concedida aqueles que demonstraram heroísmo em combate em ações coletivas.

Retornou da guerra em 22 de agosto de 1945. Após a promoção a Capitão em 25 de dezembro de 1945, veio a ser matriculado na Escola Técnica do Exército, atual IME, formando-se em Engenharia Industrial de Armamento, sendo transferido para a Arma de Comunicações do Quadro de Engenheiros Militares.

Serviu durante seis anos no Arsenal de Guerra do Rio, e durante quase cinco anos como diretor técnico do Corpo de Bombeiros do então Distrito Federal, de onde foi para o DEPT – Departamento de Estudos e Pesquisas Tecnológicas do Exército, de onde saiu para tornar-se diretor do Arsenal de Guerra de São Paulo.

Foi promovido a Coronel do Quadro de Material Bélico em 25 de dezembro de 1966, tendo passado para a Reserva em 8 de abril de 1974.

Foi agraciado com as seguintes Medalhas: Cruz de Combate de 2ª. Classe, Medalha de Campanha, Cavaleiro da Ordem do Mérito Militar de 1.ª Classe, Medalha Militar com Passador de Ouro (30 anos), Medalha de Guerra, Pacificador, Mérito do Engenheiro Militar, Marechal Mascarenhas de Moraes, Conquista de Monte Castelo e Centenário do CBDF.

Na vida civil, foi chefe da Assessoria de Planejamento e Coordenação da ECT e engenheiro da Itaipu Binacional. Faleceu em 11 de setembro de 2001

Salli Szajnferber

Salli Szajnferber nasceu em 4 de outubro de 1923, no Rio de Janeiro, filho de Abram e Berta. Em princípios do séc. XX, seus pais emigraram da Polônia. Abram era um ex-combatente da Primeira Guerra Mundial.

Após longa viagem de navio, a família foi morar em Guaratinguetá/SP, onde em 1932 Salli teve sua primeira experiência de “combate”, quando durante a Revolução Constitucionalista de 1932 um avião bombardeou a cidade.

Mudando-se mais tarde para o Rio, na Rua Carlos Vasconcellos, ao lado da Praça Saens Peña, na Tijuca, o menino Salli de 11 anos prestou o exame de admissão para o prestigioso Instituto Lafayette, na Rua Haddock Lobo, que existe até hoje como Fundação Bradesco. Tirou 100 em todas as matérias, nas nove provas, escritas, orais e finais.

Cursou em seguida o Colégio Militar, após o que prestou concurso para a Escola Militar do Realengo, quando teve de enfrentar certas dificuldades inerentes à época.

Dois itens da ficha de inscrição constituíam em obstáculo por vezes intransponíveis. Cor e religião. Mas, felizmente, havia pessoas justas e sensíveis a quem se podia recorrer, e Salli encontrou na pessoa do Ten.-Cel. Inf. Walfredo Reis o instrumento que materializou a vontade divina.

Sim, pois quando uma criança nasce o seu destino já foi traçado e nada poderá mudá-lo. Salli haveria de se classificar em terceiro lugar no concurso e em 8 de janeiro de 1944, para orgulho dos pais, obteve o segundo lugar da turma e foi declarado Aspirante a oficial do Exército de Caxias, da Artilharia de Mallet, a cujas tradições iria honrar ao longo de uma carreira exemplar.

Logo escolheu por vontade própria servir em uma unidade expedicionária, o Grupo de Artilharia de São Paulo, I/2.º Regimento de Obuses Autorrebotado, integrante da FEB que estava sendo formada. Foi deslocado para a Vila Militar e daí para o Forte do Campinho, embarcando em 22 de setembro de 1944 para a Itália, no navio americano de transporte de tropas General Mann, 2.º Escalão.

Salli combateu em dois grandes momentos da FEB, a Tomada de Monte Castelo e Montese. Exerceu, a princípio, as funções de Oficial de Motores, e em seguida de Comandante de Linha de Fogo – CLF, e Observador Avançado da Artilharia. Somente a sua bateria deu 3.700 tiros de obus 105 mm sobre Monte Castelo, que sumia em meio à fumaça dos bombardeios de artilharia e de aviação.

Em Montese, foi levemente ferido, quando Observador Avançado junto à 9.ª Companhia do III Batalhão do 11.º Regimento de Infantaria. Foi o mais sangrento combate da FEB, com 574 baixas entre mortos e feridos. O III Grupo de Artilharia deu em Montese 9 mil tiros.



► 8 de março de 2010 – Sepultamento Cel. Salli Szajnferber no Cemitério Israelita do Caju, Rio de Janeiro/RJ. Cel. Eric Julius Wurts compareceu à frente da representação do 11.º Grupo de Artilharia de Campanha. Acervo do autor.



► 8 de março de 2010 – Sepultamento Cel. Salli Szajnferber no Cemitério Israelita do Caju Rio de Janeiro/RJ. À frente do cortejo, o cantor litúrgico Marco Salem. Acervo do autor.

Em 28 de abril de 1945, a Bateria de Salli recebeu como missão apoiar o 6.º Regimento de Infantaria no cerco ao inimigo na Ofensiva da Primavera, que terminou por se render. Era a 148.ª Divisão alemã, com todo seu material, canhões, tropa a cavalo e remanescentes da divisão Panzer Grenadier e Bersaglieri Italiana. O General Otto Fretter Pico se rendeu com outro general italiano, 892 oficiais, 19.689 soldados, 80 canhões, 5 mil viaturas e 4 mil cavalos.

Nessa noite, a Bateria teve que fazer a guarda de 900 prisioneiros, quando foi apreendida uma enorme bandeira nazista, que hoje se encontra no museu do 20.º Grupo de Artilharia de Campanha Leve em Barueri/SP, o Grupo Bandeirante,



► 8 de março de 2010 – Sepultamento Cel. Salli Szajnferber no Cemitério Israelita do Caju Rio de Janeiro/RJ. O Pelotão de Honras Fúnebres dispara uma salva de tiros de fuzil. Acervo do autor.

e que justamente a cada 29 de abril, 1h45 da madrugada, comemora a última missão de tiro da Artilharia Divisionária da FEB na Itália.

Pela sua bravura em ação na tomada de Montese, foi agraciado pelo Presidente da República com a Cruz de Combate de 1ª Classe. O diploma assinado pelo Ministro da Guerra General Pedro Aurélio de Góis Monteiro destaca sua grande coragem, sangue frio e capacidade de ação, durante os encarniçados combates de 14 e 15 de abril de 1945. Progredindo em terreno minado severamente batido por fogo de artilharia, morteiro e armas automáticas, o Ten. Salli cumpriu galhardamente a sua missão de observador avançado ajustando com precisão os tiros da nossa artilharia.

Foi ainda elogiado em Boletim pelo Comandante do Regimento Tiradentes, 11.º RI de São João D'el Rey, Cel. Inf. Delmiro Pereira de Andrade, pela bravura e espírito de sacrifício nas duras jornadas de 14 e 15 de abril, junto aos pelotões terrivelmente hostilizados pelo inimigo. A sua calma, a sua competência e a sua bravura pessoal o fizeram credor da admiração de toda a Companhia.

Após retornar da Itália, em 22 de agosto de 1945, Salli cursou a Escola de Educação Física do Exército, onde foi aprovado no Curso de Instrutor de Educação física em 1.º lugar, com grau 8,568, menção MB. Em 1955, fez o curso de Comando e Estado-Maior na ECEME, com menção MB, e dela foi instrutor por três anos.

Integrou a equipe brasileira de Pentatlo Militar na Argentina e Suécia, comandou o 6.º Grupo de Artilharia de Dorso em Castro/PR, foi membro da missão Militar Brasileira no Paraguai, conselheiro do CND por 10 anos, e representante do Estado-Maior do Exército no EMFA.

Salli passou para a Reserva em 1.º de agosto de 1966, quando servia na 4.ª Seção do Estado-Maior do Exército. Por ocasião da sua despedida, foi saudado pelo orador como um privilegiado, por ter integrado no mais alto grau todas as



► 8 de março de 2010 – Sepultamento Cel. Salli Szajnferber no Cemitério Israelita do Caju – Rio de Janeiro/RJ. Quatro soldados em uniforme histórico da FEB guarnecem o caixão recoberto pelo Pavilhão Nacional. Acervo do autor.

capacidades do homem, como disse um filósofo, físicas, intelectuais e morais, exaltando suas qualidades que o colocaram sempre nos primeiros lugares.

Salli Szajnferber, bravo soldado brasileiro de fé judaica, herói de Montese, nos combates da Itália, honrou a memória de Mallet, Patrono da Arma de Artilharia.

Salli faleceu no Rio de Janeiro em 9 de março de 2010, sendo sepultado no mesmo cemitério em que repousam eternamente seus pais, o Comunal Israelita, no Caju, Rio de Janeiro. Compareceram familiares, seus antigos companheiros da FEB e uma bateria do 11.º Grupo de Artilharia de Campanha, com seu Comandante Cel. Eric Julius Wurts, que prestou as honras fúnebres, com uma salva de tiros e a execução da “Canção da Artilharia” pela banda de música. Seu caixão, coberto pela bandeira do Brasil, foi conduzido por membros da Ordem dos Velhos Artilheiros, à frente o General Nery, e seus companheiros Cel. Aluizio Guimarães, Cel. Siqueira, Cel. Amerino Raposo, Cel. Marcel Padilla e Cel. Julio Pádua.

Coronel Art Salli Szajnferber – Cruz de Combate de 1.ª Classe

A Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB), a Ordem dos Velhos Artilheiros e a Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro (FIERJ) comunicam o falecimento, em 9 de março de 2010, no Rio de Janeiro, do estimado e atuante Coronel SALLI, da Turma de 1944 da Escola Militar do Realengo, herói de Montese e da libertação da Itália do domínio nazi-fascista.

Coronel Salli Szajnferber
Artilheiro da FEB

* 4 de outubro de 1923 – ✱ 8 mar 2010

No Cemitério Comunal Israelita do Caju, a família, amigos e irmãos de armas vieram dar o último adeus. Antigos camaradas da FEB e da Ordem dos Velhos Artilheiros. Alguns foram amigos de infância, outros, jovens tenentes que nos idos de 1944 na Itália defenderam a democracia. Todos expressando um sentimento único. Foi uma grande perda, não só para o Exército, mas para o Brasil. Ao longo de seus quase 87 anos, a trajetória do Cadete do Realengo nascido no Rio de Janeiro foi extensa e relevante, destacando-se a sua contribuição ao Exército e ao serviço público federal como economista, coroando uma carreira profícua.

Diante do seu esquife, envolto na Bandeira Nacional e guarnecido por quatro soldados envergando o uniforme histórico da FEB com o distintivo do V Exército Americano, o General Geraldo Luis Nery da Silva destacou os laços de amizade que o uniram com os demais ex-combatentes presentes, e como a presença do querido Cel. Salli animava as reuniões da Ordem dos Velhos Artilheiros.

A biografia é lida, recordando o menino que estudou no Instituto Lafayette na Rua Haddock Lobo, em seguida no Colégio Militar, após o que prestou concurso para a Escola Militar do Realengo, classificando-se em terceiro lugar, em 8 de janeiro de 1944, para orgulho dos pais, como segundo aluno da turma declarado Aspirante a Oficial, do Exército de Caxias, da Artilharia de Mallet, a cujas tradições iria honrar ao longo de uma carreira exemplar.

Os presentes se emocionam ao recordar nas palavras do orador aqueles dias remotos quando Salli combateu em dois grandes momentos da FEB, a Tomada de Monte Castelo e Montese, como Comandante de Linha de Fogo – CLF e observador avançado da Artilharia, ocupando posições de altíssimo risco junto à Infantaria que avançava para tomar território ocupado pelo inimigo nazista, quando foi levemente ferido.

Sua bateria participou da operação em que os Generais Otto Fretter Pico e Mário Carloni se renderam com a 148.^a Divisão alemã e a Bersaglieri italiana. Pela sua bravura em ação na tomada de Montese, foi agraciado pelo Presidente da República com a Cruz de Combate de 1.^a Classe. O diploma assinado pelo Ministro da Guerra General Pedro Aurélio de Góis Monteiro destaca sua grande coragem, sangue frio e capacidade de ação, durante os encarniçados combates de 14 e 15 de abril de 1945. Progredindo em terreno minado severamente batido por fogo de artilharia, morteiro e armas automáticas, o Ten. Salli cumpriu galhardamente a sua missão de Observador Avançado ajustando com precisão os tiros da nossa artilharia.

O condutor do serviço religioso, Sr. Marco Salem, entoava a milenar oração dos mortos, suplicando ao Eterno que a alma do irmão Salli se eleve aos Jardins do Éden, onde repousam os Justos. Logo o cortejo se desloca ao longo das aleias do Comunal, acompanhado pelos velhos soldados, ex-combatentes dos campos da Itália. Ali também repousam para sempre os queridos pai e mãe do falecido, ele também tendo sido um soldado, na 1.^a Guerra Mundial.

Como tinham ficado alegres com o retorno do filho e do seu vizinho da Rua Pontes Correa no Andaraí, o Coronel Siqueira, aqui presente, e que com ele adentrou os portões do Colégio Militar e do Realengo, partindo juntos para a Itália, uma amizade incrível de mais de 80 anos. Ambos se destacaram, tendo sido agraciados com a Cruz de Combate, distinção a que poucos fizeram jus.



► 2009 – Ten.-Cel. Mário Raphael Vanuteli e Cel. Salli Szajnferber na cerimônia do 1.º Tiro da Artilharia Brasileira na Itália, no 21.º GAC – Forte do Imbuhy – Niterói/RJ. Acervo do autor.



► 2009 – Ten. Melchisedech Affonso de Carvalho e Cel. Salli Szajferber na cerimônia do 1.º Tiro da Artilharia Brasileira na Itália no 21.º GAC – Forte do Imbuhy – Niterói/RJ. Acervo do autor.

Um destacamento do 11.º Grupo de Artilharia de Campanha da Vila Militar, o mesmo que conquistou Montese, desincumbiu-se das honras fúnebres, ao longo do trajeto. As vozes de comando entrecortadas pelas salvas de fuzil quebraram o silêncio do campo santo, ecoando na distância, seguindo-se o tilintar dos cartuchos arremessados ao chão frio de cimento, trazendo um pouco para perto dos presentes os sons da guerra, ao percorrerem a alameda ao longo da fileira de soldados, ao som da Marcha Fúnebre.

Nesses breves momentos, aos veteranos veio a lembrança daquele dia cinzento em Monte Castelo, quando superando forças mais experientes entrincheiradas nas alturas e arrostando o frio inclemente e chuvas torrenciais que impediam o avanço mecanizado e o apoio aéreo, nossos bravos pracinhas colheram brilhantes vitórias na dureza daqueles combates.

Se hoje temos a democracia sob este sol tropical, certamente o devemos também àqueles valentes soldados, dos quais derradeiros remanescentes agora levam para a última morada um de seus grandes expoentes.

Os amigos de longa data recordam o falecido, destacando o patriotismo lúcido e o carinho do companheiro que partiu. Em palavras candentes e emotivas, reafirmam o exemplo do Coronel, carreira digna de servir como paradigma às futuras gerações.

Dois soldados descobrem a Bandeira Nacional do caixão, dobram-na e entregam aos parentes. O corneteiro executa o Toque de Silêncio. É um toque pungente que envolve a todos, especialmente os familiares, cujas lágrimas refletem a dor daquele momento.

A Banda do Batalhão de Guardas executa a “Canção da Artilharia”, e os soldados entoam a última estrofe: “O mais alto valor de uma nação... vibra na alma do soldado, ruge na alma do canhão...” A cada pá de terra arremessada, o cantor litúrgico repete a oração. D’us disse a Adão: “Retornarás ao solo, pois é do

solo que foste feito” (Bereshit – Gênesis 3:19). Dizem nossos sábios que a alma é eterna, apenas migra para outra dimensão, e assim eleva-se aos Jardins do Éden, atravessando o Portal do Paraíso. Os presentes vão se dispersando, até que mais ninguém está por ali.

Apenas restou a sepultura, recoberta pela terra. Mas para sempre perduram as boas e valiosas lições que o irmão Salli nos ensinou, antes de passar agora para o Olam haEmet (Mundo da Verdade).

Salli Szajnferber, bravo soldado brasileiro de fé judaica, herói de Montese, nos combates da Itália honrou a memória de Mallet, Patrono da Arma de Artilharia. Que a sua alma se incorpore a corrente da Vida Eterna.¹⁶

Mensagem recebida pelo autor

Prezado amigo Israel, sua presença foi muito apreciada pela família, v. era um dos poucos amigos que restavam ao tio Salli. A memória dele, expressa nas palavras tão bonitas do Gen. Nery nos emocionaram e peço que agradeça a ele em nome de toda a nossa família. Um abraço, Israel Klabin – 10 de março de 2010.

Salomão Malina

Salomão Malina nasceu em 16 de maio de 1922, no Rio de Janeiro, filho de Jacob e Lea. Em princípios do séc. XX, seus pais emigraram de Lodz, cidade industrial na Polônia, onde florescia uma importante comunidade judaica, que poucos anos depois seria exterminada pelo ódio.

Na longa viagem de navio, jamais poderiam sequer imaginar que um dia a chegada de um menino viria alegrar a casa simples, e estava escrito que este menino seria um pensador, e mais que isso, unindo a ação às palavras e fazendo o caminho inverso dos imigrantes, por vontade própria iria lutar de arma na mão contra aqueles mesmos nazi-fascistas inimigos da Humanidade que tentavam destruir as raízes do seu povo.

Moravam em uma região pobre, hoje a conhecida área comercial do SAARA, próximo à Rua Regente Feijó e Rua da Alfândega, em um quarto. Sua mãe estava doente, e viria a falecer em 1945. Não muito distante da Praça XI, a rua judaica humilde da época. Ali perto, Salomão estudou no Colégio Pedro II, tradicional, que reunia a elite escolar da época e cursou o CPOR – Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro, de onde saiu Aspirante a Oficial da Arma de Infantaria.

Na FEB foi incorporado ao 11.º Regimento de Infantaria de São João del Rey, hoje o 11.º Batalhão de Infantaria de Montanha, tendo comandado o Pelotão de Minas, os sapadores mineiros que desativavam armadilhas, minas e explosivos. Embarcou para a Itália no posto de Aspirante a Oficial em 3 de novembro de 1944, onde já no Teatro de Operações foi designado com mais nove capitães e tenentes para tirar o curso de “Engineering Training Detection Mine Warfare and Demolition Course # 11”, no QG do 5th USA Army em Dugemta, Itália, de

¹⁶ BLAJBERG, Israel. Obituário do Cel. Salli Szajnferber.

7 a 18 de janeiro de 1945, em documento de 30 de dezembro de 1944 assinado pelo Ten.-Cel. B. W. SAUREL por ordem do Ten. Gen. Truscott.

As minas alemãs custaram à FEB um grande número de vítimas, entre mortos e mutilados. Em atividade extremamente perigosa, detectando e desativando artefatos e *booby traps*, Salomão Malina e seus comandados contribuíram para evitar uma maior perda de preciosas vidas brasileiras. Em reconhecimento, o Presidente da República outorgou-lhe a Cruz de Combate de 1.^a Classe, medalha com a qual apenas poucos integrantes da FEB foram agraciados, por atos individuais de bravura. Malina recebeu ainda a Medalha de Guerra e a Medalha de Campanha.

Em extensa citação no diploma, Malina é louvado pela coragem com que comandou seu pelotão, abrindo caminho para a passagem da Infantaria no eixo de ataque através de terreno minado, sob pesado fogo da artilharia e de morteiros alemães, durante o avanço do Regimento para a conquista de Montese, uma das maiores glórias da FEB.

Malina retornou da Itália em 17 de setembro de 1945, tendo sido reformado em 4 de novembro de 1983.

Salomão Malina estudou na então Escola Politécnica do Largo de São Francisco, depois Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, transferida para a Ilha do Fundão.

Na época, trabalhava em uma das maiores indústrias eletrônicas brasileiras, a SESA – Standard Electric S. A., subsidiária da multinacional americana ITT – International Telephone & Telegraph, que fabricava televisores e outros aparelhos no subúrbio carioca de Vicente de Carvalho. A fábrica, que chegou a empregar milhares, esteve fechada durante duas décadas até dar lugar a um moderno centro de compras, o Carioca Shopping próximo à estação do metrô.

A Associação dos Antigos Alunos da Politécnica inaugurou em dezembro de 2004, em sua sede, no mesmo tradicional e centenário prédio da Politécnica no Largo de São Francisco, Alma Mater da Engenharia Brasileira, uma estatueta representando os expedicionários alunos da casa, de autoria de D.^a Sílvia Vaccani, antiga professora da casa, e esposa do eminente e também professor Ernani da Motta Rezende.

Na singela peça escultórica, um soldado de arma na mão representa os nobres ideais daqueles estudantes, que em passeatas pediam ao governo de Getúlio Vargas que declarasse guerra ao Eixo, após o torpedeamento de tantos navios com perda de centenas de vidas de brasileiros inocentes.

Uma placa na parede recorda os nomes de nove bravos, onde figura o de Salomão Malina.

Os desígnios da vida impediram que Malina terminasse o curso de Engenharia. Ativista político, ele e sua família levaram uma vida atribulada, onde não raro foi perseguido, tendo que mudar de bairro, de cidade, ocultar-se, mudar de identidade.

Não fosse os inúmeros recortes de jornais que descrevem a sua trajetória, e cópias de documentos das autoridades policiais da época, judiciosamente

colecionados pelo Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, teria sido difícil obter detalhes ou fotos da sua vida militar, de vez que as circunstâncias exigiam que fotos e documentos seus não ficassem guardados em casa.

Salomão Malina foi militante histórico, último Secretário-Geral do PCB, e ao final da vida Presidente Honorário do PPS.

Antes de partir, vitimado por doença incurável de que padecia há longos anos, manifestou a vontade de ser enterrado como judeu. Toda vida conservou o *talit* (manto ritual) com que cumpriu a cerimônia do *bar-mitzvá* (maioridade religiosa aos 13 anos). A tradicional foto de *kipá* (solidéu) e *talit* que todo menino judeu tira nesse dia consta do livro de memórias, lançado às vésperas de seu passamento.

Teve enterro judaico com velório na Assembleia Legislativa de São Paulo, onde compareceram inúmeros representantes dos setores políticos e culturais da sociedade. Frisava que suas raízes eram autênticas, e não uma volta às origens, de vez que sempre viveu como israelita, jamais ocultando sua fé.

Malina (seu nome em hebraico Schlomo ben Yaakov), faleceu em 2002 aos 80 anos, em 31 de agosto de 2002, sendo sepultado no Cemitério Israelita do Butantã.

Samuel Kicis

*A carreira exemplar de um soldado brasileiro de fé Mosaica*¹⁷

Corria o ano de 1944. Leda, uma menina de 7 anos no colo da mãe, assistia da varanda da sua casa em Deodoro, à beira da linha da Central do Brasil, o lento e constante desfilar do imenso comboio de vagões rolando sobre os trilhos, carregando as tropas prontas para o embarque no Cais do Porto, onde os navios americanos de transporte aguardavam, junto com a nossa Marinha de Guerra que fazia a escolta até Gibraltar. As tropas vinham da Vila Militar e de Minas Gerais.

Mesmo no inverno, o sol do Rio de Janeiro já era quente de manhãzinha, bem diferente da Itália gelada para onde o pai de Leda estava iniciando uma longa viagem naquele trem, a viagem que não teria retorno para todos.

Com seus olhinhos de menina esperta, Ledinha conseguiu divisar o pai à distância, na janela do trem. Assim, com as bênçãos infantis da filha, o jovem Capitão de Artilharia Samuel Kicis, Comandante da 2.^a Bateria do 4.^o Regimento de Obuses 155, seguiu para o *front*, junto com os seus soldados.

Samuel vinha de longe. Seus pais, Isaac e Bertha Kicis nasceram e cresceram na Bessarábia, hoje Moldávia, região entre a Romênia e a Rússia. Havia dezenas, centenas de pequenas cidades onde floresciam pequenas, médias e grandes comunidades judaicas. Um mundo que acabou... Uma terra que amargava séculos de dominação estrangeira, pelos russos, pelos prussianos, e onde a minoria judaica alternava períodos de tranquilidade com a perseguição injustificada.

¹⁷ Palestra apresentada no evento de 1.^o de maio de 2005 no Grande Templo Israelita, em homenagem aos heróis brasileiros judeus da 2.^a Guerra Mundial.

Em 1903, ali mesmo, em Kishinev, uma cidade central da Bessarábia, houve um pogrom. Um jovem poeta estava ali, viu e escreveu “Na cidade do Massacre” em homenagem às vítimas inocentes.

Haim Nahman Bialik (1873-1934). Poeta. Judeu nascido na Rússia. Falecido em Tel Aviv, que mais tarde viria a ser conhecido como o Poeta Nacional de Israel.

A profunda e emotiva descrição do poeta Bialik do sofrimento inimaginável torna-o extraordinariamente apropriado para recordar Auschwitz.

*Que fazes aqui, filho do homem?
Levanta-te, foge para o deserto!
Leva para lá contigo o cálice de desgosto!
Levai a sua alma, rasga-a em mil retalhos!
Com raiva impotente, com coração deformado!
Verte a tua lágrima sobre rochas áridas
e manda o seu grito amargo à tempestade!*

Era um prenúncio do Holocausto que estava por vir. Não surpreende, portanto, que tantos tenham decidido partir.

Os Kicis descendem do Rabino Ze'ev Wolf Kitzes, que viveu no séc. XVIII. A grafia experimentou evoluções ao longo dos séculos, bem como novos ramos se incorporaram: Kitzes, Keces, Keses, Kitzes, Ketzis, Kitzis, Kicis, Kitsis, Kitses, Charest, Pearson, Gordon, Westheimer, Greenwald, Simon, Rohr, Dunsky.

Os Kicis ouviram falar do Brasil. Um país que diziam haver tantas riquezas que até pedras preciosas estavam penduradas nas árvores.

Uma terra abençoada, onde vivia um povo alegre, lúdico e musical, com fartura de terra e água, o sol brilhando o ano todo, onde seriam bem recebidos por um povo hospitaleiro, descendente dos índios, dos negros escravos e dos portugueses, e que por isso mesmo não discriminava ninguém. Todos tinham uma oportunidade, e o sol nascia para todos.

A viagem foi penosa. Reunindo os poucos pertences que podiam levar, despediram-se dos familiares, que jamais iriam rever, iniciando a viagem para a nova Terra Prometida. Como a maioria dos imigrantes, iriam de terceira classe, porque não havia a quarta...

Não era raro que crianças e idosos não resistissem a bordo. Os pais se desesperavam ao ver o pequeno corpinho sendo lançado ao mar. Queriam ir juntos, quase enlouquecidos, era preciso que os amigos os segurassem para que não pulassem a amurada.

Mas o futuro iria sorrir para aquela gente, apesar de tudo com o coração cheio de esperança.

Ao atravessar a entrada da barra na Baía da Guanabara, só de olhar a paisagem já gostaram daquela terra, e entre lágrimas de saudade da família distante, prometiam a D'us e a si mesmos que tudo fariam para honrar a confiança que a nova pátria lhes depositava, tudo fazendo para serem bons brasileiros, criando os filhos, trabalhando e estudando por um Brasil melhor.

Do convés, os passageiros se admiravam com o cordão de fortalezas em volta da barra. Copacabana, Duque de Caxias, Santa Cruz, São José, São João, São Luiz, Pico, e a última, já numa pequena ilha dentro da baía, a Fortaleza da Lage, que seria a última barreira a repelir o inimigo invasor.

Era sinal de que o povo era hospitaleiro, mas desde a época das caravelas saberia defender-se, se necessário fosse. O jovem casal Kicis talvez não acreditasse se lhe dissessem que o primeiro filho um dia estaria a postos numa daquelas fortalezas, como Oficial da Artilharia de Costa...

E foi isso que aconteceu. Bertha e Isaac tiveram quatro filhos, Fany, Olga, Maurício e Samuel.

Ao desembarcarem no cais do porto, jamais imaginariam que um dia o Todo-Poderoso haveria de lhes conceder a graça de ter dois filhos homens, e que eles seriam soldados brasileiros, um deles havendo de embarcar ali mesmo naquele cais, para navegar pelos mesmos mares para lutar pela liberdade e pela democracia.

E o outro, Maurício, também artilheiro, viria a ser admitido ao Magistério Militar, por muitos anos lecionando francês no Colégio Militar.

Os primeiros tempos foram duros. Trabalho árduo, de sol a sol, fazendo jus ao ditame bíblico de ganhar o sustento com o suor do próprio rosto.

A família morava em São Cristóvão, onde Samuel nasceu na véspera de Pessach¹⁸, em 15 de abril de 1913, e estudou no Colégio Pedro II. O menino Samuel era estudioso e, morando no subúrbio, cresceu observando a movimentação das tropas dos quartéis próximos, os comboios, o tropel da Cavalaria, os canhões ainda de tração hipomóvel.

Daí para a Escola Militar foi um passo. Aprovado no difícil concurso de seleção, Samuel tornou-se um Cadete do Realengo, usando com orgulho na cintura o espadim, a miniatura do sabre invicto de Caxias. Praça de 8 de abril de 1930, como aluno do 3.º Ano do Curso Anexo a Escola Militar do Realengo.

Optou pela Arma dos fogos largos, poderosos e profundos, tendo sido declarado Aspirante a Oficial de Artilharia em 25 de janeiro de 1934. Os velhos retratos amarelecidos demonstram a alegria dos pais imigrantes.

Seu filho Samuel, um Oficial, do Exército de Caxias, da Artilharia de Mallet, envergando com garbo o Primeiro Uniforme, na cerimônia a que compareceu o Presidente da República.

Ali começava a carreira exemplar de um soldado brasileiro de fé mosaica, e que duraria quase 33 anos.

Designado para a Guarnição do Distrito Federal, foi servir no histórico quartel do Forte de Campinho, que naqueles tempos sediava o 1.º Grupo de Artilharia de Dorso, e foi logo promovido a 2.º Tenente, em 30 de agosto de 1934.

Naquela época, a Artilharia era hipomóvel, ou seja, as peças eram tracionadas por muares. Assim, as unidades de artilharia muito se assemelhavam as da Nobre Arma Ligeira, a Cavalaria. Tinham baias, veterinários, enfim, tudo que fosse necessário.

¹⁸ A Páscoa judaica.

Os canhões Krupp 75 eram as peças mais utilizadas, deslocando-se nos exercícios e nos desfiles lenta e seguramente, daí a tropa de artilharia seguir uma cadência diferente das demais, como o demonstra o ritmo peculiar da “Canção da Artilharia”.

Em 29 de novembro de 35, Kicis teve de interromper as férias devido aos acontecimentos que se desenrolavam na capital, tendo participado do contra-ataque aos rebeldes da Escola de Aviação Militar.

Em 25 de janeiro de 1936, Samuel casou-se em Niterói com D.^a Ruth do Couto Pfeil, filha do Gen. João Eduardo Pfeil. O padrinho de casamento foi o Gen. Alcio Souto, que era amigo do Gen. Pfeil.

Promovido a 1.º Tenente em 7 de setembro de 1936, foi transferido para o I Regimento de Artilharia Montada, na Vila Militar.

Entre diversos elogios que constam da sua folha funcional, destacamos aquele lavrado em 19 de janeiro de 1937 pelo General de Divisão Eurico Gaspar Dutra, ao deixar o Comando da I Região Militar:

“(...) aprez-me manifestar meus agradecimentos ao 1.º Ten. Kicis, que foi meu colaborador, pela capacidade de trabalho e inteligência.”

Outras comissões se seguiram, em João Pessoa no 4.º GADo, 3.^a Bia AC Forte do Imbuhy em Niterói, 3.º GADo de Campo Grande/MT.

Em 10 de novembro de 1937 foi decretado o Estado Novo, sem a participação da AIB no governo. Integralistas como Olbiano de Melo, Belmiro Valverde e Gustavo Barroso, ao lado de oficiais da Marinha, no dia 11 de maio de 1938, promoveram uma tentativa insurrecional. Sob o comando do Tenente Severo Fournier, um grupo atacou o Palácio Guanabara, residência presidencial, com a finalidade de depor Vargas.

O General Dutra, Ministro da Guerra, soube por telefone, e como morava no Leme, dirigiu-se ao Forte Duque de Caxias, onde requisitou uma tropa de 12 homens, comandada pelo jovem Tenente Maurício Kicis, dirigindo-se ao Palácio, onde salvou o Presidente.

Quis o destino que naquele dia estivesse de serviço o Tenente Maurício Kicis. É fácil supor o que teria acontecido se outro oficial, de ideias integralistas, ali estivesse. Possivelmente a História do Brasil não tivesse sido a mesma.

O Grande Arquiteto do Universo nos conduz por caminhos nem sempre claros. Não seria a primeira vez que um brasileiro judeu entrava na história de Getúlio.

Plínio Salgado acabou seguindo em 1939 para um exílio de seis anos em Portugal, e Kicis foi promovido a Capitão em 25 de agosto de 1941.

No ano seguinte, o Brasil haveria de declarar guerra aos países do Eixo. Era a resposta aos torpedeamentos de navios mercantes inocentes ao longo da nossa costa.

Hitler havia decidido se vingar da ajuda brasileira ao esforço de guerra, mandando aqui seus submarinos. Mas a nascente Aviação de Patrulha da FAB

contra-atacou, conseguindo afundar alguns submarinos, e quando a Marinha do Brasil passou a escoltar os comboios, já não houve mais perdas.

O Brasil era um país eminentemente agrícola. Nem se sonhava com a infraestrutura e o parque industrial que temos hoje, os quais ainda iriam ser planejados e construídos anos mais tarde.

Mesmo assim, um esforço nacional supremo nos capacitou a enviar para a Itália a primeira de três Divisões de Infantaria Expedicionária, formando a FEB – Força Expedicionária Brasileira, um Grupo de Aviação de Caça, e garantir o nosso litoral com a Marinha do Brasil. Foram só na FEB 25 mil homens, dos quais quase 500 não voltaram, além de outros milhares nas tripulações dos navios de guerra e mercantes, e centenas de aviadores e pessoal de terra.

Segundo o Mein Kampf, o III Reich deveria durar mil anos. As populações polonesas, russas e outros eslavos seriam transformadas em escravas dos arianos, sem nenhum direito a não ser trabalhar para a Alemanha. Os judeus, ciganos, comunistas, homossexuais e deficientes físicos e mentais nem esta sorte teriam. Deveriam ser impiedosamente exterminados nas câmaras de gás, a fim de que só restasse a “raça pura”.

Os brasileiros, também considerados uma raça inferior de mestiços, e os africanos seriam explorados quando chegasse a sua vez, apenas fornecendo matérias-primas e deixados a própria sorte para morrerem como moscas.

Dentro deste quadro tenebroso, custa a crer que houvesse, e lamentavelmente ainda há no Brasil, embora microscópicas, ideologias pró-nazistas, grupelhos minúsculos.

Se o Afrika Korps não tivesse sido destruído em El Alamein, e a Alemanha conseguisse estender seus tentáculos para o outro lado do Atlântico, iríamos ter aqui no Brasil a desgraça de conviver com traidores. Infelizmente surgiriam novos calabares, novos Joaquim Silvério dos Reis.

Mas não foi isso que aconteceu neste país que o grande escritor Stefan Zweig, também ele vítima do nazismo, definiu profeticamente em 1942, como o País do Futuro, raciocínio este que agora é ratificado pela CIA, ao prever que o Brasil junto com China, Índia e Indonésia podem vir a tornarem-se potências mundiais em 15 anos.

Samuel embarcou para a Itália em 19 de setembro de 1944, e desembarcou já sob o frio inclemente do inverno europeu.

Logo sua Bateria foi enviada para a frente de combate. A Artilharia da FEB era comandada pelo General Cordeiro de Farias, e receberam diretamente na Itália vindo dos Estados Unidos os obuses de 105 e 155 mm, aquela época os mais modernos, de que ainda não dispúnhamos no Brasil.

O Comandante do IV Grupo era o então Ten.-Cel. Hugo Panasco Alvim. Conforme Germano Seidl Vidal, 2.º Tenente:

(...) em 15 de maio de 1944, fui designado Comandante da Linha de Fogo da 2ª Bateria do então I Grupo do 1.º Regimento de Artilharia Pesada Curta (Grupo Escola) – I/1.º RAPC (GE), função na qual permaneci durante toda

a participação do IV Grupo de Artilharia 155 mm na Campanha da Itália, somente sendo desligado dessa função quando transferido, por necessidade do serviço, já no Brasil, em 10 de janeiro de 1946.”

O primeiro tiro da Artilharia brasileira disparado fora do continente americano ocorreu às 14h23 de 15 de julho de 1944. Samuel comandou cerca de 200 homens, e ocupou por inúmeras vezes os observatórios avançados do Grupo, junto às primeiras linhas da Infantaria, em pontos considerados extremamente perigosos. Sua bateria se destacou em qualidade nas operações e nos objetivos alcançados.

Da sua folha de serviços constam inúmeros elogios individuais e coletivos, destacando especialmente sua inteligência privilegiada e a capacidade de comando e organização com que se houve à frente da 2.^a Bateria de Obuses 155.

Suas promoções ocorreram sempre por merecimento:

- ▶ Major – 25 de setembro de 1948
- ▶ Ten.-Cel. – 25 de abril de 1953
- ▶ Cel. – 25 de agosto de 1961

Realizou diversos cursos, sempre com excelente aproveitamento, a saber:

- ▶ 1941 – Escola de Artilharia de Costa, menção Excelente (grau 9,6)
- ▶ 1947 – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, conceito Muito Bem (grau 9,9)
- ▶ 1948 – Curso de Guerra Química na Chemical Corps School (USA) (grau 10,0)
- ▶ 1952 – ECEME, menção B
- ▶ 1957 – Escola de Guerra Naval

Verificamos que sua folha de serviços neste período era plena de elogios, inclusive de superiores que um dia se tornariam Presidentes da República, como na época do Comandante do Núcleo da Divisão Blindada, o General Arthur da Costa e Silva.

“(…) elogio o Ten.-Cel. Kicis, que integrou o meu Estado-Maior, pela capacidade de ação, inteligência, dinamismo e garbo, destacado oficial de Estado-Maior (...)”

Em 21 de setembro de 1953, seu pai deixa este mundo, tendo labutado anos e anos a fio, deixando três filhos.

Samuel serviu em seguida no EME com outros destacados oficiais, como os então Cel. Ademar de Queiroz, que viria no futuro a ser Presidente da Petrobras, Cel. Aurelio de Lyra Tavares, que veio a ser Ministro da Guerra e imortal da ABL, Cel. Adalberto Pereira dos Santos, futuro Vice-Presidente da República.

Em 7 de janeiro de 1956, se deu o casamento de sua filha Leda Pfeil Kicis.

Em 1957 foi mandado a Pouso Alegre/MG, onde exerceu o subcomando do 8.º RA 75 Mont.

Pelo seu comportamento exemplar durante a Campanha da Itália, foi condecorado com a Cruz de Combate de 2.^a Classe. No Diploma, assinado em 6 de março de 1961 pelo Ministro da Guerra Marechal Odílio Denys, pode-se verificar que ele esteve exposto ao fogo inimigo por muitas vezes ao situar-se nos postos de observação avançada que acompanhavam o tiro da artilharia, conquistando elogios pelo seu espírito de sacrifício, pela assistência que dava a seus comandados, conduzindo a sua bateria em todas as situações com calma e coragem.

A Medalha de Campanha lhe foi concedida pelo Diploma assinado em 25 de março de 1949 pelo Ministro da Guerra Gen. Cannonert Pereira da Costa, por ter participado de operações de guerra na Itália.

Foi também condecorado com a Medalha do Pacificador, e com a Medalha de Ouro aos 30 anos de serviço.

Samuel pertencia à Turma General Pessoa, de 1934, da Escola Militar do Realengo, que deu ao Brasil ilustres personalidades, como o 1.^o colocado Gen. Dirceu de Araujo Nogueira, que foi Ministro dos Transportes, além dos Generais Reynaldo Mello de Almeida, Fritz de Azevedo Manso, Abdon Senna, Celso Daltro Santos, Vianna Moog, Moacyr Potyguara, Carlos Alberto da Fontoura, Argus Lima e Jaime Portella

Samuel faleceu no Rio de Janeiro em 1984, aos 71 anos. Sua turma mandou rezar Missa de 7.^o Dia em 14 de novembro de 1984 na Igreja da Santa Cruz dos Militares, Rua 1.^o de Março, Rio de Janeiro. A família mandou rezar Missa de Um Ano em 7 de novembro de 1985 na mesma igreja.

Sua irmã Olga Kicis Ellent faleceu em 1983, sendo a *Haskará*¹⁹ realizada na Sinagoga Beit Aharon, Rua Gago Coutinho, Laranjeiras, em 23 de novembro de 1983. D.^a Olga foi sepultada no Cemitério Israelita de Nilópolis, sendo a descoberta da *matzeivá*²⁰ realizada em 5 de janeiro de 1985. Era viúva do General Médico Dr. João Ellent.

Por decreto de 20 de outubro de 1961, o Presidente da República promoveu o Coronel Samuel Kicis ao posto de General de Brigada, e na inatividade, elevou-o ao posto de General de Divisão, contando 32 anos, oito meses e três dias de efetivo serviço, dos quais sete meses e 20 dias de Campanha na Itália e seis meses de licença especial não gozada.

Este breve relato não poderia terminar sem que ressaltássemos o importante papel das Forças Armadas, instituição nacional única e integradora da alma brasileira, onde se funde a nossa nacionalidade multirracial.

Nas Forças Armadas, convivem lado a lado o filho do rico e o filho do pobre, o negro, o índio, e o branco, o católico, o espírita e o judeu.

No momento em que vestem a honrosa farda verde-oliva, tornam-se todos iguais, companheiros, irmãos de armas, com as mesmas oportunidades que teve

¹⁹ Cerimônia religiosa in memoriam de pessoa falecida.

²⁰ Pedra tumular.

um jovem filho de emigrantes de terras remotas, a quem ora prestamos a maior homenagem que poderia receber pela sua carreira exemplar, o melhor elogio que poderia merecer:

General Samuel Kicis:
Foi um soldado brasileiro.

Sala General KICIS na EsAO

A Semana da Pátria de 2008 começou auspiciosamente para a comunidade. Já na segunda-feira, no dia 1.º, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais na Vila Militar inaugurou uma placa e retrato dando o nome do General de Divisão Samuel Kicis à sala de aula do Curso de Artilharia, em homenagem ao herói da FEB que como Capitão comandou uma Bateria no *front* italiano. Estiveram presentes a filha e neta, D.^a Leda Kicis e D.^a Lucia Kicis, o General Abreu, comandante da EsAO e o Diretor de Cidadania Israel Blajberg.

Na tradicional escola fundada em 1919 ao tempo da Missão Militar Francesa, a Casa do Capitão, por onde anualmente passam 500 capitães alunos como pré-requisito para promoção aos postos superiores, a Sala de Aula do Curso de Artilharia passa a ostentar a denominação histórica de Sala General de Divisão Samuel Kicis.

Na parede, o texto em moldura, ao lado do retrato do jovem Cap. Kicis, alusivo à inauguração da denominação histórica, é motivo de orgulho para a Comunidade Judaica

Em 1943, o então Cap. Kicis servia em uma unidade que não iria para a guerra. Solicitou então transferência para uma unidade prevista para embarcar para a Itália integrando a FEB – Força Expedicionária Brasileira. Fez isso por estar determinado a lutar contra o nazismo

Na ocasião o Comandante da EsAO, General de Brigada José Alberto da Costa Abreu, que aniversariava neste dia, recordou seu pai, também ex-combatente da FEB, na qual foi Cabo Chefe de Peça, familiar com os fogos da Artilharia pesada que tanto sobressaltavam a tropa. O General assim se referiu ao Cap. KICIS:

“Figura insigne da nossa Artilharia, deixou seu nome gravado na História. Nome bem escolhido pelo Curso, muito pertinente, por tudo que realizou.”

O Comandante do Curso de Artilharia, Tenente-Coronel Claudio Vasconcellos Santos saudou os familiares com uma bela oração.

Foi uma singela e tocante homenagem a um dos mais destacados integrantes da Comunidade Judaica, Gen. Samuel Kicis, magnífico exemplo de Patriota e Soldado Brasileiro, da Artilharia de Mallet, do Exército de Caxias.

Seguem-se o texto do pronunciamento do Comandante do Curso de Artilharia da EsAO, Ten.-Cel. Claudio Vasconcellos Santos, e o texto da Placa Alusiva a Denominação Histórica da Sala de Aula do Curso de Artilharia, Sala General de Divisão Samuel Kicis.

Solenidade de inauguração da Sala 1 – 1.º de setembro de 2008

Exmo. Sr. Gen. Bda. José Alberto da Costa Abreu, Comandante da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais;
Sr. Coronel Vilemar, Subcmt. EsAO;
Sr. Cel. Vianna Peres, Chefe da Divisão de Ensino da EsAO;
Senhora Leda, filha distinta do nosso homenageado;
Ten. Israel Blajberg, Oficial da Reserva e biógrafo do homenageado;
Senhores Oficiais Instrutores;
Meus prezados Oficiais Alunos do Curso de Artilharia 2008.
Bom dia!

Minhas palavras iniciais não poderiam deixar de ser de agradecimento. Agradecimento sim, a D'us que nos concedeu a oportunidade e a luz para que viéssemos a homenagear o Gen. Div. Samuel Kicis, atribuindo o seu nome à sala 1 do Curso de Artilharia da EsAO.

No corrente ano, os estabelecimentos de ensino do Exército receberam a incumbência do Departamento de Ensino e Pesquisa para que homenageassem vultos históricos de nosso país, concedendo a denominação às respectivas salas de aula.

Dessa forma, no âmbito do Curso de Artilharia da EsAO, expedidos a diretriz de homenagear eminentes artilheiros que tenham se destacado nos postos de Capitão, apresentando exemplos de heroísmo, dedicação ao Exército e intenso patriotismo.

Após uma pesquisa realizada por Oficiais Alunos e Instrutores, foi selecionado para a sala 1 o nome do Gen. Kicis, e para a sala 2, o do Marechal João Thomaz de Cantuária.

Nesse instante em que realizamos a solenidade oficial de atribuição do nome do Gen. Kicis à sala 1, permitam-me complementar as palavras do nosso Oficial Aluno, no tocante aos feitos do homenageado. Conforme as palavras do Ten. Blajberg, o então Capitão Kicis, Comandante da 2.ª Bateria de Obuses Orgânica do atual 11.º GAC – Grupo Montese, durante a Segunda Guerra Mundial, “ocupou por inúmeras vezes os observatórios avançados do grupo, junto às primeiras linhas da Infantaria, em pontos considerados extremamente perigosos (...)”.

Após a guerra, em razão de sua elevada capacidade profissional, o Gen. Kicis veio a receber referências elogiosas de eminentes personagens históricos do país, podendo ser citados os Marechais Odilio Denys, ex-Ministro da Guerra, e o Marechal Arthur da Costa e Silva, ex-Presidente da República.

Distinta Sr.ª Leda: saiba, nesse momento, que todos nós aqui na EsAO estamos compartilhando com a senhora a emoção e o orgulho de ver nome do seu tão ilustre genitor atribuído à nossa sala 1 do Curso de Artilharia. A partir de agora, nossos Oficiais Alunos e Instrutores passarão a ter, na memória do Gen. Kicis, um exemplo concreto de amor à nossa pátria e um modelo pleno de Oficial de Artilharia, digno representante das mais caras tradições da nossa arma.

Assim, nesse momento tão representativo para nós no dia de hoje, agradeço a presença de todos, e concito-os a meditar em todos os feitos do nosso homenageado.

Hoje, também, por uma feliz coincidência de datas, estamos comemorando o aniversário de nosso Comandante da Escola, Gen. Abreu, portanto, como Comandante do Curso de Artilharia, em nome de todos os integrantes do curso, desejo à Vossa Excelência muitas felicidades pessoais e profissionais, e que D'us possa lhe conceder saúde, paz de espírito e inteligência para poder continuar a conduzir os destinos da nossa tão querida escola.

E eles que venham! Por aqui não entram!

Mallet! Brasil!

Muito obrigado.

Dizeres da placa da Sala Gen. Div. Samuel Kicis

Filho de imigrantes judeus da Bessarábia (hoje Moldávia), o General Samuel Kicis nasceu em 1913 na cidade do Rio de Janeiro e concluiu o Curso de Artilharia da Escola Militar do Realengo em 1934. Fruto de seu excelente desempenho acadêmico, foi designado para servir no histórico quartel do Forte de Campinho, sede do 1.º Grupo de Artilharia de Dorso. Ao longo de sua brilhante carreira, realizou os seguintes cursos: Escola de Artilharia de Costa, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Curso de Guerra Química na Chemical Corps School (USA), ECEME e Escola de Guerra Naval.

Sua brilhante carreira militar é exemplo de uma trajetória marcada por heroísmo, patriotismo e dedicação ao Exército. Ainda como tenente, participou do contra-ataque aos rebeldes da Escola de Aviação Militar, em 1935, na capital federal. Em 1937, comandou uma tropa de 12 homens no combate aos integralistas que atacaram o Palácio Guanabara para depor Getúlio Vargas.

O então Capitão Samuel Kicis embarcou para a Itália em 19 de setembro de 1944, para juntar-se aos aliados contra o Eixo. Na Força Expedicionária Brasileira, comandou, como Capitão, a 2.ª Bateria do IV Grupo de Obuses 155 mm, tendo em suas mãos cerca de 200 homens e o maior poder de fogo com que contava a Artilharia Divisionária da FEB. Exerceu a função de Observador Avançado em Torre di Nerone e no quarto e bem-sucedido ataque a Monte Castelo.

Foi condecorado com a Cruz de Combate de 2.ª Classe, Medalha de Campanha, Medalha de Guerra, Medalha do Pacificador e Medalha Militar de Ouro.

Dos 32 anos, oito meses e três dias de efetivo serviço prestado pelo General de Divisão Samuel Kicis, sete meses e 20 dias foram de campanha na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial.

O General Samuel Kicis faleceu no Rio de Janeiro em 1984, aos 71 anos.

Salomão Naslauský

Salomão nasceu no Rio de Janeiro em 20 de junho de 1915, filho de Marcos e Annita.

Serviu na Itália no 1.º Grupo do 1.º Regimento de Obuses Autorrebotado, 1/1 ROAuR, sob o comando do Tenente-Coronel Waldemar Levy Cardoso, tendo embarcado em 22 de setembro de 1944 e retornado com a mesma unidade em 22 de agosto de 1945. Comandou a 2.ª Bateria de Obuses 105 mm.

Desempenhou importantes comissões ao longo de uma brilhante carreira militar com mais de 30 anos, como a de Comandante da Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea – EsACos AAe.

Foi agraciado com diversas medalhas, das quais destacam-se:

a) Concedidas pelo Presidente da República

- ▶ Cruz de Combate de Segunda Classe, por ter, como Capitão Comandante da 2.^a Bateria do 1.^o Grupo de Artilharia 105 mm da FEB, revelado capacidade profissional, sangue frio e coragem nos combates em que tomou parte sua unidade durante a Campanha da Itália. 27 de outubro de 1960.
- ▶ Medalha de Guerra, por ter prestado relevantes serviços no preparo e instrução de sua unidade, concorrendo com seu esforço para que a mesma quando empregada em combate se apresentasse nas melhores condições de eficiência.
- ▶ Medalha de Campanha, por ter como integrante da Força Expedicionária Brasileira, participado de operações de guerra na Itália.

b) Concedidas pelo Ministro de Estado dos Negócios da Guerra

- ▶ Medalha do Pacificador
- ▶ Medalha Militar de Ouro, por ter completado mais de 30 Anos de Bons Serviços Militares.

Transferido para a Reserva em 30 de julho de 1970, na inatividade escreveu diversos artigos com base na sua experiência de combate, tendo dois deles sido publicados na *Revista Militar Brasileira*, número comemorativo do 30.^o



▶ Cel. Art. Salomão Naslauski. Acervo da família.

Aniversário da Organização da FEB: Barga, páginas 154-156, e Cota 747, páginas 175 – 177, onde relata seu último encontro com o Sargento Max Wolff Filho, quando o maior herói da FEB partia para sua última patrulha, poucos minutos antes da morte gloriosa em combate. Conforme relata:

“– Posso contar com sua artilharia, Capitão?” Perguntou ele ao passar pelo observatório, ponto obrigatório de passagem para se atingir as posições inimigas daquela frente...”

Depreende-se do texto que o Capitão Naslauský encontrava-se no PO do Grupo (Posto de Observação), junto às primeiras linhas de ataque da Infantaria, uma atitude corajosa e voluntária, já que o PO é guarnecido por tenentes, e ele como Comandante da Bateria deveria estar no PC – Posto de Comando, na retaguarda, junto à Central de Tiro que fica a alguns quilômetros, orientando a unidade.

Ao final do texto, o Cap. Salomão presta uma homenagem ao Sargento Wolff:

“(...) não havia mais dúvidas... morrera o herói. E ao certificar-se da verdade, procurou o artilheiro seu abrigo individual, único lugar em que poderia naquele momento ficar só. E lá não se conteve. Chorou. Chorou o artilheiro a morte do seu herói da Infantaria.”

Salomão Naslauský faleceu no Rio de Janeiro em 11 de junho de 1984.

Salomão Naslauský citado em publicação de janeiro de 1945

Crônica da guerra, Rubem Braga

Vamos visitar uma peça. O que vemos, no campo absolutamente branco, é um pequeno buraco negro: a entrada da barraca sob a qual está o canhão 105.

O canhão está no meio da barraca, sempre muito limpo e bem tratado como um deus. Esse deus é servido por 10 homens. A um canto, a munição, com seu belo metal dourado. Um canhão dá em média uns 40 tiros por dia – e no dia em que trabalhou mais deu 108 tiros.

O Tenente Adélio Conti, que é o Observador Avançado e está ali no momento, me explica que a bateria (quatro canhões) é comandada por um Capitão – no caso o Capitão Salomão Naslauský; tem um Tenente Aristides Simão, oficial de manutenção, ele, Tenente Conti, Observador Avançado e um excedente, que é o Segundo Tenente José da Mata Teixeira, que no momento está como Observador Avançado.

Deixo o pessoal entregue ao orgulho de sua instalação e vou-me embora. Nosso jipe enfrenta um pequeno turbilhão de flocos de neve, e durante toda a viagem as rajadas oblíquas o atravessam. Ficar meses em um canhão e dois telefones – esta é a rude disciplina do artilheiro.

Boris Schnaiderman

A FEB era um verdadeiro microcosmo da sociedade brasileira, com homens de diversos estados do Brasil, tanto é que até hoje existem associações de ex-combatentes em mais de 20 cidades brasileiras.

Havia nordestinos, sulistas, nortistas, pretos, brancos, enfim, era o Brasil que ali estava. Conseqüentemente, o grau de instrução dos pracinhas variava bastante, encontrando-se nas fileiras desde aqueles pouco afeitos às letras até artistas e intelectuais de elevada expressão, alguns dos quais integrantes da nominata deste volume, como Boris Schnaiderman.

Professor, ensaísta, jornalista e escritor consagrado, gentilmente nos enviou suas informações, que reproduzimos ao final. Ficou conhecido como tradutor, ensaísta e maior autoridade em literatura russa no Brasil, ele que nasceu em Uman na Ucrânia, justamente em 1917, ano da Revolução de Outubro. A família mudou-se depois para Odessa, onde Boris testemunhou a filmagem da cena clássica da escadaria em *O encouraçado Potemkim*, de Eisenstein. Chegou ao Brasil em 1925, com 8 anos, naturalizando-se brasileiro em 1941. Sua família era assimilada, tanto que Boris não falava iídiche.

Desde os anos 40, traduziu diretamente do russo grandes autores como Dostoiévski, Tchekov, Tolstoi e Górkki, Pushkin, Maiakóvski, entre outros. Boris teve parentes assassinados pelos nazistas durante os anos negros do Holocausto.

Autor de *Guerra em surdina*, livro autobiográfico e semificcional publicado em 1964, que relata sua experiência como Pracinha da FEB, onde serviu no 2.º Grupo do 1.º Regimento de Obuses Autorrebotado, tendo embarcado em 2 de julho de 1944 e retornado em 18 de julho de 1945. Boris era 3.º Sargento e foi destacado para a Central de Tiro como controlador vertical, pelos seus conhecimentos matemáticos de engenheiro, formado pela Escola Nacional de Agronomia na então Universidade Rural do km 47 da antiga Rio-São Paulo em Seropédica/RJ.

Ao ser convocado, Boris morava em Copacabana, e o quartel ficava em Campinho, próximo à Cascadura, no Rio de Janeiro. Este quartel era um sítio histórico, o Forte de N. S. da Glória do Campinho, onde havia um laboratório pirotécnico e uma fábrica de foguetes que forneceram munições para o Exército durante a Guerra do Paraguai. Hoje raros vestígios restam, o quartel foi alienado e em seu local construídos prédios.

No Grupo de Artilharia de Montanha, Boris foi treinado nas técnicas hipomóveis, pois os canhões eram desmontados e transportados em lombo de burros. Na Itália tudo isso foi revisto.

Boris conheceu a 92.ª Divisão americana, a divisão negra. Os soldados eram negros ou mestiços, apenas os oficiais eram brancos. Manteve também contato com militares da Brigada Judaica. Durante uma licença em Roma, visitou o clube deles, onde as inscrições eram em hebraico, Muitos falavam russo.²¹

Boris não pôde fazer o CPOR, privativo de brasileiros natos, mas como engenheiro agrônomo deveria se naturalizar e prestar o Serviço Militar para poder exercer a profissão. Era a norma do Estado Novo.

Em 1960, foi o primeiro professor do Curso de Língua e Literatura Russa da USP. Durante o regime militar, foi preso em sala de aula. Era portador de

²¹ LICHAND, Gisela. Revista Shalom, Suplemento n.º 299, p. 93- 99.

passaporte soviético, e em 2007 recebeu a Medalha Pushkin, concedida pela URSS pela divulgação da cultura russa.

Atualmente reside em Higienópolis, na cidade de São Paulo.

Relato de Boris Schnaiderman para Saul Kirschbaum²²

Nasci em Ūman, Ucrânia, em 1917, mas fui levado para Odessa quando tinha cerca de 1 ano. Tive formação russa.

A família emigrou para o Brasil em fins de 1925. Residimos uns seis meses no Rio de Janeiro e, depois, em São Paulo, onde cursei o primário e o secundário.

Meu pai estabeleceu-se no Rio de Janeiro em 1934, quando o ajudei numa lojinha de perfumes. Ingressei em 1937 na Escola Nacional de Agronomia, pela qual me diplomei como engenheiro-agrônomo.

Devido à legislação do Estado Novo, só poderia registrar meu diploma depois de me naturalizar e obter o certificado de reservista. Minha naturalização saiu em 1941, e em 1942 cumpri o serviço militar no Segundo Grupo do 1.º Regimento de Obuses Autorrebotado (nome dado à unidade, depois que foi incorporada à FEB), onde fiz curso de sargento.

De posse da documentação exigida, tornei-me funcionário do Ministério da Agricultura, lotado no Instituto de Ecologia Agrícola, na Baixada Fluminense.

Convocado nas vésperas do embarque do Primeiro Escalão da FEB para a Itália, fui designado para a função de calculador de tiro, na qual permaneci no decorrer da campanha. De regresso ao Rio de Janeiro, reassumi o meu cargo no Ministério da Agricultura, do qual me demiti pouco depois.

Tendo residido ora no Rio ora em São Paulo, reingressei em 1948 na carreira de agrônomo do Ministério da Agricultura, sendo designado para a Escola Agrotécnica de Barbacena (Minas Gerais), onde permaneci até 1953, quando me demiti novamente, passando a residir em São Paulo.

Trabalhei como redator de uma enciclopédia e, em 1960, tornei-me professor da Universidade de São Paulo, onde fundei o Curso de Russo. Paralelamente, fui tradutor de obras literárias russas (atividade a que me dediquei durante muitos anos, pois minha primeira tradução de livro saiu em 1944). Publiquei também artigos e livros de literatura, que incluem Guerra em surdina (ficção-documento sobre os brasileiros na guerra) e algumas coletâneas de ensaios.

Aposentado da USP em 1979, continuo minhas atividades literárias até hoje.

Sou casado com Jerusa Pires Ferreira e tenho dois filhos de minha primeira esposa, Regina Schenkman Schnaiderman, já falecida.

Respostas à entrevista

“Minha avó paterna era muito religiosa, mas meus pais eram assim completamente assimilados. Quer dizer, eu não tive formação judaica nenhuma. O sentimento de pertencer a uma comunidade judaica eu tive muito mais tarde e por minha conta, já no Brasil, bem mais tarde. Inclusive eu fui parar na guerra por causa disso, por causa da revolta que eu tinha pela situação do nazismo. Eu fui parar na guerra por causa disso...”

²² KIRSCHBAUM, Saul. Entrevista com Boris Schnaiderman. De Odessa a São Paulo: uma vida traduzida – Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG – V. 1, n. 5, out. 2009.

“Era agrônomo do Ministério da Agricultura. Exerci um cargo na cidade de Barbacena, em Minas Gerais, durante cinco anos.”

“Não, nunca fiz nem iídiche nem hebraico. Tenho um grande amigo que é especialista em literatura iídiche... meu amigo Jacó Guinsburg.”

“Eu tive contato com judeus na Itália. Conversei com judeus na Itália e eles me contaram sobre as coisas terríveis que eles haviam passado. Esse é um tema que me toca muito de perto. Eu fui parar na FEB, em grande parte, por causa disso.”

“Eu morava em Copacabana e ia para depois de Cascadura, no Rio de Janeiro, em Campinho. Durante alguns meses eu prestei serviço militar lá. Fiz o Curso de Sargento, porque eu queria ir para a guerra.”

“Quando eu fui para a guerra eu estava sabendo dos campos de concentração, dos campos de extermínio. Não com os detalhes que se conhece hoje. Não sabia o grau daquela tragédia, não sabia as dimensões que a tragédia havia tomado, mas se sabia dos campos de extermínio. Na imprensa isso aparecia de modo muito vago, mas aparecia.”

“Nessa época, eu senti muito minha condição de judeu. Quer dizer, eu não tinha nenhuma formação judaica, mas senti a condição de judeu nessa época. Senti muito.”

– Então, de alguma forma, aos 27 anos, quando o senhor vai lutar na Europa, houve certa reaproximação com o judaísmo?

“Não há dúvida. Eu senti muito intensamente a problemática judaica naquele contexto. Eu me lembro de quando houve o Pacto Germânico-Soviético, eu fiquei completamente transtornado. Eu tinha minhas simpatias pela União Soviética... Desconfiava em relação às violências, mas tinha minhas simpatias. Quando houve o Pacto, eu tive ódio, fiquei com raiva porque eu sabia que não daria certo, que havia ali um embuste.”

– O senhor tinha consciência de que se por acaso caísse prisioneiro dos alemães, iria sofrer um tratamento diferenciado pelo fato de ser judeu?

“Sim, sem dúvida. Isso a gente sabia, claro, era uma coisa evidente. Quanto ao cúmulo das atrocidades nazistas, alguma coisa se sabia, mesmo antes de começar a guerra já se sabia. Antes de começar a guerra, não tinha assumido aquele caráter de extermínio total... Mas se sabia.”

Carlos Scliar

Carlos Scliar nasceu em Santa Maria da Boca do Monte/RS, em 21 de junho de 1920. Foi um dos grandes mestres brasileiros da gravura e da pintura.

Embarcou para a Itália em 22 de setembro de 1944, integrando o 1.º Grupo do 1.º Regimento de Obuses Autorrebotado, retornando em 28 de julho de 1945 com a Tropa do QG. Durante a guerra, desenhava as cenas que assistia, as quais foram reunidas em seu retorno formando os *Cadernos de Guerra*.

Em 1950, após voltar da Europa, Scliar recebeu convites para a realização de murais, sobre o levante do Gueto de Varsóvia (SP), teve projetos aprovados por Oscar Niemeyer, para Brasília e ainda para os Estados Unidos, através do Itamaraty.



► 1945 – Rubem Braga e Carlos Scliar na Itália. Acervo do Instituto Cultural Carlos Scliar.

Em 1966, Carlos Scliar realiza o mural para o Banco Aliança, em edifício projetado por Lúcio Costa, em 1973, para a Manchete, onde surgiria o primeiro grande painel sobre Ouro Preto. E realizou inúmeras mostras individuais de pintura, desenho e gravura, trabalhos criados em seus ateliês de Cabo Frio e Ouro Preto. Também integrou centenas de coletivas no Brasil e exterior. Suas obras estão em museus e coleções nacionais e estrangeiras.

Sobre Scliar, escreveu o mestre Oscar Niemeyer:

Um dia, em Paris, André Malraux me falou do seu “museu imaginário” e comentou: “Cada um de nós tem o seu museu. Coisas que leu e viu emocionado, guardando-as cuidadosamente no seu subconsciente”.

No meu pequeno museu, guardo com especial carinho a obra de Scliar. Obra feita de amor e beleza; de coerência e personalidade. E quando dela me lembro, nela adiciono, sem querer, sua figura generosa, entregue à sua pintura, é claro, mas sem esquecer o mundo em que vive, com suas misérias revoltantes. E, como também não me alheio de tais problemas, esse aspecto humano do nosso amigo assume para mim um peso maior. Não é apenas um grande artista, mas um homem que preza a vida e seus semelhantes, pronto a com eles dividir e participar.²³

Em entrevista,²⁴ Scliar menciona que mudou sua percepção da vida após integrar a Força Expedicionária Brasileira (FEB) na 2.ª Guerra:

Nasci em Santa Maria (RS) em 1920. Por acaso, meu pai passou por lá a caminho de Porto Alegre. Ele trabalhava em Buenos Aires. Em Santa Maria, encontrou uma organização especialista em roupas e lá conheceu minha mãe, uma operária.

²³ NIEMEYER, Oscar. Texto para exposição “Scliar: Obras Recentes”, Galeria AM Niemeyer, mar. 1981.

²⁴ Verde-Oliva, CComSEx, ano XXV, n.º 157, set./out. 1997.

Hoje sou “Honoris Causa” na Universidade. Acho curiosa a minha cidade. Tenho muito orgulho em dizer que sou de Santa Maria da Boca do Monte, pois fui levado para Porto Alegre e só voltei em 1950.

A FEB foi decisiva para a pessoa e para o artista. Como artista, era muito menor.

É a miscigenação, que tem uma formação peculiaríssima. O índio, o ibérico, o negro, cada um deles trouxe a sua contribuição. Isso nada mais é do que a origem do Exército em Guararapes.

Essa experiência toda que tenho acumulada me faz dizer que o problema social era muito importante e a FEB foi uma ruptura nesse sentido. Foi uma experiência densa e marcante porque eu tinha a sensação de que todo dia seria o último lá na FEB.

A guerra é isso.

Sinto que foram esses desenhos, quase um mil, não sei exatamente quantos, tantos rasguei, quase tantos quantos guardei...

Fui do Grupo Levi Cardoso – I Grupo – I/1.º ROAuR, atuando na central de tiro na função de controlador horizontal.

Na primeira vez em que se organizou a Unidade de Artilharia, sediada em São Cristovão, o Cel. Levi Cardoso me consultou se aceitaria fazer um curso. Aceitei, fui aprovado e promovido a cabo. Na Itália, com a experiência de artista gráfico, fui trabalhar no serviço especial para a imprensa, na confecção do “Cruzeiro do Sul”.

Eu, que até então pintava só o lado social em torno de mim, achei que tinha de mostrar que a vida poderia ser bela. Nós tínhamos de lutar para que o mundo fosse melhor do que era. Tinha de mostrar que o mundo dependeria da gente. A guerra me ensinara isso. A guerra me deu a sensação de quanto a vida é uma coisa precária. A guerra a gente controla até um certo ponto.

A FEB, no meu ponto de vista, significa para o Brasil realmente a consciência de que o Estado Novo, nascido da influência do fascismo, não tinha mais razão de ser e que a vontade do povo, daqueles que fazem a grandeza do País, tem de ser respeitada.

Para nós, o nazismo, com seus campos de concentração, onde milhões de pessoas foram exterminadas por razões ideológicas, raciais e religiosas, foi uma monstruosidade que não cabe em lugar nenhum. Eu tive com os nossos soldados e superiores uma relação respeitosa, atenciosa, de tal maneira condizente com as expectativas.

Aprendi, mas aprendi na pele porque, para mim, a guerra foi uma lição de que cada dia poderia ser o último e, por isso, era essencial vivê-lo. Hoje, vejo um mundo como algo que precisa ser reformulado e depende de nós.

A experiência da FEB, para mim, foi tremendamente rica. Acho que todos os que passaram pela experiência da FEB devem ter aprendido ensinamentos decisivos para a vida pessoal.

Primo de Carlos, o médico e escritor Moacyr Scliar enviou um texto que foi lido em 1.º de maio de 2005 no Grande Templo Israelita, no Rio de Janeiro, durante a Homenagem aos Heróis Brasileiros Judeus da Segunda Guerra Mundial, e que aqui segue:

Ser primo do Carlos Scliar era para mim motivo de orgulho. Aliás, não só para mim, para toda a família. Que não era pequena. Nove filhos a minha avó Ana trouxera da Rússia e todos eles também tiveram um número razoável de filhos. Resultado: uma grande tribo de gente voltada sobretudo para a cultura: vários músicos, um fotógrafo e cineasta, vários profissionais liberais... Mas em Carlos eu via um modelo, sobretudo por causa da coerência e da dignidade com que sempre se dedicou à sua arte.

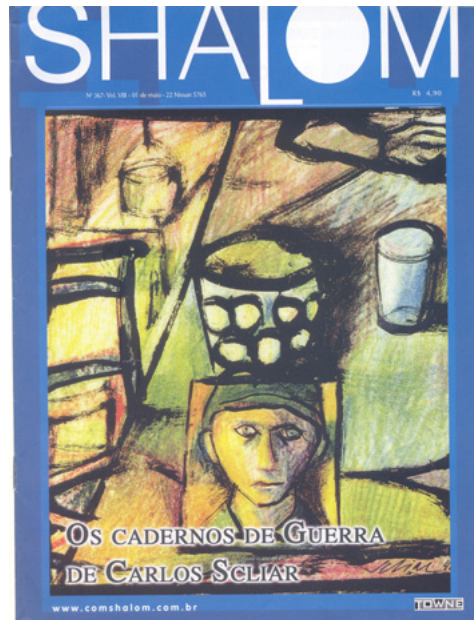
Mais que isto, desde cedo revelou-se um militante que acreditava em um mundo melhor, sonho que partilhava com numerosas pessoas, entre elas Jorge Amado e Zelia Gattai. Foram os primeiros escritores que conheci, e isto graças ao Carlos, que lhes servia de anfitrião cada vez que vinham a Porto Alegre.

Eu admirava o talento de Carlos. Um talento que ele, generosamente, tratou de me transmitir. Um dia, eu ainda garoto, resolveu me ensinar a desenhar. Deu-me um lápis, uma folha de papel, e pediu que eu o retratasse. Desenhei um círculo com vários pontinhos dentro. Ele olhou aquilo, meio espantado, e perguntou o que era o círculo. A tua cara, respondi. E esses pontinhos, ele indagou. A barba, foi minha resposta. Ele não disse nada, mas não voltou ao assunto. Em compensação, quando comecei a escrever minhas primeiras historinhas, era a ele que mostrava. Lia, anotava, dava sugestões. E indicava-me autores para ler; foi graças a ele que descobri Clarice Lispector. Até hoje lembro Carlos lendo em voz alta o belíssimo conto “Uma galinha”, que tinha publicado na revista Senhor.

Antes disso, porém, ele foi para a guerra. De novo, aquilo me encheu de orgulho. Mas seus pais sofriam muito. Pior ainda, a mãe, Cecília, faleceu quando ele estava na Itália. Meu tio Henrique, desnorteadado, não sabia como dar a notícia ao filho, numa época em que as comunicações eram precárias. Entrou em contato



► 1945 – Carlos Scliar, pintor e soldado da FEB. Acervo do Instituto Cultural Carlos Scliar.



► Um dos desenhos de Carlos Scliar durante a Campanha da Itália. Acervo de Francisco Scliar.

com Rubem Braga, que era então correspondente de guerra junto aos pracinhas e pediu que o fizesse. Numa crônica notável, Braga conta que procurou Carlos e encontrou-o felicíssimo: era sua primeira folga no fronte e ele ia aproveitar para visitar Florença. Braga adiou a revelação: “Não se pode estragar a primeira visita de um jovem artista a Florença”.

No fronte e na vida Carlos Scliar foi um lutador admirável e humano. Faz falta. Faz muita falta.

Junto ao Canal de Itajuru, em Cabo Frio no Rio de Janeiro, está instalado um extenso repositório de sua obra, o Instituto Cultural Carlos Scliar, que dispõe de um acervo de 150 obras do próprio Carlos e de outros renomados artistas e que foi doado pelo pintor para a instituição, juntamente com a belíssima casa, um sobrado do final do sec. XVIII adquirido em ruínas em 1960, dos herdeiros do Marechal Candido Rondon, onde o artista residiu por 40 anos.

Scliar faleceu em 28 de abril de 2001, no Rio de Janeiro, onde foi cremado, e as cinzas, atendendo a seu pedido, lançadas no mar de Cabo Frio. Em novembro de 2001, sob a presidência de seu filho Chico Scliar, foi criado o Instituto Cultural Carlos Scliar para administrar a casa-museu, aberta ao público em 2003. Francisco Scliar faleceu em 2008.

Em 2011, o Instituto Municipal do Patrimônio Cultural (PMCF) tombou o acervo e a Casa-Ateliê na qual Scliar morou ao longo de 40 anos.²⁵

²⁵ <http://carlosciliar.com/linha-do-tempo/>

Jacob Gorender

Jacob Gorender, escritor, jornalista e historiador, nasceu em 20 de janeiro de 1923, em Salvador/BA. Filho de Ana e Nathan Gorender, seu pai, judeu ucraniano socialista, não sendo sionista, emigrou em 1905 para a Argentina, e de lá seguiu para a Bahia onde, como tantos correligionários naquela época, ganhava o sustento como vendedor a prestação.

Gorender estudou na Escola Israelita Brasileira Jacob Dinenzon e posteriormente no Ginásio da Bahia, renomada escola pública onde estudava a elite baiana. cursou a Faculdade de Direito, onde teve contato com estudantes comunistas, que participaram ativamente da mobilização pela entrada do Brasil na Segunda Guerra, após os torpedeamentos em 1942.

Em 1943, Gorender, Ariston Andrade e Mário Alves apresentaram-se como voluntários à FEB, este último não tendo sido aprovado no exame médico.

Gorender foi soldado da FEB, tendo servido no 1.º Regimento de Infantaria, o Regimento Sampaio, da Vila Militar, Rio de Janeiro, onde integrou o Pelotão de Transmissões, participando das batalhas da Tomada de Monte Castelo, Montese, Campanha dos Apeninos e a ofensiva até Piacenza.

Embarcou para a Itália com o 1.º Regimento de Infantaria em 22 de setembro de 1944, retornando com a mesma unidade em 22 de agosto de 1945. Contou tempo no Teatro de Operações da Itália de 6 de outubro de 1944 a 11 de agosto de 1945, sendo licenciado do serviço ativo aos 15 de setembro de 1945, como Reservista de 1.ª Categoria, tendo sido agraciado com a Medalha de Campanha.

Seu Comandante foi o Capitão Castello Branco e o Comandante do Regimento o Coronel Caiado de Castro.



► 2010 – Prof. Jacob Gorender, veterano da FEB, durante o lançamento do livro *Soldados que vieram de longe*, contendo a sua biografia, no Acervo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo/SP.

Em Pistoia, na Toscana, frequentou a sede do Partido Comunista Italiano, presenciando discurso de Palmiro Togliatti (1893 – 1964), secretário-geral do PCI e homem de confiança de Josef Stalin na Itália.

De volta ao Brasil, militou no PCB, legalizado em 1945. Foi sócio-fundador da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil.

Foi expulso do PCB em 1967, criando no ano seguinte o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário – PCBR, com Apolonio de Carvalho e Mário Alves.

Em 1969, o partido ampliou as ações de guerrilha e seus membros ingressaram na clandestinidade. Ao longo de seis anos Gorender teve 30 esconderijos diferentes. Em 1970, foi preso pelo delegado Sergio Paranhos Fleury e levado ao DOPS no Presídio Tiradentes.

Sua obra mais conhecida era *Combate nas trevas* – Esquerda Brasileira: das ilusões perdidas à luta armada, um clássico sobre a história da esquerda durante o Regime de 1964

Em 16 de janeiro de 2006, Gorender concedeu entrevista ao programa Roda Viva²⁶, no qual, respondendo a Beatriz Kushnir, historiadora e diretora do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro relatou:

“(...) nunca tive isso, não passei por esse problema em qualquer parte da minha vida e em qualquer setor profissional por ser judeu. Eu considero que, na prática, não existe antissemitismo no Brasil. Há antissemitas, isso há, sobretudo quando houve o integralismo, o Gustavo Barroso [1888-1959], foi advogado, jornalista, escritor, militante fascista e antissemita extremado. Foi comandante geral das milícias da Ação Integralista Brasileira (AIB) e membro de seu Conselho Superior. Apoiou o golpe do Estado Novo [1937]. Mas uma militância antissemita não existe. Pelo menos, nunca me atingiu. E, no caso da guerra, sem dúvida alguma, eu tinha plena consciência que se fosse feito prisioneiro, eu estava liquidado. Meu nome é inconfundível. Todos nós tínhamos uma chapa com o nome e número de inscrição para a eventualidade de ferimento ou de morte, aquilo orientava. Então eu não tinha dúvidas a esse respeito. Mas considere que devia me apresentar voluntário.”

“(...) Eu posso dizer que, nessa minha estada na Itália, conheci duas grandes personalidades da vida italiana daquela época. Uma foi justamente o comunista Palmiro Togliatti e a outra foi o Papa Pio XII [1876-1958], nomeado Papa em 1939. Coerente com a orientação da Igreja, que já condenava o marxismo, em 1947, apoiou o partido da Democracia Cristã que venceu as eleições italianas, e proibiu o clero católico de votar no Partido Comunista. Sua ação durante a Segunda Guerra Mundial tem sido alvo de discussão e polêmica. (risos) Eu estive numa audiência que ele concedia em Roma – eu estava em Roma naquele momento – e num salão suntuoso do Vaticano junto com centenas de soldados, a maioria deles poloneses, mas também americanos etc. E, ali, o Papa Pio XII, em certo momento, apareceu na parte do recinto a ele reservado e, pelo que eu me lembro, falou em quatro ou cinco línguas diferentes, inclusive em português. Havia muitos soldados brasileiros e ele sabia disso, e ele fez essa saudação ao

²⁶ <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/526/entrevistados/>

Brasil, país católico, cristão. O mais curioso é que nós estávamos separados do recinto dele por uma espécie de gradeado e ele, quando terminou de falar, se aproximou do gradeado e todo mundo, todos os outros soldados, apresentavam a ele crucifixos e rosários para que ele abençoasse. E eu estava na primeira fila, consegui ficar. Então detrás vinham os rosários e os crucifixos, e eu me apresentei ao Papa quando ele ficou perto de mim.” (risos)

No navio de transporte de tropas em que seguiu para a Itália, Gorender foi “descoberto” por marinheiros americanos judeus. Havia marinheiros negros segregados, dormiam separados dos brancos. O capelão do regimento também sabia, era um pastor protestante, Reverendo Soren, uma pessoa muito simpática, que foi o primeiro capelão militar evangélico do Brasil. Era o mês de setembro, quando se comemora o Rosh Hashaná, ano novo judaico. Houve uma cerimônia e embora não fosse religioso, mas nas circunstâncias de uma guerra contra inimigo antissemita, Jacob participou com mais dois militares brasileiros judeus. Havia 15 ou 16 participantes, dos quais dois oficiais.

Quando acabou a guerra, o regimento ficou acampado em Piacenza, a 100 km ao sul de Milão. Em uma das “tochas” (passeios), Jacob pegou carona em uma viatura com a Estrela de David, e falou em ídiche com seus ocupantes, descobrindo assim que havia uma Brigada Judaica no 8.º Exército Inglês. Eram judeus da Palestina. Na viagem de volta para o Brasil, um reverendo-capelão o apresentou a sete ou oito marinheiros judeus, com quem conversava muito. Um era 1.º Sargento e cuidava da farmácia de bordo, onde havia penicilina líquida, armazenada em geladeira. Quando houve o desfile triunfal na Av. Rio Branco, esses marinheiros ficaram na frente da multidão, e fizeram uma saudação quando Jacob passou diante deles. Foi a última vez que se viram, Jacob nunca mais soube deles.²⁷

Pensador marxista, Jacob, um dos grandes vultos intelectuais da FEB, um dos mais respeitados militantes da esquerda brasileira, residia em São Paulo, era professor visitante do Instituto de Estudos Avançados da USP, tendo falecido em 11 de junho de 2013 aos 90 anos, em sua casa no bairro de Pompeia, sendo sepultado no Cemitério Israelita do Butantã/SP. O prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, assinou um decreto dando o nome de Gorender a uma rua na Barra da Tijuca, próxima à Av. das Américas.

Marcos Chapiro

Marcos Chapiro era irmão do Capitão QAO Jacob Chapiro Sobelman, tendo ambos nascido em Santa Maria da Boca do Monte/RS, e integrado a FEB.

Filho de Benjamin Chapiro e Rosa Chapiro, tendo nascido em 3 de maio de 1913. Eram avós paternos Chabse Chapiro e Perel Chapiro, e avós maternos Mendel Aronis e Amalia Aronis. Casado com Odaiza Moura Chapiro.

Os irmãos Marcos e Jacob foram criados separadamente com parentes da família devido à separação dos pais e problemas de saúde da mãe, portanto, não

²⁷ LICHAND, Gisela. Revista Shalom, Suplemento n. 299, p. 100-103.

tinham certeza sequer da grafia correta do sobrenome do pai. Marcos obteve seu registro de nascimento posteriormente e Jacob antes de entrar para o Exército, adotou por gratidão o sobrenome de seu tutor Sr. Sobelman, passando-o a seus filhos.

Os irmãos se reencontraram por volta de 1932 quando lutavam na Revolução Constitucionalista, em tropas do Rio (Marcos) e São Paulo (Jacob). Coincidentemente, ambos seguiram carreira militar e depois deste reencontro estiveram sempre juntos.

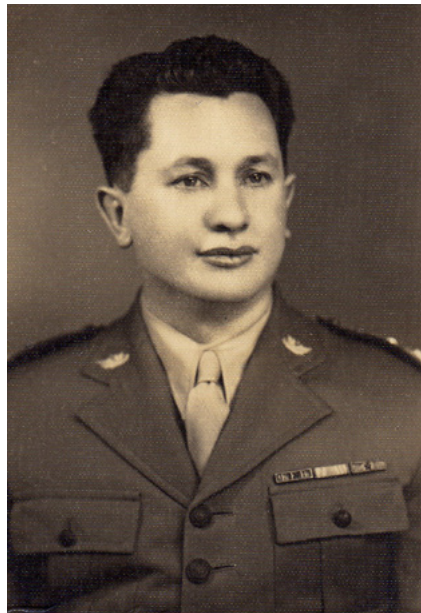
Quando ainda era 2.º Tenente, se inscreveu para participar do X Congresso Brasileiro de Geografia, em 7 de setembro de 1944, em Belém/PA, com foco em Geografia Amazônica.

Integrante da FEB como 2.º Tenente do I/1 ROAuR, tendo embarcado em 22 de setembro de 1944 e retornado em 19 de agosto de 1945.

Praça em 2 de maio de 1931, Aspirante em 14 de junho de 1941, 2.º Ten. em 30 de janeiro de 1942, contando antiguidade desde 25 de dezembro de 1941, 1.º Ten. em 25 de dezembro de 1944. Tirou o curso da Escola de Instrução Especializada (EsIE), servindo no I/1.º ROAuR.²⁸

Marcos trabalhou na Petrobras, no Rio de Janeiro, com seu antigo irmão de armas Gen. Neves. Era também Engenheiro Agrônomo e Florestal, formado pela Escola Nacional de Agronomia, no km 47 da antiga Rio-SP. No Rio de Janeiro,

²⁸ Almanaque do Exército, 1945, p. 394.



► Ten.-Cel. Intendente Marcos Chapiro, integrante da FEB como 2.º Tenente do I/1 ROAuR. Acervo da família.

residiam membros da sua família materna, sua prima D.^a Rosinha Aronis Barbalat, casada com Sr. Maurício Barbalat, e seu filho, o jurista Dr. Rui Barbalat.

Marcos passou para a Reserva como Tenente-Coronel do Serviço de Intendência do Exército. Faleceu em 4 de outubro de 1989.

Sua viúva, D.^a Odaiza Moura Chapire Fagundes, casou-se em segundas núpcias com o Cel. PM/PB Jarlon C. Fagundes.

Fé de Ofício:²⁹

- ▶ 14/4/39 a 16/6/41 – Escola de Intendência do Exército, Cap. Fed. como segundo aluno.
- ▶ 16/6/41 – Para a Diretoria de Intendência. Declarado Aspirante a Oficial do Quadro de Intendentes do Exército.
- ▶ 26/6/41 – 7.º Batalhão de Caçadores, Porto Alegre/RS, como Almojarife e Aprovisionador.
- ▶ 30/6/43 – Diretoria de Intendência do Exército – Cap. Fed. como Auxiliar da 1.^a Seção – S/1
- ▶ Transferido para o I/1.º ROAuR – Almojarife e Aprovisionador. Oficial de manutenção da Bateria de Serviços.
- ▶ 22/9/1944 – Embarque para a Europa – Nápoles.

Israel Rosenthal

Israel nasceu no Rio de Janeiro em 7 de fevereiro de 1921. Seus pais Rubim e Clara emigraram da Bessarábia, hoje Moldávia, no começo do século XX, indo morar na Praça XI. Israel estudou no Colégio Nacional e apresentou-se como voluntário para prestar o Serviço Militar. Prestou exame de admissão para o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro, CPOR/RJ, tendo sido aprovado e matriculado no Curso de Infantaria.

Entre seus contemporâneos, havia vários rapazes judeus, que simultaneamente cursavam faculdades e o CPOR, entre os quais Marcos Cerkes, Pedro Kullock e Salomão Malina, que integraram a FEB, e os médicos Isaac Faerchtein e Jacob Kleiman, que não foram à guerra, bem como Reuven Josef Rosental, aluno do 2.º Ano do Curso de Artilharia, falecido em 15 de setembro de 1944 em decorrência de um acidente quando montava um cavalo que disparou durante exercício na Barreira do Vasco, indo de encontro a um bonde.

Israel foi admitido pelo vestibular em 23 de fevereiro de 1941 e formou-se cirurgião-dentista pela Faculdade Nacional de Odontologia da Universidade do Brasil em 1943, tendo obtido um dos primeiros registros no CRO-RJ sob n.º 196. A colação de grau foi em 28 de novembro de 1953 no Theatro Municipal.

Em concorrida cerimônia no Estádio do Vasco da Gama em São Januário, Israel foi declarado Aspirante a Oficial da Arma de Infantaria, na Turma de 1944.

Em 19 de dezembro de 1944, o Aspirante a Oficial R/2 Israel foi convocado para o serviço ativo, apresentando-se no Centro de Reacompanhamento de

²⁹ Almanaque do Exército, 1945, p. 394.

Pessoal – CRP/FEB, tendo sido classificado no 2.º RI e designado subalterno da Companhia de Metralhadoras do III Btl. Trata-se do atual 2.º Batalhão de Infantaria Motorizado Escola – Regimento Avaí, o Dois de Ouro, enquadrado pela 9.ª Brigada de Infantaria Motorizada da Vila Militar, Rio de Janeiro, o Grupamento de Unidades Escola.

Em 8 de fevereiro de 1945, embarcou no transporte de tropas americano USS General Meighs, com destino ao Teatro de Operações da Itália.

Naquela época, o Brasil era ainda um país essencialmente agrícola, com a população carente de serviços de saúde, particularmente dentários. Um soldado com dor de dente ou um canal infeccionado era um soldado fora de combate, assim, dada a carência de profissionais no Brasil em geral, e na FEB em particular, Israel dada a sua condição de cirurgião-dentista formado foi logo requisitado pelo Comando.

Ele seria tão útil ao esforço de guerra em um gabinete odontológico, empunhando brocas e boticões, quanto no *front* à frente de um Pelotão de Infantaria.

Assim, Israel foi reforçar o atendimento aos soldados que sofriam, e não eram poucos, já que para 25 mil homens, havia apenas 25 dentistas, uma relação extremamente baixa.

Como resultado, Israel e seus colegas do serviço odontológico trabalhavam quase sem parar, sete dias por semana, saindo do consultório praticamente apenas para dormir. O horário era de 7h às 12h e de 13h às 17h, mas frequentemente ultrapassado, com as refeições feitas também no consultório. Como agravante, não havia energia elétrica no Depósito de Pessoal, que enquadrava o consultório.



► 1945 – Tenente R/2 Inf. Israel Rosenthal, no tempo em que integrou a FEB. Acervo pessoal.

Era um dos quatro únicos oficiais combatentes formados em Odontologia, já que os demais pertenciam aos Serviços de Saúde do Exército, e pela sua atuação exemplar, Israel foi elogiado em Boletim pelo Major Virgílio, Chefe do Serviço de Saúde do Depósito de Pessoal da FEB.

“(...) apesar de pertencer aos Quadros das Armas, pelos inestimáveis serviços profissionais prestados, cooperando para o bom êxito e eficiência do Serviço de saúde, demonstrando conhecimentos amplos e amor a profissão, a par de esmerada educação civil e militar. Disciplinado, possuidor de espírito de camaradagem, muito tem contribuído para o bom andamento do Serviço Odontológico.”

O Boletim estava assinado pelo Coronel Mário Travassos, Comandante do DP/FEB.

Em 4 de agosto de 1945, por Decreto do Presidente da República, foi promovido ao posto de 2.º Tenente da Reserva, tendo em 28 de agosto de 1945 se deslocado juntamente com o III Btl. Inf. em caminhão de Francolise para Nápoles, onde ocorreu o embarque no Navio de Transporte de Tropas Duque de Caxias, com destino ao Brasil via Lisboa.

Em 3 de setembro, a tropa desembarcou em Lisboa, desfilando diante do Presidente da República portuguesa, quando este condecorou todos os elementos do III Btl. Inf. com a Medalha de Ouro do Valor Militar.

Por ter participado das operações de guerra na Itália, Israel foi condecorado pelo Presidente da República com a Medalha de Guerra e Medalha de Campanha pelos relevantes serviços prestados ao esforço de guerra, em diplomas assinados pelo Ministro da Guerra General Pedro Aurélio de Góis Monteiro.

Retornando ao Brasil, Israel continuou praticando os valores morais militares, como Conselheiro Nato da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, na qual chegou a presidente do Conselho Fiscal, dividindo um gabinete com o falecido eminente General César Montagna de Souza, presidente do Conselho Deliberativo, e ex-presidente do Clube Militar, no prédio da Rua das Marrecas que abriga o Museu da FEB e serve de sustentáculo para as últimas poucas centenas de Veteranos, todos já na casa dos 80 anos.

Israel atuou também como voluntário na Policlínica da Sociedade Beneficente Israelita, fundada em 6 de abril de 1920, na Rua Joaquim Palhares 595, Praça da Bandeira, conforme o Diretor Médico Dr. Bernardo Grabois, em declaração datada de 29 de julho de 1947.

Israel aposentou-se no serviço público estadual, e vem atuando na ANVFEB durante décadas ajudando a defender os interesses dos veteranos, nem sempre lembrados em suas necessidades mais elementares.

Pela sua valiosa atuação, foi agraciado com diversas condecorações, entre as quais:

- ▶ Membro Efetivo do I Congresso Brasileiro de Medicina Militar – São Paulo, 1954
- ▶ Medalha da Vitória, Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção Rio – 1985

- ▶ Medalha da Conquista de Monte Castelo – Regimento Sampaio, 21 de fevereiro de 1990
- ▶ Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes – 1992
- ▶ Diploma Colaborador Emérito do Exército – 2003
- ▶ Diploma da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção Nova Iguaçu

Este dedicado soldado brasileiro de fé judaica, após tantos anos de bons serviços prestados ao Exército e aos Veteranos da FEB em uma carreira exemplar, seguiu para a Itália no mês de abril de 2005 como membro da Delegação Oficial do Exército Brasileiro para as comemorações dos 60 anos da Vitória Aliada na Europa.

A seguir transcrevemos reportagem “Os garotos que vieram do Brasil para lutar pela liberação da Itália” de Alberto Riva, suplemento “II Venerdì” do jornal *La Repubblica*, de 1.º de abril de 2005 (traduzida do italiano), realizada na sede da ANVFEB na Rua das Marrecas 35, Lapa, Rio de Janeiro, com depoimentos prestados por Israel e seu grande amigo e irmão de armas Cel. Sergio Gomes Pereira, presidente da ANVFEB, também ele oriundo do CPOR/RJ.

Eram os 25 mil homens da Força Expedicionária Brasileira que chegaram após o General Clark. Sessenta anos depois, retornam em peregrinação em Roma, Nápoles, Livorno. E nos Apeninos, onde os uniformes de inverno lhes foram fornecidos pelos norte-americanos. Porque eles, a neve, nunca tinham visto.

Do Pão de Açúcar aos Apeninos. Existe um pedaço de memória italiana no Centro do Rio de Janeiro. Um prédio de cinco andares, apertado por edifícios de cimento e vidro na Rua das Marrecas, antiga estrada do bairro da Lapa. Sérgio Gomes Pereira, 81 anos, Coronel reformado, sobe todos os dias até o quinto andar e se senta atrás da sua mesa. É o presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, a Força Expedicionária Brasileira, que de julho de 1944 até maio de 1945 teve seus homens junto às tropas norte-americanas do General Clark em território italiano. Para o Exército Brasileiro, sob o comando do General Mascarenhas de Moraes, era a primeira missão além das fronteiras nacionais. Para muitos daqueles homens, a primeira neve, jamais vista, e a primeira viagem, talvez a única, fora do Brasil. Dos 25 mil soldados, 457 nunca mais voltaram a ver a Baía de Guanabara, e quase 2 mil voltaram feridos e mutilados.

Agora, depois de exatamente 60 anos daquela expedição, Sérgio prepara-se para atravessar novamente o oceano: no final de abril estará chefiando uma delegação na Itália, empenhado em um tour nos lugares da memória: Roma, Staffoli, Pistoia, Montese, Collecchio, Gaggio Montano... Nomes de pequenas cidades que, no português claro do Coronel Gomes Pereira, soam familiares. Nomes de batalhas. No térreo de Rua das Marrecas 35, onde se encontra o Museu da expedição, aqueles nomes são fotografias em preto e branco, ou velhos uniformes colocados nas paredes, armas enferrujadas sequestradas da SS, medalhas, cartas, recordações. “A sede da FEB é aqui” explica Sérgio Gomes, “porque todos partimos do Rio. O porto era protegido, enquanto os outros eram ameaçados pelos submarinos alemães e italianos. Muitos navios tinham sido atacados e ocorreram mortes entre civis. Entramos em guerra por este motivo”.

Para a guerra os tinha levado Getúlio Vargas, o presidente-ditador, que governava sem interrupções desde a Revolução dos anos trinta. Até 1941, o Brasil tinha se mantido neutro. Mas, após Pearl Harbour, tinha declarado sua solidariedade aos Estados Unidos, portanto, tinha cortado suas relações diplomáticas com o Eixo. A Alemanha de Hitler não tinha gostado – mesmo porque deste modo o Brasil tornava-se uma base preciosa para as missões Aliadas na África do Norte – e tinha começado a torpedear os navios da marinha mercante ao longo da costa do nordeste do país.

Assim, em 22 de agosto de 1942, após outro afundamento, Vargas reuniu seus ministros e declarou guerra aos inimigos da democracia. Ele que não era exatamente um democrata. “Tornou-se um ditador somente em um segundo tempo”, lembra Sérgio Gomes. “Não era fascista nem comunista, queria somente o poder. Mas não havia liberdade. As cartas que enviávamos do front, e aquelas que recebíamos, eram abertas e censuradas”.

Antes, porém, ocorreu a viagem: “Angústia”, admite o coronel, “é também medo. Não sabíamos aonde iríamos desembarcar. Somente no final descobrimos estar em Nápoles. Mas a viagem não tinha terminado. O golfo era cheio de navios afundados. Assim, muitos foram transferidos para Livorno, com lanchas de desembarque que os norte-americanos tinham já usado na Normandia”. A Itália, para Sérgio Gomes, nascido no Rio, mas por motivos familiares criado em São Paulo, apresentava-se de modo inesperado: “Pobreza” é a palavra que lhe sai da boca. “Fome absoluta. Eu não fui para Livorno, desembarquei em Nápoles para acompanhar um soldado em hospital e aquilo que pude ver impressionou-me. A Itália estava pagando seus pecados”. E por falar nisto, Sérgio olha para um antigo companheiro que ainda hoje está com ele, na associação. O Tenente Dentista Israel Rosenthal, anui, confirmando aquelas lembranças como se fossem suas próprias.

“Eu, ao invés, fui para Livorno”, conta Rosenthal “e chegar lá foi um pesadelo. O mar revolto, ninguém ficou de pé. Assumi logo o serviço junto a um hospital de campanha em Staffoli. Acredito de ter feito mais de cinco mil cirurgias. Não tínhamos energia elétrica nem água. Lembro que daquela localidade vinha um médico italiano que me pedia o anestésico porque ele não tinha mais”. Continua Sérgio: “Naqueles dias fizemos muitas amizades. Nossos mortos foram sepultados em Pistoia, onde hoje há um monumento. Do meu pelotão morreram dezessete. Subimos para o norte e as batalhas foram duras: Monte Castello, Montese, Vignola. Não era fácil se orientar. Em cada um de nossos pelotões, tinha pelo menos um ‘partigiano’ com a função de apoio. Eles conheciam bem as trilhas. Nos acompanhavam e logo após desapareciam para não serem presos pelos alemães”.

Uma página de história que ficou, não sabemos por que, às margens do conflito. Mesmo se entre os brasileiros desembarcados na Itália houvesse pessoas que, posteriormente, tornariam-se famosas. Aquele que muitos consideram o maior cronista brasileiro, Ruben Braga (1913-1990), correspondente do Diário Carioca. Ou o pintor Carlos Scliar (1920-2001), que trouxe de volta uma agenda cheia de desenhos. Tinha Celso Furtado (1920-2004), que depois se tornou o maior economista brasileiro. “Partimos juntos e fizemos a viagem na mesma cabine” conta Rosenthal. “Estudava Direito e falava um perfeito inglês, era o intérprete”.

As lembranças, nas palavras dos veteranos, se acumulam. Nas velhas fotografias, irrealis paisagens geladas e soldados enfiados em uma espécie de saco branco com capuz: “Os uniformes para o inverno tinham sido fornecidas pelos norte-americanos. Nós partimos como se tivéssemos que combater na África...”

E a saudade do Rio de Janeiro? Sérgio Gomes tem um flash: “Era um sábado de carnaval, acredito, no final de janeiro. Posicionamo-nos nas proximidades de Gaggio Montano, na neve. Do nosso rádio, ao invés das ordens da base, em um determinado momento ouvimos uma música. Era a festa que estava se desenvolvendo no Cassino da Urca, no Rio, o cassino onde se apresentavam todos os grandes da época, como Carmen Miranda. Não lembro o que fosse, mas era um samba, disto estou certo”.

O retorno

Ao retornar no navio Duque de Caxias, Rosenthal participou em 4 de setembro do desfile da FEB em Lisboa, com seus colegas Tenentes R/2 de Infantaria, da Turma de 1944 do CPOR/RJ: Rubens Garcia Bastos, Ramiro Hey de Campos Cabral, Carlos Ernesto da Cunha e Oswaldo Francisco Costa. O Maj. Paredes foi o Comandante do Destacamento do desfile. No palanque, ficou o Cel. Travassos, Comandante do Depósito de Pessoal, que assistiu ao desfile ao lado de Salazar. Os cinco tenentes mencionados eram Adidos ao EM e ficaram também no palanque. Cerca de 1.100 homens desfilaram, em apoteose na Av. Liberdade, foi assombroso, o povo aplaudia, muita confraternização.

Ao desfile seguiu-se o almoço, sendo que cerca de 100 militares não desfilaram, entre os que permaneceram no navio e no palanque. Os oficiais brasileiros sentavam à mesa intercalados com os portugueses. Por ordem de Salazar, qualquer



► 2014 – Desfile Cívico Militar de 7 de Setembro. Tenentes R/2 Ney Costa, Israel Blajberg e Israel Rosenthal, e Tenente da Marinha Melchisedech Affonso de Carvalho em frente ao PDC – Palácio Duque de Caxias. Acervo do autor.



► XI ENOREx 2009, Brasília – Vet. Cel. Vanutelli, Gen. Adhemar da Costa Machado, então Chefe do CComSEx, Vet. Ten. Israel Rosenthal e Ten. R/2 Israel Blajberg. Acervo do autor.

brasileiro fardado tinha direito a transporte grátis nos táxis, naquele único dia em que o Duque de Caxias permaneceu atracado no porto. Todos os militares brasileiros foram agraciados com a Medalha de Ouro do Valor Militar, sendo que na pressa muitas não foram entregues, sob a promessa de que iria mais tarde pelo correio, o que nunca aconteceu, pelo menos para os cinco tenentes mencionados. O Cel. Travassos recebeu uma insígnia de brilhantes de grande valor. Um dos aspirantes que ficou a bordo acabou se casando com uma brasileira que visitou o navio. Era colega de pelotão e de turma de Rosenthal: FNO 1943 e CPOR 1944.

Rosenthal achou a cidade maravilhosa e muito bonita, gostou das ruas grandes, espaçosas, limpas, do povo que recebeu muito bem aos brasileiros.

Resumo do currículo oficial – Casa da FEB

Nascido em 7 de fevereiro de 1921, o jovem Rosenthal cursou o antigo ginásio no Colégio Nacional, onde 80% dos professores eram militares, e o preparatório para a faculdade no Colégio Universitário. Os pais se alegraram em vê-lo cirurgião-dentista diplomado pela Faculdade Nacional de Odontologia da Universidade do Brasil em 1943.

Foi aluno do CPOR/RJ, saindo Aspirante a Oficial da Arma de Infantaria em 1943. Em 1944, como voluntário para a FEB, embarcou no 5.º Escalão, seguindo para a Itália no Navio de Transporte de Tropas Gen. Meigs ainda como aspirante.

Devido à carência de profissionais de odontologia no Depósito de Pessoal em que estava lotado, foi designado para o Serviço de Saúde na função de Dentista, sendo promovido a 2.º Tenente na Itália decorrido o tempo regulamentar e regressando ao Brasil após o término da guerra, tendo embarcado em setembro de 1945 no NTT Duque de Caxias.

No retorno solicitou licenciamento do Exército para retornar a vida civil, ingressando em 1947 na Prefeitura do Distrito Federal como dentista lotado no Departamento de Saúde Escolar, onde serviu por 25 anos até 1972, quando se aposentou. Na Prefeitura serviu nas Escolas Públicas Martins Junior, Getulio Vargas e General Mitre.

Como dedicado colaborador da Casa da FEB – Associação Nacional dos Veteranos da FEB –, ocupou os cargos de diretor de Promoções Sociais por dois anos, diretor do Museu da FEB por cinco anos, membro do Conselho Fiscal por dois anos, presidente do Conselho Fiscal por cinco anos. Integra o Conselho Deliberativo há 20 anos, sendo seu atual presidente, com mandato para 2014-2015.

É sócio benemérito da ANVFEB desde 11 de junho de 2003, cuja indicação foi assinada pelo Cel. Sergio Gomes Pereira e pelo Gen. Cezar Montagna de Souza.

Foi agraciado com diversas medalhas e diplomas, entre os quais a Medalha de Campanha, Medalha de Guerra, Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes, Medalha Comemorativa dos 60 anos do Término da 2.^a Guerra Mundial, da Comuna di Porreta Terme na Itália, Medalha da Vitória dos Combatentes Poloneses, Colaborador Emérito do Exército Brasileiro, Amigo do CMP – Comando Militar do Planalto, Diploma de Bons Serviços assinado pelo Governador do Estado da Guanabara, A. P. Chagas Freitas.

Seu nome está inscrito em placa de bronze na Odontoclínica Militar na Rua Moncorvo Filho – Dentistas que participaram da FEB, e no 2.º RI, na Vila Militar, dos militares que pertenceram à unidade e participaram da FEB.

Humberto Gerardo Moretzsohn Brandi

O Tenente Brandi cursou o CPOR, tendo nascido em Caratinga em 22 de setembro de 1910. Residiu no Rio de Janeiro desde janeiro de 1931, formando-se em Direito em 1950, quando passou a defender causas de dezenas de ex-combatentes da FEB, FAB, Marinha do Brasil e Marinha Mercante. Foi funcionário da Prefeitura do Distrito Federal. A Assembleia Legislativa conferiu-lhe em 1971 o título de Cidadão do Estado da Guanabara

Brandi é descendente de David Moretzsohn Campista (1863-1911), o Ministro da Fazenda que foi combatido e acabou não se candidatando a Presidente da República por ser judeu. Uma rua em Botafogo leva o seu nome.

Em parte datada de 17 de abril de 1945, ao Comandante do Regimento, o Cap. Yeddo Jacob Blauth declara que a primeira tropa brasileira e aliada a ocupar e instalar-se na crista do Monte Castello foi a 3.^a Cia. do 1.º RI – Regimento Sampaio, companhia esta sob seu comando, e o primeiro pelotão da Cia. foi o 2.º Pel., sob o comando do Ten. Brandi.

A parte foi emitida, estando o Cap. Yeddo internado em Livorno, na Seção Brasileira de Hospitalização do 7th Station Hospital, do 5th USA Army.

Pela sua participação na Tomada de Monte Castello em 21 de fevereiro de 1945, o Presidente da República concedeu ao Ten. Brandi a Cruz de Combate

de 1.^a Classe. Brandi foi ferido em ação no Monte Belvedere em 12 de março de 1945, recebendo a Medalha Sangue do Brasil.

Por decreto do Presidente da República de 26 de abril de 1946, o 1.^o Ten. Brandi foi promovido ao posto de Capitão R/2, retornando à vida civil.

Capitão QOA David Dahan

Filho de Salomão Jayme Dahan e Tomasia Jayme Dahan, era originário do Pará, descendente dos judeus que imigraram do Marrocos há dois séculos, de cujos descendentes há numerosos militares, de soldados a oficiais generais.

David Dahan era do QOA – Quadro de Oficiais de Administração. Nascido em 31 de março de 1917, Praça de 1.^o de novembro de 1930, Cabo em 14 de junho de 1940, 3.^o Sargento em 14 de janeiro de 1942, 2.^o Sargento em 7 de julho de 1950, 1.^o Sargento em 30 de setembro de 1954, estando classificado no Comportamento Excepcional, 2.^o Ten. Em 30 de setembro de 1957, 1.^o Ten. Em 25 de agosto de 1963 e Capitão em 25 de agosto de 1966.

Era 3.^o Sgt. ao embarcar com o CRP/FEB para a Itália, em 8 de fevereiro de 1945, retornando com o DP/FEB em 17 de setembro de 1945.

Participou do desfile da FEB em Lisboa, quando da escala do navio Duque de Caxias em setembro de 1945.

Fé de Ofício:³⁰

- ▶ 1938 – Escola de Infantaria. 6.^o Batalhão de Caçadores e Companhia de Metralhadores e Morteiros.
- ▶ 1944 – Desligado, adido ao Batalhão de Caçadores.
- ▶ 1945 – Campanha da Itália – 8/4/1945 a 8/5/1945. Curso de Granadas, incorporado ao CRP/FEB.
- ▶ Auxiliar do Curso de Analfabetos da Companhia de Metralhadoras.
- ▶ 1946 – Curso de Preparação para Oficiais da Reserva.
- ▶ 1950 – Adido a Administração do Edifício do Ministério da Guerra, Distrito Federal.

Possuía, entre outras, as seguintes condecorações: Medalha de Campanha (MC); Medalha Militar Passador Prata (S2); Medalha de Guerra (MG).

Marcos Cerkes

Marcos nasceu em 10 de março de 1925, filho de Isaac e Raquel Cerkes. Seu nome hebraico era Mordehai Ben Izhak haCohen. Como seu nome indica, pela palavra Cohen, descendia remotamente dos sacerdotes do Templo de Salomão, o que é transmitido por tradição oral de pai para filho ao longo das gerações.

Cursou o CPOR/RJ, sendo declarado Aspirante a Oficial da Arma de Infantaria.

Foi 1.^o Tenente na FEB.

³⁰ Almanaque do Exército, 1970, p. 524.

Faleceu em 6 de abril de 2003, estando sepultado no Cemitério Israelita de Vila Rosaly, onde a lápide mostra o sinal dos Cohanim (plural de Cohen), as mãos espalmadas na bênção sacerdotal, momento em que a Congregação tampa a vista com o *talit* (manto ritual), desviando o olhar pois ali em plena sinagoga diante da Arca da Lei resplandece a presença divina.

Marcos Galper

Marcos Galper, filho de Samuel Galper e Ana Galper, nasceu no Rio de Janeiro em 10 de outubro de 1921. Casado com D.^a Paulina Galper. Residia em Copacabana. Seu pai era sobrinho de Jacob Scheneider, grande ativista da Comunidade Judaica e ativo no teatro iídiche da época.

Em 1926, a família saiu do Rio fixando-se em Sorocaba, onde o pequeno Marcos frequentou a Escola de Freiras, por falta de outras. Em 1930, mudaram-se para Campinas, voltando depois para o Rio de Janeiro, onde Marcos entrou no Colégio Pedro II, segundo colocado no exame de admissão, com média de 93 pontos, um ponto só a menos do que o primeiro colocado.

Prestou exame, em 1938, na Escola Naval, obtendo o primeiro lugar em matemática, mas preferiu cursar a Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil (hoje UFRJ), na área de Matemática. Concluiu o Curso de Humanidades no Colégio Pedro II, sendo declarado apto para o serviço do Exército, ingressando no CPOR/RJ como aluno do Curso de Artilharia em 16 de dezembro de 1940.

Em 22 de janeiro de 1943, foi declarado Aspirante a Oficial da Reserva da Arma de Artilharia. Na época o curso do CPOR tinha a duração de três anos.

Entre seus colegas de turma de Artilharia, podemos citar Manoel Jairo Bezerra, professor de Matemática que se notabilizou por ser um dos “quatro



► Ten. R/2 Art. Marcos Galper e a peça de 105 mm da Bateria de Obuses do CPOR/RJ que leva o seu nome.

autores” do livro famoso adotado nas melhores escolas do Brasil, Mauro Thibau, Jayme Jakubovicz, Carlos José Tuttman e os irmãos Antonio e Mário Raphael Vannutelli.

Mário Raphael Vannutelli reside em Brasília, tendo completado 96 anos em 27 de julho de 2014. Serviu junto com Galper na FEB.

As unidades de Artilharia – o 2.º Grupo do 1.º Regimento de Obuses Autorrebecado, o 1.º Grupo de São Cristóvão, comandado pelo Coronel Levi Cardoso e o 3.º Grupo, do Coronel Souza Carvalho, que veio de São Paulo, faziam manobras na região de Campo Grande e Barra da Tijuca.

Galper era Oficial de Motores da Bateria de Comando e Serviços, do 2.º/1.º ROAuR, e depois Observador Avançado da 3.ª Bateria, missão de alto risco junto às primeiras linhas do avanço da Infantaria, quando escapou da morte por ocasião de rajada de fogo amigo que atingiu a cota 911 onde estava posicionado.

Chegando à Itália, o 2.º Grupo de Galper e Vannutelli se deslocou para região de Vecchiano, recebendo ordem, assim como o 6.º RI, de engajar-se na frente, em área já determinada pelo Comandante do IV Corpo. O II Grupo, comandado pelo Coronel Da Camino, ocupou posição vizinha ao Monte Bastione – depois da guerra, essa unidade foi denominada Grupo Monte Bastione.

Lá, disparou o primeiro tiro, com a 1.ª Bateria do Capitão Mário Lobato Vale. Coube à 1.ª Bateria dar o primeiro tiro, no Vale do Sercchio, fato glorioso para a Artilharia brasileira, a fim de apoiar as ações do 6.º RI na captura de várias localidades importantes, como Barga, Massarosa, Galicano e tantas outras.

No I Grupo de Artilharia, comandado pelo Tenente-Coronel Valdemar Levi Cardoso, estava seu irmão, 2.º Tenente Antônio Vanutelli. Era subalterno da Bateria Comando do I Grupo, oficial de manutenção da subunidade e recebia muitos elogios nessa função. O Comandante da Bateria Comando era o Capitão Odemar Ferreira Garcia que, mais tarde, chegaria a General. Os dois, únicos filhos, saíram de casa, no Rio de Janeiro, deixando os pais, e seguiram para Itália, para a guerra, no 1.º e no 2.º Escalão. Antonio, o irmão mais novo, é falecido.

Na ofensiva de abril, a unidade prosseguiu rumo ao Vale do Pó, sabendo que vinha do sul, a 148.ª Divisão do exército alemão, com remanescentes da 90.ª Divisão Panzer e da Divisão italiana Monterosa no propósito de atravessar os rios Pó e Panaro e prosseguir para o norte. Houve, no início, uma refrega, porquanto os brasileiros perceberam, através da ação do 1.º Esquadrão de Reconhecimento, que o inimigo pretendia furar o cerco. Houve tiro da Artilharia e ação da Infantaria. Como estavam com muitos feridos, resolveram prosseguir com os entendimentos junto ao Comando da FEB para que se procedesse a rendição.

Vannutelli esteve presente ao evento. Perto de 20 mil homens foram feitos prisioneiros. O comandante dessa Divisão alemã era o General Otto Fretter Pico e seu Chefe de Estado-Maior era o Major W. Kuhn, considerado um oficial de elite, naquela época. Coincidentemente, na FEB estava o Coronel Franco Ferreira, um oficial de Estado-Maior, de Cavalaria, que tinha sido adido militar na Alemanha antes da guerra, falava muito bem alemão.

Para ir à guerra, Galper havia conseguido a intervenção do general Cordeiro de Farias. Foi Observador Avançado da FEB, regulando os tiros da Artilharia junto à Infantaria, participando também de patrulhas e tomando parte na batalha de Monte Castelo, sempre como Observador Avançado. Possui a Medalha de Guerra e a de Campanha e é muitas vezes elogiado na sua Folha de Alterações.

Desembarcou no Rio de Janeiro um dia antes do 1.º Escalão, vindo no navio Elizabeth Lykes, trazendo material de guerra capturado e também brasileiro para apresentá-lo, no dia seguinte, na parada dos pracinhas na Avenida Rio Branco.

No Rio de Janeiro, participou de curso no CPOR (COR) para oficiais, de volta da Itália, para ficar na ativa, durante dois anos, tirando o primeiro lugar em matemática. Um mês antes do curso terminar, pediu demissão por ter sido nomeado professor na Universidade, cadeira de Complemento de Matemática.

Saiu do Exército como 1.º Tenente, mais tarde promovido a Capitão e em seguida a Major da Reserva.

Na Itália, tinha visitado a Brigada Judaica, perto de Nápoles. Após a fundação do Estado de Israel, vieram oficiais daquele país para o Rio, convidando Marcos para ser instrutor do exército da nova nação. Recusou o honroso convite; não queria voltar à vida militar.

Após a guerra, tanto Galper quanto Vannutteli cursaram o COR – Curso de Oficiais da Reserva no CPOR/RJ, que possibilitava aos Oficiais R/2 ingressarem na ativa.

Vannutteli chegou a Tenente-Coronel, e Galper a Tenente, sendo a sua Carta-Patente de 15 de maio de 1969 assinada pelo General Aurélio de Lyra Tavares.

Em 11 de junho de 1997, as peças de 105 mm do Curso de Artilharia do CPOR/RJ receberam as denominações históricas de “Ten. Marcos Galper, Ten. Mário Vannutteli, Ten. Antonio Vanutteli e Ten. Alfredo Nicolau”.

Galper, após o término da guerra, esteve no famoso cemitério de Anzio, onde viu centenas de Estrelas de David nos túmulos de soldados judeus que tombaram no famoso desembarque naquela localidade italiana.

Formou-se Bacharel e Licenciado em Matemática pela FNF, e Engenheiro Civil e Eletrotécnico pela UFMG.

Na vida civil, foi professor do Colégio Pedro II, de Matemática e Física, professor do DASP, professor da Escola Técnica Nacional, professor adjunto do Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro, meteorologista do Escritório de Meteorologia do Ministério da Agricultura – Assessor técnico do Ministro do Interior, Membro do Conselho Consultivo da SIDESC (Cia. Siderúrgica de Santa Catarina), Membro da Comissão de Expedições Científicas do Conselho Nacional de Pesquisas.

Com tamanha experiência, Galper colaborou ativamente muitos anos com a ANVFEB, onde foi vice-presidente. Recebeu as Medalhas de Guerra, de Campanha e Marechal Mascarenhas de Moraes.



► 11 de março de 2011 – Sepultamento Ten. Marcos Galper no Cemitério Israelita de Vilar dos Telles/RJ. Palavras do Comandante do 21.º GAC Cel. Marto, vendo-se os filhos Marcio e Marcel e o cantor litúrgico diante do esquife recoberto pelo Pavilhão Nacional. Acervo do autor.

Tenente R/2 de Artilharia Marcos Galper
Veterano da FEB
10 de março de 2011

Faleceu hoje, no Hospital Israelita no Rio de Janeiro, o Tenente Galper, onde estava internado desde o dia 4 de março, após uma queda sofrida em sua residência.

Ex-aluno do Colégio Pedro II e do CPOR/RJ, da Turma de 1942, ainda de três anos, do tradicional quartel de Correia Lima, onde hoje se situa o Museu Militar Conde de Linhares, próximo à Quinta da Boa Vista. Era engenheiro civil



► 11 de março de 2011 – Sepultamento Ten. Marcos Galper no Cemitério Israelita de Vilar dos Telles/RJ. Transporte do esquife recoberto pelo Pavilhão Nacional por militares do 21.º GAC de Jurujuba – Niterói/RJ. Acervo do autor.



► 11 de março de 2011 – Sepultamento Ten. Marcos Galper no Cemitério Israelita de Vilar dos Telles – Rio de Janeiro/RJ. O Pelotão de Honras Fúnebres dispara uma salva de tiros de fuzil. Acervo do autor.

e professor. Foi 1.º vice-presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, de cujo Conselho Deliberativo era membro nato.

Uma das quatro peças da Bateria de Obuses 105 mm do CPOR/RJ, onde cursou, leva o nome Ten. Galper, em sua homenagem, cada qual com o nome de um ex-aluno que seguiu com a FEB para a Itália:

- Marcos Galper
- Antonio Vanuttelli
- Mário Vanuttelli
- Alfredo Nicolau



► 11 de março de 2011 – Sepultamento Ten. Marcos Galper no Cemitério Israelita de Vilar dos Telles/ RJ. O Pavilhão nacional é dobrado e entregue a família. Acervo do autor.

Na Itália, integrou o 2.º Grupo do 1.º Regimento de Artilharia Autorrebecado, depois o 2.º Grupo de Obuses 105 mm, o Grupo Da Camino, sediado em Campinho/RJ, que realizou o 1.º Tiro da Artilharia Brasileira na Segunda Guerra Mundial, no sopé do Monte Bastione.

Esta unidade é hoje o Grupo Monte Bastione – 21.º Grupo de Artilharia de Campanha, aquartelado no Forte Barão do Rio Branco em Jurujuba, Niterói, sucessor do 2.º GO 105 FEB, por sua vez herdeiro de uma das nossas mais antigas e tradicionais unidades, o Corpo de Artilharia do Rio de Janeiro, criado por Carta Régia de Dom João V em 1736, para guarnecer as fortalezas que defendiam a Baía de Guanabara.

O Ten. Galper foi Oficial de Motores da Bateria de Serviços, e também Observador Avançado da Artilharia, em posições arriscadas próximas das linhas alemãs. Retornou da Itália como responsável pela carga do navio que transportou para o Brasil o material de guerra capturado da 148.ª Divisão de Infantaria alemã e outras unidades.

Deixa a esposa, D.ª Lili, dois filhos e netos, sendo Márcio também ex-aluno do CPOR/RJ, da Turma de 1976 de Artilharia, 35 anos depois que seu pai concluiu o mesmo curso no antigo CPOR de São Cristóvão.

“Peça Atirou!!!”

“Ma Force d'en Haut”

(Minha força vem do alto)

Pedro Kullock

Pedro nasceu em 12 de dezembro de 1922 na cidade do Rio de Janeiro, filho de Manoel e Sara Kullock.

Na FEB, foi Aspirante a Oficial de Infantaria tendo embarcado em 8 de fevereiro de 1945 com o CRP/FEB – Centro de Reacomplimento de Pessoal, e retornado em 3 de outubro de 1945 com o DP/FEB – Depósito de Pessoal.

Embora jovem ainda, já era um homem com grande experiência de vida e viajado, conhecia a Argentina, tinha residido nos Estados Unidos, e por dominar o inglês ocupou a função de intérprete junto ao V Exército.

Oriundo do CPOR/RJ, esteve sediado em Florença, o que resultou em forte ligação emocional com esta magnífica cidade italiana, o berço do Renascimento italiano, e uma das cidades mais belas do mundo, terra natal de Dante Alighieri, autor de *Divina comédia*, marco da literatura universal.

O pessoal da FEB costuma gozar licenças nessa cidade, governada pela família Médici desde o início do século XV até meados do século XVIII. O primeiro líder da cidade pertencente à família Médici foi Cosme, o Velho, chegou ao poder em 1437. Foi um protetor dos judeus na cidade, iniciando uma longa relação da família com a comunidade judaica, uma relação tensa, que se tornaria comprometedor com a Inquisição italiana.

Florença teve antes e durante o período de governo dos Médici uma influente comunidade judaica, que deteve um papel proeminente nas artes, finanças e negócios da cidade, até que os judeus passaram a ser perseguidos mais fortemente pela Inquisição italiana.

A Grande Sinagoga de Florença, também conhecida como Tempio Maggiore, Templo Principal, é considerada uma das mais belas da Europa.

Destacam-se as diversas e belíssimas catedrais de épocas e estilos diferentes. A cidade também é cenário de obras de artistas do Renascimento, como Michelangelo, Leonardo da Vinci, Giotto, entre outros.

Em Florença, nasceram os papas Leão X, Clemente VII, Clemente VIII, Leão XI, Urbano VIII e Clemente XII.

Por alguns dias, Pedro teve sob sua responsabilidade prisioneiros da 148.^a Divisão de Infantaria alemã, que se rendeu à FEB em abril de 1945, com cerca de 20 mil homens e farto material de combate. Os prisioneiros foram entregues ao V Exército americano, que os relocou para o campo de prisioneiros de Modena, já que a FEB não dispunha de local nem meios para exercer a guarda.

Em dada oportunidade, mandou que entrassem em forma e se perfilassem, apresentando-se como o comandante da unidade a que estavam prisioneiros, falando em iídiche, língua bastante parecida com o alemão, finalizando com “Ich bin Jude” (sou judeu), ao que nenhum deles da suposta “raça superior” ousou responder.

Na vida civil, Pedro foi industrial e sócio e diretor da Construtora Servenco e da Rio Som. Tinha um *hobby* de projetar e construir *moto-homes*, com os quais viajou pelo mundo.

Era artista amador no Colégio Israelita Eliezer Steinberg, na Rua das Laranjeiras, do qual foi um dos fundadores. A filha Eliane herdou seus dotes artísticos, atuando mais tarde no mesmo palco.

Pedro pertencia à casta sacerdotal dos Sacerdotes do Templo de Salomão em Jerusalém. Pela tradição oral passada de pai para filho, Pedro descendia



► Ten. R/2 Inf. Pedro Kullock, oriundo do CPOR/RJ. Acervo da família.

de Aharon haCohen, irmão do Grande Patriarca Moisés, e que foi o primeiro Grande Sacerdote.

Isso lhe dava certos direitos e deveres na tradição judaica, como ser o primeiro a ser chamado na sinagoga para a leitura da Torá (Bíblia), e não poder ter proximidade com mortos, assim não podia entrar em cemitérios.

Transmitiu aos filhos seus valores judaicos, como relata Paulo César. Era um empreendedor, desbravador, montando a Rio Som, empresa que respondia por 90% dos anúncios de rádio ao início dos anos 60. Ajudou a consolidar a Servenco no começo, junto com o pai e irmãos.

Já com mais de 70 anos, aprendeu informática e fazia mapas astrológicos. No final da vida, já incapacitado, ainda estudava a possibilidade de criar avestruzes. Faleceu em 11 de agosto de 2001.

Samuel Soichet

Samuel era Aspirante a Oficial R/2 formado pelo CPOR/RJ.

Médico de Niterói, levou seu violino, e entre um e outro atendimento, empunhava o instrumento em pleno *front*.

Quando dos acontecimentos que marcaram a Declaração da Independência do Estado de Israel, em 14 de maio de 1948, Samuel teria se incorporado ao nascente Exército de Israel, a Haganá, onde teria atingido a patente de Major durante a Guerra da Independência.

Foi realizar uma bolsa de residência médica nos Estados Unidos, e acabou radicando-se naquele país, onde faleceu. Trabalhava no Mount Sinai Hospital.

Como tantos universitários da década de 1940, Samuel cursou o CPOR – Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, e com mais um punhado de correigionários, que tinham garra e patriotismo, seguiu para a Itália, para enfrentar o duplo perigo.

Em de dezembro de 2014, continuam vivos pelo menos dois médicos da FEB que conviveram com Samuel, o Dr. Edgard, com 104 anos, e o Dr. Carlos Henrique Bessa, com 95 anos, residentes no Rio de Janeiro.

Quatro médicos se formaram juntos na FFM em 1944, embarcaram juntos, viajaram no mesmo camarote, serviram no mesmo Batalhão de Saúde como tenentes:

- ▶ Dr. Antonio Fonseca Jardim, de Montes Claros/MG
- ▶ Dr. Carlos Henrique Bessa de Niterói/RJ
- ▶ Dr. Jorge Arturo Boring, de Niterói/RJ (argentino naturalizado brasileiro)
- ▶ Dr. Samuel Shoichet, de Niterói/RJ

O 1.º BS foi instalado em janeiro de 1944 em Valença/RJ, sendo convocados médicos civis para recompletar o efetivo, que foi o caso dos quatro médicos citados acima. Trata-se do atual 21.º B Log (Batalhão Oswaldo Cruz/1.º Batalhão de Saúde).

O 2.º Tenente Médico Dr. Carlos Henrique Bessa serviu no Posto de Triagem e Evacuação da 3.ª Cia. do 1.º Batalhão de Saúde, comandados respectivamente

pelo Capitão Médico Antonio Lauriadó de Camargo e Coronel Médico Bonifácio Borba. Atendeu muitos alemães por ocasião da rendição da 148.^a DI em Fornovo di Taro, em abril de 1945. A cada deslocamento (necessário para acompanhar a evolução do *front*) recebia do comando uma ordem de serviço. Instalava então em acantonamento ou barraca no seu Posto, onde passava a trabalhar com seus comandados (quatro enfermeiros de cirurgia, oito padioleiros e dois motoristas).

Médicos para FEB³¹

Durante as solenidades da colação de grau dos médicos de 1944, na Faculdade Fluminense de Medicina, foi revelado, entre aclamações, que cinco dos componentes dessa turma seguiriam imediatamente para a Itália, onde se incorporariam ao serviço de saúde da FEB. Eram eles os Drs. Antônio Fonseca Jr, Carlos Henrique Bessa, Edilson Souto Siqueira, Jorge Arturo Borring e Samuel Soichet.

Sobre o Ten. Méd. Dr. Samuel Schoichet³²

Samuel Schoichet era de Niterói/RJ, e foi sorteado para prestar o Serviço Militar na tradicional e histórica caserna do 3.º RI, de São Gonçalo. Na época era terceiro-anista da Faculdade Fluminense de Medicina.

Outros colegas foram também incluídos, como seu amigo de infância do Colégio Brasil, Carlos Henrique Bessa. Todos foram rapidamente promovidos a Cabo, logo Sargento, e após a formatura, Aspirantes a Oficial.

Os estudos foram prejudicados pelo expediente do quartel, ainda mais quando foram transferidos para o 1.º BS – Batalhão de Saúde em Valença – RJ.

³¹ O Globo Expedicionário, ed. 15, p. 8, 14 dez. 1944.

³² Entrevista concedida ao autor pelo veterano 1.º Ten. R/2 Médico Dr. Carlos Henrique Bessa, em 5 de abril de 2014, em sua residência no Leblon.



► 1945 – Tenentes Médicos Antonino Fonseca Jardim, Jorge Arturo Borring e Samuel Soichet. Acervo do Ten. Bessa.



► 1945 – Grupo do Primeiro Batalhão de Saúde, formado pouco antes da chegada de volta ao Rio de Janeiro, no transporte de tropas Mariposa. Acervo do Ten. Bessa.

Mas suas faltas foram relevadas, horários extras conseguidos, e a formatura viabilizada e adiantada pelo Diretor da FFM, Prof. Barros Terra, que hoje dá seu nome a uma Alameda de Niterói.

Antônio de Barros Terra é considerado o consolidador da Faculdade de Medicina. Seu nome é lembrado, para os alunos de hoje, por denominar, a partir de 1945, o Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina, que já existia, entretanto, desde 1926. A pressão política exercida pelo Diretório Acadêmico Barros Terra (DABT) junto à prefeitura de Niterói parece ter sido fundamental para a cessão do prédio da Rua Visconde de Moraes à Faculdade, em 1931. Nesse mesmo ano, demonstrando o seu apreço à Faculdade e sua capacidade de mobilização, os alunos recusaram-se, orgulhosamente, a transferir-se para o Rio de Janeiro, atendendo uma solicitação do novo Governo Federal, que tencionava fundir as duas Faculdades, extinguindo a de Niterói.

A data da formatura foi marcada de modo a permitir que os novos médicos embarcassem a tempo para a Itália, assim, não houve festa, apenas uma cerimônia rápida e improvisada no Gabinete do Diretor, onde não faltaram lágrimas dos poucos presentes, alguns professores e funcionários, no dizer do Dr. Barros Terra, a mais emocionante e comovente solenidade de formatura da qual ele jamais havia participado.

Os pais Sr. Julio e D.^a Sabina ainda conseguiram visitá-lo rapidamente no quartel para uma fugaz despedida. Seu pai tinha uma loja de móveis no Fonseca, onde naquela época se vendiam cabides, assim o Dr. Bessa adquiriu alguns para pendurar seus ternos, traje obrigatório para frequentar a faculdade naquela época...

Na Itália, os amigos se separaram, cada qual foi para uma das Companhias de Triage e Evacuação do BS.

Samuel havia trazido um violino, que o acompanhou durante a guerra.

As missões eram similares, as companhias acompanhavam o avanço do front. As unidades combatentes tinham também pessoal de saúde, em menor

escala. Os feridos eram levados pelos padioleiros ao Posto de Triagem, onde recebiam um atendimento e preparo inicial para transporte às Cias de Tratamento ou ao Hospital brasileiro em Porreta Terme, instalado em um antigo hotel próximo ao QG do Gen. Mascarenhas. Se necessário, poderiam ser transferidos para um hospital americano na retaguarda, e mesmo para os EUA nos casos mais complexos, o que aconteceu com diversos pracinhas.

O QG era muito visado pela artilharia alemã, e conseqüentemente o hospital também. O Comandante do V US Army, General Mark Clark, havia sugerido que a FEB recuasse o QG, o que não foi aceito pelo Comandante Gen. Mascarenhas.

Dr. Bessa nos relata que seu alojamento em Porreta chegou a ser atingido, e ele mesmo se feriu no queixo quando a ambulância em que viajava foi alvo de uma granada que caiu à frente e se desgovernou. Ele estava próximo a uma ponte em Sila que era continuamente coberta por fumaça para dificultar a sua visualização.

Dr. Bessa tinha 13 comandados, entre sargentos enfermeiros e padioleiros. Uma das Ordens de Serviço que guardou refere-se ao povoado de Farné, próximo a Marzabotto, onde houve um massacre perpetrado pelos alemães. Em função disso, muitos partisanos se incorporaram a pelotões brasileiros, conforme mostra o diagrama anexo a OS, que distribui o efetivo entre as diversas frações em ação na região de Farné.

Samuel faleceu prematuramente em Nova Iorque, onde havia se radicado após a guerra, vitimado por uma doença incurável, deixando esposa e filhas.

Sua especialidade era a ginecologia, sendo dotado de grande criatividade, inclusive tendo desenvolvido um DIU – Dispositivo Intra Uterino bastante original, que teria tido grande aceitação não fosse o lançamento da pílula anticoncepcional, que ocorreu logo após.

Após a guerra, o Dr. Bessa não prosseguiu na carreira militar, sendo admitido no HSE – Hospital dos Servidores do Estado no Rio de Janeiro, onde labutou por 30 anos. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Oftalmologia.

Samuel³³

O Samuel era, como se diz, “uma figuraça”. Muito simpático, inteligente, alegre e comunicativo.

Alguns achavam que o Samuel fosse excessivamente excêntrico. Na verdade, tinha por vezes traços extremados: um idealista sem limites, um sonhador frequente.

Cumpriu todas as suas missões neste mundo com muita eficiência e sabedoria. Como estudante, como soldado na guerra, como médico em Nova Iorque, como um pai de família, como um bom amigo de seus amigos. Infelizmente, morreu muito cedo e sofreu no fim da vida algumas amarguras.

³³ Reminiscências escritas especialmente para esta obra pelo veterano 1.º Ten. R/2 Médico Dr. Carlos Henrique Bessa, amigo de infância e colega de turma e da FEB do Dr. Samuel Soichet. Aos 94 anos viajou em 2014 para a Itália em busca das suas recordações. Escreve atualmente um livro de memórias.

Na guerra cada um tinha que carregar nos braços pesados e complicados apetrechos; o Samuel acrescentou mais um: seu violino!

Na morte de Roosevelt arranhou algumas peças de pano negro e acrescentou-as ao uniforme; ficou de luto por alguns dias.

Como ginecologista criou um procedimento anticoncepcional que provavelmente teria tido sucesso muito grande não fosse a ampla difusão que passara a ter as pílulas anticoncepcionais e outros procedimentos do gênero.

Nos conhecemos aos 11 de idade. No Colégio Brasil as carteiras eram para dois alunos. Curso de admissão (antes do ginásial). Eu já estava sentado na primeira fila – alguém me havia colocado lá – e logo depois puseram a meu lado um garoto muito louro, um pouco agitado e que ria muito. Mas muito simpático. Mal sabia eu que estava ganhando um amigo e colega para a vida toda. Fizemos o ginásial e depois o curso médico sempre nas mesmas turmas, sempre no mesmo grupinho. Éramos quatro ou cinco entre os quais um filho de sírios, Nagib Farah, um filho de alemães, Carlos Frederico, Samuel, filho de judeus russos, e eu.

(Como eram doces os tempos em que nazismos, comunismos e fundamentalismos diversos ainda não haviam envenenado a mente e a alma dos homens...)

Quando eu e o Samuel fomos convocados para o exército, valeu-nos muito a amizade daquele grupo. Ajudavam-nos trazendo resumos das aulas perdidas.

Depois veio a formatura antes do embarque, em que eu e o Samuel, já então juntos a outros dois colegas – o Antonino e o Borring fardados de sargento, seus, barbados – fomos postos entre mesas e cadeiras desarrumadas da secretaria da faculdade para uma solenidade de formatura absolutamente sui generis.

Estávamos às vésperas de embarcarmos para a guerra e os poucos professores e colegas que assistiam às formalidades levadas à expressão mais simples



► 1945 – Tenentes Médicos Antonino Fonseca Jardim (de Nova Lima/MG), Carlos Henrique Bessa (de Niterói/RJ), Jorge Arturo Borring (argentino, naturalizado brasileiro), Samuel Soichet (de Niterói/RJ). Colegas de turma formaram-se juntos na FFM, Segundos Tenentes Médicos do 1.º Batalhão de Saúde. Embarcaram juntos e estiveram no mesmo batalhão durante toda a guerra. Acervo do Ten. Bessa.

abraçavam-nos com olhos marejados de quem não sabia se nos veríamos outra vez. Lembro-me que o reitor da faculdade, o Prof. Barros Terra, emocionado, disse que em toda a sua vida de velho mestre tinha sido aquela uma formatura sem discursos nem representantes oficiais a mais comovente que ele já tinha visto.

Na guerra, o Samuel esteve no mesmo batalhão que eu, mas não na mesma Cia. Mas nos encontrávamos com frequência, e ao voltar, como na ida, ocupamos o mesmo camarote no navio. Depois da guerra, quando morava em Nova Iorque, fui visitá-lo várias vezes e vice-versa, quando ele vinha ao Brasil.

Um primo meu também médico e que também morava em Nova Iorque e que através de mim tornara-se amigo do Samuel, um dia telefonou-me avisando que ele estava com um câncer já avançado, mas sobre o qual não falava. Telefonei para ele buscando um assunto qualquer para conversarmos um pouco e me disse, otimista como sempre, que estava doente, mas que via naquilo um lado bom porque a família estava reunida em torno dele.

Parte do capítulo 1 do livro do 1.º Ten. R/2 Méd. Dr. Bessa³⁴ **Antes do embarque (Uma formatura diferente de todas as outras)**

Faltando dois meses para concluirmos o curso médico, um curso de oito anos, não nos conformávamos eu, Samuel, Antonino e Boring em ter que embarcar como “praças”, quando muito mais justo seria que pudéssemos fazer os exames finais e irmos como médicos. Inclusive para o Exército, pois formar um médico demanda muito mais tempo de preparação.

Para felicidade nossa, o diretor da faculdade, Prof. Barros Terra – entre outros – assumiu a nossa causa e trabalhou muito junto ao Ministério da Educação, comprometendo-se a acelerar o final de alguns cursos, exames, etc., e assim pudemos obter o diploma de médico antes do embarque. Fomos como Aspirantes e logo Tenentes Médicos da “Força Expedicionária Brasileira” em operação na Itália.

Passo a transcrever um trecho do diário que escrevi quando já embarcado.

“(…) até que, uma noite recebi um telefonema do Samuel: O Ministério da Educação nos dera permissão para fazermos os exames finais e deveríamos começá-los imediatamente. Um ofício do Prof. Barros Terra pedindo permissão para que fizéssemos exames das cadeiras de frequência gerara essa solução, a melhor possível para nós. Em quatro dias fizemos todos os exames. Saímos regularmente em todos eles. Apesar de não termos, em algumas cadeiras, assistido a uma aula. A 7 de julho fizemos os últimos exames, Fisiologia e Clínica Médica, e descemos para a secretaria: nós quatro, o Prof. Terra, o Prof. Pedro da Cunha (Pedrão entre nós), os Profs. Mazini Bueno, Alcides Lintz, o Silvio Alvim de Lima, assistente do grande Pedrão, alguns colegas nossos – o Fernando Monteiro (gaúcho), o Kastrup, Chumbinho, Eulália, Arlete e Ester, e talvez mais alguns. A secretaria estava como sempre esteve. Todos trabalhando. O Prof. Terra reuniu-nos, então entre quatro mesas em torno de nós todos os presentes. Seria

³⁴ Livro em preparo relatando a experiência de guerra do veterano 1.º Ten. R/2 Médico Dr. Carlos Henrique Bessa, amigo de infância e colega de turma e da FEB do Dr. Samuel Soichet.



► 2014 – Cel. Mário Felizardo Medina, adido militar na Itália com Ten. Méd. Dr. Carlos Henrique Bessa, Veterano do 1.º BS. Acervo do Ten. Bessa.

a nossa colação de grau. Sei que jamais esquecerei das cenas que então se passaram: O Prof. Terra dizendo em voz comovidíssima o juramento que nós quatro, fardados de sargento, cansados por quatro dias de exames sucessivos, um tanto barbados, repetimos mais emocionados ainda. Colocando depois o anel em nossas mãos. ‘Podem exercer e ensinar a medicina’(…)”

Tentando depois dizer-nos algumas palavras, o velho Terra não conseguiu senão dizer que desejava que “fôssemos felizes”. As lágrimas encheram-lhe os olhos. Abraçou-se a um de nós e não disse mais nada. O Pedrão, que estava perto, fez o mesmo, muito mais vermelho que de costume, com olhos muito mais cheios d’água que quando ria. O Lintz, o Silvio, o Prof. Bastos D’Ávila, todos calados, olhos marejados, nos abraçaram. As nossas colegas, talvez mais comovidas que todos, ainda, faziam grupo com gaúcho e Kastrup; o pessoal da secretaria, o Dr. Darcy, inclusive, não diferente dos outros. Éramos “doutores para a guerra”, o Pedrão disse. Os outros convenceram-se disto; o Pedrão disse também que tinha sido a colação de grau mais comovente a que já havia assistido. O prof. Terra disse o mesmo e mais – que assistira a todas as colações de grau havidas na faculdade; nenhuma tão comovente como aquela feita entre papéis de uma secretaria desarrumada, de quatro rapazes despenteados, sem discursos nem representantes de autoridades.

Aos poucos, o grupo foi se dissolvendo; cada qual tomou seu rumo.

Adio Novak

Adio Novak nasceu em 12 de agosto de 1920, no Rio de Janeiro, filho de Motta e Vera Novak, tendo sido 3.º Sgt. da FEB, e transferido para a Reserva no posto de Capitão R/1 de Infantaria. Foi condecorado com as Medalhas de Guerra e de Campanha.

Frequentava a Sinagoga Beith Yacov de Copacabana na Rua capelão Alvares da Silva.

Seu filho Markus Novak e esposa Ana Lucia Novak tomaram a si a honrosa tarefa de preservar a memória deste dedicado ex-combatente, pela organização de um minucioso arquivo, que inclui fotos, DVD das suas apresentações no Rockefeller Center, recortes de jornais, quadros com medalhas, enfim, uma plêiade de valiosos documentos que ficam assim para a posteridade, alguns inclusive doados em vida por Adio para o Museu da FEB na Rua das Marrecas, a casa da FEB que Adio tanto prestigiava, tendo sido um dos primeiros sócios.

Adio embarcou para a Itália em 22 de setembro de 1944, integrando a tropa do QG do Gen. Olympio Falconiere da Cunha.

Na Itália, foi incorporado ao QG/I DIE. Foi ao *front* para combate na Itália, mas dadas as suas habilidade de fama internacional, foi requisitado para desempenhar atividades especiais, tais como servir de intérprete oficial entre os exércitos americano e brasileiro e atuar no Serviço Especial da FEB para entretenimento dos soldados brasileiros.

Formou o primeiro time de futebol da FEB, que teve como participantes os jogadores Perácio, Jeninho e o goleiro Gilmar, que se tornaram não só campeões do seu próprio time, mas também foram importantes jogadores do Botafogo.

Os judeus têm grande tradição nas artes, no teatro, na música, mas no que concerne a outras especialidades, como as que Adio praticava, a história já registra menor participação relativa. Na área dos grandes circos, houve importantes nomes judeus, principalmente na Europa Central, como inigualável Harry Houdini, que era um malabarista, contorcionista e mágico, conhecido como o rei das escapadas, na verdade, o judeu húngaro Erik Welaz, que deveria ter sido rabino, assim como seu pai, que morreu pouco depois de emigrarem para Nova Iorque.

Adio Novak foi o nosso Houdini, e recebeu como prêmio pela sua participação ativa e importante no Exército brasileiro uma viagem à Europa.

Em suas alterações militares oficiais consta um elogio do comandante da FEB, General Mascarenhas de Moraes pela sua participação especial na campanha da Itália, documento hoje incorporado ao acervo do Museu da FEB.

O Cap. Adio retornou ao Brasil em 28 de julho de 1945. Foi dos primeiros sócios da ANVFEB, sob n.º 813, e identidade militar 1G 258.731. Morava na Rua Raul Pompeia em Copacabana.

Este bravo soldado brasileiro faleceu em 7 de junho de 1988, e sua memória ficará eternizada como uma das glórias da comunidade judaica brasileira na sua contribuição à derrota do nazismo e restabelecimento das liberdades na Europa e no mundo.

Heitor Sennes Pinto

Heitor é outro ex-combatente oriundo das colônias estabelecidas no Rio Grande do Sul pelo Barão Hirsch.

Como 3.º Sargento, embarcou com o Centro de Reacompanhamento de Pessoal da FEB em 8 de fevereiro de 1945, retornando em 17 de setembro de 1945 com o DP – Depósito de Pessoal.

Foi transferido para a Reserva de 1.^a Classe em 3 de agosto de 1966.

Sua mãe, Dona Maria Zilberstein, já falecida, era conhecida na Colônia de Quatro Irmãos como uma pessoa de grande coração. Adotou diversas crianças pobres, a quem deu seu nome.

Seu primo Meyer Silverston cursou o CPOR-PA, em seguida escolheu e foi designado para prestar o Serviço no PqRMM/3, em Santa Maria/RS, onde residia seu primo irmão aposentado Maj. Heitor Sennes Pinto, e nos prestou o seguinte relato:³⁵

“(...) participei de muitos jantares e almoços de fins de semanas em sua casa. Sua esposa Adelaide era uma ótima cozinheira e o único filho, Caio, era um jovem muito simpático. Sempre me receberam com calor e fizeram-me sentir em família. Anos depois, quando eu já vivia em Israel, eles passaram a residir em Curitiba, onde os visitei em 2004. Apesar da diferença de idade, Heitor foi também um grande amigo (...)”

Henrique Schaladowsky

Henrique nasceu em 26 de abril de 1919 no Rio de Janeiro, filho de Samuel e Ana.

Na juventude, frequentou o Clube dos Cabiras e o Clube Azul e Branco.

Embarcou para a Itália como 2.^o Sargento do 9.^o Batalhão de Engenharia em 22 de setembro de 1944, retornando com a mesma unidade em 13 de agosto de 1945.

Sua unidade desempenhou relevante papel, como primeira tropa de Engenharia a atravessar o Oceano Atlântico para combater em outro continente, tendo Henrique pertencido à Companhia de Comando e Serviços, o primeiro elemento do 9.^o BE e da FEB a entrar em ação em 6 de setembro de 1944 no Teatro de Operações da Itália.

O 9.^o Batalhão de Engenharia de Combate foi criado pelo decreto nº 4.799, de 6 de outubro de 1942, e organizado no quartel do 1.^o Batalhão de Engenharia (atual BEsEng) na cidade do Rio de Janeiro, com efetivos locais, e do 2.^o Batalhão de Engenharia, na cidade mineira de Itajubá.

Deslocou-se para Aquidauana, no então Estado de Mato Grosso, no dia 1.^o de dezembro de 1942, ocupando, ao chegar, o aquartelamento já existente desde 1922, e que no momento era ocupado por um Grupo de Artilharia.

Em agosto de 1943, foi designado para compor a 1.^a Divisão de Infantaria Expedicionária da Força Expedicionária Brasileira (FEB), que lutaria na 2.^a Grande Guerra Mundial (1939-1945). Posteriormente à designação, seguiu para a cidade fluminense de Três Rios, a fim de realizar os treinamentos, visando o embarque para o Teatro de Operações da Europa.

Incorporado à 1.^a DIE/FEB, o 9.^o Batalhão de Engenharia participou da Campanha da Itália (1944-1945), durante a 2.^a Guerra Mundial, realizando

³⁵ E-mail de 9 de janeiro de 2013.

importantes trabalhos de engenharia e cooperando eficazmente nas conquistas de Monte Castelo, Castel Nuovo, Camaiore e Montese, além da manobra divisionária que culminou com a rendição incondicional da 148.^a Divisão de Infantaria alemã.

O livro *A FEB por seu Comandante* (1960), do Comandante das Tropas Brasileiras na Itália, Marechal Mascarenhas de Moraes, descreve a participação brasileira na 2.^a Guerra Mundial, durante a Campanha da Itália: “A primeira tropa brasileira a cumprir missão de combate em território italiano foi a 1.^a Cia. do 9.^o BE Comb. [9.^o Batalhão de Engenharia de Combate], comandada pelo Capitão Floriano Möller”.

Naquela oportunidade, uma das pontes construídas foi denominada “Aquidauana”.

Por seus gloriosos feitos na Campanha da Itália, a Bandeira Nacional do 9.^o Batalhão de Engenharia de Combate foi agraciada com as seguintes condecorações: Cruz de Combate 1.^a Classe, Ordem do Mérito Militar e Medalha Italiana “Valore Militare”.

Após à chegada ao Brasil, o 9.^o Batalhão de Engenharia de Combate foi desmobilizado, e reduzido a uma companhia. Durante a desmobilização, em 1945, o comandante do Batalhão na Campanha da Itália, Coronel Machado Lopes, percebeu a importância histórica da participação do 9.^o BE Comb. na 2.^a Guerra Mundial, guardando consigo parte dos arquivos históricos da Campanha na Itália, que serviram posteriormente para a criação do Museu do 9.^o BE Comb., hoje denominado Museu Marechal José Machado Lopes, em homenagem ao seu insigne comandante.

Em 1956, o então Presidente da República, Juscelino Kubitschek, restabelece o 9.^o Batalhão de Engenharia de Combate, com a designação histórica de “Batalhão Carlos Camisão”, homenagem ao insigne comandante da “Retirada da Laguna”.

Henrique recebeu a Medalha de Guerra e a Medalha de Campanha.

Na vida civil, Henrique dedicou-se ao comércio, tendo sido empresário de uma cadeia de lojas de eletrodomésticos.

Falecido em 13 de março de 1967.

Jacob Chapier Sobelman

O capitão QOA Jacob Chapier Sobelman era irmão do também militar Ten.-Cel. Marcos Chapiro, ambos nascidos em Santa Maria da Boca do Monte/RS. Jacob nasceu em 14 de março de 1910 e faleceu em Caçapava/SP em 14 de agosto de 1961, deixando a esposa e três filhos. Tinha descendência judaica dos Aronis pela parte paterna e Chapier (Chapiro ou Shapiro) pela parte materna.

Paulo Sobelman, que consta como pai nos documentos do veterano, foi na verdade seu tutor, de quem por gratidão ele adotou o sobrenome.

Jacob era filho de Benjamin Chapiro e Rosa Chapiro. Seus avós paternos eram Chabse Chapiro e Perel Chapiro, e avós maternos Mendel Aronis e Amalia Aronis.

Sua mãe imigrou da Bessarábia com os pais em 1904, chegando na Colônia Phillipson em Santa Maria da Boca do Monte/RS com 17 anos. Era a primeira



► Capitão QAO Jacob Chapier Sobelman, integrante da FEB no 6.º RI de Caçapava/SP. Acervo da família.

leva que veio da Europa, no âmbito do projeto visionário do Barão Hirsch, que estimulou a imigração judaica para o Sul do Brasil e Norte da Argentina, a fim de que tivessem mais oportunidades numa terra sem discriminação religiosa.

Os irmãos ficaram órfãos, os avós já haviam morrido e encontraram na carreira militar que abraçaram um futuro promissor.



► 1945 – Subtenente Jacob Chapier Sobelman (D.), com a FEB na Itália. Acervo da família.

A mãe de Jacob está sepultada no Cemitério Israelita de Santa Maria, onde recentemente a bisneta de Rosa, Fátima Chapier Bellini Scarpelli, visitou sua sepultura.

Ainda hoje há familiares dos irmãos Jacob e Marcos em Santa Maria.

Conforme documentos oficiais expedidos pelo 6.º Regimento de Infantaria (Regimento Ipiranga), participou da Segunda Guerra Mundial, tendo sido duplamente corajoso por lutar pela Pátria na condição de filho de judeus.

Durante a Campanha Brasileira na Itália, era 1.º Sargento, sendo incorporado em maio 1944 à Cia. de Canhões Anticarro do 6.º RI de Caçapava/SP, como Sargenteante. Já na Itália foi promovido a Subtenente e transferido para a Cia. de Serviços. O 6.º RI era comandado pelo Cel. João de Segadas Viana.³⁶

Sobelman serviu em Caçapava/P, Três Corações/MG e Sorocaba/SP.

Nos registros da Associação Nacional de Veteranos da FEB consta ter embarcado em 2 de julho de 1944 integrando o 6.º Regimento de Infantaria e retornado em 18 de julho de 1945, com o 1.º Escalão – 6.º RI – Órgãos Regimentais.

A opção pelas colônias Phillipson em Santa Maria da Boca do Monte

O antissemitismo grassava na Rússia czarista e Polônia. Entre os que tentaram amenizar o sofrimento de seus irmãos, destacou-se o Barão Maurice de Hirsch. Descendente de antiga família de banqueiros e industriais da Baviera, destacou-se como financista em Bruxelas, e fez fortuna construindo ferrovias para o então poderoso Império Otomano.

³⁶ Disponível em: www.portalfeb.com.br/1o-sgt-jacob-chapier-sobelman/ Acesso em: 6 jan. 2014. Colaboradora: Fátima Chapier Bellini Scarpelli (neta do Cap. Sobelman).



► 2014 – Cemitério Judaico da Colônia Phillipson, Itaara/RS (antigo distrito de Santa Maria da Boca do Monte), onde se encontram sepultados pais e avós de diversos militares mencionados neste livro. Acervo do autor.



► 1979 – Placa comemorativa da restauração do Cemitério Israelita da Colônia Phillipson em Itaara/RS (antigo distrito de Santa Maria da Boca do Monte), no 75.º aniversário da chegada dos imigrantes em 1904, na qual figura o nome do General Marcos Kruschin. Acervo do autor.

Nas suas andanças pelas obras, constatou como seus correligionários sofriam castigados pelo isolamento e pela miséria que lhes impunham as autoridades. Os judeus eram pobres e Hirsch, juntamente com sua esposa Clara de Bischoffsheim, tentou minorar esta situação. A perda do único filho determinou o lançamento de todas as energias e fortuna do casal num dos esquemas filantrópicos mais extraordinários da história.

A *tzedaká*³⁷ passou a ser o centro de suas vidas. O Barão fundou a Jewish Colonization Agency, que comprava terras no interior do Brasil e Argentina, pagando as passagens dos judeus que quisessem imigrar e se transformarem em agricultores.

Mais de um século já se passou desde que os primeiros judeus chegaram a Phillipson. No cemitério, as inscrições do singelo monumento, que ainda santifica o ambiente, com sua coluna de tijolos:

*“aos imigrantes...
que nos legaram uma fé indestrutível...
e uma terra de paz e liberdade...”*

Assim, no então 2.º Distrito de Santa Maria, depois nomeado Itaara, de 1904 a 1920 floresceu uma pequena mas pujante comunidade judaica, no Rio Grande do Sul, que acolheu italianos, alemães, e tantos outros.

Nos tempos duros, tiveram que escapar das perseguições no outro lado do mundo, eram nomes desconhecidos, de difícil pronúncia. Batalharam de sol a sol nestas terras, fazendo mais do que jus à determinação divina: “Ganharás o teu pão com o suor do próprio rosto”.

³⁷ Hebraico: caridade, a que todo judeu está obrigado, pela Lei de Moisés

As dificuldades da época e a terra improdutiva determinaram que muitos desistissem, embora até hoje ainda existam descendentes na região, que possui dois cemitérios e uma sinagoga. Sabiamente, o governo reconheceu a importância do local e, considerando o que a comunidade judaica representou para evolução e crescimento da cidade, decretou o tombamento pelo Patrimônio Histórico.

Foi significativa a contribuição dos descendentes dos judeus trazidos pelo Barão Hirsch, para a sociedade, inclusive as Forças Armadas. Basta perpassar as folhas desta obra, que abriga alguns de seus nomes, de Soldado a General.

***Depoimento da neta do Cap. QOA Jacob Chapier Sobelman
D.^a Fátima Chapier Bellini Scarpelli³⁸***

Gostaria de incluir nesta notável lista o nome de meu avô, na época 1.º Sgt. Jacob Chapier Sobelman, judeu, nascido em Santa Maria da Boca do Monte/RS.

Lamentamos muito não poder esclarecer mais sobre sua família, porém seus pais são de origem judaica, e tanto ele como seu irmão, Ten.-Cel. Marcos Chapire, militar que serviu na cidade do Rio de Janeiro, também falecido, foram criados por tutores diferentes (por isto a diferença na grafia do sobrenome), já que perderam a mãe, Sra. Rosa Chapier, quando eram crianças. Meu avô Jacob Chapier Sobelman faleceu quando eu tinha 3 anos e a família tem poucas informações sobre sua vida.

São seus filhos Clelia Chapier Bellini (minha mãe), Edi Chapier Azevedo e Paulo Sobelman Chapier.

Os irmãos Marcos e Jacob eram Aronis por parte de mãe e Chapire (que julgavam ser Schapiro na grafia original) por parte de pai. Paulo Sobelman que consta como pai, foi realmente tutor, de quem por gratidão adotou o sobrenome.

Algumas pessoas de seu círculo de relacionamento em Caçapava eram o Sr. Simon Furman, Sr. José Zlochevsky e Sr. Idel Aronis advogado em SP, todos já falecidos.

Embora não tenhamos sido criados na fé judaica, nós, seus descendentes, temos muito orgulho de sua origem.

Atenciosamente, Fátima Chapier Bellini Scarpelli

Jacob Perelmann

Jacob nasceu em 29 de junho de 1920, filho de Marcos e Sabina Perelman.

Embarcou para a Itália em 23 de novembro de 1944 com o Depósito de Pessoal da FEB, retornando em 17 de setembro de 1945 com a mesma unidade. Era 3.º Sargento.

Jacob Perelman, Sargento de Niterói, falando em iídiche quando estava de guarda a prisioneiros alemães da 148.^a Divisão de Infantaria, que se rendeu a FEB, disse-lhes que era judeu e que poderia matá-los, mas que não o faria porque não era como eles:

³⁸ D.^a Fátima Chapier Bellini Scarpelli é engenheira civil, reside em Caçapava/SP, tendo enviado seu depoimento por e-mail de 26 out. 2010

“Se fossem vocês que tivessem me aprisionado, teriam me matado aqui ou em um campo de concentração, pois eu sou brasileiro e judeu. E é exatamente por ser brasileiro e judeu que eu não vou fazer isso com vocês”.

Em 15 de maio de 1945, gozando de licença em Florença, encontrou casualmente soldados da Brigada Judaica da Palestina, Moiche Lerner e H. Bana, com quem confraternizou na ocasião, juntamente com o Soldado Nilton, da sua unidade.

Uma Brigada Judaica participou da Segunda Guerra Mundial, junto aos ingleses no leste da Itália, perto de Riccione, onde há um Cemitério que reúne todos os mortos.

Integrava os chamados “Exércitos menores” (havia também os canadenses e malteses lutando naquela área) que participaram da libertação da Itália.

Em 6 de junho de 1945, foi elogiado individualmente pelo Comandante do 2.º Batalhão, Major Walter da Silva Torres. Jacob era de Niterói/RJ, e no seu retorno o Círculo Israelita de Niterói promoveu uma festa de boas-vindas em sua homenagem, em agosto de 1945, na qual ele aparece na foto com mais dois militares, não tendo sido possível esclarecer se eram também da FEB e judeus ou não.

Foi licenciado do serviço ativo em 2 de setembro de 1947.

Na vida civil foi Assessor Parlamentar do Senador e Marechal Caiado de Castro, no Palácio Monroe, antiga sede do Senado no Rio de Janeiro, no período de 1957-1960.

Era sócio fundador da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, matrícula 295. Recebeu a Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes, concedida pela ANVFEB. Era bastante ativo junto à associação.

Faleceu prematuramente em 2 de abril de 1973, aos 53 anos, de doença incurável.

Capitão QOA Rafael Eshriqui

Rafael Eshriqui (29/6/1905-15/10/1972) era filho de Manoel Eshriqui e Raymunda de Jorge, casado com Eunydia Eshriqui. Rafael era 1.º Sargento, tendo embarcado em 22 de setembro de 1944 integrando o QG do General Olympio Falconiere da Cunha, e retornado em 22 de agosto de 1945 integrando a Tropa do QG da 1.ª DIE – Divisão de Infantaria Expedicionária. Há uma foto de Rafael na Itália onde faz uma dedicatória ao Ten. Moyses Chahon.

Foi admitido no QOA – Quadro de Oficiais de Administração – Data de 1.º Praça em 4 de julho de 1923, 2.º Praça em 17 de setembro de 1932. Promovido a 2.º Ten. QAC em 25 de agosto de 1947, 1.º Ten. em 25 de março de 1953, Capitão em 28 de janeiro de 1958. Condecorações: Medalha de Campanha; Medalha Militar Passador de Ouro (S1); Medalha de Guerra; Medalha do Pacificador.³⁹

³⁹ Almanaque do Exército, 1960, p. 913.

Fé de Ofício:⁴⁰

- ▶ 1923 – Regimento Sampaio.
- ▶ 1927 – Ajudante da Casa das Ordens.
- ▶ 1941 – Colégio Militar, adido.
- ▶ 1944 – Campanha da Itália com a FEB, embarcado em 19/9/1944 e retornado em 22/9/1944.
- ▶ 1946 – Aprovado no Curso Regional de Aperfeiçoamento de Oficiais.
- ▶ 1947 – Regimento Sampaio. 2.º Ten. adido.
- ▶ 1948/49/50/51/52 – Comandante do Contingente da Secretaria Geral.
- ▶ 1956 – Chefe de Seção.

Carleto Bemerguy

Não foi possível fazer contato ou identificar familiares ou pessoas que pudessem falar sobre Carleto Bemerguy. As pesquisas também não revelaram mais detalhes. Entretanto, outros membros da Comunidade Judaica o identificaram como tal, informando ter ido à guerra, ignorando seu paradeiro atual.

Os registros da Associação Nacional de Veteranos da FEB dele dizem ter sido Soldado, tendo embarcado em 8 de fevereiro de 1945 integrando o CRP – Centro de Reacomodamento de Pessoal, e retornado em 22 de agosto de 1945 no 1.º Regimento de Infantaria, Regimento Sampaio.

Isto significa que após algum tempo na retaguarda, recebendo instrução, foi mandado à linha de frente para suprir uma baixa, incorporando-se ao 1.º I.⁴¹

David Lavinski

1944. David estava acantonado no Forte de Campinho, subúrbio do Rio de Janeiro, com o seu Grupo de Artilharia. Embarcou em 22 de setembro com o 2.º e 3.º dos cinco escalões da FEB, integrando o Grupamento General Cordeiro de Farias, Comandante da Artilharia Divisionária da FEB. Era véspera de Yom Kippur. A bordo do navio da Marinha Americana, U.S.S. General W. A. Meenor, de transporte de tropas, o gaúcho de Quatro Irmãos, David Lavinski, ouviu pelo fonoclama um rabino capelão naval americano convocando os judeus que estivessem a bordo para o “Kol Nidrei”⁴².

Compareceram 30 militares da fé mosaica, entre brasileiros e americanos. A cerimônia teve de ser interrompida pela ameaça de ataque de submarinos nazistas, e o navio começou a navegar em zigue-zague, o que provocou enjojo em muitos expedicionários, inclusive David, que se julgava um homem valente, tendo sido a única ocasião em toda a sua vida que sentiu medo, muito medo.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Segundo Isaac Oeiras Pires – 3.º Sgt. R/1 (responsável pelo acervo documental Seção do Serviço de Inativos e Pensionistas do Comando da 8.ª Região Militar).

⁴² O “Kol Nidrei” é uma oração que inicia o Yom Kipur.

David era cabo, servindo no I Grupo do 2.º Regimento de Obuses Autorrebotado (I/2.º ROAuR). Pertence a uma família de agricultores judeus que até hoje se dedica ao plantio de soja e trigo no Rio Grande do Sul. Nasceu na antiga Erechim, hoje município de Getúlio Vargas, em 5 de março de 1920, filho de Gregório e Sara.

Como outros veteranos judeus, David descende de imigrantes que vieram da Rússia no projeto financiado pelo Barão Maurice de Hirsch, que fundou a Jewish Colonization Agency, que comprava terras no interior do Brasil, Argentina, Estados Unidos e Canadá, e pagava as passagens dos judeus que quisessem sair da Europa sofrida e se transformarem em agricultores naquelas terras abençoadas, carentes de povoação e mão de obra, onde prosperariam e conservariam suas ricas tradições.

Havia acabado de prestar o serviço militar e dado baixa como cabo telegrafista e motorista quando o Brasil declarou guerra aos países do Eixo. Era reservista de 1.ª categoria quando, em 14 de fevereiro de 1944, foi incorporado como voluntário ao estado efetivo do grupo, sendo promovido a Cabo Metralhador.

Alistou-se como voluntário e aceitou a função de soldado “para evitar a extinção do povo judeu”, segundo suas próprias palavras. Até o dia em que, já embarcado no navio norte-americano que transportava o contingente militar brasileiro para a Itália, foi chamado pelo alto-falante para a cerimônia do Yom Kipur, não conhecia outro judeu que tivesse participado da FEB.

Já no *front*, Lavinski participou de toda a campanha da Itália dirigindo caminhões que transportavam munição para as unidades de artilharia. Trata-se do Grupo Bandeirante, antigo I Grupo do 2.º Regimento de Obuses 105 mm de Quitauna, hoje transformado no 21.º Grupo de Artilharia de Campanha Leve de Barueri, a unidade que até hoje comemora a última missão de tiro na Itália, a 1h45 da madrugada do dia 29 de abril de 1945, coincidindo com a rendição da 148.ª DI alemã.

David foi elogiado pelo Capitão Comandante da 2.ª Bateria, Walmicki Ericsson, nos seguintes termos: “Agradeço e louvo o Cabo David Lavinski pela eficiência e cooperação na marcha e ocupação de posição na noite de 13 para 14 de novembro de 1944.”

Em 15 de junho de 1945, recebeu mais um elogio individual do Cmt. Bia:

“O Cabo David Lavinski, metralhador durante toda a Campanha da Europa, mostrou ser um subordinado disciplinado, zeloso com o material que lhe foi distribuído, sempre pronto para atender às ordens e de eficiente manejo da sua metralhadora. Apesar dos rigores do inverno, sempre esteve alerta de sentinela. É um cabo cioso de suas funções dotado de espírito militar e, sobretudo, de boa educação.”

Em 20 de junho foi novamente elogiado individualmente pelo Cmt. Bia nos seguintes termos:

“O Cabo 456 David Lavinski, metralhador, pela atuação que teve no desempenho das suas funções na ofensiva da primavera que começou com o ataque ao triangulo Montese-Montelo – Monte de Bufani, e culminou com o ataque as

rotas do inimigo na Itália. Sempre que necessário estava a postos, conservando em bom funcionamento as metralhadoras que lhe foram confiadas, disciplinado, honesto, trabalhador e tem perfeita consciência do cumprimento do dever.”

Em 5 de julho, o Exmo. Sr. Major General U. S. Army Willis D. Crittenberg conferiu-lhe o título de Membro Honorário do IV U. S. Army Corps.

Em 15 de agosto, já no Brasil, foi licenciado do serviço ativo do Exército, indo residir em Erebangó/RS. Hoje reside em Belo Horizonte/MG.

Por ter participado das operações de guerra na Itália, David foi condecorado pelo Presidente da República com a Medalha de Campanha pelos relevantes serviços prestados ao esforço de guerra, em diploma assinado pelo Ministro da Guerra, General Pedro Aurélio de Góis Monteiro.

Elias Niremberg

Elias nasceu em 14 de setembro de 1919, tendo embarcado em 8 de fevereiro de 1945 integrando o CRP – Centro de Reacompanhamento de Pessoal, e retornado em 18 de julho de 1945 integrando a Tropa do QG. Consta que, por dominar a língua inglesa, atuou como intérprete junto aos Altos Comandos da FEB e do V Exército americano. Elias teria sido motorista do Marechal Mascarenhas de Moraes. Residia em Porto Alegre/RS, tendo sido um dos introdutores do sinteco (Synteko) no Brasil, gozando de boa situação financeira, o que lhe teria permitido auxiliar a Regional de Porto Alegre da Associação de Veteranos, sendo bastante ativo e comparecendo assiduamente aos encontros nacionais.

O uso do sinteco foi uma criação de Nissim Castiel, um gênio da área técnica – nome de rua em Gravataí. Elias Niremberg era seu sócio e conseguiu arrecadar milhões e se instalar em Gravataí.

Foi presidente da Federação Israelita do Rio Grande do Sul, por sinal um ótimo dirigente. Quando da realização no Rio de uma grande homenagem aos heróis brasileiros judeus da Segunda Guerra, de relevante grandiosidade e que deu origem ao livro Soldados que vieram de longe, Elias ainda vivia, em Porto Alegre. Tentei contatá-lo, através de um amigo comum, para que recebesse a homenagem em vida, mas ele estava velho e sozinho. Não tinha família e era cuidado por uma senhora que se apiedara da sua situação. Tinha sido herói de guerra, grande empresário e presidente da FIRS [Federação Israelita do Rio Grande do Sul], mas morreu só e esquecido.⁴³

Samuel Safker

Samuel foi Cabo da FEB, tendo embarcado em 22 de setembro de 1944 integrando o QG do General Olympio Falconiere da Cunha, e retornado em 22 de agosto de 1945 integrando a Tropa do QG da 1.ª DIE – Divisão de Infantaria Expedicionária. Residia no Rio de Janeiro, onde faleceu aos 81 anos, em 27 de dezembro de 2001.

⁴³ Depoimento por e-mail, de 14 de agosto de 2014, do médico e ativista Nelson Menda, nascido em Santa Maria/RS.

Saul Antelman

Saul nasceu no Rio de Janeiro em 3 de dezembro de 1921, filho de Isaac e Maria Antelman. Moravam na Rua 24 de Maio, estação do Riachuelo, onde Saul se alistou no Tiro de Guerra 140, da 1.^a Região Militar, convertendo-se no Atirador n.º 123 da classe de 1939.

A guerra iria estourar em 1.º de setembro do mesmo ano.

Como reservista pelo TG 140, turma de 1939, Saul foi convocado em 1943. Serviu no I RCD, II RMM, QG da I DIE, atingindo a graduação de Cabo QMG 02 Cavalaria, QMP 001 – Combatente, durante a Campanha da Itália, no período de 6 de outubro de 1944 a 11 de agosto de 1945, com dois anos cinco meses e 29 dias de tempo de serviço militar, de 2 de março de 1943 a 31 de agosto de 1945.

Saul embarcou para a Itália no navio americano de transporte de tropas Mariposa, em 22 de setembro de 1944, integrando o QG do General Falconieri, retornando em 22 de agosto de 1945 com a mesma unidade.

Por ter participado das operações de guerra na Itália, Saul foi condecorado pelo Presidente da República com a Medalha de Campanha pelos relevantes serviços prestados ao esforço de guerra.

Saul trabalhou na Cia. T. Janer, foi o seu segundo emprego após retornar da Itália, e onde se aposentou como contador, formado pelo Instituto Comercial do Rio de Janeiro, em fevereiro de 1943.

Tradicional empresa, Saul aparece no ambiente contábil que hoje não existem mais, no qual inúmeros profissionais se dedicavam a escriturar a vida das empresas, nas antigas máquinas mecânicas de contabilidade.

Saul foi reformado em 17 de julho de 1979, e residia na Barra da Tijuca, no Rio, onde faleceu em 21 de agosto de 1999, aos 77 anos.

Moisés Gitz

Moisés nasceu em Cruz Alta/RS, em 25 de outubro de 1925, filho de Firmina Silverston Gitz e Salomão Gitz. Moisés estudou no Heder (escola judaica) e frequentou o Círculo Israelita de Porto Alegre. Na juventude, era vendedor, até ser incorporado à FEB como Cabo, tendo embarcado em 8 de fevereiro de 1945 integrando o CRP – Centro de Reacompanhamento de Pessoal, e retornado em 17 de setembro de 1945 com o DP/FEB, Depósito de Pessoal da FEB, tendo sido licenciado em 2 de outubro de 1945. Seu Comandante foi o Coronel Arquimino de Carvalho.

Pelo lado materno, Moisés descende de escoceses e ingleses, sendo seus avós Moritz e Rachel Silverston. Seu bisavô era o Rabino Jacob Silverston, que no começo do século passado planejou o arruamento da cidade de Petach Tikva em Israel.

Moritz trabalhava como gerente de uma fábrica, Water-Pool, cujo proprietário era seu irmão. Moritz tinha ideias socialistas, e desentendimentos com o irmão em função de uma greve determinaram seu afastamento, tendo emigrado para a Argentina em 1880 e de lá para o Brasil em 1912.

Moisés Gitz faleceu em 31 de maio de 2012 aos 86 anos de idade, em Porto Alegre/RS, onde residia.

Cap. Méd. Dr. Milton Weinberger⁴⁴

Dr. Milton Weinberger faleceu em 5 de março de 1993, aos 89 anos, de pneumonia. Último membro fundador vivo da Sociedade Brasileira e Latino-Americana de Ortopedia e Traumatologia, além de ser membro emérito da Sociedade Internacional de Cirurgia, Ortopedia e Traumatologia. Foi médico da FEB, tendo recebido condecorações dos exércitos brasileiro e americano. Foi elogiado pelo Chefe do Serviço de Saúde do 5th U. S; Army – Exército Norte Americano, na Itália. Desenvolveu aparelhagem para tração de fraturas da mão. Foi eleito médico do ano em 1984 pelos serviços prestados à Medicina e de técnicas desenvolvidas para cirurgias de recuperação de amputados.

Israel Bona

Nos registros da Associação Nacional de Veteranos da FEB, verificamos ter sido Soldado, oriundo do Sul do Brasil, tendo embarcado em 8 de fevereiro de 1945 integrando o CRP – Centro de Reacomodamento de Pessoal e retornado em 17 de setembro de 1945 no DP – Depósito de Pessoal.

Consta ter sido reformado em 6 de março de 1978.

Donald Cohen Marques

Era Oficial da Arma de Infantaria, formado na Escola Militar do Realengo. Consta que teria deixado o Exército após a guerra, e se radicado em São Paulo, onde exerceria a atividade de corretor.

O nome Cohen designa em hebraico a casta sacerdotal do Templo de Salomão.

⁴⁴ Jornal do Brasil, 6 mar. 1993.

CAPÍTULO 18

Exército Brasileiro – Ex-combatentes na Defesa do Litoral

Ex-Combatente do Litoral é aquele que participou de missões de segurança na costa brasileira, ilha de Fernando de Noronha ou transportado em navios escoltados por navios de guerra. Abrange os que tiveram participação efetiva em missões de vigilância e segurança do litoral, como integrante da guarnição de ilhas oceânicas ou de unidades que se deslocaram de suas sedes para o cumprimento daquelas missões; tripulantes de aeronaves engajados em missões de patrulha; tripulante de navio de guerra ou mercante, ou que tenha participado de comboio de transporte de tropas ou de abastecimentos, ou patrulha; integrante de tropa transportada em navios, escoltados por navios de guerra.

Basicamente, são aqueles que não seguiram para a Itália com a FEB.

O Brasil na mira dos nazistas

É oportuno lembrar que em princípios da década de 1940 uma possível invasão do território nacional não estava descartada, pelo estabelecimento de bases militares do Eixo, possivelmente no Nordeste, região com poucas defesas e fora do alcance da aviação americana baseada no Caribe, além do difícil acesso para as tropas brasileiras estacionadas em sua maioria no Sul. As ilhas de Fernando de Noronha e Trindade seriam alvos prioritários, dada sua especial adequação para bases navais e de submarinos.

Os planos de Hitler para a uma Alemanha Austral na Argentina, Chile e Brasil eram similares àqueles implementados nos Sudetos, Áustria e Polônia, já que na América Latina também havia grandes colônias germânicas, quistos raciais pelos quais se transformariam aqueles países em celeiros e reserva de matérias-primas para o III Reich. O Brasil era o maior consumidor não europeu de produtos alemães, e o nono em escala mundial. A Lufthansa operava no Brasil, possuindo 100% da mais antiga empresa aérea brasileira, a Condor, e tinha participações na VARIG e VASP. Existiam dezenas de filiais do partido nazista espalhadas pelo Brasil e coordenadas pela embaixada alemã.

Em vista de tudo isso, o presidente Roosevelt, eleito para um terceiro governo, chegou a cogitar a chamada operação Pot of Gold, prevendo o envio de 100 mil soldados para ocupar pontos estratégicos de Belém ao Rio de Janeiro. Entretanto, a operação jamais ultrapassou o estágio de planejamento preliminar, substituída por conversações que viriam a permitir o estabelecimento de bases navais e aéreas americanas no Brasil.⁴⁵

Fernando de Noronha chegou a ter 3 mil soldados, vivendo em más condições, já antes do início da guerra. Não havia plantações, nem água suficiente, além das doenças e da falta de alojamento. O Comandante da Defesa Oceânica brasileira foi o General Tristão de Alencar Araripe.

General de Divisão Engenheiro Militar Aarão Benchimol

Filho de Isaac Aarão Benchimol, Aarão nasceu em Belém em 4 de maio de 1912. Casou-se com D.^a com Raquel Baratz. Seu irmão Elias Isaac Benchimol foi Coronel de Infantaria. O filho Isaac, nascido em 7 de abril de 1937 é Capitão de Mar e Guerra da Reserva.

Ingressou na Escola Militar do Realengo em 1930, onde optou pela nobre Arma Ligeira, a Cavalaria. Com a modernização do Exército, tirou diversos cursos de especialização nos Estados Unidos, servindo durante a guerra no Recife e em Fernando de Noronha. Em 1962, foi promovido a General de Divisão, por merecimento.

Praça de 24 de março de 1930, foi declarado Aspirante a Oficial da Arma de Cavalaria em 25 de janeiro de 1934, promovido a 2.º Ten. em 30 de agosto de 1934, 1.º Ten. em 7 de setembro de 1936, Capitão em 9 de outubro de 1942, Major em 25 de março de 1951 (por antiguidade) e Ten.-Cel. em 25 de julho de 1954 (por merecimento).

Entre outras, recebeu a Medalha Militar com Passador de Prata (S3), Medalha de Guerra e Medalha do Pacificador.

Tirou os cursos de Cavalaria, Regulamento de 40; Centro de Instrução Motomecanizada (CIMM); Engenheiro Industrial de Armamento da Escola Técnica do Exército, atual IME, Curso Superior de Guerra (ESG); Suprimento Material Bélico, Organização da Manutenção – CMB San Antonio, Texas, EUA.

Em linhas gerais, assim se desenvolveu sua carreira militar:

- ▶ 1936 – 2.º Ten. – CPOR/DF.
- ▶ 1939 – Oficial Subalterno do Grupamento Escola Motomecanizado, Centro de Instrução de Motorização e Mecanização – Vila Militar/RJ.
- ▶ 8 de março de 1944 – 16 de outubro de 1945 – Capitão Comandante do Parque Regional de Motomecanização da 7.ª RM – Recife (que foi pioneiro dos parques no Brasil, criado em 12 de dezembro de 1941 pelo Presidente Vargas, com sede no Rio de Janeiro. Foi transferido para o Recife/PE em fevereiro de 1942).

⁴⁵ BLAJBERG, Israel. 1942 – Um ano singular – Os 70 anos dos torpedamentos e da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. I SENAB – GM, MMCL – Rio de Janeiro, ago. 2012.



► 1945 – Capitão de Cavalaria Aarão Benchimol, Comandante do Parque Regional de Motomecanização da 7.^a RM – Recife, pioneiro dos parques no Brasil. Acervo do Parque RMM/7.

- 1947 – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Matriculado na Escola Técnica do Exército, Curso Industrial e de Armamento
- 1951 – Ajudante da 2.^a Divisão – Lab. Químico. Medalha de Guerra, por ter contribuído com o esforço de guerra do Brasil.
- 1953 – Diretoria de Estudos e Pesquisas Tecnológicas do Ministério da Guerra. Transferido no 2.^o semestre para a Fábrica de Realengo, como Membro da Comissão de Recebimento de Material.
- 1955 – Medalha do Pacificador.
- 1958/59 – Assessor Técnico da Comissão Permanente de Material e Pesquisas Militares do Estado-Maior.
- 1959/60 – Escola Superior de Guerra. Estagiário do CMN – Curso de Mobilização Nacional. Turma 1959 – Patrono: Clóvis Bevilacqua. (Neste mesmo ano, o V Alm. Boris Markenson cursou o CEMCFA – Curso de Estado-Maior e Comando das Forças Armadas.)
- 1960 – Ministério da Guerra, Depto. de Provisão Geral. Diretoria Geral de Material Bélico.
- 1961 – Ordem do Mérito Militar.
- 1962 – Transferido para a Reserva.

A Turma de Aspirantes da EMR de 25 de janeiro de 1934, a qual pertenceu o Gen. Aarão Benchimol, teve integrantes que se tornaram conhecidos, como os Generais Moacyr Barcellos Potyguara, Tasso Vilar de Aquino e Lauro Stein Stoll. Também de turma próxima era a do Gen. Raphael Zipin, Aspirante de 22 de dezembro de 1932.

Gen. Aarão era membro da União Israelita Shel Guemilut Hassadim⁴⁶, datando de 1840, a mais antiga Sinagoga do Rio de Janeiro, a qual presidiu de 1968 a 1970, sendo posteriormente membro do Conselho Deliberativo em 1972.

Cel. Inf. Elias Isaac Benchimol

Filho de Isaac Aarão Benchimol, nasceu em 17 de julho de 1919. Admitido na Escola Militar do Realengo em 12 de abril de 1937, sendo declarado Aspirante a Oficial da Arma de Infantaria em 12 de dezembro de 1939. Foi promovido a 2.º Ten. em 25 de dezembro de 1940, 1.º Ten. em 9 de outubro de 1942, Capitão em 25 de junho de 1945 e Major em 25 de janeiro de 1953 por merecimento.

Entre outras, recebeu a Medalha Militar Passador Bronze (S3); Medalha de Guerra (MG); Medalha do Pacificador (MPac). Coursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EAO) e ECEME – Estado-Maior (EM42)⁴⁷.

Sua neta Lorena Benchimol de Veloso estudou dois anos para se (re)converter ao judaísmo no Rio de Janeiro, onde hoje habita. Eis suas palavras de admiração do saudoso avô:⁴⁸

Elias Isaac Benchimol, Zichrono Livracha⁴⁹, nascido em Belém do Pará, em 1919, filho de Ordoenha Cohen Benchimol e Isaac Aarão Benchimol, em família

⁴⁶ União Israelita de Ajuda aos Necessitados – <http://sinagogashel.com/historico.html>

⁴⁷ Almanaque do Exército, 1960, p. 112.

⁴⁸ Informações de sua neta Lorena Benchimol de Veloso, por e-mail de 23 dez. 2014.

⁴⁹ Hebraico – de abençoada memória.



► 1925 – O menino sentado com seus irmãos, em Belém, viria a ser o Coronel Elias Isaac Benchimol. Acervo de sua neta Lorena Benchimol de Veloso.



► 1940 – Aspirante a Oficial de Infantaria Elias Isaac Benchimol. Acervo de sua neta Lorena Benchimol de Veloso.

de judeus sefarditas oriundos do Marrocos (Tanger), que estabeleceu raízes na Amazônia como donos de seringais.

Ordoenha Cohen Benchimol e Isaac Aarão Benchimol tiveram sete filhos, dentre eles, Elias Isaac Benchimol.

Quando eclodiu a 2ª Guerra, foi voluntário. Contra sua vontade, já que desejava ir à Itália, foi enviado para defender as costas do país em Santa Catarina.

Passou para a Reserva em 1961 como Coronel, saudado sempre como oficial de alto gabarito pela dedicação profissional, inteligência e elevado patriotismo. Ao casar com Odette Lobato Benchimol, de tradicional família de fazendeiros na Ilha de Marajó, Elias passou também a gerenciar fazendas de bubalinos e bovinos.

Gostava de Paris e Lisboa (onde havia vivido quando menino) e admirava Nova York e Las Vegas. Muito pouco chegou a excessos, pelo contrário, foi pessoa simples, afável e discreta, preocupando-se com saúde, exercícios diários e sempre dedicado à correta alimentação. Fez tsedaká⁵⁰ toda sua vida, ajudando seus empregados e parentes. Foi a principal fonte de inspiração e apoiador da neta Lorena Benchimol de Veloso, que na ARI – Associação Religiosa Israelita, em Botafogo/RJ, fez a sua Aliah Torah⁵¹ em 2011, após dois anos de estudos.

Amante de línguas (poliglota) e do Direito, ele nos deixou em 18 de maio de 2012, aos 92 anos, numa noite de Shabat. Sua esposa, duas filhas e dois netos, com a ajuda de D'us, continuarão honrando sua memória procurando seguir seus inesquecíveis exemplos e ensinamentos.

⁵⁰ Hebraico – caridade.

⁵¹ Hebraico – Subida à Torá – honra concedida na sinagoga, de leitura da Torá diante da Congregação.

Waldemar Rosenthal

Waldemar nasceu no Rio de Janeiro em 20 de agosto de 1921, filho de Julio e Rebeca Rosenthal.

Durante a guerra, integrou a 1.^a Bateria do 2.^o Grupo de Artilharia de Dorso, a qual em 1942, após a declaração de guerra do Brasil aos países do Eixo, deslocou-se de sua sede em Jundiá/SP para São Sebastião, no litoral paulista, formando com o 2.^o Batalhão do 5.^o Regimento de Infantaria de Lorena/SP o Destacamento Militar de Defesa da Área Litorânea do Estado de São Paulo, área de alto risco como valor estratégico nacional, protegendo São Paulo, o mais pujante estado da federação.

O QG estava sediado no porto de São Sebastião, de onde coordenava as operações de patrulhamento, vigilância e defesa da soberania nacional.

O destacamento estava subordinado ao Comandante da Segunda Região Militar, General Maurício José Cardoso. Como Comandante da Guarda do Porto, o Sargento Waldemar prestou honras militares por ocasião de uma visita de inspeção do General.

Relata ainda ter conhecido o Major Severino Sombra de Albuquerque, que lhe indagou se era judeu. Foi um breve contato, que impressionou Waldemar pelo olhar firme e simpatia afável do Major, que declarou ele mesmo ter ancestralidade judaica, acreditando descender de cristãos-novos.

No mesmo ano, o Major Severino Sombra iria ser nomeado membro da Comissão Mista de Defesa Brasil-Estados Unidos no Pentágono em Washington, composta de delegados brasileiros e americanos das três forças singulares, estabelecida em 1942 para executar o planejamento de Estado-Maior para defesa mútua do Hemisfério Ocidental.

Anos depois, o General Severino Sombra iria ser presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, e criaria uma universidade em Vassouras, que hoje leva seu nome.

Nesta cidade, o casal de historiadores Egon e Frieda Wolff em suas andanças pelo Brasil em pesquisas históricas sobre judeus e cristão-novos descobriu um terreno vazio nos fundos da Santa Casa, atual Asilo Barão do Amparo, onde estavam sepultados dois judeus falecidos em meados do século XIX.

Com apoio da prefeitura e diversos entusiastas, entre os quais o paisagista Burle Marx, que elaborou o projeto, e o General Professor Severino Sombra de Albuquerque, então presidente da Fundação Universitária Severino Sombra, foi erguido o Memorial Judaico de Vassouras, onde repousam Morluf Levy e Benjamim Benatar, ambos de origem marroquina, falecidos em 1879 e 1852, hoje um monumento histórico integrante do circuito turístico da cidade.

Foi então formado o Memorial Judaico de Vassouras, sob a presidência de Luiz Benyosef, que até hoje cuida da manutenção e preservação do Memorial.

A fase em que Waldemar serviu na 1.^a Bateria era de tempos incertos, em que a ameaça nazista ainda era significativa, antes que as derrotas na frente russa e na África afastassem do horizonte uma possível invasão nazista na costa

brasileira, não indo além dos cruéis torpedeamentos de nossos navios mercantes na guerra submarina que Hitler mandou desencadear contra o Brasil, nação pacífica e neutra.

A quinta-coluna alemã estava ativa no Brasil, informando secretamente aos submarinos a posição de nossos navios. A espionagem nazi-fascista foi responsável, inclusive, por afundamentos de navios brasileiros em mares do Caribe.

O imenso Teatro de Operações em solo pátrio, correspondendo ao extenso litoral e as ilhas oceânicas, foi guarnecido desde 1942, muito antes, portanto, da FEB iniciar operações na Itália.

Waldemar serviu em áreas virgens e inóspitas do litoral paulista, àquela época zona endêmica de malária, infestada de protozoários e anofelinos, sem infraestrutura e sem material adequado. Apenas pouco antes da FEB partir, os Estados Unidos passaram a fornecer material moderno, inclusive uma parte sendo levada diretamente para a Itália, onde nossos soldados tomaram contato pela primeira vez com aquele armamento.

Portanto, a unidade defrontava-se fora de sede com material precário, barracas envelhecidas e sem serviço médico-veterinário para a cavalaria, (a unidade era hipomóvel), o material tracionado penosamente por muares em terreno encharcado de difícil locomoção.

As comunicações eram antiquadas, apenas telégrafo Morse e sinalização manual. Não existia posto médico, e o mais próximo era em Caraguatatuba.

Entretanto, reinava na tropa elevado nível moral, cívico, patriótico, espírito de renúncia, abnegação e altruísmo, nas palavras de Waldemar, deixadas em diário conservado pela família.

O Presidente da República concedeu ao 2.º Sargento Waldemar Rosenthal a Medalha de Guerra, por ter cooperado no esforço de guerra do Brasil.

Passou para a Reserva como 1.º Tenente, falecendo no Rio de Janeiro em 2003.

Era irmão do engenheiro José de Julio Rosenthal, que atuou na área nuclear, sendo um dos coordenadores da operação montada em Goiânia para o acidente com o Césio-147. Foi presidente da Hebraica – Rio, e após se aposentar passou a morar em Israel, onde faleceu há alguns anos.

Abrahão Fainguelernt

Filho de Bella e Jacob, Abrahão nasceu no Paraná em 23 de setembro de 1923.

Como tantos estudantes da tradicional Escola Politécnica, Alma Mater da Engenharia Nacional, apresentou-se como voluntário para cursar o CPOR/RJ, no quartel de São Cristóvão, ao lado da Quinta da Boa Vista.

Sentou praça como Aluno do CPOR/RJ em 16 de março de 1942, tendo sido declarado Aspirante a Oficial da Reserva de Artilharia em 29 de setembro de 1943, em 12.º lugar na turma de 81 alunos, com média 7,329.

Em 6 de janeiro de 1944, foi reincluído ao serviço ativo do Exército, para fins de Estágio de Instrução no 3.º Grupo de Artilharia de Costa e Forte Copacabana.

Terminado o Estágio no Forte Copacabana, por Decreto de 17 de abril de 1944, o Presidente da República o promoveu ao posto de 2.º Tenente.

Abrahão foi convocado para o Serviço Ativo e mandado realizar o Curso de Especialização em Artilharia de Costa para Oficiais da Reserva na EsACos, Fortaleza de São João, tendo sido diplomado em 3 de agosto de 1944, com média 9,7 em 2.º lugar numa turma de 25 alunos. Na sua Folha de Alterações, o Comandante da escola o conceitua como oficial calmo, pontual, inteligente, um dos melhores da turma, podendo ser aproveitado para instrutor, revelando na parte prática boa aptidão para os comandos de seu posto e superiores.

Em 7 de agosto de 1944, Abrahão foi incluído no 1.º Grupo de Artilharia de Costa e Fortaleza de Santa Cruz, em Jurujuba/Niterói, onde foi Oficial Subalterno da 1.ª Bateria.

O Comandante, Tenente Coronel Henrique Sadok de Sá, o elogiou pela sua conduta e colaboração ao grupo no curto período em que serviu, mostrando primar por excelente educação civil e militar.

Em 14 de dezembro de 1944, foi transferido por necessidade de serviço para a 1.ª Bateria Móvel de Artilharia de Costa, na Vila do Mosqueiro, Estado do Pará, onde desempenhou as funções de Comandante das 1.ª e 2.ª Seções, Oficial de Tiro e Transmissões, Encarregado da Escola Regimental, Encarregado dos Paíóis e Oficial de Educação Física.

O Comandante da Bateria o elogiou em Boletim como:

“(...) Oficial de escol, disciplinado, estudioso e inteligente, bastante competente em qualquer assunto, principalmente na parte referente à eletrotécnica, deixando uma lacuna difícil de ser preenchida. Lamentando o seu afastamento, formulo os melhores votos de felicidades ao Ten. Abrahão para que na vida civil, e na nobre profissão que abraçou, cujos estudos interrompeu para prestar seu concurso à defesa da Pátria durante os dias negros da maior conflagração mundial, continue empregando os maiores esforços para ver brilhantemente coroado seu ideal.”

No Pará, serviu até ser licenciado do Serviço Ativo em 4 de janeiro de 1946, tendo participado efetivamente de operações bélicas durante o conflito mundial, cumprindo missões de Vigilância e Segurança do Litoral com a sua bateria no período de 3 de novembro de 1944 a 8 de maio de 1945, o Dia da Vitória Aliada na Europa.

Retornando à vida civil, Abrahão retomou os estudos na Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, onde recebeu o Prêmio Eng. Adolpho Murtinho, do CONFEA – Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura, como melhor aluno em 1947 das cadeiras de Eletrotécnica Geral, Medidas Elétricas e Magnéticas, Estações Geradoras, Transmissão de Energia Elétrica e Aplicações Indústrias da Eletricidade.

Distinto Oficial da Reserva de Artilharia, que honrou as tradições da Arma de Mallet na defesa da Costa brasileira contra uma possível invasão nazista, deixou-nos em 6 de dezembro de 2000, deixando viúva a Sr.ª Miriam Fainguelernt.

José Segal

Segal nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 25 de março de 1925, filho de Moyses Segal e Fany Segal. Sua família originalmente radicou-se em Nova Friburgo/RJ.

Em 26 de outubro de 1944, concluiu o Curso de Infantaria no CPOR/RJ, sendo declarado Aspirante a Oficial da Reserva da Arma de Infantaria e incorporado ao Centro de Recomeciamento da FEB – CRP/FEB na Vila Militar,

Sua unidade embarcou no navio de transporte de tropas americano Gen. Meiggs com destino ao Teatro de Operações da Itália.

Segal e outros colegas permaneceram no Brasil guarnecendo o acervo da unidade para futuro emprego em caso de necessidade, o que acabou não acontecendo devido ao término do conflito.

Em 19 de maio de 1952, o Presidente da República concedeu ao Ten. Segal a Medalha de Guerra, por ter cooperado no esforço de Guerra do Brasil.

Segal faleceu há poucos anos no Rio de Janeiro, tendo exercido a odontologia durante várias décadas, no serviço público municipal e em consultório particular no Largo do Machado.

Jacob David Cohen

Jacob nasceu em 25 de abril de 1921, filho de David e Jamile Cohen.

Frequentava o Templo Sidon, tradicional sinagoga da Rua Conde Bonfim na Tijuca, Rio, que congrega os descendentes dos judeus de Sidon, no Líbano, que emigraram há cerca de um século para o Brasil.

O bairro reúne boa parte da comunidade sefardita carioca, ou seja, descendentes dos judeus de Espanha (Sefarad em hebraico). E dentre tantos que tiveram que partir de Sefarad, estava um remoto antepassado do Sargento Jacob David Cohen, que via Sidon acabou chegando ao Brasil.

Várias sinagogas sefarditas se situam num raio de alguns quarteirões tijuquanos, como a Beyruthense, União Israel, Maghen David, e o templo Sidon, este herdeiro das ricas tradições sidonenses, quase centenárias no Rio de Janeiro, a princípio instalado no Centro da cidade, que reunia a comunidade oriunda daquela cidade libanesa.

Mais tarde, com a abertura da Avenida Presidente Vargas, houve a mudança para a atual sede na tijuca.

Em 1938, Jacob cursava a Escola Superior de Comércio, realizando a Linha de Tiro na Vila Militar, onde teve como Instrutor o Sargento Torreão, e como colega de farda o jovem Mair Credman.

Em 1942, foi transferido para Olinda/PE, no 2.º Grupo do 3.º Regimento de Artilharia Antiaérea, onde era sargento da Bateria de Metralhadoras.

A bateria contava com um grande efetivo, de 200 soldados e 10 oficiais. Na época, temia-se por uma invasão alemã, e eram constantes os torpedeamento de navios mercantes nacionais, que haviam determinado a entrada o Brasil na guerra.

Em seus deslocamentos do Rio para o Nordeste, Jacob navegou em águas sujeitas à ação submarina alemã, mas teve sorte, nada lhe acontecendo.

Lamentavelmente, outra foi a sorte de seus camaradas do 7.º Grupo de Artilharia de Dorso, que se deslocavam com toda a guarnição e material para o Cais do Porto, onde embarcariam para Olinda. Era preciso defender a nossa costa, para o que não hesitaram um só minuto, navegando pelo mar onde se escondia o submarino nazista traçoeiro. Não haveriam de alcançar seu destino. A viagem não teve retorno para 150 dos 243 artilheiros, comandados pelo Major Landeric de Albuquerque Lima.

Corria o mês de agosto de 1942. Navios mercantes que transportavam as tropas, o Itagiba e o Baependy, não poderiam se defender do ataque cruel, ordenado por aquele cujo nome e sua memória sejam esquecidos. Diante da imensidão da tragédia, o povo foi às ruas a exigir uma resposta à tamanha covardia. Em apenas cinco dias, o U-507 torpedeou seis navios nacionais, com a perda de 600 vidas preciosas de brasileiros. Ao todo, com o afundamento de 35 navios mercantes, o mar foi o túmulo de 1.050 patrícios inocentes.

O presidente Vargas declarou guerra ao Eixo, dando uma resposta a torpe agressão que vitimou os heróis do 7.º GADo, na viagem que não chegaria ao destino.

Passados dois anos do repulsivo ataque, desta vez o resultado seria diferente. Os cinco escalões da FEB desembarcaram em segurança no solo europeu, onde haveriam de derrotar os mesmos nazistas que tantas vidas brasileiras haviam ceifado.

Ainda em Recife, Jacob serviu no Estabelecimento de Material de Intendência, onde ajudou a suprir a logística necessária ao esforço de guerra, sendo em 25 de maio de 1945 transferido para a Subdiretoria de Subsistência no Rio de Janeiro.

Era sócio efetivo da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção Rio de Janeiro, por ter se deslocado em comboio marítimo e integrado o dispositivo de Defesa do Litoral, e pensionista do Ministério do Exército, por ter sido convocado e ficado à disposição da Força Expedicionária Brasileira, não tendo embarcado para a Itália em função do término do conflito.

Jacob foi agraciado com a Medalha da Vitória da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil pelo seu trabalho de união dos veteranos, gozando de grande consideração e estima naquela casa, como relata seu filho Marco Jacques Cohen.

Jacob faleceu no Rio de Janeiro aos 72 anos, em 16 de fevereiro de 1994.

Primeiro Tenente Raul Gitz

Raul Gitz, filho de Salomão Gitz e Firmina Silverston, nasceu em 6 de maio de 1913, natural de Passo Fundo/RS. Casado com D.^a Eliza Gitz, com quem teve o filho Ari Gitz.

Sentou praça em 2 de maio de 1930, no 6.º Regimento de Artilharia Montada, passando para a Reserva por Decreto de 1.º de fevereiro de 1954.

Tirou o Curso de Formação de Cabos – Grau 8,16; Curso de Formação de Sargentos – Grau 7,0; Curso Militar de Educação Física – Grau 6,737; Curso de Rádio Telegrafia e Transmissões – Grau 8,52.

Serviu no 6.º Regimento de Artilharia Montada (1930/37); Serviço de Transmissões da 3ª Região Militar (1937/42); Serviço de Transmissões da 7ª Região Militar (42/44); Serviço de Transmissões da 3ª Região Militar (1944/54).

Recebeu a Medalha de Guerra e a Medalha Militar de Prata.

Foi promovido a Cabo em 10 de outubro de 1930, 3.º Sargento em 20 de fevereiro de 1931, 2.º Sargento em 23 de março de 1942, 1.º Sargento em 17 de março de 1945, Subtenente em 10 de outubro de 1952, 2.º Tenente em 3 de março de 1954 (promovido na Reserva), 1.º Tenente em 3 de março de 1954 (promovido na Reserva).⁵²

Participou com sua unidade do Movimento Revolucionário de 1930. Serviu no Destacamento de Transmissões do Destacamento Misto de Fernando de Noronha, de 29 de outubro de 1942 a 15 de fevereiro de 1944.

Irmão do também Veterano Moisés Gitz, da FEB, Raul esteve mais de um ano na ilha de Fernando Noronha, servindo ao Exército Brasileiro como radio-telegrafista, durante a construção de um aeroporto pelo Exército americano para apoio às operações aéreas na rota da África.

Devido à falta de alimentação correta e deficiência de vitamina C, Raul acabou perdendo todos os dentes.⁵³

Soldado Isaac Plut

Isaac Plut, da classe de 1924, incorporado ao Exército em 1945, foi declarado Reservista de 1.ª Categoria em 27 de outubro de 1945 pela 1.ª CR/1.ª RM.⁵⁴

Filho de Abram e Clara Plut, nasceu em São Paulo/SP em 11 de maio de 1924, sendo incluído em 25 de janeiro de 1945 no estado efetivo do CRP/FEB – Centro de Reacompanhamento de Pessoal da FEB, integrando o Contingente do DMMRJ – Depósito de Motomecanização do Rio de Janeiro, e excluído em 15 de outubro de 1945, retornando a São Paulo, indo residir na Rua Newton Prado.

Com a vitória aliada na Europa em 8 maio de 1945, não foi necessário enviar mais soldados para a FEB, assim, Isaac deixou de embarcar, como era o seu desejo ao apresentar-se como voluntário para combater o nazismo envergando a gloriosa farda verde-oliva.

⁵² Fonte: Pasta n.º IX-4-61-SAP-AHEx. Pesquisa realizada por Antonio Mauro de Oliveira Pereira, Cap. QAO – Arquivo Histórico do Exército.

⁵³ Informações de seu filho Ari Gitz, em 1.º set. 2010.

⁵⁴ Certificado de Reservista n.º. 451.873, emitido em 27 out. 1945. Fonte: AHJB.

CAPÍTULO 19

Exército Brasileiro

Quadros de carreira das Armas, QMB, QEM, IME, Serviço de Intendência

OFICIAIS GENERAIS

General de Exército Isaac Nahon Meio século de vida militar (1923-1973)

O sobrenome Nahon é encontrado em diversas e proeminentes famílias judaicas originárias do Marrocos, e que imigraram para a Amazônia em princípios do séc. XIX.

Diversos militares descendem desses pioneiros, destacando-se o General Nahon, de relevante carreira militar, inclusive na sucessão do General Costa e Silva, sendo um dos três militares de alta patente cogitados pelo Comando da Revolução, para ocupar a presidência da República – que viria a ser exercida pelo General Emílio Garrastazu Médici.¹

O Exército que molda e forma a juventude

O Exército Brasileiro é uma instituição quadrissecular e multicultural. Recebe o filho do pobre e o filho do rico, o filho do branco e o filho do negro, transformando todos em bons soldados brasileiros. Formado por gente de todas as origens étnicas e geográficas, com efeito, recentemente, sob a égide dos 100 anos da imigração japonesa, uma homenagem foi prestada aos militares nipo-brasileiros, que se contam às centenas, do Soldado Raso ao Oficial General.

Além destes, há milhares de outros descendentes de imigrantes, não só dos tradicionais portugueses, espanhóis e italianos, como também de alemães, poloneses, ucranianos e tantos outros bem conhecidos, além de tantas etnias indígenas aglutinadas na Amazônia pela honrosa farda verde-oliva.

Entretanto, um segmento foi pouco ou nada estudado até o momento. São os judeus e seus descendentes, em que consideramos, ainda, os cristãos-novos, abundantes nos primórdios da nação brasileira.

¹ VELTMAN, Henrique. Os hebraicos da Amazônia. Disponível em: <<http://www.coisasjudaicas.com/2008/07/os-hebraicos-da-amazonia-henrique.html>> Acesso em: mar. 2005.

A contribuição judaica às Forças Armadas nacionais é significativa, ainda que numericamente não seja tão expressiva quanto a outras denominações, considerando que em um país de 200 milhões de habitantes temos hoje cerca de 150 mil judeus.

Como exemplo dessa contribuição, dois nomes se destacam: Marechal Waldemar Levy Cardoso e General de Exército Isaac Nahon. Nascidos em berço judaico, eram primos-irmãos. Suas genitoras eram as irmãs D.^a Stella Levy e D.^a Maria Nahon, seguidoras da Lei de Moisés. Elas possuíam outra irmã, D.^a Regina Levy.

Reza a profecia de Isaias que os hebreus se tornariam tão numerosos quanto as estrelas no céu, e quanto os grãos de areia do deserto... De certo modo, a profecia se concretizou, haja vista que embora tantos tivessem abandonado a fé ou se convertido, a simples existência de um povo ao longo de milênios somaria realmente um número fantástico hoje.

Assim, ainda que tivessem abraçado a religião católica, os primos Levy e Nahon traziam no DNA a herança dos antepassados, um legado espiritual, e o fato de que nascidos de ventre judaico, pela lei religiosa são considerados judeus. Mas como já dizia o professor João Saldanha, pode-se trocar de religião, de esposa, até de país, mas nunca de time de futebol...

Oriundos do norte da África, possivelmente da Argélia, os Levy e Nahon teriam possivelmente origem imemorial nos judeus expulsos da Espanha em 1492 pelos Reis Católicos, Fernando de Aragón e Isabel de Castilla, que poderiam ter se dirigido a terras africanas, onde se mantiveram unidos e até hoje falando um idioma derivado do espanhol, o ladino (entremeado de expressões



► 1957 – Cel. Nahon, então Comandante do “Regimento Mallet”, atual 3.º Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsado, sediado em Santa Maria/RS – decano das Unidades de Artilharia de Campanha do Exército Brasileiro, criadas em 4 de maio de 1831. Acervo do 3.º GACap.

das línguas dos países por onde andaram, como o árabe). O espanhol é uma língua que o brasileiro entende com facilidade, e que teria facilitado a imigração dos Levy e Nahon para o Brasil, como, aliás, o fizeram já após a Abertura dos Portos em 1808, milhares de judeus do Marrocos, que se dirigiram a Região Amazônica, subindo o Rio e fixando-se em Belém, Santarém, Manaus e outras cidades ribeirinhas, chegando até Iquitos no Peru, onde até hoje existem sinagogas e cemitérios judaicos nestas cidades, alguns já abandonados.

Família Nahon no Brasil

E assim chegaram ao Brasil os pais do Gen. Nahon, Isaac Nahon e D.^a Maria Nahon. O pai faleceu prematuramente, um mês antes do nascimento do menino. As famílias moravam no Bairro Imperial de São Cristóvão, e o menino Isaac conviveu na sua infância com os primos Waldemar, Armando e seu pai Armando Levy Cardoso, banqueiro de Pelotas descendente de portugueses que havia se convertido ao judaísmo a pedido dos pais de D.^a Stella Levy, para casar-se com ela. O menino Armando chegaria a Coronel, tendo pesquisado linguagens indígenas na Amazônia, época em que contraiu beribéri. Era casado com uma das poucas psicólogas infantis da época, Dr.^a Ofélia Boisson Cardoso. Quando Capitão, teve importante participação na comunidade judaica do então Distrito Federal, tendo sido diretor de associações culturais e de escoteiros. Um dos seus filhos é diplomata, tendo sido embaixador nos países nórdicos.

Isaac teve um irmão, Leon, casado com Ena Abramant, com quem teve as filhas Yeda e Yone. A irmã Fortunée casou-se com o Sr. Homero Barbosa, Tabelião de Feitos da Fazenda, com quem teve a filha Rosaly.

Isaac Nahon serviu em sua mocidade em Curitiba/PR, onde conheceu a jovem Flora do Rego Barros, com quem se casou. Os avós de sua esposa eram franceses e espanhóis. Seu avô era engenheiro, e trabalhou nas estradas de ferro do Paraná. Naquele tempo, chegou a adquirir uma quadra na Rua Dr. Muricy em Curitiba, onde havia plantações, e hoje é uma movimentada rua comercial. Sua filha, D.^a Dora Nahon, gentilmente nos recebeu em sua residência no Rio de Janeiro, recordando estas passagens, que nos revelam a bela história das suas raízes familiares, que atravessando os oceanos vieram germinar nas abençoadas terras brasileiras, dando dois ilustres expoentes ao Exército de Caxias e à Artilharia de Mallet. Em sua residência, diversos retratos recordam o casal Isaac e Flora, que tiveram um casamento feliz de cinco décadas, ao longo da brilhante carreira militar do General, como bem descreve o poema “Esposa de soldado”, de Neyde Cabral (Resende, de junho de 1969), e que D.^a Flora comentou com a observação de que “não há nada, nada neste mundo, melhor que ser esposa de um Soldado!”

D.^a Dora recorda seus tempos de Curitiba, onde estudou no tradicional Colégio Sion. Seu pai serviu no 9.º RAM, hoje desmobilizado face à urbanização da metrópole, com os descampados onde pastava a cavalhada dando lugar

a grandes prédios e a um *shopping* que do antigo quartel preservou o pórtico da fachada. O QG também se mudou para o distante Boqueirão. Faz questão de mostrar os inúmeros retratos dos pais, um do casamento, ainda jovens, e 50 anos mais tarde comemorando as Bodas de Ouro – o General em 1.º Uniforme, cujo uso foi especialmente autorizado na ocasião, e sua mãe vestida de noiva. Também a espada do General adorna uma coluna, e o quadro com as suas inúmeras medalhas e barretas, com o dístico 50 Anos – De Cadete a General. É fácil avaliar o quanto D.^a Dora se identifica com os pais, e o gosto pelas tradições do Exército e da Artilharia, ela que os acompanhou e viveu o espírito militar no dia a dia dos quartéis que seu pai comandou. D.^a Dora também recorda a querida vovó Maria, com quem conviveu até seu falecimento. Tinha 10 anos na ocasião. Por volta desta época, notícias infaustas chegaram ao Brasil. Primos da família Nahon que haviam imigrado do Norte da África para a França foram colhidos no torvelinho da 2.^a Guerra Mundial.

Durante a ocupação nazista, como os judeus que foram deportados com milhares de outros correligionários da França ocupada, tornaram-se mártires do Holocausto, pelo Santificado Nome de D'us, encontrando a morte no campo de extermínio de Dachau, na Alemanha, em nome de uma ideologia cruel e equivocada, combatida pela FEB no Teatro de Operações da Itália.

Quando servia no QG/3.^a RM em Curitiba, o então Ten.-Cel. Nahon conheceu um sobrevivente do Holocausto. Era o Sr. Benjamin Guitin, representante comercial de joias, que mais tarde se mudou para São Paulo, mas sempre manteve contato com o Gen. Nahon. Relatava como havia perdido toda a família, e as atrocidades cometidas pelos nazistas, especialmente cruéis contra crianças indefesas.



► 1969 – O então General de Divisão Nahon, Chefe da Secretaria de Economia e Finanças – SEF, de 2 de junho de 1967 a 17 de abril de 1969. Acervo da SEF.



► 2013 – D.ª Dora Nahon, filha do General, em sua residência no Leblon, onde guarda preciosas recordações do pai. Acervo do autor.

A tradição militar foi continuada pelo neto, Coronel Paulo Antônio Penido Monteiro Nahon, que seguiu os passos do avô, e como Tenente-Coronel de Artilharia também comandou o histórico 4.º GA Cav 75 de Uruguaiana, atual 22.º GAC AP – Grupo Uruguaiana. Realizou cursos na Itália, e serviu na ESG como assistente de seu comandante Gen. Ex. Tulio Cherem, também ele ostentando raízes próximas, pelo lado materno.

Os netos Paulo Antônio e Luiz Antônio cursaram o Colégio Militar do Rio de Janeiro, com Luiz Antônio seguindo a carreira das artes, residindo hoje em Paris, e a neta Flora é fisioterapeuta no Rio de Janeiro.

Como fato pitoresco, havia um homônimo do General, residente em Copacabana, que frequentemente recebia telefonemas e correspondências endereçadas ao General Nahon, e tinha o cuidado de sempre redirecioná-las. Certa vez, ele recebeu um telefonema do Presidente da República, que desejava cumprimentar o então Coronel Nahon por ter sido elevado ao generalato...

As grandes famílias Levy e Nahon, já em sua sétima geração nascida no Brasil, vêm, assim, dando uma rica contribuição a todos os setores da vida nacional, do Exército à Medicina, passando pela Engenharia, Saúde, Magistério, Comércio, e tantas outras profissões, atendendo à mensagem divina do Gênesis: “Crescei e multiplicai-vos”.

E tudo começou do outro lado do mundo há apenas pouco mais de um século aqui chegando. Ajudando a confirmar a profecia de Isaías, ainda que poucos tenham mantido a vinculação ao judaísmo, talvez a maioria de seus integrantes hoje sendo bons católicos, mas ainda assim pelo DNA emulando as estrelas do céu e os grãos de areia semeados por Stella, Armando, Isaac, Maria



► 2013 – Reprodução de quadro com foto do General Nahon e esposa D.ª Flora. Acervo da família.

e os antepassados cujos nomes já temos dificuldade em lembrar, eis que lenta e inexoravelmente vai caindo a pátina do tempo, que a tudo recobre.

E assim caminhamos, tendo em mente as palavras do santo homem Papa João Paulo II: “Os judeus são nossos irmãos mais velhos”, no que está absolutamente correto, quando se sabe que o Novo Testamento e o Cristianismo se originaram do Judaísmo. E hoje, com o Papa Francisco, vemos a continuidade e fortalecimento do diálogo judaico-cristão incentivado por João XXIII, que logo ao assumir o papado exprimiu seu desejo de contribuir para o “progresso das relações entre judeus e católicos”.

Despedida do Serviço Ativo

Ao se despedir do Serviço Ativo, após 50 anos de bons serviços, um singelo livreto de capa dourada foi produzido pela Secretaria Geral do Exército sob o título *Gen. Ex. Isaac Nahon – Meio século de vida militar – De Cadete a General – 1923-1973*. A Portaria de 9/3/1973, do Ministro do Exército, Gen. Orlando Geisel, abre o livreto, concedendo ao Gen. Nahon a raríssima Medalha Militar com Passador de Platina, por ter completado o quinto decênio em 8 de março de 1973, como reconhecimento aos bons serviços militares prestados durante mais de 50 anos.

Segue o livreto transcrevendo a Portaria Ministerial n.º 1.027 de 28/6/1973, onde o Ministro do Exército registra um Elogio Individual por ocasião da passagem do Gen. Nahon para a Reserva, onde descreve a sua magnífica carreira de armas, cujo pendor revelou já aos 10 anos ao ingressar em 1918 no 2.º Ano do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Verificou Praça em 23 de fevereiro de 1923,

sendo ao final de 1925 declarado Aspirante a Oficial da Arma de Artilharia. Em de janeiro de 1926 o jovem tenente assume seu primeiro posto de comando à frente de uma seção do 9.º Regimento de Artilharia Montada, valorosa e tradicional unidade do nosso Exército, pela qual passaram ilustres e renomados chefes de artilharia. Lá participou das Revoluções de 1930 e 1932, ainda 1.º Tenente. Após concluir com destaque o Curso de Aperfeiçoamento na Escola de Artilharia, retorna promovido a Capitão em 1934, indo comandar uma Bateria do 9.º RAM.

Os ilustres chefes que o comandaram, Coronéis Álvaro Fiuza de Castro e Canrobert Pereira da Costa, não economizaram elogios à sua competência e marcantes virtudes militares. Novas funções o aguardavam, como Instrutor-Chefe do Curso de Artilharia do CPOR de Curitiba e Adjunto do Serviço de Material Bélico da 3.ª RM. Foi aprovado em 1.º lugar no Concurso de Admissão à Escola de Estado-Maior, onde ingressou em 1941.

Distinguiu-se como Oficial Superior em complexas missões no QG/3.ª RM, CMMBEEUU e Secretário da CPO, o que o levou a ser escolhido para as delicadas e importantes funções de Adido Militar à Embaixada do Brasil em Assunção, Paraguai.

O perfil de Chefe Militar se consolidou no comando do 4.º GA Cav 75 de Uruguaiana, e da mais tradicional Unidade da Arma, o Regimento Mallet – 3.º RA 75 AR de Santa Maria.

Por seu reconhecido valor, foi alçado ao generalato em 25 de julho de 1962, onde se desempenhou com brilho nos cargos de Comandante da AD/6, Cmt.



► 2013 – Quadro com medalhas, barretas e distintivos que pertenceram ao Gen. Nahon. Acervo da família.

Interino da 6.^a DI, ChEM do 3.^o Exército, Comandante Militar da Amazônia e 8.^a RM, Chefe da COSEF e Diretor do Pessoal da Ativa.

Em 31 de março de 1964, encontrava-se o Gen. Nahon na chefia do EM do IV Exército, em Recife. Ao receber a quarta estrela, atingindo o último posto da hierarquia militar em 25 de julho de 1969, foi-lhe confiada a chefia do DGP, onde permaneceu pelos últimos quatro anos, afastando-se para ingressar na Reserva. No DGP, empenhou toda a sua larga experiência, inclusive efetivando a transferência do departamento do Rio para Brasília.

O Ministro Geisel registra seu convívio franco e leal com o colega desde a saudosa Escola Militar do Realengo até as reuniões do Alto-Comando e do COSEF, nas quais a voz do velho General se alteou sempre em defesa dos supremos interesses do Exército, Soldado modelar que devotou toda sua vida ao serviço da Pátria.

Prossegue o livreto com a saudação do vice-chefe do DGP, Gen. Raymundo Ferreira de Souza, onde ressalta que seus subordinados e amigos do departamento o serviram com obediência, lealdade e dedicação, advindos da estima profunda que lhe devotaram.

Tendo sido transferido para Reserva por Decreto de 11/5/1973, o General Nahon passa a chefia do DGP ao seu substituto legal, Gen. Raymundo, em 28 de junho de 1973. Refere-se em suas palavras de despedida à dificuldade de terminar, “a emoção sagrada que nos envolve nos grandes momentos da vida, com humildade agradecendo a D’us”.

Em 7 de julho de 1973 ocorreu a Homenagem da Guarnição Militar de Brasília, em banquete realizado no Clube das Forças Armadas. Na ocasião, o Gen. Ex. Antônio Jorge Correa o saudou recordando na oração de despedida que em 22 de fevereiro de 1918, que a dedicada mãe, residente a Rua Senador Furtado 31, no Rio de Janeiro, mal poderia imaginar que ao apresentar requerimento ao Ministro da Guerra, estivesse oferecendo ao Exército Brasileiro o Soldado que haveria de fulgir como um dos seus mais brilhantes, destacados e ilustres chefes.

Leu o General a íntegra do requerimento:

Exmo Sr. Ministro da Guerra

Maria Nahon, mãe do menor Isaac Nahon, nascido em 8 de maio de 1907 nesta capital, requer a V. Exa. inscrição do referido menor para os próximos exames de admissão ao 1.^o Anno do Collegio Militar (curso geral), classe dos contribuintes, para o que junta os documentos exigidos pelo regulamento.

Nestes Termos

P. Deferimento

Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1918

Maria Nahon

[sobre duas estampilhas de 300 réis cada7 uma]

O General Correa recorda, ainda, que o curso da vida do General Nahon o levou ao encontro da Senhorita Flora do Rego Barros, em função de quem se tornou

paranaense de coração, e sucessivamente marido exemplar, pai amantíssimo e avô padrão.

Na despedida, o Gen. Nahon pronunciou palavras de agradecimento ao Ministro do Exército Orlando Geisel e Sra. e às altas autoridades presentes, “sentindo-se como um velho rio que chega ao remanso final antes de perder-se no mar”. Recordou o casarão de Tomas Coelho, no alto da velha ladeira, que viu subirem e descerem as gerações, e sua chegada ao Realengo em 1923, encontrando a Escola Militar esvaziada pela exclusão da quase totalidade dos cadetes que haviam participado da revolta de 1922, marcada pela legenda heroica dos 18 do Forte.

As cidades em que serviu, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Santa Maria, Uruguaiana, Cachoeira, Cruz Alta, Recife, Belém e Brasília, soldado a vida inteira e só soldado, do Exército das carroças coloniais da sua mocidade distante a este Exército das brigadas de motor e couraça. Sua dedicada companheira de 44 anos, inspiração maior de sua vida. “Lá me vou com a mesma devoção de Santa Bárbara, Padroeira da Artilharia, com a confiança na força criadora das águas que hão de vir das nascentes de onde vim”.

Nas palavras finais, o Ministro do Exército Orlando Geisel, despede-se do seu colega de Escola e Arma em 50 anos de vida militar, e pede que todos ergam um brinde ao chefe de todos, o Soldado que tem levado a felicidade à Nação Brasileira, o Presidente Médici.

Homenagem ao General Isaac Nahon – Projeto de Lei da Vereadora Nely Almeida²

Em 22 de junho de 2004, a vereadora Nely Almeida apresentou um Projeto de Lei à Câmara Municipal de Curitiba visando denominar um logradouro da cidade de General Isaac Nahon, pelos motivos que expôs em plenário, e que transcrevemos por revelar a ligação do General com aquela cidade:

O General de Exército Isaac Nahon nasceu no dia 8 de maio de 1908, na cidade do Rio de Janeiro. Revelou seu pendor para a carreira das armas em 1918, quando ingressou no então 2.º ano ginásial do Imperial Colégio Militar do Rio de Janeiro, onde lhe foram ministrados os princípios básicos de moral e civismo que nortearam o seu indefectível caráter.

Em 23 de fevereiro de 1923, seguiu para a Escola Militar do Realengo, ingressando posteriormente na Arma de Artilharia. Ao fim de três anos de curso, em 13 de dezembro de 1925, foi declarado aspirante a oficial.

Em janeiro de 1926, o jovem tenente assumiu a sua primeira função de comando, à frente de uma Seção do 9.º Regimento de Artilharia Montada, onde teve intensa ligação com as sociedades curitibana e paranaense.

Desde o início da sua carreira destacou-se pelas suas virtudes morais, espírito de disciplina e entusiasmo profissional, tendo participado da revolução de

² Projeto de Lei Ordinária: Denominação de bem público não especificada – Proposição n.º 09.00066.2004 de 22/6/2004.

1930, quando recebeu do seu Comandante merecida referência especial por sua contribuição para a vitória da causa revolucionária.

Na revolução de 1932, ainda 1.º Tenente, integrou o Destacamento do Exército Sul. Seu Comandante o elogiou pela atuação à frente do serviço de Material Bélico, onde se mostrou à altura de suas responsabilidades, cumprindo plenamente seus deveres de soldado e patriota, com dedicação, eficiência e espírito de cooperação.

Absolutamente integrado com os hábitos e costumes da cidade, casou-se com Flora do Rego Barros, descendente de tradicional família paranaense, cujo pai, o senhor Coronel Fabricio do Rego Barros, foi o fundador e também o primeiro Comandante do Corpo de Bombeiros do Paraná, um reconhecimento à sua heroica participação na Campanha do Contestado.

A sua total identidade com Curitiba, cidade que adotou como sendo a preferida do seu coração, é facilmente verificada pelos elos de amizade sincera, franca e leal que cultivou nos diversos segmentos da sociedade curitibana, seja como sócio do Graciosa Country Club, do Club Curitibano e do Círculo Militar do Paraná, seja como frequentador do tradicional Clube de Xadrez.

Seu relacionamento com a cidade de Curitiba não se limitou somente ao campo social. Também no campo esportivo teve forte ligação com o Clube Atlético Paranaense, onde foi técnico, vitorioso e campeão estadual em mais de uma temporada. Deve-se, em parte, ao General Nahon o passado glorioso do famoso goleiro “Caju”, que defendeu com brilhantismo as cores do clube rubro-negro. Isso porque o então Capitão Nahon viu naquele soldado qualidades que o motivaram a levá-lo para jogar na sua equipe. Juntamente com Candinho Mader e Otávio Coelho, dentre tantos outros torcedores apaixonados pelo “Furacão da Baixada”, integrou a saudosa e atuante velha guarda atleticana.

Sua paixão por Curitiba foi determinante para, após concluir o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais no Rio de Janeiro, escolher a cidade como destino final de curso, tendo retornado à sua antiga Unidade, o 9.º RAM, em outubro de 1934.

Esta nova fase de sua carreira pôde estreitar ainda mais seus laços com a sociedade local, uma vez que foi nomeado para exercer as funções de Instrutor Chefe do Curso de Artilharia do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) de Curitiba, quando demonstrou seus atributos de chefia e liderança na formação de oficiais.

Aprovado em primeiro lugar em concurso nacional para admissão à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), afastou-se da Guarnição em 1941, com destino ao Rio de Janeiro.

Ao término daquele curso, por escolha pessoal e também mérito intelectual, retornou a Curitiba, em 1945, tendo desempenhado as suas funções de Oficial de Estado-Maior no Comando da Artilharia Divisionária da 5ª Divisão de Exército/5.ª Região Militar. Sua proverbial habilidade no relacionamento humano, seu nobre caráter, sua esclarecida inteligência e a sua reconhecida capacidade de congregar todos que com ele trabalham são traços marcantes reconhecidos por seus chefes, que fizeram constar em diversas referências elogiosas.

Por todas estas qualidades, foi selecionado para exercer as delicadas e importantes funções de Adido Militar à Embaixada do Brasil no Paraguai, onde se impôs à estima dos camaradas do Exército daquela Nação amiga e ao apreço e consideração das figuras mais representativas da sociedade paraguaia. Dessa

forma, prestou inestimáveis serviços ao nosso país, inclusive no campo diplomático, mantendo sobremodo elevado o prestígio das nossas Forças Armadas, como também cativando para o Brasil inúmeras simpatias.

Posteriormente, já como Oficial General, empenhou-se com incansável dedicação no sentido de contemplar o Estado do Paraná com a implantação da Refinaria de Petróleo de Araucária. Pode-se afirmar com absoluta certeza que tal importante e fundamental vitória conquistada para a economia e o desenvolvimento do Paraná deve-se ao General de Exército Isaac Nahon, que de forma muito hábil influenciou decisivamente a implantação da refinaria no estado, vencendo uma disputa político-econômica com Santa Catarina.

O reconhecimento pela sua participação na questão da Refinaria de Araucária foi materializado com a concessão pela Assembleia Legislativa, em 1971, de uma das mais importantes condecorações estaduais: O Título de Cidadão Paranaense, comenda que ostentava e externava sempre com muito orgulho.

Gen. Isaac Nahon, faleceu em 29 de outubro de 2000.

Depoimento de Ary de Christian³

Sobre mais um pouco do General Isaac Nahon, transcrevemos um depoimento, de Ary de Christian – cavaleiro, quixote, médico e polemista, como ele mesmo se identifica.

Tudo começou no Exército, aos 19 anos, como soldado raso. Chegou a major do Exército, indo para a Reserva com proventos de coronel. Com curso de aperfeiçoamento de oficiais realizado no EsAO, Rio, onde também cursou a Escola de Saúde do Exército por 12 meses.

O ingresso no quadro médico do Exército resultou de uma dura batalha para quem não usara sapatos até os 14 anos. Uma espécie de preparatório às durezas da vida ocorreu a partir dos 15 anos, quando trabalhou em duas selarias e artefatos de couro, propriedades dos Kosop e Manobra Militar em Saicã (RS), em 1967.

Veio de baixo mesmo, “reco” em 1949 no hoje Solar do Barão, então quartel general da Quinta Região Militar, na Rua Carlos Cavalcanti.

Fez serviços pesados, passou a cabo, fez concurso e foi a terceiro e segundo sargento, servindo no CPOR. Ali conviveu com uma “juventude dourada” – como diriam os colonistas sociais da época –, a maioria composta de filhos da alta burguesia curitibana. Servir no CPOR era, então, uma espécie de rito de passagem, evento meio mágico, forte simbolismo identificando uma maioria de “bem nascidos” privilegiados no cumprimento do serviço militar, um dever seguido à risca naqueles tempos.

Havia os que tinham passado pelo CPOR e “os outros”, opina um antropólogo da UFPR que prepara tese sobre o assunto e pede reserva de seu nome.

A vida castrense revelou-lhe um mundo de relacionamentos e de tipos humanos inesquecíveis. Um deles, o General Isaac Nahon, depois um dos pilares do Movimento Militar de 1964. Ficou amigo do general e de sua família.

³ HAYGERT, Aroldo Murá G. *Vozes do Paraná: retratos de paranaenses*. Curitiba: Esplendor; Convivium, 2009. 300p.

Como oficial médico cuidou do coração de ícones do movimento de 1964, como os Generais Orlando Geisel e Ernesto Geisel, no Hospital Central do Exército, no Rio. E também do General João Baptista Figueiredo, que depois seria presidente da República (assim como Ernesto Geisel). Era um homem sem meias palavras, “Figueiredo era um tríplice coroado, primeiro aluno de turma, de todas por onde passou”, registra Ary.

De Ney Braga foi mais do que médico particular, foi amigo fiel a quem serviu em seu segundo governo, presidindo a Fundação de Saúde Caetano Munhoz da Rocha.

Sobre Ney fala com autoridade de quem lhe diagnosticou problemas cardíacos que o levariam a fazer ponte de safena na Santa Casa. “Na época, estava na moda operação cardíaca em Cleveland. Ney escolheu nossos médicos”, diz Ary.

General de Divisão Marcos Kruschin⁴

Nascido em 22 de março de 1915, na Colônia Phillipson, em Santa Maria da Boca do Monte/RS, estabelecida pela ICA, seus pais Salomão e Sonia (Scheindel) tendo chegado com as primeiras levas de imigrantes da Ucrânia em 1905 para as colônias da ICA na Argentina.

Em 1912 a família se mudou para Phillipson, lá permanecendo por cinco anos, relocando-se posteriormente para Ijuí, nos primeiros tempos morando na periferia, e posteriormente na cidade. O pai passou a trabalhar no comércio, vindo a falecer prematuramente em 1920 aos 42 anos, quando o filho mais velho Samuel assumiu os encargos da família.

Em 1921 retornaram a Santa Maria, onde o futuro General estudou no Colégio Elementar, e no outro turno no Colégio Israelita, onde foi aluno do Prof. Politchuk. Fez o secundário no Ginásio Santa Maria, dos Irmãos Maristas, concluindo o curso em 1932.

Em 2 de fevereiro de 1933 apresentou-se como voluntário no tradicional Regimento Mallet, 5.º Regimento de Artilharia Montada, onde serviu um ano como soldado.

Em 1934, foi aprovado em concurso para a Escola Militar do Realengo, sendo declarado Aspirante a Oficial de Artilharia em 1936, pelo Regulamento de 1929, tendo como irmão de armas o correligionário Salomão Naslausky, do Rio de Janeiro.

Foi mandado servir em Cachoeira do Sul/RS, onde se casou em 1939 com a Sr.^a Dalila Moser Kruchin, com quem teve a filha Gilda Maria Kruchin, em 1941.

Naquela cidade foi promovido a 2.º e 1.º Tenente. Neste posto, foi designado para o Grupo Escola de Artilharia no Rio de Janeiro. Serviu em Santa Maria, São Gabriel e Bagé. Em 1944 foi promovido a Capitão e matriculado no Curso de Artilharia Antiaérea no Rio.

⁴ EIZIRIK, Moysés. *Imigrantes judeus* – relatos, crônicas e perfis. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana/Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1986. p. 114-5. Entrevista realizada por Moysés Eizirik.

Concluído o curso, foi classificado em Natal, que sediava a Base Aérea de Paramirim, de grande relevância durante a 2.^a Guerra Mundial. Era o Trampolim da Vitória, de onde os aviões americanos faziam escala nos voos para Dakar.

Em 1947, foi matriculado na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Ao concluir o curso, foi mandado servir em Cachoeira do Sul, onde ficou alguns anos.

Em 1947, recebeu a importante comissão de Ajudante de Ordens do General Newton Estilac Leal, Ministro da Guerra. Promovido a Major, continuou na função de Oficial de Gabinete.

Em 1952, foi admitido na ECEME, tirando o curso de Estado-Maior do Exército, sendo diplomado em 1954 e classificado para o Quartel General da II Divisão de Cavalaria, em Uruguaiana, onde permaneceu até 1957.

Transferido para o Quartel General do III Exército em Porto Alegre, onde serviu até 1959, sendo promovido a Tenente-Coronel e designado para o comando do I Grupo do 6.^º Regimento de Obuses de São Leopoldo, onde permaneceu até 1962.

Designado para o Quartel General da 6.^a Divisão de Infantaria em Porto Alegre, em 1963, foi convidado para servir no Gabinete do Ministro da Guerra General Jair Dantas Ribeiro em Brasília, permanecendo no cargo até 1964.

Promovido a Coronel, foi designado para a chefia da 8.^a Circunscrição do Serviço Militar em Porto Alegre. Em maio de 1966, solicitou transferência para a Reserva, sendo promovido a General.

Nesta nova fase de sua vida, passou a atuar na área administrativa de empresas de engenharia civil e entidades de previdência privada.

Sempre conviveu na coletividade judaica, frequentando sinagogas nas diferentes cidades onde serviu durante as festas religiosas de Rosh Hashaná e Yom Kipur.⁵

Colaborou ainda com o Lar dos Velhos, que presidiu durante dois anos, sendo atualmente vice-presidente.

Fé de Ofício:⁶

- ▶ Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais – 1947
- ▶ Escola de Estado-Maior – 1952/55
- ▶ Curso de Defesa Antiaérea no Centro de Instrução de Defesa Antiaérea – 1944
- ▶ 3.^º Grupo de Obuses – 1937/39
- ▶ Grupo Escola de Artilharia – 1939/41
- ▶ 5.^º Regimento de Artilharia Montada – 1941/43
- ▶ 3.^º Regimento de Artilharia da Divisão de Cavalaria – 1943
- ▶ 3.^º Grupo de Obuses – 1943/44
- ▶ 1/3.^º Regimento de Artilharia Antiaérea (1944/46)

⁵ Hebraico: Ano Novo e Dia do Perdão.

⁶ Pesquisa realizada por: Antonio Mauro de Oliveira Pereira – 1.^º Ten. QAO. DECEX – DPHCEX – Arquivo Histórico do Exército. Fé de ofício: Pasta nº XXX – 62 – 97-SAP-AHEX; *Almanaque de Oficiais*, 1966 (Último ano em que o oficial aparece no almanaque).

- ▶ 3.º Regimento de Obuses –1946/50
- ▶ Quartel General da Zona Militar do Sul –1950/52
- ▶ Quartel General da 2ª Divisão de Cavalaria –1955/57
- ▶ Quartel General do III Exército –1957/59
- ▶ I/6.º Regimento de Obuses 105 (Cmt) –1959/62
- ▶ Quartel General da 6ª Divisão de Infantaria –1962/63
- ▶ Gabinete do Ministro da Guerra –1963/64
- ▶ 8.ª Circunscrição de Recrutamento (Chefe) –1964/66

Medalhas: Medalha Militar com Passador de Ouro; Medalha de Guerra; Medalha do Pacificador; Medalha do Mérito Santos Dumont, de Prata. Admitido na Ordem do Mérito Militar no grau de Cavaleiro.

Promoções: Aspirante em 11 de janeiro de 1937, 2.º Tenente em 15 de novembro de 1937, 1.º Tenente em 7 de setembro de 1939, Capitão em 24 de junho de 1943, Major em 25 de junho de 1951, Tenente-Coronel em 25 de abril de 1958, Coronel em 25 de abril de 1964. Por Decreto de 31 de março de 1966, foi transferido para a Reserva Remunerada e promovido aos postos de General de Brigada e General de Divisão na inatividade

General de Divisão Rafael Zippin

O então Ten.-Cel. Rafael Zippin comandou o 1.º RC Mec. – 1.º Regimento de Cavalaria Mecanizado, Regimento Sá Britto, de 11 de outubro de 1954 a 12 de outubro de 1958. Unidade histórica com raízes remotas no Esquadrão de Voluntários do Rio Grande, foi organizada no início de 1770, em Viamão/RS. Teve como comandante o Cel. Bento Gonçalves da Silva, posicionando-se em 1835 a favor da Revolução Farroupilha.

Em 1865, como 4.º Corpo de Caçadores a Cavalos, integrou o 3.º Corpo de Exército, do Gen. Osório. Em 23 de março de 1866, a unidade transpôs o Rio Uruguai, em frente a Itaqui, seguindo em direção ao Passo da Pátria e aos campos de batalha do Paraguai, onde se destacou em inúmeros combates e batalhas.

Na Guerra da Tríplice Aliança, a Guerra do Paraguai, durante a batalha do Avaí, em 11 de dezembro de 1868, seu então comandante, o Tenente-Coronel Luiz Joaquim de Sá Britto, que dá nome ao Regimento, morreu em combate à frente da tropa, trespassado por balas inimigas durante a realização da mais brilhante carga de cavalaria do Exército Brasileiro.

Sua denominação variou através dos séculos, 4.º Regimento de Cavalaria Ligeira, 1.º Regimento de Cavalaria Independente, 1.º Regimento de Cavalaria e, finalmente, em 1973, o atual 1.º Regimento de Cavalaria Mecanizado, quando participou ativamente da Revolução Liberal de 1930 e da Revolução Constitucionalista de 1932, deslocando-se para os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. Suas tropas protagonizaram a famosa cena dos cavalos amarrados ao Obelisco da Av. Rio Branco no Rio de Janeiro.

Em 1943, o 1.º RCI foi transferido para a sua sede atual, em Itaqui/RS, de onde em 1944 partiu um contingente que integrou a Força Expedicionária Brasileira, combatendo no teatro europeu nos campos de batalha da Itália.

Dez anos depois, o Ten.-Cel. Rafael Zippin comandaria a unidade, de 1954 a 1958.

Em 1977, a unidade passou a ser equipada com as viaturas blindadas Cascavel e Urutu, tornando-se a primeira unidade do Exército Brasileiro a ter sua dotação completa com essas viaturas.

Em 4 de junho de 1979, o Regimento recebeu a denominação histórica de “Regimento Sá Britto”, numa justa homenagem ao bravo comandante do 4.º CCC, que tombou à testa de sua unidade na Guerra da Tríplice Aliança.

O 1.º Regimento de Cavalaria Mecanizado orgulha-se dos mais de um século e meio de ininterruptos serviços prestados à Pátria e ao Exército Brasileiro, e de quase dois séculos e meio de história. Com valor, desprendimento, espírito alto-neiro, entusiasmo e a vibração.

Além de Porto Alegre, a família Zippin tem um ramo em Curitiba, originalmente Zippin Grinspun, ao qual pertencia o Capitão Aviador José Zippin Grinspun, falecido em serviço por acidente aeronáutico de 1939. Era irmão do Dr. Dálio Zippin, advogado em Curitiba, nascido em São Paulo em 31 de julho de 1912 e formado pela Faculdade de Direito do Paraná, tendo colado Grau em 19 de dezembro de 1935. Seus pais, Jacob Grinspun e Anita Zippin, vieram da Argentina e foram para São Paulo, com os filhos Sarita e José. José e Dálio eram irmãos, e primos do Gen. Raphael Zippin. Dálio Zippin Filho, advogado em Curitiba, foi também oficial do Corpo de Bombeiros.

“(...) De Dálio Zippin se contam fatos pitorescos, que retratam muito bem as dificuldades dos imigrantes recém-chegados ao Paraná: Já matriculado na universidade, Dálio era obrigado, às vezes, a faltar às aulas, porque devia fazer entrega dos colchões fabricados e vendidos por sua mãe; a entrega era feita na charrete da família, puxada por um burrico.”⁷

Já na Reserva, em março 1965, o General Rafael Zippin foi nomeado presidente da Caixa Econômica do Rio Grande do Sul⁸. Reformado em 1964, faleceu aos 66 anos em 1976.

General Bentes: Soldado sefardita do Brasil (1912-1990)⁹

Dentre os muitos soldados brasileiros judeus da Amazônia, um dos primeiros a se destacar foi o menino nascido no interior do Pará, Abraham Ramiro Bentes, declarado Aspirante a Oficial da Arma de Artilharia pela Escola Militar do Realengo, em 25 de janeiro de 1934.

⁷ Disponível em: <<http://www.icjbs.com.br/index.php/noticias/60-homenagem-a-ufpr-pelos-100-anos>> Discurso da presidente do Instituto Cultural Judaico Brasileiro “Bernardo Schulman”, Sara Schulman.

⁸ Disponível em: <www.jta.org/1965/03/12/archive/president-of-brazil-names-jew-as-president-of-federal-bank#ixzz3Owpg7tM8>

⁹ BLAJBERG, Israel. Texto apresentado ao VII CONFARAD – Sétimo Congresso Sefaradi – 30 de outubro a 2 de novembro de 2010, Rio de Janeiro.

Já Coronel, Bentes comandava o poderoso 2.º Grupo de Obuses 155 de Jundiáí por ocasião dos acontecimentos de 31 de março de 1964, acumulando interinamente a AD/2 (Artilharia Divisionária), que se deslocou com as tropas do II Exército do Gen. Amaury Krueel de Jundiáí a Curitiba.

Conciliou a carreira militar com as tradições herdadas de seus antepassados, que aportaram na Amazônia vindos do distante Marrocos, aventura fantástica que em 2010 completa dois séculos.

Estudioso do haquitia e autor de reconhecidos livros, como *Das ruínas de Jerusalém à verdejante Amazônia*, foi dedicado ativista na comunidade judaica brasileira, aspectos estes, porém, já sobejamente conhecidos.

Este trabalho ressalta sua vertente militar, já esta bem menos estudada, de um autêntico e distinto soldado brasileiro, do Exército de Caxias, da Artilharia de Mallet, que nunca deixou de ser um soldado sefardita da Amazônia.

Origens

Abraham Ramiro Bentes nasceu em 28 de março de 1912 em Itaituba/PA, filho de Simão Moysés Bentes e D.^a Estrella Benchimol Bentes.

Casado com Sara Mekler Bentes, tiveram uma filha, Anna Bentes Bloch, dedicada ativista comunitária, e hoje presidente do Conselho Deliberativo da FIERJ e vice-presidente do Memorial Judaico de Vassouras.

Dos seus quatro irmãos, três também nasceram em Itaituba, e um em Belém.

Isaac Ramiro Bentes, prefeito de Salinópolis, depois Diretor do Departamento de Municipalidades e em seguida Diretor do Tesouro do estado do Pará; Elias Ramiro Bentes, falecido em 1975, economista, diretor da Associação Comercial do Amazonas, ocupando ainda outros cargos; Jayme Bentes, advogado, residente em Belém, presidente da comunidade israelita paraense por longos anos; e o quarto irmão, Efraim Ramiro Bentes, o nascido em Belém, engenheiro civil, foi deputado estadual e presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Pará.

O menino Abraham foi mandado para cursar o primário na Alliance Française Universelle, em Tanger, Marrocos, diploma revisto no Grupo Escolar Floriano Peixoto, de Belém/PA. Obteve o título de Bacharel em Ciência e Letras pelo Ginásio Paes de Carvalho, de Belém, turma de 1928.

Encontrou resistência por parte dos pais, que não consideravam a carreira militar desejável para Abraham, tornando-se então funcionário da Ford Pará.

Quando em 1929, acometido de impudismo, fantasiava inconscientemente com a vida de soldado, com a farda. Uma vez restabelecido, não houve mais empecilho. Recuperado, prestou concurso para a Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, onde sentou praça como cadete em 24 de março de 1930, sendo declarado Aspirante a Oficial da Arma de Artilharia em 25 de janeiro de 1934, 2.º Tenente no mesmo ano, alcançando os demais postos de 1.º tenente em 1936, Capitão em 1941, Major em 1948 e Tenente-Coronel em 1953.

Atingiu a patente de Coronel em 25 de agosto de 1961. Corroou sua longa carreira militar com a transferência a pedido para a Reserva Remunerada, Decreto de 18 de março de 1969, com proventos de General de Divisão, contribuindo para o Montepio como Marechal.

Tirou os cursos de Especialização de Artilharia de Costa, Centro de Instrução de Artilharia de Costa – 1938, Artilharia Antiaérea, Aperfeiçoamento de Oficiais e Curso de Estado-Maior e Comando (1945-49).

Foi instrutor da Escola de Artilharia de Costa, ao tempo da Missão Militar norte-americana, Secretário da Escola de Estado-Maior, membro de diversas comissões, em especial das de recuperação do Forte de Coimbra em Mato Grosso, e Fortaleza da Lage e Fortaleza de Santa Cruz, ambas no Rio de Janeiro.

Por ocasião da mudança do regime em 1964, comandava o 2.º Grupo de Obuses 155, em Jundiaí/SP, uma das mais poderosas unidades da Artilharia brasileira.

Além da Medalha Militar com Passador de Ouro de Bons Serviços (30 anos) e da Medalha do Pacificador, o General Bentes foi condecorado com diversas outras, sendo ainda Comendador da Ordem Nacional do Mérito, do Paraguai.

Principais comissões desempenhadas

- ▶ Regimento de Artilharia Mista – 1934
- ▶ 6.º Grupo de Artilharia de Costa (Forte de Coimbra) – 1934
- ▶ Regimento Misto de Artilharia – 1935
- ▶ 2.º Grupo de Artilharia de Costa/Fortaleza de São João – 1937
- ▶ Escola de Artilharia de Costa – 1940
- ▶ 3.º Grupo de Artilharia de Dorso – 1942
- ▶ 1.º Grupo do 5.º Regimento de Artilharia da Divisão de Cavalaria – 1942
- ▶ Escola de Estado-Maior – 1945
- ▶ 4.ª Região Militar/4.ª Divisão de Infantaria – 1949
- ▶ Departamento Geral de Administração – 1952
- ▶ Secretaria Geral do Ministério da Guerra – 1953
- ▶ Inspetoria Geral do Exército – 1954
- ▶ Departamento Técnico e de Produção – 1955
- ▶ Departamento de Produção e Obras – 1956
- ▶ Quartel General da Artilharia de Costa da 1.ª Região Militar – 1959
- ▶ I Exército/1.ª Região Militar – 1960
- ▶ Diretoria do Serviço Militar – 1961
- ▶ Serviço de Identificação do Exército – 1961
- ▶ 2.º Grupo de Obuses 155 (Comandante) – 1963
- ▶ 23.ª Circunscrição de Recrutamento (Chefia) – 1965
- ▶ Departamento Geral do Pessoal – 1967
- ▶ 28.ª Circunscrição do Serviço Militar (Chefia) – 1968

E ainda, em 1953, quando Major, foi designado para servir com o General Ângelo Mendes de Moraes, como Assistente-Secretário.

Participou na Guerra Bolívia-Paraguai, servindo no Forte de Coimbra, na Fronteira do Brasil com esses dois países.

Foi membro da Comissão de Recuperação do Forte da Lage e da Fortaleza de Santa Cruz, ambas na Baía de Guanabara/RJ.

Foi membro da Comissão do Departamento de Produção e Obras do Exército, que visitou as Organizações da Indústria Siderúrgica Pesada do Japão, Estaleiros e Indústria de Automóveis.

Foi membro da Comissão do Departamento de Produção e Obras do Exército, que visitou as Indústrias Bélicas e Eletrônicas dos Estados Unidos da América do Norte.

Foi secretário-geral da Embaixada Especial do Governo Brasileiro às festividades do Sesquicentenário da Independência do Paraguai

Foi diretor do Serviço de Identificação do Exército.

Sua mais importante comissão

Comandante do 2.º Grupo de Obuses de 155 mm e Comandante do Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva de Artilharia, ambos em Jundiaí/SP.

Comandante Interino da Artilharia Divisionária de II Exército, São Paulo, durante a Revolução de 31 de março de 1964, tendo se deslocado de Jundiaí até Curitiba comandando as tropas.

Comandou de 18 de dezembro de 1963 a 5 de janeiro de 1965 o 2.º Grupo de Obuses 155, atual 12.º Grupo de Artilharia de Campanha – Grupo Barão de Jundiáhy, sucessor do 2.º Grupo de Artilharia de Montanha e 2.º Grupo de Artilharia de Dorso.

A *Folha de Jundiaí*, em sua edição histórica de 16 páginas do domingo, de 12 de abril de 1964, trouxe o profundo reconhecimento ao General Lindolfo Ferraz Filho, comandante da AD/2, ao Coronel Abraham Ramiro Bentes, comandante do 2.º GO 155, assim noticiando:

O roteiro do 2.º GO 155 e seus reflexos

A prontidão geral determinada pelo Ministério da Guerra, na tarde do dia 31 de março último, envolveu certamente o 2.º Grupo de Obuses 155, a artilharia pesada do II Exército, aquartelada no quilometro 53 da Via Anhanguera, em nosso município, e pertencente à AD/2, então comandada inteiramente pelo Coronel Ramiro Bentes, por estar o General Lindolfo Ferraz Filho em gozo de férias regulamentares, que só concluirão dia 15 do corrente.

Uma das primeiras tropas a serem utilizadas pelo General Kruel, dada a sua importância bélica, foi o 2.º GO 155, sendo determinado que seguisse para Água Branca, aonde chegou às 14 horas do dia 1.º de abril, comandado interinamente pelo Major Alaor Soares Mello. Às 6h45 do dia 2, nosso querido GO, conduzido pelos briosos filhos de Jundiaí, Itatiba, Indaiatuba e demais municípios vizinhos partiu com direção a Curitiba, Paraná, onde deveria chegar o mais rápido possível, a fim de por sua presença próxima ao Rio Grande do Sul, e podendo chegar no dia seguinte a Porto Alegre, conseguir acelerar a adesão do vitorioso movimento de renovação nacional, dos irmãos gaúchos que ainda resistiam.

O general Lindolfo Ferraz Filho, no dia 2, apresentou-se ao II Exército e reassumiu o comando da AD/2, pelo qual deixou de responder o Coronel Ramiro Bentes, que foi encontrar seu grupo em marcha às 21h30 do mesmo dia 2, no posto de gasolina de Jacupiranga, Km. 231 da BR 2.

Demonstrando de suas guarnições, e o esforço patriótico de todos os seus componentes desde o comandante ao mais simples soldado, o 2.º GO 155, superando todas as expectativas militares, realizou uma marcha de quase 450 quilômetros em menos de 24 horas, tendo só duas de suas viaturas ficado na estrada, por indisponibilidade técnica.

O valor dessa vibrante atuação de nossas tropas está caracterizado nos agradecimentos públicos que lhe prestaram os habitantes de Curitiba na tarde do dia 3 de abril, quando, a pedido do governo daquele estado, Coronel Nei Braga e do Cmt. da 5ª R.M. e 5.º D.I., General Dario Coelho, desfilaram todos os pracinhas do II Exército pelas principais artérias da bela capital paranaense, quando jovens e velhos, homens, mulheres e crianças, subiam nas viaturas do 2.º GO dizendo a seus componentes o seu muito obrigado.

Nesse mesmo dia, declarando ao nosso GO: “Missão cumprida”, o General Kruel comunicava ao GT 4 que o 2.º GO 155 deveria recolher-se a Jundiaí, aonde chegou às 14h30 do dia 6 último, já sob o comando do Coronel Ramiro Bentes, recebendo a calorosa recepção de nossos munícipes, da qual esta edição é um fiel relato.

Jundiaí viveu horas de verdadeiro entusiasmo na recepção às tropas do II GO e da Cia. de Comunicações aqui aquartelada, povo, autoridades, comércio, indústria, Veteranos de 32 e servidores públicos, todos sem distinção acorreram às ruas por onde iriam desfilar nossos soldados da democracia, para aclamá-los e abraçá-los carinhosamente.

Voto de louvor

A Assembleia Legislativa de São Paulo consignou na ata dos trabalhos da sessão de 20 de outubro de 1964, o requerimento do deputado Omair Zomignani por um voto de congratulações com o Comando do 2.º Grupo de Obuses 155, de Jundiaí, na altura do km. 53 da Via Anhanguera, pelo transcurso do seu 42.º aniversário de instalação, dando-se ciência ao Cel. Abraham Ramiro Bentes, atual Comandante.

Criado em 11 de dezembro de 1919, com a denominação de 2.º Grupo de Artilharia de Montanha, sua instalação efetiva ocorreu a 15 de novembro de 1922, em Jundiaí, com duas baterias, na sede de um ginásio existente na cidade.

O 2.º GO 155 tem se destacado na defesa da soberania nacional, cumprindo ainda o seu relevante papel de ministrar ensino militar aos soldados anualmente recrutados, bem como elevar o índice moral e cívico dos jovens, objetivando fortalecer o patriotismo e a coragem pelo bem-estar do país.

Ao ensejo das comemorações do seu 42.º aniversário, o 2.º GO 155 deixa patenteado o dinamismo e marcante conduta desenvolvida pelo Coronel Ramiro Bentes, no Comando do Grupo. Os relevantes serviços prestados por esse oficial simbolizam a certeza de que as Forças Armadas estão coesas em torno do único ideal de bem servir à Pátria.

Sua destacada postura militar foi muito bem expressa pelo general Amaury Kruel, em sua visita ao 2.º GO 155:

“O comandante, com a alma de soldado, colocou esta alma em seu trabalho, colocou esta alma na sua tarefa, demonstrando o seu valor profissional e seu sentimento de soldado”.

Visita de inspeção do Gen. Kruel – Comandante do II Exército

Assim noticiou a *Folha de Jundiaí* a visita:

No decorrer do almoço de recepção ao Gen. Kruel, as praças do 2.º GO 155 cantaram as canções da Cavalaria e da Artilharia, tendo falado o Cel. Ramiro Bentes, oferecendo flâmulas do grupo ao Cmt. e ao Chefe do EM do II Ex. e uma palma de flores à Exm.ª Sr.ª do Gen. Kruel, em nome das esposas dos Oficiais daquela Unidade. O General Ferraz usou da palavra, agradecendo a visita do Cmt. do II Ex. e a presença das autoridades do Executivo, Legislativo e Judiciário de Jundiaí e de sua imprensa falada e escrita.

Encerrando o almoço assim se expressou o General Amaury Kruel, dando sua impressão sobre a visita que acabava de realizar, conforme texto extraído da fita magnética da gravação original da reportagem da Rádio Difusora Jundiaíense:

“Não podia ser mais agradável para mim, do que ver, em torno desta mesa, os elementos representativos da cidade de Jundiaí. Isto vem evidenciar uma perfeita integração entre civis e militares. E este é bem o objetivo que devemos atingir, porque hoje não mais existe a sociedade militar e muito menos a sociedade civil; o que existe, e que estou verificando nesta cidade, é a sociedade Jundiaí, desta heroica cidade, que constituiu uma das peças mestras da força e da pujança da economia de São Paulo.

De outro lado, eu quero me congratular com o Comandante desta Unidade que sempre teve bem em vista a necessidade desse intercâmbio entre militares e civis. Isso demonstra a sua alta compreensão desta grande cidade, em benefício, não só da própria vida do quartel, como também da vida da cidade.

A jornada que está manhã percorremos, aqui neste Quartel, traz-me a grata satisfação de ver que o Comandante da Unidade, com seus Oficiais, forma uma equipe de trabalho, de honestidade profissional e de um sentimento cívico. O que vi, ao percorrer as dependências desse Quartel, e ouvir os planos de execução, uns em curso, outros a serem realizados pelo seu Comandante, me trouxe a convicção de que este Regimento, dentro de um ano, será uma elite dos Regimentos do II Exército. Isto por que o seu comandante, com a alma de soldado, colocou esta alma em seu trabalho, colocou esta alma na sua tarefa, demonstrando o seu valor profissional e seu sentimento de soldado.

Estou certo de que oficialidade deste Grupo acompanha, a par e passo, o sentimento de seu comandante, formando esta equipe valorosa, que fará deste Grande Unidade, uma unidade de elite. Ela está fadada a conseguir isso. Se não atingiu até agora, são por deficiências alheias, que só o tempo poderá conquistar.

Mas eu estou certo, que no fim de um ano de administração do Coronel Bentes, esta Unidade será o orgulho do II Exército.

E, para a felicidade de todos, eu quero erguer minha taça, e em honra aos representantes da sociedade civil que aqui se acham presentes, fazendo meus votos para a grandeza desta grande cidade, que é uma pujança, repito, na economia de São Paulo.”

Presença na comunidade israelita

- ▶ Presidente e fundador, em 1929, do Grêmio Israelita Azul e Branco, em Belém/PA.
- ▶ Vice-presidente da Sociedade Hebraica do Rio de Janeiro.
- ▶ 1962-1964 – Presidente do Conselho Deliberativo da União Israelita Shel Guemilut Hassadim, do Rio de Janeiro.
- ▶ 1988-1990 – Presidente da Sinagoga da União Israelita Shel Guemilut Hassadim (União Israelita de Ajuda aos Necessitados) a qual data de 1840, a mais antiga Sinagoga do Rio de Janeiro embora antes houvesse grupos de judeus realizando suas orações e que foram os predecessores da U.I. S.G.H. Foi instalada inicialmente num sobrado da Praça da República esquina da Rua Senhor dos Passos, transferindo-se sucessivamente para vários endereços próximos, até estabelecer-se finalmente, em 1950, na Rua Rodrigo de Brito, 37 – Botafogo.¹⁰
- ▶ Vice-Presidente e Presidente da Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro – FIERJ.
- ▶ Diretor da Comissão de Construção do Cemitério Comunal Israelita do Rio de Janeiro.
- ▶ Conselheiro da Sociedade de Beneficência Hospital Israelita do Rio de Janeiro.
- ▶ Presidente da comissão que recepcionou, no Rio de Janeiro, o professor Selman Waksman, na visita de agosto de 1963, cujo programa incluiu um almoço no HCE – Hospital Central do Exército, com o General Diretor.
- ▶ Escreveu, entre outros, *Os seferadim e a hakitia*, pesquisa filológica sobre o dialeto hispano-árabe-judaico, e que nos confins da Amazônia, acabou sendo enriquecido por vocábulos portugueses e indígenas, lançado em 29 de outubro de 1981, na inauguração da IV Assembleia Plenária da FESELA – Federação Sefaradi Latino-Americana, em São Paulo, e *Das ruínas de Jerusalém à verdejante Amazônia*, 1987 – Edições Bloch, que em 400 páginas relata a história fantástica de seus antepassados, e como saíram do Marrocos distante há 200 anos, chegando não só à Amazônia Brasileira, mas também aos mais remotos rincões da Amazônia peruana. Levanta, inclusive, a possibilidade, discutida por outros autores, das origens judaicas de Pedro Teixeira, o desbravador da Amazônia.

¹⁰ <http://sinagogashel.com/historico.html>

Epílogo

Gen. Bentes faleceu em 1990. No dia 1.º de maio de 1990 foi realizada a *mizmará* de 30 dias. No sábado à noite, 23 de fevereiro de 1991, foi oficiada a *mizmará* na UISGH, e no dia seguinte a descoberta da *matzeivá* no Cemitério Comunal Israelita do Caju.

Em 15 de fevereiro de 1995, por requerimento do vereador Milton Nahon, foi reconhecida pela Câmara Municipal, como logradouro público, sob a denominação de Abraham Ramiro Bentes (Militar, General de Divisão/1912-1990), uma rua no bairro do Recreio dos Bandeirantes.

O General Bentes foi um dos mais destacados militares judeus brasileiros. Representa bem a contribuição judaica às Forças Armadas nacionais, mormente pela sua origem amazônica de que tanto se orgulhava, numa época em que as guarnições militares eram mínimas na região, se comparadas com a situação de hoje, em que a Amazônia ocupa um lugar proeminente nas hipóteses de emprego estudadas pelos Estados-Maiores, com o significativo reforço de tropas que vem ocorrendo nos últimos anos.

A ele, merecidamente, dedicamos a tradicional saudação dos soldados da Amazônia:

SELVA!!!

Fé de Ofício:¹¹

- ▶ Praça – 24/3/1930
- ▶ Escola Militar do Realengo – 1930/1934 (reg. 1929)
- ▶ Escola de Estado Maior – 1945/1949
- ▶ Centro de Instrução de Artilharia de Costa – 1938
- ▶ Medalha Militar com Passador de Ouro (S1)
- ▶ Medalha do Pacificador
- ▶ Ordem Nacional do Mérito – Paraguai (ONM3)

Promoções:

- ▶ Aspirante: 25/1/1934
- ▶ 2.º Tenente: 30/8/1934
- ▶ 1.º Tenente: 7/9/1936
- ▶ Capitão: 24/3/1941
- ▶ Major: 25/6/1948
- ▶ Tenente-Coronel: 25/4/1953
- ▶ Coronel: 25/8/1961
- ▶ Passou para a Reserva por Decreto de 18 de março de 1969.

¹¹ Fé de ofício: Pasta n.º XXX-20-77-SAP-AHEX, *Almanaque de Oficiais* de 1969 (último em que o oficial aparece). Pesquisa realizada por: Fernando da Silva Rodrigues – DECEX – DPHCEX – Arquivo Histórico do Exército.

General Octavio Alves Velho

Nascido em 14 de julho de 1918, sua mãe era D.^a Reisa Pekerov. Praça de 12 de abril de 1935, Aspirante de 3 de dezembro de 1939. Oriundo da Arma de Artilharia, destacou-se como um dos pioneiros do paraquedismo militar, no antigo NuDAet – Núcleo da Divisão Aeroterrestre, no qual chegou a Chefe do Estado-Maior. Era Mestre de Salto. Foi professor de Português e Cultura Brasileira da USMA – Academia Militar de West Point, de 1948 a 1951. Era um intelectual, traduziu mais de 100 livros, inclusive boa parte da obra de Erich Fromm.

Na Reserva, teve passagens pela Agência Nacional, Mesbla e agência de propaganda Verbo. Foi assessor do governador do Rio de Janeiro Alte. Faria Lima e do governador Janio Quadros. Morreu em setembro de 2000, aos 81 anos, com Mal de Alzheimer, sendo sepultado no Cemitério São João Baptista, Botafogo, Rio de Janeiro.

Era casado com D.^a Dulce Cardoso Alves Velho, com quem teve os filhos Octávio Guilherme Velho e Gilberto Velho (1945-2012), ambos antropólogos.

O filho Gilberto faleceu em 25 de abril de 2012. Era professor e decano do PPGAS do Museu Nacional da UFRJ.

General Edgard Buxbaum

Em 1927, era 1.º Tenente. O então Ten.-Cel. Edgard Buxbaum comandou o 38.º Batalhão de Infantaria, Btl. Tibúrcio, em Vila Velha/ES, de 1947 a 1949.

O General Buxbaum era contra a chamada “presença imperialista” no Brasil, junto com diversos outros militares designados “nacionalistas”, como os Generais Leônidas Cardoso, Artur Carnaúba e Felicíssimo Cardoso, além do Coronel Salvador Correia de Sá e Benevides e do Marechal Graciano de Castilho. Dentre estes, o General Artur Carnaúba e o Coronel Salvador Correia de Sá e Benevides colaboravam ativamente na revista do Clube Militar.¹²

Na década de 1950, o general tinha suas viagens e conferências pelo Brasil acompanhadas pelas Delegacias de Ordem Política e Social (DOPS), pelas suas posições contrárias ao Acordo Militar Brasil-EUA, exportação de mica para os EUA, e entrada do Brasil na Guerra da Coreia.

O Acordo Militar Brasil-EUA, assinado em 1952, foi denunciado em 1977 pelo presidente Geisel.

Foi delegado do Brasil no Congresso dos Povos pela Paz, no qual suas palavras foram gravadas e transmitidas para o Brasil pela Rádio Moscou.

Em novembro de 1958, por ocasião do seu falecimento, foi homenageado no Senado Federal pelo senador Domingos de Vellasco (PSB – Partido Socialista Brasileiro/GO).

¹² KUNHAVALIK, José Pedro. *Os militares e o conceito de nacionalismo: disputas retóricas na década de 1950 e início dos anos 1960*. Florianópolis, 2009. 279 p, tese apresentada ao PPGSP/UFSC para obtenção do título de Doutor em Sociologia Política.

General Oscar de Barros Amzalak

O General Oscar era filho do Capitão-Tenente Leão Amzalak (1859-1919) e neto de Isaac Amzalak e Hannah Levi, conforme já relatado no cap. 9 desta obra – A Marinha no Império. O CT Leão Amzalak foi o primeiro judeu de que se tem conhecimento, filho de Isaac Amzalak, que imigrou de Portugal para a Bahia, onde se casou com Hannah Levi.

O CT Leão era irmão das três beldades – Simy, Esther e Mary Roberta – que Castro Alves immortalizou em alguns de seus poemas. O casal residia em uma bela casa com grande varanda na Rua Sodré. Quis o destino que fossem vizinhos de Castro Alves, que encantado com a beleza das filhas do casal, escreveu poemas memoráveis inspirado nelas, um hino à beleza da mulher judia, como “Hebreia”.

O CT Leon Amzalak casou-se com D.^a Leocádia Pereira de Souza Barros, filha de Manuel Pereira de Souza Barros, o Barão de Vista Alegre, tendo os filhos Oscar de Barros Amzalak e Marina de Barros Amzalak, que trabalhou no Ministério das Relações Exteriores – Itamaraty e tornou-se secretária do presidente Vargas.

O General Oscar de Barros Amzalak casou-se com D.^a Honestália Reis Frattini. Membros da família e seus descendentes vivem em Três Corações/MG, onde um Amzalak é professor de matemática na universidade local.

Oscar nasceu em 26 de outubro de 1896, Praça de 1.^o de abril de 1915 e Aspirante a Oficial da Arma de Cavalaria de 17 de dezembro de 1918. Em 24 de junho de 1943 foi promovido a Ten.-Cel. Tirou o curso de Equitação e serviu no 6.^o Regimento de Cavalaria Independente. Participou da Revolução de São Paulo, de 21 a 26 de julho de 1924.

A saga dos Amzalak permanece evoluindo ao longo das épocas. Seu nome aparece novamente já em nosso tempo: D.^a Ângela Lúcia Amzalak de Carvalho, cujo filho também elegeu a Nobre Arma Ligeira, o Coronel de Cavalaria Taylor de Carvalho Neto, antigo Comandante do 15.^o Batalhão Logístico de Cascavel/PR.¹³ Nascido em 22 de janeiro de 1967, em Varginha/MG, é filho de Taylor de Carvalho Filho e Ângela Lúcia Amzalak de Carvalho, ingressou nas fileiras do Exército Brasileiro, em 13 de fevereiro de 1984, como aluno da Escola Preparatória de Cadetes do Exército de Campinas/SP. Declarado Aspirante da Arma de Cavalaria em 24 de novembro de 1990, tendo sido promovido a Coronel em 30 de abril de 2014.

Arma de Infantaria

Coronel Armando Levy Cardoso

Armando Levy Cardoso era filho de Antônio Almeida Cardoso e da educadora Stella Levy Cardoso, formada pela Escola Normal após brilhante curso, sendo irmão mais velho do Marechal Waldemar Levy Cardoso, nascido em 12 de julho

¹³ <http://www.15blog.eb.mil.br/antigos-comandante.html#>

de 1899. Seu pai era figura de destaque do meio bancário, sendo diretor do Banco Espanhol del Rio de la Plata e fundador do Banco de Espanha e Brasil, na Rua da Candelária n.º 21.

Admitido na Escola Militar em 9 de janeiro de 1918, foi declarado Aspirante a Oficial da Arma de Infantaria em 18 de janeiro de 1921 (Reg. 1919).

Promovido a 2.º Tenente em 11 de maio de 1921, 1.º Tenente em 9 de fevereiro de 1923, Capitão em 7 maio 1923 e Major em 24 de maio de 1941. Contou tempo dobrado: R.S.P. – 23 de agosto a 20 de setembro de 1924. Foi Lente da Escola de Intendência da Guerra. Serviu no Batalhão de Guardas, e como 1.º Tenente em 1927, no 29.º Batalhão de Caçadores – Natal e no 23.º Batalhão de Caçadores – Fortaleza.¹⁴

Em 1922, na Escola de Aviação Militar, pilotou aviões Pilates V 24 em voo solo, sofrendo acidente em 8 de fevereiro de 1924.

Em 1924, pilotou aviões Niendorff 23M, tirando os cursos de Piloto Aviador e de Piloto Observador.

Em 1928, foi a Juazeiro comissionado pelo Ministro da Guerra estudar a possibilidade de construção de um campo de pouso no Cariri, onde o Padre Cícero havia oferecido um terreno ao Governo Federal.

Em 1938, foi membro da Comissão Brasileira de Limites do Setor Norte, chefiada pelo Cmt. Braz de Aguiar, que demarcou a fronteira com a Guiana Holandesa. Sua vivência entre tribos de índios em Roraima o levou a escrever o livro *Toponímia Brasília*, (BIBLIEX, 1961).

Em 1934, entregou ao presidente Vargas, em nome do diretor Artur Weiner da Sociedade Brasileira de Educação Cinematographica, o filme *Batismo do Brazilian Clipper*, exibido no Palácio Guanabara ao Presidente e sua família

Em 25 de novembro de 1933, o Cap. Levy Cardoso foi um dos fundadores e primeiro presidente da CIB – Confederação Israelita Brasileira, entidade dirigente judaica nacionalista, em uma assembleia que reuniu 450 participantes.

Segundo a notícia, praticamente todas as entidades israelitas do Rio de Janeiro se filiaram. No arcabouço nacional, filiaram-se: Federação Israelita do Rio Grande do Sul; Centros Israelitas de Pelotas, Santa Maria e Cruz Alta; União Israelita de Belo Horizonte; Federação Israelita Paulista (precursora indireta da FISESP). Iriam se filiar em breve: Centro Israelita do Paraná; Comitês Israelitas de Belém e de Manaus; Beneficência Israelita de São Luiz do Maranhão; Associação Israelita da Paraíba; Sociedade Israelita de São Salvador (Bahia); Centro Israelita de Aracajú; Biblioteca Israelita de Maceió; União Israelita de Campos dos Goytacases; Sociedade Israelita de Niterói; Círculo Israelita de Petrópolis e outras não nominadas.¹⁵

À mesa da sessão solene estava o deputado da Constituinte Dr. Horácio Lafer. A CIB foi uma precursora que equivalia à atual CONIB – fundada em

¹⁴ *Almanaque do Exército*, 1941, p. 56.

¹⁵ ROITBERG, José, FACEBOOK - Grupo Cronicas Judaicas - Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 2013

1948 – Confederação Israelita do Brasil, órgão de representação e coordenação política da comunidade judaica brasileira, tendo como filiadas comunidades organizadas em 14 unidades da federação.¹⁶

Levy Cardoso presidiu a Associação dos Escoteiros Hebreus Brasileiros Macabeus, filiada ao Corpo Nacional de Scouts, na qual nomes conhecidos compunham a Comissão Executiva, como o vice-presidente Tofic Nigri, a diretora das bandeirantes Mme. Ophelia Castro, e o Conselho Superior: Grão-Rabino Dr. Isaias Rafalovitch, Jacob Schneider, Wolf Kadischevitz Klabin, Dr. Marcos Constantino, Salim Nigri e Elias Trusman.¹⁷

Na comemoração do 6.º aniversário, ocorreu uma festa no Club Gymnastico Portuguez, quando usaram da palavra o Rabino Rafalovitch e o Dr. Marcos Constantino, que agradeceu em nome dos escoteiros o apoio da intelectualidade brasileira contra as manifestações antissemitas na Alemanha em 1933. Foi então empossada a nova diretoria, pelo professor Ignacio Azevedo Amaral, presidente da União dos Escoteiros do Brasil, além de professor da Escola Polytechnica e Reitor da Universidade do Brasil, que fez uma conferência sobre o Brasil e o judaísmo.

Após a sessão, os escoteiros e bandeirantes desenvolveram uma sessão literária em português, iídiche, hebraico, polonês e guarani, seguida da parte atlética com jiu-jítsu, pirâmide e acrobacias. Seguiu-se o baile, animado pelo conjunto de jazz Brasil Itália. A sede da associação é na Rua do Matoso n.º 125, onde funciona o Instituto Barão de Ayuroca.

Em 19 de abril de 1947, já Coronel, Levy Cardoso fazia parte com Salomão Hazan e Tofic Nigri da Comissão Diretora da União dos Israelitas Sefaradim do Brasil, e participou da organização em homenagem ao ilustre escritor palestinese de passagem pelo Rio, Yehudá Burlá, com um coquetel no Centro Israelita Brasileiro Bené Herzl, na Rua Conselheiro Josino n.º 14, bem próximo do Grande Templo Israelita da Rua Tenente Possolo.

Nascido no Rio de Janeiro, de linhagem sefardita, se casou uma judia sefardita. Faleceu em 1983, sendo a Missa de 7.º Dia se realizado em 20 de maio no Mosteiro de São Bento.

Oficial Brasileiro crê na cultura como arma de defesa¹⁸

A Confederação recentemente organizada de judeus brasileiros, e a Comissão de auxílio ao estabelecimento de judeus alemães na Palestina, são dirigidas por um recém-chegado aos círculos judaicos, Capitão Levy Cardoso, militar em serviço ativo.

Ao descrever como se interessou por assuntos judaicos, o Capitão Cardoso declarou que acreditava na eficácia da cultura para empregá-la como uma arma contra seus inimigos.

¹⁶ ROITBERG, José. *Menorah*, n. 642, mar. 2013.

¹⁷ *O Globo*, 19 set. 1933, p. 6.

¹⁸ RAIZMAN, Isaac. *Brazilian Officer Calls Culture Defense Weapon*. Jewish Telegraphic Agency. 11 fev. 1934.

Criação da Confederação

“Eu sempre senti que era judeu”, disse o então Capitão Cardoso. “Eu nunca neguei pertencer à nação judaica. No entanto, nunca senti a necessidade de demonstrar minha expressão judaica, exceto na sinagoga, onde ia ocasionalmente. Mas, o caso de Hitler e a maneira pela qual são feitas tentativas para transplantar o hiletrismo ao nosso continente, me revolta. “

Foi esse sentimento de revolta que levou o Capitão Cardoso a se comprometer, com outros judeus, a organizar a Confederação como um órgão representativo judaico no Brasil e de defesa dos interesses coletivos.

Entre aqueles que colaboraram com o Capitão Cardoso nesse empreendimento, estava notadamente o Dr. Herbert Moses, presidente da ABI. Dr. Moses era proeminente nos melhores círculos brasileiros, mas como o Capitão Cardoso, sentia que os judeus do Brasil precisavam de um organismo oficial para representá-los nos círculos influentes deste país.

Como exemplo de uma ocasião em que um organismo deste tipo teria sido desejável, o Capitão Cardoso citou o momento em que o presidente Getúlio Vargas foi ferido em um acidente automobilístico. Naquela ocasião, representantes das associações representativas de comunidades de imigrantes visitaram o presidente para desejar-lhe uma rápida recuperação, mas não havia nenhuma entidade representativa judaica para tal.

“Tais deficiências”, disse Capitão Cardoso, “criam uma impressão muito pobre da Comunidade Judaica no Brasil”. Assim, a Confederação foi criada para evitar tais óbices, e enfatizar a unidade dos brasileiros judeus.

No dia de Ano Novo, a comunidade judaica, pela primeira vez na sua história, enviou um telegrama para o presidente, expressando o apoio da Confederação a todas as medidas que conduzissem ao progresso do Brasil. Este é um procedimento normalmente adotado pelas demais confederações representativas. E se disse muito otimista sobre o fundo a ser criado para auxiliar os judeus alemães refugiados do nazismo a se estabelecerem na Palestina.

Acreditava que o povo judeu deveria exercer todos os meios para fazer da Palestina uma terra de possível escolha natal, embora admita que nem ele, nem muitos outros que estão confortáveis no país, desejassem passar a viver na Palestina. No entanto, a possibilidade de imigrar para a Palestina deve ser uma opção aberta para aqueles judeus que perderam *status* econômico em outros países, ou seja, vítimas de perseguições. Assim como expressou a esperança de que o governo do Brasil também manifestasse seu apreço pelos judeus como um elemento valioso, convidando famílias judias para vir a se instalar no Brasil, onde poderiam encontrar um futuro de emprego útil e produtivo.

Sobre sua mãe, a prof.^a Stella Levy Cardoso

Sua mãe, a prof.^a Stella Levy Cardoso, era uma distinguida professora catedrática e diretora da Escola Benedicto Ottoni, sua última função. Como professora primária, a Prof.^a Stella era Membro do Conselho Superior de Instrução, sediado

no Palácio da Prefeitura, tendo durante cerca de 30 anos atuado no magistério público municipal.

Falecida em 11 de maio de 1932, foi sepultada com grande acompanhamento no Cemitério de São Francisco Xavier.

Deixou os filhos Armando Levy Cardoso, casado com a professora Ophelia Boisson Levy Cardoso, e Waldemar Levy Cardoso, revolucionário desde 1922, casado com D.^a Maria da Glória Levy Cardoso, e D.^a Wanda Faria, casada com o Dr. Raul de Faria, ex-deputado federal. Deixou os irmãos Theodoro Levy, casado com D.^a Maria da Glória Vaccani, a viúva Maria Nahon, Elisa Levy e a professora municipal Regina Levy Marinho, casada com o negociante José Marinho.

São seus sobrinhos o Sr. Leon Nahon, da firma Hyman Rynder & Cia., o 1.^o Tenente Isaac Nahon, servindo na Região Militar em Curitiba, e D.^a Fortunée Nahon Barbosa, casada com o Dr. Homero Barbosa, escrivão federal da 1.^a Vara desta capital.

Seu marido Antonio de Almeida Cardoso, falecido em 1927, encontra-se sepultado no Cemitério São João Baptista.

Sobre seu filho, Armando Vitor Boisson Cardoso

Ministro de Primeira Classe da Carreira de Diplomata do Quadro Especial do Ministério das Relações Exteriores, filho de Armando Levy Cardoso e Ofélia Boisson Cardoso, tendo nascido em 1.^o de julho de 1944, no Rio de Janeiro/RJ. Ingressou na carreira diplomática em 1968, por concurso, tornando-se 3.^o secretário em 1970. Aposentou-se em 2 de julho de 2014, após exercer cargos relevantes no Itamaraty, no Rio, Brasília e como Embaixador no Haiti, Finlândia e Estônia.

Cel. Leonardo Lachtermacher

Cursou o primário de 1951 a 1955, na Escola Israelita Brasileira I. L. Peretz em Madureira.

Foi instrutor do NPOR de Petrópolis/RJ, sendo o Comandante do Batalhão o Coronel Luiz José Torres Marques, o instrutor-chefe até 25 de agosto de 1967 o Capitão Iênio Marques da Rocha, e em seguida o Capitão Sergio Vitorino Bezerra Nogueira.

O NPOR funcionou no 1.^o Batalhão de Caçadores, hoje 32.^o Batalhão de Infantaria Motorizado em Petrópolis.

O Tenente Leonardo deixou o Exército quando se encontrava em Cáceres, na fronteira, sendo muito estimado pelos alunos.¹⁹

Leonardo, conhecido por Leonardo José, é uma das vozes conhecidas dos documentários do canal a cabo Discovery Channel. Atualmente é um dos proprietários e diretores da empresa de dublagem Wanmacher, no Rio de Janeiro.²⁰

¹⁹ Depoimento de Fernando Luiz de Pércia Gomes, da Turma Marechal Humberto de Alencar Castello Branco de 1967.

²⁰ PORTO, Felipe Machado. Fac. Comunicação da UNB, memória para obtenção do grau de Bacharel em Audiovisual. Brasília – 2011.

Arma de Cavalaria*Nobre arma ligeira****Coronel Henri Perecman[is]***

Em 1965, Henri era Capitão e servia no CPOR do Rio de Janeiro. Faleceu em 1994, como Coronel da Reserva, por doença no pâncreas.

Arma de Artilharia*Arma dos fogos largos, poderosos e profundos****Coronel Israel Behar***

Ingressou na antiga Escola Militar de Resende em 10 de novembro de 1944, dia em que recebeu o Espadim, sendo declarado Aspirante a Oficial em fins de 1946, Turma Escola Militar de Resende, fundadora daquela que hoje é a AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras.²¹

Foi instrutor-chefe do CPOR/RJ em 1963-66. Após passar para a Reserva, atuou no Projeto Rondon. Criado em 1967, promovia atividades de extensão universitária, levando estudantes voluntários às comunidades carentes e isoladas do interior do país, onde participavam de atividades de caráter notadamente assistencial, organizadas pelo governo. De 1967 a 1989, ano em que foi extinto, o projeto envolveu mais de 350 mil estudantes de todas as regiões do país. Em 2005, o Projeto Rondon foi relançado pelo Ministério da Defesa, a pedido da União Nacional dos Estudantes (UNE).

O então Major Behar casou-se na Igreja de São José, Av. Borges de Medeiros n.º 2.735 – Lagoa, Rio de Janeiro, em 26 de setembro de 1964, com a Srt.ª Odaisa Gramigna Brandão, filha do Cel. e Sra. Alipio Vasconcellos Brandão. Faleceu prematuramente em 1996, devido a uma queda sofrida quando subiu ao telhado para consertar uma antena de TV.

A família mandou celebrar Missa de 7.º Dia em 26 de junho de 1996, na Igreja da Ressureição, na Rua Francisco Otaviano n.º 99 – Copacabana, Rio de Janeiro, templo especialmente caro aos artilheiros, pois foi erguido em terreno outrora jurisdicionado ao 3.º GACos e Forte Copacabana, onde era o quartelamento da Bateria de Projétores.

Sua filha Adriana Behar destacou-se no vôlei.

*Tricampeã mundial e considerada barbada, ao lado de Shelda, para a medalha de ouro em Sydney, a jogadora de vôlei de praia Adriana Behar, 30, é filha de um oficial (já morto) de origem judaica do Exército e de mãe católica. Behar cumpriu sacramentos da Igreja Católica, como o batismo, mas não é praticante.*²²

Adriana Behar – medalhista olímpica e orgulho macabeu.

²¹ <http://web.cip.com.br/art46/>

²² *Folha de São Paulo*, Esporte, 6 set. 2000.

Aos 17 anos formou na equipe da Macabi Rio que venceu a Macabiáda²³ Brasileira Juvenil em 1986. Depois participou da Macabiáda Mundial em Israel – 1993 e fez uma carreira brilhante, repleta de vitórias em tudo que disputou. Em 2009 participou da abertura dos X Jogos Macabeus Nacionais das Escolas Judaicas, quando acendeu a pira e engrandeceu o evento. Adriana guarda consigo duas medalhas olímpicas e nossa eterna admiração.²⁴

Quadro de Engenheiros Militares – QEM

General de Divisão Engenheiro Militar Leonardo Hazan

Nascido em 21 de setembro de 1914, filho de Jacob e Eliza Hazan, formado na antiga EsTEx, atual IME, na Turma de 1942, como 1.º Ten. Eng. Químico.

Praça de 22 de março de 1933, Aspirante de 3 de janeiro de 1936, atingiu o generalato em 29 de julho de 1964. Faleceu no Rio de Janeiro em 26 de setembro de 1987.

Coronel Engenheiro Militar Salomão Guimarães Abitam

Abitam é referido como sobrenome judaico em dicionários especializados.²⁵

Constam no Registro Civil atos relativos à família Abitam no Rio de Janeiro datando do séc. XIX (Aron Cohan, Mariam Cohan, David Sintol, Soltana Sintoby, Isaac Sintol, Jacob Abitam, José Frozmmam, Masalbt Frozmmam, Meriam Frozmmam, Mimom Abitam, Moses A Cohan, Rakel Abitam, Sara Abitam, Simi Abitam, Sol Abitam).

Salomão era filho de Aron Abitam e Marietta de Souza Ribeiro Guimarães, tendo como avós paternos Salomon Abitam e Leni Abitam, e avós maternos Jacintho de Souza Ribeiro Guimarães e Maria Leopoldina Valdemar Guimarães. Seus pais se casaram na 6.ª Circunscrição, Rio de Janeiro, em 2 de outubro de 1902.²⁶

Salomão nasceu em 7 de dezembro de 1905, sendo praça de 27 de fevereiro de 1922 e 2.º Tenente de Engenharia (Reg. 1919) em 8 de novembro de 1930. Em 25 de julho de 1952 foi promovido ao posto de Coronel, por merecimento.

Recebeu a Ordem do Mérito Militar 1.ª classe (OMM1); Medalha Militar Passador de Ouro (S1); e Medalha de Guerra (MG); Medalha de Campanha do Atlântico Sul (MCAS);

Foi diplomado Engenheiro de Fortificação e Construção pela antiga Escola Técnica do Exército, atual IME. Em 1953, foi admitido como sócio correspondente do Instituto de Coimbra.

²³ Um dos cinco maiores eventos esportivos do mundo, realizado a cada quatro anos desde 1932, similar aos Jogos Olímpicos. Ocorrem em Israel, reunindo atletas judaicos ou não. No Brasil, ocorrem as Macabiadas Nacionais, organizadas pela Confederação Brasileira Macabi.

²⁴ *Nosso Jornal Rio*, ano IV, n. 178, 12 mar. 2013.

²⁵ <http://www.sephardim.com/namelist.shtml?mode=form&from=A&to=U>

²⁶ “Brazil, Rio de Janeiro, Civil Registration, 1829-2012”, index and images, <i>FamilySearch</i> (https://familysearch.org/pal:/MM9.1.1/KFSH-TLF – Acesso: 19 jan. 2015)

Coronel Engenheiro Militar Roberto Ades

Roberto nasceu em 12 de dezembro de 1965 no Rio de Janeiro, filho de Isaac Ades e Clara Schuchman Ades. Residiu até sua adolescência no bairro das Laranjeiras e estudou até a 4ª série no colégio Eliezer Steinberg. Na 5ª série, acompanhado de vários colegas, foi estudar no colégio Princesa Isabel, em Botafogo. No ano de 1981, quando estava no 2.º ano do ensino médio, teve a oportunidade de assistir a palestras sobre o Instituto Militar de Engenharia (IME) e sobre o Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), tradicionais faculdades de engenharia, mantidas pelo Exército e pela Aeronáutica, respectivamente. Ainda no final de 1981, prestou um concurso promovido pelo colégio Princesa Isabel, garantindo-lhe uma bolsa integral para cursar a turma IME/ITA em 1982. Esta turma preparava para os conhecidos vestibulares do IME e do ITA, sendo que naquela época os conteúdos programáticos extrapolavam em muito ao que era previsto para o ensino médio.

Acabou sendo aprovado para ambos os institutos e optou pelo IME, uma vez que sua sede era no Rio de Janeiro/RJ. Durante o ano de 1983, junto com as disciplinas de engenharia, cursou o NPOR de material bélico, tendo sido declarado Aspirante a Oficial R/2 em 17 de dezembro de 1983.

Neste período, os alunos civis que eram aprovados no vestibular do IME realizavam o NPOR no primeiro ano e permaneciam como civis nos quatro anos seguintes do curso de Engenharia. Os dois primeiros anos correspondiam ao ciclo básico, comum a todos os alunos, e os três seguintes, ao ciclo profissional, no qual cada aluno optava por uma das dez especialidades oferecidas. Com a conclusão do curso, os alunos civis eram direcionados ao mercado de trabalho. Já os militares, oriundos da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), prestavam concurso interno para o terceiro ano do IME e, então, realizavam os três últimos anos do curso de engenharia, junto com os alunos civis. Com a conclusão do curso, os militares ingressavam no Quadro de Engenheiros Militares (QEM).

Em 1987, por intermédio do Gen. Ex. Haroldo Erichsen da Fonseca, foram promovidas mudanças de maneira que os alunos civis que cursassem o IME pudessem ingressar como militares de carreira no QEM. Esses novos Oficiais passaram a ser conhecidos por “haroldinhos”, em homenagem ao Gen. Erichsen. Seriam militares de carreira, assim como os médicos, mas que não passariam pela AMAN.

No final de 1987, quando Roberto estava concluindo o curso de engenharia eletrônica do IME, foi lhe dada a oportunidade de ingressar em 1988 na primeira turma do Curso de Formação de Engenheiros Militares (CFOEM). Dos cerca de 52 formandos civis da turma de 1987, apenas cinco optaram pela carreira militar. Roberto, assim como a maioria, optou pelo mercado civil e trabalhou na área de telecomunicações na empresa de consultoria Internacional de Engenharia S.A. Entretanto, a legislação vigente na época permitiu que antigos alunos do IME solicitassem mediante requerimento, desde que com idade até 26 anos, o ingresso no QEM. Esta possibilidade viabilizou o ingresso na carreira militar de

mais quatro antigos alunos da turma de 87 do IME, sendo dois no CFOEM em 1989, e o Roberto e mais um colega, em 1990.

Na ocasião, o candidato ao CFOEM era convocado como 1º Tenente temporário de Material Bélico. O curso básico, correspondente aos três meses iniciais do CFOEM, era realizado na Escola de Saúde, junto com os médicos que ingressavam no Exército. Encerrado o curso básico, os engenheiros retornavam ao IME e com a conclusão com aproveitamento do CFOEM, o Oficial era nomeado 1º Tenente do QEM.

Após o ano de formação militar em 1990, Roberto foi transferido para o 4º Grupo de Artilharia Antiaérea (4º GAAAé), em Sete Lagoas/MG, onde ocupou o cargo de Chefe da Seção de Manutenção do Material Antiaéreo. No período em que lá permaneceu, realizou um curso sobre o radar EDT Fila na Avibras, em São José dos Campos/SP, oportunidade em que foi visitar parentes em São Paulo e acabou conhecendo sua futura esposa, Miriam Berenstein Cazes.

Após dois anos no 4º GAAAé, foi selecionado para realizar o curso de Mestrado em Engenharia Elétrica no IME, iniciando em janeiro de 1993. Em 1995, ano em que foi promovido ao posto de Capitão e contraiu matrimônio na sinagoga Knesset Israel, no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, foi transferido para o Serviço Rádio do Ministério do Exército, em Brasília/DF. Em 1996, foi selecionado para o curso de Doutorado em Engenharia Elétrica na PUC-Rio. Com a conclusão desses cursos, foi nomeado professor do IME, onde por 11 anos seguidos conviveu com vários de seus antigos mestres e desempenhou, além das atividades docentes, diversas funções como coordenador de pesquisa, coordenador de pós-graduação em engenharia elétrica, coordenador de pós-graduação em engenharia de defesa, oportunidade em que foi obtido o reconhecimento do curso perante a CAPES, bem como participou em todo este período da banca de física do vestibular do IME. Nessa fase, foi promovido por merecimento aos postos de Major, em 2002, e Tenente-Coronel, em 2008. Também, em 2002, nasceu seu filho Mauricio Ades.

Em 2010, realizou o Curso de Direção para Engenheiros Militares (CDEM) na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro/RJ. Com a conclusão do curso e após passar o ano de 2011 no IME, como chefe da Subdivisão de Pesquisa, Extensão e Inovação (SD/4), acabou designado para chefiar o 3.º Centro de Telemática de Área (3.º CTA) em São Paulo/SP, nos anos de 2012 e 2013. O 3.º CTA é uma das 12 organizações militares responsáveis pelas comunicações estratégicas (redes de dados e de telefonia) existentes no território nacional, sendo que o 3.º CTA atua em toda a área do estado de São Paulo. Em 2012, foi promovido por merecimento ao posto de Coronel e foi condecorado com a Medalha do Pacificador.

Por ocasião do encerramento de sua chefia no 3.º CTA, foi selecionado para realizar em 2014 o Curso de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército (CPEAEx), também na ECEME. Atualmente, encontra-se servindo no Centro Integrado de Telemática do Exército (CITEx), em Brasília/DF, que é o órgão que realiza o planejamento das comunicações estratégicas e coordena as

atividades dos 12 CTA. Seu filho, Mauricio, com 12 anos, estuda no 8º ano do Colégio Militar de Brasília.

Tenente-Coronel Engenheiro Militar Boris Munimis

Em 1958, o então Cap. Boris formou-se pelo IME em Engenharia Geodésica e Topografia. Seu projeto de fim de curso foi o levantamento aerofotogramétrico de área nas imediações da Fábrica da Estrela. Autores: Raul Gastão Hecksher, Aécio de Araújo Lima, Boris Munimis e Jorge Alberto Oliveira.²⁷

Em 1961, o Ministro de Estado dos Negócios da Guerra passou à disposição do EMFA o Capitão “T” Eng. Geo. Boris Munimis, a fim de acompanhar os trabalhos de medição de distâncias e azimutes entre as cidades de Amapá e Macapá, a cargo do Inter American Geodetic Survey – IAGS.

Foi reformado, por haver atingido a idade limite de permanência na Reserva Remunerada do Exército, em 28 de maio de 1985, dedicando-se na vida civil a perícias e trabalhos de topografia e aerofotogrametria.

Quadro de Magistério do Exército

General Professor Mauricio Kicis

Nasceu em 1911. Oriundo da Arma de Artilharia, teve parte ativa contra o levante comunista de 1935, sendo ferido. Era Ajudante de Ordens do Ministro da Guerra.

Com sua tropa, em 1938, atendeu à ordem do Gen. Dutra para enviar soldados do Forte Duque de Caxias – Leme, onde era o Ajudante-Secretário, para combater o ataque integralista ao Palácio Guanabara. Era Oficial de Dia, e os 12 soldados que seguiram com o Ministro Gen. Dutra para o Guanabara foram fundamentais para reverter a situação. Portanto, se outro fosse o Oficial de Dia, e não acatasse a ordem do Ministro, talvez o Brasil não tivesse sido o mesmo...

Em 1931, serviu no Grupo Escola de Artilharia, em 193, no Forte do Vigia e na 4.ª Bia Ind. A Cos, de 1941 a 1943 serviu no 1.º GAC e Fortaleza de Santa Cruz.

Tenente-Coronel em 1951, tornou-se professor catedrático de francês no colégio Militar desde 14 de abril de 1944. Um antigo aluno se recorda:

*“(...) velho mestre de francês no início dos anos 50, sempre que alguma situação apresentava tonalidades acinzentadas: “Cherchez la femme, cherchez la femme”.*²⁸

Reformado em 30 de setembro de 1960 como Gen. Div.

Faleceu em 11 de fevereiro de 1979, dois meses antes da morte de sua filha de 13 anos, Myriam Kicis, deixando viúva Fanny. Em 14 de março de 1979, a *Haskará* – serviço religioso judaico de 30 dias em sua memória – foi realizada

²⁷ Projetos fim de curso. Disponível em: <www.ime.eb.br>

²⁸ “Procure uma mulher, procure uma mulher”.

na Sinagoga da Associação Religiosa Israelita, na Rua Gen. Severiano n.º 170 – Botafogo, Rio de Janeiro.

Tenente-Coronel Professor Roberval Mendonça Cohen

Filho de Abraham Elias Cohen, nasceu em 7 maio 1922, Praça de 17 de março de 1941 como Cadete da Escola Militar do Realengo, Aspirante de 8 de janeiro de 1944, 2.º Ten. em 28 de abril de 1944, 1.º Ten. em 25 de junho de 1945, Capitão em 25 de março de 1950, ingressando no Quadro de Magistério aos 25 de março de 1955, sendo elevado a Ten.-Cel. Professor em 19 de dezembro de 1955 como Adjunto Catedrático de Química. Recebeu a Medalha de Guerra (MG). Oriundo da Arma de Infantaria, Regulamento de 1940. Possuía os Cursos da Escola de Educação Física, instrutor de educação física (EF1); Curso de Técnica de Ensino (CTE).²⁹

Fé de Ofício:

- ▶ 1946 – Matriculado no Curso de Instrutor da Escola de Educação Física do Exército, concluindo curso em 46.
- ▶ 7.º Reg. Militar – 2.º Tenente Inf. – Curso de Fotografia Aérea
- ▶ 1948 – Carteira de Habilitação Militar para dirigir viaturas de ¼ ton
- ▶ 1951 – Medalha de Prata – Campeonato Regional de Tênis
- ▶ 1953 – Colégio Militar, Cap. Fed., na função de Professor Catedrático de Química, e Física a partir de 1964.
- ▶ 1973 – Reformado como Coronel Professor.

Como professor, obteve o seguinte elogio:

“(...) Inteligente e conhecedor profundo das matérias que ministrou neste Educandário – Química e Física –, colaborou eficazmente na preparação de vidas quantas que aqui passassem. Possuidor de sólido preparo profissional e de vasta cultura geral.”

Major Professor Arão Gerscovich

Nascido em 12 de agosto de 1928, Praça de 1.º de março de 1947, Aspirante de 15 de dezembro de 1949. Major Professor em 8 de fevereiro de 1962, adjunto do catedrático de Geografia.

Lecionou no conceituado Colégio Palas, fundado em um prédio da Rua José Higino, Tijuca, na década de 60, como um curso preparatório, anexo ao antigo externato José Higino. O corpo discente era composto por 43 alunos que foram seus fundadores, divididos em duas turmas dedicadas aos concursos de admissão aos colégios Militar, de Aplicação e Pedro II.

“(...) homenagear nosso fundador, nosso patriarca, no melhor significado da palavra: Professor Arão Gerscovich. Para aqueles, ex-alunos, professores,

²⁹ *Almanaque do Exército*, 1955, p. 200.

funcionários e pais que conheceram e que tiveram a feliz oportunidade de conviver com professor Arão, aqui vai o nosso convite especial. Para os que se formam nesse dia, queremos que saibam que vocês receberão nessa data, em cada diploma, um pedaço do seu talento administrativo, da sua filosofia como educador e, sobretudo, de sua imensa generosidade.”³⁰

Quadros de Praças – Subtenentes e Sargentos

1.º Sgt. Marcio Gonçalves

Servia em 2008, na 5.ª Divisão de Levantamento, Fortaleza da Conceição, Praça Mauá, antiga sede do Serviço Geográfico do Exército.

É membro observante da Sinagoga Shel Gemilut Hassadim, na Rua Rodrigo de Brito n.º 37, Botafogo, Rio de Janeiro, ou seja, *Shomer Shabat* (guarda o sábado) e praticante da alimentação *kasher* (preparada segundo os métodos rituais tradicionais).

³⁰ http://www.palas.com.br/wpsite/?page_id=918 Acesso em: 1.º mar. 2015.

CAPÍTULO 20

Exército Brasileiro – Quadros de Carreira – Serviço de Saúde

Oficiais Gerais

Gen. Salomão Bergstein¹

Nascido em 7 de janeiro de 1900, Aspirante Farmacêutico em 30 de dezembro de 1925. Serviu na Fábrica de Pólvora de Piquete e no Laboratório do Arsenal de Guerra do Rio – AGR. Capitão em 24 de maio de 1942, servindo na Fábrica do Andaraí. Formado pela Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro. Faleceu em 16 de setembro de 1953, sendo promovido *post-mortem* a Gen. Brigada.

Médicos

General de Divisão Médico José Moysés Ezagui²

Filho de Moysés Ezagui e Esther Peres Ezagui, nascido em Itacoatiara/AM. Formado na EsSEX em 27 de abril de 1936. Serviu na EsEFEx, 16.^a RI (MT), 1.^o Grupo do 5.^o Regimento da Divisão de Cavalaria e Fábrica de Itajubá.

Em 1944, comandou a 2.^a Companhia de Evacuação do 1.^o Btl de Saúde em Valença/RJ.

Em 1945, serviu no Grupo Móvel de Artilharia de Costa de Niterói/RJ seguindo-se o HGe Juiz de Fora/MG, passando para a inatividade em 16 de maio de 1963.

Condecoração: Medalha Militar Passador Prata (S2).

Cursos: Formação de Oficiais Médicos (FOM) e Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EAO).

Capitão Médico Dr. Marcos Perelberg

Nascido em 20 de agosto de 1918, filho de Henrique e D.^a Adelia Perelberg. Em 1945, era 1.^o Tenente no 3.^o Btl. Eng. Em 1953, recebeu a Medalha de Serviço

¹ Em obra do Casal Wolff.

² *Almanaque do Exército*, 1960, p. 666.



► Túmulo do Cap. Méd. Dr. Marcos Perelberg, falecido em março de 1956, no Cemitério Israelita de Vila Rosaly (Velho), RJ. Acervo do autor.

com passador bronze, por contar mais de dez anos de serviço, nas condições exigidas. Promovido a Capitão em 25 de dezembro de 1950.

Falecido em 18 de março de 1956, encontra-se sepultado no Cemitério Israelita de Vila Rosaly (Velho), RJ. Deixou a viúva D.^a Bertha Paskin Perelberg e filhos. Em 19 de abril de 1956, a família promoveu a *Hazkará* de 30 dias no Grande Templo Israelita da Rua Tenente Possolo n.º 8 – Centro, Rio de Janeiro.

Cel. Méd. José Rabinowits

Fé de Ofício:

- Nascimento – 5 de maio de 1920
- Praça – 3 de março de 1954
- 1.º Tenente – 7 de janeiro de 1956
- Capitão – 25 de abril de 1959
- Major – 25 de agosto de 1965
- Tenente-Coronel – 25 de abril de 1971 (merecimento)
- Coronel – 30 de abril de 1975 (merecimento)

Condecorações: Medalhas Medalha Militar por Tempo de Serviço Prata (S2); Medalha da Força de Emergência da Organização das Nações Unidas – Internacional e Ordem do Mérito Militar.

Cursos: Formação de Oficiais Médicos e Aperfeiçoamento de Oficiais.

Cel. Méd. Dr. Mordekhai Antabi

Foi diretor do HGeRJ – Hospital Geral do Rio de Janeiro, antigo HGuVM – Hospital da Guarnição da Vila Militar, de 25 de setembro de 1980 a 10 de dezembro de 1984.



► 1984 – Cel. Méd. Dr. Mordekhai Antabi, Diretor do HGeRJ – Hospital Geral do Rio de Janeiro, antigo HGuVM – Hospital da Guarnição da Vila Militar, de 25 de setembro de 1980 a 10 de dezembro de 1984. Galeria de Ex-Diretores do HGeRJ. Acervo do autor.

Cel. Méd. Jacques Cukierman

Fé de Ofício:

- Turma – 16 de setembro de 1970
- Nascimento – 16 de agosto de 1940
- Praça – 24 de janeiro de 1969
- 1.º Tenente – 16 de setembro de 1970
- Capitão – 25 de dezembro de 1973
- Major – 30 de abril de 1981 (merecimento)
- Tenente-Coronel – 31 de agosto de 1987

Condecoração: Medalha Militar por Tempo de Serviço Bronze (S3)

Cursos: Formação de Oficiais Médicos e Aperfeiçoamento de Oficiais
(Especialidade: Oftalmologia)

1.ª Ten. Méd. Natasha Rissin

A 1.º Ten. Médica Natasha Sá Gille Rissin é especializada em Cirurgia Geral. Serve atualmente no HCE (Rio de Janeiro/RJ). Anteriormente, esteve em Juiz de Fora/MG, onde tirou o curso de Montanha. Integrou um dos contingentes de Juiz de Fora enviados ao Haiti.

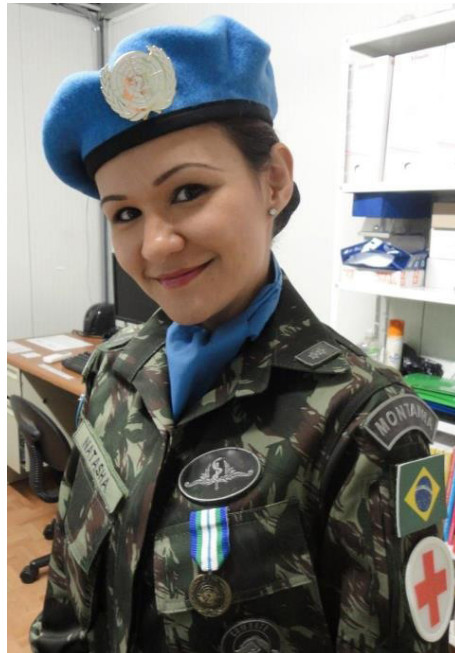
Natasha Rissin, 1.^a Tenente Médica do Exército Brasileiro, foi a única mulher a concluir o concorrido curso de Combatente de Montanha. Apesar dos inúmeros hematomas e bolhas pelo corpo, ela agora terá o direito de usar no ombro esquerdo o disputado brevê “Montanha”³ dos combatentes, cujo grito de guerra é “Para a Frente, Para o Alto, MONTANHA!!!”

Nascida em 17 de agosto de 1980, no Rio, estudou no Colégio Max Nordau até prestar o vestibular. Formou-se em Medicina em 2003, poucos meses após completar 23 anos. Cursou a Residência Médica em Cirurgia Geral nos anos de 2004 e 2005. Realizou Residência Médica em Coloproctologia nos anos de 2006 e 2007 e em Colonoscopia em 2008. Aos 24 anos, foi indicada para o Colégio Brasileiro de Cirurgões e, aos 26, para a Sociedade Brasileira de Proctologia.

Ingressou no Exército em 2009 como voluntária, cursando o EAS no CPOR, tendo sido a 1.^a da turma de 209 integrantes. Após conclusão do curso, foi designada para servir no HCE no setor de Proctologia e Colonoscopia.

Incentivada pelos seus superiores, prestou concurso para a Escola de Saúde do Exército, na especialidade de Cirurgia Geral, sendo aprovada, cursando durante todo o ano de 2010, quando se formou na EsSEX. Em 2011, foi transferida para o HGeJF/MG, onde chefiou os setores de Proctologia e Colonoscopia, sendo adjunta da Cirurgia Geral.

³ Jornal *ALEF*.



► 2013 – Tenente Médica Dr.ª Natasha Rissin, com a boina azul das Forças de Paz da ONU, distintivos de Curso da EsSEX, Combatente de Montanha, Combate Corpo a Corpo e Medalha da ONU. Acervo pessoal.



► 2012 – Tenente Médica Dr.ª Natasha Rissin, em missão humanitária prestando assistência a recém-nascido no Haiti. Acervo pessoal.



► 2012 – Tenente Médica Dr.ª Natasha Rissin no monumento recordatório do terremoto de 2010 que vitimou 18 brasileiros. Acervo da família.

No início de 2012, foi aceita como voluntária para a Força de Paz no Haiti, para onde seguiu no início de março, integrando o BRABATT 1, depois de um período de treinamento na cidade de Cristalina/GO. Chefiou o Serviço de Saúde do BRABATT 1, integrando o Estado-Maior. Retornou em novembro de 2012, tendo recebido Referência Elogiosa do Force Commander da Minustah – Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti.

Fé de Ofício:

Ingressou na EsSEX como Asp. Of. Méd. em 3 de fevereiro de 2009, formando-se como 2.º Ten. em 31 de agosto de 2009, sendo promovida a 1.º Ten. em 6 de novembro de 2010. Possui os seguintes cursos militares:⁴

- ▶ AAL01 Formação de Carreira – Saúde – Médico EsSEX Oficiais
- ▶ LMB01 Estágio Escalador Militar/Básico do Combatente de Montanha
- ▶ MTM01 Estágio Básico de Operações de Paz
- ▶ MTN01 Estágio Avançado de Operações de Paz
- ▶ LPB01 Estágio Combate Corpo a Corpo

Medalha: 924 – Forças de Paz da ONU.

Sobre sua atuação no Haiti:⁵

Além de atender os colegas no quartel e em patrulhas na rua, a tenente médica Natasha Rissin, 32 anos, dança, canta e faz o que mais preciso for para encantar crianças, adolescentes, jovens e adultos haitianos.

Nas missões cívicas, realizadas semanalmente em escolas, creches e outras entidades, ela troca a farda por roupa de dançarina ou outro tipo de recreador. Carioca que tem Juiz de Fora (MG) como base de trabalho e moradia, não esconde a satisfação de atuar em uma missão de paz e poder ajudar a comunidade local.

“Antes de vir para cá, pensei em integrar a Médicos sem Fronteiras, para trabalhar em algum ponto de conflito ou miséria no mundo”, conta. Para manter a vaidade feminina em um país tão carente, ela e as colegas se ajudam. “A diferença aqui é que não temos salão, a gente traz tudo do Brasil”, explica. Ela ainda tem a sorte de ter o marido por perto. O também tenente e médico Maurício Augusto Lopes, 31, de Goiânia, trabalha, come e dorme em outro batalhão do Exército, em Porto Príncipe. Por isso, ambos só se veem nos dias de folga, fora da base militar.

2.º Ten. R/2 Méd. Abraham Messod Benzecry

Abraham nasceu em Belém do Pará em 3 de janeiro de 1939, filho de Messod Benzecry e Alice Hamú Benzecry. Em 22 de maio de 1970 recebeu a Carta-Patente de 2.º Tenente R/2 do Quadro de Médicos. Reside em Manaus/AM. É médico urologista.

⁴ Almanaque DGP.

⁵ Resenha 7 out. 2012 – Exército Brasileiro.

Na eleição para a nova diretoria do CIAM – Centro Israelita do Amazonas para o biênio 2014/2016, foi eleito para o Conselho Consultivo (10 membros) como Consultor de Assistência Humanitária e Saúde.

Dentistas

Ten.-Cel. Dent. Bernardo Nuzman

Filho de Arthur Nuzman e Zéna Meskelman Nuzman. Natural do Distrito Federal. Casado com Tuba em 1.ª núpcias. Em 10 de dezembro de 1952 nasce sua filha Roberta.

Diplomado em Odontologia pela Faculdade Fluminense de Medicina em 1943. 2.º Ten. R/2 em 13 de abril de 1945.

Em 1947, trabalhou na EsEFEx. Diplomado em Odontopediatria pela PUC em 1957. Instrutor da EsSEEx em 1960. Em 1962, serve na Policlínica Geral do Exército, na Rua Moncorvo Filho – Centro.

Fé de Ofício:

- ▶ Praça – 1.º de janeiro de 1950
- ▶ 2.º Tenente – 14 de agosto de 1950
- ▶ 1.º Tenente – 25 de dezembro de 1950
- ▶ Capitão – 25 de setembro de 1955
- ▶ Major – 25 de fevereiro de 1962
- ▶ Tenente-Coronel – 18 de dezembro de 1964 (na Reserva)

Tempo de serviço: vinte e cinco anos, oito meses e vinte e um dias.

Condecorações: Medalha Militar com passador bronze (S3) e Medalha de Guerra (MG).

Curso de Técnica de Ensino (CTE).

Faleceu em 2004, estando sepultado no Cemitério Israelita de Vilar dos Telles/RJ.

Ten.-Cel. Dent. Jayme Barandes

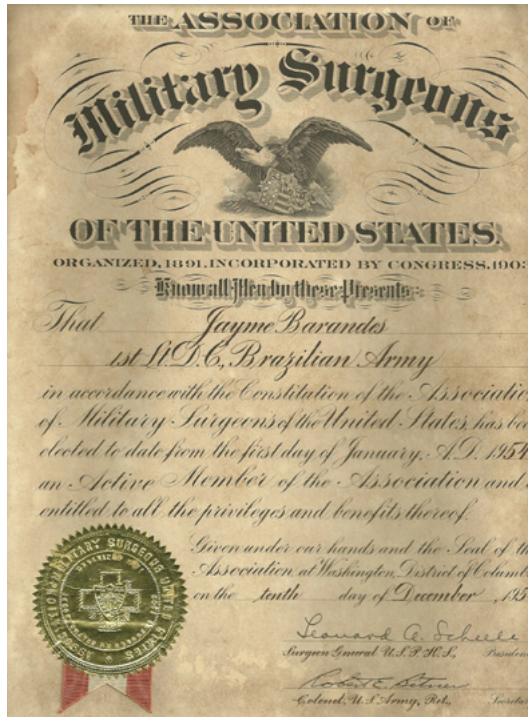
Nascido em 23 de abril de 1920, filho de Olga e Israel Barandes. Faleceu em 1987 aos 67 anos. Era primo do Cel. Dent. Aron Felberg. Estudou no Colégio Anglo-Americano, graduando-se em Odontologia pela FNO/UB em 1943. Era membro da ARI.

Estagiou no conceituado Walter Reed Military Hospital. Serviu no HCE e na Policlínica do Exército, na Rua Moncorvo Filho. Foi instrutor da EsSEEx, Cirurgia Buco-Maxilofacial. Tirou o curso Advanced Dentistry na The Army Medical Service Graduate School – Walter Reed Army Medical Center, sendo diplomado em 30 de abril de 1954, quando ainda 1.º Ten. Foi o fundador do Serviço de Cirurgia Maxilofacial no HCE

De 1943 a 1944, foi assistente na FNO. Foi precursor da técnica de implantes, apresentada em um trabalho científico onde convergiram a Odontologia com a Engenharia Biomédica em parceria com os professores Flavio Grinszpan e Luiz



► 24 de agosto de 1959 - Dr. Barandes é o quarto, de uniforme cinza e óculos, no II Congresso Brasileiro de Medicina Militar, em Porto Alegre/RS, agosto de 1959. Sua esposa D.^a Ruth Reisia Vaingort está de vestido preto. Acervo da família.



► 1954 – Diploma outorgado ao 1.º Ten. Dent. Jayme Barandes pela Association of Military Surgeons of the United States. Acervo da família.



► c. 1960 – Cap. Méd. Dr. Barandes faz demonstração de novas técnicas odontológicas. Acervo da família.

Bevilacqua da COPPE, uma novidade em que as dentaduras implantadas eram fixas, necessitando de uma cirurgia hospitalar com anestesia geral para instalação.⁶ O prof. Grynszpan é engenheiro eletrônico, sendo o pioneiro da Engenharia Biomédica

⁶ BARANDES, Jayme et al. *Technical Details of a new approach to the full maxillary subperiosteal implant*, *Oral Implantology*. American Academy of Implant Dentistry, 1974, p. 420-30.



► c. 1962 – Cap. Méd. Dr. Barandes durante visita de inspeção de Oficiais Gerais. Acervo da família.

no Brasil, e o prof. Bevilacqua é engenheiro civil com especialização em Pontes e Grandes Estruturas, Mecânica Teórica e Aplicada e Dinâmica de Estruturas.

Em 1950, apresentou o primeiro *paper* no Brasil sobre Dentaduras Implantadas. Dr. Barandes nunca recebeu nada pelo seu pioneirismo. Passou a realizar os implantes no seu consultório. Era casado com a Sr.^a Reizea Waingort Barantes, tendo as filhas Maryon e Magaly.

Citação por entidade científica⁷

En enero 1952, una reunión realizada en el salón de conferencias de la Escuela de Salud del Ejército en la ciudad de Rio de Janeiro, presidida por el Dr. Mário Graziani, tuvo por objetivo instalar la Asociación Brasileña de Cirugía Buco Maxilar. Estaban presentes en la reunión los grandes nombres de la Odontología brasileña de la época, que formaron una Dirección Provisoria de la entidad, el Prof. Dr. Chryso Fontes, ex Director de la Facultad Nacional de Odontología; el capitán Dr. Epaminondas Vieira Peixoto, representante del Director de la Escuela de Salud del Ejército; el Dr. Wladimir Pereira, Presidente de la Asociación Brasileña de Odontología; el Prof. Dr. Gaspar Soares Brandão, Profesor de Prótesis Buco Maxilo Facial de la Facultad de Farmacia y Odontología del Estado de Rio de Janeiro; el Dr. Roque Policiano Cruz, Presidente de la Federación Nacional de los Odontólogos; el Coronel Dr. Enis Vilela, relacionado a Prótesis Buco Maxilo Facial y ex combatiente; el Dr. Hory Botto, representante de la Asociación Paulista de Cirujanos Dentistas, y el Dr. Jayme Barandes, Profesor de la Escuela de Salud del Ejército, siendo aclamado el Dr. Mário Graziani como primer presidente de la entidad.

⁷ La historia de la cirugía bucomaxilofacial en los países miembros de ALACIBU, 1ª ed.: ago. 2009. ALACIBU – Asociación Latinoamericana de Cirugía Bucomaxilofacial.



► 18 de dezembro de 1942 – Missa e bênção dos anéis dos odontólogos na Matriz de N. S. do Carmo, pelo Bispo Dom Mamede. Dr. Barandes está de branco na 1.ª fila à direita. Acervo da família.

Cel. Dent. Dr. Júlio Halfin

Júlio nasceu em Madureira em 26 de março de 1928, no então Distrito Federal, filho de Salomon e Ruhlea Halfin.

Seus pais, Solomon e Ruhlea, eram imigrantes da cidade de Atacki, Bessarábia, Romênia. O pai chegou ao Brasil em 1926, e um ano depois mandou vir a esposa, com quem já tinha uma filha. A família residiu em Madureira e por volta de 1960 mudou-se para o Largo do Machado.

Alfabetizou-se e estudou sempre no Colégio Arte e Instrução, em Cascadura, na avenida que leva o nome do grande educador que fundou e dirigiu o colégio, Ernani Cardoso. Lá cursou primário, ginásial e científico.

Formou-se pela Faculdade Fluminense de Odontologia de Niterói em 1951, Sempre exerceu a profissão, como civil e militar. À época dos estudos universitários cursou o CPOR na Arma de Infantaria.

Júlio Halfin teve expressiva atuação como ativista na comunidade judaica carioca, sendo vice-presidente cultural da Hebraica-Rio na gestão Bernardo Nuzman (1970-1972), e em 1976-77 foi presidente do clube. Seu irmão Marcos Halfin era vice-presidente social da Hebraica-Rio na mesma gestão de Bernardo Nuzman. Nesta época, foi inaugurada a Sala de Israel, um auditório que recepcionou eminentes personalidades nacionais e estrangeiras em visita ao Rio, e sediou importantes eventos culturais.

Grande colaborador da Hebraica – Sociedade Cultural Esportiva e Recreativa, na Rua das Laranjeiras, Rio de Janeiro, entre as atividades de repercussão por ele idealizadas destaca-se o “Concurso Oswaldo Aranha”, sempre patrocinado e com a presença dos familiares do saudoso chanceler. Exerceu a presidência da Hebraica no período 1976/77.



► Cel. Dent. Júlio Halfin. Acervo da família.

Participou da direção da Organização Sionista do Rio de Janeiro, e foi presidente do Grêmio I. L. Peretz, em Madureira, época em que dirigiu o jornal informativo da entidade, *O Independente*. Naquela época, Madureira possuía cerca de 400 famílias de origem judaica.

Ao falecer, recebeu expressivas homenagens póstumas da Hebraica-Rio após os 30 dias do falecimento e da Escola de Saúde do Exército, quando da inauguração de seu retrato na Galeria dos Diretores, eis que Julio foi o primeiro cirurgião-dentista a dirigir a escola, cargo até então privativo de médicos.

Foi eleito presidente do Conselho Regional de Odontologia do Rio de Janeiro por dois anos (1970/1972). O Conselho prestou-lhe homenagem inaugurando em sessão solene seu retrato.

A Turma de Sargentos de Saúde do CFS-EsSEx – formada em 18 de setembro de 1977 foi denominada Turma Coronel Dentista Júlio Halfin. No convite para a formatura, a turma inscreveu seu nome com a menção: “A quem muito deve a Escola de Saúde do Exército e o Serviço de Saúde do Exército”. No mesmo convite constou também uma homenagem póstuma ao 2.º Sargento Silvio Delmar Holenbach, falecido em 30 de agosto de 1977, por ferimentos sofridos ao salvar uma criança que havia caído no fosso das ariranhas no Jardim Zoológico de Brasília, um caso que ganhou repercussão nacional.

Síntese da carreira militar

Em 15 de dezembro de 1946, foi matriculado no CPOR/RJ, Curso de Infantaria, sendo declarado Aspirante a Oficial R/2 em 7 de agosto de 1948. Em abril de 1951, foi aprovado no concurso para o Curso de Formação de Oficiais Dentistas da Escola de Saúde do Exército, em 23.º lugar dentre 59 aprovados, sendo nomeado Asp. Of. Dent. Estagiário.

Em 24 de dezembro de 1951, conclui o Curso CFOD, em 13.º lugar dentre 51 aprovados, sendo nomeado 2.º Ten. Dentista e classificado por necessidade do serviço na AMAN.

Designado para o Batalhão de Comando e Serviços e Posto Médico Monte Castello, ali haveria de passar os próximos oito anos, de 1952 a 1959. Logo assumiu a função de encarregado do Serviço Odontológico, com o Boletim da AMAN publicando em 11 de julho de 52 a autorização do Comandante da I RM para que contraísse matrimônio com a Srt.ª Eugenia Meikler. Comandava a Academia o Gen. Bda. Jair Dantas Ribeiro, futuro Ministro da Guerra.

As designações se sucediam, ora como encarregado do Serviço de Raios X, ora como membro da JMS para inspecionar candidatos ao Concurso de Admissão à AMAN, entre elogios diversos de seus superiores, participação em manobras escolares e congressos odontológicos.

Serviu com oficiais de escol, como o Cel. Hugo Panasco Alvim (1956), recebeu outros elogios, desta vez do Comandante do Corpo de Cadetes, 1958, Cel. João Punaro Bley, novo elogio do Gen. Méd. José Octavio Ferreira de Souza Lobo, Gen. Adalberto Pereira dos Santos em maio 1960, ele que seria futuro

Vice-Presidente da República, e do Coronel Subcomandante Emílio Garrastazu Médici, futuro Presidente da República.

Em 3 de abril de 1964, foi classificado na EsSEx, sendo nomeado Comandante do Corpo de Alunos em fevereiro de 1965.

Em de janeiro de 1966, recebe elogio do Diretor da EsSEx, Cel. Méd. Dr. Galeno da Penha Franco. Em 7 de outubro de 1968, assume o comando da EsSEx, que passa ao titular designado em 15 de outubro de 1968, assumindo como Subcomandante.

Realiza Seminário de Novas Tecnologias sobre Implantes Dentários em Florença.

Em 20 de setembro de 1974 assume a direção do ECMSEx em Benfica, Rio de Janeiro, passando sua direção em 20 de julho de 1977.

Faleceu prematuramente no Rio de Janeiro em 16 de setembro de 1977. Exercia o cargo de presidente da Hebraica, Sociedade Cultural, Esportiva e Recreativa do Rio de Janeiro, licenciado, tendo assumido o Sr. Marcos Chutorianski.

Elogios recebidos

Em 25 de janeiro de 1956, o Major Ch. Sv. Odontológico da AMAN, elogiou-o nos seguintes termos:

Como auxiliar do GO do CC, tem dado provas constantes de bom servir aos cadetes, dentro dos princípios técnicos profissionais, assim como dentro das normas disciplinares, exigidos para quem lida com esta elite militar em formação. Além disso, louvo-o pela esforçada dedicação, amor ao trabalho e competência profissional demonstrados no período escolar que se findou.

Em 18 de abril de 1956, o Tenente-Cel. Méd. Ch SS e Dir. HE, elogiou-o nos seguintes termos:

Durante todo seu esforço de bem servir ao cadete, no GO do CC, tem dado o Tenente Halfin cabais provas do seu grande caráter, comprovadas pelo seu fiel cumprimento do dever, do seu grande valor profissional e constante desejo de cooperar no que diz respeito elevar a conceito do SS, quiçá bom nome da AMAN, pontual no horário, magnífica disposição física, bem-humorado, enfim, é um militar na expressão da palavra, a par de seu elevado nível cultural e científico. Estudioso e atualizado, em todos os setores odontológicos. O Dr. Júlio Halfin é digno dos louvores aqui expressados e fazemos votos que continue a aproveitar a sua mocidade, seguindo a trilha que até aqui tem seguido.

Em 29 de outubro, o BI n.º 205 publicou haver sido elogiado, pelo Cmt. da EsSEx, nos seguintes termos:

É hoje desligado da Escola de Saúde do Exército, em virtude de sua nomeação para a Chefia do ECMSE, o Tenente Cel. Dent. Júlio Halfin. Nesta oportunidade, cumpre este Comando o dever de elogiá-lo pelos serviços prestados a esta Escola

por mais de 10 anos, tempo em que aqui permaneceu. Dedicando-se ao ensino, inicialmente foi nomeado Instrutor, sem prejuízo de suas funções na Unidade de origem. Classificado na EsSEx em 4 de maio de 1964, foi designado para a Seção Técnica. Posteriormente, assumiu as funções de Cmt. do CA, Chefe da Seção Técnica de Ensino e do CFOD, finalmente; em 4 de outubro de 1966, passou a ter os encargos de Subcomandante e Subdiretor de Ensino, funções que desempenhou até hoje. Possuidor do CTE e dotado de inteligência brilhante e de sólida cultura geral e profissional, desempenhou adequadamente os encargos que lhe foram cometidos, contribuindo de maneira ponderável para que o ensino, atividade-fim da Escola, atingisse os objetivos determinados. A escolha de seu nome para Chefe do ECMSE evidencia, de maneira indiscutível, o alto conceito que desfruta entre seus superiores. Ao desligá-los, este Comando agradece-lhe os bons serviços prestados à Escola de Saúde do Exército e lhe faz votos de pleno êxito nas novas e importantes funções que irá assumir, pois para isto não lhe faltam qualidades.

Em 30 de setembro o BI n.º 185, transcreveu do BI n.º 177, de 17 de setembro de 1976, da DSEx, o seguinte elogio, assinado pelo Gen. Div. Médico Washington Augusto de Almeida – Diretor de Saúde do Exército:

Cel. Dent. Júlio Halfin – Desempenha este Oficial há quase dois anos o cargo de Diretor do Estabelecimento Central de Material de Saúde do Exército, de cujo perfeito funcionamento muito depende a eficiência do Serviço de Saúde, função trabalhosa e que requer capacidade de organização, previsão e bom relacionamento, dela depende a execução oportuna das numerosas ordens de fornecimento de material de saúde, e o perfeito atendimento das necessidades de material de saúde dos Corpos de Tropa. Estabelecimento e Organizações Militares de Saúde. Muito disciplinado, atencioso e bem relacionado, tem o Cel. Halfin cumprido com eficiência e destaque a sua missão, procurando atender com exatidão e presteza as ordens emanadas desta Direção, sua contribuição em todos os setores tem sido de real valor e importância. Por essas razões deixo aqui consignados meus agradecimentos e louvores. Ao Cel. Halfin pela valiosa colaboração e presteza à minha gestão.

Em aditamento ao BI n.º 134, de 20 de julho de 1977, foi público o seguinte elogio de Oficial Superior do Ministério do Exército, assinado pelo Gen. Dir. Médico, Geraldo Augusto D' Abreu – Diretor de Saúde:

Oficial do Serviço de Saúde dos mais destacados méritos, esteve à frente desta importante Organização Militar por um período de quase três anos. Habitado ao cumprimento do dever, vem merecendo o respeito e a estima de todos os seus companheiros desde o longínquo ano de 1952 quando, se fazer o Curso de Formação de Oficiais Dentistas da Escola de Saúde do Exército obteve brilhante classificação na turma, o que lhe valeu a honra de servir na Academia Militar das Agulhas Negras, prestando excelentes serviços profissionais e fazendo jus a significativas referências elogiosas dos Comandantes daquela exemplar Academia. Transferido para a então Policlínica Central do Exército, em meados de 1960, onde seria promovido ao Posto de Capitão, teve oportunidade de prestar

à família militar, sempre carente de atendimento odontológico, proficiente trabalho na especialidade de endodontia, e que determinou a sua permanência nas funções por um longo período.

Atendendo ao seu elevado espírito militar aliado à sólida cultura geral e profissional foi transferido para a Escola de Saúde do Exército, tendo sido então, como Oficial de Administração, um elemento precioso às diversas Direções da Escola, servindo, sempre com lealdade e dedicação.

Como Instrutor dos Cursos de Formação, várias vezes reconduzido graças à eficiência demonstrada e aos resultados alcançados, continuou aperfeiçoando os seus conhecimentos profissionais, realizando o Curso de Técnica de Ensino e inúmeros Cursos de Aperfeiçoamento e Pós-Graduação na sua especialidade, participando, ainda, de Simpósios e Congressos, tudo com o objetivo de melhor servir ao Ensino da Escola e aos usuários de Serviço de Saúde.

Nos Postos de Major e Tenente-Coronel desempenhou as funções de Subcomandante e Subdiretor de Ensino e, mais uma vez, tornou-se merecedor das mais destacadas referências que constam não só de suas alterações, mas são repetidas verbalmente com frequência pelos ex-Comandantes daquela Escola.

Sua escolha para o Estabelecimento que ora deixa de dirigir nada, mas foi de que o reconhecimento ao Oficial íntegro e dinâmico e o acerto dessa escola foi sobejamente demonstrado no atendimento a tempo e à hora das demandas da Diretoria de Saúde e das Unidades do nosso Exército, sem qualquer falha ou hesitação graças à liderança e ao espírito de equipe que soube exercer e implantar.

Na ocasião em que o Cel. Dent. Dr. Júlio Halfin deixa a direção do Estabelecimento Central de Material de Saúde do Exército, para, certamente, exercer outra comissão à altura de seu valor e de seus méritos, a Diretoria de Saúde tem a grata satisfação de louvar e agradecer a esse distinto companheiro e amigo pelos excelentes serviços prestados, manifestando seus votos de felicidade pessoal e profissional.

Fé de Ofício:⁸

- ▶ Nascimento – 22 de junho de 1928
- ▶ Turma – 30 de janeiro de 1952
- ▶ Praça – 2 de abril de 1951
- ▶ 2.º Tenente – 30 de janeiro de 1952
- ▶ 1.º Tenente – 25 de abril de 1953
- ▶ Capitão – 2 de abril de 1961
- ▶ Major – 25 de agosto de 1965
- ▶ Tenente-Coronel – 25 de abril de 1971 (merecimento)
- ▶ Coronel – 25 de dezembro de 1975 (merecimento)

Recebeu a Medalha Militar por Tempo de Serviço Prata (S2).

Cursos: Formação de Oficiais Dentistas e Curso de Técnico de Ensino.

⁸ *Almanaque*, 1975, p. 441.

Major Dentista Welvul Cunha

Membro da ABMM – Academia Brasileira de Medicina Militar na cadeira n.º 90. A posse foi em 25 de novembro de 1998.

Fé de Ofício:⁹

- ▶ Nascimento – 11 de julho de 1928
- ▶ Turma – 16 de dezembro de 1952
- ▶ Praça – 1.º de abril de 1952
- ▶ 2.º Tenente – 16 de dezembro 1952
- ▶ 1.º Tenente – 25 de março 1955
- ▶ Capitão – 1.º de abril de 1952
- ▶ Major – 25 de agosto de 1966 (merecimento)

Recebeu a Medalha Militar por Tempo de Serviço de Prata (S2), A Medalha do Mérito Santos Dumont de Prata e a Medalha da Força de Emergência da Organização das Nações Unidas.

Curso: Formação de Oficiais Dentistas.

Cel. Dent. Aron Felberg

Casado com Helena Felberg. Filho de Saul Felberg e Blima Felberg. Saul Felberg, russo, chega ao Brasil em 1912 e em 1930 volta à Europa, quando conhece e

⁹ *Almanaque*, 1975, p. 442.



▶ 2010 – Pedra Tumular do Major Welvul Cunha (1928-1978), no Cemitério Israelita de Vila Rosaly. Acervo do autor.



► c. 1963 – Desfile do Corpo de Alunos do CPOR/RJ na Quinta da Boa Vista. O Cap. Dent. Aron Felberg é o quarto da primeira fila. Acervo pessoal.

casa-se com Blima Felberg. Retorna ao Brasil no mês de outubro do mesmo ano, indo morar na Rua do Catete n.º 92 casa 2. Seu pai possuía uma loja de enxovais, e no pós-guerra enviava pacotes para parentes que ficaram na Rússia.

Aron nasceu no Rio em 23 de janeiro de 1932. Vínculos com a vida militar se iniciam aos 11 anos de idade, quando cursava o admissão do colégio Franco



► 1954 – Aron Felberg com seus pais, após a Declaração de Aspirantes do CPOR/RJ no Estádio do Vasco da Gama, Rua São Januário. Aron foi da Arma de Cavalaria, posteriormente ingressando por concurso no Quadro de Dentistas. Acervo pessoal.



► 1962 – Cap. Aron Felberg atende paciente no consultório do CPOR/RJ na Av. Dom Pedro I. Foi o primeiro Gabinete Odontológico da unidade. Acervo pessoal.

Brasileiro, onde teve instrução pré-militar, sendo transmitidas noções de civismo e disciplina. Ao ser selecionado para o CPOR, lá reencontrou o mesmo Sgt. Astolfo que dava a instrução. Formado pela Faculdade Fluminense de Odontologia.

- 1952 – Matricula-se no primeiro ano do curso de cavalaria no CPOR/RJ. De 12 de dezembro de 1952 a 15 de agosto de 1954.
- 1954 – Conclui o curso e é declarado aspirante a oficial da Reserva do exército em cerimônia no campo do clube Regatas do Vasco da Gama, sendo a espada entregue pela sua mãe.
- 1956 – Após concurso realizado na Escola de Saúde do Exército, é matriculado no Curso de Formação de Oficiais Dentistas como 2.º Ten. Dent. da Reserva estagiário e, como tal, estagiando na Policlínica Militar, HCE e no Quartel do então 1.º BCC, hoje ocupado pelo CPOR/RJ. Em dezembro do mesmo ano, conclui o curso e por Decreto do Exmo. Presidente da República é nomeado 1.º Ten. Dent. e é incluído no Quadro de Saúde do Exército.
- 1957 – Por necessidade do serviço, é classificado na 5.ª Cia. de Fronteira, localizada na cidade de Guairá/PR, onde existiu o famoso Salto de Sete Quedas, apresentando-se em 6 de abril. Nesta unidade, além da função



► 1968 – Cap. Dent. Aron Felberg, 1.º da segunda fila, durante formatura com antigos alunos do Curso de Cavalaria, no antigo quartel dos Dragões da Independência, para onde se mudou o CPOR/RJ, onde hoje está aquartelado o 1.º BG – Btl. do Imperador. Acervo pessoal.

específica de dentista, desempenha, entre outras, as funções de tesoureiro, almoxarife, provisionador.

- 1959 – Em janeiro é transferido para o CPOR/RJ, localizado ainda no mesmo local onde foi aluno e onde hoje é um museu, instalando aí o primeiro consultório dentário da unidade, e como na época funcionava o Curso de Saúde, passa a ser responsável como auxiliar de instrutor, ministrando vários assuntos militares.



► 1970 – Formatura do CPOR/RJ no antigo Quartel dos Dragões. Cap. Aron é o 3.º, formando com o Estado-Maior do Centro na primeira fila. Acervo pessoal.

- ▶ 1962 – Em 27 de abril é promovido a Capitão, classificado e por necessidade do serviço permanece no CPOR.
- ▶ 1967 – Em 15 de março é concedida a Medalha Militar com passador bronze (S3), por contar mais de dez anos de serviço.
- ▶ 1972 – É classificado por necessidade do serviço e término da licença especial no 1.º Batalhão de Comunicação em Magalhães Bastos/RJ.
- ▶ 1972 – Em 23 de junho é elogiado pelo atendimento prestado às vítimas do temporal que atingiu a cidade do Rio de Janeiro.
- ▶ 1974 – Em abril é promovido ao posto de Major, é transferido por necessidade de serviço para o HCE, onde se apresenta em julho de 1974. Entre as funções desempenhadas estão de assessor pessoal civil, oficial de relações públicas.
- ▶ 1975 – Medalha do Pacificador (MPac) – Em 20 de setembro é agraciado com a Medalha Militar Passador de Prata (S2), e é designado presidente da Comissão de Execução de Concursos.
- ▶ 1980 – É designado representante da Diretoria de Saúde ante o 3.º Congresso Brasileiro de Odontologia, como um dos três representantes do Serviço de Saúde do Exército.
- ▶ 1981 – É promovido a Tenente-Coronel, permanecendo no HCE.
- ▶ 1984 – Em maio é promovido ao posto de Coronel por merecimento, permanecendo no HCE. Em julho é agraciado com a Medalha Militar, Grau Cavaleiro.
- ▶ 1985 – É transferido para a Reserva Remunerada.



▶ c. 1962 – Culto religioso por ocasião da Formatura de Turma de Aspirantes do CPOR/RJ, no Grande Templo Israelita, Rua Tenente Possolo n.º 8 – próximo à Pça. Cruz Vermelha – Rio de Janeiro. Cap. Aron é o terceiro da primeira fila, e o Asp. Nigri o sétimo. Acervo pessoal.

Destacou-se entre seus companheiros, como salientaram diversos de seus comandantes, pela compreensão, lealdade e pela capacidade de atender a seus camaradas como dentista ou como amigo, em todas as situações, de serviço ou particulares, com interesse, dedicação e camaradagem.

Em 13 de abril de 1981, o 2.º Subdiretor de Saúde Gen. Bda. Méd. Mauro Andrade Poggi, propôs o Cel. Aron para receber a Medalha do Pacificador, destacando suas qualidades de iniciativa, garbo, espírito militar e vibração. Ressaltava ainda sua sensibilidade como Oficial de RP do HCE em lidar com pacientes e familiares, procurando atender a todos com atenção e boa vontade.

Coronel Dent. Moysés Spiegel

Dr. Moysés nasceu em 12 de dezembro de 1937, filho de Joseph Spiegel, de Damasco, Síria, e Zekie Spiegel, de Alepo, Síria.

Estudou na E. M. Barão de Macaúbas, Escola Franklin Delano Roosevelt, Instituto Lafayette, Curso pré-vestibular COS e Faculdade Fluminense de Medicina (Odontologia).

Tirou o Curso de Saúde do CPOR/RJ em 1956, quando o comandante era o Cel. Ladário Pereira Telles.

Formado pela EsSEX em 1960. Especialista em Radiologia, Endodontia e Ortodontia.

Serviu em Corumbá no 14.º Batalhão de Caçadores, Forte de Coimbra, duas horas rio abaixo, próximo a Ladário. Serviu ainda no ECMS com o Cel. Ivo Milman.

No Rio, serviu na Policlínica Militar do RJ, na Rua Moncorvo Filho, na época de Welvul Cunha, que faleceu em acidente de trânsito, Jaime Barandes, Júlio Halfin e Bernardo Nuzman.

Serviu de 1964 a 1972 no antigo 2.º BIB, posteriormente 24.º BIB, em Ramos, quartel que foi desativado e onde está prevista a instalação do BOPE.

Em 1975, foi promovido a Major na Policlínica, e em janeiro de 1986 transferido para a Reserva no posto de Cel. Dent.

Fé de Ofício:¹⁰

- ▶ Nascimento – 12 de dezembro de 1937
- ▶ Turma – 25 de dezembro de 1960
- ▶ Praça – 1.º de março de 1960
- ▶ 1.º Tenente – 25 de dezembro de 1960
- ▶ Capitão – 25 de dezembro de 1963
- ▶ Major – 30 de abril de 1975

Recebeu a Medalha Militar por Tempo de Serviço com passador bronze (S3).
Curso: Formação de Oficiais Dentistas.

¹⁰ *Almanaque do Exército*, 1980, p. 442.

Cel. Dent. Ivo Milman

Nascido em 14 de março de 1939, Praça de 1.º de março de 1967, 1.º Tenente em 21 de dezembro de 1967, Capitão em 25 de dezembro de 1972, Tenente-Coronel em 25 de dezembro de 1985, Coronel em 31 de agosto de 1989 (promoção por merecimento).

Dr. Ivo tirou o Curso de Saúde do CPOR/RJ em 1960, onde dos 101 alunos 13 eram judeus: Eliezer Lederman, Jackey Brykman, José Kamlot, José Rosensvaig, Leon Rabinovitch, Lionel Goldslak, Marcos Gomberg, Marcos Wajnberg, Marcos Wolosker, Pincus Natan Luksenberg, Pnkus Herszko Szuchmacher e Shmul Hersz Grosman. Um dos instrutores era o 1.º Ten. Aron Felberg.

Após formar-se pela FNO/UB, Dr. Ivo foi matriculado na EsSEx em 1.º de março de 1967, sendo nomeado 1.º Ten. Dent. Especializou-se em Radiologia. Em 8 de janeiro de 1968 foi classificado no HGuU – Uruguaiana/RS, e em 30 de julho de 1968 no 4.º GA 75 Cav na mesma cidade, o qual logo se transformaria em 22.º GAC. Em 7 de março de 1969, foi transferido para a EsEqEx em Realengo, e em 10 de fevereiro de 1972 para o 24.º BIB em Bonsucesso. Em 9 de abril de 1979, foi transferido para o 10.º BI de Juiz de Fora/MG. Em 20 de junho de 81, foi transferido para o DRS/1 no Rio de Janeiro. Em 15 de setembro de 1989, foi classificado na PoMRJ. Em 28 de setembro de 1990, foi nomeado diretor do ECMSEx.

Ao longo da carreira, recebeu vários elogios dos comandantes das unidades onde serviu, destacando-se os do Diretor de Saúde Gen. Div. Méd. Aureliano Pinto de Moura, ao findar os três anos da sua gestão à frente do ECMSEx.



► Quadro de Medalhas do Cel. Dent. Ivo Milman. Acervo pessoal.



► 1973 – Cap. Dent. Dr. Ivo Milman, o “Dentista Blindado” no comando de Viatura Blindada de Transporte de Pessoal M-113, em desfile na Av. Duque de Caxias, Vila Militar. Acervo pessoal.



► 1989 e 1991 – Cel. Dent. Dr. Ivo Milman recebe a insígnia ao ser admitido na ABOMI, e por ocasião da entrega da Ordem do Mérito Militar, no Salão Nobre do Palácio Duque de Caxias – Rio de Janeiro. Acervo pessoal.



Teve como pacientes e amigos importantes chefes militares, como o Gen. Ruy Leal Campello, que ajudou muito a divulgar seu projeto da OCEX – Odontoclínica Central do Exército, e o Ministro General Ex. Walter Pires de Carvalho e Albuquerque, que ao final da administração, ofereceu um exemplar autografado do seu relatório: “Ao amigo Ivo, com a amizade e admiração do Walter Pires, Rio, 9 abril 87.”

Por iniciativa do Cel. Ivo, o Ministro Walter Pires recebeu do Ministro da Defesa de Israel, General Moshe Dayan, um exemplar autografado do seu livro *Living With the Bible*: “To General Pires, Best wishes, M. Dayan, 20/1/81.”

Durante seu tempo na Policlínica, mercê da sua abalizada competência profissional e elevado tirocínio, foi designado para atender aos Oficiais Gerais e seus dependentes, mantendo um excelente padrão. Foi um dos que levaram adiante o projeto da OCEX, hoje instalada em prédio próprio.

Cel. Ivo recebeu importantes medalhas, como a Ordem do Mérito Militar, nos graus de Cavaleiro e Oficial (OMM Ten.-Cel. Oficial 25 de agosto de 1989), Medalha do Pacificador, Distintivo de Comando de Unidade, Medalha Militar por Tempo de Serviço Prata (S2) – 20 Anos de Serviços Prestados e a Insignia da Academia Brasileira de Odontologia Militar – ABOMI.

Em 1973, tirou o curso de direção de viaturas blindadas no 24.º BIB, sendo habilitado para dirigir a VBTP M-113, que compunha a dotação da unidade (Viatura Blindada de Transporte de Pessoal). O Comandante Cel. Nelson Vianna ofereceu uma foto das viaturas em exercício de transposição de curso d’água com a dedicatória: “Para o Dr. Milman, dentista blindado, com a admiração e o apreço do Amigo Nelson Vianna – Cel.”

ABOMI – Academia Brasileira de Odontologia Militar¹¹

Membro titular emérito remido

- ▶ Ivo Milman – 20/6/08

Membros honorários nacionais

- ▶ Professora Dr.^a Anna Astrachan – 26/4/85
- ▶ Contra-Almirante (MD) Amihay Burlá – 26/4/85
- ▶ Tenente-Coronel Dentista Jayme Barandes – 10/4/87
- ▶ Professor Dr. Jayme Leão Guitmann – 18/6/93

Farmacêuticos

Salomão Bergstein

Fé de Ofício:¹²

- ▶ Nascimento – 7 de janeiro de 1900
- ▶ Praça – 15 de janeiro de 1926

¹¹ <http://www.abomi.org.br/acadêmicos.php>

¹² *Almanaque do Exército*, 1945, p. 339.

- ▶ 2.º Tenente – 30 de dezembro de 1925
- ▶ 1.º Tenente – 16 de junho de 1933
- ▶ Capitão – 24 de maio de 1942
- ▶ Coronel Farmacêutico – 25 de julho de 1953

Curso: Prov. Química.

O General de Brigada, Salomão Bergstein, faleceu aos 53 anos, em 1953. Tendo de tempo de serviço: 18 anos, 11 meses e 16 dias.

Maurício Zaikowaty

Nasceu em 25 de novembro de 1926, em Cascadura, Rio de Janeiro, filho de Salomão e Clara Zaikowaty. Morou em Madureira e estudou no Colégio Arte e Instrução. Formou-se como farmacêutico em 1949 e como médico em 1973. Foi incorporado ao Exército em 1950 como Of. Farmacêutico.

Serviu em Uruguai (fronteira com o Uruguai), Niterói (Fortaleza de Santa Cruz), Escola de Saúde do Exército, foi Ajudante de Ordens do General Médico Dr. Ernestino de Oliveira na Diretoria de Saúde, Chefe do Laboratório da Policlínica Geral do Exército e assistente do General Médico Dr. Olívio Vieira Filho na Diretoria de Saúde. Serviu durante cinco anos no Instituto de Biologia do Exército, sendo o primeiro oficial farmacêutico a ser diretor do IBEx, cargo até então exercido apenas por médicos. Foi reformado no posto de Coronel com proventos de General de Brigada.



▶ c. 1971 – Cel. Farm. Dr. Mauricio Zaikowaty em cerimônia no IBEx. Acervo da família.



► c. 1973 – Convidados a cerimônia no IBEx na gestão do Cel. Farm. Mauricio Zaikowaty. Acervo pessoal.

Na vida civil, foi chefe do laboratório da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, Diretor Médico do Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia – Rio de Janeiro, Chefe de Clínica Médica do Professor Lafaiete Pereira da Santa Casa de Misericórdia. Faleceu em 17 de junho de 1997.



► 1973 – Retrato do Cel. Farm. Mauricio Zaikowaty na Galeria dos Diretores da Farmácia Central do Exército, que dirigiu de 29 de agosto de 1972 a 12 de setembro de 1973. Acervo da família.

*Galeria dos farmacêuticos militares ilustres*¹³

Trazer à baila o nome do Coronel Farmacêutico Maurício Zaikowaty é reverenciar a memória de um dos mais insignes profissionais contemporâneos, que teve seu nome indelevelmente gravado no Serviço de Saúde do Exército, pela operosidade, integridade moral, caráter diamantino e honrado, além do grande líder que foi, o que engrandece ainda mais sua imagem na lembrança de todos aqueles que tiveram a primazia de desfrutar de sua convivência.

Natural da cidade do Rio de Janeiro, nasceu no Bairro de Cascadura, oriundo de família judaica, desde cedo demonstrou pendor para os estudos, como aluno inteligente e aplicado.

Diplomou-se em Farmácia pela Faculdade de Farmácia e Odontologia do Rio de Janeiro, em Niterói, em 1949, e no ano seguinte já o encontramos matriculado no curso de Formação de Oficiais Farmacêuticos da Escola de Saúde do Exército, após ser aprovado em concurso público de nível nacional.

Estudioso e muito dedicado, diplomou-se também como médico, no ano de 1973, pela Faculdade de Medicina de Vassouras, Estado do Rio de Janeiro.

Frequentou vários cursos das áreas farmacêutica e médica, como Radioterapia, Homeopatia, Imunologia, Gastroenterologia, Cardiologia Clínica, Radiobiologia, Medicina Nuclear etc.

¹³ VIEIRA, João Paulo S.; PINTO, Eduardo A. Da botica real militar ao Laboratório Químico Farmacêutico do Exército – *Fatos e Personagens de sua História*, p. 165.



► 2012 – Retrato do Cel. Farm. Maurício Zaikowaty na Galeria dos Diretores do IBEx – Instituto de Biologia do Exército, que dirigiu de 29 de novembro de 1973 a 9 de junho de 1978. Acervo do autor.



► 2012 – Placas dando o nome do Cel. Farm. Maurício Zaikowaty à Seção de Bioquímica do IBEx, e homenagem da FIERJ em 25 de junho de 2007. Acervo do autor.



► 2007 – Retrato do Cel. Farm. Maurício Zaikowaty entregue pelo seu irmão Dr. Zaikowaty ao Cel. Farm. Ferrari, diretor do IBEx, durante homenagem da FIERJ em 25 de junho de 2007, com Anna Bentes Bloch. Acervo do autor.



► 2007 – Público presente à homenagem da FIERJ ao Cel. Farm. Mauricio Zaikowaty em 25 de junho de 2007, vendo-se na primeira fila sua irmã, Anna Bentes Bloch e o então Presidente da FIERJ Sergio Niskier. Acervo da família.

Na área associativa, teve intensa participação como membro titular da Academia Brasileira de Medicina Militar, Academia Brasileira de Farmácia Militar, membro fundador da Sociedade Brasileira de Análises Clínicas, membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e membro da Sociedade de Gastroenterologia e Nutrição da Guanabara.



► 2007 – Retrato do Cel. Farm. Mauricio Zaikowaty entregue pelos irmãos Zaikowaty ao Cel. Farm Ferrari, diretor do IBEx, durante homenagem da FIERJ em 25 de junho de 2007, com Anna Bentes Bloch. Acervo da família.

Detentor dos títulos de especialista em Análises Clínicas e em Patologia Clínica, alcançou relevantes sucessos nessas especialidades, onde atuou com profusão, tendo sido proprietário e diretor técnico de um laboratório de análises e patologia clínica no Rio de Janeiro.

O Coronel Maurício levou também o lume de seus conhecimentos às instituições de ensino, fazendo parte do corpo docente como instrutor de Bioquímica para farmacêuticos da Escola de Saúde do Exército e professor assistente de Clínica Médica da Faculdade Souza Marques, no Rio de Janeiro.

Foi membro da Banca Examinadora de Concurso para Residência Médica e de concurso de admissão de Oficiais Farmacêuticos do Exército.

Foi diretor do Laboratório de Patologia Clínica da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, diretor médico do Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro e chefe da Clínica Médica da 25ª Enfermaria do mesmo nosocômio.

Entre diversos trabalhos publicados, destaca-se um, considerado como assunto de natureza científica pelo Estado-Maior do Exército, intitulado de “Efeitos biológicos das radiações ionizantes”.

Frequentou congressos, simpósios, jornadas, mesas-redondas, tanto de farmácia quanto de medicina, nacionais e internacionais, civis e militares.

Mas, sem dúvida alguma, o que marcou sobremaneira a atividade profissional foi sua passagem pela Força Terrestre, e no dizer de seus companheiros de jornada, em que há unanimidade em afirmar-se que “sua vida foi um rosário de estoicismo, cuja nobreza de caráter, é um exemplar a ser seguido por todos”.



► 2007 – Descerramento da placa recordatória do Cel. Farm. Mauricio Zaikowaty, com Sergio Niskier, presidente da FIERJ, Cel. Farm. Ferrari, e os irmãos Zaikowaty, durante homenagem da FIERJ em 25 de junho de 2007. Acervo da família.

Durante longo período, foi Ajudante de Ordens do General Diretor de Saúde, tendo empreendido sucessivas viagens por todo o país, acompanhando aquela autoridade e destacando-se como um auxiliar previdente e ativo.

Nomeado como diretor da Farmácia Central do Exército, permaneceu na função de 29 de agosto de 1972 até 13 de setembro de 1973, pontificando sua brilhante administração como um período dos mais auspiciosos para a Unidade Comercial.

Em seguida, é nomeado diretor do Instituto de Biologia do Exército, tendo durante muito tempo sido o único farmacêutico a ocupar tal função. Pôde aí introduzir grandes modificações técnicas, dotando a Organização Militar de equipamentos modernos, a fim de atender os avanços técnico-científicos da especialidade da qual era profundo conhecedor. Permaneceu na função de 29 de novembro de 1973 até 9 de junho de 1978, ocasião em que deixou o serviço ativo do Exército.

O Coronel Maurício era detentor de mais de uma dezena de medalhas e condecorações, dentre as quais destacamos: Medalha Militar de prata, Medalha Marechal Hermes de Aplicação e Estudo, Medalha da Ordem do Mérito Militar no Grau de Oficial, Medalha Marechal Caetano de Faria, Medalha de Membro Titular da Academia Brasileira de Farmácia Militar, Medalha de Membro Titular da Academia Brasileira de Medicina Militar, dentre as principais.

O General Roberto Pacífico Barbosa, seu velho amigo, quando ambos eram tenentes, declarou que:

“(...) passei a admirá-lo pelo excelente desempenho profissional na área de saúde do Exército, com notáveis realizações na Farmácia e nos laboratórios de análises clínicas das Policlínicas e do Instituto de Biologia do Exército, dando provas de seu reto caráter, de sua elevada competência, a par de excepcional dedicação e amor ao Exército”.

No ano de 2007, familiares e membros da Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro prestaram uma homenagem ao Coronel Maurício, pelos dez anos de seu passamento, inaugurando no Instituto de Biologia do Exército uma placa perpetuando sua memória, além da Seção de Bioquímica daquela Organização Militar de Saúde ter sido agraciada com seu nome.

O preclaro Coronel Maurício Zaikowaty, ícone da Farmácia Militar recente, faleceu no dia 17 de junho de 1997, estando sua campa localizada no Cemitério Israelita de Vila Rosali, no Rio de Janeiro. Uma cerimônia no CIB foi realizada em sua memória.

Curriculum vitae

Dr. Maurício Zaikowaty

C.R.M. RJ – 17.881

C.P.F. 005123117

Av. N. S. Copacabana 897/305 Fone: 255 – 2035

► **Cursos**

- Revisão de Bacteriologia – A.B.F.
- Radiobiologia – Comissão Nacional de Energia Nuclear
- Curso de Técnica de Ensino – M. Ex
- Psicologia das Relações Humanas – M.E.C.
- Curso Intensivo de Homeopatia – Fed. Bras. De Homeopatia
- Instrutor de Bioquímica na Escola de Saúde do Exército
- Registro nº 13.036 do Departamento de Educação Primária
- Atualização em Imunologia – Soc. Bras. de Hematologia
- Radioterapia – Soc. Bras. De Hematologia
- Medicina Nuclear em Hematologia – Soc. Bras. de Hematologia
- Coagulação Sanguínea – S.B.A.C.
- Cardiologia Clínica – Santa Casa de Misericórdia
- Anual de Gastroenterologia – Soc. Bras. de Gastroenterologia
- Interpretação Eletrocardiografia – Hospital da Lagoa (INPS)

► **Outros**

- Membro “Titular” Cadeira 65 da Academia Brasileira de Medicina Militar
- Membro “Titular” na Academia Brasileira de Farmácia Militar
- Chefe de Clínica Médica da 25.ª Enf. da Santa Casa de Misericórdia
- Trabalho Científico publicado “Efeitos biológicos das irradiações ionizantes”
- Membro Fundador da Sociedade Brasileira de Análises Clínicas



► 1995 – Quadro de Medalhas do Cel. Farm Mauricio Zaikowaty. Acervo da família.

- ▶ Título de Especialistas em Análises Clínicas
- ▶ Chefe do Laboratório de Tipagem Sanguínea do M. Ex.
- ▶ Chefe do Laboratório de Pesquisas Clínicas da P.C.Ex.
- ▶ Diretor do Instituto de Biologia do Exército
- ▶ Examinador de Concurso de admissão para Oficiais Farmacêuticos da Es. S. Ex.
- ▶ Ordem do Mérito Militar no Grau de “Cavaleiro” conferido pelo Exmo Sr. Presidente da República
- ▶ Ordem do Mérito Militar no Grau de “Oficial” conferido pelo Exmo Sr. Presidente da República
- ▶ Membro efetivo do 1.º Congresso Pan-Americano de Medicina Militar
- ▶ Membro efetivo do 1.º Congresso Nacional de Hospitais pela Ass. Brasileira de Hospitais
- ▶ Diploma de Farmacêutico pela F.F.O.R.J.
- ▶ Diploma de Médico pela F.U.S.F.
- ▶ Membro Efetivo do III.º Congresso Farmacêutico e Bioquímico Pan-Americano e V Congresso Brasileiro de Farmácia em S. Paulo
- ▶ Membro Efetivo do I.º Congresso Brasileiro de Medicina Militar S.P.
- ▶ Membro Efetivo do II.º Congresso Bras. De Medicina Militar em Porto Alegre
- ▶ Membro Efetivo da I.ª Jornada do Serviço de Saúde Aeronáutica
- ▶ Professor Assistente de Clínica Médica da Faculdade de Medicina de Vassouras
- ▶ Professor Assistente de Clínica Médica da Faculdade de Medicina Souza Marques
- ▶ Membro da Banca Examinadora do Concurso para Residência Médica no Hospital Geral de Santa Casa de Misericórdia do R. J.
- ▶ Diretor Médico do Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.
- ▶ Diretor do Laboratório de Patologia Clínica da Policlínica Geral do Rio de Janeiro

Fé de Ofício¹⁴

Nascimento – 25 de novembro de 1926

Praça – 1.º de março de 1950

2.º Tenente – 25 de janeiro de 1951

1.º Tenente – 25 de janeiro de 1953

Capitão – 10 de março de 1956

Major – 25 de abril de 1962 (merecimento)

Tenente-Coronel – 25 de abril de 1967 (merecimento)

Coronel – 25 de abril de 1971 (merecimento)

¹⁴ *Almanaque do Exército*, 1978.

Cel. Farm. David Rosenvald

Diretor do LQFEx – Laboratório Químico Farmacêutico do Exército no período de 20 de julho de 1984 a 3 de outubro de 1985.

Meyer Jayme Axelband

Dr. Jayme serviu alguns anos como farmacêutico militar. Formado pela Faculdade Nacional de Farmácia da Universidade do Brasil, em 1947, era 1.º Secretário do Diretório Acadêmico.

Dr. Jayme Axelband faleceu em 15 de maio de 2014, sendo sepultado no Cemitério Comunal Israelita do Caju.

Por mais de 20 anos, juntamente com sua esposa Rachel, coordenou as atividades da Farmácia Comunitária da FIERJ, oferecendo medicamentos gratuitamente a quem precisava, fossem ou não membros da comunidade judaica.

A FIERJ e os judeus do Rio de Janeiro serão eternamente gratos a Jayme Axelband por suas ações e seu exemplo de dedicação às causas comunitárias.

Central de Medicamentos: remédios gratuitos para a comunidade

A FIERJ, através da Central de Medicamentos que funciona no CIB, recebe mensalmente doações de remédios e os distribui para pessoas que necessitam diversos tipos de medicamentos. Para receber os remédios, é necessário cadastrar-se e levar receita médica. Além de beneficiar a comunidade judaica do Rio, a Central de Medicamentos também doa remédios a instituições da comunidade maior. O projeto é coordenado pela vice-presidente Evelyn Milsztajn e pela diretora Iná Zimerfogel. Tel. 4105-4030.

ABRAFARM

São Patronos Farmacêuticos da Academia Brasileira de Farmácia Militar, ABRAFARM:

- ▶ Cadeira 47 – Maurício Zaikowathy
- ▶ Cadeira 49 – José Scheinkmann
- ▶ Cadeira 57 – Moisés Fuks

Veterinários

Cel. Vet. Dr. Henrique Fainstein

Seu pai imigrou em 1917 da Rússia, região da Ucrânia mais tarde incorporada à Polônia, e sua mãe da Bessarábia, atual Moldávia. Conheceram-se no Brasil, onde tiveram dois filhos, Henrique e Arnaldo, conceituado engenheiro do DNER.

Dr. Henrique nasceu em Angra dos Reis/RJ em 10 de julho de 1927, onde o pai trabalhava no comércio e tinha plantações de bananas.

Mais tarde, mudaram-se para o Fonseca em Niterói/RJ, onde o jovem Henrique foi incorporado em 1944 à Escola de Instrução Militar 186, nos moldes dos tiros de guerra, na Praia de Icaraí, entre o Clube de Regatas Icaraí e a Reitoria



► 2003 – Cel. Henrique Fainstein e esposa Gerty ao ingressar na Academia de Medicina Veterinária do Estado do Rio de Janeiro, ocupando a cadeira n.º 4. Acervo da família.

da UFF. Hoje no local onde existiu a Escola situa-se um grande edifício, como tantos que “copacabanizaram” Icaraí. Em Niterói, Henrique trabalhou no extinto SAPS – Serviço de Alimentação e Previdência Social e Social, o precursor dos restaurantes populares. Frequentava no Rio de Janeiro as festas organizadas pelo



► 1951 – 5.º RAM de Cruz Alta/RS, Maj. Araken, Ten. Reginaldo e Ten. Veterinário Henrique Fainstein. Acervo da família.



► 1951 – Ten. Veterinário Henrique Fainstein, 5.º RAM de Cruz Alta/RS. Acervo da família.

extinto Clube dos Cabiras, sediado na Rua Álvaro Alvim, que organizava bailes em salões de clubes como o Fluminense e Botafogo.

Bem próximo à antiga Escola 186 situa-se sua residência, apartamento em um 10.º andar, onde hoje reside com sua esposa Gerty, com vista ampla para a



► 1950 – Asp. Of. Veterinário Henrique Fainstein. Acervo da família.



► 1952 – Parada de 7 de Setembro em Cruz Alta/RS. O Comandante do 5.º RAM Cel. Nelson Werneck Sodré desfila em continência. Sentado no banco traseiro o Ten. Veterinário Henrique Fainstein. Acervo da família.

praia e o Pão de Açúcar, onde, à janela, trabalha em uma mesa constantemente coberta de papéis e ferramentas, que chama de “sua bagunça organizada”.

Em 1950, Dr. Henrique formou-se em Veterinária pela antiga Faculdade Fluminense de Medicina Veterinária do Rio de Janeiro, hoje incorporada à UFF, em sua 12.ª turma. Na mesma UFF se formaria também em Direito, em 1973.



► 1952 – Parada de 7 de Setembro em Cruz Alta/RS. O 5.º RAM desfila pela Avenida General Osório. O Ten. Veterinário Henrique Fainstein segue montado atrás à direita. Acervo da família.

A família tem uma ligação com a UFF, eis que o filho Claudio é médico e professor de cirurgia da universidade, bem como sua esposa Eloane, professora de enfermagem. O filho mais novo, Flávio, é formado em Administração de Empresas também pela UFF.

Os netos também ingressaram na área médica, Leo é anestesista, André é cirurgião e Hélio é clínico. André encontra-se cursando o CIAW na Ilha das Enxadas, para ingresso no Corpo de Médicos da Reserva da Marinha.

Em março de 1951, Dr. Henrique prestou concurso para a Escola de Veterinária do Exército, uma carreira que se estendeu até 1980. Após a conclusão do curso, foi mandado servir em Bagé e Cruz Alta/RS, onde permaneceu de 1952 a 1957.

Nesta última cidade havia uma pequena comunidade judaica, onde o jovem Henrique encontrou a sua alma gêmea, Gerty, com quem se casou em 1954, completando em 2014 as Bodas de Diamante – 60 anos.

A família de D.^a Gerty emigrou de Viena em 1937, pouco antes do Anschluss de 1938, a anexação político-militar da Áustria por parte da Alemanha nazista, que traria consequências trágicas para a comunidade judaica. A princípio, a família Tisser foi para a Argentina, de onde mais tarde seguiram para o Brasil, através de Uruguiana. Eram cinco irmãos.

Os membros da família materna de D.^a Gerty, Vicky-Nerfin, permaneceram na Áustria, onde foram vitimados no Holocausto.

D.^a Gerty atualmente é presidente da Seção da WIZO em Niterói, uma organização beneficente – Womens International Zionist Organization, que presta auxílio ao segmento feminino, inclusive, de comunidades carentes em diversas cidades brasileiras.

Em Cruz Alta, Dr. Henrique serviu como 2.^o Tenente no 6.^o Regimento de Artilharia Montado, herdeiro das ricas tradições do 4.^o Corpo Provisório de Artilharia a Cavalos, criado em 1868 durante a Guerra da Tríplice Aliança, quando combateu em Humaitá, Avaí, Itororó, Piquissiri, Lomas Valentinas e



► 1952 – Parada de 7 de Setembro em Cruz Alta/RS. O 5.^o RAM desfila pela Avenida General Osório. O Ten. Veterinário Henrique Fainstein segue montado à direita. Acervo da família.



► 1952 – Parada de 7 de Setembro em Cruz Alta/RS. O 5.º RAM desfila pela Avenida General Osório. O Ten. Veterinário Henrique Fainstein segue montado à direita. Acervo da família.

tantos outros mais, cobrindo-se de glória, sendo em 1870 transformado em 4.º Batalhão de Artilharia a Pé, na cidade de Assunção, Paraguai. Unidade histórica, de onde seguiram 150 homens para a FEB na Itália, a Revolução de 1930, a ação da 5.ª Bateria contra a Coluna Prestes, a Revolução de 1964.

Ao chegar, Dr. Henrique encontrou um dos mais belos quartéis do Exército, a fortaleza centenária, exemplarmente bem cuidada até hoje, o Regimento com três grupos, preparando-se para a transição a Regimento de Artilharia 75 Autorrebotado. Era ainda a época da Artilharia Hipomóvel, ou seja, as peças e demais implementos e materiais eram tracionadas a cavalo. O Regimento era dotado de todas as facilidades necessárias, como baias, alojamentos, paióis, depósitos, picadeiro, veterinários, o hipismo uma das principais atividades, ou seja, assemelhava-se a um Regimento de Cavalaria, até que no ano 2000, com a modernização do Exército, esta que é uma das mais tradicionais unidades da Artilharia e da Força, tornou-se o 29.º Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsado – 29 GAC AP, orgânico da AD/3, integrante da tropa blindada, o Grupo Humaitá, que continua até os nossos dias no espírito da Arma de Mallet, “Eles que venham, por aqui não passam!”

No 6.º RAM, servia um jovem tenente, Antonio Villas-Boas. Em 7 de novembro de 1951, o casal Villas-Boas ganhou um menino, Eduardo, que a exemplo do pai também seguiria a carreira



► 2014 – Cel. Vet. Dr. Henrique Fainstein aos 88 anos de idade, em retrato tirado para a carteira de identidade militar. Acervo da família.

das armas. Sessenta anos mais tarde, em 2011, aquele menino alcançaria o pátio da carreira, recebendo as 4 estrelas de General de Exército, até que em janeiro de 2015 assumiria as elevadas funções de Comandante da Força.

Outras figuras históricas também passaram pelo regimento na época do Dr. Henrique, como seu Comandante Coronel Nelson Werneck Sodré (1911-1999), que se tornaria um conhecido historiador e escritor autor de vasta bibliografia.

Dr. Henrique prosseguiu a carreira servindo em Santa Maria/RS. Em 1961, tornou-se instrutor da Escola de Veterinária em Inspeção de Alimentos, permanecendo pelo tempo máximo permitido de cinco anos, seguindo-se a EsAO, de onde foi convidado para trabalhar com o Diretor de Veterinária Gen. Osvaldo Castro como chefe da Seção Técnica, inicialmente no Rio de Janeiro, sendo depois a diretoria transferida para Brasília.

Cel. Henrique chegou a Subdiretor de Veterinária do Exército. Na época havia 16 coronéis veterinários no Quadro de Veterinária do Exército. Em 1980, solicitou transferência para a Reserva Remunerada. Teve todas suas promoções por merecimento.

Em 11 de julho de 2003, o Cel. Henrique foi eleito membro titular da AMVERJ – Academia de Medicina Veterinária do Estado do Rio de Janeiro, ocupando a cadeira n.º 4.

CAPÍTULO 21

Exército Brasileiro – Antigos Alunos dos CPOR e NPOR

IME e QTT – Oficiais Temporários

4 de novembro

Dia do Oficial R/2

Data de Nascimento

do Cel. Correia Lima

Fundador do CPOR

Portaria n.º 429 de 18 de julho de 2006

do Comandante do Exército

Origens e tradições do CPOR – Centro de Preparação de Oficiais da Reserva

Existem hoje no Brasil cinco CPOR: Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife e Belo Horizonte. Existem também 46 NPOR, que funcionam dentro de unidades militares, sendo 25 de Infantaria, cinco de Cavalaria, sete de Artilharia, três de Engenharia, um de Comunicações, dois de Material Bélico e três de Intendência.

Nos idos da década de 1920, o bravo Coronel Correia Lima teve uma ideia avançada para o Brasil da época, que iria se provar acertada até hoje, revelando-se em toda a sua magnitude durante a Segunda Guerra Mundial, quando metade dos 800 tenentes da FEB era R/2, a mocidade do CPOR. Lançou a ideia pioneira, de convocar os alunos das faculdades para cursar um centro de preparação, dos quais sairiam como oficiais da Reserva. O então Cap. Luiz de Araujo Correia Lima comandaria o 1.º CPOR do Brasil de 12 de maio de 1926 a 11 de novembro de 1929, no quartel de artilharia de São Cristóvão, que lamentavelmente junto com antigas e históricas casernas, como a Escola de Veterinária e outras ao longo da Av. Bartolomeu de Gusmão, foram demolidas. Em seu lugar, a FIFA colocou instalações provisórias para apoio à Copa do Mundo de 2014. Tudo isso para que nem ao menos o Brasil ganhasse a Copa ou tivesse algum retorno significativo.

Desde logo, o Cap. Correia Lima obteve a adesão dos alunos da Escola Politécnica, não fora ela a precursora do ensino militar no Brasil, já que naquele mesmo prédio do Largo de São Francisco fora instalada por D. João VI em 1810 a Academia Real Militar, da qual descendem hoje em linha direta o IME,

a AMAN e a atual Escola Politécnica na Ilha do Fundão. Com efeito, a mesma placa comemorativa mandada fundir pelo Exército em 1960, ano do sesquicentenário, situa-se no Realengo, no IME, na AMAN e no Largo de São Francisco.

E daquele prédio, ao lado da Cruz de São Francisco, saíram nove expedicionários para a FEB, fato até hoje ali lembrado pela estatueta do Estudante de Engenharia Expedicionário, ao lado da Bandeira Nacional na sede da Associação dos Antigos Alunos da Politécnica.

No histórico quartel da Quinta da Boa Vista, onde hoje está instalado o belíssimo Museu Militar Conde de Linhares, ao longo de 35 anos, de 1931 a 1966, o Exército Brasileiro formou a sua Reserva Atenta e Forte, no CPOR do RJ.

“Da Universidade à Linha de Frente”, dali saíram os bravos discípulos de Correia Lima, no dizer da canção do CPOR, o nosso fundador, patrono e guia. Seu descortino para a época era incrível. A ideia de reunir estudantes das faculdades para construir uma reserva de alto nível para o Exército trouxe importante aporte para a Força Terrestre, como se confirmou por ocasião da Segunda Guerra Mundial, quando os Oficiais R/2 foram chamados a compor expressivamente os efetivos da gloriosa FEB – Força Expedicionária Brasileira, como líderes de fração de tropa nos combates na Itália.

Deste quartel, somando-se aos oriundos de São Paulo, Recife, Belo Horizonte e de Salvador partiram mais de 400 tenentes para integrar a FEB.

Nos campos da Itália, entre tantos soldados brasileiros tombados no cumprimento do dever, 12 jovens tenentes honraram o juramento de defender a Pátria se necessário com o sacrifício da própria vida, dos quais meia dúzia era oriunda dos quadros dos CPOR, os tenentes que repousam no Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, tendo seguido os passos do patrono, honrando o legado deixado por Correia Lima.

- ▶ Amaro Felicíssimo da Silveira
- ▶ Ari Rauen
- ▶ José Belfort de Arantes Filho
- ▶ José Jerônimo de Mesquita
- ▶ Márcio Pinto
- ▶ Rui Lopes Ribeiro

O eminente criador dos órgãos de formação de Oficiais da Reserva partiu precocemente, tombando em confronto durante a Revolução de 1930, mas antes legou ao Exército e ao Brasil o CPOR, por onde passaram mais de 100 mil jovens brasileiros.

Muitos mais se destacaram mercê de bravura excepcional demonstrada em combate, como o legendário Major Apolo Miguel Rezk, herói maior dentre os ex-alunos do CPOR, outros felizmente ainda se encontram entre nós.

Dia de glória para o histórico quartel da QBV, um ícone da nossa comunidade R/2, prédio neoclássico construído em 1920, no governo Epitácio Pessoa pelo então General Rondon, Diretor de Engenharia do EB, onde tantos cursaram, e de onde alguns em um dia já distante do ano de 1944 partiram rumo ao

desconhecido, para sob a bandeira brasileira, defender a democracia e a liberdade mundial nas montanhas geladas da Itália.

E entre eles estavam nossos correligionários, que com garra e patriotismo seguiram para a Itália, para enfrentar o duplo perigo.

CNOR – Conselho Nacional de Oficiais da Reserva¹

Fundado em 22 de abril de 1997, o CNOR é o Conselho Nacional de Oficiais R/2 do Brasil, mais recentemente conhecido como Sistema CNOR. Sediado na Av. Brasil n.º 5292, em Bonsucesso, Rio de Janeiro, no quartel do CPOR/RJ, é presidido pelo 2.º Ten. R/2 Art. Sérgio Pinto Monteiro, e possui 18 subdesdes:

- ▶ Rio de Janeiro/RJ
- ▶ São Paulo/SP
- ▶ Recife/PE
- ▶ Belo Horizonte/MG
- ▶ Petrópolis/RJ
- ▶ Brasília/DF
- ▶ Ponta Grossa/PR
- ▶ Belém/PA
- ▶ Cuiabá/MT
- ▶ Pelotas/RS
- ▶ João Pessoa/PB
- ▶ Maceió/AL
- ▶ Manaus/AM
- ▶ Campo Grande/MS
- ▶ Curitiba/PR
- ▶ Vila Velha/ES
- ▶ Fortaleza/CE
- ▶ Joinville/SC

Nos dias 21 e 22 de abril de 1997, a então denominada Associação dos Ex-Alunos do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro realizou o 1.º Encontro Nacional de Oficiais da Reserva (R/2) do Exército Brasileiro – I ENOREx.

No quartel do CPOR/RJ, na Avenida Pedro II, no bairro imperial de São Cristóvão, reuniram-se, num memorável encontro, as delegações das seis Associações de Oficiais R/2 então existentes no país: Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre e Petrópolis. Como convidada, uma representação da Sociedade de Amigos do CPOR de São Paulo.

No ano anterior, a Associação do Rio de Janeiro havia promovido o 1.º Ciclo de Palestras para Atualização de Oficiais R/2, com o apoio do Departamento de Ensino e Pesquisa, da Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento e do CPOR do Rio de

¹ Com subsídios de www.cnor.org.br

Janeiro. Realizado em três finais de semana, o curso reuniu cerca de 80 Oficiais R/2 e, em seu encerramento, o Chefe do DEP, General de Exército Gleuber Vieira, antigo instrutor do CPOR/RJ dirigiu ao Presidente da Associação as seguintes palavras:

“Tenente Monteiro, sugiro que a Associação de Oficiais R/2 do Rio de Janeiro promova uma reunião entre as diretorias das cinco entidades congêneres em atividade no país, visando uma desejável integração entre elas. Quem sabe, desse encontro surja uma organização nacional que possa atuar como elo entre as Associações e o Exército.”

Missão dada, missão cumprida. Graças à extraordinária visão estratégica do General Gleuber, cerca de 180 Oficiais R/2 de todo o país, participantes do I ENOREx, decidiram, em Assembleia Geral realizada em 22 de abril de 1997, por unanimidade, criar o Conselho Nacional de Oficiais R/2 do Brasil.

Atualmente, há mais de 10 mil Oficiais R/2 cadastrados, atuando intensamente como formadores de opinião no segmento civil da sociedade brasileira.

Os Encontros Nacionais se multiplicaram. Realiza-se anualmente o tradicional ENOREx, com uma média de participação de quase 300 Oficiais R/2.

- ▶ I ENOREx – Rio de Janeiro/RJ, 1997
- ▶ II ENOREx – Rio de Janeiro/RJ, 1999
- ▶ III ENOREx – Rio de Janeiro/RJ, 2001
- ▶ IV ENOREx – Salvador/BA, 2002
- ▶ V ENOREx – São Paulo/SP, 2003
- ▶ VI ENOREx – Manaus/AM, 2004



- ▶ 2010 – 12.º Encontro Nacional de Oficiais da Reserva do Exército – 12.º ENOREx – BELO HORIZONTE – de 20 a 26 de setembro de 2010, no CMBH, promovido pelo CNOR – Conselho Nacional de Oficiais R/2 do Brasil. Carlos Vaintraub (filho do Dr. José) e os ex-alunos, Israel Blajberg (RJ) e Dr. José Vaintraub (BH). Acervo do autor.

- ▶ VII ENOREx – Porto Alegre/RS, 2005
- ▶ VIII ENOREx – Natal/RN, 2006
- ▶ IX ENOREx – Rio de Janeiro/RJ, 2007
- ▶ X ENOREx – Cuiabá/MT, 2008
- ▶ 11.º ENOREx – Brasília/DF, 2009
- ▶ 12.º ENOREx – Belo Horizonte/MG, 2010
- ▶ 13.º ENOREx – Maceió/AL, 2011
- ▶ 14.º ENOREx – Recife/PE, 2012
- ▶ 15.º ENOREx – Salvador/BA, 2013
- ▶ 16.º ENOREx – Belém/PA, 2014
- ▶ 17.º ENOREx – Vila Velha/ES, 2015

CPOR/RJ

Desde 1927, estima-se que 10 mil alunos formaram-se no CPOR/RJ. A comunidade judaica tradicionalmente enviou muitos de seus melhores filhos para a Casa de Correia Lima. Os arquivos do CPOR encontram-se ainda em papel, de qualidade incompatível e armazenamento em condições difíceis de consulta. Os mais antigos já estão em condições críticas e quase nada foi digitalizado. A continuar assim, tememos que estes preciosos dados possam se perder. Assim não foi possível realizar uma pesquisa completa, apenas uma pequena amostragem, com apoio nos arquivos da Associação dos Antigos Alunos, que só dispõe de anos mais recentes, que passamos a descrever. Esperamos que no futuro, com a recuperação dos arquivos, possa ser melhor descrita a contribuição da comunidade judaica ao CPOR e, claro, a contribuição à Sociedade Brasileira.



▶ 1965 – Aposição floral no busto do Ten.-Cel. Correia Lima, em frente ao antigo quartel do CPOR/RJ na Av. Pedro I, São Cristóvão, Rio de Janeiro. Ao fundo, à esquerda, o comandante Cel. Francisco Ruas Santos, veterano da FEB. O autor aparece à esquerda ao lado do Cap. Wallace. Acervo pessoal.



► 2007 – Nos 80 Anos do CPOR/RJ em seu antigo quartel na Av. Pedro I, São Cristóvão, Rio de Janeiro, hoje o Museu Militar Conde de Linhares, os antigos alunos Israel Blajberg (1965), Samuel Szttyglic (1961), Israel Rosenthal (1944), Denis Fred Benzecry (NPOR 1.º BIS – Manaus – 1987) e Jacob Ibrahim Dahab (1962). Acervo pessoal.



► 2007 – Após o desfile dos 80 Anos do CPOR/RJ na Quinta da Boa Vista, os antigos alunos Denis Fred Benzecry, Samuel Szttyglic, Jacob Ibrahim Dahab, Israel Blajberg, Sergio Pinto Monteiro (1961, Presidente do CNOR), Marcelo Cortes (1961) e Paulo Coimbra Sauwen (1951). Acervo pessoal.



► 1965 – Declaração de Aspirantes do CPOR/RJ no Estádio do Vasco da Gama em São Januário, Rio de Janeiro. O autor aparece com sua mãe e madrinha, D.^a Perla Blajberg. Acervo pessoal.

Antigos alunos – 8 mar. 2015

NOME	ARMA	TURMA	OBS.	CIDADE
Adolpho Cohen				
Adolpho Prais				
Assayag				MAO
Busi Rosenblit	INF.		COR	
David Feffer				SP
Israel Klabin				
Jaime Maschkvich				
Leib Leibovitch	INF.		COR	
Lucio Becman	SAÚ.			
Matheus Frydman			1938	
Maurício Schulman				CIB
Miguel Lerner				
Schaias Zalberg				
Adolpho Cohn	ART.	1941		
Carlos Schwartz	INF.	1941		
Felix Rabstein	ENG.	1941		
Francisco Kauffman	ART.	1941		
Manoel Mallin	INF.	1941		
Menachem Kauffman	INF.	1941		
Carlos José Tuttmann	ART.	1943		
Jayme Jakubowicz	ART.	1943		
Marcus Galper	ART.	1943		
Mauro Thibau	ART.	1943		

NOME	ARMA	TURMA	OBS.	CIDADE
Samuel Gandelman	INF.	1943		
Samuel Weistman	INF.	1943		
Simão Mazur	ART.	1943		
Bernardo Samuel Manela	INF.	1944		
Bruno Meisels	INF.	1944		
Isaac Faerchtein	INF.	1944		
Israel Rosenthal	INF.	1944	198/370	
Jacob Welikson	INF.	1944		
Jaime Litwak	INF.	1944	61	
Jayme Gudel	INF.	1944		
José Segal	INF.	1944		
Marcos Cerkes	INF.	1944		
Moysés Esrhiqui	INF.	1944		
Nuni Kauffmann	INF.	1944		
Pedro Kullok	INF.	1944		
Rubin Feingold	INF.	1944		
Salomão Malina	INF.	1944		
Samuel Laks	INF.	1944		
Simon Chveid	INF.	1944		
Waldemar Podkameni	INF.	1944		
Wilson Hoineff	INF.	1944		
Arão Berezovsky	ART.	1945	2/147	
Bernardo Goldvåg	ART.	1945		
Bertholdo Pirim	ENG.	1945		
Carlos Gorenstin	ART.	1945		
Daniel Israel	INT.	1945		
Efraim David Cassvan	INT.	1945	15/48	
Goyá de Medeiros Trancoso	ENG.	1945		
Haim Nigri	ART.	1945		
Hirsch Fucs	ART.	1945		
leúda Ciornai	ART.	1945		
Isaac Kritz	ENG.	1945		
Isaac Rosenblatt	ENG.	1945		
Jorge Jurkievitch	ART.	1945		
José Cohen	ART.	1945		
José Etrog	ART.	1945		
Julio Goldkorn	CAV.	1945		
Moisés Mochcovitch	CAV.	1945	21/200	
Moyés Geiger	ART.	1945		
Moysés Burman	ART.	1945		
Moysés Kuperman	ENG.	1945		
Moyses Zaltman	CAV.	1945		
Nehemias Palatnik	ART.	1945	4	
Salim Hallage	ART.	1945		
Salomão Lipka	ENG.	1945		
Salomão Manela	ART.	1945		
Waldemar Craizer	ENG.	1945		

NOME	ARMA	TURMA	OBS.	CIDADE
Boris Munimis	INF.	1949	COR	
Isaac Clerman	ENG.	1949	COR	
Abrahão Wulf Spigel	ENG.	1955		
Abram Kaczelnik	ENG.	1955		
Adolpho Tuchman	SAÚ.	1955		
Arthur Lewcovitch	ART.	1955		
Benjamin Waissmann	SAÚ.	1955		
David Bizinover	INF.	1955		
David Zibenberg	SAÚ.	1955		
Isaac Naguel	INF.	1955		
Israel Leão Guberman	ART.	1955		
Itamar Faul	INF.	1955		
Jack Goldemberg	ENG.	1955		
Jacob Kochen	INT.	1955		
Jacques Jayme Hazan	ENG.	1955		
Jayme Maschvich	ENG.	1955		
Jayme Obraczka	ENG.	1955		
Jayme Specterow	INF.	1955		
Jayme Zaikowaty	INT.	1955		
João Szpilman	ENG.	1955		
Luiz Sztajnbok	SAÚ.	1955		
Luiz Tandler	SAÚ.	1955		
Luiz Vertzman	SAÚ.	1955		
Meyer Nunea Sirota	ENG.	1955		
Nelson Cherman	ART.	1955		
Pinckus Kopiler	ENG.	1955		
Raphael Boklis	ART.	1955		
Raphael Nathan Bur	INF.	1955		
Roberto Sussmann	INF.	1955		
Salim Cheriti	INF.	1955		
Salim Said Nigri	INT.	1955		
Salomão Abraham Benoliel	SAÚ.	1955		
Salomão Tchaicovsky	INF.	1955		
Samuel Goldbach	INF.	1955		
Simão Szwarc	INF.	1955		
Sion Divan	ENG.	1955		
Waldemar Cukierman	ENG.	1955		
Waldemar Licht	ENG.	1955		
Abraham Michel Resserman	SAÚ.	1956		
Alberto Reznik	SAÚ.	1956		
Arnaldo Strosberg	INT.	1956		
Chaskiel Jankiel Orensztajn	ENG.	1956		
David Felix Balassiano	INT.	1956		
David Fischel	INT.	1956		
David Gryner	SAÚ.	1956		
Ezequiel Rosman	INF.	1956		
Isaac Gabay	INT.	1956		

NOME	ARMA	TURMA	OBS.	CIDADE
Isaac Kayat	ENG.	1956		
Isack Wajsenzon	ART.	1956		
Jacob Burd	SAÚ.	1956		
Jacob Kogut	ART.	1956		
Jacob Marcos Luksenberg	INT.	1956		
Jacob Wolf Lilienbaum	SAÚ.	1956		
Joseph Felberg	SAÚ.	1956		
Julio Brunstein	INF.	1956		
Luiz Lerner	SAÚ.	1956		
Mauricio Stawnitzer	INF.	1956		
Moyses Pencak	INF.	1956		
Paulo Band	INF.	1956		
Pinho Fleischman	SAÚ.	1956		
Sallyr Lerner	SAÚ.	1956		
Salomão Abelson	SAÚ.	1956		
Sergio Franklin Quintella	ENG.	1956		
Simão Sessin	ART.	1956		
Suly Liberman	SAÚ.	1956		
Aron Zisel Tenenblatt		1957		
Bernardo Pochachevsky		1957		
Bernardo Rubinstein	INF.	1957		
Chaim Leib Grossman	INF.	1957		
Hugo Kac		1957		
Isaac Bokehi		1957		
Isaac Chidachevitz		1957		
Isack Kipper		1957		
Jacob Bajzer		1957		
Jayme Ptak		1957		
José Lipet Slipoi		1957		
José Rosenblut		1957		
Levir Bassin		1957		
Luiz Brafman		1957		
Marcos Cherman	INT.	1957		
Mário Schechtman		1957		
Moyses Spiz		1957		
Noe Elpern		1957		
Salim Nigri		1957		
Samuel Schechtman		1957		
Waldemar Z. Weinstok		1957		
Ary Jaques Zveiter Averbug	SAÚ.	1958		
David Szpacenkopf	SAÚ.	1958		
Decio Chvaicer	ART.	1958		
Getulio Cohen	INF.	1958		
Gilberto Gancz	INF.	1958		
Isaac Mayer Klainman	SAÚ.	1958		
Jacob Cukier	SAÚ.	1958		
José Kogut	SAÚ.	1958		

NOME	ARMA	TURMA	OBS.	CIDADE
José Meniuk	ART.	1958		
Manoel Huf	SAÚ.	1958		
Manoel Sternick	SAÚ.	1958		
Max Ezagui	INT.	1958		
Miguel Iuchtman	SAÚ.	1958		
Salomão Wajnberg	INT.	1958		
Samuel Berlinski	ENG.	1958		
Samuel Svartman	ENG.	1958		
Saul Waisman	SAÚ.	1958		
Silvio Jablonka	INT.	1958		
Abraão Lifchitz	ENG.	1959		
Adelton Gunzburger	ENG.	1959		
Alberto Mossé	ART.	1959		
Benjamin Szwarcwing	ENG.	1959		
Bernardo Schnitzer Grinplascht	ART.	1959		
Bertholdo Perecmanis	ART.	1959		
Boris Cheventer	INF.	1959		
David Furman	INF.	1959		
David Mizrahi	INF.	1959		
Efrahim Kopel Meniuk	ENG.	1959		
Helio Cherman	ENG.	1959		
Helio Wrobel	ART.	1959		
Henrique Fuks	INF.	1959		
Hugo Chor	INF.	1959		
Isaac Lazaro Balassiano	INF.	1959		
Jack Blajchman	INF.	1959		
Jankel Szmil Rotenberg	ENG.	1959		
José Apelbaum	INF.	1959		
José Britz	ENG.	1959		
José Chindler	INF.	1959		
José Rousso	CAV.	1959		
José Zucker	ART.	1959		
Karl Walter	ENG.	1959		
Leib Goldner	CAV.	1959		
Luiz Fiszhaut	CAV.	1959		
Matheus Schnaider	ENG.	1959		
Mauricio Gammal Sussman	INF.	1959		
Mendel Chapiro	INT.	1959		
Mendel Moussatché	ART.	1959		
Moses Behar	INF.	1959		
Moysés Jacob Lilienbaum	ENG.	1959		
Nahum Lissker	ART.	1959		
Salomão Cvaigman	INT.	1959		
Samuel Lerner	INT.	1959		
Wolf Gryner	INF.	1959		
Alberto Salomão Nigri	INF.	1961		
Altamiro Moysés Zimerfogel	INF.	1961		

NOME	ARMA	TURMA	OBS.	CIDADE
Carlos Szerman	ENG.	1961		
David Ubiratan Weissblum	INF.	1961		
Ernesto Wachsmann	INF.	1961		
Felix Kac	INT.	1961		
Germano Wolff	INT.	1961		
Gerson Barg	INF.	1961		
Helio Kaltman	INF.	1961		
Herman Abraham	CAV.	1961		
Isaac Feingold	INT.	1961		
Isaac Lancman	INF.	1961		
Israel Zukerman	INF.	1961		
Jacob Rotman	CAV.	1961		
James Kerszner	INF.	1961		
Jayme Izaac Finkielsztajn	INF.	1961		
José Zetzer	CAV.	1961		
Josef Barat	ART.	1961		
Julius Arnold Wilberg	ENG.	1961		
Mauricio Guerchon Cohen	INT.	1961		
Mauricio Karbel	INF.	1961		
Mayer Said Nigri	ENG.	1961		
Michael Lewin	ENG.	1961		
Michel Rosenberg	INF.	1961		
Moysés José Spigiel	ENG.	1961		
Raul Spielmann	CAV.	1961		
Romeu Diamant	ART.	1961		
Samuel Kauffmann	INT.	1961		
Samuel Szyglic	ENG.	1961		
Sergio Pinto Monteiro	ART.	1961		
Abram Kutwak	INT.	1962		
Alberto Chinicz	ENG.	1962		
Boris Bancovski	ART.	1962		
Gustavo Aichenblat	INF.	1962		
Ilton Gewandsznajder	INF.	1962		
Jacob Ibrahim Dahab	ART.	1962		
Jayme Saul Frajhof	ENG.	1962		
José Samuel Jalom	INF.	1962		
Leibich Gruzman	ART.	1962		
Luiz Samet	INF.	1962		
Marco Antonio Sayeg	ENG.	1962		
Moacyr Botsman	INF.	1962		
Moyses Tenenblat	ART.	1962		
Noel Szyfman	INT.	1962		
Paulo Bancovsky	ART.	1962		
Salomão Luiz Wejgman	ENG.	1962		
Slomo Wenkert	ENG.	1962		
Valdemar Galinski	CAV.	1962		
Jonas Grimberg	ART.	1964		

NOME	ARMA	TURMA	OBS.	CIDADE
1.º Ten. Henry Perecmanis	CAV.	1965	Instrutor	
Alberto Burd	INT.	1965		
Elias Beniste	INF.	1965		
Emanuel Rottemberg	INT.	1965		
Felix Feldon	CAV.	1965		
Israel Blajberg	ART.	1965		
Jayme Zilbert	CAV.	1965		
Luiz Tandler Leibel	INT.	1965		
Moisés Pizelman	ENG.	1965		
Henrique Chiganer	INF.	1966		
Jacob Zimerfeld	ENG.	1966		
Jaime Erlich	INT.	1966		
Mendel Reissmann	ART.	1966		
Sergio Zilberberg	INF.	1966		
Marcio Iliesco	INF.	1984		
Sergio Adler	INF.	1984		
Claudio Isaac Serruya	INF.	1987		

Obs.: o COR – Curso de Oficiais da Reserva foi realizado após o retorno da FEB da Itália, sendo aberto aos oficiais R/2 que desejassem permanecer no Serviço Ativo.

Turma de 1939

Em 7 de julho de 1939, diversos Aspirantes a Oficial e de Oficiais da 2.ª classe da Reserva de 1.ª linha, tiveram aprovados seus requerimentos pedindo estágio nos corpos de tropa da Primeira Região Militar, despachados pelo Exmo. Sr. General de Divisão comandante da Primeira Região Militar: Arma de Artilharia: Aspirantes: Wilkie Moreira Barbosa, Mauro Ribeiro Viegas, Alberto Borgerth Filho, Alvaro Pantoja Leite, Hugo Cardoso da Silva, Luiz Augusto da Silva Teles, Alfredo do Amaral Osório, Oscar de Oliveira, Servio Túlio dos Santos Sá. Arma de Infantaria: Aspirantes: Edílio Guertzenstein. Dentre estes, havia vários alunos da Escola Nacional de Engenharia, que futuramente viriam a ser professores, chefes de departamento e diretores da Escola.

Na década de 1920, o idealizador e fundador dos CPOR, Cel. Correia Lima, costumava postar-se nas escadarias da *Polytechnica* no Largo de São Francisco e conclamar os estudantes que passavam a matricular-se no curso para formação de Oficiais da Reserva que mantinha no seu quartel de artilharia em São Cristóvão. A aceitação era boa, e logo se cristalizou a tradição entre os alunos do Largo de São Francisco de aderir ao CPOR. Era uma época em que futuros chefes militares históricos passaram pelo CPOR, como os Generais Muricy e Canrobert. Mais tarde, a Escola Nacional de Engenharia enviou nove de seus alunos para a FEB na Itália.

A ENE foi também um ponto focal das manifestações que pediam a declaração de guerra contra as potências do Eixo, seguindo-se aos infames torpedamentos de navios mercantes nacionais por submarinos nazistas no fatídico de agosto de 1942, quando em uma semana foram afundados cinco navios com 600

preciosas vidas brasileiras perdidas. Eram os caras pintadas da época, quando se destacou o presidente da UNE e futuro ministro e presidente do Clube de Engenharia, Helio de Almeida, à frente das demonstrações. Era o espírito da Real Academia Militar que ressurgia, ela que ocupou o mesmo prédio, em 1811, que seria destinado a uma catedral, e hoje passados 200 anos é a Alma Mater da Engenharia Nacional, a mesma que originou as atuais Escola Politécnica da UFRJ e AMAN.

Jacob Pick Bittencourt (Jacob do Bandolim)²

Jacob Pick Bittencourt, mais conhecido como Jacob do Bandolim, nasceu no Rio de Janeiro aos 14 de fevereiro de 1918. Foi compositor e bandolinista de choro. Filho do capixaba Francisco Gomes Bittencourt e da polonesa Raquel Pick, de ascendência judaica, morou durante a infância no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro. Teve sólida formação cultural e educacional, estudando no atual Colégio Cruzeiro, antiga Deutsche Schulle (Escola Alemã), British American School (atual Colégio Anglo-Americano de Botafogo). Em 1935 tirou o curso de perito contador no Instituto Brasileiro de Contabilidade.

Cursou o CPOR, e já tocando muito bem o bandolim, trabalhou no Ministério da Guerra.

Gênio musical, Jacob fundou o Época de Ouro e compôs clássicos como “Noites Cariocas” e “Doce de Coco”.

Em 13 de agosto de 1969, recebeu o chamado do Criador e nos deixou. Estava encerrada assim a trajetória brilhante de um dos maiores artistas da MPB de todos os tempos.

José Weksler

Nascido no Distrito Federal em 1.º de julho de 1918, filho de Simon Weksler e Rachel Moskovitz. Era estudante de Medicina, sendo matriculado no Curso de Infantaria do CPOR em 12 de junho de 1937. Foi declarado Aspirante em 21 de novembro de 1939, como 34.º em uma turma de 70 alunos. Naquela época, o curso do CPOR era de três anos.

1.º Ten. R/2 Art. Abrahão David Bregman

Abrahão David Bregman nasceu em 5 de fevereiro de 1918 em Vitória/ES, filho de Isaac Bregman e Batcheba Picofisky Bregman. Faleceu em 16 de agosto de 2003 aos 85 anos no Rio de Janeiro. Foi professor adjunto da UFRJ.

Em fevereiro de 1936, prestou concurso vestibular para a Escola Polytechnica da Universidade Técnica Federal, junto com nomes conhecidos, como Hugo Cardoso da Silva, Maximiano Eduardo da Silva Fonseca, Jacob Feiner, Arão Berezovsky, Samuel Feldman, Alfredo do Amaral Osorio, Marcelo Nolding

² http://pt.wikipedia.org/wiki/Jacob_do_Bandolim e *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira* – <http://www.dicionariompb.com.br/>

da Mota, Moyses Aron Flaksman, Helio Norat Guimarães e Perek Kuperman. Eram 182 candidatos. Formou-se em dezembro de 1940, recebendo a carteira do CREA-RJ n.º 3.213-D.

Em 17 de agosto de 1942, o Diário Oficial publicou a convocação para o serviço ativo do Exército dos Aspirantes a Oficial da Reserva de 2ª Classe, Arma de Artilharia: Abrahão David Bregman e Servio Túlio dos Santos Sá.

Em 26 de outubro de 1942, o DO publicou: Promover a 2.º Tenente da Reserva de 2ª classe do Exército de 1.ª Linha, para servirem na 1.ª Região Militar, os seguintes Aspirantes a Oficial da mesma Reserva: Na Arma de Infantaria: Glauco de Castro e Silva, Carlos Augusto de Oliveira Lima, Haroldo Norat Guimarães. Na Arma de Engenharia: Alcir Pinheiro Rangel, Helio Norat Guimarães. Na Arma de Artilharia: Lido Norat Guimarães, Abrahão David Bregman.

Estando no Serviço Ativo, por Decreto de 25 de outubro de 1943, foi promovido ao posto de 1.º tenente da Reserva da Arma de Artilharia, Abrahão David Bregman, de quem trata esta Carta-Patente. Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1944.

Assinado por Canrobert Pereira da Costa, Gen. de Bda. – Secretário Geral do M. G.

Em 14 de julho de 1944, foi licenciado do Serviço Ativo, e em 1979 excluído do CORE – Corpo de Oficiais da Reserva do Exército, por ter completado 60 anos.

Durante seu período de serviço ativo, o Tenente Bregman serviu em Natal/RN, no 1.º Grupo do 3.º Regimento de Artilharia Antiaérea, transferido do Rio



► 1943 – Bateria do Ten. R/2 Abrahão David Bregman (assinalado na primeira fila com uma seta) – 1.º Grupo do 3.º Regimento de Artilharia Antiaérea – 1/3.º RAAAé. Bateria em posição com o material de 88 mm Krupp, de fabricação alemã. Natal/RN, atual 17.º GAC. Acervo da família.

de Janeiro em 1940 para reforçar a defesa do Trampolim da Vitória, recebendo o material de 88 mm Krupp, de fabricação alemã.

O Exército Brasileiro adquiriu entre 1937 e 1939 armamento e equipamento da Alemanha nazista, como canhões Krupp C-76 75 mm de artilharia de campanha hipomóvel e acessórios, carroças com equipamento de comunicações (transceptores Telefunken, baterias, cabos, geradores, telefones de campanha – Feldfernsprechen – FF-33, centrais telefônicas), material de cozinha, iluminação etc. Também foram adquiridos 32 canhões 88, sendo 16 para o Rio e 16 para Natal.

A missão do I/3.º RAAAé era a defesa da importante Base Aérea de Parnamirim e do litoral nordestino, ponto de vital importância para as Operações Militares aliadas no Norte da África. A partir de julho de 1944, o Grupo passou a ser dotado de canhões antiaéreos de 76,2 mm de procedência americana.

O I/3.º RAAAé foi extinto em fevereiro de 1955, sucedido pelo o 3.º Grupo de Canhões 88 mm Antiaéreo (3.º G Can 88 AAe),transformado em 1961 em Grupo de Artilharia de Campanha, o II/7.º RO 105 mm.

Em 1973 passa a 17.º Grupo de Artilharia de Campanha e em 1994 recebe a denominação histórica de Grupo Jerônimo de Albuquerque, em homenagem ao herói que comandou o Forte dos Reis Magos contra os invasores holandeses, mantendo brasileiras as terras onde hoje está sediado.

Sua filha Ruth Kac, artista plástica, foi a autora da Estrela de David no Monumento aos Pracinhas, Parque do Flamengo, inaugurada no domingo, 5 de agosto de 2012, às 9 h, por ocasião dos 70 Anos da Entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial 1942-2012.

A Estrela de David em metal amarelo tem 72 cm, sinal de relevante capital simbólico por ser múltiplo de 18, cuja representação numérica hebraica forma a palavra Chai (vida). A artista guarda, pois, ligação sentimental com a obra, como filha do Tenente R/2 Bregman.

Moysés Genes

Filho dos imigrantes russos Luiz e Menha Genes, nasceu no Recife/PE em 5 de novembro de 1919. Em 7 de dezembro de 1938, foi matriculado no Tiro de Guerra 382 no Clube de Regatas do Flamengo, tendo cursado o CPOR – Artilharia em 1939-41, com estágio no Grupo de Artilharia de Dorso em Campinho, Rio de Janeiro, cujo comandante era o Ten.-Cel. Geraldo Da Camino, unidade essa que foi incorporada à FEB e seguiu para a Itália. Foram da sua turma os engenheiros Francisco Kaufman, Leopoldo Nachbin e Adolpho Cohen, já falecidos. Genes não pôde seguir com a FEB,por estar a sua genitora doente e necessitar do seu arrimo.

Durante 25 anos, foi diretor da Escola e Colégio Israelita Brasileiro Scholem Aleichem.

Leonardo Koatz

Filho de Luiz Koatz e Joanna Blugerman Koatz, nasceu no Recife/PE em 13 de maio de 1924. Em 26 de fevereiro de 1942, foi matriculado no Curso de Infantaria, sendo declarado Aspirante em 29 de setembro de 1943.

Sadi Canetti

Nascido a 31 de outubro de 1921 em Porto Alegre/RS, faleceu em 8 março 1998 aos 76 anos.

Filho de Elias Simantov Canetti e Sarah Canetti, nascida em 1885.³

Em março 1944, Sadi Caneti era aluno do Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva anexo ao 12.º Regimento de Infantaria, pedindo transferência para o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro, sendo o requerimento deferido.

Leopoldo Nachbin

Matemático de fama internacional, nascido em 1922, veio do Recife para o Rio onde cursou o CPOR/RJ juntamente com a Escola Nacional de Engenharia. Já formado, deu aulas de física no CPOR da Aeronáutica.

Em depoimento, conta:⁴

Naquela época eu era muito jovem e tinha muita energia, então, a minha vida, naquela ocasião, era: de manhã cedo, fazer o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) de Artilharia, das 6h00 às 8h00, depois, às 9h00, mais ou menos, ia para a Escola Nacional de Engenharia, onde assistia às aulas. E, na medida do possível, fugia da Escola Nacional de Engenharia e ia para a Faculdade Nacional de Filosofia que, naquele tempo, funcionava no Largo do Machado. A Escola Nacional de Engenharia funcionava no Largo de São Francisco, naquele tempo, e a Faculdade Nacional de Filosofia funcionava no Largo do Machado, de modo que, realmente, tinha, digamos, muita energia para me dividir entre todas essas atividades.

Aliás, naquele tempo eu também me interessava muito por jogar xadrez. Eu jogava xadrez e cheguei até a ganhar algumas medalhas de primeiro lugar nos campeonatos de xadrez da Escola Nacional de Engenharia.

Eu sou judeu de origem, e talvez por isso mesmo eu seja pouco preconceituoso. Sempre, quando era professor na Escola Nacional de Engenharia e examinava os alunos de segunda época, me lembro de sempre ter uma certa proteção com os alunos pretos ou mais pobres, ou minorias.

Dr. Jaime Gudel – Turma de 1945 – Infantaria

Nascido em 13 de janeiro de 1925, filho de Isaac Gudel, imigrante da Galícia (Polônia – Império Austro-Húngaro), e de Nesia Gudel, imigrante da Rússia, região do Império Austro-Húngaro. Estudou nas escolas Tiradentes e Felisberto de Menezes. Cursou o CPOR de 1942 a 1944. Gudel foi o aluno n.º 1.120, José Segal, futuro dentista, o n.º 1119 e Moisés Eshrique, futuro diretor do Colégio Hebreu-Brasileiro da Tijuca, o n.º 1121. Salomão Manela era de seu pelotão no CPOR.

³ GENI.com <http://www.geni.com/people/Sadi-Canetti/6000000002073086475>

⁴ História da Ciência (Depoimentos orais realizados pelos Arquivos Históricos do CLE/Unicamp). Entrevista com o professor Leopoldo Nachbin. Entrevistadores: professor Roberto de Andrade Martins e Hiro Barros Kumasaka.

Gudel não foi aceito no Colégio Militar. Sua mãe foi inscrevê-lo, sendo perguntada a religião do menino, assim é de se supor que delicadamente recusaram a inscrição, talvez devido à orientação vigente na época (vide *Os indesejáveis*, no cap. 17). Entretanto, esta não era a regra geral, já que vários judeus cursaram o Colégio Militar naqueles tempos.

Assim, o menino Gudel foi estudar no Colégio Felisberto de Menezes, na Rua São Francisco Xavier, onde davam aula professores do Pedro II e do Colégio Militar, formando-se pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil em 1948.

Gudel trabalhou no HSE, onde relata episódios de antissemitismo. Por um lado, fazia projetos, achavam formidável, por outro, chegou a ouvir de um chefe: “Vocês judeus cometeram o grande erro de não ter aceito Jesus há 2 mil anos”. Certa vez, Dr. Gudel teve o ponto cortado por ter faltado no Yom Kipur – Dia do Perdão.

Gudel foi chefe de laboratório do HSE, presidente da Sociedade Brasileira de Patologia Clínica e diretor do Centro Municipal de Saúde – Copacabana. Recebeu a Medalha Pedro Ernesto, da Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro. Foi conselheiro da FIERJ e diretor da B’nai Brith, onde desenvolve trabalhos ligados ao ensino da história do Holocausto.

Gudel recorda os anos difíceis das décadas de 1930/40, quando foram proibidas as associações israelitas, e os integralistas proliferavam. Constava que Gustavo Barroso teria sido representante da Casa dos Rotschild, por suas ligações com o Exército, e que, demitido, tornou-se antissemita.

Dr. Jaime Gudel comemorou em janeiro de 2015 seus 90 anos, cercado de familiares e amigos, em almoço festivo em aprazível restaurante no Rio de Janeiro.

José Feldman – Turma de 1945 – Infantaria

Filho de imigrantes ucranianos, nascido no Rio de Janeiro em 28 de agosto de 1927, formou-se pela FNM-UB em 1951, cursando o CPOR em 1946-47 – Infantaria.

Seus antepassados são originários da Rússia, cidade de Securoni na Bessarábia. Estudou no Colégio Pedro II, onde havia muito antissemitismo por parte de alguns funcionários e professores.

Em 1942, sob o impacto do torpedeamento de navios nacionais pelos submarinos nazistas, desejou alistar-se na Marinha, mas havia a dificuldade de acesso para judeus.

Também não conseguiu ser piloto da Marinha Mercante, restando como alternativa o CPOR.

Participou da marcha dos alunos do Pedro II da Rua Larga até o Palácio Guabanara, para exigir de Getúlio uma resposta às infames agressões da Alemanha nazista. Conseguiu subir na varanda do palácio e gritar junto com a multidão. Participava também das manifestações da Liga de Defesa Nacional.

Das suas recordações, lembra o Capitão Xerez, as manobras do 2.º ano em Itaguaí, quando percorreram 50 quilômetros até o acampamento. Chegava 6h para a ordem unida, exercícios físicos na Quinta da Boa Vista, acampamentos em Gericinó.

No baile de formatura, dançou com a Miss Brasil que estava presente. Refere que o CPOR não era sacrifício, mas sim nacionalismo, civismo, valia a pena. Até hoje ainda saberia cantar o Hino da Infantaria. Havia muito orgulho nos desfiles de 7 de Setembro, muito diferente de hoje.

Foi convidado a ser membro honorário da Academia de Medicina do Rio de Janeiro:

No auditório lotado do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, tomou posse como Membro Honorário da Seção de Medicina da Academia do RJ o renomado cardiologista José Feldman, um dos mais conceituados especialistas do estado. Junto com Feldman, foram empossados Paulo Rodrigues de Oliveira e Keyla Belizia Feldman Marzochi, além de Renato Diniz Kovach que recebeu o título de Membro Honorário. Os novos membros foram saudados pelo Acadêmico Leão Zagury.⁵

Jayme Tiomno – Turma de 1945 – Artilharia

Obituário:

Numa semana de notícias trágicas vindas da região serrana, o passamento de Tiomno, um dos poucos brasileiros cogitados para receber um Prêmio Nobel não chegou a ser noticiado pela grande imprensa com o destaque merecido. Portais ligados à ciência divulgaram a sentida perda, destacando amplamente sua notável carreira, reconhecida mundialmente, que ora complementamos com outras recordações.

Seus pais eram imigrantes judeus da Rússia chegados em 1911. O pequeno Jayme foi criado em Muzambinho/MG, onde uma praça com seu nome foi inaugurada recentemente. Eram cinco irmãos, Jayme, Amanda, Silvia, Feiga e Mira.

Veio para o Rio cursar o Pedro II e foi aluno do CPOR/RJ, a que tinham acesso os melhores estudantes daquela época.

Em depoimento ao CPDOC da FGV em 1977, relata que foi convocado em 1942, servindo primeiro na tropa e em seguida no CPOR. Durante o serviço militar continuou lecionando, graças a uma permissão para horário especial.

Foi matriculado no CPOR/RJ em 17 de novembro de 1943 e declarado Aspirante de Artilharia em 20 de outubro de 1945, com média final 6,907, e colocação de 32.º numa turma de 98 alunos.

Aos 30 anos chegou perto do Prêmio Nobel de Física, mas foi um refinamento do seu trabalho que valeu a láurea a dois cientistas chineses, em 1957.

Em 1961, com seu grupo de colaboradores propôs a existência de uma nova partícula atômica, o meson K.

Embora apertado, foi aposentado pelo AI-5. Seu nome constou em listas onde figuravam outros professores como Fernando Henrique Cardoso. Com

⁵ Jornal ALEF.

a anistia foi reintegrado ao CBPF – Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, na Urca, o qual era Professor Emérito e que ajudou a fundar em 1949, e onde o corpo foi velado.

Faleceu em 14 de janeiro de 2011 de causas naturais aos 90 anos. Deixa a esposa Eloisa, também física, filhos e netos, e as irmãs Silvia Tolmasquim e Feiga Rebeca Rosenthal, casada com o veterano da FEB Tenente Israel Rosenthal, atual Presidente do CD da ANVFEB. Foi cremado no Crematório da Santa Casa da Misericórdia, Cemitério de S. F. Xavier no Caju, Rio.

Jacob Steinberg

Jacob era descendente de imigrantes judeus, casado com Clara Perelberg, com quem fundou a Servenco. Ambos eram formados pela tradicional Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil.

Foram empreendedores de obras que se tornaram marcos na cidade tais como o Clube de Aeronáutica, o conjunto de edifícios da Rua Marquesa de Santos, o Rio Flat Service – primeiro *apart hotel* – e o edifício da Caemi – um prédio inteligente, entre outros prédios residenciais e comerciais.

O Rio Design Center, primeiro *shopping* brasileiro especializado em decoração e *design* e centro cultural de reconhecida importância para a cidade e o Rio Design Barra, um projeto três vezes maior também foram seus empreendimentos. Preocupados com o social, criaram o Instituto Rogério Steinberg, 1997, instituição voltada para dar apoio especializado às crianças carentes, personagem marcante na história da indústria da construção civil do Rio de Janeiro



► Junho de 2008 – Eng. Jacob Steinberg, ex-aluno do CPOR (Eng. de 1946) entrega diploma ao Cel. Ernesto Caruso, durante Sessão da AHIMTB na A3P, no prédio histórico da antiga Escola Polytechnica. Acervo do Autor.

Jacob era associado da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, e em 4 de dezembro de 2009 enviou a seguinte mensagem:

Prezados, lamentavelmente encontro-me em estado de saúde precária e não poderei comparecer à inauguração da nova Casa da FEB, entretanto, queira me fornecer os horários de funcionamento da sede, que tão logo eu possa, terei o prazer de visitá-los. Atenciosamente, Jacob Steinberg.

Jacob cursou o CPOR na turma de 1945, com seu amigo José Griner, colega do Pedro II e da ENE. Da Arma de Engenharia, acamparam em Itajubá/MG, onde enfrentando o frio construíam pontes sobre o Rio Sapucaí, na Serra da Mantiqueira, além da instrução de combate com rolos de arame farpado, trincheiras e dinamite. Outros colegas da ENE também cursaram nesta e em outras turmas do CPOR. Era uma tradição que aos poucos foi sendo esquecida na nossa tradicional *Polytechnica*, herdeira das glórias da Academia Real Militar de 1811, eis que tantas outras universidades surgiram. Entre os antigos alunos do CPOR e da ENE, temos Aimone Camardella, Eng. 1946; Jacob Steinberg, Eng. 1946; Pedro Carlos da Silva Telles, Eng. 1947; Manoel Martins, Eng. 1946 e Israel Blajberg, Art. 1965.

Jacob Steinberg era sócio e conselheiro da A3P – Associação dos Antigos Alunos da Politécnica. Entre outros, integram também o Conselho Diretor os engenheiros Leizer Lerner (presidente de honra e membro vitalício, foi presidente em 1961-1976), Bernardo Griner, Israel Blajberg e Marconi Nudelman.

A A3P homenageia todo o ano um engenheiro que tenha se destacado na profissão pelos seus trabalhos e serviços prestados à engenharia brasileira com o título de Engenheiro Eminentíssimo do Ano. Em 2008, foi aberta uma exceção, com o prêmio sendo concedido a um casal, casal Jacob e Clara Steinberg.

Jacob Steinberg teve uma vida plena de realizações, tendo falecido em 23 de abril de 2013 aos 89 anos. Sua esposa Clara faleceu em 19 de janeiro de 2015.

Ten. R/2 Méd. Lucio Becman

Dr. Lucio cursou o CPOR, tendo prestado o compromisso regulamentar e recebido a respectiva Carta-Patente de 2º. Ten. Méd. em 26 de março de 1949, um sábado, às 9 horas da manhã na Diretoria de Recrutamento do então Ministério da Guerra. Seu filho seguiu a carreira naval, atingindo a patente de Contra-Almirante Médico, constando desta obra no cap. 15 – Marinha – Quadros de Saúde.

Ten. R/2 Israel Klabin – Turma 1948 – Cavalaria

Israel Klabin, engenheiro, ambientalista e empresário, nasceu em 20 de setembro de 1926, filho do empresário Wolff Kadischewitz Klabin e de Rose Haas. Casou-se em 1975 com Léa Manela.

Engenheiro pela ENE-UB. Aos 30 anos, diante da morte prematura do pai, Israel, como filho mais velho, assumiu a presidência da empresa da família,

Klabin Irmãos & Cia. Foi indicado para prefeito do Rio em 1979 pelo governador Chagas Freitas, passando o cargo que recebera de Marcos Tamoio para Júlio Coutinho, os três engenheiros formados pela ENE, exceto Júlio, formado pelo ITA, mas que era professor da COPPE-UFRJ.

Um Klabin fardado⁶

► *Depoimento para o Projeto de História Oral do Exército*

Em seu escritório em meio a Mata Atlântica de São Conrado, Israel Klabin recebe a equipe do Programa de História Oral do Exército. Assim como tantos universitários de sua geração, envergou com orgulho a farda verde-oliva. Era um rapaz de 18 anos, pouco mais magro que hoje, ao se tornar aluno do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva.

O tradicional CPOR estava aquartelado junto à Quinta da Boa Vista, onde hoje funciona o Museu Militar Conde de Linhares, em belo edifício neoclássico construído pelo Marechal Rondon. Em 1948, recebeu em solene formatura a sua espada, ao ser declarado Aspirante da Reserva, a qual acaba de dar em doação ao Museu do R/2, situado no atual quartel na Avenida Brasil, em Bonsucesso.

Pelo corredor estreito e acolhedor por onde se adentra o atual Museu, passaram tantos brasileiros dos mais ilustres, até presidentes da República, incontáveis ministros, desembargadores, cientistas, profissionais liberais, professores, industriais, artistas, políticos, enfim toda a variada gama que compõe o espectro social brasileiro esteve representada naqueles jovens alunos, que com o coração pleno de esperança, um dia tiveram o privilégio de ser um aluno do CPOR.

Alguns desses antigos e proeminentes alunos vêm dando depoimentos que irão compor uma coleção de livros historiando a contribuição do CPOR para a sociedade brasileira.

Klabin recebe cordialmente a equipe de entrevistadores, recordando com alegria aqueles anos inesquecíveis, quando num distante 15 de dezembro de 1946 foi incorporado às fileiras do CPOR.

Muita camaradagem, alegria, ensinamentos preciosos, a disciplina militar, a opção pela Arma de Cavalaria, influenciado pelos ensinamentos paternos sobre a importância do trabalho da terra, o valor do cavalo na vida rural, assim como pelo esporte de polo, praticado por ele e seus irmãos.

A vida militar foi como uma continuidade da sólida formação que recebeu dos pais Wolff e Rosa Klabin.

Recorda com saudade os treinamentos de cargas de cavalaria no Campo de São Cristóvão, não sem algumas quedas acidentais, longas marchas a cavalo, embarcando nos vagões da Central bem cedinho, estender a corda-tronco para a cavalhada, os banhos de salmoura que ele como jovem aluno dava para refrescar o costado dos cavalos cansados, e seu companheiro de alojamento, aquele que viria a ser o grande escritor José Rubens Fonseca.

⁶ Israel Blajberg, 18 de junho de 2009, ex-aluno do CPOR/RJ – Turma de 1965.

Na época, cursava a tradicional Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, no Largo de São Francisco, quando teve oportunidade de participar de reuniões com colegas correligionários, numa época logo após o Holocausto quando foi fundado o Estado de Israel. Alguns destes colegas participaram da criação do Kibutz Bror Chail, até hoje conhecido como o kibutz dos brasileiros.

O martelo utilizado por Oswaldo Aranha na sessão da ONU que decretou a Partilha da Palestina foi presenteado à sua família, e posteriormente doado ao Kibutz, onde se encontra em exposição.

É visível a satisfação do Dr. Klabin ao recordar aqueles tempos, o amor ao Brasil, uma escola de civismo, lição patriótica da maior importância, crença no seu país, atitudes éticas.

Dr. Israel sempre levou uma vida acadêmica, realizou o doutorado na França, trabalhando depois na Comissão Mista Brasil-EUA, onde foi um dos criadores da SUDENE. A maioria das pessoas conhece mais a sua trajetória empresarial e política, na IKPC e como prefeito do Rio (1979/80), ele que assumiu uma empresa de 25 mil funcionários aos 30 anos, com a morte prematura do pai.

Com a empresa caminhando para a profissionalização, Dr. Klabin reassumiu a vida acadêmica em 1988, mantendo-se apenas no Conselho de Administração.

É um lutador pela causa da sustentabilidade do planeta, como presidente da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável, que congrega 25 das mais importantes empresas brasileiras.

Viaja muito para proferir conferências pelo Brasil, Estados Unidos, Israel e outros países, alertando sobre os perigos que ameaçam a sobrevivência da espécie humana sobre a face da terra, a capacidade de absorver os impactos sobre o meio ambiente praticamente esgotada.

Dr. Klabin aproveita para lembrar a importância do emprego das tropas militares na preservação da Amazônia, assunto que tem tratado com o Ministro da Defesa.

Vai terminando a bela manhã ensolarada de véspera de um inverno carioca que se aproxima. O tronco calcinado da escultura do genial Frans Krajcberg, sob a luz natural que banha a sala de reunião, nos alerta da importância da luta pelo meio ambiente.

O Projeto de História Oral dos Antigos Alunos do CPOR certamente ficará enriquecido pelo depoimento de um dos mais ilustres alunos que passaram pela Casa de Correia Lima, o Capitão que assim como Klabin também era um sonhador, e criou em 1927 o CPOR, tornando-se “o nosso fundador, patrono e guia”, nos versos da canção da unidade.

Assim, a História faz justiça a eles, e a tantos outros que passaram por um quartel do CPOR, trabalhando com muito entusiasmo por um nobre objetivo: dar ao País o vigor da sua juventude, e prosseguir na vida com firme determinação, cada qual na sua área, trilhando o caminho do desenvolvimento do Brasil.

Luiz Chor⁷

Luiz Chor nasceu a 29 de novembro de 1930 no Rio de Janeiro. Engenheiro, foi empresário do ramo da construção civil, e líder sindical. Coursou a ENE-UB de 1949 a 1953, e o CPOR na Arma de Engenharia de final de 1949 a de agosto de 1951. Sua turma da ENE possuía um razoável número de alunos judeus, entre os quais José Moisés Samburski, Mário Ribenboim, José Kaufman, Bernardo Griner, Herman Mendlowicz, e destes vários cursaram o CPOR, onde foi matriculado no curso de Engenharia a 15 de dezembro de 1949. Naqueles tempos, era apreciável a contribuição do alunado da ENE para o CPOR, onde alguns chegavam a se destacar nos primeiros lugares das turmas, principalmente da Arma de Engenharia, como, por exemplo, o prof. Archibald MacEntyre, que foi o 1.º da sua turma e mais tarde Catedrático Vitalício da ENE.

Ao ingressar no CPOR, sua turma foi formada por estudantes de engenharia, com um único colega que estudava Matemática na PUC-RJ, experiência que foi feita naquele ano, e que se saiba, não mais repetida.

Foram seus colegas no CPOR Emanuel Weissman (Cav.), Isaac Hilf, que foi presidente do CCER Monte Sinai, Bernardo Griner, José Moisés Samburski e José Kaufman (Art.), que se formou um ano antes. Seu estágio de instrução deu-se nos batalhões de Engenharia em Itajubá e Pindamonhangaba.

⁷ Com elementos colhidos em: GRINBAUM, Victor - *Algumas memórias, a vida de Luiz Chor*. MW Comunicação, 2011.



► 1953 – Retrato de Luiz Chor em seu álbum de formatura da ENE-UB, Turma de 1953. Durante o curso, Luiz fez o CPOR, que concluiu em 1951, na Arma de Engenharia. Acervo pessoal.

Em 1945, Luiz Chor estava concluindo o curso ginásial do Ginásio Israelita Brasileiro, situado, então, na Tijuca, na Rua Desembargador Izidro.

Esteve na Av. Rio Branco, levado por seu pai, quando os pracinhas retornaram em 1945. Recorda que tamanha era a massa humana que os soldados desfilaram em fila indiana. Também visitou, junto com outros colegas de turma, os feridos no HCE.

Foi durante muitos anos um dos sócios da Chozil Construtora, uma das mais ativas no ramo da construção civil no Rio de Janeiro. Ocupou os cargos de presidente do Sinduscon-Rio (Sindicato da Indústria da Construção Civil no Estado do Rio de Janeiro), entre os anos de 1986 e 1992, e da ADEMI (Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário), entre 1984 e 1987. Foi, durante seis anos vice-presidente da Câmara Brasileira da Indústria de Construção, presidindo o Conselho da Indústria Imobiliária.

Filho mais velho de um casal de imigrantes judeus, seu pai, Pinhos Chor, nascido na Bessarábia, chegou ao Brasil no início da década de 1920, onde se estabeleceu como vendedor ambulante. Sua mãe, Annita Chor, (Singer quando solteira) nascida na então Palestina, era filha de um dos mais famosos líderes comunitários judeus daquela época, Moyses Singer, que exercia as funções de açougueiro *kasher* (alimentos preparados segundo o ritual religioso) e *mohel* (pessoa habilitada a realizar circuncisão em crianças aos oito dias de vida).

Moyses Singer era chamado para circuncisar jovens muçulmanos, mas em idade mais avançada (12 anos).

Sua mãe morreu em 1936, poucos meses após dar à luz sua terceira filha Bella, e Luiz, bem como seu irmão Jacob, foram criados pelos avós maternos (Rifka e Moyses Singer) e assistidos materialmente por seu pai.

Seu avô era conhecido na comunidade judaica como Moishe Shoichet, devido à atividade que exercia – ou seja, aquele habilitado a praticar o abate ritual de animais segundo as regras religiosas.

O avô Moishe tornou-se famoso por ter sido um dos maiores, senão o maior, executor da circuncisão, orgulhando-se de, em cerca de 50 anos de profissão, ter circuncidado meninos em diversas cidades do Brasil, entre as quais, Rio de Janeiro, Salvador e Belo Horizonte.

Naquela época, Luiz residiu com os avós próximo ao Grande Templo, na Rua Conselheiro Josino n.º 16, ao lado do antigo CIB, hoje localizado em Copacabana. A comunidade judaica era tão densa nos arredores da Praça XI, que havia espaço para duas sinagogas a menos de 200 metros uma da outra, além das que se espalhavam pelos arredores, sendo o Grande Templo frequentado por ashkenazim e o Bnei Herzl por sefaradim.

Durante a década de 1970, Luiz passou a militar em diversas entidades ligadas ao setor de construção e imóveis. Tornou-se diretor e presidente de várias delas e seu nome passou a ser conhecido nacionalmente graças às campanhas que liderava pelo crescimento do setor.

Nos anos 80, Luiz Chor foi convidado para presidir o “Grupo de Amigos da Universidade de Tel Aviv no Rio de Janeiro”. À frente do grupo, promoveu

um intenso intercâmbio de professores, intelectuais e cientistas brasileiros e israelenses. Foi também presidente da associação mantenedora do Colégio Israelita Brasileiro A. Liessin, em Botafogo.

Representado o presidente do Sistema FIRJAN, preside o Conselho Deliberativo da Previdus, órgão de previdência privada, da qual fazem parte a FIRJAN, CIRJ, SESI, SENAI, SESC e SENAC do Rio de Janeiro.

Até fevereiro de 2015, foi conselheiro do Sebrae RJ, representando o CIRJ, Centro Industrial do Rio de Janeiro.

José Moisés Sambursky

Nascido no Rio Grande do Sul, em 28 de setembro de 1930, filho dos imigrantes poloneses Jayme e Bertha Sambursky, estudou na Escola Rio Grande do Norte, Colégio Pedro II e Faculdade Moraes Junior.

Formado pela ENE-UB em 1953, cuja turma possuía 10% de alunos judeus, entre os quais Mário Ribenboim, Luis Chor, Kaufman, Bernardo Griner, Herman Mendlowicz, e destes vários cursaram o CPOR, onde foi matriculado no Curso de Engenharia a 15 de dezembro de 1949. Em 11 de junho de 1950 consta das suas alterações que

“(...) foi público haver o Comando reconhecido não satisfazer as condições estabelecidas pelo art. 85 do R/166 e assim não haver revelado pendor nem aptidão para o oficialato. Em consequência foi mandado desligar do número de alunos deste Centro, de acordo com o Decreto 24.853 de 20 de abril de 1948 e mandado apresentar a 1.ª RM e 1.ª CR de conformidade com o que estabelece o art. 113 letra g do referido regulamento”.

Em função de questões políticas, um grupo de alunos, sendo cinco judeus e um mulato, o aluno Aguiar Dias, foram discriminados e declarados inaptos para o oficialato, sendo assim intimados a comparecer ao quartel, para fazer o Juramento a Bandeira como reservistas, na sexta-feira que antecedia a Declaração de Aspirantes, que seria no sábado. Moisés já havia sido aprovado no 2.º ano, tendo inclusive prestado o Juramento a Bandeira em 4 de agosto de 1951, o último ato que antecede a Declaração de Aspirantes.

Era Comandante o Cel. Aricles Gonçalves Pinto, cuja gestão foi de 6 de junho de 1950 a 4 de março de 1955. Sambursky estava nesse grupo, e dado que o ato teria sido motivado por denúncias de atividades políticas na ENE, o grupo constituiu advogado ao jurista Dr. Sobral Pinto, que obteve a anulação do ato do Comandante junto ao STJ, naquela época à Av. Presidente Wilson.

Assim sendo, foi feito constar das suas alterações militares:

“(...) 1955 – abril (...) conforme ordem do Ministro, versando sobre o provimento dado a impetração de mandado de segurança do ex-aluno José Moisés Sambursky, concedido pelo STFR, em que determina seja o mesmo declarado Aspirante a Oficial da Reserva. Em consequência é declarado Aspirante a Oficial da Reserva, tendo prestado o compromisso de que trata o art. 111 do R/166,

deixando de ser feita todavia a classificação prevista no art. 97 do citado regulamento, em face da maneira excepcional como é declarado. Quartel em São Cristovão, 19 de abril de 1955. Ladário Pereira Telles, Coronel Comandante”.

Aguiar Dias, por ser mulato, sofreu discriminações naquela época. Ao final, foram todos declarados Aspirantes, em cerimônia no gabinete do então Comandante, Cel. Ladário Pereira Telles, onde receberam o Certificado de Conclusão de Curso, datado de 13 de abril de 1955, ou seja, quase quatro anos depois que seus colegas de turma.

O Cel. Ladário comandou o CPOR de 4 de março de 1955 a 16 de fevereiro de 1957. Mais tarde, General de Divisão, comandaria a 1.ª RM. Em 1.º de abril de 1964, foi nomeado pelo presidente João Goulart para o comando do 3.º Exército. No mesmo mês, passou para a Reserva. O governador do Rio de Janeiro Leonel Brizola deu o seu nome ao CIEP 316.

Bension Akherman

Nascido a 19 de dezembro de 1932, filho de Gdale e Sendel Akherman, é geólogo formado pela Escola Nacional de Geologia da Universidade do Brasil em 22 de dezembro de 1967. Seu irmão gêmeo Efraim também foi da Infantaria no CPOR.

Seus pais eram imigrantes da Bessarábia. Estabeleceram-se em 1924 no Méier, depois, em 1932, em Cascadura, com comércio de móveis. Bension cursou o primário na Escola Amaro Cavalcanti e o secundário no Ginásio Franco Brasileiro e Andrews.



► 1952 – Os irmãos gêmeos Bension e Efraim Akherman com pais e familiares na Declaração de Aspirante a Oficial da Reserva, Estádio do Vasco da Gama. Acervo do autor.



► 1952 – Os irmãos gêmeos Bension e Efraim Akherman com seus pais na Declaração de Aspirante a Oficial da Reserva, Estádio do Vasco da Gama. Eram da Infantaria. Acervo do autor.

Asp. Of. R/2 Dr. Raphael Boklis – Turma de 1954 – Artilharia

Filho de Isidoro e Cecília Boklis, nascido em São Paulo em 1.º de dezembro de 1934, Dr. Raphael formou-se pela FNO-UB em 1957. Fez o Curso de Artilharia do CPOR/RJ em 1954, não tendo cumprido o estágio de instrução, requisito para promoção a 2.º Tenente. No CPOR, conheceu José Berman, o instrutor Ten. Dent. Dr. Aron Felberg, Gerson Pomp e o Cel. Ary.

Exerceu a profissão em consultório particular desde 1960, e foi professor da FNO – UFRJ.

Dedicava-se ao tiro ao alvo na Hebraica-Rio, onde foi diretor da especialidade, com Jacob Mandel, que hoje reside nos EUA. Pelo Fluminense, foi campeão brasileiro e estadual de pistola de ar comprimido e livre no Sul Americano e no Pan Americano, e campeão mundial na 13.ª Macabiada de Tel-Aviv em 1985.

Foi campeão mundial com a equipe do Brasil. Era master no Fluminense, recordista brasileiro veterano de Pistola 50 m.

Nota de falecimento assinada pela Confederação Brasileira de Tiro Esportivo:⁸

Faleceu a 22 de abril de 2011, o atleta e dirigente do Tiro Esportivo Raphael Boklis. Envolvido com o esporte durante décadas, Raphael era um grande amigo e colaborador. Foi Árbitro Internacional e prestou muitos serviços à Federação de Tiro Esportivo do Rio de Janeiro.

⁸ <http://cbte.org.br/template.ph>

Aos 77 anos de idade, Raphael ainda praticava o Tiro Esportivo regularmente na categoria Veterano nas provas Pistola de 50 m Masculino e Pistola de Ar Masculino.

O corpo será velado amanhã, 24 de abril, na capela da Sociedade Religiosa Israelita Chevra Kadisha, à Rua Barão de Iguatemi, 306 – Praça da Bandeira, até as 11h da manhã.

A CBTE apresenta sinceras condolências à família.

Turma de 1955

Confraternização

No mês de maio, como acontece todos os anos, a Turma de Infantaria CPOR/RJ de 1955 se reuniu no Círculo Militar da Praia Vermelha para comemorar mais um ano de existência. O encontro é composto por 35 oficiais da Reserva, oriundos de uma turma de 189 alunos. O presidente da AORE/RJ parabeniza a todos os integrantes desse seleto grupo e, em especial, aos Ten. R/2 Schetline de Aguiar, Delcio da Silva Horta, Roberto Sussman e José Peixoto Roig pelo empenho na mobilização da turma.

BRASIL!!!!!!

Turma de 1957 – Turma Santos Dumont

5 de agosto de 1957 no Grande Templo Israelita: Uma solenidade inesquecível

Eram tempos diversos dos de hoje. Boa parte da Comunidade habitava em torno do Templo, como era chamado. Fazia apenas 12 anos que a guerra havia terminado. O recinto estava lotado. Era uma solenidade diferente das que tradicionalmente aconteciam naquela sinagoga. Na rua em volta, movimento de viaturas militares. No interior, muitos uniformes brancos, de gala. Autoridades, parentes, amigos. Com exceção dos mais jovens, quase todos eram imigrantes que falavam iídiche. Pais, avós orgulhosos. Nas primeiras filas, os jovens que haviam sido declarados Aspirantes a Oficial da Reserva. Eram todos brasileiros natos de primeira geração. Dos 600 Aspirantes, cerca de 35 eram da Comunidade Judaica.

Outros cultos religiosos também ocorriam naquela semana. O católico na Igreja dos Capuchinhos da Rua Haddock Lobo, o Evangélico na Catedral Presbiteriana da Rua Silva Jardim, próxima à Praça Tiradentes.

A solenidade se inicia. O Rabino pronuncia as milenares palavras da Bênção Sacerdotal do Templo de Salomão. A Banda executa o Hino Nacional Brasileiro. Na plateia, encontra-se o Comandante do CPOR, Coronel Adalberto Pereira dos Santos. Como tenente, havia integrado a Força Expedicionária Brasileira na Itália, combatendo contra a Alemanha nazista. Ninguém poderia imaginar naquele momento, nem ele mesmo, que ali estava o futuro Vice-Presidente do Brasil no governo Ernesto Geisel (1974-1979).

A Declaração de Aspirantes se realizara solenemente em formatura militar ocorrida no Estádio do Vasco da Gama, em São Januário, com a presença do Presidente da República Juscelino Kubitscheck, do Ministro da Guerra, General Henrique Baptista Duffles Teixeira Lott, do Comandante do I Exército, General Odílio Dennys, e do Comandante da I Região Militar, General Lima Braynner.

Sábado, 25 de agosto, Dia do Soldado, data marcante para comemorar o Jubileu de Ouro da Turma Santos Dumont de 1957, no Quartel do CPOR/RJ em Bonsucesso. Da turma de 600 aspirantes, com expressivo número de membros da Comunidade Judaica, apenas dois ou três, dentre 100 a 120 presentes, bem como o prof. João Carlos de Oliveira Netto, que viria a ser professor de Educação Física na Hebraica e no Colégio Sholem Aleichem e Eliezer Steinberg, nas décadas de 70 e 80.

Alguns integrantes da Turma Santos Dumont:

▶ **Artilharia:**

- ▶ Isaac Chidacevich
- ▶ Isaac Wajsenzou

▶ **Cavalaria:**

- ▶ Bernardo Pochaczewski

▶ **Engenharia:**

- ▶ Aron Zisel Tenenblat
- ▶ Ary Band
- ▶ Jayme Ptak
- ▶ Mário Schechtman
- ▶ Moyses Spitz
- ▶ Noe Elpern
- ▶ Samuel Schechtman

▶ **Infantaria:**

- ▶ Bernardo Rubinstein
- ▶ Chaim Leijb Grossman (Z”L)
- ▶ Clovis Benchaia Cardoso
- ▶ Hugo Kac (Z”L)
- ▶ Isaac Bokehi
- ▶ Isack Kipper
- ▶ Jacob Bajzer
- ▶ José Lipet Slipoi
- ▶ José Rosenblut
- ▶ Levir Bassin
- ▶ Luiz Brafman
- ▶ Salim Nigri
- ▶ Waldemar Z. Weinsztok

► **Intendência:**

- Marcus Cherman

► **Serviço de Saúde:**

- Carlos Gutman
- Jacob Arkader
- Jacob Meisler
- José Noel Rokbrand
- Manoel Bermanzon
- Miguel Rubinstein
- Moyses Gutmacher
- Moyses Spiegel
- Pedro Mintz
- Samuel Szerman

Infantaria 1957

A Turma de Infantaria de 1957 tinha 233 alunos, dos quais 12 de origem judaica. A formatura da Turma Santos Dumont foi em 31 de julho de 1957 no Estádio do CR Vasco da Gama, em São Cristóvão, com a presença do Presidente Juscelino Kubitschek. Foram realizadas 3 cerimônias religiosas, a Missa em Ação de Graças na Igreja de São Sebastião, dos capuchinhos, Rua Haddock Lobo, Cerimônia Evangélica na Catedral Presbiteriana da Rua Silva Jardim, e Solenidade Mosaica no Grande Templo Israelita da Rua Tenente Possolo. O Diretor do Serviço de Trânsito baixou edital determinando proibição de estacionamento e diversas modificações na mão das ruas em torno do estádio. A turma completa tinha cerca de 500 alunos.

- Bernardo Rubinstein
- Chain Loib Grossman
- Clovis Benchaya Cardoso
- Hugo Sergio Koatz
- Isaac Bokehi
- Isack Kipper
- Jacob Bajzer
- José Lipet Slipoi
- José Rosenblut
- Levir Bassin
- Luiz Brafman
- Salim Nigri

Bernardo Pochaczewsky – Turma 1955 – Cavalaria

Bernardo nasceu aos 17 de março de 1935 em Niterói – RJ, filho de Luiz e Riveca Badsky Pochaczewsky. Fez estágio no 1.º RCG (Dragões da Independência) e no 3.º BCC, Realengo. Foi seu instrutor no CPOR o então Capitão Zenildo Zoroastro



► 1957 – Bernardo Pochaczewski, Asp. Of. de Cavalaria, Turma Santos Dumont, de 1957, na Declaração de Aspirante a Oficial da Reserva, Estádio do Vasco da Gama. Acervo pessoal.

de Lucena, que viria a ser Ministro do Exército. Mais tarde Bernardo serviu sob seu comando no 3.º BCC, quando o mesmo foi Comandante de Esquadrão de Carros Leves. Como oficial mais moderno, era o porta-bandeira da unidade. Sua carta-patente foi assinada pelo Presidente JK. Era comandante da I RM o Gen. Odylio Denis e Comandante da Divisão Blindada o General Amaury Kruehl.

Bernardo é advogado, trabalhou no Fórum da Comarca da capital e de Petrópolis, sendo escrete titular do cartório da 3.ª VC, inventariante judicial das varas pares e avaliador judicial.

Efraim Kopel Meniuk – Turma de 1959 – Engenharia

Nascido a 23 de julho de 1937 em Três Corações/MG, filho de Jacob Meniuk, de Komovorv, Ucrânia, e Ita Meniuk, de Kolki, Ucrânia. Estudou na Escola I. B. Sholem Aleichem e Colégio Pedro II. Foi presidente da ARI e da Câmara de Comércio Brasil – Israel.

Efraim foi declarado Aspirante a Oficial da Reserva da Arma de Engenharia em de julho de 1959, Turma Olavo Bilac.

Da sua turma faziam parte, entre outros, Mateus Schneider, que foi Presidente do BANERJ e do Clube de Engenharia, Benjamin Swarcwing, Jankiel Rotenberg, Helio Cherman, Abrão Lifchitz e José Britz. Os instrutores da Artilharia eram o Cap. Brider, Cap. Uiara, e Instrutor-Chefe Maj Murillo de Figueiredo Borges.



► 2009 – Comemoração do Jubileu de Ouro da Turma Olavo Bilac – 50 Anos da Declaração de Aspirantes a Oficial da Reserva – 1959-2009. Acervo do autor.

Efraim frequentou o Hashomer, organização juvenil judaica. Não fez estágio, e para a Declaração de Aspirantes, tomou emprestada a espada com Akiba Schechtman.

O Maj Murillo estudava engenharia e conhecia a diversos alunos, estudantes da ENE, Tinha integrado a FEB, como Tenente do 9.º BE.



► 2009 – Ex-alunos do CPOR/RJ, Israel Blajberg (ART. 1965) e Efraim Meniuk (ENG. 1959), no quartel do Centro durante as comemorações do Jubileu de Ouro. Acervo do autor.

Efraim formou-se em 1961 em Engenharia Civil e Rodovias. Fez Engenharia Econômica, sendo um dos pioneiros em sinalização rodoviária na Pavuquímica, ITS, e sistemas de coordenação de informações de trânsito.

Ten. R/2 Farm Leon Rabinovitch – Turma de 1960 – Saúde

Leon Rabinovitch nasceu em 14 de agosto de 1939 no Rio de Janeiro, filho de Boruch Rabinovitch, natural da Bessarábia e de D.^a Mirlea (Mina) Rabinovitch, natural de Beltz.

Leon estudou na Escola I.L. Peretz, em Madureira, Jardim da Infância e Primário(1945-49). Pertenceu ao Hashomer Hatzair⁹, frequentou o Grêmio de Madureira e a sinagoga local.

Seu pai, Boruch (Boris) fundou juntamente com o irmão Hélio Rabinovitch e amigos – Hersh Steremberg, Marcos Averbuch, Mendel Dain, Bergazin, Wasserman – entre outros, da comunidade local a Escola I. L. Peretz, bem como a sinagoga depois muito bem cuidada pelos membros da família Leitman.

Boruch presidiu a Comissão Diretora da escola em pelo menos duas gestões. A Escola foi dirigida na parte judaica pelos professores: Fridman, Iucht e Hochman.

Leon Rabinovitch era primo do Tenente da Força Expedicionária Brasileira-FEB Marcos Cerkes. Sua mãe D.^a Mirlea Rabinovitch foi madrinha do Ten. Marcos ao formar-se no CPOR.

⁹ Agremiação juvenil judaica.



► 1960 – Formatura do Curso de Saúde – Quartel do CPOR ao lado da Quinta da Boa Vista. Eliezer Leiderman, futuro cirurgião, e Leon Rabinovitch, futuro farmacêutico. Acervo da família.

Leon estudou ainda no Colégio Arte e Instrução de Cascadura onde cursou o ginásio de 1950 a 1954, e no Colégio Andrews de Botafogo de 1955 a 1957, onde cursou o científico, sendo aprovado no vestibular de 1958 para a Universidade do Brasil-UB, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, onde estudou de 1958 a 1961, graduando-se na Faculdade Nacional de Farmácia como Farmacêutico- Químico. A formatura foi no Copacabana Palace Hotel em de janeiro de 1962.

Formou-se em 1960 no Curso de Saúde, do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva – CPOR (São Cristóvão), na especialidade Farmácia, tendo feito curso de 6 meses e declarado terceiro sargento da Reserva não remunerada (R/2). Dos 100 alunos, entre médicos, dentistas, farmacêuticos e veterinários, havia cerca de 30 judeus, como Marcos Wolosker, oftalmologista; Marcos Wajnberg; Marcos Gomberg; o futuro Cel. Dent Ivo Milman; e aquele que viria a ser cunhado de Leon, Eliezer Leiderman, irmão da namorada e futura esposa D.^a Rosa. Eliezer tornou-se médico do INCa, e foi professor de Anatomia da UFRuRJ, Escola de Veterinária. Trabalhou com o Dr. Ari Frausino, antigo diretor do INCa, inclusive em sua clínica particular. O futuro médico Miguel Chaloub também integrou esta turma.

O instrutor-chefe era o Cap. Méd. Dr. Mauro de Almeida Poggi, instrutor Ten. Dent. Dr. Aron Felberg e monitor Sgt. Garcia.

No segundo ano do curso, estagiou já como 3.º Sargento Farmacêutico no LQFEx – Laboratório Químico-Farmacêutico do Exército (Triagem), unidade produtora de medicamentos usados pelo Batalhão de Saúde, que também ajudava na montagem dos Hospitais de Campanha onde existia a farmácia. Estagiou no Batalhão de Saúde

Após o estágio de especialização foi promovido a 2.º Tenente Farmacêutico (R/2). Na ocasião era também aluno da Faculdade Nacional de Farmácia.

Na FNF teve como calouro o jovem Jacy de Moraes Reis, que 30 anos depois viria a ser diretor do LQFEx.

Por iniciativa do Cel. Farm. João Paulo Vieira, seu confrade na Academia Nacional de Farmácia, Leon recebeu uma medalha alusiva, como antigo integrante do LQFEx.

Leon é professor universitário PhD aposentado, tendo implantado as disciplinas de Enzimologia e Tecnologia das Fermentações I e II, no Departamento de Tecnologia Farmacêutica de Universidade Federal Fluminense – UFF.

Fez Cursos de Primeiros Socorros no Batalhão de Saúde do Exército, (Realengo); Instituto Oswaldo Cruz e pós- doutorado no Instituto Pasteur de Paris, 1983. Livre-docente pela Universidade Federal Fluminense, Departamento de Farmácia do Centro de Ciências da Saúde da UFF.

Seus chefes no Exército foram – 1.º Tenente Dentista Aron Felberg (instrutor), Capitão Médico (instrutor-chefe do curso) Mauro de Andrade Poggi, 1.º Tenente Farmacêutico Pio, 1.º Tenente Farmacêutico Márcio, Coronel Álvaro Alves dos Santos, Comandante do CPOR/RJ.

Títulos

Farmacêutico Bioquímico pela FNF-UB atual UFRJ em 1962, quando recebeu a Medalha de Ouro Universidade do Brasil. Ingressou no Instituto Oswaldo Cruz – IOC – Fiocruz -RJ, em 1963. Criou o Laboratório de Física Bacteriana na década de 1970, do qual foi pesquisador titular e chefe. Professor e chefe do Departamento de Bacteriologia, vice-diretor, membro do Conselho Deliberativo de 2005 a 2007, primeiro presidente da Associação de Ex-Alunos do IOC – AEAIOC, aposentando-se em 1997.

Professor adjunto aposentado da Faculdade de Farmácia da UFF, de 1966 a 1995, sendo livre-docente desde 1981. Realizou, em 1983, aperfeiçoamento na área de Química Microbiana no Instituto Pasteur em Paris, durante seis meses.

Em maio de 2010, quando dos 110 anos do Instituto Oswaldo Cruz, recebeu Medalha de Ouro pelos seus 46 anos de serviço contínuo em Pesquisa no IOC-Fiocruz-MS. Membro da Academia Nacional de Farmácia.

Ao longo de 34 anos, realizou trabalhos de pesquisa, desenvolvimento e produção, envolvendo acordos assinados pela Presidência da Fiocruz com entidades privadas nacionais e estrangeiras, orientação de profissionais no campo de bolsas institucionais e de pós-graduação e organização de eventos científicos. Inventor, em conjunto com outros pesquisadores, de processos de obtenção de linhagens de bactérias e composição de bioinseticidas, com privilégios de invenção concedidos pelo INPI de titularidade da Fiocruz.

Membro de bancas examinadoras de concursos públicos de provas e títulos para professor, de comissões de avaliação de projetos de pesquisa da Fiocruz, de bancas de dissertação de mestrado. Orientador de alunos de mestrado e doutorado. Membro e presidente de comissões julgadoras de teses, de simpósios internacionais, coordenador de mesas, membro de comissões científicas de congressos, diretor da Sociedade Brasileira de Microbiologia, consultor ad hoc da FAPERJ, CNPq, FINEP, SUCEN (SP), FACEPe. Publicou dezenas de trabalhos em revistas científicas nacionais e estrangeiras. Apresentou trabalhos no Segundo Encontro Ein Gedi, na Universidade Ben Gurion do Negev, Israel

Idealizou e coordenou a série bianual de Simpósio de Controle Biológico, apoiada pelo IOC e Sociedade Entomológica do Brasil.

Autor de imensa contribuição ao conhecimento da biodiversidade brasileira, nos termos da manifestação da Comissão Organizadora do I TAXBIO – I Simpósio Nacional de Taxonomia e Biodiversidade, que o homenageou na abertura do evento em 1.º de dezembro de 2009, no auditório da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, na *campus* da Fiocruz em Manguinhos – Rio de Janeiro/RJ.

Turma de 1961

Eram todos brasileiros natos de primeira geração. Dos 600 aspirantes, cerca de 20 eram da comunidade judaica.

A Declaração de Aspirantes se realiza solenemente em formatura militar no Estádio do Vasco da Gama, em São Januário, com a presença do Ministro

da Guerra, Comandante do I Exército, Comandante da I Região Militar, vários generais.

Cinquenta anos se passaram. Muitos colegas se mudaram, alguns faleceram, outros não foram localizados. Em 2011, apenas uma parte da turma conseguiu ser reunida para comemorar o Jubileu de Ouro de formatura. Eram jovens Aspirantes, agora são jovens Veteranos, ainda que o tempo que não perdoa tenha embranquecido cabelos e deixado as suas marcas.

Sábado, 27 de agosto, Semana do Soldado, data marcante para comemorar o Jubileu de Ouro da Turma Brigadeiro Sampaio de 1961, no Quartel do CPOR/RJ em Bonsucesso.

Da turma de 600 aspirantes, com expressivo número de membros da comunidade judaica, apenas alguns puderam comparecer, dentre 100-120 presentes.

Ao final da solenidade, todos atenderam a convocação para cantar a “Canção do Exército” com o mesmo entusiasmo, a mesma vibração de 50 anos atrás, as paredes do auditório ribombando com as estrofes “Nós somos da Pátria Amada, fiéis soldados (...)”.

O CPOR é a Casa de Correia Lima, jovem capitão que há 80 anos teve uma percepção incrível. Lutou e finalmente conseguiu do Ministro da Guerra a criação de uma escola militar que receberia estudantes das faculdades e os formaria como oficiais da Reserva.

A ideia era genial, tão bons resultados rendendo na Segunda Guerra Mundial, quando metade dos tenentes da FEB era do CPOR, incluindo diversos da comunidade judaica.



► 2011 – Ex-alunos do CPOR/RJ, Israel Blajberg (ART. 1965), Sergio Pinto Monteiro (ART. 1961), Presidente do CNOR e Altamiro Zymerfogel (INF. 1961) no quartel do Centro durante as comemorações do Jubileu de Ouro. Acervo do autor.



► 2011 – Ex-alunos do CPOR/RJ, Isaac Lancman (INF. 61), Altamiro Zymerfogel (INF. 1961), Samuel Sztiglyc (ENG. 61), Cel. Dent. Aron Felberg (CAV. 54), Israel Blajberg (ART. 1965), no quartel do Centro durante as comemorações do Jubileu de Ouro da Turma de 1961. Acervo do autor.

Alguns integrantes da Turma Brigadeiro Sampaio:

► **Artilharia:**

- Romeu Diamant

► **Cavalaria:**

- Jacob Rotman

► **Engenharia:**

- Mayer Said Nigri
- Moyses José Spigiel
- Samuel Sztiglyc

► **Infantaria:**

- Alberto Salomão Nigri
- Altamiro Moyses Zimerfogel
- Gerson Barg
- Helio Kaltman (Z"l)
- Isaac Lancman
- Israel Zukerman
- Jayme Izaac Finkielsztajn
- Altamiro Zimerfogel
- Michel Rosenberg



► 2011 – Cel. Nilton Gonçalves Rezende, comandante do CPOR/RJ de 28/1/2011 a 28/12/2011 no Jubileu de Ouro da Tuma de 1961, com ex-alunos prof. Waldyr, Ten. Monteiro (Pres. CNOR) e Ten. Israel, na sede da AORE-RJ, associação dos antigos alunos. Acervo do autor.

► **Intendência:**

- Felix Kac
- Isaac Feingold
- Mauricio Guerchon Cohen
- Samuel Kauffmann



► 2011 – Ex-alunos Tenentes R/2 Eliezer, Moreira e Ubirany, no Jubileu de Ouro da Tuma de 1961. Acervo do autor.

Altamiro Moyses Zimerfogel (Miro) – Turma de 1961 – Infanteria

Miro, como é conhecido pelos amigos, é carioca e passou a infância em Ramos. Foi presidente do CCER Monte Sinai, fundado em 1959 na Tijuca, na Rua São Francisco Xavier. Atualmente é presidente do CIB – Clube Israelita Brasileiro.

Altamiro Zimerfogel fez estágio no 3.º RI, em São Gonçalo/RJ, com Michel Rosenberg, hoje residente em Teresópolis/RJ. Sua turma é a mesma do “Garotinho” José Carlos Araújo, famoso locutor.

Como presidente do Monte Sinai, Miro fez realizar no clube as comemorações do 7 de Setembro, em parceria com a Diretoria de Cidadania da FIERJ, em 2007.¹⁰

Em 2011, já como presidente do CIB, promoveu com a AMORA e o 19.º BPM diversos eventos comemorando o 7 de Setembro, com atividades cívicas, culturais, sociais e a grande Gincana da Independência.

No domingo, ocorreu a abertura e hasteamento do Pavilhão Nacional pelo Cel. Germano Américo, diretor do Monumento aos Pracinhas, com a saudação à Bandeira realizada pelo veterano do Senta a Pua¹¹ Cap. Osias Machado e o Gen. Ruy Leal Campello, detentor do Bastão de Comando da FEB, dirigindo patriótica alocução aos estudantes presentes.

Encontravam-se na solenidade o presidente do CIB, Altamiro Zimerfogel e Sr.^a, o presidente do conselho da ANVFEB, Ten. Israel Rosenthal, o Coronel Aron Felberg, o veterano francês Pierre Lafargue e o eng.º Israel Blajberg, presidente da AHIMTB/Rio, que realizou no dia seguinte a palestra “Estrela de David no Cruzeiro do Sul”.

Samuel Szyglic – Turma de 1961 – Engenharia

Samuel Szyglic é engenheiro concursado do então Estado da Guanabara desde 1962, cursou Administração Pública na França e na Bélgica (1966). Foi assessor de Planejamento e Orçamento do governo Carlos Lacerda (1963/1965), assessor de Planejamento e Orçamento do governo Negrão de Lima (1966/1968), diretor de Administração e Finanças da SURSAN (1969/1974), secretário municipal de Planejamento e Coordenação Geral da administração Marcos Tamoyo – quando foi elaborado o PUB RIO – Plano Urbanístico Básico (1976/1979), secretário de Projetos Especiais da administração Israel Klabin (1979), ex-presidente da Associação de Ex-Estagiaários Brasileiros na França (1979/1981), ex-vice-presidente da Sociedade dos Engenheiros e Arquitetos do Estado do Rio de Janeiro (1988/1991) e ex-conselheiro do Clube de Engenharia.¹²

¹⁰ BLAJBERG, Israel. *Soldados que vieram de longe*, p. 238-245.

¹¹ Nome do 1.º Grupo de Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira, tendo sua origem na Segunda Guerra Mundial.

¹² Entrevista concedida a Beatriz Kushnir, Sandra Horta e Mauro Osório da Silva (UFRJ) no Arquivo da Cidade, Rio de Janeiro, 19 mar. 2008.

O inesquecível CPOR¹³

“Ao ler o artigo de Israel Blajberg na última edição do NJR fiquei saudosos. Ele mencionou os ‘rapazes’ que prestaram serviço militar em 1961 no CPOR e voltei 50 anos atrás, pois também fiz parte daquela turma junto com Altamiro Zimerfogel, que por sinal fez estágio comigo no 3.º RI, em Niterói. Também fiz parte daquela turma Gerson Barg, que infelizmente não foi mencionado.”

Michel Rosenberg

Gerson Pomp – Turma de 1959 – Saúde

Gerson nasceu no DF em 15 de junho de 1937, filho de Salomon Pomp e Matilha Chana Pomp.

Fez o Curso de Saúde no CPOR, terminando a 1.ª fase em 25 de julho de 1959. Em 25 de dezembro de 1967, foi promovido ao posto de 2.º Ten. R/2 Méd. Sempre referia seu orgulho de ter prestado o Serviço Militar, no qual aprendeu disciplina, companheirismo. Embora não se caracterizasse pela pontualidade, foi elogiado no CPOR. Gerson possui extenso currículo e títulos, que inclui artigos em livros e publicações de sua especialidade, chefia de serviço, cursos, participação em congressos, mesas-redondas, simpósios, palestras, homenagens recebidas, do qual resumiremos alguns tópicos.

Possui título de livre-docente em Pneumologia, conferido pela Universidade Federal Fluminense, após concurso público de títulos, provas escrita, prática e didática e defesa de tese, em junho de 1976. Fez estágio na França sobre doenças respiratórias.

Escreveu os livros *Hoje quem joga é o destino*, prefácio do Prof. Alfred Lemle com nota explicativa de Fanny Pomp sobre o autor, e outro de literatura infantil-juvenil: *Vovô contador de histórias*, publicado em 2007.

Formou-se em 1961 na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado da Guanabara (atual UERJ), na Rua Fonseca Telles n.º 121, em São Cristóvão. Era da Turma Jubileu de Prata (1936-1961), cujo Patrono foi o Dr. Oswaldo Cruz. Houve um culto na Sinagoga de Copacabana, na Catedral Presbiteriana da Rua Silva Jardim, e na Igreja da Candelária. A Colação de Grau foi no Theatro Municipal, presidida pelo Magnífico Reitor Prof. Haroldo Lisboa da Cunha. Foi aluno de Aarão Burlamaqui Benchimol e Jayme Landman, e colega de turma de Fernando Cwaig, José Miguel Nigri, Salomão Goverman.

Foi admitido como professor na mesma universidade a partir de 1963.

A partir de outubro de 1977, recebeu o título de professor adjunto de Tisiologia e Pneumologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Na mesma Universidade, criou e desenvolveu o Grupo de Intertratamento com pacientes de DPOC (Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica).

¹³ *Nosso Jornal Rio*, ano III, n. 108 - 23 ago. 2011.

Estudou no tradicional Colégio Hebreu Brasileiro da Rua Desembargador Isidro – Tijuca, Turma de 1952 do ginásio. Seus 45 anos de formado foram comemorados no Clube Paissandu em 1997, com Bertoldo Baratz, Henrique Weltman, Suzana Grinspan e outros colegas.

Outro lado de Gerson Pomp – a parceria com Daniela Spielmann & Choro Livre:

Outra faceta do show é o lançamento do novo CD de canções de Daniela Spielmann, “A vida vale a pena”, em parceria com Gerson Pomp, seu tio, médico pneumologista e professor da UERJ, competente e querido por todos colegas e pacientes, ele infelizmente vem sofrendo repetidos AVC nos últimos quinze anos.

No entanto, com pensamento positivo, Gerson nunca se queixou do seu destino. Pelo contrário, dizia que tinha trocado a profissão de médico pela de escritor e poeta, “A vida vale a pena” é o nome de uma das faixas do CD e comprova seu estado de espírito.

Daniela procurou dar continuidade ao que era o sonho do tio, compondo e arranjando todas as canções e cercando-se dos melhores profissionais para concretizar o projeto. Convidou intérpretes do calibre de Moyses Marques, Aurea Martins, Elisa Addor, Andréa Dutra, Neti Szpilman, graça cunha, Ju Cassou e os músicos Nando Duarte no violão e baixo, Marcelo Caldi na sanfona e piano, Carlos César na bateria e percussão.

E agora, para alegria do Gerson, expressa pelo olhar, sorrisos e gestos, o CD está pronto, com a qualidade que é a marca registrada de Daniela e seus parceiros.

Turma de 1962

A Turma de 1962 era formada por cerca de 440 alunos, dos quais 16 judeus, 3,6%.



► 2012 – Jubileu de Ouro da Turma de 1962 do CPOR/RJ, ex-aluno Jacob Ibrahim Dahab e sua família durante o almoço de confraternização. Acervo do autor.



► 2012 – Ex-alunos Eliezer Moura, José Samuel Jalom e Jacob Ibrahim Dahab. Acervo do autor.

► **Artilharia:**

- Boris Bancovsky
- Jacob Ibrahim Dahab
- Paulo Bancovsky
- Moysés Tenenblat
- Leibich Gruzman

► **Engenharia:**

- Alberto Chinicz
- Jayme Saul Frajhof
- Salomão Luiz Wejgman
- Slomo Wenkert



► 2012 – Jubileu de Ouro da Turma de 1962. Solenidade no Auditório do CPOR/RJ. Acervo do autor.

► **Infantaria:**

- Gustavo Aichenblat
- Ilton Gewandsznajder
- José Samuel Jalom
- Luiz Samet
- Moacyr Botsman

► **Intendência:**

- Abram Kutwak
- Noel Szyfman



► 1962 – Grupo de Aspirantes após a Solenidade Mosaica no Grande Templo Israelita da Rua Tenente Possolo. Dos 440 alunos da Turma de 1962, 16 eram judeus. Acervo pessoal.

Leibich Gruzman – Turma de 1962 – Artilharia

Nascido em 27 de setembro de 1940 no Rio de Janeiro, seu pai Guedes Gdalia Gruzman era natural de Iedenetz, na Bessarábia, atual Moldávia, e sua mãe Pesa Gruzman, de Riga, Letônia.

Gruzman foi um dos pioneiros da Embratel. Formou-se em Engenharia Eletrônica em 1967, na segunda turma da Ilha do Fundão, na época da mudança da então Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, que até então funcionava no Largo de São Francisco.

Na Embratel, ocupou diversas chefias, ao longo de 31 anos de carreira, 1968-1999, destacando-se a chefia do Distrito de Operações de Juiz de Fora. Fez cursos nos EUA, Japão e Suécia. Em 1972, cursou o Ciclo de Estudos da ADESG em Juiz de Fora.

Foi matriculado no CPOR/RJ, Curso de Artilharia, em dezembro de 1960, sendo declarado Aspirante na Turma de 1962, da qual fizeram parte também Gustavo Aichenblat, Moisés (?), Jacob Ibrahim Dahab, Abrão (?), José Samuel Jalom, Eduardo Schanzer e Salomão (?).

O Comandante do CPOR era o Cel. Edwaldo de Luna Pedrosa. Nas carteiras de identidade de Aluno e Aspirante, emitidas pelo S Idt Ex, constam as assinaturas de um correligionário, o Cel. Abraham Ramiro Bentes.

Seu estágio de instrução realizou-se no tradicional Regimento Floriano, o 1.º RO 105, na Vila Militar, sob o comando do Cel. Fausto de Carvalho Monteiro, de janeiro a março de 1964, na 4.ª Bia O, após o que foi promovido a 2.º Tenente R/2.

Isaac Kayat

Isaac é engenheiro civil, com especialização em Estradas, pela ENE-UB. Trabalhou em projetos importantes, como a Ponte Rio-Niterói e a Av. Perimetral, no Rio.



► Isaac Kayat preside celebração da Páscoa Judaica em Petrópolis (ao fundo, o último à direita). Fernanda Soares, do G1 Região Serrana. <<http://g1.globo.com/rj/regiao-serrana/noticia/2014/04/pascoa-judaica-comeca-nesta-terca-e-e-celebrada-em-Petropolis-no-rj.html>> Acesso em: 20 abr. 2014.

Isaac é presidente da Congregação Judaica P'nei Or, fundada no ano 2000 em Petrópolis, Região Serrana do Rio. Estima-se que em 2014 haja pelo menos 100 famílias judaicas em Petrópolis. Na cidade serrana, as cerimônias são realizadas em três templos. Além da P'nei Or, os judeus frequentam a Sinagoga Israelita Brasileira de Petrópolis, na Rua Aureliano Coutinho, no Centro, e o Yeshivá Colegial de Petrópolis, no bairro Duarte da Silveira – que além de ser uma instituição de ensino, possui uma sinagoga onde são realizadas celebrações. A P'nei Or é frequentada por cerca de 20 famílias e reuniu 15 pessoas na noite da segunda-feira, 14 de abril de 2014, para as bênçãos da véspera da Páscoa judaica, o Pessach.¹⁴

Jacob Kligerman¹⁵

Nascido e criado no Rio de Janeiro, graduou-se na Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, em 1964. Desde o início de sua vida profissional, sempre teve a Oncologia como área de interesse. De 1960 a 1964, estagiou no Departamento de Cabeça e Pescoço do INCA, onde foi residente no período de 1964 a 1967.

Em 1972, foi médico visitante no Departamento de Cabeça e Pescoço do M.D. Anderson Cancer Center. No Brasil, foi pioneiro na cirurgia de base de crânio, estudos randomizados e na sofisticada técnica de reconstrução e preservação de órgãos. É consultor na área de cabeça e pescoço, membro do conselho do Journal of the American Medical Association no Brasil, com mais de 35 artigos publicados, e editor da Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

Em 1993, após mais de 18 anos como Chefe do Departamento de Cabeça e Pescoço, tornou-se Diretor do Hospital do Câncer do INCA, cargo que ocupou até 1996. Em maio de 1998, após ser eleito membro da Academia Nacional de Medicina, passou a ocupar a cadeira nº 26 na Seção de Cirurgia. Em setembro do mesmo ano, foi nomeado diretor-geral do INCA pelo Ministro da Saúde.

Além de todo o seu envolvimento nas áreas pública e científica, também exerce intensa prática médica de caráter privado, recebendo pacientes de todo o país.

Durante sua gestão, o INCA experimentou sólidos avanços qualitativos no que diz respeito à prestação da assistência oncológica integral e integrada, o que aumentou a visibilidade do Instituto como referência no tratamento e controle do câncer.

Em janeiro de 2003, no governo Lula, o Dr. Jacob Kligerman foi substituído pelo Dr. Jamil Haddad no cargo de diretor-geral. Continuou no INCA como membro da Seção de Cirurgia de Cabeça e Pescoço do Hospital do Câncer I.

Entre 2005 e 2008 atuou como Secretário Municipal de Saúde do Rio de Janeiro. É Membro da Academia Nacional de Medicina, American Head and Neck Society, American College of Surgeons e Membro titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

¹⁴ <http://g1.globo.com/rj/regiao-serrana/noticia/2014/04/pascoa-judaica-comeca-nesta-terca-e-celebrada-em-Petropolis-no-rj.html>, por Fernanda Soares / Portal G1 Acesso em: 20 abr. 2014.

¹⁵ Rua Judaica. <www.ruajudaica.com>

“O que fez de mais importante em sua vida?” “Ter conseguido conciliar a gestão pública como brasileiro e judeu com a vida profissional privada e mesmo com toda esta atividade criar uma família da qual eu muito me orgulho.”

Simon Rosental – Turma de 1963– Engenharia

Simon Rosental é engenheiro químico pela Escola Nacional de Química da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Kursou o CPOR/RJ de 1961 a 1963, saindo Aspirante a Oficial da Arma de Engenharia.

Ao final de 1964, iniciou o Estágio de Instrução no 1.º Batalhão de Engenharia de Combate, Batalhão Villagran Cabrita, em Santa Cruz/RJ.

De imediato assumiu o comando do 1.º Pelotão da 1.ª Companhia, sendo seu comandante o 1.º Tenente Enzo Martins Peri, que viria a ser o Comandante da Força de 2007 a 2014.

Em de janeiro de 1965, as fortes chuvas que atingiram o estado do Rio causaram grande destruição. O Tenente Enzo, com uma equipe do 2.º Pelotão, foi mandado para construir uma ponte em Cachoeiras de Macacu, tendo Simon assumido interinamente o comando da Companhia.

Atualmente é membro do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra, sendo adjunto da Divisão de Assuntos Científicos e Tecnológicos e professor titular da disciplina Ciência e Tecnologia do curso de MBA de Segurança e Defesa da Universidade Católica de Petrópolis (UCP).

Na Escola Superior de Guerra – ESG tirou o curso de Altos Estudos de Política e Estratégia (CAEPE); Curso de Gestão de Recursos de Defesa (CGERD); além dos ciclos de extensão: “A educação na transformação da sociedade brasileira” e “A economia brasileira e sua inserção na economia mundial”.



► 1963 – Esta clássica foto que toda turma do CPOR/RJ tirava ao final do curso é da Engenharia – 1963. Os instrutores estão sentados: Capitão Arnaldo Lopes Martins, Capitão Job Lorena de Santana, Major Fernando Vale (Instrutor-Chefe), Capitão Milburgens Nelson de Melo Junior, Capitão Jardim. Na última fila temos: 4.º – Márcio Aronovich, 8.º – Waldemar Stein, 9.º – Simon Rosental. Acervo pessoal.



► 1963 – Asp. Of. R/2 Eng. Simon Rosental, Turma de 1963 do CPOR/RJ. Acervo pessoal.

Foi pesquisador do Instituto Nacional de Tecnologia (INT); diretor técnico da Usina São Cristóvão (tintas e pigmentos); diretor vice-presidente da TIBRAS – Titânio do Brasil (Grupo Bayer); consultor do Instituto de Física da UFRJ; membro titular do Conselho de Administração do IBQN – Instituto Brasileiro da Qualidade



► 2010 – Prof. Simon Rosental, Ministro Marco Aurélio de Mello, do Supremo Tribunal Federal, General Enzo Martins Peri, Comandante do Exército, em cerimônia na ESG quando foram agraciados com a Medalha do Mérito Marechal Cordeiro de Farias. Acervo pessoal.



► 2010 – O Comandante do Exército Gen. Enzo Martins Peri cumprimenta seu antigo Aspirante Simon Rosental, sob as vistas do Ministro Marco Aurélio de Mello, do Supremo Tribunal Federal, quando da outorga da Medalha do Mérito Marechal Cordeiro de Farias, na ESG, em 2010. Ao fundo o Comandante da Marinha Alte. Julio Cesar de Moura Neto. Acervo pessoal.

Nuclear; membro titular do Conselho Diretor da BRTUV (certificados ISO). Na INB – Indústrias Nucleares do Brasil foi chefe do Departamento de Suprimento; adjunto da chefia do Departamento de Estudos Estratégicos; assessor da presidência; Diretor Industrial da NUCLEMON (subsidiária da INB); Atualmente é consultor.



► 2014 – os primos veteranos da FEB Ten. R/2 Inf. Israel Rosenthal e o professor da ESG Simon Rosental. Acervo pessoal.

Na área industrial, trabalhou na direção, coordenação e participação em empreendimentos, abrangendo: desenvolvimento de processos, em parceria com centros de pesquisa e universidades, projetos de engenharia, implantação e operação de unidades industriais.

Publicou trabalhos abrangendo um capítulo sobre “Terras raras” do livro *Rochas & Minerais Industriais*, Centro de Tecnologia Mineral (CETEM), 2005, 2ª edição em 2008; “Tecnologias sensíveis” na Revista da Escola Superior de Guerra, v. 24, n.50, de julho de./dez. 2008; Monografia “O Brasil e a Energia: desafio para o século XXI”, na ESG.

É autor e coautor de diversos trabalhos acadêmicos e de aplicações industriais, destacando-se o *Livro branco de defesa nacional*.

Foi agraciado em 2010 com a Medalha do Mérito Marechal Cordeiro de Farias da ESG.

Promoções de 1966

Promovidos a partir de 22 de setembro de 1966, mediante Portaria do Ministro da Guerra Gen. Ademar de Queiroz.

- ▶ Leib Goldner – 1.º Tenente (Cavalaria)
- ▶ Jayme Sztajn – 2.º Tenente (Infantaria)
- ▶ Isaac Cubric – 2.º Tenente (Infantaria)

Turma de 1965 – a penúltima de dois anos

Formada no Quartel ao lado Quinta da Boa Vista

Com a mudança dos Dragões da Independência para Brasília, o CPOR transferiu-se, então, para aquele igualmente histórico aquartelamento, mais adiante na mesma Av. D Pedro II, e por fim, em 1997, para o antigo 1.º RCC da Av. Brasil em Bonsucesso, onde se encontra atualmente.



▶ 2014 – Jubileu de Ouro da Turma de 1964 – Israel Blajberg, Mário Weissman, Mauricio Caetano e Aristóteles. Acervo do autor.

No histórico quartel que hoje abriga o Museu Militar Conde de Linhares, MMCL, ao longo de 36 anos, de 1931 a 1966, o Exército Brasileiro formou a sua Reserva Atenta e Forte, no CPOR do RJ.

Foram 36 turmas formadas entre os anos de 1931 a 1966 na tradicional Casa de Correia Lima, uma verdadeira corporificação em cimento e tijolos do sonho do então Capitão, o idealizador do CPOR, hoje sediando o rico MMCL, e que agora recebe o justo destaque de que é merecedor, reavivando aquela época emblemática, que até hoje recende a um espírito heroico, paradigma para as novas gerações, e em cujo pátio podemos ler os nomes do Patrono Cel. Correia Lima e do herói Major Apolo,

Trinta e seis gerações de ex-alunos oriundos desta Casa mantêm viva a verdadeira odisseia que foram os primeiros anos do CPOR/RJ, e que são, pois, cultuados no local mesmo onde tantos, muitos como voluntários, prestaram o seu serviço a Pátria com a dedicação que caracteriza os verdadeiros patriotas.

Cerca de 10 milhares de Oficiais R/2 passaram pelos portões deste vetusto casarão bem ao lado Quinta da Boa Vista, passando a integrar a “Reserva Atenta e Forte”, honrando o bravo Cel. Correa Lima, “Exemplo de Soldado e Cidadão”, no dizer da nossa canção, que jamais esquecemos.

Pelo corredor estreito e acolhedor por onde se adentra o atual Museu, passaram tantos brasileiros dos mais ilustres, Presidentes, cientistas, profissionais liberais da economia, medicina, direito, engenharia, magistério, industriais, comerciantes, administradores, artistas, poetas, pintores, enfim toda a variada gama que compõe o espectro social brasileiro esteve representada naqueles jovens alunos, que com o coração pleno de esperança, um dia tiveram o privilégio de ser um aluno do CPOR, vestindo a honrosa farda verde-oliva.

Em meados de 1966, o Estado-Maior do Exército criou os Cursos de Comunicações e Material Bélico e autorizou a mudança do aquartelamento para Av. Pedro II, em virtude da transferência dos “Dragões da Independência” para Brasília, ocupando-o em 5 de outubro de 1968.

No final de 1997, o CPOR/RJ foi transferido para as suas atuais instalações, na Av. Brasil nº 5292, ocupando assim, as antigas dependências do 1.º Regimento de Carros de Combate.

A partir do ano de 1989, o CPOR/RJ iniciou uma nova fase, denominada de “Novo Modelo de CPOR/NPOR”, visando o aproveitamento do jovem universitário na formação do Oficial da Reserva de 2ª Classe. O curso do CPOR que até a década de 40 era realizado nas férias escolares e aos domingos, durante 3 anos, mais tarde 2 anos, passa então a ser realizado em 1 ano corrido.

Turma de 1965 – Penúltima turma de dois anos

- ▶ Moisés Pizelman – Engenharia
- ▶ Luiz Tendler Leibel – Intendência
- ▶ Israel Blajberg – Artilharia

Promovidos a 1.º Tenente a partir de 22 de setembro de 1966 mediante portaria do Ministro da Guerra Gen. Ademar de Queiroz. Henrique Chiganer – Infantaria 1965.

Turma de 1966 (Turma Tuiuti) – Última turma de dois anos

- ▶ Jacob Zimerfeld

A Turma Tuiuti foi a última a se formar pelo Reg. dos CPOR de 31 de dezembro de 1946, com dois anos de curso. Em 4 de janeiro de 1966, novo regulamento revogou o anterior, passando a formação a ser feita em apenas um ano. Antes de 1946, a formação durava três anos.

Alberto Winkler – Turma de 1977 – Saúde

Alberto nasceu em 13 de abril de 1949 no Rio de Janeiro, filho de Noé Winkler, nascido no Rio de Janeiro, e Tuba Esther Winkler, nascida em Varsóvia, Polônia. Estudou no Colégio Israelita Brasileiro A. Liessin, Browning School e Riverdale School, quando seu pai serviu na Delegacia do Tesouro em Nova Iorque e Colégio Pedro II. Formou-se pela Faculdade de Medicina da UFRJ.

Seu pai foi destacado funcionário da Secretaria da Receita Federal e diplomado pela ESG, biografado no cap. 36 desta obra.

Dr. Alberto Winkler tirou o Curso de Saúde no CPOR/RJ, estagiando posteriormente no HCE, de 1974 a 1977, sendo licenciado como 1.º Ten. R/2 Méd.

Alberto introduziu a videocirurgia no HFAG – Hospital da Força Aérea do Galeão, onde durante 20 anos foi consultor nesta especialidade.

Foi admitido na Ordem do Mérito Aeronáutico no grau de Cavaleiro, e agraciado com a Medalha do Mérito Santos Dumont.

Com pesar, tomamos conhecimento de seu falecimento prematuro, em 2011, poucos meses após ter prestado este depoimento em 4 de dezembro de 2010. A descoberta de sua lápide tumular no Cemitério Comunal Israelita do Caju ocorreu em 22 de janeiro de 2012. Que sua alma se incorpore a corrente da Vida Eterna.

Márcio Galper – Turma de 1976 – Artilharia

Márcio é filho do veterano da FEB Marcos Galper, que em 1943 concluiu o mesmo curso no antigo CPOR de São Cristóvão ao lado da Quinta da Boa Vista, em 1942.

Em 2009, nas comemorações do 1.º Tiro de Artilharia da FEB, pelo Grupo Monte Bastione – 21.º Grupo de Artilharia de Campanha, aquartelado no Forte Barão do Rio Branco em Jurujuba, Niterói, sucessor do 2.º GO 105 febiano, o Tenente Galper foi conduzido pelo seu filho Márcio, no desfile.

Benjamin Finkielman – Turma de 1973 – Infantaria

Benjamin nasceu no Rio de Janeiro em 29 de julho de 1954, filho de Lejbus Finkielman, imigrante polonês, e Elisa Finkielman, nascida no Rio de Janeiro. É



► 1973 – Aluno do Curso de Infantaria Benjamin Finkielman, da Turma de 1974 do CPOR/RJ. Acervo do autor.

casado com a médica Regina Lederman. Estudou no Colégio Israelita Brasileiro Scholem Aleichem, na Tijuca, é sócio e conselheiro do CCER Monte Sinai. A cerimônia da sua maioridade religiosa realizou-se em uma tradicional e histórica sinagoga, a Beit Israel (Casa de Israel), situada no trecho da Rua de Santana que foi demolido para dar lugar às oficinas do Metrô na Praça XI, e seu casamento no Grande Templo Israelita do Rio de Janeiro. É ator de TV, tendo estudado teatro na Casa de Cultura Eduardo Carlos (Tetravô de Bibi Ferreira) e na Escola de Artes do Brasil (de Augusto Rodrigues).

Benjamin teve como um dos instrutores no Curso de Infantaria o Capitão Raymundo Guarino, mais tarde membro do Corpo Permanente da ESG e ECEME. Jayme Benayon, do Monte Sinai, foi seu colega de turma, da Artilharia.

Da Turma de 1973, fez estágio no REI – Regimento Escola de Infantaria, na Vila Militar, na função de Comandante do Pelotão de Metralhadoras da Companhia de Apoio, sendo promovido a 2.º Tenente em 30 de abril de 1975.

Na vida civil, Benjamin dedicou-se a novelas, filmes, propaganda, teatro. Trabalhou em *Cobras & Lagartos*, *Belíssima*, *Cama de gato*, *Era uma vez no Rio de Janeiro*, *Show de Bola*, *A Turma do Didi*, *Cidade dos Homens*, *Noel poeta da Vila*, *As aparências enganam*, além de em publicidade. Fez curtas para a Alemanha sobre roubo de automóveis, publicidade internacional de veículos Mini Cooper.

Na adolescência, trabalhou na famosa Casa Frigele, a Rua de Santana n.º 77 – loja H, no edifício “Balança mas não cai”, tradicional repositório de produtos judaicos, e que anos mais tarde passou a dedicar-se à macrobiótica com filiais em

Copacabana e Praça XV. Naquela época, frequentava a Sinagoga Beit Israel, na Rua de Santana n.º 22.

Atualmente, Benjamin colabora no CCER Monte Sinai, na Tijuca, onde é tradicional frequentador há muitos anos.

Turma de 1979 – Turma Ten. Belfort

▶ **Infantaria:**

- ▶ Ivan Uderman
- ▶ Nelson Mordekschvili

▶ **Artilharia:**

- ▶ José Roitberg

▶ **Intendência:**

- ▶ Mário Gheiner

▶ **Engenharia:**

- ▶ Rubem Azulay

José Roitberg – Turma de 1979 – Artilharia

Roitberg é jornalista e historiador, seus textos sobre “O Rio judeu que o povo esqueceu” são publicados na revista *Menorah*, além de páginas na internet que



▶ 1951 – Asp. Of. Int. Benito Oscar Roitberg, do CPOR/BH. Foto dada à sua namorada e futura esposa Aída em 1954. Acervo José Roitberg.



► 1979 – Aluno José Roitberg, Artilharia CPOR/RJ, uniformizado para o Desfile de 7 de Setembro. Acervo José Roitberg.

administra. É também palestrante no CHCJ – Centro de História e Cultura Judaica, na Associação Religiosa Israelita – ARI, em Botafogo, onde dá cursos sobre história dos judeus no Rio de Janeiro. Seu pai, Benito Oscar Roitberg, nascido em 1930, também cursou o CPOR, em Belo Horizonte.

Foi campeão brasileiro em Competição de Tiro realizada na Vila Militar, Rio de Janeiro, pela equipe do Flamengo. Nos anos 1980, participou do Campeonato Brasileiro em SP, na Base Aérea de Guarulhos.

A prova consistia em uma só pista, com deslocamento da direita para a esquerda para a arma ficar sempre voltada para os alvos, 45 tiros de revólver, com os *speedloaders* sendo intercambiados, pois havia poucos.

Roitberg participou da fundação da FTPRJ – Federação de Tiro Prático do Rio de Janeiro e da CBTP – Confederação Brasileira do Tiro Prático, onde atuou por muitos anos. Foi RO (Ranger Officer) com certificação internacional e criou programa de computador para gerar súmulas personalizadas para as provas de IPSC (International Practical Shooting Confederation), naqueles primórdios do formulário contínuo carbonado.

Ivan Uderman – Turma de 1979 – Infantaria

Formado pela Faculdade de Administração Candido Mendes. Cursou o CPOR/RJ. Cursou o ensino médio no Colégio Israelita Brasileiro Liessin

Foi promovido a 2.º Tenente em 25 de dezembro de 1981.

Por orientação do Grande Rabino de Jerusalém, o Tzadik Rav¹⁶, Moshe Weber ZTZA”L começou seu trabalho no Beit Chabad-Lubavitch ¹⁷ do Kotel haMaaravi ¹⁸, dando orientação a todos que sentiam necessidade de uma palavra amiga e de conforto, orientando em todos os campos da vida, além de gerar incentivo e motivação para seguirem seus caminhos com fé e segurança no Altíssimo, o Todo-Poderoso!

Tornou-se, assim, rabino e orientador espiritual, vinculado a “Torath-Emeth Institutions”,¹⁹ localizada em Jerusalém. É constituída de sete instituições educacionais, baseadas na filosofia do Lubavitcher Rebe²⁰ e conta com aproximadamente mil alunos, na faixa etária entre 3 e 27 anos de idade. Fornece bolsas de estudo integrais para aproximadamente 40% dos estudantes e com a *tsedaká* ²¹ arrecadada mantém a alimentação e a educação de todos seus alunos.

Atualmente, Ivan Uderman é conhecido como o Rabino Avraham Uderman, e entre suas atividades está a orientação vocacional, matrimonial e existencial, apontando o lado bom e positivo de uma vida mais próspera e feliz; orientação para empresários atingirem suas metas aumentando a probabilidade de sucesso; apoio e ajuda a jovens indecisos e insatisfeitos na escolha de suas carreiras, de acordo com seus dons naturais e suas características de personalidade; orientação, de acordo com a Torá, para casais que queiram viver harmoniosamente.

Organiza, também, *bar-mitzvá* no Kotel (Muro das Lamentações) e coordena eventos de forma autônoma com sua equipe de profissionais (vídeo, foto, banda e animação), e também a festa após a cerimônia no Kotel, em hotéis ou restaurantes de Jerusalém.

NPOR do 3.º RI de São Gonçalo/RJ

Cap. Méd. Dr. Sanio Schwartz

O Dr. Sanio Schwartz, formado no NPOR do 3.º BI de São Gonçalo, foi Capitão Médico da Artilharia de Costa da 1.ª RM e outras unidades. Médico psiquiatra, atuou em instituições especializadas, como o Instituto Brasileiro de Reflexologia e o IMP no Rio de Janeiro.

Por Decreto de 12 de novembro de 1957, o presidente da República Juscelino Kubitschek de Oliveira promoveu o 2.º Tenente da 2.ª Classe da Reserva, do Serviço de Saúde do Exército, Quadro de Médicos, Sanio Schwartz, ao posto de 1.º Tenente.

¹⁶ Hebraico: sábio rabino

¹⁷ Movimento religioso filosófico e beneficente judaico que se iniciou em Lubavitch (cidade do amor fraterno), na Rússia Branca. O movimento é guiado pelos ensinamentos de seus sete líderes (Lubavitcher Rebes).

¹⁸ Hebraico: muralha ocidental do Templo de Salomão, também designada por “Muro das Lamentações”.

¹⁹ Instituições da Bíblia – Verdade.

²⁰ Designação de rabino da filosofia Chabad-Lubavitch.

²¹ Hebraico: caridade – doações recebidas.

Em junho 2008, realizou-se no Forte Copacabana mais um encontro com a Reserva. Ao chegar, os convidados eram recebidos pelo Cmt. Cel. Edson e pela Guarda de Honra em uniforme histórico, com alunos de escolas da prefeitura agitando bandeirinhas do Brasil. Houve visita à fortificação, salvas de canhões de época e um agradável conagraçamento. Estavam presentes Veteranos da FEB e Oficiais da Reserva de todas as épocas, como o Sd. Josué, veterano do Btl. Suez, 7.º Contingente, Gen. Campello (foi do Btl. Suez), Ten. Rosenthal, Maj. Thiago, Cel. Salli, todos *febianos*, Gen. Nery, Cel. Mascarenhas (neto do Marechal Mascarenhas que participou da construção do Forte), Cap. Méd. Dr. Sanio Schwartz, formado no NPOR do 3.º BI de São Gonçalo e que foi Capitão Médico da Artilharia de Costa e outros.

CPOR/SP

Histórico²²

O CPOR/SP foi criado com a autorização do Ministro da Guerra, por ato do Comandante da 2.ª Região Militar, publicado no Boletim Regional n.º 79, de 6 de abril de 1930.

Situa-se em sítio histórico de onde se irradiou toda a ocupação do flanco norte da cidade de São Paulo, as chamadas “terras do além Tietê”, nos contrafortes da Serra da Cantareira.

O local onde hoje se ergue o quartel foi sede da Fazenda de Santana, doada em 1673 à Companhia de Jesus. Por ocasião da expulsão dos Jesuítas, a fazenda passou a pertencer à Coroa portuguesa, ficando sob os cuidados da família do Patriarca da Independência, José Bonifácio de Andrade e Silva.

Inicialmente, o Centro instalou-se com apenas três cursos: Infantaria, Cavalaria e Artilharia, utilizando para a instrução materiais pertencentes às unidades sediadas em São Paulo.

Posteriormente, ocupou as instalações na Avenida Tiradentes, sendo transferido para as atuais instalações no bairro de Santana em 1948.

Desde sua criação, foram formados cerca de 16 mil Aspirantes a Oficial das Armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações, do Serviço de Intendência e do Quadro de Material Bélico, dentre os quais personalidades que se destacaram na sociedade, importantes nomes da ciência, das profissões liberais, das artes, política e do empresariado nacional, numa contínua formação dos futuros líderes da nossa sociedade.

“CPOR/SP: Berço de Líderes, Escola de Cidadania!”

Aspirantes R/2 do CPOR/SP visitam West Point e Washington

A promoção desta iniciativa, que ocorreu há alguns anos, partiu do saudoso empresário Leon Feffer, executivo principal da Companhia Suzano de Papel e Celulose, cujo filho, David Feffer, é Oficial R/2 formado no CPOR/SP. Esta

²² ABORE – Associação Brasileira de Oficiais da Reserva do Exército R/2.

integração ocorre e torna, cada vez mais forte, o elo de ligação com o Exército dos EUA. O Cel. R/1 Infantaria Oscar de Abreu Paiva, febiano, foi, durante muitos anos, principal assessor do Dr. Leon Feffer, que, sensibilizado pela nobreza do ato, propiciou o início das viagens aos EUA como prêmio aos melhores classificados no curso do CPOR/SP.

Parabéns ao Comandante do CPOR/SP, por liderar a comitiva, com os Aspirantes melhores classificados, em suas Armas e Serviços e renovados agradecimentos ao Tenente David Feffer, principal Executivo da Companhia Suzano de Papel e Celulose, por esta patriótica iniciativa.

Dr. David Feffer honra suas origens e seu Povo, assim como dá mostras de que é brasileiro de primeira grandeza.²³

1.º Tenente R/2 Dario Sion – Turma de 1956 – Infantaria

Luto Oficial²⁴

O Presidente do Conselho Nacional de Oficiais R/2 do Brasil, no uso de suas atribuições estatutárias, resolve decretar, no âmbito das Associações filiadas ao CNOR, Luto Oficial de três dias pelo falecimento, em 22 de março de 2012, do Primeiro Tenente R/2 de Infantaria Dario Sion, Diretor Secretário da ABORE, nossa filiada em São Paulo. À Oficialidade da Reserva de São Paulo, à Diretoria da ABORE e à família enlutada, nossas sentidas condolências pela perda de tão querido companheiro.

“Patriotismo, União, Lealdade, Trabalho – Assim Atua a Reserva Atenta e Forte”

Rio de Janeiro, 26 de março de 2012

Sérgio Pinto Monteiro – 2.º Ten. R/2 Art.

Presidente do CNOR

A Diretoria do Conselho Nacional de Oficiais R/2 do Brasil, consternada, comunica o falecimento do 1.º Tenente R/2 da Arma de Infantaria Dario Sion, da Turma de 1956 do CPOR/SP, ocorrido dia 22/3/2012 à noite, durante uma cirurgia no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, capital. O ilustre companheiro ora desaparecido era advogado especialista em contratos internacionais, Diretor Secretário da Associação Brasileira de Oficiais da Reserva – ABORE – tendo integrado outras diretorias da entidade. Em 2003, deu excelente suporte logístico na montagem do V ENOREx. Foi ele quem conseguiu algumas passagens aéreas gratuitas, junto à direção da VASP e obteve os apoios para a realização da festa de despedida no Círculo Militar de São Paulo. Era advogado militante e muito querido pela Oficialidade R/2 de todo o país. O sepultamento ocorreu no dia 23 de março, às 14h00, no Cemitério Israelita, em Itapeverica da Serra. Dario era natural de Santos – SP e irmão do maestro Roberto Sion.

²³ Dr. Márcio Mendes Gonçalves, 1.º Tenente R/2 de Infantaria e antigo presidente da ABORE, em e-mail, 6 nov. 2011.

²⁴ Nota de falecimento emitida pelo CNOR em 26 de março de 2012.

Ten. R/2 Abrahão Spitzcovsky – Turma de 1959 – Engenharia²⁵

Abrahão Spitzcovsky, filho de Salomão e Estela, nasceu em 25 de abril de 1937.

Estudava no cursinho da Politécnica em 1957, que não concluiu, embora tivesse sido o segundo colocado no vestibular. Estudou na ESPM, 1.^a turma na Rua 7 de Abril, prédio dos *Diários Associados*, TV Cultura, sendo contemplado com bolsa da Associação Paulista de Propaganda – APP, como 1.^o colocado.

Seu filho Jaime Spitzcovski também revelou pendor para a comunicação, tornando-se destacado jornalista. Formado pela USP em 1986, foi editor internacional da *Folha de S. Paulo* e correspondente em Moscou e Pequim. Já o filho Gerson é médico psiquiatra, também formado pela USP, obtendo a primeira colocação na turma.

Abrahão cursou o CPOR em 1958-1959, na Arma de Engenharia. Formando-se em 15 de agosto de 1959, recebeu uma menção elogiosa.

O comandante era o Cel. Cav João Franco Pontes, mais tarde Comandante da Força Pública nos difíceis anos de 1963 e 1964, cargo que passou em 1967 para o então Coronel João Baptista de Oliveira Figueiredo. Anos depois, lembrado pelos seus antigos soldados, teve seu corpo velado no Regimento Nove de Julho e partiu para a eternidade ao som de uma canção especialmente composta pela Banda de Música da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Era um grande cavaleiro, tendo participado das Olimpíadas de Londres. Seu filho Cel. João Franco Pontes Filho seguiu a tradição hípica do pai.

Na turma de 50 alunos de engenharia havia correligionários como Davi Ackerman, Guilhermino Wasserman, Henrique Szydlow, Fabio Rocheverguer e Mauricio Goldstein.

Os instrutores eram Cap. Braga, Cap. Castor, Ten. Miranda, e monitores Sgt. Marcondes, Sgt. Nascimento e Sgt. Malta.

Fez o EI em Pindamonhangaba, onde construiu pontes B4A1 de pranchões e a Bailey metálica. Seguiu-se o Estágio de Serviço de um ano em Aquidauana/MS, no Btl. de Comunicações.

“Ao Braço, Firme!...”

Em Pindamonhangaba em fevereiro de 1958 como aluno já havia participado da construção de fosso anticarro com ponte B4A1 sobre o Rio Paraíba do Sul.

Com os pontoneiros em Cumbica realizou marcha noturna de 14 quilômetros. Trabalhou em Rio Negro/PR, Ponta Grossa, na estrada Rio Negro/PR a Lages/SC, com túneis, trecho da BR-2 em Santa Catarina. Iniciou a perfuração de um túnel em Rio Negro com o 2.^o BEFv e a construção de uma igreja pelo 2.^o BERod em Lages.

Abrahão é admirador da FEB e gosta de cantar a “Canção do Expedicionário”.

Seu irmão caçula Leon, sete anos mais novo, também cursou o CPOR, bem como o primo Leão Szpickowski, no CPOR/POA Engenharia 1960–61.

²⁵ Entrevista em São Paulo, no AHJB, em 5 mar. 2012.

Seu *bar-mitzvá* foi o primeiro realizado em São Caetano do Sul, na sinagoga fundada por Marcos Spitzkovsky.

Estudou na Escola Israelita de São Caetano anexa à sinagoga, seguindo-se o Colégio Anglo Latino. Casou tempo Beth-El em 1963, com a Sr.^a Felícia.

Na vida civil, trabalhou com fábrica de móveis durante 20 anos, e com duas livrarias, franquias Nobel, durante 10 anos.

Junto com Abrahão Gitelman, é voluntário desde 2008 no AHJB, dedicando-se ao acervo na língua iídiche.

Abrahão encerra a entrevista dizendo que as cidades de Pinsk na Bielorrússia e Minsk, a capital, muitas vezes eram confundidas, e ambas tinham uma ponderável população judaica.

Abram Szajman – Turma de 1960²⁶

Abram Szajman é empresário, presidente da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (Fecomércio-SP), fundador da Vale Refeição, empresa líder de mercado no segmento de refeições conveniadas, e presidente do Centro do Comércio do Estado de São Paulo e dos conselhos regionais do SESC e do SENAC de São Paulo, e vice-presidente da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC).

Nasceu em 20 de julho de 1939 no Bom Retiro, bairro paulistano próximo à Estação da Luz. O local tem como vocação receber imigrantes: primeiro os italianos, a seguir judeus da Europa Oriental, atualmente coreanos e bolivianos.

Filho de imigrantes poloneses, seus pais chegaram ao Brasil no início da década de 1930 para se reunirem a um tio de Szajman, já estabelecido aqui na década anterior. Falavam o idioma polonês e o iídiche, dialeto dos judeus orientais que se assemelha ao alemão. O nome Szajman se pronuncia “chaiman”, já que no polonês a junção “sz” soa como o nosso “ch” e o “j”, como em outras línguas europeias, equivale ao nosso “i”.

Aos 10 anos de idade, após concluir o curso primário no Grupo Escolar Prudente de Moraes, colégio público situado no Jardim da Luz, começou a trabalhar como *office-boy* na loja do tio. Logo percebeu que o Brasil era o ponto de chegada de sua família e que o imigrante deve aproveitar as oportunidades para crescer na terra de adoção. O trabalho na loja, de início uma imposição, abriu-lhe perspectivas novas, pois ganhar a vida com vendas dependia apenas de seu próprio talento e esforço.

Dessa forma, desenvolveu as características básicas que todo o comerciante deve ter: disposição para o diálogo, paciência com os clientes, conhecimento do produto que oferece, o preço da concorrência e a percepção de que o fundamental é satisfazer o comprador do outro lado do balcão.

Os anos de trabalho na empresa familiar lhe proporcionaram o aprendizado para mais tarde aventurar-se a criar seu próprio negócio. Em 1957, conclui

²⁶ http://pt.wikipedia.org/wiki/Abram_Szajman

a Escola de Comércio Álvares Penteado, no Centro da cidade, no Largo São Francisco. Em 1959, entra para o CPOR, a maneira que encontrou para resgatar, como filho de imigrantes, a dívida de gratidão para com o país que acolheu sua família. Como ele, outros companheiros de infância do Bom Retiro saíram do anonimato para fazer carreira nos negócios, em profissões liberais, na cátedra e na política, como o governador de São Paulo, Alberto Goldman.

Casado com Cecília Zaclis, é pai de Cláudio Szajman, André Szajman e Carla Szajman.

Participa de conselhos como o do Hospital Israelita Albert Einstein e do Incor. Seu nome foi dado ao Centro de Educação e Saúde do Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Alberto Einstein (vinculado ao Hospital). Foi um dos fundadores da ONG Instituto São Paulo contra a Violência, de atuação destacada na redução da criminalidade por meio do Disque-Denúncia e de campanhas contra as drogas. Aceitou convite da Anistia Internacional para ser, no Brasil, um ativista dos Direitos Humanos, colocando seu nome e prestígio a serviço da luta contra prisões arbitrárias e cerceamento da liberdade.

Foi presidente da Casa de Cultura de Israel, outra contribuição de empresários à cidade de São Paulo, que resultou na construção de um centro cultural moderno ao lado da estação Sumaré do metrô. Corinthiano desde a infância no Bom Retiro, já foi cogitado para a presidência do clube.

2.º Ten. R/2 Boris Sitnik – Turma de 1966 –Engenharia

Boris radicou-se em Curitiba/PR, onde é diretor do Instituto Cultural Judaico-Brasileiro Bernardo Schulman (Comunidade Israelita do Paraná).

A carreira profissional de Boris Sitnik ultrapassa 30 anos. Atuou como engenheiro de planejamento, desenvolvimento e projetos em várias empresas de telecomunicações, tais como Philips e Embratel, bem como em energia elétrica (Copel) e sistemas meteorológicos (Simepar) em sistemas de supervisão e controle.

Atualmente, como sócio-diretor da Telergia, atua nas áreas de Consultoria e Serviços. Boris Sitnik concluiu seu Mestrado em Informática pelo CEFET/PR e possui diploma em Engenharia Elétrica – opção Eletrônica, pela Escola de Engenharia Mauá/SP, onde concluiu seu curso com *cum laudae*. Recebeu seu Certificado Internacional em Coaching pela Lambent do Brasil/SP.

CPOR/RECIFE

Os Aspirantes formados no CPOR/Recife são considerados simbolicamente “Herdeiros dos Heróis de Casa Forte” em reverência aos que tombaram na Batalha de 1645, ocorrida sobre o mesmo chão da área ocupada pelo antigo engenho de cana-de-açúcar em que foi erguido o “Velho Casarão de Casa Forte”, prédio principal do Centro de Preparação dos Oficiais da Reserva da capital pernambucana.

Essa batalha, que resultou em uma das importantes vitórias do exército luso-brasileiro contra o invasor holandês, em 17 de agosto de 1645, dá nome a

um bairro nobre da capital pernambucana (Bairro de Casa Forte) e à sua principal avenida (Av. 17 de Agosto), onde está sediado o CPOR/R desde 1949.

Turmas de 1936 a 1999

A comunidade judaica do Recife se faz presente no CPOR há muito tempo. Há vários casos de pais e filhos, primos e irmãos da mesma família que foram alunos do CPOR/R. Recife sediou uma importante concentração judaica durante o Brasil Holandês (1630-1654), datando desta época a mais antiga sinagoga das Américas, Kahal Kadosh Zur Israel (vide cap. 8 deste livro).

O porto do Recife era o primeiro na rota dos judeus refugiados da Europa. Sem dinheiro para seguir viagem, muitos deles fincavam pé na cidade. Conforme a explica a historiadora, antropóloga e presidente do AHJB – Arquivo Histórico Judaico do Brasil, Seção em Pernambuco, Tânia Kaufman.

“Eram os judeus mais pobres. Que não tinham condições de ir para o Rio de Janeiro, Buenos Aires. Muitos vinham só com a roupa do corpo. Cruzavam o Atlântico para não mais voltar.”

Em meados de 1918, 1919, Recife já tinha uma comunidade judaica formada. Imigrantes vindos durante a Primeira Guerra Mundial antecederam os que viriam duas décadas depois, sufocados pelo nazismo e facismo. Em meados da década de 1920, portanto, a colônia se firmava na capital pernambucana.

Havia um time de futebol formado por judeus. Na escalação constam os mesmos sobrenomes de antigos alunos do CPOR: Israel Rissin, Miguel Longman, Luiz Cherpark, Rafael Markman e Abraam Boiucansky, José Foigel, Isaac Posternak, Simão Foigel e Jonas Rabin, Samuel Buchatsky e Aron Gorenstein, quase todos sobrenomes ainda vivos da sociedade recifense. Tal formação é de 1928. Muito provavelmente, a base do time campeão da Copa Torre de 1927. Alguns desses jogadores chegaram a disputar o Campeonato Pernambucano.

Da listagem de alunos de 1936 a 1999, retiramos uma amostra:

- ▶ Abraão Kerzner
- ▶ Abrahão Cherpak
- ▶ Abrahão Datz
- ▶ Abran Tandeitnik
- ▶ Adolfo Krutman
- ▶ Ary Fleischman
- ▶ Bernardo Demenstein
- ▶ Bernardo Kosminsck
- ▶ Bernardo Rabinovich
- ▶ David Jacobovitz
- ▶ David Jacobovitz Netto
- ▶ Isaac Gorenstein
- ▶ Isaac Kauffman
- ▶ Isaac Schanick

- ▶ Israel Feldman
- ▶ Israel Mesel
- ▶ Israel Naslasvsky
- ▶ Israel Prutchansky
- ▶ Israel Schachnik
- ▶ Israel Schver
- ▶ Jacob David Ribemboim
- ▶ Jacob Fichman
- ▶ Jaime Berenstein
- ▶ Marcos Grinspun
- ▶ Moisés Naslaswski
- ▶ Mote Stambonsky
- ▶ Rubem Tachelitsky
- ▶ Samuel Hulak
- ▶ Zildo Faierstein

*Listagem de 1942 a 1988*²⁷

NOME DE GUERRA	CURSO	ANO DE FORMATURA	NOME COMPLETO	ANO SERVIÇO
JOSÉ	INFANTARIA	18/10/42	JOSÉ LONGMAN	1942
ISRAEL	INFANTARIA	19/4/43	ISRAEL FELDMAN	1943
JOSÉ MACHMAN	INFANTARIA	25/8/43	JOSÉ MACHMAN	1943
ALFREDO	ARTILHARIA	19/8/44	ALFREDO BECKER	1944
LEON	ARTILHARIA	19/8/44	LEON CHUARTZ	1944
ISRAEL	ARTILHARIA	19/8/44	ISRAEL SCHACHNIK	1944
MOISÉS	INFANTARIA	20/10/45	MOISÉS NASLASWSKI	1945
JAYME	ENGENHARIA	3/9/52	JAYME AVERBUCH	1952
LEON	ENGENHARIA	3/9/52	LEON KRUTMAN	1952
ARÃO	INFANTARIA	20/10/45	ARAO HOROWITZ	1945
ABRAN	INFANTARIA	20/10/45	ABRAN TANDEITNIK	1945
ISAAC	INFANTARIA	20/10/45	ISAAC SCHANICK	1945
ADOLFO	ARTILHARIA	20/10/45	ADOLFO KRUTMAN	1945
J. CHARGORODSKI	ARTILHARIA	20/10/45	JOSÉ CHARGORODSKI	1945
J. BUSHARTSHY	ARTILHARIA	26/10/46	JOSÉ BUSHARTSHY	1946
MAURICIO	ARTILHARIA	25/8/47	MAURICIO AVERBUCH	1947
JACOB	INFANTARIA	25/8/48	JACOB FICHMAN	1948
RUBEM	INFANTARIA	25/8/48	RUBEM TACHELITSKY	1948
LEONIDAS	ARTILHARIA	25/8/48	LEONIDAS MESEL	1948
ARY	INFANTARIA	25/8/49	ARY FLEISCHMAN	1949
MARIO FELLER	INFANTARIA	25/8/49	MARIO FELLER	1949
MOTE	ARTILHARIA	25/8/49	MOTE STAMBONSKY	1949
MOISÉS	ENGENHARIA	13/9/51	MOISÉS MARGOLIS	1951
MILTON	INTENDÊNCIA	13/9/51	MILTON CHOZE	1951

²⁷ Colaboração de Franklin Azoubel, Turma 1974 – ENG.

NOME DE GUERRA	CURSO	ANO DE FORMATURA	NOME COMPLETO	ANO SERVIÇO
JORGE	INFANTARIA	3/9/52	JORGE CUBITS	1952
DAVID	ARTILHARIA	3/9/52	DAVID AZOUBEL NETO	1952
BERNARDO	ARTILHARIA	3/9/52	BERNARDO KOSMINSCK	1952
JAIME AZOUBEL	INTENDÊNCIA	25/8/53	JAIME AZOUBEL	1953
HELIO LERNER	INFANTARIA	25/8/53	HELIO LERNER	1953
ISRAEL	INFANTARIA	4/9/54	ISRAEL SCHVER	1954
ITIEL	INFANTARIA	4/9/54	ITIEL BUBMAN	1954
ABRAHAO	ARTILHARIA	4/9/54	ABRAHAO CHERPAK	1954
JULIO	INFANTARIA	25/8/55	JULIO CHARIFKER	1955
JULIO	ENGENHARIA	25/8/55	JULIO SINGER	1955
UZIEL	INFANTARIA	15/9/56	UZIEL MUTCHNIK	1956
ITIEL	INFANTARIA	15/9/56	ITIEL BOTSHKYS	1956
ZILDO	INFANTARIA	15/9/56	ZILDO FAIERSTEIN	1956
ABRAÃO	SAÚDE	15/9/56	ABRAAO KERZNER	1956
BENEDITO	SAÚDE	15/9/56	BENEDITO ROBIM COHEN	1956
HENRIQUE	SAÚDE	15/9/56	HENRIQUE ROSENTHAL	1956
ISAAC	SAÚDE	15/9/56	ISAAC KAUFFMAN	1956
RUY	ARTILHARIA	15/9/56	RUY AZOUBEL	1956
MARLENO	ENGENHARIA	15/9/56	MARLENO SINGER	1956
MOYSES	ENGENHARIA	15/9/56	MOYSES KERTSMAN	1956
DAVID	ENGENHARIA	14/9/57	DAVID JACOBOWITZ NETTO	1957
ISRAEL	ENGENHARIA	14/9/57	ISRAEL MESEL	1957
JOEL	SAÚDE	14/9/57	JOEL POSTERNAK	1957
GERMANO	ENGENHARIA	13/9/58	GERMANO SCHNAIDER	1958
MARCOS	ENGENHARIA	13/9/58	MARCOS GRINSPUN	1958
BERNARDO	INTENDÊNCIA	13/9/58	BERNARDO DEMENSTEIN	1958
JOSÉ KREIMER	SAÚDE	13/9/58	JOSÉ KREIMER	1958
CLAUDIO	ENGENHARIA	12/9/59	CLAUDIO AZOUBEL	1959
CELIO	ENGENHARIA	26/8/60	CELIO SCHWARTZ	1960
ISRAEL	ENGENHARIA	15/9/62	ISRAEL NASLASVSKY	1962
MATEUS	INFANTARIA	15/9/62	MATEUS AZOUBEL	1962
J.RUSBANSKY	ENGENHARIA	31/8/63	JOSÉ RUSHANSKY	1963
LEONCIO	INFANTARIA	28/8/68	LEONCIO SCHWARTZ	1965
ROBERTO	ENGENHARIA	28/8/65	ROBERTO BOTSHKIS	1965
ROBERTO	INFANTARIA	26/12/66	ROBERTO MUTCHNIK	1966
SERGIO	ENGENHARIA	16/12/67	SERGIO KANO	1967
ISRAEL	INTENDÊNCIA	14/12/68	ISRAEL PRUTCHANSKY	1968
FERNANDO	INFANTARIA	13/12/69	FERNANDO SCHVER	1969
AZOUBEL	ENGENHARIA	15/12/74	FRANKLIN AZOUBEL	1974
DALBERTO	ENGENHARIA	15/12/74	DALBERTO AZOUBEL	1974
LIMEIRA	INTENDÊNCIA	15/12/74	LUIZ EMANUEL LIMEIRA DE MELO	1974
SCHOR	INTENDÊNCIA	15/12/74	MARCOS SCHOR	1974
SAULO	COMUNICAÇÕES	15/12/78	SAULO CHARIFKER	1978
CELIO	INTENDÊNCIA	16/12/80	CELIO GANDELSMAN	1980
POSTERNAK	INTENDÊNCIA	16/12/88	SERGIO POSTERNAK	1988

Bernardo Rabinovich – Turma de 1958 – Artilharia

Nascido em Recife em 18 de junho de 1937, filho de Gabriel e Aida Rabinovich, o pai nascido em Belz, Ucrânia, e a mãe em Iedenetz, Bessarábia.

O CPOR contava com 500 alunos, distribuídos em Infantaria, Engenharia, Artilharia, Intendência, e Saúde. A Artilharia era dotada de canhões Krupp 75 utilizados no 1.º ano e obuseiros 105 mm para o 2.º ano. Havia dois quartéis de artilharia em Olinda – 7.º RO 105 e 7.º GACosM.

Bernardo tirou o Curso de Artilharia de 1956 a 1958. Estudou no Colégio Estadual de Pernambuco. Em 1959, formou-se em Ciências Contábeis, pela Faculdade de Ciências Econômicas da U. R. (Universidade do Recife, atualmente UFPE), e em 1962 em Ciências Econômicas. No Rio, na Faculdade Estácio de Sá, formou-se em Direito em 1980.

Na turma do CPOR de dezembro de 1958 havia vários estudantes de engenharia, geologia e arquitetura, sendo um deles Paulo Gustavo de Araújo Cunha, engenheiro da COPERBO e 1.º da turma, grande amigo de Bernardo, que posteriormente tornou-se governador (biônico) de Pernambuco.

Foi conselheiro do CRC/RJ por diversos mandatos, presidente da UNIPEC (União dos Profissionais de Escritórios de Contabilidade do RJ) e membro da Diretoria do SINDICONT – Sindicato dos Contabilistas.

Bernardo mora no Rio de Janeiro desde dezembro de 1962 e está aposentado desde outubro de 2004.



► 1957 – Aluno Bernardo Rabinovitch municia canhão Krupp C-76 75 mm de Artilharia de Campanha Hipomóvel da Bateria do CPOR/Recife. Acervo da família.



► 1958 – Aspirantes em 1.º Uniforme após a Declaração e Apresentação ao Gen. Espírito Santo Cardoso: Marcos Grinspun – ENG, Bernardo Dimenstein – INT, Marcos Gelphond – ART, Bernardo Rabinovitch, Germano Schendel (1.º da turma ENG.). Acervo da família.

► 7 de Setembro de 1958 – Último desfile, com talabarte e luvas brancas. Alunos do Curso de Artilharia: Marc Gel, Edson de Azevedo Monteiro, da área de Matemática Pira, alagoano radicou-se em SP, Bernardo Rabinovitch, Paulo Gustavo, futuro Governador de PE, Manoel Eustáquio, futuro advogado. Acervo da família.



► 1958 – Revista da Turma de 1958 do CPOR/R. Acervo de Bernardo Rabinovitch.

Ten. R/2 Izidoro Longman – Turma de 1943 – Saúde

Nascido no Recife a 29 de abril de 1920, filho de Izequiel Longman, natural da Bessarábia (atual Moldávia) e Ana Longman, natural de Securoni (Rumania).

Sogro de Helio Posternak e avô de seus filhos Sergio e Daniel, foi Tenente R/2 Médico durante a Segunda Guerra Mundial. Com a guerra terminando, não chegou a embarcar para a Itália.

Era membro ativo da B'nai Brith.

Formado pela Faculdade de Medicina da UFPE, com especialização em Ginecologia e Obstetricia. Foi diretor da Maternidade Estadual do Derby, a maior do estado, onde implantou de forma pioneira em Pernambuco o procedimento de parto sem dor.

Faleceu em 9 de dezembro de 1976 em Recife/PE.

Hélio Posternak – Turma de 1962 – Infantaria

Hélio nasceu em 3 de setembro de 1942. Foi incorporado ao Curso de Infantaria, que não chegou a concluir. Ao final do 1.º ano, devido a atrito com o Major Instrutor, sem que tivesse tido oportunidade de defesa, o comandante do CPOR convocou seu pai ao quartel e comunicou que Helio seria transferido para a tropa, sendo incluído no “Excesso de Contingente”.

O comandante aconselhou que tirasse o curso de piloto privado, com o qual também poderia ser incluído na Reserva, o que Helio fez, no Aero Clube do Recife.

Há alguns anos, através de um antigo sargento na época, hoje Coronel Médico na Reserva, Helio soube que o Major havia sofrido uma punição, publicada em boletim sigiloso, pelo comportamento e tratamento indevido para com o aluno Hélio.

O tempo passou, Hélio se casou, e seus dois filhos, Sergio e Daniel, com o nome de guerra Posternak, chegaram a 1.º Tenente. O mais velho, Sergio, foi presidente da Associação de Antigos Alunos, e após declarado Aspirante serviu no próprio CPOR como Intendente.

Como na época tudo foi encoberto pelo sigilo, o pai de Hélio faleceu sem jamais saber que seu filho tinha plena razão para sua reação.

O sonho de ser Oficial da Reserva do Exército não foi possível, mas seus dois filhos ergueram o nome Posternak bem alto no CPOR, deixando o pai de alma lavada.

Sergio Posternak – Turma de 1988 – Intendência

Filho de Hélio Posternak e Clara Longman Posternak, nascido no Recife em 15 de abril de 1969. É casado com a Sra. Giza Posternak.

Concluiu o Curso de Intendência com menção MB em 16 de dezembro de 1988.

Promovido a 2.º Tenente em 25 de dezembro de 1989 e a 1.º Tenente em 30 de abril de 1993. Deu baixa do Serviço Ativo em 29 de janeiro de 1994.



► c. 1992 – Teto de aço, formado por oficiais do exército, durante o casamento de Giza com o 1.º Ten. Sergio Posternak. O noivo é 1.º Ten. R/2 Int. formado no CPOR/Recife em 1988. Acervo do autor.



► Os noivos Giza e Sergio Posternak, seus pais e o rabino debaixo da *chupá*, pálido nupcial do casamento judaico que representa a futura casa a ser construída e dividida pelo casal sob as bênçãos divinas. Acervo do autor.



► c. 1987 – Ten. Posternak na formatura do Dia da Bandeira, no QG da 7.^a RM/7.^a DE. À esquerda o então Cel. Esper, comandante do CPOR/R. Acervo do autor.

Participou da organização juvenil Dror Ichud Habonim em 1970-1980. Atualmente é membro ativo do Centro Israelita de Pernambuco.

Estudou no Colégio Israelita Moisés Chvarts do pré-escolar ao pré-vestibular.

Realizou o EI no 59.^o BIMtz de 5 de julho de 1989 a 15 de agosto de 1989 e o EIC no CPOR/R de 29 de janeiro de 1990 a 29 de janeiro de 1994.

No CPOR/R foi chefe do Setor Financeiro, chefe do Almojarifado, provisionador e instrutor do Curso de Intendência e da CCS. Presidiu o Grêmio Correia Lima em 1988. Recebeu diversos elogios durante sua carreira militar.

Formou-se em Administração de Empresas em 1992, com pós-graduação e MBA em 1999 e 2012. Desde 1994, trabalha nas empresas do Grupo Cornélio Brennand.

CPOR/PORTO ALEGRE

Major Jacó Faerman – Infantaria

Jacó Faerman nasceu a 29 de junho de 1909 em Porto Alegre/RS, filho de Leon e Fany Faerman. Casou-se em de janeiro de 1934 com a Sr.^a Anita Schopman Faerman. Em 1941, servia no 7.^o Batalhão de Caçadores em Porto Alegre, como Aspirante na 3.^a Cia. Em 1942, foi transferido para Cruz Alta/RS, sendo promovido a 2.^o Tenente. Em 2 de janeiro de 1945, foi promovido a 1.^o Tenente. Em 1947, foi transferido para o 7.^o RI de Santa Maria/RS, assumindo o comando da 1.^a Cia.

Em 1949, era instrutor do Curso de Aperfeiçoamento de Subtenentes e Sargentos. Em 1957, foi designado para a 9.^a CR de Santa Maria.

Em 25 de abril de 1956, foi promovido a Capitão. Teve computado serviço em Zona de Guerra, sendo transferido para a Reserva como Major em 19 de julho de 1965, com 25 anos, nove meses e 12 dias de serviço. Na vida civil, tinha uma farmácia em Porto Alegre.

Sua filha, D.^a Sonia Faerman Averbuch, relata que ao ser convocado como Oficial da Reserva, recebeu um prazo de 48 horas para apresentar-se em Santa Maria, a 400 km de distância, o que fez, deixando em Porto Alegre a esposa e duas filhas pequenas – e sua farmácia–, tal era o seu amor pelo Exército.

Faleceu em Porto Alegre em 13 de julho de 1992.

Marcos Stern – Turma de 1948 – Intendência

Marcos nasceu em 22 de janeiro de 1928, filho de João e Lola Stern. Estudou no Instituto de Educação e Colégio Estadual Julio de Castilhos, em Porto Alegre. Coursou o CPOR de Porto Alegre em 1948, Serviço de Intendência. É farmacêutico, químico, homeopata e fitoterapeuta.

Formou-se pela Faculdade Nacional de Farmácia da Universidade do Brasil, em 1952, realizando estágio na Alemanha após o curso. Fez curso de Indústria Químico-Farmacêutica e pós-graduação de Farmotécnica Industrial na Universidade de Farmácia em São Paulo.

Especializou-se em Filoterapia, sob a orientação de Emílio Myra y López, da comissão de Medicinas Tradicionais e Alternativas. Durante 25 anos, foi responsável pelo laboratório de Hipodermia do Hospital psiquiátrico Pedro II. Incansável divulgador da filoterapia,

Marcos Stern participa hoje de programas de rádio, televisão e assina colunas em jornais e revistas e tem diversos livros publicados sobre o assunto, voltados para o público interessado na fitoterapia.

2.º Ten. R/2 Isaac Clerman – Engenharia

*Eu me lembro de um deles, oficial brasileiro, descendente de judeus, o 2.º Ten. R/2 Eng. Isaac Clerman, porto-alegrense que foi o meu primeiro comandante em 1950, há 65 anos, quando ingressei no Exército, como soldado na 3.ª Companhia de Comunicações, acantonada no 9.º Regimento de Infantaria em Pelotas, o Regimento Tuiuti, o Regimento do Brigadeiro Antônio de Sampaio, ao qual estive ligado de Capitão a Brigadeiro, até Tuiuti, onde foi a sua Vanguarda. O Tenente Clerman era muito apreciado por seus comandados.*²⁸

Meyer Silverston - CPOR/POA – Turma de 1968 – Serviço de Saúde

Meyer Silverston nasceu em 03 nov 1944 em Erebango – RS e criou-se em Erechim – RS, filho de Abraham Silverston natural de Glasgow – Escócia e Rosa Silverston natural da Lituânia.

²⁸ Depoimento do Cel. Claudio Moreira Bento, Presidente da FAHIMTB, constante do Prefácio desta obra.



► Agosto de 1969 – oficiais do Pq R MM/3 – Churrasco na granja do parque. Despedida do General Edson Figueiredo, ao centro, de camisa, ao lado do Cel. T. Marcos de Jesus Pereira Porto, diretor do parque. O 2.º Ten. R/2 Dent. Meyer Silverston é o primeiro, assinalado. Acervo do autor.



► 25 de agosto de 1969 – Formatura do Dia do Soldado no Pq R MM/3 – O Porta-Bandeira é o 2.º Ten. R/2 Dent. Meyer Silverston. Acervo do autor.

Estudou na Escola Nossa Senhora da Salete, Bairro das Três Vendas-Erechim RS até o quarto ano Primário; Escola José Bonifácio, quinto ano Primário e Ginásio- Erechim RS; Colégio Prof. Mantovani: Científico - Erechim RS. Na Sinagoga de Erechim funcionava classe de ídiche em que participou durante todos os anos do Primário e Ginásio. Formado pela Faculdade de Odontologia da Universidade de Passo Fundo-UPF- Cirurgião Dentista em 16 dez 1967.

Cursou o CPOR/PA de 30/01/1968 - 15/03/1968, sendo declarado Asp Of R/2 do Serviço de Saúde do Quadro de Dentistas. Tendo obtido o segundo lugar da turma, pôde assim escolher a unidade militar para prestar o Estágio de Instrução, preferindo o PqRMM/3 de Santa Maria onde residia seu primo irmão, Maj Heitor Senes Pinto, veterano da FEB na Itália. Participava de muitos jantares e almoços de fins de semanas na residência do primo, cuja esposa Adelaide era ótima cozinheira. Com o casal e seu único filho, Caio, jovem muito simpático, sempre era recebido calorosamente, fazendo-o sentir-se em família. Anos depois, quando Meyer já morava em Israel, a família mudou-se para em Curitiba, onde os visitou em 2004. Além de parente e apesar da diferença de idade, o Maj Heitor foi também um grande amigo.

Na Guarnição de Santa Maria - RS- Parque Regional de Moto Mecanizacao/3 cujo Diretor do PqRMM/3 era o Cel Marcos de Jesus Pereira Porto, Meyer serviu de 22/03/68 até 30/01/70, exercendo as funções de Chefe da Seção de Saúde e Dentista da Unidade. Em 31 jul 1968 foi promovido a 2º. Tenente. Além das funções oficiais de Chefe do Serviço de Saúde da Unidade e Dentista da Unidade, também foi Oficial Porta Bandeira. Aprendeu a dirigir blindados, utilizando a pista de testes do Parque. Anos depois, durante a Guerra de Yom Kipur 1973, próximo ao Canal de Suez, no norte do Deserto do Sinai encontrou uma viatura abandonada, semelhante as que havia conduzido no PqRMM/3, podendo utilizá-la para transportar seu pelotão de primeiros socorros que estava sem viatura. Foi ainda encarregado de acompanhar oficiais americanos que retornavam do Vietnam e visitavam o Pq RMM/3. Após a baixa em 01 fev 1970 foi convocado em maio 1970 a se apresentar no PqRMM/3 onde foi homenageado por ter a Seção de Saúde da Unidade, que planejou e dirigiu, ter recebido o primeiro lugar em toda Terceira RM. Recebeu ainda 3 elogios individuais do Diretor e Subdiretor, em 06 set 1968, 31 dez 1969 e ao ser término do estágio em 30 jan 1970.

Montou Clínica Odontológica particular em Santa Maria com permissão do comandante, onde atendia após o expediente do quartel. Como voluntario e com permissão do comandante, atendia o Asilo dos Pobres. Também obteve permissão para que as sobras das refeições do quartel passassem para o Asilo. Como odontologo participou em congressos e cursos odontológicos em diversas universidades.

Em 02 set 1970 chegou a Israel, aonde viria a conhecer sua futura esposa, de nacionalidade americana, com quem constituiu família, radicando-se naquele pais.

CPOR/CURITIBA

O Exército possuía amplas instalações em pleno Centro de Curitiba. Com a expansão da cidade, supervalorização do terreno, e a movimentação que dificultava as atividades de instrução, ocorreu a realocação das unidades para a região do Pinheirinho, mais adequada.

Eventualmente, o CPOR foi substituído pelos NPOR, e seu quartelamento original deu lugar a um *shopping center*, mantendo a fachada como era naqueles tempos, na Rua Visconde de Guarapuava.

Ilustres curitibanos passaram pelo CPOR, dos quais poderíamos citar inúmeros, como os irmãos Schulman, Saul e Mauricio. Saul fez cavalaria no CPOR, Sua viúva, D.^a Sara Schulman, é presidente do Instituto Cultural Judaico-Brasileiro Bernardo Schulman (Comunidade Israelita do Paraná). Mauricio foi presidente do BNH, Eletrobras e Bamerindus.

A seguir transcrevemos algumas reminiscências de um antigo instrutor do CPOR de Curitiba, e 2.^o Adido Militar em Tel-Aviv, Gen. Octavio Rezende. Ocupou importantes comissões, tendo sido o primeiro chefe do CComSEx e comandante da Brigada de Infantaria de Petrópolis, mais tarde transferida para a Amazônia.

“Foi grande a alegria ao ler seu e-mail. Quando for o caso, me avise, vou tentar contato com o Cmt. da Região, Gen. Ademar, cujo pai foi meu amigo em BSB. Não o conheço, meu primeiro passo será conseguir seu telefone. Foi naquele quartel que comecei minha vida militar, como Asp. em 1946, o que explica minha velhice. Morei em um quarto, com outro tenente, no andar sobre a entrada principal da frente. Tínhamos ali dois Grupos de Artilharia: 600 cavalos no terreno ao lado: quase inacreditável. No terreno à frente, fazíamos equitação, sob os olhares das meninas do Batel. Dali, levamos o Regimento para o Boqueirão. Depois instalou-se ali o CPOR, onde também fui instrutor. O Saul deve ser posterior, portanto, mais moço que o Maurício? A Martha, esposa do Mauricio, é nossa conhecida; tem uma loja bem no centro. Gosto muito deles. Saudades de tudo, até do frio que endurecia o pano da barraca como placas de gelo e da alfafa dos cavalos que à noite nos servia de colchão. Passamos nossa lua de mel em São Bento, onde um senhor preto não pôde nos ensinar um caminho porque não falava português, apesar daquele Capitão. O gigante Major Osny, campeão de pentatlon foi meu chefe, nasceu lá; foi pai de uma miss Brasil de nome Angela. Portanto, estamos todos em casa. Com um abraço do Rezende.”²⁹

CPOR/BELÉM

Isaac Dahan – Turma de 1967 – Infantaria

Issac foi da última turma do CPOR em Belém, que no ano seguinte 1968 foi transformado em NPOR do atual 2.^o Batalhão de Infantaria de Selva. Isaac é o Shaliach Tzibur³⁰ da Comunidade de Manaus.

²⁹ E-mail de 13 jun. 2012.

³⁰ Hebraico: Líder religioso que orienta os cultos sinagogais e mantém as tradições judaicas.

O comandante era o TC Adonis de Guimarães Santos e os instrutores os capitães Valder e Pedro de Azevedo Carioca.

Há em torno de mil judeus em Belém. Uma típica mansão paraense abriga o Centro Israelita do Pará em tranqüila rua arborizada. Há duas sinagogas centenárias, Shaar haShamain e Essel Avraham, e a mais nova, Beit Chabad.

Isaac Dahan consta também no cap. 32 – Forças Auxiliares – Polícias Militares, como Maj. Méd. da PM/AM.

NPOR DO 12.º RI – JUIZ DE FORA/MG

Ten. R/2 Jacob Pinheiro Goldberg – Infanteria

Jacob Pinheiro Goldberg nasceu em Juiz de Fora/MG, em 1933. Filho de Fanny Goldberg (poeta) e Luiz Goldberg, neto do Rabino Aron Elwing. Fez o NPOR no 12.º R.I. em Juiz de Fora, o CPOR/SP e foi convocado como 2.º Tenente em 1958, promovido a 1.º Tenente, comandou a 1.ª Cia. de Fuzileiros, no 4.º R.I. em Quitaúna/SP.

Psicólogo, doutor em psicologia e advogado, professor de várias conceituadas universidades nacionais e estrangeiras, foi como assistente social que defendeu na PUC/SP o trabalho “Serviço Social no Exército Brasileiro”, considerado até hoje pioneiro nas Forças Armadas, com base no 2.º Exército (SP).

Como intelectual, fez a campanha do Marechal Lott à presidência da República, exercendo, conforme relatado na biografia de William Wagner, papel importante junto aos grupos democráticos e nacionalistas agregados ao General Stoll Nogueira e ao jornal *O Semanário*.

Professor convidado nas mais importantes universidades brasileiras e no Exterior, tem mais de 50 livros publicados, com intensa atividade acadêmica e científica. Recebeu, por mérito cultural, o título de cidadão polonês, depois da publicação de seu livro bilíngue *A mágica do exílio* (*Magia Wygnania*), tradução



► Jacob Pinheiro Goldberg, ao centro de paletó azul, no Desfile Cívico da Escola Municipal Fanny Goldberg em Francisco Morato/SP. Acervo Jacob Pinheiro Goldberg.

de Henryk Siwierski, da Universidade de Cracóvia. São poesias variadas baseadas nas raízes judaicas do autor.

Recebeu a comenda Benjamin Colluci da OABMG e a medalha da Polícia Militar de São Paulo. Tese de doutoramento com Marília Librandi (Stanford University) foi defendida na USP sobre sua obra poética (nota 10, distinção e louvor).

Seu livro *O Direito no divã*, antologia organizada por Flavio Goldberg, é prefaciado pelo vice-presidente da República Michel Temer e apresentada pelo deputado e procurador Fernando Capez.

Depoimento³¹

Nasci em Juiz de Fora – MG, estudei no colégio criado por missionários protestantes norte-americanos, o Instituto Grambery. Meus pais, imigrantes judeus poloneses, não eram pobres, eram miseráveis.

Meu pai chegou ao Brasil com 18 anos, sua primeira pousada foi o banco de jardim. Juiz de Fora tinha um jardim, uma praça, e as dez primeiras noites ele dormiu nesse jardim, em nível de mendicância. E até hoje eu tenho esse impacto quando eu ouço a informação de que os judeus são proprietários da riqueza do universo e eu pergunto: “E o meu quinhão, onde é que está?”.

Porque a verdade é que não tive acesso a esse quinhão. Minha identificação é muito mais com aquele imigrante analfabeto – eu é que ensinei meu pai a assinar o nome dele quando ele tinha 35 anos, peguei a mão dele e disse é assim que se faz, aquele herói que não sabia escrever o nome.

Eu servi no NPOR em Juiz de Fora. Eu cheguei pro meu pai, que já era muito bem relacionado a essa altura em Juiz de Fora e falei: “Pai, não dá pra você quebrar um galho e dar um jeito de eu não servir o exército?”. Meu pai conversou com um, com outro e me disse usando uma expressão tipicamente mineira... vocês veem, às vezes, quando lhe interessava, ele era judeu, outras vezes era mineiro... e ele falou: “Não, não, não, você vai servir o Exército porque o Capitão fulano de tal disse que o sujeito para virar homem tem que servir o Exército”.

Mas o fato é que servi o então NPOR – Núcleo Preparatório de Oficiais da Reserva, que era hipomóvel, ou seja, ainda naquela época, embora fosse o 12.º Regimento de Infantaria, mas ele era movido a cavalo. Quer dizer: ainda por cima eu ia ter que me entender com os cavalos. Foi uma dificuldade muito grande que acabou posteriormente significando uma produção de um poema hoje traduzido para muitas línguas, o poema está no Youtube, é uma leitura, o título é “O cavalo e eu”.

Eu vim apresentar o “Projeto sobre Serviço Social no Exército Brasileiro” na PUC, sob supervisão do professor Cortez, que era do grupo do governador Franco Montoro, com quem depois eu fui trabalhar, tive experiências extraordinárias com esse grande líder democrata-cristão.

Franco Montoro, trabalhei com ele durante muito tempo, criei o conceito “Tucano” durante um café da manhã no palácio. Montoro deu o nome de minha mãe, Fanny, à Escola de Francisco Morato...³²

³¹ Conferência de J. P. Goldberg no Curso de Mestrado em Direito, no crédito de Filosofia da Faculdade de Direito da PUC/SP. Em 30 mai. 2012.

³² Escola Fanny Goldberg, escola municipal localizada na cidade de Francisco Morato, no bairro Belém Capela.

Vim a São Paulo para servir no 4.º Regimento de Infantaria e terminar meu período de CPOR sob o comando do então coronel Euryale de Jesus Zerbini, defender esse “Projeto de Serviço Social no Exército” que tinha elaborado como comandante da 1.ª Cia. de Fuzileiros do 4.º Regimento de Infantaria, porque fiquei mais tempo no Exército, a convite do General, então, Coronel Zerbini.

Reencontrei um amigo queridíssimo, ex-professor da PUC, Michel Temer, um gentleman e poeta.

Doutor em Psicologia (Universidade Mackenzie), Psicólogo (CRP 3.522), Advogado (OABSP 10.304), Assistente-social (CRESS 04.225), escritor. Conferencista convidado – University College London Medical; Uniwersytet Jagiellonski e Uniwersytet Warszawski (Polônia); Middlesex University (Inglaterra); Hebrew University of Jerusalém; USP; PUC/SP; PUC-Campinas; Universidade de Brasília; UNESP; Mackenzie; Aspirus Wausau Hospital, Wisconsin (E.U.A.) AOB.

Jacob Pinheiro Goldberg: “Psicologia na arte brasileira”³³

Gerado no útero da poeta da imigração judaica no Brasil, Fanny, e por seu Luizinho, o imigrante judeu polonês, coragem e hassidismo laico, nasceu em Juiz de Fora, mas como diria Henrik Siwierski (professor das universidades de Brasília e Cracóvia, tradutor de sua obra Magya Wycznania), Goldberg é muito cosmopolita. Neto na linhagem do Rabino Aron Elwing, virou Pinheiro por força de tradução de Pinkas, seu tio, Yaakov Pinchas Goldberg, enterrado no Cemitério Judeu de São João de Meriti. Na adolescência, escreve a primeira apologia ao Irgun e Stern, grupos “terroristas” judeus anti-ingleses, na mídia brasileira. Celebrado por Zigmundo Wolosker, lidera o Betar³⁴, resgatando o machucado orgulho lesado pelo integralismo. O que não obsta (pelo contrário, explica) seu interesse pela cultura árabe, Kalil Gibran e o Sufi mulçumano Nasrudin.

NPOR – Regimento Mallet – Santa Maria/RS

Tarso Fernando Herz Genro

Tarso Genro era um jovem que acabara de completar 18 anos quando ingressou no Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva – NPOR.

O 3.º Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsado – “Regimento Mallet” é o decano das unidades de Artilharia de Campanha do Exército Brasileiro, criado 1831 com a denominação de Corpo de Artilharia a Cavalos.

Em consequência da Segunda Guerra Mundial e das transformações por que passou o Exército, foi criado o Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR) na unidade em 1944, passando a ser, também, uma Organização Militar com incumbências de ensino.

³³ MAGALHÃES, Sandra (psicóloga clínica, conselheira da Middlesex University – South American Advisory Board e escritora). Jacob Pinheiro Goldberg: “Psicologia na arte brasileira”. Revista *Shalom*, n. 593, v. XI, 1º nov. 2009, p. 16-19.

³⁴ Organização juvenil judaica.



► 2014 – Governador Tarso Genro, ex-aluno do NPOR do Regimento Mallet faz visita de cortesia à FIRS – Federação Israelita do Rio Grande do Sul, sendo recebido pela diretoria com um café da manhã. Acervo da FIRS.

Em seu último ano de governo, Tarso participou de mais uma edição do café da manhã na FIRS – Federação Israelita do Rio Grande do Sul, em 22 de maio de 2014, quando fez um balanço do seu governo e projetou algumas ações de campanha.

Mário Cardoni, presidente da entidade, lembrou do fortalecimento da relação entre a FIRS e o governador após a última missão comercial a Israel, realizada em 2013. “Além dos resultados econômicos, se criou uma parceria e amizade”, ressaltou.

No encontro que reuniu a diretoria da entidade, Tarso antecipou que sua campanha à reeleição será pautada pela comparação entre os avanços do seu governo e dos anteriores. “Temos muitos números para apresentar que demonstram evolução em todos os setores”, afirmou.

NPOR/MANAUS

1.º BIS – 1.º Batalhão de Infantaria de Selva Antigo 1.º BC – 1.º Batalhão de Caçadores

Em Manaus, os primeiros Oficiais da Reserva, R/2 no jargão militar, despontaram no período da Segunda Guerra. Foram realizadas apenas duas turmas, quando foram diplomados 100 alunos. Após esse esforço, o NPOR foi suspenso. Somente no ano de 1965 foi reiniciado o NPOR, funcionando no então 27.º BC (hoje 1.º BIS), localizado no bairro de São Jorge, sob o comando do Tenente-Coronel Alípio Carvalho. O curso foi aberto para 20 candidatos, com exigência do ensino médio completo.

Samuel Isaac Benchimol – Turma de 1945 – Infantaria

Nascido em 13 de junho de 1923 em Manaus/AM, filho do professor Isaac Israel Benchimol (1888-1974) e Nina Siqueira Benchimol (1900-1980).

Cursou o Núcleo de Preparação de Oficiais de Reserva (NPOR), com estágio no antigo 27.º BC, como Aspirante a Oficial, 2.º Tenente R/2, Manaus, 1944/1945.

Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Amazonas, em Manaus, 1941-1945.

Trata-se de uma das mais eminentes figuras da comunidade judaica amazônica.

Salomão Cohen – Turma de 1966 (Turma Ajuricaba) – Infantaria

Em 11 de março de 1966, 17 alunos constituindo a Turma Ajuricaba receberam a espada em solenidade realizada no pátio do Batalhão Amazonas. À noite, foi realizado o baile de gala no Ideal Clube.

Salomão Cohen serviu durante oito anos, após o que retornou a vida civil.

Denis Fred Benzecry – Turma de 1985 (Turma Tenente Marinho) – Infantaria

Denis é 1.º Ten. R/2, formado na Turma Tenente Marinho de 1985. É sócio-fundador da AORA – Associação dos Oficiais R/2 da Amazônia, mestre em Educação, administrador de empresas e professor universitário no Rio de Janeiro.

No dia do aniversário do NPOR, em 1998, o então Comandante do 1.º BIS e atual Comandante do Exército, General Villas-Bôas, realizou a chamada dos companheiros formados no NPOR, quando foi decidida a criação da AORA.

O pai de Denis foi soldado do então 1.º Batalhão de Caçadores, unidade onde anos mais tarde serviria seu filho Denis. Seu outro filho, Ivan, foi aluno do Colégio Militar de Manaus.

NPOR PELO BRASIL – ALUNOS

▶ NPOR do 32.º GAC – Brasília:

- ▶ Aspirante Vitor Tenenbaum da Silva – 1999

▶ NPOR do 10.º GAC – Fortaleza:

- ▶ Ten. Saulo Henrique Alves Tavares

▶ CPOR do IME:³⁵

- ▶ Benjamin Zymler, Ministro do TCU
- ▶ Ricardo Berer, assessor do BNDES
- ▶ Raul Colcher, Eng. de Comunicações – 1968
- ▶ Mauro Podcameni, Eng. Mecânica – 1970

³⁵ www.alumniime.com.br/



► 1978 – Asp. Of. Mauricio Rubinsztajn ao formar-se engenheiro de comunicações pelo IME, com suas irmãs Leila e Fani. Acervo pessoal.

- Izio Ajdelsztajn, Eng. Eletrônica – 1974
- Moisés Chaim Wajsfus, Eng. Eletrônica – 1974
- Mauricio Rubinsztajn, Eng. de Comunicações – 1978
- Raul Wainer, Eng. de Fortificação e Construção – 1978
- Alexander Feldmann, Eng. Eletrônica – 1979
- Moisés Hauser, Eng. Elétrica – 1980
- Arthur Velihovetchi, Eng. de Materiais – 1981
- Ismael Nogueira da Gama Orenstein, Eng. de Fortificação e Construção – 1981
- Marco Cesar Goldberg, Eng. de Fortificação e Construção – 1982
- Jaime Gornsztejn, Eng. Eletrônica – 1990
- Marcos Craizer – 1.º lugar no vestibular de 1979
- Marcelo Herszenhaut – 2.º lugar no vestibular de 1979

QTT – Quadros Técnicos Temporários

Ten. Méd. Rony Schaffel

Rony prestou o Serviço Militar para MFVD, fazendo o estágio de adaptação militar na 111.ª Cia. de Manutenção em Santo Cristo. Posteriormente serviu no HCE, sendo incluído na Reserva não Remunerada como 2.º Ten. Méd.

Hematologista, atua na área dos linfomas e transplante autólogo de medula óssea no Serviço público e privado, tendo realizado os seguintes cursos e estágios:

- ▶ Graduação – Universidade Federal do Rio de Janeiro
- ▶ Residência – Hematologia (UFRJ)
- ▶ Mestrado – Infecção em pacientes com malignidades hematológicas (UFRJ)
- ▶ Doutorado – Linfomas (UFRJ)
- ▶ Pós-Doutorado – Serviço de Linfomas (Memorial Sloan Kettering Cancer Center, Nova Iorque, EUA)

É professor adjunto da Faculdade de Medicina da UFRJ – Serviço de Hematologia, admitido em 1997, sendo um dos sócios da Hemon, empresa especializada em transplantes de medula

Desenvolve transplante autólogo de medula óssea na Clínica São Vicente, Pró-Cardíaco, Hospital de Clínicas de Niterói e Hospital Universitário da UFRJ, e transplante alogênico de medula óssea na Clínica São Vicente da Gávea.

Dr. Marcus Strozberg

Presidente da SIC – Sociedade Israelita do Ceará, especializado em Medicina do Esporte. Foi 1.º Ten. Méd. do HGeF – Hospital Geral de Fortaleza.

Bianca Chiganer Cramer Balassiano – Ten. Veterinária

Renata Kutwak Bialek – Ten. Nutricionista – PMPV

Gisella Cohen – Ten. Psicóloga – PMPV

CAPÍTULO 22

Exército Brasileiro – Escolas Preparatórias e Colégios Militares

Escolas preparatórias

EsPCEX Campinas:

Yaroni Tabatchnik ingressou na EsPCEX em Campinas, mas não concluiu o curso em virtude de um fatídico acidente de trânsito ocorrido no Rio de Janeiro.

Colégios Militares

ZUM ZARAVALHO!¹

O Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB) é composto por doze colégios militares e pela Fundação Osório. Encontra-se sob o controle da Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial, por sua vez subordinada ao Departamento de Educação e Cultura do Exército – DECEX. O Sistema Colégio Militar do Brasil atende atualmente a cerca de 14.500 alunos de ambos os sexos. Atualmente o sistema é composto pelos seguintes estabelecimentos de ensino:

- ▶ Colégio Militar de Belo Horizonte
- ▶ Colégio Militar de Brasília
- ▶ Colégio Militar de Campo Grande
- ▶ Colégio Militar de Curitiba
- ▶ Colégio Militar de Fortaleza
- ▶ Colégio Militar de Juiz de Fora
- ▶ Colégio Militar de Manaus
- ▶ Colégio Militar de Porto Alegre
- ▶ Colégio Militar de Salvador
- ▶ Colégio Militar de Santa Maria
- ▶ Colégio Militar do Recife
- ▶ Colégio Militar do Rio de Janeiro – Casa de Thomas Coelho
- ▶ Fundação Osório

¹ Tradicional saudação do Colégio Militar.

O CMRJ completou 125 anos em 2014. Atualmente o sistema tem 45% de alunas e 1.400 professores civis e militares.

Fundado pelo Ministro da Guerra Thomaz Coelho, amigo de Caxias, o CMRJ iniciou suas atividades em 6 de maio de 1889 no Palacete Babilônia, na Rua São Francisco Xavier – Tijuca, sob a denominação Imperial Collegio Militar. O Palacete foi adquirido da Baronesa de Itacuruçá e se situa ao lado do morrete de mesmo nome.

Jacques Wagner

Antigo aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro, Jaques Wagner nasceu em 1951 no bairro de Cascadura, Rio de Janeiro/RJ. Quando tinha 6 anos, a família mudou-se para Copacabana. Seus pais, Joseph e D.^a Paulina Wagner, eram poloneses.

Joseph vivia em Ostrowiec. Os ventos de guerra já ameaçavam a Europa, e muitos tentavam imigrar, enfrentando as dificuldades para obtenção de passaportes e visto, além do elevado custo da viagem.

Joseph e um amigo de infância, Mayer, conseguiram viajar para a possessão inglesa Trinidad e Tobago, um dos poucos lugares onde refugiados judeus ainda estavam sendo admitidos, às vésperas da eclosão da Segunda Guerra Mundial.

Tendo sido internados em Port of Spain, tão logo a guerra terminou Mayer decidiu imigrar para os EUA, e Joseph para o Brasil.

Ostrowiec sempre teve uma operosa e extensa comunidade judaica, até que, após a noite negra do Holocausto, sua presença extinguiu-se.

Mas a contribuição da pequenina Ostrowiec para o Brasil foi significativa, como vemos. Um Ministro da Defesa tem suas raízes naquele lugar, assim como tantos brasileiros que hoje engrandecem seu país, como engenheiros, professores, artistas, intelectuais, empresários, descendentes daqueles mesmos judeus tementes a D'us que pereceram como mártires.

A mãe de Jaques Wagner, D.^a Paulina, chegou ao Brasil em 1939, aos 15 anos de idade, também tangida pela intolerância e a perseguição dos nazistas.

Sua irmã Gienia ficou na Polônia, desaparecendo durante a guerra, após a invasão da Polônia pela Alemanha. Joseph e D.^a Paulina se conheceram no Brasil, casando-se em 1946.



► 2015 – Jaques Wagner recebe as honras militares ao chegar no Ministério da Defesa em Brasília para a cerimônia de posse. Acervo ASCOM/MD.

Jaques Wagner estudou no Colégio Israelita e no Colégio Militar. Admitido na PUC-RJ, dava aulas em cursos pré-vestibular.

Em 1973, aos 22 anos, foi eleito presidente do Diretório Acadêmico da Escola de Engenharia da PUC. Era membro do PC do B quando vários líderes estudantis foram detidos, fazendo com que trancasse matrícula quando faltavam dois semestres para a formatura em Engenharia Industrial.

Sua história mais recente é sobejamente conhecida, desde que chegou a Bahia em 1974, trabalhando no Polo Petroquímico e tornando-se diretor do Sindicato dos Químicos e Petroquímicos (Sindiquímica).

Daí para frente, Jaques Wagner dedicou-se à política, sendo eleito Deputado Federal três vezes, ocupando o Ministério do Trabalho e Emprego, Gabinete de Relações Institucionais e Governador da Bahia por dois mandatos. Em 2015, foi nomeado Ministro da Defesa.

Nissim Cohen Hallale

Nissim nasceu no Rio de Janeiro, em 25 de setembro de 1941, filho de José Cohen Hallale, natural de Safed, Israel, e Adélia Minian Hallale, de Beirute, Líbano. Foi diretor da FIERJ, 2.º vice-presidente da Loja Herut da B'nai B'rith. Estudou na E. P. Prudente de Moraes na Tijuca, Colégio Militar do Rio de Janeiro (1954-1960) e Faculdade de Engenharia da UERJ (1961-1965).

No Colégio Militar, era da Cavalaria, com nome de guerra Cohen, integrando o Esquadrão de Fuzileiros, tendo participado de treinamentos militares no CIG – Campo de Instrução de Gericinó e da marcha a cavalo, armado, do Colégio na Tijuca até o CIG, onde montaram acampamento durante alguns dias, com o rancho, o banho e a instrução militar.

Nas baias havia que cuidar da cavalhada, banho, limpeza, forragem, colocar a sela, o mascote carneiro Nicodemus, o cartão de corte do cabelo, botões, sapatos engraxados e tudo o mais que dissesse respeito à disciplina militar.

Recebeu o Certificado de Reservista de 2.ª Categoria, QMG 02 – Cavaleiro, QMP 001 – Fuzileiro, com tempo de serviço de 17 de abril de 1958 a 10 de dezembro de 1958 como Soldado Aluno, assinado pelo Comandante do Colégio, Gen. Bda. Raphael de Souza Aguiar.

O ensino era excelente, voltado para filhos e órfãos de militares, em alguns anos letivos havia vagas para civis. Assim, em 1953, Nissim pôde prestar concurso, estudando no CMRJ de 1954 a 1960, e posteriormente de 1961 a 1965 na UEG, primeira turma de Engenharia Civil, onde um de seus colegas foi Zigmundo Salomão Cukierman.

Teve como colegas, entre outros, os irmãos Velho, filhos do General Octavio Alves Velho, que tinham descendência judaica, moravam na Vila Militar; Zenobinho, neto do Marechal Zenóbio da Costa, Comandante da Infantaria da FEB; Reinaldo, que era filho do Comandante do Colégio, Gen. Rafael de Souza Aguiar, que morava em PNR no interior do colégio e foi da Petrobras; de Liminha, filho do Subcomandante; de Marcio Fortes de Almeida, Coronel Aluno

em 1959 e futuro Ministro das Cidades; do comediante Castrinho, chamado no CM de “Papai-Noel”; de Jonny Figueiredo, filho do futuro Presidente e engenheiro da Esso; e do futuro Gen. Tibau, de 4 estrelas. O comandante da época era irmão do antigo prefeito do Distrito Federal, General Mendes de Moraes.

Turma de 1967 – CMRJ

Faziam parte da turma Braulio Goffman, Elias Brawerman, Elio Gitelman Fischberg e Paulo Linoff Comunale.

Elio Fischberg é advogado, formado na UERJ em 1972.

Pertence a esta turma o atual presidente da Casa da FEB, Gen. Div. Marcio Rosendo de Melo, na gestão 2012-2015, compreendendo dois mandatos.

Alunos de colégios militares

▶ **Colégio Militar do Rio de Janeiro:**

- ▶ Paulo Jorge Linoff Comunale – 1965
- ▶ Flavio Grinszpan
- ▶ Walter Kischinewski² – 1969 a 1976
- ▶ Maurício Kischinewski³ – 1971 a 1977

▶ **Colégio Militar de Fortaleza:**

- ▶ Arthur Kischinewski⁴

▶ **Colégio Militar de Manaus:**

- ▶ Daniel Frank Benzecry
- ▶ Ariel Assayag – 2014
- ▶ Davis Benzecry – 1981 (Comandante-Aluno)

▶ **Comandantes Alunos do Colégio Militar do Rio de Janeiro – Casa de Thomaz Coelho:**

- ▶ Marcos Inenbojm – 1984
- ▶ Willian Akerman Gomes – 2004

² Filho do Brigadeiro Médico Dr. Waldemar Kischinewski, é cardiologista formado na UNIRIO, e seguiu os passos do pai, alcançando também o posto de Brigadeiro Médico.

³ Também filho do Brigadeiro Médico Dr. Waldemar Kischinewski, é físico e professor, e foi diretor do Instituto de Computação da Universidade Federal Fluminense.

⁴ Primogênito do Brigadeiro Médico Dr. Waldemar Kischinewski, era radiologista, faleceu prematuramente em 1988, aos 38 anos.

CAPÍTULO 23

Exército Brasileiro – Batalhão Suez

*Das fronteiras distantes viemos
a cumprir uma nobre missão
para o mundo a paz mostraremos
para orgulho de nossa Nação*

Canção do Btl. Suez – Águia da Fronteira – 1965

Letra: Ten. Paulo Roberto Uchoa
Música: Ponte do Rio Kwai

O Brasil tem um histórico relevante de participação em missões de paz da ONU. A primeira experiência foi o envio do Batalhão Suez, uma unidade de infantaria de cerca de 600 homens, ao Egito, de janeiro de 1957 a julho de 1967. A finalidade da missão, denominada 1.ª Força de Emergência das Nações Unidas (UNEF 1)¹ era evitar conflitos entre forças egípcias e israelenses.

Durante os 10 anos em que participou da tarefa em Suez, o Brasil enviou cerca de 6.300 homens ao local, tendo inclusive exercido o comando operacional da missão, de janeiro de 1965 a janeiro de 1966.

O primeiro contingente partiu em 12 de janeiro de 1957, e o último foi o 20.º de 1967, que em 5 de junho de 1967 assistiu à invasão da Faixa de Gaza pelas Forças de Defesa de Israel. As tropas eram deslocadas de várias unidades em diversos estados, a exemplo do que ocorreu na FEB. No Rio de Janeiro, os efetivos se formaram no 2.º Batalhão de Infantaria Motorizado (Escola), o histórico Regimento Avaí, da Vila Militar.

A Força de Emergência das Nações Unidas no Egito totalizava cerca de 6 mil homens, equivalente a duas brigadas. Dez países contribuíram com tropas para a UNEF: Brasil (500), Canadá (1.100), Colômbia (520), Dinamarca (390), Finlândia (250), Índia (940) Indonésia (600), Noruega (460), Suécia (330) e Iugoslávia (740).

Antes do início dos bombardeios na Guerra dos Seis Dias, o Batalhão Suez estava em posição em postos de observação, na fronteira Israel-Egito.

¹ UNEF é a sigla de United Nations Emergency Force.



► 11 de janeiro de 1957 – O 1.º Contingente do Btl. Suez desfila pela Av. Rio Branco a caminho do Cais do Porto a fim de embarcar para Port Said, Egito. www.unmultimedia.org, acesso em: 1.º mar. 2015.

O ataque aéreo começou às 8h45 do dia 5 de junho de 1967, somando-se ao intenso bombardeio da aviação e da artilharia israelense. Os céus estavam cobertos por uma fumaça densa e escura, os alarmes soavam sem parar, o barulho das bombas tornava incompreensíveis as ordens que chegavam pelos radiotransmissores.

O Brasil não conseguiu retirar o Batalhão Suez após a ordem de retirada de Nasser, por falta de meios logísticos. Apenas a Índia também não conseguiu sair a tempo, antes do início dos combates, quando Israel atacou de surpresa o Egito, derrotando três exércitos árabes – egípcio, sírio e jordaniano – em apenas seis dias, daí a denominação de Guerra dos Seis Dias, que seis anos depois seria seguida pela famosa Guerra do Yom Kipur.

Aparentemente, Israel não sabia que ainda havia forças da ONU em Gaza.

Assim, os israelenses confundiram os brasileiros com guerrilheiros palestinos. Houve uma única baixa fatal, o Cabo Adalberto Ilha, pego no fogo cruzado. Já os indianos sofreram 32 baixas fatais.

Somente em 12 de junho de 1967 foi possível aos brasileiros evacuar Gaza e seguir para o porto de Ashdod em Israel, onde embarcaram no Soares Dutra. Ficaram surpresos com a modernidade de Israel, diante do que observavam em Gaza, já que era proibido entrar em Israel, a menos de furtivas escapadas noturnas para conhecer um kibutz, como o de Bror Chail nas proximidades, formado por brasileiros.

No final de julho, o batalhão chegou ao Recife, encerrando a história da maior, mais longa e mais famosa missão de paz brasileira.

Cel. Méd. Dr. José Rabinowits – 1.º Contingente – 1957

José Rabinowits nasceu em 5 de maio de 1920, Praça de 3 de março de 1954, 1.º Tenente em 7 de janeiro de 1956. Foi do 1.º Contingente, em 1957. Promovido a Coronel em 30 de abril de 1975 por merecimento. Foi agraciado com a Medalha Militar por Tempo de Serviço Ouro (S3); Medalha da Força de Emergência da Organização das Nações Unidas – Internacional; Ordem do Mérito Militar. Tirou os cursos de Formação de Oficiais Médicos e Aperfeiçoamento de Oficiais.

Soldado Milton Kogut – 12.º Contingente – 1962

Milton foi soldado do 12.º Contingente em 1962. Posteriormente, radicou-se em Israel, servindo nas FDI – Forças de Defesa de Israel na Guerra dos Seis Dias, em 1967, na qual foi ferido e hospitalizado. Ingressou no serviço diplomático. É aposentado, residindo em Yaffo, cidade contígua a Tel Aviv. É irmão do cirurgião plástico José Kogut, do Rio de Janeiro.

Cabo Moisés Sayeg – 16.º Contingente – 1965

O 16.º Contingente foi comandado pelo Ten.-Cel. Sylvio Christo Miscow. Oficiais que ocupariam elevados postos formavam no efetivo, como o Cap. Méd. Dr. Jair Gonçalves de Lima Verde, que foi o instrutor-chefe do Curso de Saúde do CPOR/RJ, tendo alcançado o generalato, e o 2.º Tenente José Mauro Moreira Cupertino, que viria a ser o General Comandante da AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende/RJ.

Moisés Sayeg era cabo, e hoje se dedica ao comércio no Rio de Janeiro. Outro cabo deste contingente, Deiró Vicente Borges de Andrade, foi economista do BNDES.

Posse da nova diretoria

Associação dos Integrantes do Batalhão Suez – III/2.º RI – Dois de Ouro

Em uma luminosa manhã de sábado, 19 de janeiro de 2008, no histórico Dois de Ouro na Vila Militar realizou-se a posse da nova diretoria dos Veteranos do Batalhão Suez para o biênio 2008-2009, presidida pelo Dr. Waldir S. Gomes, com o Dr. Gerson Oliveira de Almeida como vice-presidente.

Presentes o Coronel José Wood Conrado, Comandante do atual Regimento Avaí, deputado estadual Roberto Dinamite, Ten.-Cel. Carlos Onildo da Costa Ribeiro, Comandante do Regimento Sampaio, Vet. Wantuil Alves dos Santos, primeiro presidente da Associação no Rio, Cel. R/1 José Enid Lopes Ribeiro, do 11.º Contingente, e a Dr.ª Emília Gouveia.

Na ocasião, o representante da FIERJ e Diretor de Cidadania Israel Blajberg pronunciou a seguinte saudação:

Em nome do presidente da Federação Israelita do Rio de Janeiro – FIERJ, Sergio Niskier, agradeço o honroso convite formulado, e venho aqui trazer os votos de sucesso à nova diretoria na missão que ora inicia. Os capacetes azuis se tornaram um símbolo de nobre missão de uma tropa – garantir a paz, graças ao que lhes foi conferido em 1988 o Prêmio Nobel.

O Brasil se integrou à UNEF quase que naturalmente, sendo de pronto designado o Regimento Avaí da Vila Militar para fornecer o efetivo, equivalente a um Batalhão de Infantaria. Através do 3.º Btl., o famoso Dois de Ouro iria confirmar a sua tradição tricentenária, coroada pela brilhante participação na Guerra da Tríplice Aliança, fornecendo 16 dos 20 contingentes, hoje o atual 2.º Btl. Inf. Mtz (Es), orgânico da 9.ª Bda. Inf. Mtz, que integra o GUEs da 1.ª DE.

Apenas uma década depois da odisseia da FEB na Itália, o Brasil enfrentou e venceu um novo desafio militar e logístico. Foi uma proeza, um país que recém começava a se industrializar, enviar a milhares de quilômetros uma tropa mantida e suprida por longos anos. Foi a primeira de extenso rol de Missões de Paz, onde a Bandeira Brasileira tremulou junto com as da ONU e diversas outras Nações Amigas, prestando uma importante contribuição à imagem do Brasil no exterior. Hoje, quando o Brasil pleiteia um assento no Conselho de Segurança, a longa folha de serviços prestados pelas Tropas Brasileiras em Missão de Paz certamente será um dos principais atributos favoráveis a considerar,

Até os capacetes azuis voltarem para casa, de 1957 até 1967 foram 20 contingentes, cerca de 6 mil militares brasileiros, do soldado ao general. Mas a missão em meio ao deserto escaldante valeu a pena.

Egito e Israel são hoje nações pacíficas, têm laços diplomáticos entre si, inclusive temos Adidos de Defesa nos dois países, no Cairo e Tel Aviv. O tempo passou, jovens soldados, sargentos, oficiais, agora muitos aposentados ou na



► Imagem 1 – 19 de janeiro de 2008 – Mesa que conduziu a posse da nova diretoria dos Veteranos do Batalhão Suez para o biênio 2008-2009, prof. Israel Blajberg, Diretor de Cidadania da FIERJ; Cel. R/1 José Enid Lopes Ribeiro, do 11.º Contingente; Coronel José Wood Conrado, Comandante do atual Regimento Avaí; Ten.-Cel. Carlos Onildo da Costa Ribeiro, Comandante do Regimento Sampaio; deputado estadual Roberto Dinamite; Dr.ª Emilia Gouveia; Vet. Wantuil Alves dos Santos, primeiro presidente da Associação no Rio. Acervo do autor.

Reserva, tanto contribuíram para o desenvolvimento do Brasil nas mais diversas profissões, hoje todos guardando com carinho as recordações daqueles tempos passados à beira do deserto.

As décadas se sucedem, mas o entusiasmo continua, congregando centenas de Veteranos ostentando orgulhosamente a Boina Azul. A nossa primeira tropa de paz merece que as suas memórias permaneçam vivas ainda durante muito tempo. No Desfile de 7 de Setembro, sempre muito aplaudidos, os Veteranos de Suez marcam a presença da nossa maior e mais tradicional Força de Paz. Passados mais de 50 anos, que a Associação dos Integrantes do Batalhão Suez continue ativa e vibrante por muito tempo como apreciável referência.

Aos Veteranos que cultuam a memória de um episódio marcante da História Militar Brasileira, a certeza de que bem cumpriram a missão!!! À nova Diretoria, que tenham grande sucesso, e que nos encontremos sempre em alegrias.

Batalhão Suez – 50 anos

22 de novembro 1956-2006

As estradas do Deserto do Sinai estavam ainda entulhadas pelos restos calcinados de blindados egípcios quando a ONU criou a UNEF – United Nations Emergency Force, os capacetes azuis que doravante iriam se tornar um símbolo de nobre missão de uma tropa – garantir a paz, graças ao que lhes foi conferido em 1988 o Prêmio Nobel.

O Brasil foi integrado à UNEF quase que naturalmente, sendo de pronto designado o Regimento Avaí da Vila Militar para fornecer o efetivo equivalente a um Batalhão de Infantaria.

Através do 3.º Btl., o famoso Dois de Ouro iria confirmar a sua tradição tricentenária, coroada pela brilhante participação na Guerra da Tríplice Aliança, fornecendo 16 dos 20 contingentes. Hoje, o atual 2.º Btl. Inf. Mtz (Es) é orgânico da 9.ª Bda. Inf. Mtz, que integra o GUEs da 1.ª DE.

Apenas uma década depois da odisseia da FEB na Itália, o Brasil enfrenta e vence um novo desafio militar e logístico. Foi uma proeza, um país que recém começava a se industrializar, enviar a milhares de quilômetros uma tropa mantida e suprida por longos anos.

Foi a primeira de extenso rol de Missões de Paz, onde a Bandeira Brasileira tremulou junto com as da ONU e diversas outras Nações Amigas, prestando uma importante contribuição à divulgação do Brasil no exterior. Hoje, quando o Brasil pleiteia um assento no Conselho de Segurança, a longa folha de serviços prestados pelas Tropas Brasileiras em Missão de Paz certamente será um dos principais atributos favoráveis a considerar,

Mas não só os combatentes foram importantes. Transportes, saúde, comunicações eram fundamentais. A Marinha e a Força Aérea cumpriram críticas missões de transporte da tropa em seus diversos contingentes, bem como suprlmentos e material.

Eram tempos de comunicações internacionais difíceis. Ainda não havia satélites, o Batalhão estava conectado pela onda curta, via Estação PTA-2 de

Rafah, que possibilitava aos integrantes até o contacto com familiares, convocados ao PDC por uma escala.

Os Serviços de Saúde tiveram que se desdobrar, diante das ameaças de doenças tropicais e outras prevalentes em uma região de condições precárias, com nossos médicos militares garantindo a higidez da tropa.

Portanto, a missão não era fácil, em meio ao deserto escaldante e entre dois inimigos mortais. Mas tudo corria bem, até que Nasser achou que poderia acabar com o Estado de Israel, para tanto afastando os capacetes azuis.

Mas Israel atacou primeiro, assestando profundo golpe no agressor desprevenido. Em 5 de junho de 1967, os soldados da UNEF estacionados na Faixa de Gaza acordaram com o ronco de centenas de jatos riscando o céu do deserto.

Eram os aviões de Israel, que em apenas três horas destruíram no chão 450 aviões de cinco países árabes. A vitória estava garantida, tendo passado à História como a Guerra dos Seis Dias.

Até os capacetes azuis voltarem para casa, de 1957 até 1967, foram 20 contingentes, cerca de 6 mil militares brasileiros entre cabos, soldados, sargentos, e oficiais, principalmente tenentes, capitães.

O tempo passou, jovens soldados, sargentos, oficiais, agora muitos aposentados ou na Reserva que tanto contribuíram para o desenvolvimento do Brasil nas mais diversas profissões, hoje todos guardando com carinho as recordações daqueles tempos passados à beira do deserto.

Na Rua Dias da Cruz no Méier, movimentado subúrbio do Rio de Janeiro, todo sábado a Associação dos Integrantes do Batalhão Suez se anima com a chegada dos sócios para momentos de lazer, churrasco, sinuca.

Fundada em 23 de maio de 1958, as décadas se sucedem, mas o entusiasmo continua, congregando centenas de Veteranos ostentando orgulhosamente a Boia Azul.

Um dia, aquele prédio foi a agência da Caixa Econômica Federal do Méier. Esquina famosa, ponto muito procurado pelo público para serviços bancários. Diante dos trilhos da Central, próximo da estação do Méier, era uma referência visível a todos que passavam de carro ou de trem. O portão ainda sugere a majestade daquela época, entretanto, quem passa hoje de carro quase não o percebe. Apenas os mais atentos notarão pelo espelho retrovisor a placa da Associação, à retaguarda... Introduzida a mão-dupla na Dias da Cruz, o portão fica bem acessível aos pedestres, mas encoberto para os carros...

A Caixa cedeu o prédio, mas deixou o IPTU, que virou bola de neve, hoje dívida impagável de 400 mil reais. As bandeiras do Brasil, do Batalhão Suez e da ONU altaneiras recebem os visitantes no hall de entrada. Mas a dívida deixa no ar a questão: até quando?

A nossa primeira tropa de paz merece que as suas memórias permaneçam vivas ainda durante muito tempo, justamente hoje em que na mesma região outra força multinacional está prestes a ser convocada.

As décadas passaram, mas as mesmas ameaças se repetem, seja do deserto ou das montanhas pedregosas. A bandeira verde que insuflava as turbas fanáticas

hoje é amarela, mas permanece a mesma retórica absurda. Pobres dos que sofrem, de qualquer religião ou nacionalidade, vítimas do desentendimento que a Humanidade ainda não conseguiu superar...

Mas a vida continua, e no Desfile de 7 de Setembro, sempre muito aplaudidos, os Veteranos de Suez marcam a presença da nossa primeira, maior e mais tradicional Força de Paz.

Passados 50 anos, que a Associação dos Integrantes do Batalhão Suez continue ativa e vibrante por muito tempo como apreciável referência.

Aos Veteranos que cultuam a memória de um episódio marcante da História Militar Brasileira, a certeza de que bem cumpriram a missão!!!

CAPÍTULO 24

Exército Brasileiro – Serviço Militar

*Ambrozio M. Ezagui*¹

“Assentou praça de reservista no glorioso Exército Brasileiro nosso jovem amigo Ambrosio M. Ezagui, estudante de Direito desta capital. Com quanto não seja de estranhar da nossa raça essa sincera manifestação de dedicação à Pátria de nascimento, é digno de menção o gesto deste estimado correligionário por ser, ao que nos consta, o primeiro israelita que presentemente se alista como voluntário nas fileiras do Exército, acompanhando o nobre movimento de apoio à defesa nacional ora tão entusiasticamente iniciado pela mocidade acadêmica.”

Ezagui nasceu em Itacoatiara/AM, cidade onde existiu ponderável comunidade judaica oriunda da imigração marroquina do início do séc. XIX. No Rio, era secretário do jornal *A Columna*, fundado pelo prof. David José Perez e Álvaro de Castilho, publicado na primeira sexta-feira de cada mês. O jornal se intitulava “Órgão dos interesses dos israelitas no Brasil”, estando a redação e administração na Rua Major Fonseca n.º 51 – São Cristóvão.

Ezagui foi também eleito 1.º Secretário do 1.º Congresso Israelita do Brasil, sendo que a Sociedade Gemiluth Hassadim de Itacoatiara expediu telegrama o nomeando representante no Congresso, que realizou-se no salão da Biblioteca Israelita, na Rua Visconde de Itaúna.

Ezagui acompanhou David Perez em viagem a São Paulo, onde este foi pronunciar conferência em benefício dos israelitas vítimas da guerra, sendo recebido pelo Sr. Mauricio Klabin.

Em 1.º de agosto de 1939, estabeleceu-se em sociedade com Alberto J. Levi, para o comércio de compra e venda de importação e exportação de produtos nacionais e estrangeiros, com o capital de 100 mil réis e prazo de cinco anos, formando a firma De Levy & Ezagui Ltda.

Borisov Steinberg

Estudava no tradicional Instituto Granbery de Juiz de Fora/MG, prestando em 1926 o serviço militar no Tiro de Guerra.

¹ *A Columna*, Biblioteca Digital do Museu Judaico, Rio de Janeiro (1916-1917).



► 1926 – Borisov Steinberg, estudante do tradicional Instituto Granbery de Juiz de Fora/MG, prestando em 1926 o serviço militar no Tiro de Guerra. Acervo de Frieda Wolff.

João Gorodicht²

João Gorodicht nasceu em 1918 em Caxias do Sul/RS. Prestou serviço militar em Santa Maria/RS em 1937. Formou-se em medicina pela Faculdade Fluminense de Medicina, em 1954, na turma cujo orador foi Nilton Velmovitsky. Faleceu em 1985 no Rio de Janeiro.

Miguel Grinspan

- Soldado do 1.º Batalhão de Guardas – Batalhão do Imperador
- Integrante da Representação do Brasil no Desfile Comemorativo do
- 1.º Aniversário da Vitória Aliada na Europa, V – E Day
- Londres – 8 de maio de 1946

Miguel nasceu em 31 de dezembro de 1924 em Santa Maria da Boca do Monte/RS, importante entroncamento rodo-ferroviário a cerca de 400 km de Porto Alegre, sediando importante guarnição militar, com vários regimentos e um Hospital Geral. Hoje é também uma cidade universitária, e lá nasceu o pintor Carlos Scliar.

² Facebook - Informação de seu filho Mauro Frajblat Gorodicht.



► 1937 – João Gorodicht em Santa Maria da Boca do Monte/RS. Acervo de seu filho Mauro Frajblat Gorodicht.

Seus pais vieram da Bessarábia, região que pertencia a Rússia e a Romênia, região onde hoje se situa a Moldávia. Seu pai era Samuel Grinspan, Z^oL (1890-1971). Em 1930, aos 5 anos de idade veio com a família para o Rio de Janeiro, indo diretamente para Nilópolis. Eram sete irmãos, quatro homens e três mulheres. Miguel era o segundo entre os homens, e o quarto no cômputo geral, dos quais Miguel e Manoel continuam entre nós.

Samuel trabalhava na venda de roupas e tecidos em Nilópolis, Mesquita e vizinhanças. Aos domingos, Miguel e sua mãe Fanny iam fazer as cobranças das prestações dos fregueses. Foi um sistema precursor das vendas de crediário, implementado pelos imigrantes judeus e de outras nacionalidades, como os sírio-libaneses, que para sobreviver na nova terra que os acolheram, recorriam às vendas de porta em porta como meio de subsistência.

Cursou a escola primária localizada na praça principal em frente à estação ferroviária. Em 1940, concluindo o curso primário, prestou o exame de admissão para a Escola Técnica Profissional Visconde Mauá, em Marechal Hermes, uma instituição exemplar, com inúmeras quadras de esportes, em uma imensa área de 100 mil m², ministrando dezenas de cursos profissionalizantes, além do currículo normal.

Ao aproximar-se o Dia da Raça, 5 de setembro, o próprio Maestro Villalobos com seu charuto ensaiava com os alunos, ocasião em que os ônibus da

Light vinham transportar os alunos para o desfile no Estádio de São Januário, numa cerimônia de culto à personalidade do presidente Getúlio Vargas...

Após o curso de admissão, Miguel ficou semi-interno na ETPVM durante um ano, ocasião em que aos 13 anos atingiu a maioridade religiosa, adquirindo direitos e obrigações, como todo menino judeu, mediante a cerimônia do *bar-mitzvá*.

Miguel e Marcos fizeram *bar-mitzvá* na Sinagoga de Nilópolis, onde funcionou também uma escola israelita brasileira, que ensinava as matérias do currículo normal junto com as de formação judaica.

O pai, Samuel Grinspan, exerceu a presidência da Sinagoga de Nilópolis.

No período nilopolitano, os Grinspan eram amigos dos Goldman. O pai, Lipe Goldman, era alfaiate de profissão. Logo após, a família se mudou para a Praça da Bandeira, tendo o período nilopolitano abrangido, portanto, os anos de 1930 a 1940 aproximadamente.

Miguel mais tarde veio a ser um ativista da comunidade judaica carioca, exercendo cargos na FIERJ por cinco mandatos consecutivos, de 1996 a 2006.

Como diretor de Pequenas Comunidades, após quase seis décadas, reencontrou um antigo companheiro da infância passada em Nilópolis, o então professor Xie Goldman, que se ocupava do projeto de recuperação e transformação em museu da Sinagoga de Nilópolis. Entretanto, com o inesperado falecimento do professor Xie Goldman, em fevereiro de 2006, o projeto perdeu um importante batalhador, e recentemente um novo capítulo se inicia na história da Sinagoga de Nilópolis, importante monumento histórico dedicado à epopeia de uma pequena comunidade que prosperou na Baixada Fluminense durante décadas, motivo de orgulho para todos os seus descendentes e para a cidade de Nilópolis.

Em 1970, Miguel formou-se Bacharel em Direito. Sócio-fundador do Monte Sinai, em 1998 foi eleito para o conselho deliberativo da FIERJ (Federação Israelita do Rio de Janeiro) e em 2007 eleito 1.º vice-presidente do Memorial de Vassouras.

Soldado do Batalhão de Guardas – O Batalhão do Imperador

O sonho do jovem Miguel Grinspan era alistar-se para prestar o Serviço Militar, mas a guerra acabou antes, impedindo que ele se tornasse um Soldado da FEB.

Porém, estava escrito que seu destino o levaria também a cruzar o oceano envergando o uniforme do Exército Brasileiro, para uma missão igualmente gloriosa.

Miguel servia no Batalhão de Guardas, tradicional unidade de elite sediada na Av. Pedro II, em São Cristóvão, sempre convocada para prestar as honras militares a autoridades nacionais e estrangeiras. Nas fileiras do BG, Miguel prestou continência ao Presidente da República, ministros e generais.

Em 1946, ao realizar-se em Londres a Parada da Vitória, todos os Aliados mandaram representações, sendo o BG a tropa naturalmente escolhida para representar o Exército Brasileiro.



► 2014 – Veterano do Btl. de Guardas Miguel Grinspan no Desfile Cívico Militar de 7 de Setembro. Acervo do autor.

A representação incluía oito homens da Marinha, oito da Aeronáutica e oito do Exército.

A viagem ocorreu em maio/junho de 1946, sendo a delegação transportada no navio Transporte de Tropas Duque de Caxias da Marinha do Brasil. Chegando em Lisboa, permaneceram três dias, em seguida deslocando-se para Bordeaux na França, onde deixaram o navio, embarcando de trem para Paris. Em



► 2014 – Antigos alunos do CPOR Israel Blajberg, Nasser Derwiche e Veterano do Btl. de Guardas Miguel Grinspan no Desfile Cívico Militar de 7 de Setembro. Acervo do autor.

Paris, pernoitaram na École Militaire e no dia seguinte seguiram para Londres, atravessando o Canal da Mancha.

O comandante do navio ficara preocupado com a alimentação em Londres, fornecendo a cada um 5 quilos de açúcar, 5 quilos de feijão, 5 quilos de arroz e 5 quilos de café, mas em todo o período que lá estiveram nada faltou à delegação.

Como não houve necessidade de utilização, a reserva de alimento gentilmente cedida pelo comandante do navio foi repassada à família Kruel, que durante o período da guerra não recebera nenhum alimento típico brasileiro.

Em Londres, a delegação foi recepcionada pela Embaixada brasileira, cujo adido militar era o General José Pessoa (vide biografia ao final do verbete).

Instalados no Hyde Park em barracas, cada qual recebeu cinco cobertores, pois apesar de ser primavera fazia muito frio.

Tiveram a honra de receber a visita do grande estadista Winston Churchill no acampamento, com charuto e chapéu, que trocou um aperto de mão com o comandante.

Miguel desfilou em continência à Família Real Britânica, chefes de Estado como Churchill e Attlee, Marechal Sir Mountbatten, o herói de El Alamein, Marechais Alexander e Smuts, e ainda na aposição de uma coroa de flores diante do Túmulo do Soldado Desconhecido, na Abadia de Westminster.

Nas históricas fotos do *Correio da Manhã* e *A Noite*, Miguel aparece envergando o uniforme verde escuro da época, com cinturão e bibico, e orgulha-se até hoje de ter também representado a comunidade israelita brasileira naquela significativa parada, assim como tantos outros correligionários que envergaram os gloriosos uniformes da FEB, Marinha do Brasil, Marinha Mercante e FAB.



► 2012 – Veterano Miguel Grinspan em visita ao Centro Cultural do Batalhão de Guardas, na Av. Pedro I – São Cristóvão, entre o Subcomandante, Major Façanha, e o Comandante Coronel Bottino. Acervo do autor.



► 8 de maio de 2012 – Grupamento de personalidades agraciadas com a Medalha da Vitória, no Monumento Nacional aos Mortos da 2.ª Guerra Mundial. O Veterano Miguel Grinspan está ao centro da foto ladeado pelos netos. Acervo do autor.

Findo o Desfile da Vitória, o retorno se deu em uma aeronave da Força Aérea Inglesa (RAF) até Gibraltar, onde o navio Duque de Caxias os aguardava. Houve uma parada em Recife e finalmente o desembarque no Rio de Janeiro, a querida cidade maravilhosa.

Miguel aparece desfilaro diante do palanque, na Abadia de Westminster, com soldados gregos de saio e em passeio com colegas por Londres.

Retornando ao Brasil, Miguel deu baixa do BG, recebendo o certificado de Reservista de 1.ª Categoria.

Presença judaica na cultura do Brasil

No âmbito do seminário Presença Judaica na Cultura do Brasil, na UNIRIO – Auditório Paulo Freire – CCH, Avenida Pasteur n.º 458, na Urca, em 5 de novembro de 2007, o Memorial Judaico de Vassouras realizou em conjunto com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO a mesa-redonda *Militares judeus nas Forças Armadas e sua presença na II Guerra Mundial*, com participação de veteranos brasileiros e de nações amigas, e participação especial do Cel. Nilton Freixinho, sócio titular do IGHMB, apresentado por Israel Blajberg e Miguel Grinspan. Houve na ocasião uma audição da Banda da Guarda Municipal.

Ordem do Mérito da Defesa

Nos idos de 1946, o jovem Miguel Grinspan foi um Granadeiro, tradicional designação dos soldados que nos tempos da monarquia serviam na escolta



► 2010 – Diploma assinado pelo ministro Nelson Jobim e respectiva Medalha da Ordem do Mérito da Defesa, concedida ao Veterano Miguel Grinspan. À esquerda, a Medalha Garra e Coragem, concedida pela Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção Rio de Janeiro. Acervo do autor.

militar do imperador D. Pedro II, ele mesmo um reconhecido hebraísta que visitou a Terra Santa, de lá trazendo a milenar Torá que hoje se encontra no Museu da Quinta da Boa Vista.

Hoje, 3 de setembro de 2010, voltou ao tradicional quartel da Av. Pedro I em São Cristóvão para receber a elevada distinção, o grau de Cavaleiro da Ordem do Mérito da Defesa.

Em seu discurso, o comandante do Batalhão de Guardas, Tenente-Coronel Alfredo de Andrade Bottino, ressaltou a dedicação de Miguel ao Exército e ao Brasil, que o fizeram merecedor desta honraria, como exemplo aos jovens soldados formados à sua frente, até hoje ligado ao seu antigo quartel. Disse ainda da satisfação por ter Miguel optado por receber a comenda não em Brasília, na cerimônia presidida pelo Ministro Nelson Jobim, mas sim no seu antigo quartel, onde ao longe se lia o dístico “A Guarda morre mas não se rende”

Miguel se emocionou ao receber a medalha do Cel. Bottino e da sua neta Karen, naquele mesmo pátio onde um dia ele mesmo estava ali como um dos Granadeiros do Imperador, eternizados nas figuras dos soldadinhos de chumbo.

Estiveram presentes a esposa Suzana, filhos e netos, inúmeros amigos e representantes da comunidade, como o vice-presidente da FIERJ Helio Koifman; Diretor de Cidadania e Tenente R/2 Israel Blajberg; conselheiros Stephan Blank, Zvi Reiner e Waldemar Schaffell; Cel. R/1 Dr. Aron Felberg; Paulo Guberfain, o diretor do Memorial Judaico de Vassouras; Capitão da FAB Osias Machado, veterano da guerra na Itália, onde serviu no 1.º Grupo de Aviação de Caça, o famoso Senta a Pua; Dr. Luiz Kutwak e outros amigos do homenageado.

Decreto de 12 de julho de 2010 DOU 13/7/2010

O Presidente da República, de acordo com o disposto no art. 84, inciso XXI, da Constituição, e na qualidade de Grão-Mestre da Ordem do Mérito da Defesa, resolve admitir no Quadro Suplementar da Ordem do Mérito da Defesa no grau de Oficial:

Dr. Miguel Grinspan

Brasília, 12 de julho de 2010; 189.º da Independência e 122.º da República. Luiz Inácio Lula da Silva

Nelson Jobim

Marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque

O Exército Brasileiro enviou uma missão militar para a 1.ª Guerra Mundial. Da Cavalaria, fazia parte o então 1.º Tenente José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, nascido em Cabaceiras/PB, em 12 de setembro de 1885.

Era sobrinho de Epiácio Pessoa – Presidente da República de 1919 a 1922, e irmão de João Pessoa, presidente³ da Paraíba de 1928 a 1930 e candidato à vice-presidência da República pela Aliança Liberal em 1930 –; de Cândido Pessoa, deputado federal pelo Distrito Federal de 1934 a 1937; e de Aristarcho Pessoa, comandante militar da Revolução de 1930 em Minas Gerais.

Em 1918, viajou para a França, onde estagiou na Escola Militar de Saint-Cyr e participou de combates na guerra, comandando um pelotão de soldados franceses do 49.º Regimento de Dragões. Conforme Frank McCann, comandou também um esquadrão formado por soldados turcos, os quais, conforme ele próprio, à guisa de elogio, foram os responsáveis pelas medalhas que recebeu.

Na Europa, conheceu uma enfermeira inglesa da Cruz Vermelha, Blanche Mary Edward, com quem se casou.

Pelos serviços prestados nessa ocasião, foi diversas vezes citado em ordens do dia das forças francesas e promovido a Capitão, por ato de bravura, em janeiro de 1919. Permanecendo na Europa, fez parte da comissão de compras de material bélico e frequentou o curso prático de Artilharia de Assalto no Centro de Estudos de Carros de Combate, na França, em 1920. No mesmo ano, foi nomeado em comissão especial para acompanhar os reis da Bélgica, Alberto e Elisabeth, em sua viagem ao Brasil e de volta à Bélgica.

Retornando ao Brasil, ainda em 1920, aplicou os conhecimentos adquiridos na França na organização da primeira unidade de carros de combate do Exército Brasileiro.

Em 3 de outubro de 1930, eclodiu no Rio Grande do Sul o movimento revolucionário chefiado por Getúlio Vargas. O 3.º Regimento de Infantaria e um batalhão de civis, sob o comando do Coronel José Pessoa, ocuparam o palácio Guanabara e Washington Luís foi conduzido, preso, para o Forte de Copacabana.

José Pessoa assumiu, ainda em 1930, o comando da Escola Militar do Realengo, sendo o idealizador da Academia Militar das Agulhas Negras.

³ Designação de governador na época.

Eleito presidente do Clube Militar em maio de 1944, contribuiu para a queda de Vargas ao lançar uma proclamação contra o continuísmo (queremismo).

Adido militar em Londres de 1946/47, retornou ao Brasil e, em 1948, participou da fundação do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional (CEDPEN), juntamente com Arthur Bernardes e os generais Estêvão Leitão de Carvalho e Júlio Caetano Horta Barbosa.

A Campanha do Petróleo, como ficou conhecida, desembocou no estabelecimento do monopólio estatal (1953) e na conseqüente criação da Petrobras (1954).

Foi promovido a Marechal em 26 de janeiro de 1953, de acordo com o a Lei nº 1.267, de 9 de dezembro de 1959 a qual recompensou, com a promoção ao posto seguinte, os Oficiais e Praças da 1.ª RM que combateram a Intentona Comunista em 1935.

Em 1954, foi convidado pelo presidente Café Filho para ocupar a presidência da Comissão de Localização da Nova Capital Federal, encarregada de examinar as condições gerais de instalação da cidade a ser construída.

Sami Mehlinisky – Soldado – 10.º RI – Belo Horizonte

Uma vida dedicada ao esporte

Em 2004, a Tocha Olímpica de Atenas passou pelo Rio de Janeiro levando cerca de um milhão e meio de cariocas as ruas, em uma complexa operação de logística



► 2 de dezembro de 2005 – Sami Mehlinisky com o General Glenio Pinheiro, antigo comandante da Escola de Educação Física do Exército, na inauguração do Espaço Cultural e Museu do Desporto do Exército, na Fortaleza de São João na Urca, quando representando o presidente da CBV, Ary da Silva Graça Filho, recebeu o Prêmio CDE 90 Anos. Acervo do autor.



► 2 de dezembro de 2005 – Sami Mehlinsky com o Gen. de Brigada Celso Krause Schramm, diretor de Pesquisas e Estudos de Pessoal do Exército Brasileiro, e Comandante da Fortaleza de São João, na inauguração do Museu do Desporto do Exército. Acervo do autor.

No Palácio da Cidade ocorreu o encontro inicial de 20 condutores da tocha, sendo na ocasião prestada uma homenagem aos campeões olímpicos brasileiros de todos os tempos e seus descendentes.

O capitão da equipe medalha de ouro em Barcelona 92, Carlão, deu início à cerimônia passando a tocha para os descendentes dos campeões olímpicos. Depois, a tocha foi passando de mão em mão dos jogadores da equipe de vôlei, aos integrantes da comissão técnica da equipe – Sami Mehlinsky, Paulo Márcio e Sérgio Xavier – e autoridades.

O último a receber a chama olímpica foi o prefeito César Maia, que colocou a tocha em um pedestal, seguindo-se a execução do tema olímpico e do Hino Nacional Brasileiro pela Orquestra Sinfônica Jovem do Rio de Janeiro.

Talvez não muitos na coletividade judaica, principalmente os mais novos, pudessem identificar um senhor atlético de cabelos grisalhos, não aparentando a idade que tem, e que por um momento empunhou a Tocha Olímpica: Sami Mehlinsky. Um dos ícones do nosso voleibol, com extensa folha de serviços prestados ao longo de 60 anos para o esporte brasileiro, um orgulho não só para a comunidade judaica, mas também para a comunidade maior.

Os acordes do Hino Nacional executado com rigor e brilhantismo pela OSB Jovem encheram os ares no belo Palácio da Cidade, que um dia foi a Embaixada Inglesa, na Rua São Clemente.

Nesses momentos, certamente Sami evocou as tantas vezes em que do alto do pódio e em terras distantes e estranhas, ele estava lá junto com os seus atletas, ouvindo o nosso Hino ao receber mais uma medalha de ouro para o Brasil.

Sami sempre mostrou aspecto sério e circunspeto, mas temos certeza que naquele instante uma lágrima emocionada deve ter perpassado pela sua face, naqueles breves momentos recordando a sua infância em Vitória, filho de imigrantes judeus que aqui chegaram em 1924 buscando um futuro melhor.

A mãe, natural de Kiev na Ucrânia, onde os judeus experimentaram não poucas perseguições ao longo do século, e o pai nascido em Iasi, na Romênia, deixaram para trás as agruras da Europa, e logo no ano seguinte nasceu Sami, na casa que existe até hoje, o número 10 da Rua do Resende, próximo ao Campo de Santana, onde o pequeno Sami corria atrás das cotias que até hoje povoam os jardins.

Era um local de encontro e lazer nos primeiros e difíceis tempos da nascente comunidade judaica carioca, concentrada nas imediações, e que hoje migrou para outros bairros.

Mais tarde, a família foi para Vitória, onde seu pai, engenheiro eletrônico em Bucareste, abriu uma farmácia. Lá mesmo, Sami foi campeão de futebol em 1941 pelo Rio Branco de Vitória.

Chegaram a morar um ano no Canadá, onde a família tinha parentes, mas preferiram o Brasil, vindo assim o menino Sami a fixar-se em Belo Horizonte, trabalhando e estudando.

Já ao alistar-se para prestar o serviço militar, atuou como técnico das equipes de vôlei do 10.º Regimento de Infantaria de Belo Horizonte, ao final da guerra em 1946, que diz brincando haver terminado pois os alemães souberam que ele iria servir o Exército e acharam melhor se render... Em 1946 treinou a equipe militar de vôlei da 4.ª Região Militar.

Aí começava uma grande carreira, que ainda não terminou, pois Sami é consultor da Confederação Brasileira de Vôlei, agora mesmo de mudança para as novas instalações no Cittá América na Barra da Tijuca.

Pelo Vasco, foi campeão em 1949, jogando também no Grajaú Tênis Clube, Vila Isabel e Flamengo. Tricampeão pelo Flamengo em 1959, 60 e 61.

A sua grande contribuição foi certamente como técnico, supervisor e administrador. Dirigiu a seleção em 1956 no Uruguai, no primeiro Campeonato Sul-Americano, e nos seguinte: em 1958 em Porto Alegre, em 1961 em Lima e em 1962 no Chile. O Brasil foi tetracampeão com Sami, após o primeiro mundial de vôlei em Paris ter perdido para a China, seguindo-se posteriormente muitos sucessos.

A primeira concentração do vôlei brasileiro foi realizada por Sami na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, em 1956, onde se instalou por 30 dias a equipe masculina, sendo que a feminina ficou em uma cidade próxima de Volta Redonda. Lá conheceu um jovem capitão, Glenio Pinheiro, mais tarde viria a ser o Comandante da Escola de Educação Física do Exército.

Sami foi técnico da seleção masculina por 10 anos, ganhando o Pan-Americano de 1959 em Chicago, e o bicampeonato em São Paulo em 1973. Em 1959, foi campeão como técnico da seleção feminina e, ao mesmo tempo, vice-campeão com o time masculino.

Na primeira olimpíada em que o vôlei foi considerado esporte olímpico, Sami viajou com apenas 10 jogadores, tirando 5.º lugar em Tóquio, em 1964, ficando em 7.º lugar pelo set de average, pois três seleções empataram em quinto lugar.

Em 1989, foi campeão mundial de masters na Dinamarca. De 1985 a 1990 foi diretor esportivo e supervisor de vôlei da Supergasbras no Rio de Janeiro.

Como chefe da delegação, foi Campeão Olímpico em Barcelona em 1992.

Além das glórias no esporte, sempre se desincumbiu de atividades correlatas. Formado pela Escola de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, foi professor de Educação Física da Escola de Aeronáutica no Campo dos Afonsos, Rio de Janeiro, posteriormente a AFA – Academia da Força Aérea em Pirassununga/SP, onde durante 35 anos ajudou a formar inúmeras gerações de cadetes, orientando ainda a equipe de vôlei, de 1951 a 1988.

Sami ainda encontrava tempo para ser administrador de esportes da Hebraica-Rio, de 1953 a 1965, sendo posteriormente administrador geral até 1985.

Nesse período, participou de sete Macabíadas, os jogos olímpicos judaicos, realizados em Israel de 1965 a 85, sendo seis vezes vice-campeão diante da equipe de Israel, e campeão em 1965.

Encontramos Sami em 2005, no mês de dezembro, na inauguração do Espaço Cultural e Museu do Desporto do Exército, na Fortaleza de São João na Urca, quando representando o presidente da CBV, Ary da Silva Graça Filho, recebeu o Prêmio CDE 90 Anos.

Ali, onde uma esquadra portuguesa em janeiro de 1565, acreditando estar na foz de um grande rio, fundou esta cidade com o nome de Rio de Janeiro, estão sediadas a Comissão de Desportos do Exército, o DPEP – Depto de Pesquisas e Estudos de Pessoal, e a EsEFEx – Escola de Educação Física do Exército. Bonito e bem montado museu, valendo a pena ser visitado. Entre outros, recorda a atuação do saudoso Capitão Cláudio Coutinho, do campeão Ademar Ferreira da Silva, João do Pulo, Pelé, e tanto outros atletas civis e militares.

Não foi difícil reconhecer Sami. Era o mesmo de quando o conhecemos na Hebraica no final da década de 1960. Lá reencontrou o Coronel Tarouco, treinador da equipe de tiro do Exército, com quem viajou em 1959 para Chicago num C-47 da FAB, viagem que levou 12 dias... E também o General Glenio Pinheiro, que era o Capitão da Seção de Esportes da AMAN por ocasião da estadia da seleção de vôlei em 1956.

Provavelmente, muito poucas pessoas no mundo teriam a experiência e os títulos acumulados por Sami Mehlinsky, na carreira de mais de 50 anos de esporte. É com merecimento que ocupa seu lugar no Panteão da Fama dos grandes nomes do desporto brasileiro, junto a outros igualmente valorosos integrantes da comunidade judaica brasileira.

Ata da 13.ª Reunião Ordinária – gestão 2012/2014 do Conselho Deliberativo da Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro – FIERJ, realizada no dia 7/8/2014 no Clube Israelita Brasileiro:

Antes de iniciar o cumprimento da pauta, o Sr. David Schipper pediu aos presentes um minuto de silêncio, em homenagem póstuma pelo passamento do Sr. Sami Mehlinsky Z"l, com moção de mérito pelos serviços prestados à Comunidade Judaica e à comunidade maior, afirmando que o esporte brasileiro, o Macabeu e a Hebraica perderam uma grande referência, por ter sido o primeiro técnico olímpico de uma seleção brasileira de vôlei, onde se manteve por vários anos, Benemérito da Macabi-Rio onde participou ativamente da organização das primeiras delegações brasileiras às Macabiadas e Sócio Honorário da Hebraica-Rio, onde exerceu a Superintendência de Esportes por mais de três décadas.

Manifestações sobre Sami Mehlinsky

Israel, fiquei satisfeito ao ler esta referência ao Sami, que conheci e me treinou episodicamente quando eu era tenente. Por algumas semanas treinei no Vila Isabel, levado por um astro do vôlei da época e amigo do Sami, o também tenente Sérgio Barcelos Borges, que jogara com o Sami no Flamengo. Sem conseguir competir com a concorrência de bons levantadores e pressionado pela rotina pesada do quartel, larguei o Vila. Meses mais tarde, a pedido do Sérgio, o Sami voltou a nos treinar em algumas partidas pelo campeonato da então Zona Militar Leste, hoje Comando Militar do Leste. Na ocasião, eu, Sérgio e outros tenentes integrávamos a equipe do Grupamento de Unidades Escola, que foi campeão, certamente com grande contribuição do Sami. Guardo dele a lembrança de um sujeito calmo, conhecedor do “métier” e que só intervinha para melhorar. Suas intervenções eram sempre bem-sucedidas. Folgo em saber que vem recebendo o justo reconhecimento.

Abraço, Gen. Gleuber⁴

Israel, não sei se você sabe, mas o Sami foi técnico de vôlei do CIB durante muitos anos, tendo inclusive ido com o time a Israel na primeira Macabiada em que o Brasil participou (e como ele era temido: uma ordem era uma ordem – mas também muito querido). Nós do time feminino tínhamos um outro técnico, Correntes, mas adorávamos assistir ao treino masculino para entre outros olhares...ver o Sami dar a bronca nos rapazes. Isto foi aí pelos anos de 51, 52, 53, 54, 55. Muitos do nosso grupo continuam tentando jogar vôlei, outros só assistem. Até hoje nós, as meninas do vôlei, nos vemos em várias atividades filantrópicas. Fomos campeões dos Jogos da Primavera em 1954. Adorei esse seu artigo sobre o Sami, fez o tempo voltar um pouco em lembranças muito boas.

Abs, suz@n@⁵

Israel Averbach

Israel serviu na 2.^a Companhia Independente de Guardas no Recife de 2 de outubro de 42 a 16 de novembro de 45 Sv Moto. Hoje em idade avançada, é um reconhecido membro da comunidade judaica do Recife.

⁴ General Gleuber Vieira, último Ministro do Exército e Primeiro Comandante da Força nos Governos FHC – 1995-2002.

⁵ Suzana Grinspan, ativista carioca e ex-presidente da WIZO.

Israel Ghinsburg

Nascido em 16 de janeiro de 1928, foi Atirador do Tiro de Guerra 445 de Taubaté/SP. Tornou-se mais tarde comerciante na mesma cidade.

Adolfo Berditchevsky

Nascido em Campos dos Goytacazes/RJ numa época em que a comunidade judaica crescia com a vinda de judeus da Europa, na maioria correligionários da Bessarábia.

Serviu no histórico 3.º RI de São Gonçalo/RJ, sendo cabo armeiro da CCAC – Companhia de Canhões Anticarro. Em Campos, era amigo de infância do futuro CMG Méd. Dr. Boris Chigres, cujos pais Adolpho e Ita eram vizinhos de seus tios na Av. Pelinca.

Em 1954/55 serviu sob o comando do Capitão Eduardo do Couto Pfeil, cujo Comandante do III Regimento de Infantaria era o saudoso Gen. Paulo Guerra, que o incluiu na unidade. Era amigo e irmão de seu pai Emílio

Nos acontecimentos de 1954, com o suicídio do presidente Vargas, Adolfo, o Cabo Dila e outros dois soldados estavam em patrulha motorizada em jipão armado de metralhadora, na Praça Arariboia em Niterói, quando surgiram acompanhados pelo Capitão Pfeil seu irmão David e sua mãe D.^a Geny... Estavam na esquina da Rua São Clemente com a praça, próximo da loja “A Decoradora”, de Mauricio e Oscar Zveiter, cujo pai era primo de sua mãe. Tiveram então permissão para receber a família naquela loja e desfrutar de bons sanduíches que a mãe preocupada havia trazido...

Adolfo foi também desenhista dos crachás do regimento.

Nos feriados judaicos tinha permissão para ausentar-se. Recorda ainda o ano de 1948, quando houve um desfile que a juventude judaica de Nova Friburgo promoveu no Parque São Clemente, ovacionando a ressurreição do Estado Judeu, Estado de Israel.

Nessa ocasião participou também do desfile pelas ruas do Centro o Dr. José Segal, dentista, que era antigo aluno do CPOR, e como tenente R/2 esteve mobilizado para seguir com a FEB para a Itália.

Recorda também seu bom amigo, Coronel Júlio Halfim, que se preocupava em transmitir para uma pleiade de jovens, dentro e fora dos quartéis, seus ensinamentos, e de Caster, que foi soldado do Regimento Escola de Infantaria e participou dos acontecimentos de 1955 na Base Aérea de Santa Cruz.

Sílvio Santos

Em setembro de 1993, o Exército concedeu a Ordem do Mérito Militar a Senhor Abravanel, mais conhecido como Sílvio Santos, que completou em 2014 seus 84 anos, nascido em 12 de dezembro de 1930. Serviu nos anos de 1947/1948 no antigo Núcleo de Formação e Treinamento de Paraquedistas, atual Brigada de Infantaria Paraquedista em Deodoro e tinha o número 392 – Soldado Abravanel. Teve como companheiro no quartel o cantor Toni Tornado.

Embora não tivesse chegado a receber o brevê, Silvio Santos costuma dizer que: “Eu construí tudo aprendendo a sobreviver nas ruas e no curso de paraquedismo”.

Zvi Reiner – Cabo

Nascido em 16 de julho de 1932, filho de Chaim e Ruchla Reiner, Zvi foi incorporado às fileiras do Exército em 1951, na 1.ª Cia do 1.º Btl. de Carros de Combate.

Conseguiu desarranhamento para almoçar em casa, morava em Bonsucesso, próximo ao quartel. Tirou o curso de Mecânico de Artilharia, sendo promovido a cabo. Deu baixa em 30 de dezembro de 1951. O comandante da companhia era o Cap. Sebastião José Ramos de Castro, que haveria mais tarde de atingir o posto mais elevado da carreira, General de Exército (4 estrelas).

Certa vez, atendendo a um pedido para 480 soldados, apenas ele se dispôs a doar sangue para a mãe de um oficial, acidentada.

Em 1961, começou a trabalhar como ourives, importava pérolas de Nova Iorque. Era um nicho de mercado.

Em 1965, promoveu uma reunião no Clube Português num domingo, Rua dos Andradas com Senhor dos Passos, 200 joalheiros compareceram, convocados por anúncio em *O Globo*, conseguindo do Ministro Octavio Gouvêa de Bulhoes que fosse suprimido o IPI incidente sobre barras de ouro, matéria-prima não industrializada. Foi fundador e presidente (1968-1970) da Associação dos Joalheiros e Relojoeiros do Estado do Rio de Janeiro, e posteriormente vice-presidente e diretor-tesoureiro.

Foi um dos membros da comissão de adquirentes de apartamentos do Portal da Tijuca, quando da paralisação da obra, na Rua Moraes e Silva na Tijuca, que trabalhou pela solução do impasse.



► Junho de 1951–Soldado Zvi Reiner, agachado, à esquerda, com seus colegas de curso de Mecânica de Artilharia no quartel da EsIE (Escola de Instrução Especializada) em Realengo, Rio de Janeiro, ao fim do qual foi promovido a cabo. Acervo pessoal.

Sua família tem um recorde de três gerações de gêmeos, que foi apresentado para avaliação do Guinness Book.

Aqui transcrevemos um breve relato de Zvi, em suas próprias palavras:

Comecei o exército no dia 1.º de março de 1951. Em junho fui fazer um curso de mecânica de artilharia.

O retrato é desse curso. Todos fizeram esse curso comigo mas não lembro do nome das pessoas. A foto é no quartel da EsIE (Escola de Instrução Especializada) em Realengo, Rio de Janeiro.

No fim do curso fui promovido a cabo. Meu quartel original era o Primeiro Batalhão de Carros de Combate e hoje é o CPOR. O quartel fica na Av. Brasil em Bonsucesso.

Fui citado duas vezes no boletim do batalhão com elogios. A primeira vez quando doei sangue para a mãe de um oficial que tinha sido atropelada e precisava de uma transfusão; a segunda vez quando fui promovido a cabo.

Quanto a parte religiosa, só fui fazer bar-mitzvá aos 76 anos de idade pois na época dos meus 13 anos, meu pai sofreu um acidente sério e tive que adiar. Não fiz isso antes dos 76 porque pensei que não mais pudesse fazer. Conversando com o Rabino Stauber de Copacabana, este me incentivou a fazer bar-mitzvá. Segue vídeo que minha filha colocou no Youtube com fotos da cerimônia: <http://www.youtube.com/watch?v=ms0q720STT0>

No ano de 2008, lendo o jornal O Globo, vejo uma notícia da América comentando que um judeu de 78 anos estava entrando no Guinness Book por ser o judeu mais idoso a fazer bar-mitsvá, e junto com o neto.

O meu neto ia fazer bar-mitsvá e isso me incentivou, fazendo o bar-mitzvá aos 76 anos com o neto.

Fui conselheiro da Fierj de 2008 a 2010.

Henrique Veltman – Soldado do 1.º GCan AuAAe 90 – São Cristóvão, Rio de Janeiro – 1955

Henrique Veltman dirige a HBV Comercial de Jornalismo Ltda. Militou no movimento juvenil sionista “Hashomer Hatzair” e no Partido Comunista. Assumiu o comando da redação de Bloch Editores (revista *Manchete* e outras). Foi diretor de divulgação da Federação Israelita do Estado de São Paulo, diretor da Organização Sionista do Brasil.

Ao longo dos últimos 40 anos, entre outras atividades, Henrique Veltman chefiou as redações dos principais jornais do Rio de Janeiro (*Última Hora*, *O Globo*), foi novelista de rádio e televisão, editor de livros. Passou pelas rádios Cruzeiro do Sul, Mayrink Veiga, Tupi, Rádio Clube do Brasil, Rádio Nacional e Rádio Globo.

Chefiou o Departamento de Imprensa da Manufatura de Brinquedos Estrela S/A, atuou na área de RP e imprensa da J. Walter Thompson, dirigiu a sucursal de São Paulo da revista *Manchete*, chefiou a região sul da Agência de Comunicação Social S/A, pesquisou e expôs no Museu da Diáspora da Universidade de Tel Aviv (Israel), elaborou roteiros de documentários apresentados em canais de TV do Brasil e do exterior.

Chefiou os comitês de imprensa de vários candidatos a cargos eletivos, como Paulo Maluf, Reinaldo de Barros, João Oswaldo Leiva, Orestes Quércia, Alceu Collares, José Aristodemo Pinotti.

Depoimento⁶

“Pois então, meu ano de serviço militar foi, no mínimo, fantástico – como são as histórias do Gabriel Garcia Marquez. Servi no 1.º Grupo de Canhões Automáticos Antiaéreos 40, ali ao lado da Quinta da Boa Vista, entre o morro de Mangueira e o estádio do Maracanã. Aprontei todas, inclusive, e, sobretudo, atuando numa célula do Partido Comunista! Corria o ano de 1955, e quem viveu ou leu relatos de cronistas da época pode imaginar o que foi aquele período. Estive pra ser expulso do exército, e fui salvo, na penúltima hora, pela intervenção de Agildo Barata, naquele momento dirigente do PCB com cabeça a prêmio. Mas havia entre os militares um compromisso ético, de que camaradas de escola militar seriam sempre camaradas. O Agildo foi ao quartel, falou com o então Coronel Orlando Geisel, e ficou tudo tranquilo pro meu lado...”

Em termos: continuei agitando a soldadesca, razão pela qual, em um ano de serviço militar, “puxei” uns 90 dias de cadeia. Mas, com a intervenção do Agildo, curiosamente, fui promovido a cabo e a datilógrafo do Boletim Secreto. E confidente do Comandante Cel. Geisel. Dá pra imaginar?

Como “datilógrafo do boletim secreto”, trabalhava no próprio gabinete do Geisel, com quem tive uma relação muito boa. Falávamos de política, Marxismo, Lenin, Trotsky, Prestes e adjacências. No movimento de 1955 sai do xadrez para “comandar” minha unidade de canhões, em defesa da posse de Juscelino e Jango. O exército popular desse período me levou a ganhar a Medalha do Pacificador (das mãos de Lott) e à promoção a terceiro sargento.

Na madrugada de 11 de novembro eu estava em cana e fui acordado pelo Capitão Conti Filho: “Levanta, 353, vamos pra rua!”. “Contra quem, a favor de quem?”, perguntei. “Pra dar posse ao Juscelino e ao Jango. Vamos lá, assumo a sua bateria!”.

Ficamos no morro da Providência com ordens de abater qualquer coisa que voasse, de urubu a avião. Foram dez dias de chuva, barro, cachaça e pouco banho.

Depois disso, vivi a experiência de um exército popular, sem hierarquias. Sargentos, soldados e oficiais eram todos iguais, naquele curto período. Fui o último a dar baixa, prestigiadíssimo pela tropa.

Voltei à vida civil em fevereiro, mas em 25 de agosto daquele ano, acreditem (e por isso eu digo que foi uma coisa digna de Garcia Marquez), fui condecorado com a Medalha do Pacificador!

Eu a perdi há anos, mas graças ao expediente de um companheiro do Rio, ganhei um novo exemplar, que agora está muito bem guardado em casa.

Onze anos depois na sede de O Globo havia dois restaurantes, o mais chique apelidado de UDN, e o mais popular, PTB.

Eu costumava almoçar no PTB, é óbvio, à vontade, sem paletó nem gravata, sem lenço nem documento. Mas um dia, a secretária do Doutor Roberto

⁶ VELTMAN, Henrique, “Do Beco da Mãe a Santa Teresa”

me avisou: “Veltman, hoje você vai almoçar na UDN, vem aí o General Orlando Geisel e você vai participar do encontro”.

Na hora marcada, desci (com meu paletó estepe) e encontrei toda a turma do andar de cima alinhada, aguardando o convidado ilustre. Quando o Geisel chegou, ele foi apresentado aos companheiros do anfitrião. Na minha vez, ganhei um abraço. “Cabo Veltman, como vai você?!”. Senti um ar coletivo de surpresa dos coleguinhas. Na hora do almoço, o general me puxou pelo braço e fomos sentar, apenas nós dois, numa mesinha de canto. O Doutor Roberto não entendeu nada, muito menos os demais editores, redatores, assessores e puxa-sacos. Ficamos, Geisel e eu, no nosso cantinho, falando animadamente.

Depois que o general foi embora, o meu patrão, como quem não quer nada, me perguntou: “Do que vocês falaram tanto e tão interessados?”.

“Ah, Doutor Roberto, apenas lembranças e sacanagens dos tempos de caserna”.

Jacob Binstok – Reservista

Nascido em 15 de setembro de 1941, filho de Froim Fiszel e Sara Binsztok, prestou o serviço militar como soldado na Diretoria de Aperfeiçoamento e Especialização, obtendo o Certificado de Reservista de 1.ª Categoria em 1960.

Seus pais eram imigrantes vindos do interior da Polônia, estabelecendo-se no Méier, onde eram comerciantes.

Jacob estudou na Escola Israelita Brasileira H. N. Bialik do Méier, onde foi aluno do prof. Mendel Turnowicky, e no Colégio Hebreu-Brasileiro da Rua Desembargador Isidro, na Tijuca. Participou do Movimento Juvenil Dror no Méier e na Tijuca.

Graduado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense, com doutorado em Geografia Humana na Universidade de São Paulo e professor titular de Geografia Humana do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense. Atua nas áreas de Geografia Humana e Econômica, com ênfase nos setores de Planejamento Territorial e Ambiental e Geografia Agrária. Investiga o reatamento espacial, no campo e na cidade, da cadeia produtiva de petróleo no estado do Rio de Janeiro. Pesquisa os espaços ocupados pela agricultura familiar na Amazônia, particularmente, no Centro de Rondônia e nas várzeas do Baixo Amazonas, no eixo Oriximiná-Santarém. Orienta teses de mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense.⁷

Dr. Ernesto Maier Rymer

Soldado do 2.º GAC – Forte do Leme – RJ

Nasceu próximo à Nilópolis judaica, município de Nova Iguaçu. Seus pais Jacob e Sara Malka eram da Polônia, Klimentow e Szidlowiecz. Até 6 anos morou em Nilópolis na Rua General Mena Barreto, ao lado da sinagoga, depois a família mudou-se para Nova Iguaçu, para a Otavio Tarquinio esquina de Marechal Floriano, onde tinham um terreno e construíram uma casa.

⁷ Plataforma Lattes.



► 2010 – Em sessão solene no Clube Naval, o Dr. Ernesto Rymer foi admitido como membro da ABMM – Associação Brasileira de Medicina Militar. Na foto, sua esposa Dr.^a Celia Rymer é a primeira, Dr. Jayme Gudel o terceiro e Dr. Ernesto Rymer o quinto. Acervo do Autor.

Em 1954, mudaram-se para Copacabana. Dr. Rymer estudou no Max Nordau e no Curso Iguaçú, colégio mais antigo depois do Ginásio Iguaçuanu. O Max Nordau era no Posto 6, entre Ipanema e Copacabana, depois foi para o Mallet Soares na Rua Xavier da Silveira.

Formou-se na Escola de Medicina e Cirurgia na Rua Frei Caneca, hoje UNIRIO. Foi professor de Técnica Operatória. Foi residente no Hospital Carlos Chagas, tornando-se o mais novo chefe do Estado a partir de 1971, durante 15 anos consecutivos. Realizou cirurgias dramáticas, desesperadoras, de vítimas de armas de guerra, explosões de granadas em Gericinó com várias vítimas. Recebeu várias condecorações. Como chefe de plantão e depois diretor, por sete anos, de 1986 a 1993 teve intenso relacionamento com unidades próximas da Vila Militar como Parasar e Batalhão de Forças Especiais. Seu nome consta da Memória Histórica da Brigada de Infantaria Paraquedista.

É membro emérito do CBC – Cancerologia e da Sociedade Brasileira de Cancerologia.

Em 1961, serviu no 1.º Grupo de Artilharia de Costa – Forte do Leme, junto com Carlos Arthur Nuzman, que seria o futuro presidente do Comitê Olímpico, com quem fazia patrulhamento de jipe. Nuzman foi presidente da Hebraica-Rio, cargo também exercido pelo seu pai Bernardo Nuzman, então Ten.-Cel. Dent R/1, em 1970-72. Outros colegas foram Carlos Brafman, Carlos Grinstein e Isaac Schumacher. Foi incluído na 2.ª Bateria em 15 de julho de 1961 e excluído em 4 maio 1962.

Lutava nos Gracie, Robson e Carlos, e puxava a bateria nos exercícios. Naquela época, serviu com o então Capitão Roberto Mascarenhas de Moraes, neto do Comandante da FEB, e com o Capitão Pereira.



► 2010 – Sessão solene da ABMM no Clube Naval, Dr. Ernesto Rymer é o segundo, o Diretor de Saúde da Marinha o terceiro e o CMG RRm Méd. Dr. Carlos Alberto Jaimovick o quarto. Acervo do autor.

Atualmente pratica a medicina em seu consultório, onde reserva um espaço para atendimento a pessoas carentes.

Dr. Ernesto Rymer recebeu a Medalha de Honra ao Mérito por ocasião da comemoração do 75.º aniversário do Instituto Nacional do Câncer. A homenagem foi entregue pelo diretor-geral do INCA, Luiz Antonio Santini, em cerimônia que contou com a presença do Ministro da Saúde, Alexandre Padilha, em 27 de novembro, “Dia Nacional de Combate ao Câncer”, na sede da entidade na Praça Cruz Vermelha.



► 2012 – O presidente da loja Herut da Beni-Brith, Dr. Ernesto Rymer, usa da palavra em evento da entidade. Dr. Jayme Gudel é o primeiro, e Dr. Abraham Goldstein, presidente da B'nei Brith nacional o terceiro.

Em 29 abril 2009, na Sinagoga Kehilat Yaacov de Copacabana, na Rua cape-lão Alvares da Silva, Dr. Rymer foi empossado como presidente da Associação Beneficente e Cultural B'nai B'rith do Rio de Janeiro, filiada a BB internacional, a mais antiga associação de luta contra o preconceito e pelos direitos humanos, com sede nos EUA.

Presença na posse do General Tibau no Clube Militar

O General de 4 estrelas Renato Cesar Tibau da Costa tomou posse como presi-dente do Clube Militar, tendo comparecido o Dr. Ernesto Rymer, presidente da B'nei B'rith e membro da Academia Brasileira de Medicina Militar. Estiveram presentes representando a ANVFEB – Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira, o veterano Tenente Dr. Israel Rosenthal, pre-sidente do Conselho Deliberativo, e o engenheiro e Tenente da Reserva. Israel Blajberg, diretor de Relações Públicas.

O General Tibau realizou a visita oficial a organizações militares das Forças Armadas de Israel no período de 3 a 10 de junho de 2006. Na ocasião, exercia a função de Chefe do Estado-Maior do Exército, o segundo mais importante da Força Terrestre.

Na oportunidade, tendo realizado saltos com as forças aeroterrestres daquele país, foi-lhe concedido o brevê de paraquedista militar das Forças de Defesa de Israel, bem como ao então Adido Militar, Coronel Luiz Eduardo Ramos Baptista Pereira.

Integrante da ABMM – Associação Brasileira de Medicina Militar

▶ Seção de Clínicas Médicas:

- ▶ Prof. Dr. Hélio Colpeman

▶ Seção de Clínicas Aplicadas à Medicina:

- ▶ C. Alte. (Md) José Luiz de Medeiros Amarante Júnior

▶ Conselho Fiscal:

- ▶ Presidente: Prof. Dr. Pietro Novellino
- ▶ Prof. Dr. Ernesto Maier Rymer

Medalha Pedro Ernesto

Confere a Medalha de Mérito Pedro Ernesto ao Dr. Ernesto Maier Rymer

Data de publicação do DCM 9/10/84

A Mesa Diretora da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, no uso de suas atri-buições legais e tendo em vista o Requerimento n.º 406, de 1984, de autoria do Senhor Vereador Paulo Cesar de Almeida, aprovado em Sessão Plenária reali-zada em 4 de outubro de 1984, resolveu conceder a Medalha de Mérito Pedro Ernesto ao Dr. Ernesto Maier Rymer.

Presidente Maurício Azêdo

1.º VicePresidente Ludmila Mayrink

2.º VicePresidente Paulo Cesar de Almeida

Michel Moses Kawa – Reservista

Michel nasceu em 1.º de fevereiro de 1957 no Rio de Janeiro, filho de Leon e Hanka Kawa, poloneses. Leon é um sobrevivente do Holocausto que resistiu durante cinco anos aos sofrimentos nos campos de concentração – tendo passado por sete campos –, e ao final da guerra imigrou para o Brasil. Casou-se em 1947. Tinha no braço a tatuagem numérica com que os nazistas marcavam os prisioneiros, A 27547.

Michel pertence a ARI – Associação Religiosa Israelita, tendo estudado nas Escolas Israelitas Brasileiras Max Nordau e Herzlia.

Em 1976 foi dispensado da prestação do Serviço Militar, mas solicitou a incorporação, que durou um ano e três meses, cuja opção, como sói acontece com os filhos de imigrantes, foi em agradecimento ao Brasil que acolheu seus pais.

Era soldado de infantaria – motorista, serviu na Cia. de Comando do 1.º Exército, cujo comandante era o Major Gilberto Ferreira de Vasconcellos. Transportava documentos oficiais e reservados do Comando Militar do Leste, cujo comandante era o Gen. Leônidas Pires Gonçalves. Participou de manobras no Espírito Santo e Minas Gerais.

Prestou o Serviço Militar de 15 de janeiro de 1976 a 14 de janeiro de 1977. Ao dar baixa, recebeu uma menção honrosa do comandante da Cia. pelos bons serviços prestados. Retornando à vida civil como técnico de contabilidade, fez também cursos de Piloto de Aviação.

Ronaldo Cesar Coelho – Reservista

Dr. Ronaldo é filho de D.^a Sarah Sabat Coelho, e do Sr. Oswaldo do Amazonas Cezar Coelho, ambos já falecidos, D.^a Sarah com mais de 90 anos, sendo a *haskará* realizada no Centro Cultural Midrash, a Rua General Venâncio Flores n.º 184, no Leblon/RJ. Ronaldo é irmão de Arnaldo David Cezar Coelho, conhecido como árbitro de futebol e comentarista de TV. Costumava brincar com o filho quando retornava dos jogos perguntando se a torcida havia se lembrado muito dela...

Advogado, administrador de empresas, banqueiro e político, membro do PSDB com base eleitoral no estado do Rio de Janeiro, tendo sido deputado federal por quatro mandatos. Foi presidente da ANBID e diretor da BVRJ. Foi presidente do London Multiplic Investment Bank, e na área cultural diretor do MAM-Rio, Patrono da Pinacoteca – SP e Membro do Conselho da Fundação Bienal de SP.

É membro do Conselho Consultivo e apoiador do Memorial Judaico de Vassouras. Foi soldado do 3.º Grupo de Artilharia de Costa, sediado no Forte Copacabana, no comando do Ten.-Cel. Sylvio Octavio do Espírito Santo, de quem foi motorista.

José Caster – Cabo Reservista

Nascido em 10 de março de 1936 em Campos dos Goytacazes/RJ, filho de Jerman Caster e Bruha Caster, ambos imigrantes da Romênia. Frequentou os colégios Bittencourt e Liceu de Humanidades de Campos.

Serviu no antigo REI – Regimento Escola de Infantaria da Vila Militar – RJ, atual 57.º Batalhão de Infantaria Motorizado (Escola), orgânico da 9.ª Brigada de Infantaria Motorizada Escola e GUEs – Grupamento de Unidades Escola.

Prestou o serviço militar de 6 de janeiro de 1955 a 7 de fevereiro de 1956 na CCAP, sob o comando do Cap. Belfort, participando do Desfile de 7 de Setembro de 1955 e da Tomada da Base Aérea de Santa Cruz em novembro de 1955, sendo promovido à graduação de Cabo.

Foi recrutado em Campos/RJ, onde residia, sendo designado para a Companhia de Comando do 1.º Batalhão, sendo comandante do REI o Ten.-Cel. Álvaro Alves da Silva Braga, do 1.º Batalhão, o Ten.-Cel Domingues e da Cia. Cmdo. o Cap. Belfort. Os tenentes da Cia. eram os 1.º Ten. Xavier e 2.º Ten. Villaça.

Frequentou o Curso de Cabo, cujo instrutor foi o Ten. Matuke, sendo designado auxiliar do Sgt. Furriel, além do serviço de Cabo da Guarda.

Participou das manobras no Campo de Instrução de Gericinó realizadas para a EsAO, e em de agosto de 1955 participou da ação de apoio do regimento durante o Congresso Eucarístico Internacional para a segurança do evento, sendo destacado para a região da Avenida Rio Branco.

Caster participou das ações do REI na Base Aérea de Santa Cruz por ocasião do 11 de novembro de 1955, quando grupos tentaram impedir a posse de Juscelino Kubitschek e João Goulart, presidente e vice eleitos em 3 de outubro de 1955, que assim puderam ser empossados em 31 de janeiro de 1956.

O dispositivo montado na BASC impediu a decolagem das aeronaves da FAB, abortando os planos do Cel. Av Pereira Goulart.



► 18 de janeiro de 2011 – Ten.-Cel. Inf. Evandro Rodrigues Schneider e José Caster, na passagem de comando recebida do Ten.-Cel. Inf. Carlos Alberto Naccer. Acervo pessoal.

Até hoje Caster é convidado e comparece aos eventos e formaturas no quartel, como as passagens de comando e demais datas festivas.

Jayme Royseman – Reservista de 1.ª Categoria

Jayme, nascido em Niterói, RJ em 7 de novembro de 1922, filho de José e Sarah Royseman, alistou-se na Escola de Instrução Militar N. 347, anexa à Associação dos Empregados do Comércio de Niterói. Foi o atirador n.º 67 da Turma de 1940. Jayme residia a Rua Barão de Amazonas n.º 403, Centro de Niterói, que àquela época tinha uma comunidade judaica mais concentrada naquela região, onde não só residiam seus membros, como operavam estabelecimentos comerciais. Era uma comunidade maior e mais atuante que a atual, talvez por esse adensamento.

Em 7 de maio de 1943, estando o Brasil em estado de guerra com as potências do Eixo, o Reservista Jayme Royseman foi convocado para o Serviço Ativo, sendo mandado apresentar ao 3.º Regimento de Infantaria, sediado em São Gonçalo/RJ, e incluído no estado efetivo do Regimento. Era o que rezava o Ofício n.º 999-F/A de 21 de maio de 1943, subscrito pelo Cel. Adriano Saldanha Mazza, comandante do Regimento, dirigido ao gerente do atelier e Sapataria Americana, na Rua Visconde do Uruguay n.º 358, Niterói/RJ, para os fins do Decreto-Lei 4.902 de 31 de outubro de 1942, a seguir transcrito:

Dispõe sobre a garantia de lugar e sobre a remuneração dos brasileiros convocados para qualquer encargo de natureza militar

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição, decreta:

Art. 1.º Todo brasileiro, contribuinte inscrito ou não em Instituto ou Caixa de Aposentadoria e Pensões, quando convocado para a prestação de serviços de natureza militar, na forma das leis federais e respectivos regulamentos, terá garantido o emprego que ocupa na vida civil, considerando-se licenciado pelo empregador, que fica obrigado a lhe pagar mensalmente 50% (cinquenta por cento) do vencimento, ordenado, ou salário, durante o tempo em que permanecer convocado, recebendo pelo Ministério da Aeronáutica, da Guerra ou da Marinha apenas a etapa.

Jayme serviu no 3.º RI de 7 maio 1943 a 6 março 1944, retornando à vida civil, tornando-se sócio da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção de São Gonçalo, por ter participado de missões de vigilância e segurança do litoral, em zona considerada de guerra – Força do Exército. A seguir transcrevemos o decreto que instituiu a mobilização geral, após a declaração de guerra contra as potências do Eixo:

Decreto n.º 10.451, de 16 de setembro de 1942 – Decreta mobilização geral

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 74, letra f, da Constituição,

Decreta:

Art. 1.º É nesta data ordenada a mobilização geral em todo o território nacional em virtude do Estado de Guerra declarado pelo Decreto n.º 10.358, de 31 de agosto de 1942.

Art. 2.º Os reservistas das Forças Armadas aguardarão, para se apresentarem às suas corporações, ordem de chamada expedida pela autoridade competente.

Parágrafo único. A partir da data deste decreto todos os brasileiros, natos e naturalizados, são obrigados, exceto os legalmente isentos, ao exercício do dever cívico da defesa nacional.

Art. 3.º Os Ministérios e demais órgãos da administração pública federal, estadual e municipal tomarão as medidas que se impuserem no domínio econômico, militar, científico, da propaganda, da mão de obra e do trabalho necessárias à defesa do território nacional.

Art. 4.º Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1942, 121.º da Independência e 54.º da República.

Getúlio Vargas

Eurico G. Dutra

Henrique A. Guilhem

Oswaldo Aranha

Apolônio Salles

Gustavo Capanema

J. P. Salgado Filho

Paraquedistas militares:⁸

- ▶ 3.229 – Henri Schteinberg – TIBAet 1957/4
- ▶ 4.676 – Sansão Zolotar – TIBAet 1958/3
- ▶ 11.672 – Carlos Rozenberg – TIBAet 1964/4
- ▶ 13.604 – Marcos Fridman – TIBAet 1965/7

⁸ *Almanaque Paraquedista Militar, Exército Brasileiro.*

CAPÍTULO 25

FAB – Aviação Naval e Aviação Militar¹

Aviação naval

A Aviação Naval remonta a 23 de agosto de 1916, quando foi criada a Escola de Aviação Naval, que operava o hidroavião Curtiss F, que foi o primeiro avião militar do Brasil.

No final de 1918, dois anos depois da Marinha, o Exército dá início à formação de seus pilotos, sob a direção de instrutores da Missão Francesa. Em 10 de julho de 1919, inaugura sua Escola de Aviação Militar. Já em 1912, a Fazenda dos Afonsos era utilizada pela aviação brasileira.

A Marinha instalou sua Escola de Aviação na Ilha das Enxadas e instruiu seus aviadores em hidroaviões; o Exército, no Campo dos Afonsos, utilizando aviões Nieuport.

O passo seguinte foi a criação da Arma de Aviação em 1927, no Exército, e, em 1931, na Marinha.

Com a criação do Ministério da Aeronáutica em 20 de janeiro de 1941, a Aviação Naval e a Arma de Aviação Militar, então a Quinta Arma do Exército Brasileiro, foram transferidas para a nova pasta, formando a nascente FAB. Foram, então, reunidos os meios que compunham as aviações da Marinha e do Exército, além do Departamento de Aeronáutica Civil – DAC, que pertencia ao Ministério de Viação e Obras Públicas.

Ainda existem na Base Aérea do Galeão antigos prédios e hangares que foram utilizados pela Marinha e sua Aviação. Em 5 de junho de 1961, com a recriação da Força Aero-Naval, a Marinha passou novamente a contar com uma Aviação Naval – desde 26 de janeiro de 1965 com asa rotativa, e desde 8 de abril de 1998 com asa fixa – sediada na Base Aérea Naval de São Pedro d’Aldeia/RJ. Era a realização de um velho sonho sempre acalentado pela Marinha e pelos seus pilotos navais, que já vinham sendo treinados em Pensacola, EUA.

É interessante registrar que o Grande Templo Israelita situa-se na Rua Tenente Possolo, nome do primeiro piloto naval brasileiro morto em serviço, em

¹ Com subsídios de LOPES FILHO, Hermelindo, exposição “Nas Asas da História da Força Aérea Brasileira”, São Paulo, 2012.

1917, quando o Brasil mandou aviadores para treinamento na Inglaterra durante a 1.^a Guerra Mundial.

Milton Kastro

Carioca, filho de Salomão Kastro, rumeno, e de D.^a Ophelia Kastro, nascido em 1915. Seu pai era dono da Joalheria Tavares, na Rua do Ouvidor n.º 93 e de uma outra na Rua Senador Euzébio, tendo falecido em 1928.

Milton possuía um irmão, Leopoldo, cinco anos mais velho.

Já nos idos de 1935, era piloto da Aviação Naval, depois, instrutor de pilotos de caça. Em 1942, na época do novel Ministério da Aeronáutica, foi cedido para a Panair do Brasil, na falta de pilotos civis. Lá, pilotou o pequeno, mas seguro, Lodstar e, mais tarde, os Constellation, tendo realizado o primeiro voo da Panair para o Oriente Médio.²

Aviação militar

Já em 1867, o Duque de Caxias utilizou balões cativos para observação aérea das operações na Guerra do Paraguai contra a Tríplice Aliança. Em 10 de julho de 1919, foi criada a Escola de Aviação Militar, no Campo dos Afonsos, e em 13 de janeiro de 1927 a Quinta Arma do Exército, Aviação, somando-se às quatro tradicionais: Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenharia. Com a criação do Ministério da Aeronáutica em 20 de janeiro de 1941, a Aviação Militar incorporou-se à nova pasta, até que em 3 de setembro de 1986 foi reativada a Aviação do Exército, somente com helicópteros, sendo criado em 1993 o CAVEx – Comando de Aviação do Exército, sediado em Taubaté/SP.

1.º Tenente da Arma de Aviação do Exército José Zippin Grinspun³

No final da década de 1930, a diretoria da Aviação Militar do Exército, após avaliação das aeronaves disponíveis no mercado internacional, optou pela aquisição de 25 aeronaves Vultee V-11 GB2. Um grupo de pilotos e de mecânicos brasileiros seguiu para os Estados Unidos com a finalidade de iniciar o treinamento de pilotagem, bem como ter os primeiros contatos com as peculiaridades técnicas da aeronave para a sua perfeita operação no Brasil.

As aeronaves foram trasladadas para o Brasil de navio e os 20 primeiros aparelhos foram montados no hangar da Panair do Brasil, localizado no Aeroporto Santos Dumont, pela empresa Souza Sampaio Cia. Ltda., representante da Vultee no Brasil, sendo os cinco aviões restantes montados no Parque Central de Aeronáutica, atual Parque de Material Aeronáutico dos Afonsos, que os entregou, através do Serviço Técnico de Aeronáutica (STAE), ao 1.º Regimento de Aviação (1.º RAv) em 5 de junho de 1939.

² WOLFF, Frieda.

³ ALAMINO, Aparecido Camazano (Cel. Aviador e Historiador Aeronáutico). *O Vultee V-11 GB2 no Brasil*, ideias em destaque. INCAER, Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, Rio de Janeiro, n. 32, p. 96-112, jan. /abr. 2010.

Assim que foram incorporadas, as aeronaves foram destinadas ao 1.º Regimento de Aviação (1.º RAv), sendo lotadas no Grupo de Bombardeio, que tinha como emblema um jacaré estilizado pilotando uma bomba. Os primeiros voos ocorreram a partir de 4 de novembro de 1938, iniciando, imediatamente, a sua participação nas atividades da Aviação Militar, bem como foi dado prosseguimento na formação de outros pilotos e de mecânicos para o suporte de sua operação.

Em 30 de janeiro de 1939, ocorreu o primeiro acidente fatal envolvendo um V-11 no Brasil, ocasião em que o avião matriculado 115, que era pilotado por Zippin Grinspun e Mr. Powell, este piloto de provas e demonstração da fábrica Vultee, colidiu com uma casa no bairro de Vila Isabel, no Rio de Janeiro, quando realizava voos rasantes na região, acarretando a morte dos seus dois tripulantes.

Zippin em setembro de 1936 era 2.º Tenente. Por decreto de 5 de novembro de 1953, o Presidente da República resolveu considerar promovido ao posto de Major, o Capitão Aviador José Zippin Grinspun, falecido, ficando assegurados aos seus herdeiros os direitos decorrentes do posto a que é promovido, a partir da validade da Lei n.º 1.949.

Os jornais da época noticiaram o acidente informando que no momento da queda o Ten. Zippin acompanhava as manobras do piloto de provas americano Carl Powell, que aos 17 anos participou da 1.ª Guerra Mundial e também na Espanha. O avião já voava baixo e com os motores parados sobre o Boulevard 28 de Setembro, quando despencou sobre as casas da Rua Visconde de Abaeté, em Vila Isabel. O Diretor de Aeronáutica do Exército designou para o inquérito técnico o Ten.-Cel. Bento Ribeiro Carneiro Monteiro e os capitães Oswaldo Balloussier e José Vicente de Faria Lima. Logo após o acidente, o corpo do Tenente Zippin foi removido para o Hospital Central de Aviação, onde ficou em câmara ardente. Ali permaneceram, além da esposa, o General Isauro Aeguera, Diretor de Aeronáutica, o Cel. Gervasio Duncan Rodrigues, Chefe de Gabinete, o Capitão Antoni da Rocha Almeida, Adjunto, e o Major Antonio Barcellos, comandante do 1.º Regimento de Aviação, acompanhados da quase totalidade dos oficiais da unidade, bem como representações de oficiais de diversas outras unidades de aviação. Ao anoitecer, compareceu o General Góis Monteiro, Chefe do Estado-Maior do Exército.

Os restos mortais do piloto americano Carl E. Powell, da fábrica Vultee, foram trasladados para os EUA, enquanto o corpo do Ten. Zippin seguiu para o Cemitério de São Francisco Xavier, com grande acompanhamento, e inúmeras coroas de flores conduzidas em viaturas militares.

Uma Missa de 7.º Dia foi mandada celebrar na Igreja da Santa Cruz dos Militares, em 6 de fevereiro de 1939, pelo diretor de Aeronáutica e pela viúva D.ª Maria Moreira Zippin Grinspun e seu filho Erick Zippin Grinspun.

Nascido em 25 de setembro de 1910, natural do Paraná, filho de Jacob Grinspun e Anita Zippin, que imigraram da Argentina para São Paulo. Seus irmãos eram Dálio e Sarita. Zippin foi matriculado no Curso de Oficial Aviador da Escola de Aviação Militar em 30 de março de 1935.

O então 2.º Ten. Zippin teve participação destacada na repressão ao levante comunista da madrugada de 27 de novembro de 1935 na Escola de Aviação Militar, onde servia, sendo elogiado nominalmente pelo Ten.-Cel. Eduardo Gomes, comandante do 1.º Regimento de Aviação, por ter se distinguido na reação ao levante, e ainda conforme declaração de próprio punho firmada pelo Brigadeiro Eduardo Gomes, em 19 de agosto de 1948, para fins de melhoria de pensão militar. Até esta ocasião, contava o mesmo com 365 aterragens e tempo de voo de 172 horas e 39 minutos.

No elogiou fúnebre, assim se manifestou o comandante do regimento (trechos):

“(...) o destino na sua implacável sentença quis deter a brilhante trajetória do nosso inesquecível Ten. Zippin (...) aliava as qualidades de aviador intemorato às de um bravo (...) ao lado do Cel. Eduardo Gomes constituiu o reduto inexpugnável à investida criminoso comunista (...) sua bravura e patriotismo (... na grandeza de seus atos... devotado soldado do dever.”

Os sobrenomes Zippin e Grinspun são judaicos, indicativos da origem do Tenente Zippin Grinspun. Ainda que eventualmente pudesse ter deixado de seguir a fé dos antepassados, a menção nesta obra prende-se ao fato de descender de famílias judaicas, uma das premissas adotadas para inclusão neste livro.

Na família Zippin há também outros militares, o General Rafael Zippin, primo do Ten. Av. Zippin, e o Tenente Dálio Zippin do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Paraná, este filho do Dr. Dálio Zippin, advogado de Curitiba/PR, nascido em São Paulo em 31 de julho de 1912, e irmão do Ten. José Zippin Grinspun.

CAPÍTULO 26

A FAB na Segunda Guerra Mundial – Ex-combatentes

Jacob Zveiter

Jacob Zveiter nasceu no Rio de Janeiro/RJ em 15 de janeiro de 1924, filho de Moysés Zveiter e Geny Zveiter. É irmão do Ministro Waldemar Zveiter.

Serviu na Base Aérea do Galeão e em Brasília, onde se reformou em 8 de outubro de 1969 no posto de Tenente-Coronel. Serviu em zona de guerra de 27 de janeiro de 1944 a 8 de maio de 1945, como especialista em Controle de Tráfego Aéreo

Estudava medicina no Rio de Janeiro, quando foi convocado na classe de 1924. Foi transferido do Exército para a Aeronáutica. Dentre outras missões, realizou o patrulhamento do litoral brasileiro nos aviões Fokke Wulff e PBM Pro Boat Marine. Na época, circulavam boatos de que submarinos alemães faziam reabastecimento clandestino nas praias de Atafona e Grussaí (Campos/RJ) e carregavam areias monazíticas no litoral do Espírito Santo.

De Tenente a Tenente-Coronel obteve elogios e citações no curso da carreira. Serviu com os Brigadeiros Eduardo Gomes, Ignácio de Loyola Daher e Anísio Botelho.

Casou-se com Violet Radcliff Zveiter, que trabalhou como voluntária em fábrica de pólvora e foguetes dos EUA, no esforço de guerra americano. Finda a guerra, prosseguiu na carreira militar. Tem três filhos, Geny, Clara e Spencer. Reside em Brasília com a esposa, filhos, netos e bisnetos.

2.º Ten. Mec. Arm. Res. Conv. Bernardo Ferdinand Serra de Berredo

Em 24 de agosto de 1945, o Ministro da Aeronáutica classificou no 1.º Grupo de Caça o 2.º Ten. Mec. Arm. Res. Conv. Bernardo Ferdinand Serra de Berredo.

Seu neto, Tuli Lerner de Berredo, foi vice-diretor de Cidadania da FIERJ na Gestão Jayme Salim Salomão (2012-2014).

Abraão Friedman

Em 24 de agosto de 1945, o Ministro da Aeronáutica classificou no 3.º Regimento de Aviação o 2.º Ten. Mec. Av. Res. Conv. Abraão Friedman.

Bernardo Stifelman

Nascido em 20 de março de 1914, Bernardo era natural da Colônia Philipson, em Santa Maria da Boca do Monte/RS, filho de Guilherme Stifelman e Rosa Goldenberg Stifelman, judeus que foram trazidos no projeto de imigração do Barão Hirsch para o interior do Rio Grande do Sul e Argentina, transformando-se em autênticos gaúchos.

O barão fundou a Jewish Colonization Agency, que comprava terras no interior do Brasil, Argentina, Estados Unidos e Canadá, e pagava as passagens dos judeus que quisessem sair da Europa sofrida e se transformarem em agricultores naquelas terras carentes de povoação e mão de obra. Os Stifelman poderiam ter escolhido Moiseville no Pampa argentino, Erechim ou Quatro Irmãos, onde até hoje existem judeus descendentes daqueles trazidos pelo barão. Mas por alguma razão, preferiram Santa Maria, passando a desfrutar da vida rural com que sonharam na Rússia.

Devido às dificuldades para plantar e comercializar a produção, como outros de seus correligionários, o jovem Bernardo deixou o interior, atraído pela cidade grande, onde de 1930 a 1936 foi ser auxiliar de escritório na Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, nas horas vagas frequentando o Círculo Social Israelita em Porto Alegre.

Gostava de aviões, que observava aterrissando e decolando no então longínquo aeroporto, depois Salgado Filho. Daí para alistar-se na Aeronáutica foi um passo.

Em 25 de setembro de 1935, assinada pelo Ten.-Cel. Gervasio Duncan de Lima Rodrigues, chefe da 3.^a Divisão da Diretoria da Aviação do Exército, foi publicada no Diário Oficial a relação dos candidatos ao Curso de Sargento Aviador Navegante, que tiveram os seus requerimentos despachados favoravelmente pelo Sr. General Diretor, na qual constava Bernardo Stifelmann, civil, 3.^a R. M., tendo concluído o Tiro de Guerra 318 em 1930.

Ingressa na Escola de Aviação Militar, do Exército, onde tirou o Curso de Sargento Aviador como Navegante, na Categoria de Metralhador.

Praça de 20 de abril de 1936, em 4 de janeiro de 1937 foi promovido a 2.^o Cabo, e em 17 de dezembro de 1937 a 1.^o Cabo.

Mandado servir na Base Aérea de Recife, foi Sargento e Suboficial, fotógrafo de voo, metralhador e bombardeador.

Eram tempos difíceis, a Alemanha já dominava meia Europa, Polônia, França, estendia seus tentáculos malignos para a África, e os submarinos ameaçavam a navegação atacando nossos navios em plena costa brasileira.

Bernardo passava longas horas a bordo de aeronaves patrulhando o Atlântico. Mas, felizmente, a ameaça nazista ao Brasil se desvaneceu, assim como os sonhos malévolos do III Reich de dominar a América Latina, em seus pretensos mil anos que foram apenas 12.

Assim, em razão de sua dedicada atuação, o 1.^o Sargento Q-FT Bernardo foi condecorado com a Cruz de Aviação, fita B, Medalha Militar da Campanha do Atlântico Sul, por ter realizado 32 missões de patrulhamento, e promovido a

Suboficial, SO-Q-FT, em 7 de dezembro de 1945, pelo Ministro da Aeronáutica Armando Trompowski.

Serviu em 1952 no Centro de Treinamento de Quadrimotores, até que por Decreto de 31 de março de 1953 o Presidente da República Getúlio Vargas decretou a sua passagem para a Reserva Remunerada, promovendo-o ao posto de 1.º Tenente Fotógrafo, por ter realizado missões de patrulhamento no Atlântico Sul, garantindo a livre navegação dos comboios ao longo da costa brasileira.

Na vida civil, Bernardo dedicou-se ao plantio de café e depois ao comércio, residindo hoje em Lauro de Freitas, município próximo a Salvador/BA, onde nas tardes calmas costuma observar o mar azul e o céu à sua frente, recordando os tempos da juventude em que admirava os antigos aviões em Porto Alegre, e as missões que cumpriu ali mesmo, sobrevoando aquele mar hoje à sua frente.

Israel Hollmann

Israel era mecânico de voo da FAB, também de Quatro Irmãos e já falecido.

Era primo dos também ex-combatentes Heitor Sennes Pinto e Moisés Gitz, os três originários da Colônia Agrícola de Quatro Irmãos, criada pelo Barão Hirsch no interior do Rio Grande do Sul.

1.º Sargento Jacob Asvolinsque

Em 25 de setembro de 1935, assinada pelo Ten.-Cel. Gervasio Duncan de Lima Rodrigues, chefe da 3.ª Divisão da Diretoria da Aviação do Exército, foi publicada no Diário Oficial a relação dos candidatos ao Curso de Sargento Aviador Navegante que tiveram os seus requerimentos despachados favoravelmente pelo Sr. General Diretor, onde constava Jacob Asvolinsque, soldado do 16º Batalhão de Caçadores.

Em 28 de outubro de 1949, lhe foi concedida a Medalha de Bronze, com passadeira do mesmo metal, por contar mais de 10 anos de bons serviços, sem qualquer nota desabonadora de sua conduta.

Faleceu no Hospital da Aeronáutica e sua família é muito grata à FIERJ, principalmente pelo aporte do presidente Ronaldo Hazan de Gomlevsky, cujo apoio foi fundamental e em curto tempo conseguiu medicamentos para aliviar a dor e trazer dignidade a este judeu.

Compartilhei este momento e suas últimas palavras, um claro “Shema Israel” em sua agonia de dor. Recitado com extremo esforço e sofreguidão.⁴

Sargento Especialista Jaime Guinsburg⁵

Nascido em Santos/SP, em 1927. Ainda aos 16, 17 anos matriculou-se na ETAv – Escola Técnica de Aviação, instituída pelo Ministério da Aeronáutica por contrato com a John Paul Ridle Aviation Technical School, que funcionou na

⁴ Comentário de Mauro Frajblat Goroditch no Grupo Crônicas Judaicas do Facebook. Acesso em: 25 mai. 2013.

⁵ LICHAND, Gisela. *Shalom Documento* – Suplemento 299, p. 109-111.

Hospedaria dos Imigrantes do Brás, em São Paulo, e que originou a Escola de Especialistas de Aeronáutica de Guaratinguetá. Havia um outro colega judeu, Adolfo Berezin. Foi designado para a Base Aérea do Recife, participando de muitas missões de patrulhamento no Atlântico Sul, nos PV-1, bimotor de bombardeiro picado, e nos anfíbios Catalina. E, ainda, o sargento judeu, Bernardo Stifelman, de Porto Alegre, formado pela Esc. Esp. do Galeão, e tinha cursado Foto Aérea nos EUA.

Fez também voos de Beechcraft do antigo Correio Aéreo Militar, hoje CAN. Com o final da guerra, foi transferido para o 1.º Grupo de Transportes, onde permaneceu um ano, licenciando-se em 1946.

Seu pai, José Guinsburg, era membro ativo da comunidade, participava da Bessaraber Farband – Associação Brasil-Bessarábia, na Rua da Graça, no Bom Retiro/SP. Foi um dos primeiros a receber uma máquina de escrever com caracteres hebraicos.

Tenente Adolpho Berezin⁶

Adolpho Berezin, filho de imigrantes judeus, nasceu em 6 de novembro de 1926, no bairro do Bom Retiro em São Paulo, bairro que abrigava grande parte da comunidade judaica do estado.

Aos 17 anos, participou da Segunda Guerra Mundial engajado na Força Aérea Brasileira (FAB). Durante esse tempo, concluiu o curso de Especialista em Aviões pela Escola Técnica da Aeronáutica, órgão do Ministério da Aeronáutica, e também se especializou em aviões de patrulhamento, particularmente o avião PBY5A na United States Navy, passando a desempenhar a função de engenheiro de voo.

Ainda na FAB, participou do patrulhamento marítimo em contra-ataques a submarinos alemães que atuavam no Atlântico Sul. Chegou a Tenente e foi agraciado por operações em combate no Atlântico com a Medalha Cruz de Aviação e a Medalha Campanha do Atlântico Sul.

Ao terminar a guerra, Adolpho Berezin passou a atuar em movimentos sionistas junto à comunidade judaica em São Paulo. Em 1947, participava do Centro Hebreu Brasileiro (CHB).

Em 1952, Adolpho Berezin formou-se pela Faculdade de Odontologia da USP e concluiu o curso de Metrologia pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas da mesma universidade, passando a se dedicar ao serviço social. Presidiu a Sociedade Beneficente Ezra, entidade que atuava no auxílio de carentes e doentes e possuía um sanatório para pacientes com tuberculose na cidade de São José dos Campos, que mais tarde originou com outras duas entidades a Unibes – União Brasileiro-Israelita do Bem-Estar Social.

Adolpho fundou uma cooperativa da qual se originou o Banco Renascença, no qual foi muito tempo diretor, banco adquirido posteriormente pelo Safra.

⁶ DIANNO, Marcelo Vidice. Disponível em: <<http://eteab.com.br/cms/index.php/patrono/>> Acesso em: 4 mar. 2015.

Adolpho Berezin foi fundador, sócio veterano e presidente do Rotary Club São Paulo – Bom Retiro. Em reconhecimento aos significantes serviços sociais nesta entidade, recebeu a Medalha Paul Harris Fellow, honraria entregue àqueles que mais se destacam filantropicamente.

Faleceu aos 63 anos, no dia 20 de julho de 1990. Em 1993, a Escola Técnica Estadual de Mongaguá passou a se chamar “ETE Adolpho Berezin”, uma homenagem àquele que, além de desempenhar importante papel social, havia doado em vida o terreno para a instalação da escola.

CAPÍTULO 27

FAB – Quadros de Carreira

Ten.-Cel. Oscar Grubman

Nasceu em 21 de dezembro de 1942 e faleceu em 3 de julho de 1977. No dia 6 de março de 1961, o jovem Oscar e mais 244 jovens de todo Brasil desembarcaram dos vagões de madeira em Barbacena para enfrentar uma típica manhã de frio barbacenense e caminhar, pela linha férrea mesmo, até a sede da EPCAR – Escola Preparatória de Cadetes da Aeronáutica. Três anos depois, em 1964, a Turma Sai da Reta descia as montanhas do sul mineiro para sentar praça na antiga Escola de Aeronáutica, localizada no eterno Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro.

A lembrança do primeiro voo solo... naquela manhãzinha bem cedo... o assento do instrutor vazio, e nas mãos firmes daquele garoto, o sonho de levantar do chão um mais pesado que o ar novamente seria realizado...

O voo parecia interminável, era preciso cumprir à risca todas as instruções recebidas durante o primeiro ano nos *briefings* e *debriefings*, nas sessões de simulador, checar tudo, conferir os instrumentos, fazer os contatos... Na volta, a visão tranquilizadora do asfalto se oferecendo para a descida segura, rolar pela pista, estacionar o avião, o vento das hélices, o ronco dos motores ao longe e o cheiro do óleo, o encontro com o grupo e o batismo de voo...

Ele conseguiu, naquele dia ficou provado que poderia ser um aviador, usar na farda o brevê das asas prateadas da FAB.

Era uma vez um menino pobre de Madureira que gostava de aviões... As paredes do quarto na casa da vila viviam cobertas de recortes das máquinas prateadas, tiradas de revistas e jornais. Com seu jeito tranquilo e mãos hábeis, Oscar se entretinha, montando aeromodelos. Ao longe, via passar os aviões na rota dos Afonsos. Os pequenos T-6, os grandes Sapões lançando paraquedistas. Às vezes, um enorme Super H Constellation da VARIG voando alto, identificado pelos tanques que levava nas pontas das asas.

Os aviões roncando em cima das casas, os carros de combate movimentando-se à nossa frente na estrada, o tropel da Cavalaria, tantos quartéis próximos



► Logomarca da Turma Sai da Reta – EPCAR – 1964 – Barbacena, a qual pertenceu o Aluno 61-078 Oscar Grubman. Disponível em: <www.saidareta.com.br> Acesso em: 1.º ago. 2013.

influenciaram muitos amigos de infância a tentar as escolas preparatórias. Mas apenas os melhores conseguiam. Oscar foi um deles, dentre os primeiros da turma, dotado de uma inteligência privilegiada.

Com o tempo nos separamos. A velha Escola Peretz fora demolida, para dar lugar ao Viaduto Negrão de Lima. Mudou-se para a Carolina Machado. Terreno valioso em frente à estação, sucumbiu à especulação e um dia fechou. O tempo



► 1967 – Grubman, então 2.º Tenente Aviador, é o segundo da esquerda para a direita, em Natal/RN, no dia em que solou a aeronave Beechcraft TC-45T. Os quatro pilotos acabavam de tomar o tradicional banho de mangueira promovido pelos bombeiros da Unidade. Acervo de Luiz Tito Walker de Medeiros (primeiro à direita).

passou, e aquelas crianças felizes que andavam descalças pelas ruas do subúrbio vieram a ser executivos, médicos e artistas conhecidos, coronéis, um chefe da torcida organizada do América que deixava os pais doidos... uma bailarina famosa... donas de casa... cidadãos comuns.

Uma vez nos encontramos em uma solenidade. Corria o ano de 1967. O 2.º Ten. Oscar vestia a farda cáqui antiga da FAB, herança dos tempos da Aviação do Exército. Tinha acabado de sair da Escola do Campo dos Afonsos. O pai, homem honrado que criou três filhos, ganhando o pão de cada dia com o suor do próprio rosto, estava orgulhoso: “Meu filho está feito na vida!”

Mas, quando uma criança nasce, seu destino já foi selado pelo Grande Arquiteto do Universo, e nada poderá mudá-lo.

Era uma tarde de domingo. A aeronave C-95 FAB 2157 decolou em 3 de julho de 1977 da Base Aérea de Natal, Campo Eduardo Gomes (Parnamirim/RN). Sua tripulação estava composta pelo 1.º Piloto Cel. Av. Antônio Carlos Azevedo da Rocha Paranhos e 2.º Piloto Maj. Av. Oscar Grubman, em Missão de Transporte.¹

Logo após a decolagem, a máquina oscilava perigosamente, já não mais respondendo aos comandos. Pouco restava a fazer. A tecnologia cobrou do homem o seu tributo. Nos últimos momentos, a vida desfilou pela mente de Oscar. Seus pais, a família, os colegas da escola. Pressentia que a hora estava

¹ Dados do relatório do acidente disponível no CENIPA, fornecidos por Franz Matheus – Cel. Av. R/1, Chefe da DIPAA, mediante autorização do Brigadeiro Diretor.



► 1966 – Wilson Cavalcanti, hoje Coronel da Reserva, e Oscar Grubman, cadetes do 3.º Ano em um C-47 ou um Avro 748, no trecho Pirassununga-Rio. No banco detrás, outro colega de turma, Júlio Sereni. Acervo do Cel. R/R/Wilson Cavalcanti.



► 1972 – Grubman é o primeiro da esquerda para a direita, quando cursava a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica, em Cumbica/SP. Acervo do Cel. R/R/Wilson Cavalcanti.

chegando. Haveria de apresentar-se ao Criador para prestar contas e receber um julgamento. Estava sereno, de vez que nunca havia feito mal a ninguém. Ainda tentou tirar da máquina uma última reação. Houve tempo apenas para que seus lábios semicerrados pronunciassem pela última vez a oração milenar dos antepassados, que seu pai lhe ensinara.



► 1964 – Campo dos Afonsos/RJ – Grupo aguardando voo posa à frente de um Gloster Meteor F-8, do 1.º Grupo de Caça (Senta a Pua), estacionado nos Afonsos. Grubman é o terceiro da direita para a esquerda. Acervo do Cel. R/R/Wilson Cavalcanti (segundo da direita para a esquerda).



► 1966 – Brasília – Viagem da Turma. Grubman é o primeiro agachado à esquerda, sem quêpi. Acervo do Cel. R/R/Wilson Cavalcanti (quinto de pé à direita, sem quepe).

Nada mais havia a fazer. Sem que ninguém soubesse, o Anjo da Morte também havia embarcado naquele voo. Qual o oitavo passageiro da nave *Nostromo* do filme *Alien*, recebera a missão de interromper a jornada daquela aeronave em céus potiguaros. Tal desígnio divino, do qual nenhum ser humano jamais escapou, tem a força de um veredicto irrevogável e irrecorrível, emanado d'Aquele que tudo conhece, tudo pode, e que em sua infinita sabedoria fez escrever pela mão invisível numa parede – *Mane, Thecel, Phares*: pesado, medido, contado.²

O avião se espatifou no solo. Infelizmente, não houve sobreviventes entre os quatro tripulantes e 14 passageiros. Mais uma vez um Grubman se sacrificava. Na Europa sofrida, tios e primos distantes pagaram com a vida pelo ódio que produziu um Holocausto. Aqui, o Major Oscar, com 2.925 horas de voo, Praça de 1961 e Aspirante da Turma de 1966, brasileiro nato de primeira geração, também partiu prematuramente, mas servindo à Pátria, em uma Terra Abençoada. Era o segundo acidente com a frota de 60 Bandeirantes da FAB. Contando com as aeronaves civis, era o oitavo, sendo que em cinco não houve vítimas.

Às vezes, os antigos alunos da Escola de Madureira se reúnem num almoço. Contemplando as antigas fotografias amarelcidas, uma chama atenção. No palco, a figura esbelta de Oscar destaca-se em meio aos colegas. Alto, magro, com a farda do colégio, paletó e calça também cáqui, a fisionomia serena, parece lançar um olhar ao longe, aos céus com que tanto sonhava...

² Palavras que, segundo o livro de Daniel, apareceram na parede da sala onde o rei Baltasar promovia uma festa sacrílega.

Oscar poderia ainda estar aqui. Talvez ostentasse as estrelas de Brigadeiro, como muitos de sua turma. Passados 50 anos, em 18 de março de 2011, a Turma Sai da Reta comemorou seu Jubileu de Ouro em Barbacena, com a presença do Comandante da Aeronáutica, Tenente-Brigadeiro do Ar Juniti Saito e o Comandante da EPCAR, Brigadeiro do Ar Carlos Eurico Peclat dos Santos. O orador ³ recordou os anos de 1964 e 1965, vividos no legendário Campo dos Afonsos, os primeiros passos como pilotos militares na aeronave Fokker T-21, e o inesquecível North American Texan T-6, no destacamento precursor da Academia da Força Aérea, na cidade de Pirassununga, no ano de 1966, já como Cadetes do 3.º ano do Curso de Formação de Oficiais Aviadores.

Já transcorreram 50 anos do ingresso na EPCAR, e 45 anos de formatura na Escola de Aeronáutica. Viveram momentos maravilhosos e, lamentavelmente, também de tristeza, pois alguns companheiros que iniciaram esta longa jornada ficaram pelo caminho, atendendo a um precoce chamado do Criador. A esses inesquecíveis amigos, rendeu a Turma as suas homenagens, na certeza de que, estejam onde estiverem, certamente estão imantados, com a grandiosidade do magnífico encontro de homens idealistas.

Foi descerrada uma placa comemorativa ao Jubileu de Ouro da Turma que encerra, em seus dizeres, uma síntese do amor que nutrem pela instituição que tão bem os acolheu e criou as bases para que pudessem se transformar em excelentes profissionais da Força Aérea Brasileira e cidadãos de bem.

³ Alocução alusiva ao Jubileu de Ouro da Turma Sai da Reta por Manuel Cambeses Júnior – Cel. Av. Ref., Aluno 61-238 Barbacena, 18 de março de 2011.



► 1965 – Estágio Básico nos Afonsos – Grubman é o primeiro agachado à esquerda. CD da Turma.



► 1965 – Estágio Básico nos Afonsos – Grubman é o primeiro em pé à direita. CD da Turma.

Por decreto de 5 de dezembro de 1977, assinado pelo Presidente da República Ernesto Geisel e pelo Ministro da Aeronáutica Brigadeiro Joelmir Campos de Araripe Macedo, o Major Aviador Oscar Grubman foi promovido *post-mortem* ao posto de Tenente-Coronel, e em 25 de setembro de 1979 foi admitido *post-mortem* na Ordem do Mérito Aeronáutico, no grau de Oficial. Que a sua alma siga os caminhos da Vida Eterna.



► 1965 – Estágio Básico nos Afonsos – Grubman é o segundo em pé à esquerda. CD da Turma.

Isaac Ohana⁴

Isaac é paraense de origem marroquina. Foi transferido para o Sul e acabou lá se radicando, tendo servido na Base Aérea de Canoas/RS. Foi presidente do CHR – Centro Hebraico Rio-Grandense, a única sinagoga sefardita do Sul.

Começou como sargento especialista e hoje está na Reserva como Coronel, ganhando todos os postos com grande honra. Ele mora atualmente em Canoas/RS com a esposa Ruth. Fomos amigos desde a infância em Belém e, além de seu trabalho como militar, ele teve uma atuação destacada no Grêmio Azul e Branco, onde se reunia a juventude judaica da época e de onde saíram vários casamentos na comunidade.⁵

Cel. Av. Samuel Schneider Neto

Samuel Schneider Neto foi da Turma de 1957 da Escola de Barbacena, BQ-57, a TQP – Turma Quase Perfeita, e Aspirante de 1962.

Tirou o bacharelado em Direito na UFRGS, na turma de 1968, a famosa “Turma do Sino”. Foi criada a “Ordem do Sino”, segundo a qual cada membro da turma se torna guardião do sino por um ano e se encarrega de promover um jantar de fim de ano, quando a turma se reúne, pratica a fraternidade, lembra dos velhos e queridos professores – entre eles Paulo Brossard, Salgado Martins e Ruy Cirne Lima. E a posse do símbolo é passada para um outro colega. O último sobrevivente da turma tem a missão de devolvê-lo para a Faculdade.

Entre os componentes dessa Turma do Sino, encontram-se advogados e juristas com fama internacional, desembargadores, um presidente do STJ, e colega que foi presidente do Supremo Tribunal Federal e Ministro da Defesa, Nelson Jobim.

Schneider serviu em Congonhas na área de Segurança de Voo.

Rabino João Fernandes Dias de Medeiros – 2.º Ten. da FAB⁶

O Rabino da Sinagoga Braz Palatnik, Dr. Medeiros, nos recebe com sua esposa Marlene Medeiros. Ele é também o *Rosh Yeshivá* (diretor) do Seminário Rabínico Etz Hayim (árvore da vida).

A descoberta do restante do mundo judaico ocorreu com 40 anos, em 1973. O Rabino estava com a FAB no Rio e escutou o Rabino Lemle no rádio. Era uma cerimônia em memória do Holocausto, na Hebraica. Ficou, então, muito emocionado, a ponto de preocupar seu filho, na época com 15 anos. *Não, esse povo está vivo, não são cristãos de origem judaica...* Tinha convicção que era judeu e não sabia que o povo judeu estava vivo. Descobriu que estava vivo numa cerimônia de morte.

João Medeiros cursou em Guaratinguetá, de março de 1953, a Escola de Especialistas de Aeronáutica. Foram dois anos, saindo 3.º Sgt. Mec. de voo.

⁴ Depoimento do Maj. Méd. PMAM Isaac Dahan.

⁵ Depoimento do Dr. Isaac Dahan, de Manaus.

⁶ Entrevista concedida ao autor em sua residência em Natal – 26 mar. 2012.

Foi classificado no 5.º G Av em janeiro de 1955, onde conheceu sua esposa D.ª Marlene.

Do 5.º Grupo foi para o 6.º Grupo em Recife, já como 2.º Sgt. de Fotogrametria. Na Base de Recife, foi reformado devido a um enfisema pulmonar e outros problemas de saúde, devido à aspiração de gás de escape dos B-25. Foi reformado como 2.º Ten.

Cursou a Escola de Engenharia e Teologia no seminário presbiteriano de Recife, em 1956. Era conselheiro de educação religiosa – preparava a revista para a escola dominical. Discutia muito, Israel era um país como outro qualquer, o Israel bíblico tinha sido rejeitado por Deus, a igreja era o novo Israel.

Mas isso ele não aceitou, Israel nunca deixou de ser do povo eleito. Pagava o dízimo. Em carta ao Presbitério em Pernambuco, pediu para sair, pela decepção. Sua consagração rabínica ocorreu a 24 de dezembro de 2006.

Medeiros não aceitava a conversão, pois já era judeu. A conversão seria para um não judeu, o que não era o caso.

Origens judaicas no sertão potiguar⁷

Sobrenomes, origem de algumas palavras e costumes. Aparentemente esses elementos não têm ligação, mas foi através deles que Medeiros conseguiu resgatar suas origens judaicas no Seridó nordestino. Sua história, assim como os caminhos percorridos pelos judeus desde a partida do antigo reino da Judeia, passando pela Espanha, Portugal, até a chegada no Nordeste brasileiro, está descrita no livro *Nos passos do retorno – Descendentes dos cristãos-novos descobrindo o judaísmo de seus avós portugueses*.

Em meio à narrativa da viagem, o autor, engenheiro civil aposentado e também bacharel em teologia e história pela UFPE, faz relatos históricos dos caminhos percorridos pelos seus descendentes até a chegada ao interior nordestino. “Os cristãos-novos vieram de Portugal para cá buscando um espaço para poderem viver como judeus.”

Medeiros ainda afirma em sua obra que muitos fatos, embora descritos em documentos antigos, sempre foram ocultados da história oficial do Brasil. “O povoamento do Seridó foi feito pelos cristãos-novos”. Uma das provas dessa afirmação está na etimologia das palavras utilizadas na região:

“muitos escritores descrevem o significado da palavra Seridó pela paisagem semi-árida, afirmando que é um campo de mato ralo. Mas, estudando a etimologia das palavras, em hebraico Seridó, significa o sobrevivente d’ELE”.

O autor tem origens no Seridó e afirma:

“Só nasci em Cajazeiras, na Paraíba, devido a uma obra que meu pai, o engenheiro civil Ab-Dias, estava fazendo lá. Mas as minhas origens são de Acari. Consegui chegar até as origens dos meus tetravós, que em 1750 estavam nascendo em Acari. Eles eram judeus, assim como meus bisavós, avós e pais”.

⁷ <http://www.coisasjudaicas.com/2006/10/iv-congresso-sefaradi-participem.html>

Dias de Medeiros diz que ainda hoje muitos costumes judaicos fazem parte do dia a dia seridoense. A circuncisão no oitavo dia de nascido, lavar o cadáver antes de sepultá-lo e enterrar o morto sem caixão são alguns deles.

“Eu fui circuncidado no oitavo dia de nascido (...) Voltei ao judaísmo por causa da minha história de vida, do meu povo bíblico, que pouco a pouco fui escavando e descobrindo o passado escondido de propósito. Não concordava com a vida de cristão.”

CAPÍTULO 28

FAB – Quadro de Saúde

Brigadeiro Médico Dr. Waldemar Kischinewsky

Waldemar Kischinewsky era um dos quatro filhos homens do escritor Adolpho Kischinewsky, nascido na Moldávia em 1890, e de D.^a Berta Medovedowsky, pouco mais jovem, de Russenie Gubernie. Imigraram primeiramente para a Argentina, onde se casaram e nasceu Esther em 1916. Waldemar nasceu em 1926 em Nilópolis/RJ, tendo falecido no Rio de Janeiro em 30 de abril de 2003. O pai Adolpho era editor de um jornal em iídiche e morreu ainda jovem. Escreveu um livro em iídiche sobre sua experiência de imigrante, *Naie heime* (novos lares), que foi traduzido nos anos 2000 no âmbito de um projeto que compreendeu o lançamento de um filme sobre a antiga comunidade judaica de Nilópolis e o projeto de recuperação da sinagoga da Rua Mena Barreto.

Com o falecimento do pai, a mãe e o filho mais velho Jacob sustentaram a família.

O jovem Waldemar estudou no Colégio Pedro II de São Cristóvão. Trabalhou desde os 12 anos vendendo camisetas. Durante a faculdade, cursou o CPOR e foi ainda representante comercial de remédios e técnico de R-X, uma novidade promissora com a qual trabalhou no Hospital dos Servidores do Estado.

Seu primo Bernardo o apresentou ao prof. Nicola Caminha, o maior vulto da Radiologia nacional, que veio a ser o mentor profissional de Waldemar, e a quem substituiu na Cadeira 90 da ANM – Academia Nacional de Medicina.

Sua esposa Inah Mochel Kischinewsky era de São Luiz e o incentivou na carreira. Eram colegas de turma na Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, atual Faculdade de Medicina da UNIRIO, nos anos 1946-1951. A Dr.^a Inah foi médica da ECT e perita do INSS. Foi a primeira colocada no vestibular em 1946 e em todos os semestres até 1951.

O casal teve quatro filhos. Walter, cardiologista formado na UNIRIO seguiu os passos do pai, alcançando também o posto de Brigadeiro-Médico. Walter cursou o Colégio Militar de 1969 a 1976. Arthur, radiologista, era o primogênito, estudou no Colégio Militar de Fortaleza, tendo falecido prematuramente em 1988



► Brigadeiro Médico Dr. Waldemar Kischinewsky, retrato na Galeria dos Diretores do HCA – Hospital Central da Aeronáutica, no Rio Comprido, Rio de Janeiro/RJ (Gestão 7 de abril de 1981 a 2 de fevereiro de 1983). Acervo do autor.

aos 38 anos. Maurício, físico e professor, foi diretor do Instituto de Computação da Universidade Federal Fluminense e cursou o Colégio Militar de 1971 a 1977 (Artilharia). Marcelo é jornalista e professor. A família tem mais integrantes servindo a FAB, como a Tenente Dentista QOCON Nina Kischinevsky Candeli, do HFAG, incorporada em 1.º de fevereiro de 2006,

Waldemar Kischinewsky foi o primeiro Oficial General judeu da FAB. Foi diretor do HCA – Hospital Central da Aeronáutica, no Rio Comprido, Rio de Janeiro e do Centro de Medicina Aeroespacial (CEMAL).

Foi membro da Academia Nacional de Medicina, Academia Brasileira de Medicina Militar e da Academia Brasileira de Reumatologia.

Presidiu o Colégio Brasileiro de Radiologia e a Sociedade Brasileira de Radiologia.

Waldemar serviu a FAB de 1951 a 1989, e trabalhou com os Ministros Brigadeiros Eduardo Gomes e Delio Jardim de Mattos. Em 1984 cursou a ESG.

O Brig. Méd. RR Dr. Edson Brandão Guimarães assim se referiu ao Brig. Waldemar:

“Por duas vezes dirigiste o HCA com competência, dinamismo e entusiasmo. Muito deve a ti o Serviço de Saúde.... a radiologia... não existiam essas máquinas fabulosas e já enxergavas o que ninguém via. Consideravam-te um dos melhores!”⁸

⁸ Um adeus ao Waldemar Kischinewsky, *Revista Aeronáutica*, Rio de Janeiro, 5 out. 1925.

Brig Méd. Dr. Walter Kischinhevsky

Tal pai... tal filho⁹

Filho de peixe peixinho é, reza a sabedoria popular. Em 4 de abril de 2014, exatos 33 anos depois, o filho Walter foi empossado como diretor do HFAG – Hospital de Força Aérea do Galeão, ostentando as platinas de Brigadeiro Médico da Força Aérea Brasileira, assim como seu saudoso genitor Brigadeiro Médico Dr. Waldemar Kischinhevsky (Z”L), o primeiro oficial-general judeu da nossa FAB.

Era uma manhã radiante no topo da suave colina onde se ergue o HFAG, as bandeiras tremulando à brisa que sopra mansa da Baía de Guanabara, na Ilha do Governador, de ricas tradições aeronáuticas, desde que nas décadas iniciais do século passado lá se estabeleceu a Aviação Naval na ponta do Galeão.

O ruído das turbinas das aeronaves decolando do aeroporto próximo, e o matraquear ao longe das armas no Estande de Tiro remetem à Publius Flavius: “si vis pacem, para bellum” – se queres a paz, prepara-te para a guerra.

Os Kischinhevsky vieram de longe. Tangidos pela intolerância do outro lado do mundo, vieram estabelecer-se em Nilópolis. Tempos duros, futuro incerto, mas à custa de muito estudo e trabalho aqueles meninos que brincavam nas poeirentas ruas de terra do subúrbio distante venceram na vida, dando uma relevante contribuição à sociedade, seja na medicina, nas ciências, na academia.

Os da geração de imigrantes já se foram, adentrando o Jardim do Éden pelo Portal do Paraíso, e lá do alto certamente observam e se alegram.

⁹ *Nosso Jornal*. www.nosso.jor.br –15 abr. 2014.



► Brig. Méd. Dr. Walter Kischinhevsky ao tornar-se Oficial General. *NOTAER*, jornal do Centro de Comunicação Social da Aeronáutica (CECOMSAER).

Posse do Brig. Méd. Dr. Walter Kischinhevsky como Diretor do HFAG

A solenidade vai começar, diante da tropa de farda azul impecável em forma, e o seletor público. Familiares, amigos, antigos ministros e comandantes da Aeronáutica, tantos Brigadeiros, da Ativa e da Reserva, e um dos últimos Veteranos do glorioso Senta a Pua, o 1.º Grupo de Aviação de Caça que lutou contra o nazi-fascismo na Segunda Guerra Mundial sob a bandeira brasileira.

O diretor de Saúde da Aeronáutica recebe a continência do novo diretor do HFAG, dirigindo palavras elogiosas ao Brig. Walter, que qualifica como grande cardiologista da FAB, um dos melhores ecocardiografistas do Rio de Janeiro, realizando excelente gestão no Hospital de Aeronáutica de Belém.

A cerimônia é singela, mas significativa. Já empossado, o Brig. Walter passa em revista a tropa perfilada, seguindo-se o desfile, quando vemos a importância das mulheres na FAB, já que elas comandam vários pelotões, e à frente de todo o contingente marcha uma Tenente-Coronel Médica. O garbo e marcialidade dos militares impressionam a todos. O pessoal da Saúde nada deixa a dever aos combatentes.

O dia de hoje foi certamente a materialização de um sonho, iniciada em uma formatura já distante no tempo, quando o jovem Walter, após cursar a UNIRIO, recebeu as insígnias de Tenente Médico da FAB, para alegria do pai Waldemar e de toda a família.

Todo jovem que ingressa na Saúde da Aeronáutica sonha com um dia assim, seus méritos reconhecidos em ambiente de elevada tecnologia médica e profissionalismo.

O caminho foi longo, e nesta nova e importante etapa, a certeza de que o Brigadeiro Walter prosseguirá sempre com a mesma dedicação à Aeronáutica e ao Brasil.

Dados biográficos Brig. Méd. Dr. Walter Kischinhevsky¹⁰

Natural do Rio de Janeiro/RJ. Praça de 1.º de março de 1985, tendo sido declarado 1.º Tenente em 1.º de março de 1985.

- ▶ **Principais cargos:** Hospital de Força Aérea do Galeão (1992 – 1994; 2001 – 2009); chefe da Seção de Cardiologia, chefe da Divisão de Ensino e Pesquisa, chefe da Subdivisão de Clínicas Médicas, chefe da Divisão de Atividades Complementares. Diretor no Hospital de Aeronáutica de Belém (2010-2011); e vice-diretor do Hospital de Força Aérea do Galeão.
- ▶ **Condecorações:** Ordem do Mérito Aeronáutico, grau de Oficial; Medalha Mérito Santos Dumont; Medalha Militar de Prata; Medalha Mérito Tamandaré.
- ▶ **Cargo designado:** Diretor do Hospital de Força Aérea do Galeão (HFAG)

¹⁰ NOTAER, jornal do Centro de Comunicação Social da Aeronáutica (CECOMSAER). www.fab.mil.br, Ano XXXVII, n.º 4, abr. 2014.

Cel. QOMED Refm. Dr. Raphael Benchimol

Sob influência paterna, Raphael Benchimol, nascido em um seringal no interior da Amazônia, decidiu seguir a medicina. Seu pai, Isaac Israel Benchimol, nascido no Brasil e educado em Tânger, exercia no interior do Amazonas atividades de farmacêutico e contador, entre outras.

Com o fim do ciclo da borracha, a família se estabeleceu em Manaus, e o jovem Raphael foi estudar medicina na Bahia, na primeira Faculdade de Medicina do Brasil.

Nascido em 1921, Raphael Benchimol foi admitido no CPOR quando estudante de medicina, tendo sido voluntário para a Segunda Guerra Mundial, que terminou antes que ele pudesse ter sido convocado.

Ao formar-se em 1946 pela Universidade Federal da Bahia em Salvador, viajou para o Rio de Janeiro e prestou concurso para médico oftalmologista na Aeronáutica, sendo aprovado em primeiro lugar. Com isso, iniciou sua carreira como médico militar, trabalhando desde 1946 no Hospital Central da Aeronáutica.

Dr. Raphael Benchimol especializou-se em oftalmologia no New York Eye and Ear Infirmary em 1947.

Fez vários cursos no exterior, estabeleceu as bases para um sistema de seleção de pilotos utilizado até hoje, e descobriu uma alteração ocular que nomeou como “Síndrome da Pré-Miopia”, importante na seleção de pilotos. Voou por todo o Brasil em diversas missões no interior, especialmente Amazônia e Xingu, levando a oftalmologia até aqueles rincões ainda distantes naquela época.



► Cel. QOMED Refm. Dr. Raphael Benchimol, ao ser admitido na FAB como 1.º Tenente Médico. Acervo pessoal Dr. Raphael Benchimol.

Trabalhou com o Dr. Ramon Castrovierro, grande cirurgião e inventor de diversas técnicas e de instrumentos utilizados até hoje.

Representou o Brasil diversas vezes em congressos e simpósios internacionais apresentando diversos trabalhos científicos. Participou do Congresso da Academia Americana e da Sociedade Francesa de Oftalmologia, em Paris, em maio de 2000. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Oftalmologia, e membro do CBO, AAO, entre outras. Possui uma das mais antigas inscrições no CRM: 52.00937-2

Com estímulo e apoio da esposa Donna Benchimol, artista plástica, abriu um consultório em Copacabana, onde comparece até hoje, tendo se transformado em ampla e conhecida clínica, expandindo-se para diversos andares, com mais de 20 salas, tendo estabelecido em 1988 o primeiro centro cirúrgico não hospitalar exclusivo para oftalmologia. Hoje sua equipe conta com 23 médicos, sendo oito da família Benchimol, na Av. Nossa Senhora de Copacabana n.º 680.

*Meu pai foi, portanto, uma fonte de inspiração para mim, influenciando-me a ser cirurgião oftalmologista especializado em catarata. Ainda hoje, aos 93 anos em 2014, é um homem de visão, sendo meu maior conselheiro.*¹¹

Tendo como base o estudo constante e as atualizações permanentes em congressos nacionais e internacionais, a clínica assumiu o compromisso de servir mais e melhor a todas as pessoas.

A história da Clínica de Olhos Benchimol se confunde com a história da família Benchimol. Desde o século XIX, na cidade de Tânger, no Marrocos, a família Benchimol já estava ligada à medicina, tendo construído um hospital com o seu nome, Hospital Benchimol.¹²

Dr. Isaac Samuel Benchimol

Nasceu a 23 de outubro de 1929 em Belém – PA. Praça de 3 maio 1961, era médico da Base Aérea de Belém, 1.ª Zona Aérea, no posto de 1.º Tenente, desde 16 de março de 1962. Passou para a Reserva Remunerada em 1985.

Cel. Méd. Dr. Gregorio Feldman¹³

Dr. Gregorio nasceu no Rio de Janeiro aos 13 de fevereiro de 1953, filho de Miguel Feldman, natural do Rio de Janeiro e Branca Bumashny Feldman, natural de São Paulo. Estudou nos Colégios Barilan, Max Nordau, Pedro II, Brasil-América, formando-se em Medicina pela UGF.

Serviu na AFA – Pirassununga (1980), HFAG – RIO (1981-1997 e 2000-2003). Trabalhou também no IASERJ de 1974 a 1996.

¹¹ Depoimento de seu filho, também médico oftalmologista, Dr. Sérgio Benchimol, da Clínica de Olhos Benchimol, em Copacabana – Rio de Janeiro/RJ.

¹² <http://www.benchimolclinic.com.br/historia.html>

¹³ Entrevistado em 11 de dezembro de 2010 no CIB, em Copacabana – Rio de Janeiro/RJ.



► Panóplia oferecida ao Major Gregório Feldman por ter servido no Department of Peacekeeping Operations da ONU de 15 de maio de 1997 a 28 de fevereiro de 1999, na função de Medical Supply Officer da Unidade de Suporte Médico. Acervo pessoal Cel. Méd. Dr. Gregório Feldman.



► 1997 – Major Gregório Feldman ao ser designado para servir na ONU, com Brig. Méd. Monteiro, Brig. Méd. Ricardo Germano, Diretor de Saúde, e Cel. Roberval. Acervo pessoal Cel. Méd. Dr. Gregório Feldman.

O então Major Gregorio Feldman serviu no Department of Peacekeeping Operations da ONU de 15 maio 1997 a 28 de fevereiro de 1999, na função de Medical Supply Officer da Unidade de Suporte Médico. Esteve no Saara Ocidental – Marrocos (1998) e República Centro Africana (1998).

Tirou o curso de Medicina Aeroespacial (1979) e ainda no Hospital Hadassa (Jerusalém) e Hospital Eppendorf (Hamburgo).

É Membro da ABMM, Federação Brasileira de Gastroenterologia e Sociedade Brasileira de Endocrinologia Digestiva.

Passou para a Reserva em mar 2003 no posto de Ten.-Cel. Méd., servindo no HFAG como Chefe da Divisão Médica.

Já na Reserva, serviu como médico voluntário em 2006 no Hospital Ichilov em Tel Aviv, durante a Guerra do Líbano.

Cel. Méd. Dr. Max Feldman

Max Feldman nasceu no Rio de Janeiro em 2 de setembro de 1964, filho de Miguel Feldman e Branca Bumashmy Feldman. Estudou na Escola Israelita Brasileira Max Nordau.

Ingressou na FAB em 1.º de fevereiro de 1988, onde tirou os cursos CAMAR – Curso de Adaptação de Médicos da Aeronáutica, especialização em Medicina Aeroespacial, Sobrevivência na Selva e no Mar – PARASAR, Segurança de Voo/Fator Humano – CENIPA – Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos, Brasília, Course of Aerospace Medicine – USAF School Of Aerospace Medicine – Brooks Air Force, San Antonio, Texas, Estados Unidos, Aperfeiçoamento de Oficiais (CAP. 2000) na EAOAR, Comando e Estado-Maior (CCEM 2008) na ECEMAR.



► Cel. Méd. Dr. Max Feldman em frente a aeronave AMX, quando servia como médico do 1.º Esquadrão/16.º Grupo de Aviação, sediado na BASC – Base Aérea de Santa Cruz – Rio de Janeiro. Acervo pessoal Cel. Méd. Dr. Max Feldman.



► Cel. Méd. Dr. Max Feldman em frente à aeronave Mirage da FAB. Acervo pessoal Cel. Méd. Dr. Max Feldman.

Formado em Medicina pela UERJ, foi 1.º colocado no Concurso Vestibular da Fundação Cesgranrio em 1982. Tem pós-graduação “lato sensu” em Psiquiatria – UFRJ e Medicina do Trabalho – CEDAS RIO.

Exerceu as seguintes funções na FAB: médico de esquadrão do 1.º/16.º GAv – BASC – Base Aérea de Santa Cruz, chefe da Seção de Saúde – PAMA GL – Parque de Material Aeronáutico do Galeão, presidente da CIPA – Comissão



► 1994 – Cel. Méd. Dr. Max Feldman em frente à aeronave Hércules C-130 da FAB, em operação na Antártica. Acervo pessoal Cel. Méd. Dr. Max Feldman.

de Investigação e Prevenção de Acidentes – PAMA GL, Instrutor do Curso de Especialização em Medicina Aeroespacial (CEMAE) no CIEAR, Médico de esquadrão do 1.º/9.º Gav – Base Aérea de Manaus, Amazonas – Aviação de Transporte. Missões no exterior: Operação na Antártida – dezembro de 1994; Apoio à Força de Paz da ONU, Angola, África, 1997; Visita Técnica de Medicina Aeroespacial à França, 2005; Coordenação Técnica do Hospital de Campanha da Aeronáutica no terremoto do Haiti em 2010. Médico de Esquadrão do 1.º/16.º Gav – Aviões de Caça – Aeronave AMX.

Possui experiência operacional como tripulante em aeronaves de jato, caça, asas rotativas (helicópteros) e como médico de uma unidade aérea na Amazônia, prestando atendimento a populações ribeirinhas, indígenas e pelotões de fronteira.

Designado Oficial de Ligação do Ministério da Defesa do Brasil com as delegações estrangeiras na LAAD – Latin American Aero Defense em 2009, sendo o oficial responsável pela delegação de Israel.

Instrutor de treinamento fisiológico do IMAE – Instituto de Medicina Aeroespacial, chefe da Subdivisão de Ensino do IMAE, chefe da Divisão Administrativa do IMAE, chefe da Divisão Técnica do IMAE, membro efetivo da CPG (Comissão de Promoções de Graduados), membro da Banca de Prova de Psiquiatria para o Concurso de Médicos da Ativa (CAMAR), chefe da Seção de Secretaria das Juntas do CEMAL – Centro de Medicina Aeroespacial, adjunto da Divisão Técnica do CEMAL, chefe da Divisão de Ensino e Pesquisa e da Seção de Psiquiatria do Centro de Medicina Aeroespacial, membro da banca



► Aos 13 anos, o futuro Cel. Méd. Dr. Max Feldman leu a Torá (Antigo Testamento) pela primeira vez, na cerimônia do *bar-mitzvá*, de maioridade religiosa. Acervo pessoal Cel. Méd. Dr. Max Feldman.



► Em março 2011, o programa Menorah na TV, no canal 14 da NET-RIO, apresentou entrevista exclusiva do Cel. Max Feldman a Ronaldo Gomlevsky. Acervo Menorah.

examinadora do concurso de médicos da aeronáutica. Intercâmbio técnico-científico em Medicina Aeroespacial – França – 2005. Instrutor do curso de especialização em medicina aeroespacial e instrutor de treinamento fisiológico.

Possui a Medalha Militar de Prata com Passador de Prata – 20 anos de bons serviços prestados à Força Aérea Brasileira

Seu irmão Gregório Feldman também foi médico da FAB, onde ingressou em 1979, sete anos antes. Os Coronéis Médicos Gregório Feldman e Max Feldman são irmãos da Dr.^a Belize Feldman Wassersten, também médica, e filhos de Branca Bumashmy Feldman e Miguel Feldman Z”L, famoso arquiteto, autor do projeto do Estádio do Maracanã, sede das Copas do Mundo de 1950 e 2014 e das futuras Olimpíadas de 2016. Em 1947, Miguel Feldman integrou a equipe de sete arquitetos que elaborou o projeto vencedor da concorrência pública para o projeto arquitetônico do estádio, promovida pela PDF – Prefeitura do Distrito Federal.

Dr. Max adquiriu vivência em situações críticas e de alta complexidade tais como: Guerra do Golfo – Israel, 1991, onde seguiu durante suas férias, com autorização do comando. Expedição da Força Aérea Brasileira à Antártida, 1994, Apoio à Força de Paz da ONU – Guerra Civil em Angola, África, 1997.

Durante a sua missão no Haiti, o Cel. Max viveu uma experiência fascinante, de participar do jantar festivo de Pessach, a Páscoa Judaica que comemora o Êxodo dos hebreus do Egito. Teve que chegar ao local em viatura da ONU com escolta armada.

Era um hotel, cuja fachada estava destruída, onde uma ONG americana promoveu o *seder* (jantar). Havia somente cerca de 50 judeus no Haiti, país que

já teve sinagoga e uma comunidade atuante. Além de americanos e israelenses havia um iraniano, canadenses e franceses.

O Cel. Feldman recordou os jantares da Páscoa Judaica com seus avós, seu falecido pai, sua família, e a força espiritual que aquela cerimônia lhe transmitiu para prosseguir seu trabalho como médico atendendo pacientes tão sofridos e enfrentando as dificuldades mais diversas.

Em suas reflexões, lembrou o Cel. que o Haiti se tornou a primeira colônia nas Américas a abolir a escravidão (1749), o segundo a declarar a independência (28 anos depois dos EUA) e ainda, a primeira República Negra do Novo Mundo.

Celebrar o Pessach naquele país que foi devastado pelo terremoto e não possui sinagogas tornou-se muito significativo, principalmente pelo capital simbólico da festa, que recorda a escravidão, mácula erradicada do Brasil em 1889, e que o povo hebreu experimentou no antigo Egito dos faraós.

Ten. Méd. Dr. Adolpho Hoirisch

Nascido em 1930, filho de Nisen e Perlea Hoirisch. Formou-se em 1954 pela Faculdade Nacional de Medicina, sendo interno do Instituto de Psiquiatria na Av. Venceslau Braz.

Cursou o CPOR em 1949-50, saindo Asp. Of. R/2 de Artilharia.

No Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro fez o curso de especialização em 1955.

Trabalhou no IAPC e no Ministério da Saúde. Em 1958 prestou concurso para a FAB, servindo como 1.º Tenente Médico Instrutor de Psicologia Aplicada à Aviação no HCA.

Serviu no Instituto de Seleção e Controle de Pessoal, hoje CEMAL, na Av. Churchill, onde realizou atividades ligadas a avaliação de responsabilidade criminal em crimes militares, e na Escola de Aeronáutica, seleção de aeronavegantes.

Recebeu elogios do Brig. Méd. Dr. Oriovaldo Benites de Carvalho Lima, Cel. Fernando Dias Campos, tendo servido ainda com Brig. Salvador Uchoa Cavalcanti, Waldemar Kischinewsky, Raphael Benchimol e Victor Cohen.

Em 1962, deu baixa da FAB como 1.º Ten. Méd. R/1. Foi professor catedrático da UFRJ, participou da Comissão de Seleção à carreira diplomática do Instituto Rio Branco, sendo um dos primeiros professores titulares da Universidade do Brasil, aos 47 anos. É membro da Academia Nacional de Medicina.

Foi psiquiatra por concurso da Divisão Nacional de Saúde Mental – MS e prof. da UFRJ, admitido como instrutor de ensino e chegando a titular.

Tirou os cursos Especial de Saúde (FAB), Especialização em Psiquiatria (MS), Especialização em Psicanálise e Intensivo de Metodologia do Ensino Superior.

É acadêmico titular da Cadeira 88, patrono: Dr. Álvaro Albuquerque – Seção: Farmácia, da Academia Brasileira de Medicina Militar, tendo tomado posse em 11 de maio de 1999; membro titular da Academia Nacional de Medicina, Cadeira 46, patrono: Júlio Afrânio Peixoto – Seção: Medicina, na qual ingressou em 1989; e da Academia do RJ. Psicanalista autodidata filiado à International Psychoanalytic Association.

CAPÍTULO 29

FAB – CPOR e ITA

O CPOR da Aeronáutica formou Aspirantes a Oficial Aviador na década de 1940, e teve existência efêmera, ao contrário da Marinha, onde o CIORM e depois a EFORM funcionaram até a década de 1980, e do Exército, que mantém os CPOR até hoje.

Na FAB, apenas o ITA manteve um CPOR, voltado exclusivamente para seus alunos.

O CPORAER de São José dos Campos forma Aspirantes a Oficial da Reserva da Aeronáutica, de 2.^a Classe, proporcionando aos alunos do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) a prestação do Serviço Militar em nível compatível com sua formação técnico-profissional; e promove atividades complementares para alunos do curso profissional do ITA (Aspirantes convocados), visando ao preparo militar de oficiais para o Quadro de Oficiais Engenheiros da Aeronáutica, da ativa.

Aspirante Aviador Luiz Kanter¹

Após a criação do Ministério da Aeronáutica em 1941, com vistas ao reforço do efetivo necessário à defesa nacional durante a Segunda Guerra Mundial, a FAB estabeleceu um Centro de Preparação de Oficiais da Reserva da Aeronáutica (CPORAER) na Base Aérea do Galeão, complementado posteriormente por mais dois centros nas bases aéreas de São Paulo e de Porto Alegre.

Mais tarde, com a criação do ITA, o CPOR passou a funcionar naquele instituto, matriculando os alunos civis.

Luiz Kanter nasceu em 6 de junho de 1926, na Rua de Santana n.º 14, na região da então Praça XI judaica. Na certidão de nascimento constam os nome dos avós paternos Luiz e Elza, e maternos, Hans Vigoder e Chaja Vigoder Wether, todos lituanos.

¹ Informações obtidas na Seção de Apoio Técnico e Seção de Documentação Textual da UNIFA – Universidade da Força Aérea, Campo dos Afonsos/RJ.

Realizou estudos de admissão até a 4.^a série, de 1937 a 1941, e a 5.^a série em 1942, no tradicional Colégio Anglo-Americano na Praia de Botafogo.

Ao final de 1944, requereu matrícula no CPOR/Aer, declarando ser filho de Abraham e Sevia (Sophia) Kanter, respectivamente comerciante e de prendas doméstica, ambos nascidos na Lituânia e brasileiros naturalizados, residente na Rua Ramon Franco n.º 104 – Urca, e de professar a religião hebraica.

Entre os inúmeros documentos exigidos, apresentou atestado de idoneidade moral assinado por dois Oficiais da Ativa, o General de Brigada Brasileiro Americano Freire e o Major Pedro Geraldo de Almeida. Declarava ainda concordar em prosseguir o curso nos EUA, uma vez aprovado no Estágio de Instrução Pré-Aeronáutico.

Em novembro de 1944, Kanter havia sido reprovado em inspeção de saúde a que se submeteu no Departamento de Seleção, Controle e Pesquisa para fins de matrícula no CPOR/Era. Em dezembro de 1944, Kanter requereu ao Ministro da Aeronáutica que fosse submetido a nova inspeção, uma vez que já se encontrava curado da otite de que era portador.

O processo circulou pelos elevados escalões da diretoria de Saúde, até que a Junta Médica afinal o considerou apto para o serviço de aviação, sendo o parecer aprovado pelo Brigadeiro Médico Dr. Angelo Godinho dos Santos, diretor de Saúde da Aeronáutica.

Por despacho favorável ao ministro, assinado pelo Major-Brigadeiro Armando Figueira Trompowski de Almeida, chefe do Estado-Maior da Aeronáutica, foi matriculado no CPOR/Aer em 1.º de fevereiro de 1945, sendo promovido de estágio em 25 de maio de 1945 e matriculado no 2.º Grupamento.



► Aspirante Aviador Luiz Kanter – túmulo no Cemitério Israelita de Vila Rosaly (Velho), na Baixada Fluminense. Acervo do autor.



► Aspirante Aviator Luiz Kanter – detalhe da lápide tumular no Cemitério Israelita de Vila Rosaly (Velho), na Baixada Fluminense. Acervo do autor.

Sua história nos arquivos históricos da UNIFA, no Campo dos Afonsos, termina com uma singela anotação em sua ficha: Desligado do CPOR/Aer por falecimento.

Com pouco mais de 19 anos, em 23 de setembro de 1945, em voo de treinamento na aeronave P-19-128 da FAB, ao executar a manobra “folha seca” o motor não teve potência suficiente para recuperar a estabilidade, determinando o impacto da aeronave no solo, na praia de Maria Angú.

Luiz Kanter repousa eternamente no Cemitério Israelita de Vila Rosaly (Velho), na Baixada Fluminense. Seu túmulo, onde consta a patente de Aspirante Aviator, destaca-se pela altura um pouco maior, sendo diferente dos demais, construído em mármore branco, material que lhe confere uma aparência marcante, singela e formal, usual em túmulos militares. Em caracteres hebraicos, seu nome consta como Eliezer Itzhak ben Avraham Yacov Kanter.

CAPÍTULO 30

FAB – Escola Preparatória

Melvyn Afonso Cohen

Melvyn nasceu em 4 de fevereiro de 1954 no Rio de Janeiro, filho de Moyses Cohen, natural de Lodz – Polônia, e de Terezinha de Jesus Afonso, natural de Ibertioga – Minas Gerais.

Sua participação na comunidade judaica se dava apenas em alguns casamentos, *bar-mitzvá* e peladas de futebol na Hebraica quando garoto. Chegou também a participar, quando bem novo, de uma colônia de férias na Associação Kinderland, em Sacra Família do Tinguá.

Estudou no Colégio Israelita Brasileiro Eliezer Steinberg, em Laranjeiras – Rio de Janeiro, durante quatro anos no Colégio Militar de Belo Horizonte e na Escola Preparatória de Cadetes da Aeronáutica em Barbacena de 1966 a 1970, concluindo o curso em fevereiro de 1971, quando ingressou na Associação dos Ex-alunos da Epcar (AEPCAR).

Formado em Matemática/Informática pela UFRJ e Economia pela UERJ, trabalhou no BB, CVM, BNDES, com passagens pela COPPE – Engenharia de Sistemas, IBMEC – Finanças; Casa da Moeda; Lojas Americanas; UFF e SESAT.

Em 1982, foi admitido por concurso público no BNDES, aposentando-se em 2009.

Figura ímpar, Melvyn trabalhou durante anos no BNDES, onde é muito benquisto e conhecido. Ao se aposentar, formou um grupo na internet, que gerencia até hoje, constituindo-se em importante elo de ligação entre os benedenses aposentados, contando com mais de 700 membros.

Como o próprio Melvyn nos conta:

*“Sou filho de Moyses Cohen, casei na igreja católica... provavelmente o menos militar e o menos judeu dos aqui listados, embora valorize tanto a tradição dos militares como a cultura e tradição dos judeus. Filho de mãe católica, fui góí”*¹

¹ Ídiche – expressão coloquial, gentio, não judeu. A exemplo de “judeu” e “sionista”, a palavra “góí” teve seu significado distorcido por certos segmentos, como setores de esquerda, direita radical ou islamismo fundamentalista, para atribuir erradamente aos vocábulos conotações negativas e pejorativas, no âmbito de uma campanha de propaganda enganosa contra os judeus em geral e o Estado de Israel em particular.

entre os judeus e judeu entre os góis. Hoje, casado há mais de 30 anos com uma árabe, filha de Meherj Mohamed Assad Selman, que foi muito amigo de Moshe Cohen, meu pai, nem Flamengo convicto eu sou mais.

Meu pai, nascido em 1909, que vivenciou a I Guerra Mundial e observou os horrores da II Guerra era muito orgulhoso de ter um filho (único) militar na época do regime militar; até porque sofreu perseguições por militares e achava que um filho militar seria no mínimo um habeas corpus. Não entendeu por que saí da Aeronáutica e nem depois por que saí do Banco do Brasil; mas hoje entenderia e aprovaria.

Tive três filhos que também estudaram em escolas militares; somos os únicos quatro Cohen da família no Brasil, e todos com passagem pela caserna. O mais novo, Moyses, terminou o ensino médio no CMRJ – Colégio Militar do Rio de Janeiro; o do meio, Michel, estudou no Colégio Naval e saiu Guarda-Marinha na Escola Naval; e o terceiro, Marcio Afonso Assad Cohen, com desempenho brilhante, concluiu o curso de engenharia em 2003 como primeiro colocado em todos os anos no IME – Instituto Militar de Engenharia.

Marcio casou-se em 2011 em Boston-MA-USA, onde estudou no MIT e trabalha na Mckinsey & Company. Sua esposa Naomi é de Boston, estudou em Harvard e trabalha na Bain, outra consultoria. Coincidentemente ela também é Cohen.

Hoje, como o pai, são todos civis e mais que o pai, um “gói-judeu” poderiam ser “góis-judeus-árabes”. Somos todos “quase”-judeus e ex-“quase”-militares

Dos meus antepassados judeus restam-me uma meia dúzia de primos de primeiro grau e suas famílias que vivem em Israel e com os quais mantenho contato eventual.



► 1966 – Melvyn Cohen no CMBH – Colégio Militar de Belo Horizonte. Acervo da família.



► 1970 – Melvyn Cohen na EPCAR – Escola Preparatória de Cadetes da Aeronáutica. Acervo da família.



► Moyses Cohen, nascido em 1985 – aluno do CMRJ – Colégio Militar do Rio de Janeiro, formado em 2002, o mais novo. Acervo da família.



► Michel Cohen, nascido em 1982 – aluno do Colégio Naval (1997) e da Escola Naval, onde se formou em 2003 como Guarda-Marinha, e fez a viagem de ouro em 2004. Marcio Cohen, nascido em 1980 – aluno do IME (Instituto Militar de Engenharia), onde se formou em 2003 – sendo “zero-um”, primeiro lugar geral todos os anos. Acervo da família.

Da caserna, da turma “Senta a Pua” que este ano comemorou 40 anos de aeronáutica, mantenho contato com centenas de amigos e ainda restam na ativa seis Majores-Brigadeiros e três Vice-Almirantes (talvez a turma da Aeronáutica que mais tenha feito almirantes).

FAB – Serviço Militar

Samuel Messod Benzecry – Reservista

Samuel era da Classe de 1933, filho de Messod e Alice Benzecry. Serviu em 1952/1953 na Base Aérea de Belém, 1.ª Zona Aérea, como Soldado da Infantaria de Guarda. Ao dar baixa, seu pai Messod recebeu uma carta da Base elogiando o filho pelas qualidades demonstradas durante o seu tempo militar, emitida pelo Ten. IG Araujo, Cmt. da Cia. Gda BABL.

Em 1962, Samuel recebeu do DAC uma licença de piloto privado.

CAPÍTULO 31

Marinha Mercante

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL¹

A Marinha Mercante sofreu as maiores perdas do Brasil na Segunda Guerra Mundial devido aos ataques submarinos nazistas contra a navegação marítima nacional, com mais de 30 navios mercantes torpedeados, com a nação lamentando o sacrifício de um milhar de preciosas vidas brasileiras inocentes.

2.º Comissário Mauricio Pinkusfeld²

O mar foi o tumulo de um jovem sonhador

In Memoriam

* 2 de novembro de 1924 – ✧ 16 de agosto de 1942

“(...) Por te cruzarmos, quantas mães choraram,

Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar.

Para que fosses nosso, ó mar.

Valeu a pena? Tudo vale a pena.

Se a alma não é pequena (...).”

Fernando Pessoa (cristão-novo, o maior dos poetas portugueses)

Os hebreus possuem uma tradição de grandes navegadores e estudiosos das técnicas marítimas, mapas, instrumentos, que inclusive possibilitaram as grandes descobertas, como a do Brasil. Um exemplo foram os marinheiros do rei Salomão, que chegou a um lugar nas costas da África onde hoje fica a Etiópia, encantando-se pela rainha de Sabá, daí termos hoje em Israel tantos de seus descendentes diretos.

¹ BLAJBERG, Israel - 1942 – Um Ano Singular - Os 70 anos dos torpedeamentos e da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. I SENAB – Seminário Nacional O Brasil na 2.ª GM – DPHCEX – Museu Militar Conde de Linhares – 27-30 de agosto de 2012.

² Conforme relatos prestados ao autor por D.ª Dorotea Lola Grossman Pinkusfeld e esposo, e prof. Roberto Markenson, filho do Almirante Boris Markenson.

Possivelmente um gene remoto de um daqueles tripulantes que conduziram a Corte do rei Salomão, adormecido *per saecula saeculorum*, despertou em pleno séc. XX naquele garoto sonhador da Tijuca, que secretamente admirava o garboso uniforme branco do cunhado, marido da sua irmã Amália, e pensava um dia vir a ser também um Oficial de Marinha.


Mas quando uma criança nasce, o seu destino já foi traçado, e nada poderá mudá-lo. Para o cunhado Boris Markenson (biografado neste capítulo), o Grande Arquiteto do Universo reservara uma carreira que o levaria a ostentar as platinas de Almirante.

Entretanto, para o jovem Pinkusfeld a primeira dificuldade viria no exame médico, ainda que aprovado nas provas para a Escola Naval. Posteriormente, incentivado pelo cunhado Boris, ingressou na Marinha Mercante, classificado em 4.º lugar, em fevereiro de 1941, mas a sua carreira lamentavelmente viria ser muito curta.

Em dezembro de 1941 conclui o curso e em janeiro de 1942 o estágio a bordo, recebendo a Carta de 2.º Comissário.

Já na sua primeira viagem como Comissário, em 16 de agosto de 1942, o Aníbal Benévolo, do Lloyd Brasileiro, foi alcançado na popa e na casa de máquinas por dois torpedos do submarino nazista U-507 quando navegava de Salvador rumo a Sergipe; atacado sem prévio aviso as 4h15 da madrugada, foi ao fundo com incrível rapidez em menos de dois minutos. Morreram 150 pessoas, sendo 83 passageiros e 67 tripulantes, quase todos ainda recolhidos aos seus camarotes, onde encontraram a morte.

Apenas o comandante, o cozinheiro e mais outro tripulante se salvaram. O comandante, Capitão de Longo Curso Henrique Jacques Mascarenhas da Silveira, foi um herói da Marinha Mercante, que mesmo depois de ter sobrevivido se prontificou a comandar outros navios na zona sujeita a ataques.

MAURICIO JOSÉ PINKUSFELD		1393
	Filho de Sam Pinkusfeld e de B. Bertha Pinkusfeld Natural do Distrito Federal cidade do Rio de Janeiro Nasceu em 2 de Novembro de 1924 Estado civil Solteiro Residência Avenida Maracanã nº 1350 - Tel. 39-4669. Cór branca, cabelos, barba raspada, estatura 1,63, sinais particulares: não tem.	
14,15,17,18/ 2. 1941.	Fêz Concurso de Admissão, tendo obtido o seguinte resultado: Termo nº 90, 1º livro.	
7/ 3.1941.	Português 8 - Aritmética 5 - Algebra 9 - Geometria 6 - Classificado em 4º lugar com 28 pontos.	
13/ 3.1941.	Submetido à inspeção de saúde - apto. - Termo nº 28020 - Matriculado no curso de Especialização para 2º Comissário. Inf. 48A. Documentos à CC.TP. pel ofício nº 53/1941 (no copião).	
10/12.1941.	Notas finais de aproveitamento: Termo nº 177, 2º livro, letra d): 1a. aula 4,6 - 2a. aula 7,7 - 3a. aula 7,9 - Aprovado em todas as matérias deste curso.	
6/ 1.1942.	Concluiu o estágio a bordo, of. 4 e termo nº 188, 2º livro.	
16/ 1.1942.	Conferida a sua Carta de 2º Comissário pela Diretoria do Ensino Naval, registro nº 32,1911v7	
5/ 2.1942.	Remessa do recibo de sua Carta, 2º despacho nº 33/1942.(No copião).	

► 1941 – Ficha escolar de Maurício José Pinkusfeld. Escola de Marinha Mercante – CIAGA – Centro de Instrução Alte. Graça Aranha. Acervo CIAGA.

O mundo desabou sobre o pai, Sam Pinkusfeld, e a professora Bertha Abramant Pinkusfeld. Ela jamais se recuperou do golpe sofrido, a perda do caçula de cinco irmãos, o Buby.

Dizia que quando um dedo dói, a mão toda dói. Somente encontrava algum consolo indo ao túmulo do pai, Mauricio Abramant, no Cemitério do Caju, onde fora enterrado em 1902. Ainda não havia cemitério judeu, e sim a ala dos judeus e protestantes. Ali buscava conforto chorando a morte do filho querido, que nem túmulo tivera, tendo que ser quase carregada de volta.

Vindo da Prússia nas primeiras levas de imigrantes judeus do séc. XIX, o patriarca Mauricio foi sempre lembrado, pois a tradição conservou seu nome nos netos, bisnetos, trinnetos, tetranetos, gerando vários homônimos ao longo das décadas, inclusive conhecido deputado pelo Rio de Janeiro.

Não só de Portugal eram as lágrimas de que falava Fernando Pessoa. Um milhar de mães do Brasil também as verteram, pranteando filhos covardemente assassinados em nossos navios afundados pelos nazistas, chorando junto com a professora Bertha, que ensinava piano no Conservatório de Villa-Lobos.

Mauricio se fora na flor dos seus 18 anos. A irmã Elza pouco depois do naufrágio o reviu em um sonho. Dizia estar em um lugar chamado Baía Negra, na costa de Sergipe. Próximo ao local do naufrágio.

Por incrível, o lugar existia mesmo. Constava das cartas náuticas. A família esperçada se desdobrou, enviando fotos e pedidos de informação para o lugar, ajudada pelo cunhado Boris, à época Capitão-Tenente.

Mas de nada adiantou. Mauricio se fora para sempre. O cozinheiro que se salvara milagrosamente visitou a família, relatando como os nazistas metralharam impiedosamente os sobreviventes nos botes salva-vidas.

O U-507 maldito afundou sete navios brasileiros em quatro dias com perda de 607 vidas preciosas, de 15 a 19 de agosto de 1942, ao longo da costa de Salvador a Maceió, num total de 14.795 TDW.

Diante do clamor popular, em 22 de agosto de 1942, o presidente Getúlio Vargas reconheceu o estado de beligerância entre o Brasil e os estados agressores do Eixo, a Alemanha e a Itália. Pode-se inferir, portanto, que foram estes atos de barbárie nazista de um submarino que determinaram a final o ingresso do Brasil na guerra.

Em 13 de janeiro de 1943, um Catalina da FA Americana afundou o U-507 com bombas de profundidade a NE de Natal/RN. Todos os seus 54 tripulantes pagaram com a vida os crimes praticados contra navios mercantes indefesos.

A Marinha Mercante arcou com as maiores perdas humanas brasileiras na Guerra, 975 mortos em 31 navios afundados. A Marinha do Brasil perdeu 468 homens em três navios afundados. A FEB teve 463 mortos, e a FAB, dado o contingente, um números comparativamente menor, oito pilotos.

A família nunca recebeu nada das autoridades, nem da comunidade judaica, diante da enorme perda de seu filho querido, que havia se aventurado nos mares infestados de submarinos, para que o Brasil pudesse estar ligado de Norte a Sul, numa época em que não havia as estradas que temos hoje.

Mas os verdadeiros bravos não temem, e sabem honrar o juramento que pronunciam com destemor ao graduar-se nas cerimônias de formatura:

*(...) Prometo cumprir rigorosamente
as ordens das autoridades
a que estiver subordinado.
Respeitar os superiores hierárquicos.
Dedicar-me inteiramente ao serviço da Pátria;
cuja honra, integridade e Instituições,
defenderei,
com o sacrifício da própria vida!*

Maurício foi o único caso até agora conhecido dos 42 ex-combatentes judeus que deu a vida pela Pátria em decorrência de operações bélicas, como tripulante de navio mercante a serviço do progresso do Brasil.

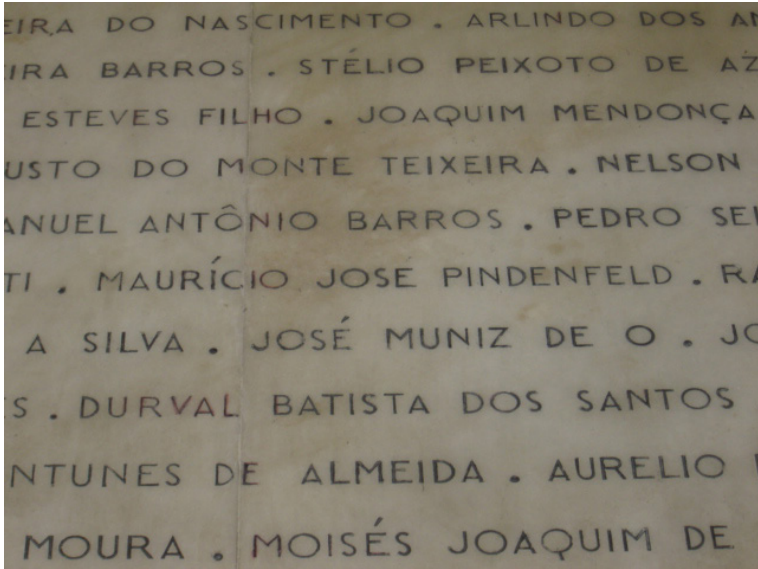
Possivelmente uma pensão especial e uma medalha *post-mortem* aguardaram todo este tempo em alguma gaveta perdida em desconhecida repartição. Mas nada nunca foi requerido.

Durante 63 anos sua história foi esquecida. Mas em 1.º de maio de 2005, a memória daquele jovem brasileiro foi homenageada diante do Túmulo do Soldado Desconhecido, no Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial no Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro.

A irmã Doroteia Lola Pinkusfeld Grossman, que tinha 11 anos quando Maurício partiu para a viagem sem volta, última remanescente, conduziu a



► 2010 – Mausoléu – subsolo do Monumento Nacional aos Mortos da 2ª Guerra Mundial, Parque do Flamengo – Rio de Janeiro/RJ. Os mortos das Marinhas tiveram como túmulo o mar, assim seus nomes estão gravados no mármore ao longo da parede. Acervo do autor.



► 2010 – Trecho onde está gravado o nome de Mauricio José Pinkusfeld. Houve um erro na grafia, constando Pindenfeld. Acervo do autor.

tradicional coroa de flores a ser aposta diante da Chama Eterna. Sem ter tido sequer uma *matzeiva* (pedra tumular), o nome de Mauricio (ainda que incorretamente grafado – Pindenfeld) está eternizado no mármore do Monumento dos Pracinhas, junto com centenas de outros brasileiros sacrificados no Altar da Pátria, entre os quais um Moisés, a lembrar o nosso grande Patriarca.

Jacob Benemond

Jacob Benemond, Capitão de Longo Curso, comandava o Olinda, segundo navio nacional a ser torpedeado por submarino nazista. Conseguiu salvar toda a tripulação, à deriva no mar gelado durante 36 horas.

Jacob Benemond nasceu em Belém do Pará em 5 de agosto de 1881 e faleceu em 23 de outubro de 1960 no Rio de Janeiro.

Era filho de Abraham Benemond e Emilia Benemond.

Frequentava a Sinagoga Shell Guemilut Hassadim.

Pelo heroísmo demonstrado no episódio do afundamento do Olinda, o Comandante Benemond foi condecorado pelo Presidente da República com as medalhas: Medalha de Serviços de Guerra, tendo em consideração os valiosos serviços prestados ao país e Medalha do Mérito Naval com 3 Estrelas como recompensa aos valiosos serviços prestados em 18 de fevereiro de 1942 ao ser o Olinda torpedeado por um submarino alemão, quando com risco da própria vida corajosamente efetuou em meio ao pânico geral o salvamento dos 46 homens da guarnição, reunindo-os em duas baleeiras abastecidas que permaneceram à espera de socorro durante 30 horas consecutivas.

► Conferida Medalha Ordem do Mérito Naval

Durante as comemorações da Semana da Marinha, várias personalidades foram condecoradas com a Ordem do Mérito Naval, entre outras, o Sr. Cornélio Verolme, General Pantaleão Pessoa, Dr. Daniel Carvalho e a filha do Sr. Jacob Benemond, homenageado *post mortem*.

► Conferida Medalha Mérito Tamandaré

Segundo Arthur Oscar Saldanha da Gama, em *A Marinha do Brasil na Segunda Guerra Mundial*, na p.112:

O Olinda navegava às 12h30 do dia 18 de fevereiro de 1942, na posição de 36 56'N e 37 30'W, na costa da Virgínia, Estados Unidos, sendo denunciado por aeronave espia, que deu a sua rota, velocidade e posição ao U-432, do Capitão-Tenente Heinz-Otto Schultze, o mesmo que havia torpedeado o Buarque.

A nave veio, antes, à superfície, mandando o mercante parar. Em seguida, limpo e bem manobrado, como havia bom tempo, atracou no costado, chamando ao seu convés o comandante do mercante, Sr. Jacob Benemond, que se fez acompanhar do 2.º Telegrafista com os papéis de bordo.

Os oficiais do submarino, polidamente, interrogaram-nos em inglês fluente e fotografaram os papéis do navio. O comandante, que dava ordens aos seus homens em alemão, mandou de volta os brasileiros com a ordem de abandonar o navio e, depois, desatracou com facilidade.

Esperou que todos embarcassem nas baleeiras, que foram arriadas e, a tiros de canhão, pôs a pique o Olinda. A tripulação de 46 homens foi salva pelo USS Dallas. O Olinda era o ex-Kanemer-land e ex-Cara, inglês, agora da Carbonífera Rio-Grandense, fretado da Cia. Comércio e Navegação. Levava para Nova Iorque 53.400 sacos de cacau, sacas de café e de mamona. Deslocava 4.086 toneladas brutas e 2.532 líquidas, comprimento 109,7 m boca 15,31 m, pontal 7,62 m, calado 6,30 m e velocidade 9 nós. Salvaram-se os 46 homens da tripulação.

A medalha foi conferida pelos atos de bravura descritos acima.

O Brasil e a Segunda Guerra Mundial³

Três dias depois, nas proximidades da mesma área, outro navio nosso foi atacado, em pleno dia, às 12h30min de 18 de fevereiro, por um submarino nazista, do tipo de bolso, sem prévio aviso; a vítima fora o vapor do Olinda, de 4.085 toneladas brutas de deslocamento, da companhia Comércio e Navegação, fretado da Companhia Carbonífera Rio-Grandense, que navegava para Nova Iorque, procedente de Santa Lúcia, possessão britânica, nas Pequenas Antilhas, de onde havia partida na tarde do dia 9, sob o comando do Capitão Jacob Benemond.

O submarino, usando um canhão de pequeno calibre, fez 14 disparos contra o navio, sendo que apenas três projéteis atingiram o alvo, desmantelando a antena e a estação radiotelegráfica.

Duas baleeiras foram arriadas ao mar com os 46 homens da tripulação. Quando essas estavam razoavelmente afastadas do navio, o submarino

³ Compilação de texto do Ministério das Relações Exteriores.

aproximou-se das baleeiras e homens de sua guarnição exigiram a presença do comandante e do radiotelegrafista, aos quais os oficiais alemães inquiriram sobre os documentos de bordo, a natureza da carga, bem como, por segurança própria, se haviam, tido tempo de emitir pedido de SOS. Tiraram duas fotografias, uma dos naufragos nas baleeiras e outra do Comandante e do radiotelegrafista a bordo do submarino, quando da entrevista.

Em seguida, após o retorno às baleeiras, foi novamente o Olinda alvejado pelo submarino, de uma distância de um quarto de milha, que disparou cerca de 20 tiros contra o navio, que, embora bastante adernado, levou aproximadamente uma hora para ir ao fundo.

A nacionalidade alemã do submarino agressor foi perfeitamente identificada, não só pelo comandante do Olinda, como por diversos de seus homens. Ao sangue-frio, à habilidade e energia do comandante, deveu-se o salvamento de todos os 46 homens da tripulação nesta triste conjuntura.

Aparecendo no local quatro aviões norte-americanos da defesa costeira, o agressor submergiu e desapareceu; um dos aviões comunicou aos naufragos “help on way”, nessa ocasião deviam estar cerca de 40 milhas da costa do estado de Virgínia, nos Estados Unidos. Vinte horas após o desastre, mais ou menos às 8h do dia seguinte, apontou no horizonte do destróier norte-americano Dallas, que recolheu os tripulantes e os transportou para a base naval de Newport, na Virgínia.

No dia 20, o governo brasileiro, devidamente informado de ambas as ocorrências, enviou uma nota ao governo alemão, por intermédio de Portugal, protestando contra os torpedeamentos dos navios Buarque e Olinda, que navegavam fora da zona de bloqueio, fartamente iluminados, permitindo serem facilmente reconhecidas as bandeiras que traziam.

Em março, duas outras ocorrências vieram aumentar as nossas perdas. Na primeira foi vítima o cargueiro Arabutan, ex-Caprera, com 7.874 toneladas de registro, de propriedade de Pedro Brando, a serviço do Lóide Nacional S.A. e sob o comando do Capitão de longo-curso Aníbal Alfredo do Prado.

Havia partido às 16h do dia 6 de março de Norfolk para o Rio de Janeiro, com escala em Port of Spain, Trinidad, transportando 9.613 toneladas de carvão para a Estrada de Ferro Central do Brasil. Às 15h10 do dia seguinte, este, nas proximidades do Cabo Hatteras, foi inopinadamente torpedeado por um submarino nazista, sendo atingido na altura do porão número cinco do lado boreste, afundando por água aberta, em 20 minutos, a 81 milhas da costa, no ponto de coordenadas 35 15'N e 73 50'W, de Gr. Na emergência, o comandante determinou a expedição dos sinais de socorro e deu-se início à faina de salvamento.

O submarino, segundo o 1.º piloto, devia ter 800 toneladas de deslocamento, com cerca de 60 metros de comprimento, estava armado com um canhão de 75 mm na proa e uma metralhadora antiaérea à ré; tina o casco pintado de verde-garrafa e, pelas fotografias exibidas em Norfolk, por ocasião do inquérito, foi reconhecido como de nacionalidade alemã.

O atacante, que não fora pressentido pela tripulação, só veio à tona quando o pessoal já se encontrava nas baleeiras e o navio havia soçobrado completamente;

sem hostilizar os naufragos nem procurar obter qualquer informação, descreveu um círculo em torno do ponto de afundamento e submergiu, possivelmente em face da aproximação de aviões da Marinha norte-americana, que atendiam ao pedido de socorro lançado...

História Naval Brasileira⁴

No torpedeamento desse navio, aconteceu um fato estranho, segundo relato do comandante: às 19h30 um avião sobrevoou o navio para iluminá-lo. Hoje, sabe-se que os alemães tinham uma aeronave espiã, com base em território norte-americano para guiar os submarinos.

Quinze minutos antes de 1h do dia 16, Buarque recebeu o primeiro torpedo.

Em seguida e após o regresso às suas respectivas baleeiras do Comandante e do segundo telegrafista, foi o Olinda novamente alvejado. Cerca de 20 projéteis foram então disparados contra o navio, que adernou e rapidamente submergiu.

Nem o comandante, que já havia servido na linha de Hamburgo, nem o segundo telegrafista, nem os demais telegrafistas do Olinda ofereceram dúvidas quanto à nacionalidade do submarino, unanimemente reconhecido como sendo alemão.

Há divergências, entretanto, com relação à posição do navio no momento do ataque, o que se deve certamente à inexperiência do 2.º piloto que se encontrava de quarto.

Segundo os seus cálculos, a posição seria: latitude, 36 56'N e longitude 74 02' W. De acordo com o Comandante, entretanto, a posição deveria ser, aproximadamente 37 30'N de latitude 75 00'W de longitude, posição corroborada pelo 1.º piloto e pelas estimativas das autoridades americanas.

Mais ou menos 20 horas depois do ataque, ou cerca das 8 horas do dia seguinte, foi a tripulação do navio brasileiro socorrida pelo destróier americano Dallas, que a levou para a Base Naval de Newport News, Norfolk, Virginia.

Washington, em 24 de fevereiro de 1942

J. Carneiro Leão

Correspondência recebida do Consulado do Brasil em Nolfolk – 28 de fevereiro de 1942

Senhor Ministro,

Em obediência às ordens contidas no telegrama n. 4 dessa Secretaria de Estado, tenho a honra de passar as mãos de Vossa Excelência, cópias fiéis das declarações prestadas pelos senhores, Comandante Jacob Benemond: Imediato, Manuel Pereira Gonçalves; Chefe de Máquinas Abílio Paulo de Azevedo; 1.º Piloto Rosauro de Almeida; 2.º Piloto de quarto, José da Costa Dutra; 2.º Radiotelegrafista de quarto, Francisco Lustosa Nogueira; Marinheiro Álvaro Gustavo dos Santos e Marinheiro Manuel Bispo da Cruz, do vapor brasileiro Olinda, afundado no dia 18 do corrente, na Costa da Virgínia.

⁴ Editado pelo Serviço de Documentação Geral da Marinha, p. 342.

Das declarações em questão, depreende-se ter sido o referido vapor atacado por um submarino alemão, sem prévio aviso; na posição estimada de latitude 36 30'00" Norte e longitude 75 00'00" Oeste, às 12,30 horas do dia 18 de fevereiro de 1942, e posto a pique com cerca de vinte tiros de peça.

Ao sangue-frio, habilidade e energia do Comandante e Imediato, deve-se o salvamento das quarenta e seis pessoas que compunham a tripulação do Olinda.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. A. Rodrigues Martins

Anexo 1:

Eu, abaixo assinado, Comandante do Vapor Olinda, brasileiro, de propriedade da Companhia Carbonífera Rio-Grandense, fretado à Companhia Comércio e Navegação, sinistrado no dia dezoito do corrente mês, às doze horas e trinta minutos, na Costa da Virginia, Estados Unidos da América do Norte, declaro ao cônsul do Brasil, em Norfolk o seguinte: Que o vapor partiu do último porto de Santa Lúcia, na tarde do dia 9, do corrente mês, com destino ao porto de Nova York; a essa hora acima ouvi um tiro de canhão, sendo em seguida verificado pela popa do navio, um submarino que continuava atirando, cerca de quatorze tiros, tendo atingido o navio três tiros, sendo um na altura da radiotelegrafia, outro no alojamento da guarnição de proa e outro no costado. Imediatamente parei o navio e dei sinal para a salvatagem, isto é, o acidente deu-se na latitude 37 graus, trinta minutos norte, e longitude, sessenta e cinco graus, (o) zero minutos, oeste de Greewinch. Às doze horas e quarenta minutos, arriou-se a baleeira número dois (2), com 23 tripulantes e às doze horas e cinquenta minutos, a de número um (1), com a mesma quantidade de tripulantes. Fomos intimados pelo Capitão do submarino para atracar ao costado do mesmo, sendo eu interrogado pelo dito Capitão, sobre o manifesto da carga, porém eu respondi que o manifesto se achava a bordo. O 2.º Rádio também surgiu e foi interrogado. Depois de curto tempo, voltamos para as baleeiras, tendo em seguida o submarino dado marcha até que se aproximou do Olinda, cerca de um quarto de milha, tendo disparado cerca de vinte tiros, adernando em seguida e posto a pique. Tenho a declarar mais que o submarino e sua guarnição, são alemães. Passamos nas baleeiras, vinte horas, quando fomos salvos por um destróier Americano, e logo que chegamos, em Norfolk, fomos hospitalizados no Hospital da Marinha.

Jacob Benemond – Comandante.

O Capitão de Longo Curso Jacob Benemond se comportou como um autêntico Lobo do Mar, possibilitando a retirada, com vida, de toda sua tripulação antes do afundamento do Olinda. Quando se compara com o fiasco do comandante do Costa Concórdia, que praticamente abandonou os passageiros à própria sorte ou a irresponsabilidade dos proprietários da barcaça que afundou na Coreia do Sul, matando centenas de jovens estudantes, é que se valorizam atitudes dignas como a do Cmte. Benemond.

O Olinda foi o segundo navio brasileiro a ser torpedeado pelos U-Boat alemães. Em uma época em que a própria Alemanha nazista seguia certas regras internacionais de auxílio aos náufragos. Porque, logo a seguir, o próprio Hitler

deu ordens para que os sobreviventes fossem metralhados nos escaleres. A História do Olinda e do Cmte. Benemond é digna de ser divulgada nas unidades da Marinha de Guerra e Mercante.

Jacob David Niskier

Jacob David Niskier nasceu em 18 de junho de 1901 em Irati/PR. No final do séc. XX, seus pais emigraram de Ostrowiec, cidade na Polônia, 160 km a sudeste de Varsóvia. Era uma cidade judaica, onde a população chegou a ter 90% de judeus. Esta importante comunidade poucas décadas depois seria exterminada pelo ódio.

A família Niskier era grande e bem situada em Ostrowiec. Muitos se salvaram do Holocausto, emigrando para diversas partes do mundo, para onde se conseguisse o visto salvador, como Toronto no Canadá, Estados Unidos, Israel e Brasil.

Aqui as novas gerações dos Niskier deram ao Brasil importantes nomes na Educação e Cultura, Direito, Medicina, Engenharia e outras atividades, alguns de projeção nacional e internacional. É uma família bastante extensa.

Jacob, como muitos brasileiros natos de primeira geração na época, teve uma infância e juventude pobre. A regra geral era se dirigir para o comércio. Jacob era o irmão mais velho, mas não tinha nenhuma queda para o ramo. Chegou a ser mata-mosquitos para poder estudar.

Mas a história corre por caminhos que só o Grande Arquiteto do Universo conhece, e um dia Jacob viria a ser um comandante da Marinha Mercante do Brasil. Suas lides o levariam de volta à Polônia, desta vez para buscar navios que o Brasil encomendara naquele país, trocando-os pelo bom café brasileiro, o que renderia anos depois o episódio que ficou conhecido como “as polonetas”, títulos obscuros alvo de negociatas, conforme noticiavam os jornais.

Nessa ocasião, Jacob teve a oportunidade de visitar Ostrowiec. As casas e propriedades de seus pais e familiares, de onde foram tangidos pelos nazistas para o Campo de Concentração de Treblinka em 1942/43, ainda estavam lá. Pouquíssimos se salvaram, e ao tentarem retornar tiveram negado o acesso às antigas propriedades, já ocupadas por invasores.

Antes do Holocausto (1939-1945), na véspera do Shabat, Rynek, a praça do mercado de Ostrowiec, efervescia de carroças carregadas e donas de casa fazendo as últimas compras para o jantar festivo. O burburinho gerado pelo palavreado em ídiche cortando os ares em todas as direções aumentava à medida que o anoitecer se aproximava, para de repente cessar de vez, como por milagre. De lá, onde um dia floresceu uma comunidade temente a D'us seguidora da Lei de Moisés e guiada por sábios rabinos, pode se ver ao longe as montanhas. Reza a lenda que lá vivem as bruxas, e elas ainda estão por ali. Mas os judeus se foram, para nunca mais retornar...

As sementinhas daquela árvore outrora pujante do judaísmo europeu vieram germinar em terras abençoadas, renascendo após atravessar os sete mares, como Jacob o fazia nos navios do Lloyd Brasileiro. E aqui deram frutos, sob o calor tropical acolhedor.

Em 14 de maio de 1948, poucas horas após a Declaração de Independência do Estado de Israel, o que ocorreu graças a uma Assembleia Geral da ONU presidida pelo grande brasileiro Oswaldo Aranha, Jacob viveu uma experiência marcante.

Em alto-mar, avistou um navio já com as insígnias do nascente Estado de Israel, o que motivou a oportunidade de enviar uma saudação naval, a primeira recebida oficialmente por um navio israelense. Era a primeira manifestação em águas internacionais ligada à Independência do Estado de Israel.

Jacob serviu em diversos navios que navegaram em águas costeiras e internacionais sujeitas a ataques de submarinos nazistas.

O Brasil foi o 15.º país do mundo em tonelagem de navios afundados pelo Eixo nazi-fascista. Centenas de brasileiros inocentes foram vitimados. Mesmo na condição de país neutro, navios brasileiros foram afundados, o que levou o presidente Getúlio Vargas a decretar guerra ao Eixo em agosto de 1942.

Portanto, tendo navegado extensivamente em Zona de Guerra, Jacob esteve exposto aos mesmos perigos, tendo a lei o reconhecido como ex-combatente por ter sido tripulante de navio mercante que participou de comboio de transporte de tropas ou de abastecimentos, navegando em Zona de Guerra sob a orientação das autoridades navais brasileiras, no período de março de 1941 a março de 1945, nos seguintes navios: Santos, Cayru, Raul Soares, Afonso Pena, Guaraloide, Cubatão, Aspirante Nascimento.

Jacob foi agraciado pelo Presidente da República com a Medalha de Serviços de Guerra com 3 Estrelas. Como reza o diploma, assinado em 25 de junho de 1948 pelo Ministro da Marinha, Almirante Sylvio de Noronha,

Pelos serviços prestados durante a II Guerra Mundial ao lado das Nações Unidas contra os países do Eixo, a bordo de navios mercantes nacionais ou estrangeiros, empregados em assegurar o abastecimento e o transporte de materiais necessários a obtenção da Vitória, tornou-se merecedor da Medalha Naval de Serviços de Guerra, com 3 Estrelas.

A exemplo de todo antigo Lobo do Mar, Jacob tinha muitas histórias para contar, como o salvamento de naufragos hindus ao largo da costa nordestina, o resgate de correligionários de portos europeus, chegando até a correr risco de prisão pela Gestapo.

Jacob era maçom da Loja Estrela do Norte, da qual muitos oficiais das marinhas do Brasil e Mercante estavam afiliados. Felizmente, foi avisado a tempo por membros da maçonaria local que não desembarcasse, sob pena de ser enviado a um campo de concentração.

Jacob, Valente Navegador, dedicado Marinheiro Brasileiro de fé judaica, nos deixou em 1973 aos 72 anos.

David Leon Rodin⁵

David Leon Rodin nasceu em 5 de outubro de 1912 no Rio de Janeiro, filho de Isaak e Elisa Rodin. Seus pais eram da Rússia, o pai de Odessa e a mãe de

⁵ A partir de texto original fornecido pelo seu filho, Eng. Naval Mauro Rodin.

Dubessá na Bessarábia. Quando jovens, no início do século XX, emigraram para a Argentina, onde se conheceram e se casaram.

Viveram alguns anos na Argentina e depois vieram para a cidade de Santos/SP, no Brasil, onde montaram um pequeno hotel. Mais tarde se mudaram para o Rio de Janeiro e se estabeleceram na Praça XI, onde Isaak montou uma loja de antiguidades, próxima à Rua de Santana, e Elisa, exímia cozinheira, uma pensão. Lá, tantos judeus como não judeus se deliciavam com sua culinária tipicamente judaica.

Foi em um sobrado na Rua Benedito Hipólito n.º 65, na Praça XI, bairro em que naquela época se concentrava a maioria da comunidade judaica do Rio de Janeiro, que David Leon Rodin nasceu e passou grande parte de sua vida.

Desde cedo, manifestou aos pais seu sonho de viajar e conhecer lugares distantes e remotos e lhes disse que queria entrar para a Marinha, o que, então, não foi levado em conta por julgarem ser um sonho efêmero. Diziam-lhe que ele seria médico, engenheiro ou advogado, como seus colegas.

David cursou o primário na Escola Pública Clementino da Silva, na Rua do Senado, próxima à sua residência. Prestou concurso para o Colégio Pedro II, na antiga Rua Larga e atual Av. Marechal Floriano, tendo passado em 1.º lugar, e onde cursou o ginásio e o científico.

Em busca da realização de seus sonhos, prestou concurso, em 1927, para a Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante do Brasil, obtendo a 1.ª colocação, na qual se formou como Praticante de Piloto, em 13 de novembro de 1929, aos 17 anos.

Por ser filho único, David teve sérias rugas com seu pai, que era radicalmente contrário à carreira que ele pretendia seguir e que o sujeitaria a ausências prolongadas e fora do convívio familiar. Mas quem tem sonhos e ideais deve persegui-los, assim o fez David, vindo a tornar-se o primeiro comandante brasileiro judeu da Marinha Mercante Brasileira.

Por isto e por ser rígido e exigente com seus comandados, e consigo mesmo no cumprimento de suas obrigações, era conhecido como o “Comandante Judeu”, o que muito o orgulhava.

Em 1935, aos 23 anos, já embarcado como Piloto em navios do Lloyd Brasileiro, conheceu numa festividade judaica Cecilia Sintob, também da Praça XI, que viria tornar-se sua mulher.

Por ser da Marinha Mercante, ocorreu um fato pitoresco neste relacionamento: David apaixonado por Cecilia, por diversas vezes tentou pedi-la em casamento aos seus pais, como era o costume da época, mas o pai de Cecília, Isaac Sintob, opunha-se terminantemente ao casamento pois achava que ele, David, sendo da Marinha, deveria ter uma mulher em cada porto.

David, desanimado, achando que ia perder a noiva, apelou para um amigo que era delegado de polícia, pedindo-lhe que intimasse Isaac Sintob. Este, muito assustado, compareceu à delegacia e, após saber do que se tratava, explicou ao delegado porque não queria o casamento. O delegado, muito paciente, conversou com Isaac e explicou-lhe a sincera intenção de David. Depois de muita conversa

e persuasão, Isaac concordou com o casamento, que ocorreu com grande pompa em 20 de março de 1937, na casa dos pais de David.

Por força das constantes e ininterruptas viagens, David pouco participou da vida comunitária, porém fazia questão que seus filhos tivessem uma tradicional educação judaica, comandada por Cecília, oriunda de família seguidora de preceitos judaicos ortodoxos. Quando aportava no Rio, frequentava a sinagoga da Rua de Santana; em outras cidades, procurava sinagogas mais próximas do porto.

O primeiro embarque de David ocorreu em 29 de novembro de 1929 no navio Barbacena, na categoria de Praticante de Piloto.

Cada categoria exigia um período mínimo de prática, quando então David retornava aos estudos na Escola de Marinha Mercante para galgar nova categoria, e assim sucessivamente.

Desta forma, foram muitos os navios de embarque e as funções desempenhadas por David, inclusive durante a Segunda Guerra Mundial.

► Antes da Segunda Guerra

- Praticante de Piloto – navios Barbacena e Alegrete, de 20/11/1929 a 9/2/1931;
- 2.º Piloto – navios Ayuroca, Rodrigues Alves, Parnaíba, Mantiqueira e Comandante Alcídio, de 12/3/1932 a 17/2/1937;
- 1.º Piloto – navios Rodrigues Alves, Comandante Capela, Aníbal Benévolo e Aracajú, de 19/3/1937 a 31/1/1941.

► Durante a Segunda Guerra

Como Capitão de Cabotagem ou Imediato, fez parte do comando dos navios Murtinho e Pirineus, no período de 1.º de fevereiro de 1941 a 22 de dezembro de 1945, realizando 65 viagens em “Zona de Risco Agravado”, para assegurar o abastecimento e o transporte de materiais necessários à obtenção da vitória, sob a orientação das autoridades navais brasileiras, ao lado das Nações Unidas.

Foi agraciado pelo Presidente da República com a Medalha de Serviços de Guerra com 3 Estrelas, Outorgada pelo Conselho do Mérito de Guerra da Marinha do Brasil, em 2 de setembro de 1948. Como reza o diploma assinado pelo Ministro da Marinha, Almirante Sylvio de Noronha,

pelos serviços prestados durante a II Guerra Mundial ao lado das Nações Unidas contra os países do Eixo, a bordo de navios mercantes nacionais ou estrangeiros, empregados em assegurar o abastecimento e o transporte de materiais necessários a obtenção da Vitória, tornou-se merecedor da Medalha Naval de Serviços de Guerra, com 3 Estrelas.

► Após a Segunda Guerra

Capitão de Cabotagem, no navio Sabará, de 2/1/1946 a 9/10/1946;

Capitão de Longo Curso, nos navios Comandante Capela, Sabará, D. Pedro II, Duque de Caxias, Joazeiro, Rio Tocantins, Rio Guaíba, Carioca, Loide Equador,

Goiasloide, Ascanio Coelho, Comandante Ripper, Jangadeiro, Rodrigues Alves e mais tantos outros navios, de 9/10/1946 a 10/4/1967.

David era membro da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, seção do então Distrito Federal, sob a matrícula n.º 12.720 e identidade n.º 15.068.

Ainda como Capitão de Longo Curso, foi nomeado para chefiar a representação do Lloyd Brasileiro na Holanda, com a missão de fiscalizar a construção de oito navios para aquela autarquia. Lá ficou durante 26 meses.

Foi também o responsável pela chefia da fiscalização da construção de seis navios na Polônia para o Lloyd Brasileiro, bem como de, no comando, trazê-los ao Brasil.

Foi professor da Escola de Marinha Mercante e incentivava jovens brasileiros judeus seguir carreira na Marinha Mercante.

Enquanto navegava, como Capitão de Longo Curso, tinha por norma convocar judeus para fazerem parte de sua tripulação e dentre os mais assíduos se destacavam o 1.º Comissário Jacob Niskier Z”L e o Assistente de Comissaria David Blinder Z”L.

No início de abril de 1964, já no período da ditadura militar, David, por ser dirigente do Sindicato dos Oficiais de Náutica da Marinha Mercante, permaneceu recluso durante 92 dias, em regime de incomunicabilidade, em Belém do Pará.

No final de 1967, por força da grave diabetes que lhe acometia, deixou de navegar e assumiu a chefia da Área Técnica do Lloyd Brasileiro, exercendo o cargo de superintendente técnico da frota, que era constituída por mais de 60 navios, e considerada, então, uma das maiores frotas do mundo. Ocupou este cargo até dezembro de 1972, quando de sua aposentadoria.

David falava correntemente iídiche, russo, inglês, francês, alemão e um pouco de japonês.

David faleceu em 20 de março de 1974, data em que completava 37 anos de casamento com Cecília Rodin, deixando seis filhos: Sara, Rachel, Alberto, Mauro, Jane e Aiza.

Com certeza, David Leon Rodin, realizou todos os seus sonhos de criança de vir a conhecer o mundo inteiro.

Samuel Miller

Samuel nasceu no Rio de Janeiro em 26 de março de 1927, filho de Simon Miller, polonês, e Alica Miller, alemã. Era artista plástico autodidata. Desde 1956, Capitão de Longo Curso da Marinha Mercante. Era também advogado e administrador de empresas.

Durante a Segunda Guerra Mundial, foi companheiro de viagem de Jacob Niskier e David Leon Rodin. Era primo em segundo grau do Veterano da FEB Adio Novak. Foi supervisor da construção do navio Comandante Ferraz, no Estaleiro Mauá, em Niterói/RJ.

Residia em Brasília, onde colaborava como diretor jurídico da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil.



► 2010 – Veterano Samuel Miller em formatura em Brasília/DF. Acervo ASCOM/MD.

Samuel Miller, OAB/DF n.º 1.109 era juiz arbitral da Comissão de Mediação e Arbitragem, cujo Presidente era o conselheiro Leon Frejda Szklarowsky, OAB/DF n.º 1.303, Samuel prestava assistência jurídica a veteranos e pessoas carentes nas áreas previdenciária e militar, inclusive nas cidades-satélite.

Concorreu a deputado distrital pelo PMDB em Brasília, e nas eleições de 3 de outubro de 1958 no Rio de Janeiro (então Distrito Federal) como vereador do PSD – Partido Social Democrático. Foi suplente de vereador no antigo Estado da Guanabara – 1958. Pertencia a Sociedade de Amigos da Marinha – SOAMAR-DF.



► 2010 – Veterano Samuel Miller em formatura em Brasília/DF. Acervo ASCOM/MD.



► 2010 – Catálogos de exposições das obras de Samuel Miller. Acervo do autor.

Recebeu a Medalha de Serviços de Guerra com 3 Estrelas, outorgada pelo Presidente da República.

Samuel Miller faleceu em 12 de dezembro de 2009. Como era de sua vontade, Samuel recebeu todo o conforto espiritual do judaísmo, do qual ele tinha muito orgulho, inclusive participando, apesar da idade (83 anos) e alguns problemas



► 2012 – Esposa de Samuel Miller inaugura exposição póstuma de seus quadros na Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Brasília/DF. Acervo do autor.



► 2012 – Retratos de Samuel Miller em uniforme da Marinha Mercante. Acervo do autor.

de saúde, do Yom Kipur. As cerimônias fúnebres foram orientadas pelo Rabino Simonowitz, que se encontrava no Rio de Janeiro, que orientou a viúva D.^a Ruth Miller, juntamente com a diretoria da ACIB, no que foi necessário.

O sepultamento ocorreu no lote judaico do Cemitério Campo da Esperança, em Brasília.

Guilherme Bessa Filho

Nascido em 8 de janeiro de 1922 em Guajará-Mirim, Rondônia, era filho de Guilherme Bessa e Cecília Pereira Lopes. Foi casado com a Sr.^a Guita Litwack Bessa.

Era 1.º Radiotelegrafista da Marinha Mercante, tendo sido tripulante de navios navegando em Zona de Guerra, fazendo jus a Medalha de Serviços de Guerra com 3 Estrelas, outorgada pelo Presidente da República, sendo o Diploma assinado pelo Ministro da Marinha Almirante Sylvio de Noronha.

Falecido em 15 de dezembro de 1989, foi sepultado no Cemitério Comunal Israelita, no Caju, Rio de Janeiro.

O Dr. Samuel Benchimol, em seu livro *Amazônia – formação social e cultural*, 2009, reporta a existência de cinco comandantes judeus: Três Benemond, um Benayon e um Siqueira, assumindo o comando do leme dos vaticanos, chatas e gaiolas da navegação fluvial.

CAPÍTULO 32

Forças Auxiliares – Polícias Militares

Cel. PMRJ Méd. Dr. Mauricio Goldbach¹

Nascido em 14 de setembro de 1938, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, filho de Hilel e Bajla Goldbach, imigrantes da Polônia. Estudou no Instituto Lafayette e Colégio Andrews.

Em 25 de julho de 1959 recebeu o certificado de conclusão da 1.^a fase do curso de Saúde do CPOR/RJ, sendo graduado 3.^o Sargento de Saúde reservista de 2.^a Categoria, com validade até 25 de julho de 1967, obrigado a apresentar-se na Região Militar antes do início do ano letivo, durante os dois últimos anos do curso de Medicina para realizar a 2.^a fase do curso – Estágio de Instrução. O comandante do Centro era o Cel. Álvaro Alves dos Santos.

Dr. Mauricio formou-se na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil em 1962, onde foi auxiliar de ensino da 4.^a Cadeira de Clínica Médica durante 18 anos, e também no Hospital São Francisco de Assis e HESFA, Serviço do prof. Lopes Pontes.

Como médico da PMRJ, serviu na Escola de Formação de Oficiais, CFAP 31 de Voluntários, ambulatório do conjunto residencial de Olaria, Policlínica de Olaria e diretor da Policlínica Militar de São João de Meriti.

Na época, há 30 anos, já existiam UBS, Unidades Primárias de Saúde, a maioria dos batalhões possuía dentista, enfermagem de família, a Unidade Básica de Saúde era a Policlínica, seguindo-se o terceiro nível HCPM e HPM Niterói

Em 1975, com a fusão, passou a servir no Palácio Guanabara como chefe do Serviço Médico, onde entre outras atribuições contava-se o atendimento ao governador e familiares, na época o Alte. Faria Lima. O Cel. PM Carlos Osório da Silveira Neto era o chefe do Gabinete Militar e ajudante de ordens do governador. Em 7 de novembro de 1978, foi elogiado em Boletim de Serviço pelo Cel. Chefe do Gab. Mil.

Sua passagem pelo Gabinete Militar deu-se entre 1975 e 1979, seguindo-se Olaria até 1983, chefe da Clínica Médica do HCPM 1983 a 1986, subsecretário de

¹ Entrevistado no Clube Monte Sinai em 22 de janeiro de 2011.



► Cel. PMRJ Méd. Dr. Mauricio Goldbach – retrato na Galeria de sócios beneméritos do CCER Monte Sinai, Rua São Francisco Xavier, Tijuca – RJ. Acervo pessoal.

Perícias Médicas 1986 e 1987, diretor da Policlínica Militar de São João de Meriti de 1987 a 1990, diretor-geral de Saúde de 1990 a 1991, no QG da Rua Evaristo da Veiga, na gestão do Cel. PM Manoel Elísio e chefe do Estado-Maior Cel. Jorge da Silva. Na ocasião, era também membro da Comissão de Promoção de Oficiais. Em 1990, recebeu a Comenda da Ordem do Mérito Policial Militar, sendo o governador Moreira Franco, o secretário e comandante geral Cel. Manoel Elísio,



► Cel. PMRJ Méd. Dr. Mauricio Goldbach – Diretor-geral de Saúde da PMERJ – 1990/1991. Acervo pessoal.



► 1977 – Maj. PMRJ Méd. Dr. Mauricio Goldbach – cumprimentando o Governador do Estado Almirante Faria Lima (mandato 1975-1979), no Palácio Guanabara, vendo-se o chefe do Gabinete Militar, em uniforme, e o Oficial Dentista Haroldo Vanzeler Ribeiro. Acervo pessoal.

chefe do Gabinete Cel. Silvio Guerra e diretor de Ensino e Instrução Cel. Jorge da Silva. Na mesma ocasião, foram agraciados a escritora Rachel de Queiroz, da ABL, um futuro comandante-geral, Ten.-Cel Dorasil Castilho Corval e o Maj. PM Méd. Abraham Kutwak.



► 1977 – Maj. PMRJ Méd. Dr. Mauricio Goldbach (3.º em uniforme branco) – cumprimentos do pessoal do Gabinete Militar por ocasião do aniversário do Governador do Estado Almirante Faria Lima, no Palácio Guanabara. Acervo pessoal.



► 1959 – Aluno do Curso de Saúde do CPOR/RJ Mauricio Goldbach – o 2.º da 1.ª fila. Acervo pessoal.

Por diversas ocasiões, integrou juntas médicas, e durante seus 10 anos na EsFO por lá passaram diversos cadetes, alguns futuros comandantes-gerais, como os Coronéis Ubiratan, Dorasil e Braz.

A Diretoria-Geral de Saúde da PM é responsável pelo atendimento à família policial-militar, compreendendo Ativa, Reserva e dependentes. Sua estrutura é tal que a maioria das cidades brasileiras não teria tamanha capacidade operacional, podendo ser citados dois hospitais, HCPM e HPM-Niterói, 3 policlínicas, PPM-Cascadura, PPM- S. J. Meriti, PPM-Olaria, cinco UBSs (V. Kennedy-BPVE, LIF, RCECS-C. Grande, 20.º BPM e 10.º BPM), e um centro de Fisiatria. Só o HCPM tem cerca de 40 clínicas.²

Dr. Mauricio passou para a Reserva em 1991, no governo Leonel Brizola, sendo comandante-geral o Cel. EB Nilton Cerqueira e o subdiretor de Saúde o Dr. Salomão Najman. É membro do Conselho Deliberativo do CCER Monte Sinai, da Tijuca – RJ.

Coronel Médico PMERJ Dr. Davis Taublib³

Dr. Davis ingressou na PM em 11 de agosto de 1989, através do Estágio Probatório de Adaptação de Oficiais, sendo elevado ao posto de Coronel Médico em 21 de abril de 2014. Tirou o CAO – Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais em 2002 e o CSP – Curso Superior de Polícia em 2005.

Foi plantonista médico do CTI do HCPM de 31 de janeiro de 1989 a 4 de maio de 1994. Adido ao Gabinete do comandante-geral, membro do Comitê de Qualidade da PMERJ de maio de 1994 a março de 1995.

² Em 2006 o HCPM era dirigido pelo Cel. PM Méd. Dr. James Strougo, que posteriormente viria a ocupar a DGS.

³ *Froien Farain com você*. Newsletter Quinzenal, Ed. 23, out. 2014.



► 2015 – Retrato do Cel. PMRJ Méd. Dr. David Taublib na galeria de diretores da Policlínica de Polícia Militar de São João de Meriti. Acervo pessoal.

No HCPM exerceu as seguintes funções a partir de 1995 até fevereiro de 2010: chefe do faturamento do SUS, membro da CCIH, chefe da Clínica Médica, chefe da Seção de Medicina Interna, chefe do SAME, membro do Conselho Técnico, chefe da Comissão de Prontoúario, chefe da Comissão de Óbitos.

Na DGS – Diretoria-Geral de Saúde foi Coordenador Médico em 2010 e de dezembro de 2010 a de agosto de 2012 – Subdiretor Geral de Saúde.

De agosto de 2012 a mar 2014 foi Subdiretor PPM SJM – Policlínica de São João de Meriti, assumindo o cargo de diretor em março de 2014.

Foi agraciado com as medalhas Distintivo Lealdade e Constância em 12/1/2004, 10 anos de Efetivo Serviço em 21/7/2006, 20 anos de Efetivo de Serviço em 5/5/2010, Ordem do Mérito Policial Militar – Grau Oficial em 26/1/12.

Dr. Davis Taublib é diretor médico da Froien Farain, Associação das Damas Israelitas do Rio de Janeiro, situada na Rua Afonso Pena na Tijuca – RJ. Formou-se em medicina pela UFRJ (1986), é pós-graduado em administração hospitalar pela PUC/RJ e em geriatria e gerontologia pela UFF. É especialista em clínica médica pela Sociedade Brasileira de Clínica Médica e especialista em geriatria pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, membro da Câmara Técnica de Geriatria do CREMERJ, além de diretor médico do Froien Farain e do Lar da União Israelita.

Maj. PMERJ Méd. Dr.ª Myriam Broitman Barros

Dr.ª Myriam nasceu em 25 de maio de 1964, em Niterói/RJ. Filha de Osmar Santos, natural de Niterói e presidente da Hebraica desta cidade, e de D.ª Regina

Broitman Santos, natural de Niterói e ex-presidente da mesma Hebraica. Estudou no Instituto Gay-Lussac de Niterói. Formou-se em 1986 pela Faculdade Souza Marques no Rio de Janeiro. Fez o internato no HCPM, residência médica em Urologia e Cirurgia Geral, durante três anos e dois anos, respectivamente.

Admitida na PMERJ no concurso de 1993, na 1.^a Turma que admitiu mulheres, sendo que já existia o Quadro Feminino desde 1985. Coursou a EsFO e a ESPM.

Em 2001, foi promovida a Capitã Médica, em 2009 a Major Médica. Chefia o Serviço de Urologia do HCPMERJ desde 2006, sendo a única ocupante de cargo de chefia de Urologia Militar do Brasil. Chefe do Centro Cirúrgico de 2003 a 2006. Atualmente é médica do Batalhão de Choque e instrutora do Grupamento de Resgate e Salvamento – GESAR. Assessoria técnica de materiais e equipamentos médicos da Diretoria de Logística da PMERJ, no QCG.

Em 2008/2009 organizou campanhas de prevenção de câncer de próstata nos batalhões e no CIB. Em 2010, organizou campanhas contra DST nos batalhões. Foi instrutora do Grupo de Resgate e Salvamento – GESAR. Participou da renovação tecnológica do HCPM e HPM Niterói. É sócia titular da Sociedade Brasileira de Urologia desde 1989, tendo publicado trabalhos científicos.

Entre outras atividades, foi atleta da PM de corridas com várias premiações e violinista da Banda Sinfônica da PMERJ.

Frequentou as associações juvenis Hashomer e Bnei Akiva, e participou dos festivais de música chassídica e israelense. Participou como médica dos Voluntários da Aliança. Originária de Niterói, frequentou a Hebraica na Rua Álvares Azevedo e a ADAF em Santa Rosa, Rua Lemos Cunha.

Maj. Méd. PMAM Dr. Isaac Dahan

Dr. Dahan nasceu em Alenquer/PA em 1948. Estudou Odontologia na UFPA. Formado, em 1972 transferiu-se para Manaus a convite do professor Samuel Benchimol para ser oficiante religioso e professor da comunidade judaica local. Lá ingressou no curso de Medicina da UFAM. É membro titular da Sociedade Brasileira de Clínica Médica e Federação Brasileira de Gastroenterologia.

Coursou o CPOR da 8.^a RM – Belém, sendo declarado Asp. Of. em dezembro de 1967. Serviu os 45 dias do estágio de adaptação em novembro de 1968, recebendo a Carta-Patente de 2.^o Ten. R/2 Infantaria. Em Manaus, prestou concurso para o Quadro de Saúde da Polícia Militar do Amazonas, estando atualmente na Reserva Remunerada como Major PM Médico.

Como Chazan⁴ e Shaliach Tsibur⁵ da Comunidade de Manaus, o Dr. Dahan organiza a preparação espiritual para os filiados ao Comitê Israelita do Amazonas, preparando várias atividades visando a compreender melhor o significado das orações hebraicas e ensinar a participar das orações, dentro da bicentenária existência

⁴ Hebraico: Cantor litúrgico.

⁵ Hebraico: Líder religioso que orienta as orações comunitárias.

do judaísmo na Amazônia, motivo de grande admiração para as outras comunidades e humilde agradecimento ao Eterno por ter concedido este merecimento.

Dr. Dahan realiza ciclo de palestras sobre Yamim Noraim (Dias de arrependimento – entre o Ano Novo e Dia do Perdão), no salão da esnoga⁶ e aulas de Meldado (reza recordatória de aniversário de falecimento) – Orações para Yamim Noraim, em hebraico, com transliteração, tradução e Explicações do ritual hispano-marroquino.

Em Manaus, o costume há vários anos é recitar as Orações de Selichot⁷ todas as quintas-feiras iniciando pontualmente às 5h00 da manhã, ainda escuro, seguida com Tefilat Shachrit e leitura do trecho semanal da Torá. Ao final do serviço religioso é ouvido o toque do *shofar*, seguindo-se café da manhã aos presentes.

Em 2 de dezembro de 2010, o Dr. Dahan recebeu o título de Cidadão Benemérito de Manaus, conferido pela Câmara Municipal, por proposta dos vereadores Ademar Bandeira (PT) e Isaac Tayah (PTB), que ressaltaram suas qualidades de médico dedicado e líder religioso equilibrado, ao que o homenageado disse da honra em receber o diploma, tendo chegado a Manaus há quase 40 anos, passando a amar a cidade e a acompanhar seu progresso, seu filho sendo um “judeu caboquinho” nascido na centenária e histórica Beneficência Portuguesa.

Uma visita ilustre⁸

Em 13 de outubro de 2009, recebemos a visita do Dr. Isaac Dahan, presidente da Seção Amazonas do Arquivo, acompanhado de sua esposa. Ele participará do V Encontro Nacional na Hebraica-SP em novembro. Dr. Dahan nos ofertou um exemplar da sua última obra, Or Gadol – Comentários sobre a Torá e as festas judaicas.

O Sr. Jairo Fridlín, da Editora e Livraria Sefer Ltda., que publicou o livro assim se manifestou:

“Isaac Dahan é legítimo herdeiro do autêntico e cristalino manancial do saber judaico desenvolvido no Marrocos e transplantado para a Amazônia. Sua esmerada formação religiosa e profissional tornaram-no um judeu humanista convicto e um brasileiro e médico exemplar.”

Cel. Méd. BMRS Jacob Kirjner⁹

Jacob Kirjner, 49, médico e Coronel da Reserva da Brigada Militar, de cujos serviços de saúde foi chefe, faleceu de derrame cerebral em Montenegro, onde residia e era coordenador de saúde do INPS e diretor do hospital local. Filho de Israel e Raquel Filchtiner, era casado com a advogada e professora Raquel Kirjner e tinha três filhos. Irmão da dentista Deia Roitman, do advogado Isaac Kirjner e do médico oftalmologista Moacir Kirjner, residente no Rio de Janeiro.

⁶ Sinagoga pequena e não oficial onde são realizados o culto a Deus, a leitura da Torá, a recitação de salmos etc.

⁷ Hebraico: Preces penitenciais nos dias que precedem o Ano Novo Judaico.

⁸ Informe Mensal AHJB – Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, ano1, n. 4, Nov. 2009. Editor Engº. Samuel Belk.

⁹ *Jornal do Brasil*, Obituário em 2 abr. 1977.

Cel. Farmacêutico PMSP Dr. Moysés Zajac

O Cel. Farmacêutico Moysés Zajac foi transferido para a Reserva da PMSP em 5 de dezembro de 1985. É Conselheiro Vitalício – Conselho Deliberativo da Associação dos Oficiais da PM – AOPM e filiado a AMEBRASIL – Associação dos Militares Estaduais do Brasil.

Foi diplomado em 1956 em Farmácia pela antiga Faculdade de Farmácia e Odontologia, Faculdade de Farmácia-Bioquímica e Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo, desde o ano de 1934.

Sua família conta com mais dois farmacêuticos, André Paulo Zajac, formado em 1984, e Meron Petro Zajac, da turma de farmacêuticos-bioquímicos, modalidade fármaco e medicamentos.

Cel. PMRN José Fontes Sobrinho

José Fontes Sobrinho, natural de Natal, nasceu em 19 de março de 1943, filho de Edson Vital Fontes e Francisca Soares Fontes. Sentou Praça na Polícia Militar em 11 de janeiro de 1960, na graduação de soldado PM, com o número 60.028, atingindo patente de Coronel PM. Como Capitão, foi comandante do Corpo de Bombeiros em 1973 e 1979.

Cel. Fontes é um possível descendente dos antigos judeus que da Holanda buscaram em Recife viver em liberdade, e que com o fim do breve período holandês (1630-1654), viram-se obrigados a partir. Uns retornaram a Amsterdã, onde até hoje seus descendentes pronunciam as mesmas orações sob o rito sefardita lusitano, na belíssima sinagoga portuguesa. Outros partiram para o



► 25 de março de 2012 – Cel. PMRN José Fontes Sobrinho, sócio benemérito e membro da Comissão de Patrimônio da FIRN/CIRN, que construiu a nova sede inaugurada em 2006. Acervo do autor.

Caribe, alguns chegando até uma ilha habitada por índios, que hoje se chama Manhattan. Mas alguns decidiram ficar, e secretamente manter viva a chama do judaísmo. Consta que teriam se embrenhado nos sertões, chegando a regiões remotas do Nordeste, onde esperavam poder manter a sua fé, como o Seridó, no Rio Grande do Norte.

Cel. Fontes é da Turma de Oficiais de 1962, com licenciatura em Geografia pela Faculdade de Educação da UFRN no mesmo ano, tendo tirado os cursos de Aperfeiçoamento de Oficiais na PMPE em 1976 e Superior de Polícia na PMESP em 1985. Coursou a International Polices Services Academy em Washington, D.C. em 1971 e o Partners of the America's Disaster Management Seminar em 1986. Coursou a ADESG em 1974.

É sócio benemérito da Sinagoga Braz Palatnik de Natal, com cuja construção da nova sede muito contribuiu.

Seu filho, Ten.-Cel. Swami de Holanda Fontes, assumiu o comando do 7.º Grupo de Artilharia de Campanha – Regimento Olinda, orgânico da 10.ª Brigada de Infantaria Motorizada, em 15 de janeiro de 2014, em Olinda/PE.

Cap. PMRN Abdon Nunes de Carvalho

Abdon Nunes, quando Tenente da Polícia Militar, exerceu as funções de delegado de polícia em vários municípios potiguares, entre eles Areia Branca e Mossoró. Quando do ataque de Lampião à Mossoró em 1927, o tenente Abdon era delegado em Areia Branca. Chamado às pressas, veio em socorro, desempenhando importante papel na derrota e expulsão do bando de Lampião.¹⁰

Em Mossoró havia uma igreja dedicada a Santa Luzia (Lampião era cego de um olho) – sua padroeira. Mesmo assim, decidiu correr o risco, pela riqueza da cidade. Entretanto, sob a liderança do prefeito Rodolfo Fernandes foram montadas sete trincheiras para evitar que Lampião chegasse ao centro da cidade e pudesse saquear Mossoró.

O cangaceiro ao ver que havia caído numa cilada ordenou a debandada, pois “igreja que tem a bunda redonda e que até o santo atira, não é um bom lugar para lutar”. E assim fugiram, deixando para trás o comparsa “Jararaca” gravemente ferido, e que faleceu mais tarde em condições nebulosas.

Relato do Rabino Dr. João F. Dias de Medeiros (Rav. Yohanan Yedidia) de Natal/RN¹¹

O Cap. Abdon Nunes tinha consciência de sua origem judaica, de modo que quando nasceu seu filho, no oitavo dia ele mesmo o circuncidou. Sua família era de criptojudeus, que só se batizavam por pressão social, sabendo que eram

¹⁰ www.motonline.com.br/notícia/mossoro-a-terra-que-colocou-lampiao-para-correr/#sthash.A42rETVj.dpuf

¹¹ Conforme relato ao autor em março de 2012 por ocasião do lançamento de *Soldados que vieram de longe* em Natal/RN.



► c. 1930 – Cap. PMRN Abdon Nunes de Carvalho, que viveu como judeu oculto. Acervo não identificado.

judeus, apenas para atender às perguntas da vizinhança, de quando seria o batizado. Abdon, como era oficial militar, sentiu-se imune, nunca batizando o filho.

As famílias marranas sabiam que eram judias, mas não tinha notícias do restante do povo. Eram sobreviventes da inquisição, que foi o primeiro holocausto.



► 25 de março de 2012 – *Matzeiva* (pedra tumular) de José Nunes Cabral de Carvalho (1913-1979), na ala judaica do Cemitério do Alecrim, Natal/RN. Foi circuncidado aos 8 dias pelo próprio pai, o criptojudeu Cap. PMRN Abdon Nunes de Carvalho. Acervo do autor.

Pouco a pouco todas as famílias se assimilaram e guardaram tradições e sinais culturais. Abdon se empenhou em estudar judaísmo, tornou-se judeu convicto.

Seu filho José Nunes Cabral de Carvalho tinha uma biblioteca anexa à sua casa, na Rua Abdon Nunes. Faleceu de repente, e sua filha Sheila, colega de faculdade do Cel. José Fontes Sobrinho, ligou altas horas da noite para saber com ele como entrar em contato com o rabino, pois seu pai antes de fechar os olhos havia expressado o desejo de ser sepultado como judeu no cemitério israelita, e lhe pedira que procurasse o Cel. Fontes, pois ele saberia quem é o rabino, para obedecer o ritual hebraico. O Cel. José Fontes Sobrinho fora aluno do prof. Cabral em 1970 no Curso de Antropologia da UFRN.

Os marranos potiguares¹²

O despertar dos marranos em Natal – RN, abordado na obra de João F. Dias de Medeiros, nos faz identificar a proto-história desta busca pelas raízes ancestrais dos cristãos-novos no Rio Grande do Norte.

Assim, encontramos um dos heróis da resistência à invasão do bando do cangaceiro Virgulino Ferreira, o Lampião, à cidade de Mossoró, RN, em 13 de junho de 1927, o então tenente da Polícia Militar do Rio Grande do Norte, Abdon Nunes de Carvalho.

Este, já em 1913, revelou viver de acordo com o universo simbólico judaico, ao circuncidar seu filho, José Nunes Cabral de Carvalho aos oito dias de nascido.

Estudiosos do marranismo potiguar atribuem a José Nunes Cabral de Carvalho (1913 – 1979), o aprofundamento dos estudos das origens judaicas do povo nordestino e o apostolado marrano.

O conceituado historiador e genealogista Paulo Valadares lança a hipótese de que foi após encontrar-se com uma comunidade israelita, em Niterói, RJ, especialmente a família de Samuel Cudisevici, que o mesmo decidiu criar uma sociedade para congregar os marranos potiguares.¹³

Havendo estudado Odontologia em Niterói, RJ, tornou-se professor na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e cofundador, junto com Luís da Câmara Cascudo e outros, do Museu de Antropologia da Universidade, em Natal, RN. Certamente, conhecedor da obra de Luís da Câmara Cascudo, pôde encontrar em Mouros, Franceses e Judeus: Três Presenças no Brasil, de 1967, as reminiscências dos costumes judaicos na cultura brasileira.

Natal – uma comunidade singular¹⁴

Em 1984, sob este título, o casal de historiadores Egon e Frieda Wolff lançou um livro sobre a comunidade judaica de Natal. Com a vinda de imigrantes judeus a partir de 1920, teve escola, sinagoga, cemitério, atingindo o apogeu na época

¹² SILVA, Marcos (Doutor em História da Educação, Departamento de História/UFS, Universidade Federal de Sergipe). *Retorno ao judaísmo no Nordeste brasileiro: o caso dos marranos potiguares.*

¹³ VALADARES, Paulo. *De Jerusalém para Lisboa, de Lisboa para o Sertão.* Boletim do AHJB, n.º 42, mai. 2010, p. 25.

¹⁴ BLAJBERG, Israel – Reminiscências de visita a Natal, mar. 2012.

da Segunda Guerra Mundial, quando Natal foi o Trampolim da Vitória, até que ao final da década de 1960 chega o ocaso. A geração de imigrantes já não estava mais aqui, outros se transferiram para Salvador e Rio de Janeiro, a sinagoga foi fechada, o cemitério caindo em desuso.

Mas estava escrito que a Estrela de David não haveria de deixar Natal... Com efeito, numa sexta-feira à noite, pedi ao taxista que me levasse na Rua General Varela. Com alguma dificuldade achamos a antiga rua dos judeus, próximo ao Colégio da Imaculada Conceição, onde eles tinham suas lojas e residências, próximo a antiga sinagoga que não mais existe. Era uma noite fresca no começo do outono. Não havia ninguém, nem carros passando pelas ruas escuras. Apenas uma pequena casinha com as luzes acesas e janelas fechadas. Desci do táxi e fiquei por algum tempo estático diante do prédio branco modesto, com uma estrela de David no alto. Uma brisa vinha do rio Potengi, me encontra sozinho perdido no silêncio daquela ruela escura e estreita, onde há várias décadas efervescia a vida da Natal judaica. Imagino-me retornando àquele passado distante da Segunda Guerra Mundial... A qualquer momento algum judeu poderia sair de uma daquelas esquinas, quem sabe a figura serena do capelão militar americano Shaftei Baum, acompanhado de *marines* e aviadores judeus, todos envergando orgulhosos a farda cáqui, para o serviço religioso; ou quem sabe, um dos Palatnik, que piedosamente construiu a sinagoga....

Logo desperto das divagações, e bato à porta. Cerca de 15 fiéis assistem ao serviço. A maioria de anussim (retornados), cujo judaísmo latente despertou após anos, quem sabe, séculos adormecido nos desvãos da história. Mas a pátina do tempo não foi suficiente para apagar a chama. E aqui estou eu, testemunhando



► 25 de março de 2012 – O autor, o pesquisador Augusto Maranhão, diretor de Ensino e Pesquisa da Fundação RAMPÁ, e um amigo na ala judaica do Cemitério do Alecrim, Natal/RN. Acervo do autor.



► 25 de março de 2012 – Sinagoga Braz Palatnik e sede própria da FIRN/CIRN, Rua Gen. Varela n.º 624, Cidade Alta, Natal/RN, inaugurada em 14 de março de 2006 com a colaboração de Rubens e Solange Palatnik. Acervo do autor.

a Eternidade de Israel. As perseguições, as fogueiras, a intolerância da Inquisição não conseguiram evitar que a tradição florescesse, mesmo dissimulada através dos séculos. As orações são conduzidas por um jovem cantor, que nada fica a dever aos que se ouvem no Rio ou qualquer outra parte. Soube depois que era quase um autodidata, havia aprendido tudo em Natal. O eminente Rabino João F. Dias de Medeiros, de Acari do Seridó, com quase 80 anos, faz a sua prédica, ele mesmo um daqueles descendentes de cristãos-novos, descobrindo o judaísmo de seus avos portugueses, como nos conta em seu emocionante livro *Nos passos do retorno* (Natal, 2005).

Ao final, todos entoam as mesmas conhecidas canções, e se despedem conforme as tradições. Pedem que não fiquemos pelas imediações, assim a partida é rápida, e logo a sinagoga está fechada, luzes apagadas, tudo discretamente, parecendo emular o passado em que tudo era feito sub-repticiamente, mantendo em segredo as práticas religiosas.

Assim, Natal continua sendo a mesma comunidade singular que o Casal Wolff descreveu. Os que partiram continuam dando a mesma contribuição ao Brasil dos que ficaram. Seus descendentes hoje são profissionais liberais, intelectuais, comerciantes, seja em Natal, seja por este Brasil a fora, desde que os primeiros deles aqui aportaram em princípios do século XX aqui na terra do notável Câmara Cascudo, o Grande Ludovicus, que entre tantas obras nos legou *Mouros, franceses e judeus, três presenças no Brasil*, ele mesmo um remoto descendente de cristãos-novos, seu trisavó Freire, conforme sua filha Ana Maria, que com a neta do grande folclorista, Dália, nos recebeu na casa em que viveu, hoje transformada em bem cuidado museu.

Mas como sabemos, muito antes disso, porém, os cristãos-novos já contribuíam para o progresso do Brasil. O Nordeste foi uma terra de cristãos-novos, onde estabeleceram engenhos de cana-de-açúcar. Com o tempo foram se transformando em cristãos-velhos, para poderem ser aceitos na sociedade. Alguns viravam até padres, construíam capelas.

Até hoje, descendentes remotos acendem velas sexta-feira de noite, ignorando que se trata do ritual judaico da chegada do Shabat (sábado, o dia do descanso). Muitas famílias herdaram este costume de antepassados imemoriais sem saber o real significado, algo como uma simpatia da vovó... E reza uma lenda que os rabinos cabalistas formavam nomes com as letras da palavra *Israel: Linhares, Salgueiro* e outras...

Andando pelas ruas, olhava os rostos dos natalenses, revelando o amálgama em que se constitui o povo brasileiro, resultado da junção ao longo dos séculos dos índios, brancos, negros, italianos, espanhóis, portugueses, alemães, asiáticos... identificando em alguns dos passantes os traços dos guerreiros potiguares, em outros, dos negros que ajudaram a fazer deste país uma grande nação, e sem dúvida em tantos os antigos traços judaicos sefaradim (Sefarad = Espanha em hebraico). Certamente nas veias de muitos deles corre ainda hoje um infinitésimo de sangue judaico, do que certamente podem se orgulhar.

E assim continuamos a nossa jornada, confirmando a profecia de Isaías, tão numerosos quanto as estrelas no céu, e quanto os grãos de areia do deserto...

Nesses poucos dias, manifestou-se uma sensação estranha – já havia estado aqui... não nas recentes visitas, mas em um passado muito mais distante... um lugar que me parecia familiar, quem sabe...?

Emergência no HCPM¹⁵

No alto do morro, em meio ao fragor da batalha, uma pequena tropa se quedou isolada. É preciso retrair o mais rápido possível. O inimigo pérfido se dissimula, ocultando-se entre moradores, constringendo-os. Conhecem o terreno, possuem armamento pesado, não respeitam nenhuma regra.

As comunicações se sucedem secas e precisas com as viaturas operacionais, helicópteros e o PC. A voz do comandante não deixa transparecer, mas do outro lado colegas experimentados já se aperceberam do perigo mortal. Situação séria, crítica.

O tiroteio é intenso, projéteis ricocheteiam por todos os lados. De repente, um grito de dor: um jovem soldado foi atingido. O ferimento exige cuidados, o miliciano terá que ser evacuado com urgência, está perdendo sangue. O anoitecer chegando e tornará as coisas ainda mais difíceis. Apesar do alto risco, o helicóptero se aproxima tanto quanto possível para dar cobertura ao grupo que carrega o ferido pelas vielas estreitas.

¹⁵ BLAJBERG, Israel. Adaptação de conto publicado no *Jornal do CORPMRJ* - Clube dos Oficiais da Reserva e Reformados da PMERJ, 2010.

Em plena Cidade Maravilhosa, uma operação de resgate sob fogo do inimigo entrincheirado na crista do terreno. Mas não existe alternativa. Trata-se de um pai de família, um amigo, um filho, um irmão. Entes queridos aguardam diariamente seu retorno seguro ao lar.

Um rastro de pingos de sangue pelas escadarias testemunha o ato heroico e de solidariedade humana. A dedicada guarnição executa os procedimentos de emergência enquanto o motorista aciona repetidamente a sirene, abrindo caminho a todo custo em meio a um mar de carros e ônibus.

Vinda do HCPM, a viatura é uma mini-UTI, equipe médica calejada, equipamentos, medicamentos suportam sinais vitais. O soldado ferido está consciente, as dores sendo mitigadas, ele se conforta, já sendo preparado para a cirurgia de emergência. No CTI a postos, tudo pronto para iniciar a operação tão logo chegue a viatura, as notícias sobre a evolução do quadro clínico sendo transmitidas via rádio para os cirurgiões que já planejam a intervenção.

Enquanto recebe as primeiras doses de anestésicos, o sono induzido lhe traz de volta antigas recordações, em meio ao balanço do veículo e ao ruído branco familiar que vem do radiotransmissor entrecortando as mensagens. A essa altura, todo o batalhão procurando saber notícias do colega ferido, muitos já na porta do hospital em uma corrente positiva.

O sono vem chegando, enquanto a vida desfila diante de seus olhos, como numa tela mágica de cinema: lembranças da infância feliz, os tempos de garoto do subúrbio, peladas no campinho de terra, primeira comunhão, e já quase adulto a seleção para a PMERJ entre milhares de candidatos.

O tão sonhado ingresso na Centenária Corporação. Na Formatura do CEFAP, pais e familiares entre eufóricos e apreensivos: seu filho, um Soldado, será uma vida inteira dedicada à defesa da sociedade.

A ambulância finalmente chegou, iniciando a subida pela estreita rampa. A maca percorre os corredores velozmente, cada segundo conta. A gravidade do ferimento é evidente, produzido por arma de guerra de impacto poderosíssimo. A equipe da UTI se desdobrou, mas lamentavelmente teme-se o pior.

Uma música suave perpassa os ouvidos do soldado ferido. Imaginação? Ao dar entrada no centro cirúrgico percebe vagamente vultos diáfanos. Durante o sono anestésico vislumbra familiares que partiram havia muito, tios, avós, rostos suaves levemente sorridentes. Ainda estaria aqui entre nós? Foram horas de cirurgia para retirar todos os fragmentos.

A operação termina. Nota que uma espécie de cordão de prata parece ligar seu corpo com o infinito. Uma dor perpassa pelo local onde recebera pontos, ainda atordoado pela anestesia. Pensa em pedir socorro, mas a voz não sai. De repente a sala parece se abrir, tudo em volta some em meio ao clarão de alvíssima e poderosa luz branca. Postou-se à cabeceira um senhor idoso de avental

“(...) não se preocupe, seu filhinho vai chegar dentro de poucos dias, você vai conhecê-lo, vai estar na Igreja para o batizado.”

Sente que algo gelado percorre lentamente a região suturada pelos pontos, e conforme avança, a dor desaparece instantaneamente. Já está tudo bem, o CTI novamente imerso na meia-luz, o bip-bip dos aparelhos antes do velhinho aparecer. Não precisou se identificar, nem que portas do centro cirúrgico se abrissem, mas o Mestre já sabia que alguém merecia sua visita, um justo na defesa da sociedade. O Grande Arquiteto do Universo consentiu que orientasse a mão do cirurgião.

Chega o dia da alta hospitalar. Logo depois nasceu o menino. Diante da pia batismal, o Soldado recordou o seu sofrimento, implorando mentalmente ao D'us Todo-Poderoso que esse menino pudesse viver num mundo melhor que o nosso.

CAPÍTULO 33

Corpos de Bombeiros Militares

Cel. BM Méd. Dr. Luiz Chvaicer

Luiz Chvaicer nasceu em Campos/RJ, em 25 de dezembro de 1930, filho de Arthur Chvaicer, imigrante da Bessarábia, e D.^a Fany Chvaicer, imigrante da Argentina. Estudou na Escola Israelita Brasileira Sholem Aleichem e Colégio Hebreu-Brasileiro. Diplomado pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil em 28 de dezembro de 1954, sendo o diploma assinado pelo Magnífico Reitor Pedro Calmon

O Dr. Chvaicer foi nomeado 1.º Tenente Médico do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal por Decreto de 15 de março de 1955, passando para a Reserva no posto de Coronel em 1983. A Carta-Patente foi assinada pelo Presidente da República Dr. João Café Filho, no Palácio da Presidência do Rio de Janeiro, na mesma data. Sua especialidade é a Clínica Médica e Cardiologia.

Em 19 de setembro de 1960, foi promovido a Capitão Médico, e em 15 de julho de 1965 a Major Médico, estando a Carta-Patente assinada pelo Governador do Estado da Guanabara Embaixador Francisco Negrão de Lima em 5 de setembro de 1966. Em 24 de janeiro de 1980, foi promovido a Tenente-Coronel pelo Comandante Geral Cel. Luiz Vieira de Abreu. Na gestão do Comandante-Geral Cel. EB Renato Ribeiro da Silva, foi promovido a Coronel em 31 de janeiro de 1983 e nomeado diretor-geral de Saúde. A promoção a Major foi pelo critério de antiguidade, e as demais por merecimento.

Ao passar para a Reserva, foi elogiado em Boletim de Serviço n.º 132, de 9 de setembro de 1983, pelo Comandante-Geral Interino Cel. BM José Halfeld Filho.

Participou de ocorrências em desastres, quedas de avião, incêndios. No desastre de trens na via férrea em Mangueira em 1956 contou 103 corpos, havia montanhas de corpos vivos e mortos misturados, era 1.º Tenente recém-incorporado aos Bombeiros.

Um desabamento em Santa Teresa, durante as fortes chuvas de 1966, o impressionou fortemente, a mãe abraçada ao filho, sobre um armário de roupas, ambos mortos.

Na queda de avião da Lufthansa na Ilha do Governador, pela primeira vez presenciou numerosos corpos carbonizados e reduzidos a pequenas dimensões, em meio à fumaça ainda visível.

No II SENABOM – Seminário Nacional de Bombeiros – em dezembro de 1982 no Rio de Janeiro, presidido pelo Cmt.-Geral CeLEB Renato Ribeiro da Silva, expôs a ideia do futuro GSE – Grupamento de Serviços de Emergência, que viria a ser criado em 1986 no governo Leonel Brizola. Havia observado pelos anos passados, já era Tenente-Coronel, que não possuíamos, ao contrário de sociedades mais conscientizadas, com ambulâncias de socorro urgente à população na via pública, expondo a ideia no relatório perante uma grande plateia de bombeiros de todo o Brasil, de que o governo implantasse aqui esse serviço, que existia na Alemanha, por exemplo.

Em janeiro de 1982, integrou a comissão que estudou a criação dos paramédicos, na qual participaram o Ten.-Cel. BM Asdrubal da Silva Ortiz, chefe da BM/3, o Ten.-Cel. BM Méd. Luiz Chvaicer, assessor de Saúde do Comando, e o Cap. BM Méd. Luiz Mauricio Plotkowski.

Participou de inúmeras corridas de socorro, como a do prédio da CVRD na Av. Graça Aranha. Naqueles tempos, os médicos eram escalados apenas para os sinistros de grande porte.

Entre as condecorações recebidas, contam-se a do Centenário do Marechal Caetano de Faria (MJNI-1955), 1.º Centenário do CBDF (2 de julho de 1956), Fidelidade à Guanabara, por ter permanecido a serviço do Estado, quando poderia reverter à União por força de Lei (30 de abril de 1965), e Medalha Centenário Marechal Souza Aguiar (2 de junho de 1955)

Ten.-Cel. Bombeiro Militar Médico Dr. David Szpilman

Nascido no Rio de Janeiro em 3 de junho de 1958, o Ten.-Cel David fez seus primeiros estudos no Ginásio Hebreu Brasileiro Max Nordau (1967-73), 2.º grau no Colégio Princesa Isabel, conclusão em 1976, e Medicina na Fundação Técnico Educacional Souza Marques/RJ, formando-se em 1982. Residência médica de 1982 a 1985 no Hospital Marcílio Dias (Marinha do Brasil), especialista em clínica médica e terapia intensiva com foco em afogamento.

É fundador, ex-presidente e atual diretor médico da Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático – Sobrasa; ex-chefe da Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Municipal Miguel Couto (12 anos no exercício); Ten.-Cel. Médico da Reserva do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro, onde foi chefe do centro de recuperação de afogados por 12 anos; membro do Conselho Médico da Federação Internacional de Salvamento Aquático (ILS); membro da Câmara Técnica de Medicina Desportiva do CREMERJ; membro do Comitê Brasileiro de Ressuscitação; guarda-vidas formado pelo serviço de San Diego, Califórnia; revisor médico das revistas *Resuscitation* e *New England Journal of Medicine*.

Autor de quatro livros, 54 capítulos de livros e mais de 127 artigos médicos nacionais e internacionais sobre afogamento. Palestrante convidado para 390



► Ten.-Cel. BM David Szpilman orienta surfistas para auxiliarem em salvamento. Acervo pessoal de David Szpilman.

palestras no Brasil e 23 internacionais (Bélgica, Hungria, Inglaterra (2), Espanha (4), EUA (4), Argentina (3), Venezuela, Uruguai, Itália, Holanda, Portugal (2), Irlanda e Austrália).

Segundo a OMS, mais de 500 mil pessoas morrem anualmente por afogamento, e o Brasil é exemplo nesse tipo de resgate. O protocolo de salvamento criado por um carioca ganhou destaque numa das mais respeitadas publicações médicas do mundo. Todo ano, 7 mil pessoas se afogam no Brasil, e o curso é para surfistas poderem ajudar os salva-vidas com as vítimas. Em 2014, realizou-se o Simpósio Brasileiro Piscina+Segura, no Rio de Janeiro, e foram disponibilizados mais cinco novos cursos *online* gratuitos, e 32 mil crianças participaram da semana Piscina+Segura em 26 clubes, academias e escolas.

Dr. David Szpilman, diretor médico da Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático – Sobrasa¹⁶, desenvolve importantes ações para reduzir o número de afogamentos em nosso país, sagrada missão de salvar vidas.

“Afogamento não é acidente, não acontece por acaso, tem prevenção, e esta é a melhor forma de tratamento.”

Médico especialista em afogamentos, David Szpilman é hoje uma referência internacional na área de salvamento aquático e prevenção em afogamentos, como denotam suas próprias declarações:

¹⁶ www.sobrasa.org e www.facebook.com/SobrasaBrasil

“(...) o amor pelas atividades e esportes aquáticos sempre foi uma constante em minha vida. Quando garoto, costumava pescar com minha família. Quando iniciei este trabalho com afogamentos há 23 anos, observei que não havia algo do gênero no Brasil e que esta era uma área muito carente de conhecimento. Estabeleci alguns contatos com especialistas internacionais onde pretendia obter respostas a várias de minhas perguntas no assunto. Fiz o curso de guarda-vidas em 1996, pois queria estar por dentro de tudo na área. Curiosamente após alguns eventos internacionais descobri que estas respostas haveriam de sair de nosso trabalho brasileiro. Foi então quando eu investi em pesquisa sobre o assunto. Foi uma maneira que encontrei para ajudar a reduzir o número de afogamentos no Brasil. Procurando respostas para minhas perguntas e indagações sobre as melhores formas de prevenir e tratar um afogado, com muitas dificuldades pelo caminho, elaboramos ao longo dos anos diversas pesquisas que nos deram este reconhecimento mundial de liderança na área. Ao longo desse trajeto reunimos um grande grupo de especialistas nessa área e juntos fundamos a Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático, onde fui o primeiro presidente.”

Segundo dados da Sobrasa, quatro crianças com até 10 anos de idade morrem afogadas por dia no Brasil e a maioria dos afogamentos acontece nas piscinas.

Dr. Szpilman recomenda alguns cuidados na prevenção de afogamentos em piscinas e praias:

- ▶ Aprender a flutuar a partir dos 8 meses e a nadar a partir de 2 anos de idade. Nadar sempre acompanhado nas praias.
- ▶ Não superestimar a sua capacidade de nadar (46,6% dos afogados acham que sabem nadar).



▶ Ten.-Cel. BM David Szpilman em instrução de salvamento. Acervo pessoal de David Szpilman.

- ▶ Nas piscinas crianças devem sempre estar sob a supervisão de um adulto (89% dos afogamentos ocorrem por falta de supervisão).
- ▶ Isolar a piscina com grades com altura de 1,50 m e 12 cm nas verticais. Elas reduzem o afogamento de 50% a 70%.
- ▶ Evitar brinquedos próximos à piscina, isto atrai as crianças.
- ▶ Treinamento – mais de 40% dos proprietários de piscinas não sabem realizar os primeiros socorros.

CAPÍTULO 34

Veteranos das Nações Amigas Aliadas

EUA

Gerald Goldstein

Gerald era estudante em Nova Iorque quando resolveu se apresentar como voluntário para a Marinha Mercante americana.

Durante a guerra, serviu como Oficial Radiotelegrafista a bordo de navios mercantes navegando em zona de guerra no Atlântico Norte e Mediterrâneo, em águas sujeitas a ataques aéreos, navais e submarinos.

Logo após a guerra, imigrou para o Brasil, onde trabalhou muitos anos na área bancária.

Aposentou-se, mas continuou a prestar serviços voluntários como presidente dos ex-combatentes USA, e nas associações que congregam cidadãos americanos e ingleses no Brasil.

Residia com a esposa Betty em Copacabana, e possui diversas condecorações nacionais e estrangeiras. Faleceu em 21 de novembro de 2012.

Gerry Goldstein, R.I.P.

It is with great sadness that the American Society Rio conveys the news that Gerry Goldstein, our friend, colleague and mainstay of Rio's American community for as long as most of us can remember, has died.

The funeral will take place today, November 21st and will be webcast live at 2:30 pm (Rio de Janeiro time).

You can access the event by clicking here:

To Gerry's family and friends:

"Ha'makom yenahem etkhem betokh she'ar avelei Tziyonvi' Yerushalayim."
(May God console you among the other mourners of Zion and Jerusalém.)

Queiram avisar os demais veteranos do seu grupo

Capelão Militar Judaico Shaftei Baum – Forças americanas estacionadas em Natal/RN, de 1942 a 1945

O Casal Wolff publicou em 1984, no Rio de Janeiro, um livro sobre a comunidade judaica de Natal, com prefácio de autoria do amigo e confrade no IHGB



► 1.º de maio de 2005 – Chegada dos Veteranos das Nações Amigas Aliadas ao Grande Templo Israelita da Rua Tenente Possolo, Rio de Janeiro/RJ, para a solenidade do Dia da Vitória e homenagem aos heróis brasileiros judeus da 2.ª GM. Acervo do autor.

– Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o General Umberto Peregrino, nascido em Natal/RN.

A entrada dos Estados Unidos e do Brasil na Segunda Guerra Mundial e a chegada em Natal de um grande contingente de soldados americanos, incluindo um número de judeus, teve muita repercussão na comunidade israelita de Natal. Umberto Peregrino, no seu prefácio ao livro do Casal Wolff menciona:

Digno de realce o registro de apoio dado aos judeus norte-americanos que estacionavam em Natal durante a 2.ª Grande Guerra, quando a Base aérea de Parnamirim assumiu papel decisivo na condução das operações nos teatros do Oriente Médio e da Itália.

Menciona o Casal Wolff em seu livro várias ocorrências desse tempo: a ajuda do capelão Shaftei Baum no funcionamento da escola que interessou a Junta Judaica de Educação e Bem-Estar Judaico a enviar livros didáticos e outro material ao colégio. Por ocasião da morte do presidente Roosevelt, o rabino oficiou a reza de trinta dias (*shloshim*), assistindo tanto a judeus natalenses como americanos. Nas festas judaicas e no Shabat (sábado judaico), os Palatnik e seus parentes retribuíram, convidando soldados americanos para as suas casas e levantando a moral daqueles longe da sua pátria. Graças a esta estreita convivência, o *National Jewish Welfare Board* (Junta Nacional Judaica de Bem-Estar), em carta datada de 11 de junho de 1946, encaminhou a José Palatnik o diploma do National Jewish Welfare Board,

concedido pelos seus meritórios serviços em prol das necessidades religiosas, espirituais, culturais e recreativas das forças armadas americanas, estacionadas em Natal durante a guerra.

Houve casos como de um soldado americano que retornou após a guerra para se casar com a filha de Jacob e Olga Palatnik. O jovem casal foi viver nos Estados Unidos, mas tempos depois passou a residir no Rio de Janeiro. Consta na obra do Casal Wolff, também, o casamento da filha de Jacó e Dora Palatnik, Chimonit (Simonita), nascida a 26 de julho de 1922, com o militar americano Abraham Cohen. O casal residia no Rio de Janeiro.¹ Simonita Palatnik Cohen faleceu em 5 de fevereiro de 2013, estando sepultada no Cemitério Parque Israelita, no Jardim da Saudade, em Paciência, RJ, o mais novo cemitério judaico do Rio, situado entre Guaratiba e Campo Grande. Em 3 de março de 2013 realizou-se uma *haskará* no Centro Cultural Midrash, na Rua Gen. Venâncio Flores, 184 – Leblon – RJ.

Na década de 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, é digna de registro a presença, dentre os militares americanos sediados nas proximidades de Natal, de um certo número de soldados judeus, junto com seu capelão, que tiveram um contato íntimo com a comunidade em suas celebrações semanais. Graças a este contato, o Joint Welfare Board enviou livros de rezas judaicas (*humashim*) e outros livros para as crianças; um dos membros da família, José Palatnik, foi honrado com uma carta de agradecimento oficial pela recepção contínua oferecida aos militares. Houve também soldados judeus brasileiros. A celebração do fim da guerra contou com a participação deles. No campo cultural, deve ainda ser lembrado o círculo de estudo da Bíblia. Por fim, em 1967, haviam restado apenas duas famílias judias na cidade. O edifício da sinagoga se arruinou.²

Augusto da Rocha – Um brasileiro na Guerra do Vietnam³

Mineiro de Belo Horizonte, Augusto da Rocha, que também se assina Bentsur, nasceu em Belo Horizonte em fevereiro de 1944, membro de uma família de judeus portugueses que tinha chegado ao Brasil no início do século passado. Ao completar 20 anos decidiu viajar para os Estados Unidos para aprimorar o inglês e cursar uma faculdade. Os tempos eram outros e, ao desembarcar em Los Angeles, em 1965, com os quinze mil dólares que seu pai havia lhe entregue, já portava tanto o *green card* quanto o *social security*, e até mesmo um visto de imigrante. Ingressou de imediato no Curso de Engenharia Mecânica da Universidade Santa Mônica, na Califórnia.

¹ WOLFF, 1984, p. 36.

² ROZENCHAN, Nancy – Universidade De São Paulo - Os judeus de natal: surgimento de uma comunidade, segundo registro de seu fundador, citando PALATNIK, Túvia (Tobias) (1970) Binetivei Hanedudim – Sefer Zichronot (Nas sendas errantes – Entre o Dniestr na Ucrânia e o Potengi no Norte do Brasil – Livro de Memórias), edição do autor, Tel Aviv. 19.

³ Nelson Menda – Miami – EUA, *Notícias da Rua Judaica*, Ed. 273, Diretor/Editor: Osias Wurman, 10 ago. 2012.

Sua chegada, em 1965, coincidiu com a entrada oficial dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã e ele, na condição de imigrante, foi convocado para o serviço militar apenas dois anos depois de ter pisado em solo americano. Realizou seu treinamento nos estados do Texas e Geórgia e, em 1967, embarcou para o Vietnã, onde foi destacado para o serviço de patrulhamento de comboios.

Augusto permaneceu no Vietnã pelo período de um ano, metade do qual em combate, ocasião em que foi atingido por estilhaços de granada durante uma ofensiva militar adversária. No final de 1968 retornou do Vietnã, tendo completado seu serviço militar em uma base na Califórnia. O governo norte-americano sempre tratou muito bem seus veteranos de guerra, especialmente os que participaram – e foram feridos – em combate. Bolsas de estudo e financiamento público permitiram ao veterano Augusto e aos seus três filhos cursar faculdade. Além disso, ele e a esposa têm direito à assistência médico-hospitalar e farmacêutica subsidiados durante toda a vida. Quando se leva em conta que os Estados Unidos chegaram a dispor de 2 milhões e 300 mil homens no Vietnã, com 300 mil feridos e 58 mil mortos, pode-se ter uma ideia do que isso representa.

Assim que deu baixa do exército, Augusto pôde realizar o sonho de frequentar uma escola de pilotos, profissão que exerceu tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, para onde retornou em 1980, pois queria que seus filhos aprendessem, ao lado do inglês, o português. Foi piloto civil nos dois países, baseado em Belo Horizonte e Los Angeles. Em 1995, voltou de vez aos Estados Unidos, optando por se radicar, dessa feita, em Miami, onde o conheci.

Augusto fez questão de relatar um fato bastante pitoresco. Como serviu na Polícia do Exército americano e até hoje gosta de envergar seu boné com as insígnias MP, debaixo do qual usa uma *quipá*⁴, muitos veteranos ainda olham atravessado para ele. Afinal, como membro da Polícia do Exército, era encarregado de manter a disciplina, que ele sempre fez questão que fosse obedecida à risca. Disciplina que ele continua seguindo ao pé da letra, chova ou faça sol, pois atualmente, já aposentado, faz questão de comparecer, duas vezes por dia, à Sinagoga da Normandy Drive, em Miami Beach, para as rezas matinais e vespertinas, pois é religioso ou, como dizem os sefarditas cubanos do Templo Moses, “un judío observante”.

Convite de D. Pedro a um comandante da Marinha Americana⁵

Esta história nos foi contada durante visita a Cincinnati/EUA pelo então diretor do American Jewish Historical Archives, o grande historiador professor Jacob Rader Marcus. Tratava-se de um certo Uriah P. Levy, oficial da Marinha americana e de seu encontro com o imperador do Brasil, episódio que o prof. Marcus tinha incluído num dos seus livros de memórias. Retornando ao Brasil, tentamos confirmar se este encontro constava em alguma das biografias de D. Pedro II, sem resultado positivo.

⁴ Solidéu.

⁵ WOLFF, Frieda.

Uriah Philipe Levy nasceu nos Estados Unidos em 1792 e já aos 10 anos de idade estava servindo como taifeiro na Marinha Mercante. Quando irrompeu a guerra contra os ingleses em 1812, Levy alistou-se na Marinha de Guerra como voluntário.

Em 1827, ainda tenente, Levy serviu no navio Cyane quando este aportou no Rio de Janeiro. Um mal-entendido entre seus marinheiros e brasileiros resultou numa briga desordenada, violenta; Levy interveio salvando um dos seus suboficiais, mas recebendo ele mesmo o golpe de sabre destinado ao seu camarada.

Naquela época, D. Pedro visitava quase que diariamente os estaleiros inspecionando os preparativos da esquadra brasileira que se aprontava para seguir para o sul. Tinha conversado várias vezes com o tenente, em francês, e na manhã seguinte ao incidente relatado, cumprimentou-o pela maneira corajosa de ter socorrido seus marinheiros e oferecendo-lhe o comando de uma fragata de 60 canhões que acabara de ser entregue. Agradecendo respeitosamente a confiança demonstrada pelo imperador, Levy eximiu-se desta grande honra dizendo que preferia servir de grumete à sua pátria a ser capitão em qualquer outra armada do mundo.

Uriah P. Levy e a Congregação Shearith Israel⁶

Uriah P. Levy (1792-1862) foi um dos grandes líderes militares americanos do século XIX, e membro da Congregação Shearith Israel. Serviu na guerra de 1812 como mestre do brigue Argus.

Depois de afundar 21 navios ingleses, foi capturado e preso por 16 meses na Inglaterra.

Após sua libertação, retornou aos Estados Unidos, onde continuou na Marinha, atingindo a patente de Comodoro. Sofreu preconceito antijudaico durante sua carreira, e trabalhou para eliminar a discriminação religiosa na Marinha. Em 1850, conseguiu que fosse abolida a política cruel de punir marinheiros com chicotadas.

No comando de um navio no Mediterrâneo oriental, trouxe para os EUA uma carga de terra da Terra Santa, para uso cerimonial nos sepultamentos da Congregação Shearith Israel, representando uma identificação simbólica com a Terra Prometida.

Uriah P. Levy está enterrado no Cemitério de Cypress Hills, da Congregação Shearith Israel. Na sua lápide lê-se que foi o autor da legislação que aboliu os castigos corporais na Marinha.

Grande admirador de Thomas Jefferson, Levy comprou sua mansão de Monticello em 1836, que sua família carinhosamente preservou como um tesouro histórico até 1923, quando a propriedade foi comprada pela Fundação Thomas Jefferson Memorial.

Um navio de escolta da Marinha dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial levou o seu nome, assim como a capela judaica da Academia Naval de Anápolis.

⁶ <http://shearithisrael.org/content/uriah-phillips-levy>

FRANÇA

Akiba André Levy

Natural de Sidi Bel Abbès, Oran, Argélia, Akiba nasceu em 5 de fevereiro de 1927, filho de Moise Levy e Rachel Zaya Levi, engajando-se voluntariamente na Marinha Nacional francesa como Marinheiro de 2.^a Classe Mecânico, durante toda a duração do conflito mais três meses.

Inicialmente, serviu no Aviso La Boudeuse baseado em Casablanca, e posteriormente no Cruzador Jean Bart, de 6 de junho de 1944 a 10 de fevereiro de 1945.

Possui a Medaille Comemorativa Francais e de La Guerre 1939-1945, com barreta “Engage Volontaire”, Croix Du Combatant Volontaire avec Barrette “Guerre 1939-1945” e o Diploma de Reconhecimento pelos Serviços Prestados a França, concedido pelo Secretaire d’Etat a La Defense Charge dès Ancies Combattants.

Foi admitido na Association des Anciens Combattants et Victimes de la Guerre du Maroc, em Casablanca, em 22 de agosto de 1947.

Na vida civil, trabalhou na Cables de Lyon, uma empresa do Grupo Alcatel. Em 1949, emigrou para o Brasil, onde hoje possui uma indústria eletrônica em Pouso Alegre/MG.

É membro da Association Francaise dès Anciens Combattants a Rio de Janeiro, tendo participado do último Desfile Militar de 7 de Setembro no Rio de Janeiro, juntamente com o também veterano Frances, Jean Wittmer, porta-bandeira da AFAC.

Akiva foi admitido no Brasil em 20 de fevereiro de 1949, como mecânico, vindo no vapor Florida, com visto emitido em 19 de dezembro de 1948 pelo cônsul brasileiro em Argel.



► 2012 – Medalhas conferidas ao Veterano Francês da Marinha Nacional Francesa Akiba André Levy. Acervo do autor.

Sargento FAFL Georges Schteinberg

Armée de l'Air (Força Aérea da França Livre) – Groupe Lorraine de Aviação

O General José de San Martín – Pai da Pátria Argentina, Libertador do Peru e Capitão General do Exército do Chile – foi o herói de três pátrias, e Giuseppe e Anita Garibaldi os heróis de dois continentes.

Mais recentemente, na Segunda Guerra Mundial, outros lutadores que combateram pela democracia e a liberdade também demonstraram merecer esta honraria, e entre eles se encontra o idealista e voluntário de primeira hora, Sargento Georges Schteinberg, franco-brasileiro herói de três pátrias.

Georges Schteinberg foi Sargento da Armée de l'Air (FAFL – Força Aérea da França Livre). Morto em combate em 22 de outubro de 1943, nasceu em Paris em 27 de dezembro de 1922. Um Monumento em Memória do Tripulante Franco-Brasileiro Judeu Morto em Combate há 70 Anos foi inaugurado na Holanda em 22 de outubro de 2013.

Emigrou para o Brasil, de onde atendeu ao chamado da França agredida pelos nazistas, e em 1.º de dezembro de 1942 se alistou como voluntário na Força Aérea da França Livre, tornando-se Navegador de 2.ª Classe. Após treinamento na Inglaterra em escolas da RAF, foi destacado como Sargento Metralhador para o Grupo de Bombardeio Lorraine, um esquadrão francês da RAF. Seu codinome na Resistência era Lasson, sendo designado como Artilheiro do Groupe Lorraine de Aviação.

Sua família emigrou da Rússia para a França, onde Georges nasceu em 1922, filho de mãe francesa e pai imigrante da Rússia. Embora tivesse prosperado economicamente na França, seu pai atuava clandestinamente no Partido Comunista, o que resultou em ser denunciado pela própria esposa, sendo consequentemente



► 1942 – Bombardeiro Douglas similar ao que em 22 de outubro de 1943 executou a missão sobre a Holanda ocupada, na qual foi morto em combate o Sgt. Georges Schteinberg. Acervo Cel. Henry Lafont, Aviateurs de la Liberté, Serviço Histórico da Armée de l'Air, 2002.

preso. Ao sair da prisão, constatou que a família da esposa havia se apoderado de seus bens. Foi expulso da França e, revoltado, seguiu com os filhos Georges e Octave, ainda crianças, refugiando-se na Bélgica, onde casou-se novamente, imigrando para o Brasil com a ajuda da ICA (International Colonization Association), motivado pelo antissemitismo que grassava na Europa.⁷

Em 1933, desembarcaram no Rio de Janeiro, sendo encaminhados para Santa Quitéria/MG, onde se estabeleceram em uma colônia agrícola. Moraram também em Esmeralda/MG. Aos 11 anos, Georges estudava e ajudava na lavoura. Dois anos mais tarde nasceu o terceiro irmão, Lázaro, e em 1938 os gêmeos Salomon e Henri. Devido às enchentes na região, a família se mudou para a Fazenda da Barra, em Resende/RJ.

Durante esses anos, Georges sempre esteve interessado em saber o que ocorria na Europa e na França, em particular, ouvindo as transmissões da BBC pelo rádio de um vizinho americano, já que não possuíam um aparelho em casa.

Em Resende, seus estudos se limitaram, por precisar ajudar no sustento da família. Vendia bolos feitos em casa aos operários que construía a rodovia federal e a futura Escola Militar de Resende, hoje AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras, e ensinava francês aos moradores.

O irmão de Georges, Octave Schteinberg, viveu algum tempo na Colônia da ICA em Resende, abandonada por baixa produtividade agrícola. As terras foram desapropriadas pelo pres. Getúlio Vargas, juntamente com outras fazendas da

⁷ Entrevista com a Sra. Henriete Schteinberg Musser, Sobrinha de Georges Schteinberg, residente no Rio de Janeiro, em 30 de outubro de 2013.



► 22 de outubro de 2013 – Cerimônia inaugural do Monumento aos 70 anos da queda do Douglas na Holanda, com a presença de Georges Schteinberg (Israel), Henriete e Hanna Schteinberg (Brasil), sobrinhos do Sgt. Georges Schteinberg. Acervo Huubert Willems.



► 22 de outubro de 2013 – Henriete Schteinberg, sobrinha do Sgt. Georges Schteinberg e o monumento que registra os 70 anos da morte heroica dos três tripulantes do Douglas. Acervo Huubert Willems.

região, para que nelas fosse erguida a Escola Militar de Resende, atual AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras. Como na colônia existiu uma sinagoga, pode-se concluir que uma terra sagrada permeia de bons eflúvios aquele estabelecimento de ensino militar que forma Oficiais para o Exército Brasileiro.

Octave Schteinberg residia na Tijuca, tendo falecido em 2007, mas os documentos que colocou à disposição da comissão permitiram recuperar a memória do irmão junto a AFAC – Association Francaise dês Anciens Combatants de Rio de Janeiro, identificando assim quem foi Georges, cujo nome figurava em placas no Consulado na Maison de France e no Mausoléu dos Franceses no Cemitério São João Baptista, sem que o seu sacrifício fosse melhor conhecido, a exemplo de tantos outros heróis ainda anônimos

Muitos outros nomes, vários judaicos, aguardam nas placas e no mausoléu que deles venha a ser removida a pátina do tempo, que a tudo recobre. No 11 de novembro, data do Armistício da Primeira Guerra Mundial, a AFAC promove uma visita ao Mausoléu, com honras militares prestadas por uma Guarnição da Marinha do Brasil.

Em 1940, Georges ouviu pelo rádio o famoso discurso de Charles de Gaulle, convocando os franceses à resistência pela França Livre.

Embora tivesse recebido seu registro de permanência definitiva em 6 de novembro de 1940, sensibilizado pelo discurso, planejou escondido seu engajamento. Em 1942, deixou a casa da família a pretexto de procurar trabalho em São Paulo, onde se alistou no Comitê Francês de Libertação. Embarcando para Londres, em 1.º de dezembro de 1942, formalizou sua adesão como voluntário navegador de 2.ª Classe. Durante um ano, esteve em treinamento na Força Aérea

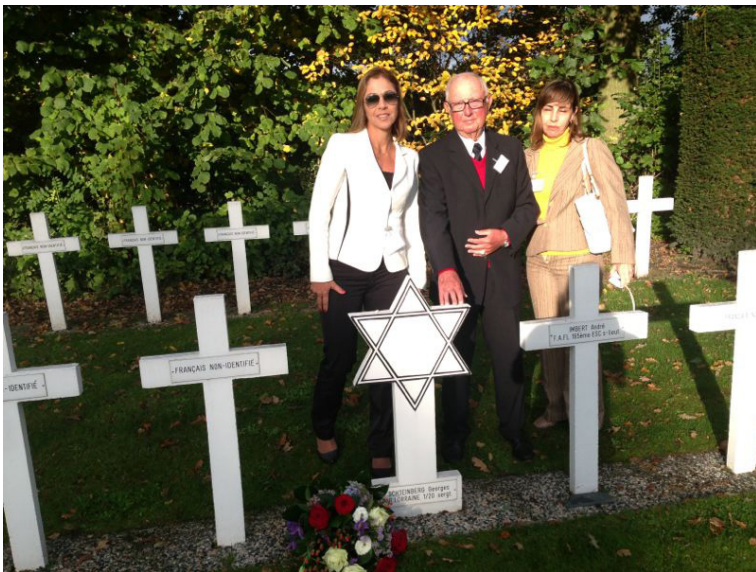
da França Livre junto a RAF, chegando a ter uma namorada, e após seguir todos os estágios nas escolas da RAF, foi mandado servir para o Grupo de Bombardeio Lorraine, como Sargento Metralhador.

De Londres, enviou uma carta aos pais, e algum tempo depois foram informados de que Georges falaria para a família através da BBC de Londres, quando pronunciou algumas palavras dedicadas a seus entes queridos.

A carta foi publicada apenas décadas após tombar em combate, por iniciativa de seu irmão Salomon, residente em Israel. Na missiva revela uma premonição, que lamentavelmente acabaria se confirmando:

“Queridos pais e irmãos, peço perdão em ter embarcado para a Europa sem revelar a verdadeira intenção. Não pude fechar meus olhos nem ouvidos diante dos acontecimentos aqui na Europa, na França e com nossos correligionários. Não seria justo alguém que possa fazer alguma coisa cruzar os braços. Não culpem a ninguém se algo acontecer comigo, somente ao destino.”

Assim, depois de viver no Brasil durante nove anos (1933-1942), Georges se tornou um combatente pela França, tendo na flor dos 21 anos uma morte gloriosa frente ao inimigo, em missão de bombardeio sobre a Holanda ocupada, quando seu avião do 1.º Esquadrão do 20º Grupo de Aviação – Lorraine da Força Aérea da França Livre foi atingido pelo fogo antiaéreo. Era um Douglas DB7, bombardeiro leve de ataque. Posteriormente, a FAB recebeu algumas dessas aeronaves, das quais 9 mil foram construídas a partir de 1941.



► 22 de outubro de 2013 – Irmãs Henriete e Hana Shteinberg (Brasil) com Sr. Huubert Willems, membro da comissão que construiu e organizou a inauguração do Monumento aos 70 anos do Douglas. Acervo Huubert Willems.



► 2012 – Mausoléu Frances no Cemitério São João Baptista no Rio de Janeiro, onde na placa inferior 1939-1945 se encontra inscrito o nome do Sgt. Georges Schteinberg. Acervo AFAC – RJ.

Era uma perigosa e difícil missão de bombardeio a baixa altitude sobre uma fábrica de aviões em Charleroi na Bélgica ocupada, próximo a Rotterdam. Fazem, pois, 70 anos, quando em 22 de outubro de 1943 seu Douglas Boston IIIA BZ 393 do 342 Squadron Lorraine des Forces Aériennes Françaises Libres, com um motor em chamas, projetou-se sobre o solo, na localidade de Veere na costa da Holanda ocupada pelos nazistas.⁸

O *raid* foi executado em ondas sucessivas, totalizando três esquadrões nrs 88, 107 e 342, com 38 bombardeiros. Havia grande concentração de fogo antiaéreo protegendo o objetivo, e cinco bombardeiros foram atingidos. Devido à baixa altitude havia pouca chance das tripulações abandonarem as aeronaves – 13 dos 15 tripulantes morreram.

Tendo o avião de Schteinberg sido atingido no motor direito em voo rasante, não foi mais possível uma aterrissagem de emergência. No impacto, próximo à pequena cidade de Aagtekerke, província de Zeelande, perderam a vida o Sargento Radio-Operador Julien Allain, e o Tenente Charles Lang, navegador, 23 anos.

O piloto Tenente Simon Stoloff conseguiu saltar de paraquedas e sobreviveu milagrosamente à queda. Mesmo com a aeronave em chamas e carregada de bombas, socorreu o Sargento Radio-Operador Allain, gravemente ferido, tendo este falecido em seus braços. O Tenente abandonou então a aeronave e foi capturado pelos alemães, ficando prisioneiro até o final da guerra.

⁸ FINELTIN, Marc, *Mémoire et Espoirs de la résistance*, Association des amis de la Fondation de la Résistance, www.memoresist.org/spip.php?page=oublionspas_detail&id=311 Acesso em: 28 ago. 2013.

O Sgt. Julien Allain, um “français libre” do Tahiti, no Pacífico, e o Sgt. Georges Schteinberg estão sepultados no Cemitério Militar Frances de Kapelle, próximo ao local da queda, a 4 km de Aagtekerke. O Tenente Charles Lang está sepultado no Cemitério Geral de Boulogne sur Mer na França;

Schteinberg foi condecorado *post mortem* com a Médaille de la Résistance et Croix de Guerre avec Palme, por Decreto de 12 de janeiro de 1945, assinado de próprio punho em Paris pelo General De Gaulle. A citação da Medaille Militaire descreve Georges como excelente metralhador, alistado desde a primeira hora na Armée de l’Air, no 1.º Esquadrão do 20º Grupo de Aviação – Lorraine. O documento cita Georges como tendo uma morte gloriosa frente ao inimigo.⁹

Sua sepultura no cemitério militar francês na Holanda exibiu durante quatro décadas uma cruz (reportagem de 7 de maio de 1976 na revista israelense *7 Yamim*:

Cruz na Sepultura de Herói Judeu, quando Sr. Octave Schteinberg, 75 anos, residente na Tijuca, visitou um outro irmão que mora em Israel, até ser substituída pela Estrela de David na década de 80. Em volta, pode se ver inúmeras cruzes com a placa “Français nonidentifié..

Do Brasil, cerca de 140 franceses, dos quais 20 a 30 exibem nomes judaicos, seguiram de fevereiro de 1941 a setembro de 1944 para lutar na Segunda Guerra

⁹ LAFONT, Cel. Henry, *Aviateurs de la Liberté*, Serviço Histórico da Armée de l’Air, 2002.



► 2013 – Medalha da Cruz de Guerra com Palma, concedida *post mortem*, em 12 de janeiro de 1945, ao Sargento Georges Schteinberg assinado de próprio punho pelo Gen. De Gaulle, relatando a carreira de Schteinberg, o ataque de bombardeiros do Groupe Lorraine sobre território ocupado e sua morte gloriosa frente ao inimigo. Acervo Georges Schteinberg (Israel).

Mundial. Uma placa no terceiro andar da Maison de France homenageia os que morreram em combate, onde figura o nome de Georges Schteinberg. Os nomes constam do livreto *Action des Comites France Libre au Brésil, 1940-1945*. Um retrato do General Charles De Gaulle abre o livreto, com uma dedicatória de próprio punho: “Au Comite des Francaises du Brésil, (ilegível) C. De Gaulle 25/6/42.”

A história do tripulante judeu cuja *matzeiva* ostentou indevidamente uma cruz somente foi divulgada em 2005, na homenagem prestada aos 42 heróis brasileiros judeus da Segunda Guerra Mundial, no Grande Templo Israelita do Rio de Janeiro. Sua história está no livro *Soldados que vieram de longe* (FIERJ, 2008). O nome de Schteinberg figura em placas no Consulado na Maison de France e no Mausoléu dos Franceses no Cemitério São João Baptista. Outros nomes judaicos aguardam nas placas e no Mausoléu que deles venha a ser removida a pátina do tempo, fazendo justiça aos bravos irmãos de fé.

Por iniciativa dos cidadãos de Aagtekerke, um monumento foi inaugurado nos 70 anos das suas mortes heroicas em 22 de outubro de 2013, pela França Livre, pelo Brasil e pela Holanda.¹⁰

Na homenagem a esses jovens tripulantes que sacrificaram suas vidas pela liberdade, estiveram presentes parentes de Julien Allain, Charles Lang e Simon Stoloff, procedentes dos EUA, Nova Zelândia, Canadá, Inglaterra e França.

O Memorial foi erguido pelo Conselho da Vila de Aagtekerke, tendo sido adotado pelas duas escolas primárias da cidade. A pequena Aagtekerke, onde ocorreu a queda do Boston IIIA BZ 393 do 342 Squadron Lorraine des Forces Aériennes Françaises Libres, pertence ao município de Veere e tem cerca de mil habitantes. Fica às margens do Mar do Norte na costa da Holanda, próximo ao Canal da Mancha, entre Antuérpia e Roterdam. É uma daquelas cidadezinhas que parecem um cartão-postal, florida, com suas casinhas típicas, e como tantas outras, maculada pelas tragédias da guerra.

Durante a inauguração, duas aeronaves North American T-6 Harvard da Força Aérea holandesa realizaram três sobrevoos sobre o local, quando foi executado o toque de clarim “Last Post”. Este avião de dois lugares foi extensivamente utilizado no Brasil, no treinamento dos cadetes da antiga Escola de Aeronáutica do Campo dos Afonsos, Rio de Janeiro. Milhares foram utilizados durante a Segunda Guerra Mundial como bombardeiros.

Estiveram presentes as seguintes autoridades civis e militares: Major-General Pascal Valentin, da Armée de l’air da França, comandante do EATC – European Airtransport Command –OTAN; Coronel P. J. A. De Jongh – Royal Netherlands Air Force; Coronel Benoît Esqué – adido de defesa junto a Embaixada Francesa em Haia, Holanda; Comandante Bas Dijkhuizen – Estação Naval de Flushing; Tenente André Bustraan – Estação Naval de Flushing; Dr. Robert van der Zwaag – prefeito

¹⁰ Video-reportagem da inauguração do Monumento, com duração de 2 horas e 6 minutos. http://www.omroepzeeland.nl/video/2013-10-22/551222/monument-aagtekerke-voor-gecrasht-vliegtuig#.UnRVF_mko8s. Aparecem os três sobrinhos de Georges Schteinberg nos minutos 1:15, 1:35 a 1:52.

da cidade de Aagtekerke; Ton Verhulst – presidente do conselho da cidade de Aagtekerke; Mr. Hans Nonnekes – secretário do conselho da cidade de Aagtekerke, Chris Maas – Alderman; e Dr. BC Léon Dewitte Obe – mestre de cerimônias.

Moyses Graziani

Franco-brasileiro, nascido em 17 de novembro de 1923 na Turquia. Nos 70 anos do *Appell* (chamado) do Gen. De Gaulle de 18 de Junho, em 2010, Moisés Graziani e demais membros da Associação de veteranos franceses se reuniram no sexto andar da Casa da França para celebrar o 70º aniversário do convite à resistência lançado pelo General de Gaulle a partir de Londres, em 1940. Na ocasião, quatro estudantes do Liceu Molière leram as palavras históricas do general, em momento de recordação e comunhão entre as gerações. Um medalhão da Fundação França Livre foi aposto junto à placa dos Mortos pela França 1939-45, sendo inaugurado por Moisés Graziani, último integrante das FFL Forças da França Livre no Brasil. Um minuto de silêncio foi observado em memória de Michael Mokdesse, ex-FFL, herói de Bir Hakeim, nomeado Cavaleiro da Legião de Honra por Nicolas Sarkozy, falecido a 26 de março, na véspera do seu 91.º aniversário.

Franco-brasileiros da Primeira Guerra Mundial¹¹

Placas na Maison de France e no Mausoléu dos Franceses no Cemitério S. J. Baptista no Rio de Janeiro, datando de 1924, recordam os franco-brasileiros que partiram do Brasil para se unirem às forças francesas da Primeira e Segunda Guerra Mundial. Entre estes, temos para a Primeira Guerra Mundial, segundo as placas, 47 nomes, e segundo o Ministério da Defesa da França 76 nomes de franco-brasileiros. Já para a Segunda Guerra Mundial as placas registram apenas sete nomes, e o Ministério 46 nomes.

Aaron Arthur Bloch, soldado de 2.ª Classe, morto pela França em 14 de outubro de 1914, era do 54.º RI, 2.ª Cia, tombou em Mouilly pelo fogo inimigo. Nasceu em São Paulo/SP em 22 de março de 1887.

Jean Dreyfus, morto pela França em 4 de outubro de 1916, era do 150.º RI, ferido em combate, faleceu em hospital da retaguarda. Nascido em São Paulo/SP em 13 de dezembro de 1896.

Raphael George Levy era Cabo do 279.º RI, 18.ª Cia, morreu pela França em 25 de agosto de 1918, em Courbessane, atingido pelo fogo inimigo. Nascido em Campinas/SP em 31 de maio de 1886.

Isaac Marx, cabo do 161.º RI, morreu pela França em 6 de dezembro de 1918, em consequência de ferimentos recebidos em combate. Nascido em Porto Alegre/RS em 27 de abril de 1897.

Jacque Meyer, nascido em 10 de agosto de 1902 em São Paulo/SP. Ingressou na Legião Estrangeira na Tunísia. Seu nome consta do Memorial de la Shoah – Fonds UEVACJEA.

¹¹ www.memoiredeshommes.sga.defense.gouv.fr/fr/arkotheque/client/mdh/base_morts_pour_la_france_premiere_guerre/index.php

Bernardo Karofiol, nascido em 1.º de dezembro de 1915 em Ribeirão Preto/SP, alistado no Régiment de Marche de Volontaires Étrangers (RMVE). Seu nome consta do Memorial de la Shoah – Fonds UEVACJEA.

Simon Klinger, nascido em 21 de julho de 1909 no Brasil. Alistado na Légion Étrangère. Seu nome consta do Mémorial de la Shoah – Fonds UEVACJEA.

Roger Levy Coblentz, nascido em 17 de agosto de 1902 no Ceará, servia no Dépôt des Régiments de Marche de Volontaires Étrangers (DRMVE).

ITÁLIA

*Veteranos sepultados no Cemitério Israelita De Vila Mariana*¹²

Hugo Piazza. Falecido em 3/11/1928 – “Marechal de Artilharia do Exército Italiano – Reduze da Guerra Europeia”. Q6 R5 nº 81.

Victorio Funaro. Livorno, 5/7/1895 – São Paulo, 31/1/1934 – “Piloto Aviador na Grande Guerra. Seu coração ardente de amor pátrio e de ternura familiar apagou-se prematuramente aos 38 anos”. Q7 R8 nº 138

PARAGUAI

*Emilio Nudelman*¹³

Em fevereiro de 1923 o presidente Eusebio Ayala criou a Escola de Aviação Militar do Paraguai, com quatro aviadores um dos quais o 2.º Tenente de Cavalaria P.A.M. Emilio Nudelman. Estes quatro pilotos receberam bolsas para prosseguir os seus estudos e treinamento de voo no Brasil, no Campo dos Afonsos, onde receberam seu brevê um ano mais tarde retornaram para a terra natal bastante prestigiados, fazendo um voo de demonstração sobre Assunção, granjeando admiração e entusiasmo da população. Em 1927, o Paraguai adquiriu quatro aeronaves HD Hanrot, tipo 32, equipadas com motores rotativos.

Nudelman tornou-se diretor da Escola de Aviação e mais tarde foi piloto da Pluna em 1936, quando a mesma foi fundada. Hoje, uma rua em Assunção leva seu nome.

POLÔNIA

*Veteranos poloneses de origem judaica*¹⁴

Diversos veteranos poloneses imigraram para o Brasil após a Segunda Guerra Mundial, aqui estabelecendo família e se tornando bons brasileiros, dos quais alguns nomes são:

¹² Colaboração do historiador e genealogista Paulo Valadares por e-mail de 7 de março de 2012.

¹³ FERNANDEZ, Coronel (SR.) José Carlos, *A Guerra do Chaco*.

¹⁴ Informações do Comte Engº. Ignacy Felczak, Presidente da SPK no Rio de Janeiro – Federação Mundial dos Combatentes Poloneses, sediada em Londres, Stowarzyszenie Polskich Kombatantów.

1. Herman Eugeniusz Syrkis – Major – Medalha (não cruz) Virtuti Militari – lutou no I Exército polonês na frente russa 1944/45.
2. Zygmunt Orłowski – Soldado – II Corpo Polonês na Itália – Brigada Blindada – soldado de manutenção de 1/1945 a 12/1945.
3. Szymon Fedorowski – Tenente – II Corpo Polonês – Intendente de 1943-1945.
4. Jerzy Jakurski – 1.º Tenente Engenheiro – Armia Krajowa (Levante de Varsóvia) – chefe de manutenção de blindados e veículos.
5. Maria Jakurski – 2.º Tenente – Armia Krajowa (Levante de Varsóvia) – serviços no Corpo de Saúde.
6. Andrzej Rokicki – Soldado raso – Armia Krajowa (Levante de Varsóvia) – 10/1944 a 1/1945 – serviços de comunicação
7. Janusz Kowaltowski – 2.º Tenente – Exército russo de 1944-1945 – Medalha do Mérito do Governo Comunista.

Mieczysław Krymchantowski

Judeu polonês, nascido em 1924 em Gniewoszow, abandonou a terra natal após a invasão nazista de 1.º de setembro de 1939.

Perdeu toda a sua família no Holocausto, conseguindo chegar à Sibéria sob um trem, sendo colocado em campo de trabalho forçado russo. A Operação Barbarossa – invasão da Rússia pela antiga aliada Alemanha – criou uma oportunidade para que conseguisse se refugiar na Inglaterra, onde foi recrutado inicialmente para



► 2014 – Desfile Cívico Militar da Independência do Brasil 7 de Setembro de 2014 – Rio de Janeiro – 192 Anos de Independência – viaturas dos Veteranos dos EUA e Polónia – Ward Ryan e Cap. Eng Ignacy Felczak. Acervo do autor.



► 2014 – Desfile Cívico Militar da Independência do Brasil 7 de Setembro de 2014 – Rio de Janeiro – Veteranos de todos os tempos e todas as tropas abrem o desfile, sempre os mais aplaudidos: FEB, Forças de Paz, CPOR, Fuzileiros Navais, Brigada Paraquedista. Os mais idosos seguem embarcados em viaturas do CVMARJ. Acervo do autor.

serviços de abastecimento e limpeza de aviões da RAF, e daí convocado para treinamento de pilotagem compondo o esquadrão polonês da RAF.

Voando em Spitfires, realizou 49 missões, abateu 16 Messerschmits e foi abatido duas vezes. Após a guerra, e no posto de Capitão, foi enviado pelo CID do Tribunal de Nuremberg para capturar nazistas refugiados na América do Sul.

Nessa época, foi recrutado pela CIA para atuar no Brasil, mantendo contatos com funcionários americanos, conforme relata seu filho Dr. Abouch Valenty Krymchantowski (mestre e doutor em Neurologia com teses em cefaleia, piloto de helicópteros – Código ANAC 903104 e membro número 28 da honrosa Ordem dos Fênix da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro). Dr. Abouch é um renomado neurologista e atuou como oficial do Grupamento de Paramédicos de Combate, subunidade do Batalhão de Operações Policiais Especiais – BOPE.

Sua mãe, Fada Santoro, hoje com 88 anos foi uma grande atriz de cinema nos anos 1940/50. Seu pai, conhecido entre os amigos também por Michael, ou Mike, foi jornalista e fundou nos anos 1960 o jornal *Brasil em Marcha*, tendo posteriormente se dedicado ao comércio de joias. Lamentavelmente, aos 62 anos foi assassinado em 6 de junho de 1986, num assalto em seu escritório, na Rua Siqueira Campos em Copacabana. Deixou a esposa e os filhos Abouch, Mothel e Michael.

Seu filho, Abouch, tinha 28 anos na ocasião, e lutou em vão para salvá-lo no Hospital Miguel Couto, sendo que essa tragédia familiar teve influência para que ingressasse na PM como Oficial Médico em 1991.

Michael era um admirador dos EUA, participava amiúde de solenidades e eventos ligados à cultura americana, como em 1958 quando da entrega de



► 2014 – Desfile Cívico Militar da Independência do Brasil 7 de Setembro de 2014 – Cap. Eng. Ignacy Felczak, presidente da SPK – Veteranos Poloneses, Israel Blajberg, ex-aluno CPOR, Miguel Grinspan, decano dos Veteranos do BG, Ten. Dr. Israel Rosenthal, Veterano da FEB. Acervo do autor.

documentos históricos a jornalistas com a presença do presidente da ABI Herbert Moses, Cônsul-Geral do Brasil em Nova Iorque e Cel. Dwight Chamberlain, da Missão Especial da USAF no Brasil. Certa vez, enviou como presente ao presidente Eisenhower uma água-marinha de 363 quilates batizada “Esperança”, através do presidente Eric Johnston, da Motion Pictures Association of America, que estava no Brasil como representante especial do Departamento de Estado para participar do primeiro festival internacional de cinema no Brasil.

Em 10 de dezembro de 1969, Michael escreveu o obituário de Janusz Zaporski em *O Globo*, que como ele, também era polonês e lutou igualmente na Segunda Guerra Mundial, vindo para Brasil onde chegou a presidente da IBM, sendo substituído por José Bonifacio Amorim.

Em 14 de julho de 1986, a família promoveu a cerimônia religiosa de *haskará* (30 dias), na sinagoga da ARI – Associação Religiosa Israelita em Botafogo. A descoberta da *matzeiva* (lápide tumular) realizou-se num domingo, 31 de maio de 1987, no Cemitério Israelita do Caju, no Rio de Janeiro.

Em maio 2014, o Capitão Aouch lançou sua biografia, *Salvando na terra e no ar*, na qual relata episódios da sua vida pessoal e profissional como médico e oficial da PMERJ. O lançamento ocorreu no Salão Nobre do Batalhão de Choque da PM, na Av. Salvador de Sá n.º 2, no Estácio – Rio de Janeiro.

O bravo lutador Mieczysław Krymchantowski legou ao seu filho o dom da pilotagem. A cada vez que o Cap. Médico Aouch alça voo ao comando de um helicóptero da PM, certamente uma alma no Jardim do Éden cuida para que a proteção superior o acompanhe.

CAPÍTULO 35

Partisans

Hino dos Partisans¹

(Zog nit kein mol)

Letra: Hersh Glick (1920-1944)

Música: Dimitri Pokras (1889-1978)

Nunca diga que trilhamos o último caminho...

Ainda que o céu de chumbo escureça o azul do céu.

Chegou a hora tão esperada.

Marchando ao rufar dos tambores – estamos aqui!

*Da terra das palmeiras verdes até as cobertas de neve,
viemos angustiados, mas com determinação.*

*Onde quer que nosso sangue seja derramado,
há de brotar coragem e valor.*

*Um dia o sol brilhará sobre nosso povo,
enquanto o inimigo desaparece no passado.*

*Mas se a alvorada tardar,
que esta canção seja uma bandeira,
de geração em geração.*

Ela não foi escrita com tinta, mas a sangue.

Não é o canto de um pássaro em liberdade.

*Um povo, em meio a muralhas que tombam,
cantou esta canção de armas na mão!*

Introdução

A palavra Partisan designa integrantes de forças militares irregulares formadas para combater tropas de ocupação, como os que lutaram contra os nazistas na Europa ocupada. Em geral, são nativos da região e atuam atrás das linhas inimigas em ações de sabotagem e emboscada.

Dentre os partisans na Segunda Guerra Mundial, estima-se que havia de 20 a 30 mil judeus, tendo a maioria tombado em combate, nos guetos ou em campos de extermínio, sendo que alguns imigraram para o Brasil ao término do conflito.

A história dos Combatentes da Resistência Judaica é pouco conhecida, pelas condições em que atuavam, como todos os partisans sem a infraestrutura e

¹ Tradução livre do iídiche realizada pelo autor.

organização de um exército profissional. Apenas em alguns casos as biografias e memórias trouxeram alguma luz sobre as ações desses bravos, algumas das quais passaremos a relatar.

Entre os partisanos judeus mais conhecidos temos:

Mordechai Anielewicz e Dawid Apfelbaum, comandantes da ZOB e ZZW na revolta do Gueto de Varsóvia, irmãos Bielski, Antek Cukierman, Pawel Frenkiel (ZZW), Hirsh Glick (autor do Hino dos Partisans, “Zog Nit Keynmol”), Abba Kovner, Haviva Reik e Hannah Szenes (lançada de paraquedas sobre a Hungria ocupada).

A seguir recordaremos alguns dos partisanos judeus que após a 2.^a Guerra Mundial escolheram o Brasil como sua nova Pátria.

Professor Abraham Jaspan²

Obituário

A comunidade judaica está enlutada com a perda de um dos últimos educadores da geração de imigrantes. Nascido em Kaunas (Kowno) na Lituânia, em 12 de agosto de 1925, faleceu no Rio de Janeiro em 1.º de março de 2013, aos 87 anos e 6 meses, tendo sido sepultado no mesmo dia no Cemitério Vila Rosali Novo.

Da Europa trouxe um rico cabedal de conhecimentos bíblicos e linguísticos, que tão bem transmitiu a tantas classes de estudantes brasileiros. O prof. Jaspan lutou no Exército soviético, onde foi ferido duas vezes em batalhas contra os nazistas, deixando sequelas. A Wehrmacht entrou em Kovno no começo da invasão alemã da Rússia em 1941, a Operação Barbarossa, que iria terminar com a derrota fragorosa da Alemanha nazista.

Os lituanos colaboraram com os nazistas, cometendo atrocidades inomináveis, como o massacre da Floresta de Ponar, onde foram assassinados 70 mil inocentes. Era o Yom Kipur de 1941.

No Yom Kipur de 1944 em Vilna, a Jerusalém da Lituânia, Jaspan com apenas 19 anos no Shabbt Teshuvá descobre que apenas uma das cem sinagogas existentes antes da guerra ainda estava de pé. Os russos haviam acabado de expulsar os nazistas da Lituânia em julho de 1944, mas poucos judeus sobreviveram em Kowno e Vilna.

Escreveu diários preservando detalhadamente os nomes dos que morreram, para que não fosse esquecidos. Com sua esposa, Asna Rosenfeld, nascida em Wladimierzec (Polônia), em 1946, teve um casamento de 66 anos.

Desembarcaram no Rio de Janeiro em 20 de fevereiro de 1947, no navio San Giorgio, procedente de Civitavecchia, Itália, portando passaportes expedidos pela Cruz Vermelha Internacional.

Jaspan dedicou-se a repassar seus conhecimentos, lecionando e dirigindo as escolas Israelita-Brasileira Peretz, de Madureira, Bialik no Méier, Ginásio Hebreu Brasileiro na Tijuca e Colégio Max Nordau em Ipanema. Suas ricas memórias foram objeto de entrevistas concedidas ao Museu Judaico.

² Prof. Israel Blajberg (ex-aluno do prof. Jaspan nas Escolas I. L. Peretz e Chaim Nachman Bialik, de Madureira e Méier (1951-1955). Informações da família, Arquivo Nacional.

Sua esposa Asna Jaspán faleceu em 24 de setembro de 2012. Deixa os filhos Salomão e Atalia, nora Fania, netos Marcello e Marcio Jaspán, Léo, Lia e Fernando Davidovitsch e bisnetas Gabriella e Alexa Sigal Jaspán.

Prof. Jaspán foi um herói de guerra, homem íntegro e culto, que falava 11 línguas. Conhecia muito bem o Velho Testamento.

Que as almas do Casal Jaspán se incorporem à Corrente da Vida Eterna.

Irmãos Natan e Isaac Kimelblat

Nascidos na Rússia, foram dos poucos a escapar do massacre dos judeus perpetrado pelas SS em sua cidade natal, escondendo-se nas florestas vizinhas, onde se uniram a grupos de partisanos, cuja história está contada em seu livro lançado em 2007 no CIB – Centro Israelita Brasileiro, com grande afluência de público, e presença de representantes diplomáticos russos.

Os irmãos emigraram para o Brasil em 1946, depois da guerra, onde constituíram família e se naturalizaram.

Em 1956, Natan fundou a tradicional joalheria Natan Joias Ltda., que chegou a contar com uma rede de 11 lojas em sete estados. Desde 2006, atravessando dificuldades, em 2013 fecharam as duas últimas lojas do grupo, no Rio Design Leblon e Barra, sendo a falência decretada em maio de 2013.

Natan faleceu aos 89 anos no Rio de Janeiro em 9 de junho de 2013, estando sepultado no Cemitério Comunal Israelita do Caju. Uma cerimônia de *shloshim* (30 dias) foi realizada na Sinagoga Kehilat Yaacov, na Rua capelão Álvares da Silva n.º 15, Bairro Peixoto – Copacabana.

Stanislaw Szmajzner (Shlomo)³

Stanislaw Szmajzner escreveu *Inferno em Sobibor – A tragédia de um adolescente judeu*, publicado no pela Editora Bloch em 1968, onde conta a história da revolta do campo de extermínio.

Ele tinha 15 anos quando chegou a Sobibor, participando da revolta e fugindo em seguida, tornando-se um partisan soviético. Foi condecorado por atos de bravura pela URSS.

Em 1947, veio ao Brasil para visitar parentes, decidindo não mais imigrar para Israel conforme planejara, estabelecendo-se em Goiás, onde adquiriu terras em uma ilha para criar gado, em região onde havia índios.

Fez amizade com o fundador de Goiás, Pedro Ludovico Teixeira, que escreveu o prefácio de seu livro, e com o governador Mauro Borges, deposto em novembro 1964.

³ FRANÇA BELÉM, Euler. Livro resgata história de líder da revolta do campo de extermínio de Sobibor que morou em Goiânia, *Jornal Opção*, ed. 2.029, 25/5/2014 (<http://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/livro-resgata-historia-de-lider-da-revolta-campo-de-extermínio-de-sobibor-que-morou-em-goiania-4944/>)

CAPÍTULO 36

Diplomados pela Escola Superior de Guerra – ESG

Introdução

A Escola Superior de Guerra foi criada em 1949 por um grupo de militares liderado pelo Marechal César Obino, com vistas ao futuro do Brasil como grande potência. Seus primeiros comandantes foram os Marechais Cordeiro de Farias e Juarez Távora.

A ESG preconiza uma doutrina com base em cinco vertentes: política, econômica, psicossocial, científica e tecnológica e militar, estando atualmente vinculada ao Ministério da Defesa, sendo comandada em sistema de rodízio entre as Forças por um Oficial General de 4 Estrelas.

Como casa de estudos multidisciplinar, congrega também entre seus estagiários além de militares das três forças nos postos de Coronel e General, civis de diversos segmentos da sociedade e membros das Forças Auxiliares.

Em quase sete décadas de atuação, cerca de oito mil esguianos foram diplomados, incluindo quatro Presidentes da República e Ministros de Estado. É muito grande a relação dos judeus brasileiros e descendentes que passaram pela ESG, de modo que listamos apenas alguns, a título informativo.

Foi Comandante da ESG em 2011-2012 o General de Exército Tulio Cherem, nascido em Tijucas, Santa Catarina. Em 1960, a família transferiu-se para Curitiba, onde Cherem cursou o Colégio Militar. Durante a carreira militar ocupou elevados cargos, passando para a Reserva em 2013.

Prof. Josemar Bezerra Rapôso, Delegado da ADESG no Maranhão. É descendente remoto do cristão-novo Bandeirante Raposo Tavares.

Sarita Schaffel, professora aposentada do CEP – Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias.

Prof. Israel Blajberg – Turma Vontade Nacional – CAEPE 2004 e Turma Cinquentenário – CLMN – 2007.

A Turma de 2004 fez realizar um Culto Ecumênico pela sua formatura, com a presença do capelão Naval Pe. João, do Reverendo Dr. Guilherme Cunha e do Rabino Eliezer Stauber. A porta-bandeira da solenidade de formatura foi a Ten. Dent. Katie Lee Rosental, como oficial mais moderna da unidade.

Jaime Rotstein – Turma de 1951

Da Turma de 1951 da Escola Nacional de Engenharia, que comemorou 60 anos de formatura, em 2012, no Clube de Engenharia, Jaime Rotstein foi fundador da Sondotécnica Engenharia e escolhido Engenheiro Eminente de 2010 pelo Clube de Engenharia.

A festa de 60 Anos – Diamante reuniu em um grande almoço no salão do 24.º andar do Clube de Engenharia mais de 50 engenheiros e familiares, que recordaram os tempos do Largo de São Francisco, a formatura no Theatro Municipal com a presença de Café Filho, presidente em exercício, e os que se destacaram em todo o país, como Paulo Pardal, autor do livro *Início do ensino da Engenharia Civil e da Escola de Engenharia da UFRJ*; Luiz Roberto Veiga Brito, que comandou a obra do Guandu quando dirigiu a CEDAE; Paulo Egydio Martins, governador de São Paulo, Ministro de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e Ministro do Trabalho;

Em 2013, lançou seu 16.º livro, *O passado presente – um exercício de coerência*. Na obra, Rotstein apresenta uma análise dos últimos 50 anos do Brasil nas áreas social, política, econômica e tecno-científica, em uma síntese de estudos, conferências e publicações do autor ao longo de sua carreira na engenharia. Respeitado especialista na área energética, Rotstein aborda a política petrolífera do país, a dependência nacional da importação de petróleo e as prioridades estratégicas do setor, como a ampliação do parque de refino e a exploração de fontes alternativas de energia.

Noé Winkler – Turma de 1969

Noé Winkler era Bacharel em Direito, Ciências Econômicas, Perito-Contador (hoje Ciências Contábeis). Tirou o Curso Superior de Guerra da SG. Era diretor da ADESG – Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (1969).

Foi auditor fiscal do Tesouro Nacional, ex-diretor do Imposto de Renda (1957 a 1960), assistente do delegado do Tesouro Brasileiro no exterior (Nova Iorque – 1962/1964).

Possuía a Ordem do Mérito Militar (Comendador), a Ordem do Mérito Aeronáutico (Cavaleiro), Medalha do Mérito Tamandaré (Marinha) e Medalha de Mérito Pedro Ernesto, conferida pela Câmara Municipal da Cidade do Rio de Janeiro.

Foi homenageado com a criação, em 2002, da “Medalha de Mérito Funcional Auditor-Fiscal Noé Winkler”, destinada a distinguir auditores-fiscais e técnicos da Receita Federal, por relevantes serviços prestados ao órgão e ao País. Faleceu em 29 de abril de 2004 no Rio de Janeiro.

“Sempre pensei em criar uma forma de homenagem para todos que, na SRF, dessem demonstração de competência profissional, de integridade, de zelo pela coisa pública. E foi exatamente à luz dessa preocupação que resolvi criar uma medalha para distinguir esses servidores.

Mais adiante entendi que tínhamos dentro da RF uma pessoa que simbolizava tudo isso. Que simbolizava integridade profissional, a competência, enfim, um exemplo para todos.

E foi justamente por isso que nós resolvemos combinar a Medalha Funcional com a pessoa de Noé Winkler, criando a Medalha do Mérito Funcional Auditor Fiscal Noé Winkler. Porque Noé Winkler é, realmente, esse servidor que consegue reunir numa só pessoa todas essas qualidades, todas essas virtudes que servem como modelo, como exemplo para todos nós que trabalhamos no serviço público.”¹

José de Júlio Rozental – Turma de 1977

Da Turma de 1977, era físico e atuou em Goiânia em 1987 quando do acidente radiológico do Césio-137, quando Diretor da CNEN. Mais tarde, radicou-se em Israel, onde faleceu há alguns anos. Foi presidente da Hebraica-Rio, e era irmão do ex-combatente Ten. Waldemar Rozental, biografado no cap. 18 desta obra.

O acidente de Goiânia tornou-se referência internacional pelos ensinamentos de toda ordem dele derivados, políticos, psicossociais, econômicos, técnicos e jurídicos, desde aquele dia em que um grupo de catadores encontrou um equipamento de radioterapia em uma clínica abandonada, tendo inadvertidamente removido a fonte radioativa da sua blindagem, rompendo-a e distribuindo o belo pó azul brilhante ali contido para amigos e vizinhos. O pó era de Césio-137. Quatro pessoas morreram e 110 mil tiveram de ser monitoradas para avaliar a exposição à radiação. Os custos da descontaminação foram enormes. O legado de Goiânia ainda é o maior laboratório de aprendizagem sobre resposta em caso de outra emergência não intencional, e após o 11 de setembro, possível emprego de bombas sujas em atos de terrorismo.

Turma de 1997²

CAEPE – Cruzeiro do Sul

- ▶ Patrono: Almirante Paulo de Castro Moreira da Silva
- ▶ Economista – David Klajmic
- ▶ Engenheiro – Léo Posternak
- ▶ Capitão de Fragata – Alfredo Isaac Naslauski

¹ Depoimento de Everardo Maciel, Secretário da Receita Federal, ao Projeto Memória, em novembro de 2002. <http://hom.receita.fazenda.gov.br/Historico/srf/Medilhas/Everardo.htm>

² <http://www.esg.br/a-esg/diplomados-da-esg/turma-de-1997/1/6>

CAPÍTULO 37

Civis

Neste capítulo, abordaremos civis que possuem alguma ligação com as Forças Armadas, seja prestando serviços relevantes, recebendo citações e condecorações ou participando e promovendo eventos alusivos ao setor militar nacional.

Marcos Moretzsohn

O engenheiro mineiro Marcos Moretzsohn Renault Coelho descende de David Moretzsohn Campista (1863-1911), o Ministro da Fazenda que não pôde se candidatar a Presidente da República por ser judeu. Uma rua carioca de Botafogo leva o seu nome.

Marcos é um estudioso da FEB e do Holocausto, e autor da apresentação de *Quero viver... Memória de um ex-morto*, livro do sobrevivente Joseph Nichthauser.

Joseph Nichthauser

Dos portões de Buchenwald Belo Horizonte haveria de brilhar¹

27 de janeiro – Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto – ONU

24 de abril de 1945: “(...) vultos na porta do bloco... soldados com metralhadoras... estamos imundos da lama de 8 anos de campos... na lapela brilha uma cruz, no outro um castiçal ... ficamos perturbados vendo o capelão católico e o rabino militar chorando... quem são vocês?... Somos judeus... quantos anos tem?... 16... o rabino levantou os braços para o céu, voz forte cheia de dor – ó Grande D’us! Tenha piedade dessa gente! Tenha piedade dessas pobres crianças judias!...”

¹ BLAJBERG, Israel. Título do artigo publicado *in memoriam* a Joseph Nichthauser (30 nov 1928 – 24 set 2010). <http://www.pletz.com/blog/ dos-portoes-de-buchenwald-belo-horizonte-haveria-de-brilhar/>

Assim termina o livro do sobrevivente do Holocausto Joseph Nichthausen, *Quero viver... Memória de um ex-morto*. Do outro lado do mundo, décadas à frente, seria acolhido em um peito de aço, onde palpita um coração de ouro, as Minas Gerais de que falava o poeta.

Tão perto, tão longe. Internado há algum tempo na UTI, deixou este mundo à chegada de Shabat Hamalká². Era Sucot 5771 – 2010 da Era Cristã, em Belo Horizonte.

A invasão da Polônia é vista pelos olhos de um menino de 10 anos, partindo de sua cidade numa charrete em setembro de 1939, tentando alcançar à Cracóvia em meio às tropas polonesas que debandavam frente ao avanço alemão. Aos poucos a família vai sendo separada, até que restam apenas Joseph e seu irmão Dawid. Passando por vários campos, cinco dias antes da libertação de Buchenwald pela 87th Infantry Division, III USA Army, Dawid foi fuzilado por um SS.

Gente Nossa – Marcos Moretzsohn Renault Coelho³

Belo Horizonte – O Engenheiro Civil Marcos Moretzsohn Renault Coelho é natural de Belo Horizonte. Nascido em 1959, é casado e pai de dois filhos. Desde os seus 14 anos de idade, quando aluno do antigo curso ginásial, foi apresentado ao tema da Segunda Guerra Mundial – conflito que, poucos anos antes de seu nascimento, mudou completamente o curso da humanidade. Desde então, estuda a história daquele conflito e, em especial, a história da participação do Brasil nele, por intermédio da Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Ao longo dos anos, formou um acervo de aproximadamente 3.500 peças referentes à Segunda Guerra Mundial. Atualmente, ministra palestras sobre o assunto, promove exposições e trabalha no sentido de valorizar e preservar a história do Brasil e em particular a da FEB.

Por todo seu trabalho e dedicação em prol da Força Expedicionária Brasileira, o senhor Marcos Moretzsohn Renault Coelho pode ser considerado “Gente Nossa”.

Joseph era muito amigo de Marcos Renault, acima mencionado, e também do General Marco Antonio Felício da Silva.

Moisés Roitman

O engenheiro Moisés Roitman foi autor do projeto da Casa da FEB, na Rua das Marrecas n.º 35, na Lapa – Rio de Janeiro, em 16 de julho de 1976, dia em que se comemora o Desembarque do Primeiro Escalão da FEB na Itália (16/7/1944), Fundação da ANVFEB (16/7/1963) e inauguração do prédio da Casa da FEB (16-7-1976)

² Sábado - A Rainha, como dito pelos ortodoxos.

³ http://www.eb.mil.br/en/web/midia-impressa/noticiario-do-Exército?p_p_id=56&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-2&p_p_col_count=3&_56_groupId=16541&_56_articleId=5879109#.VNQJaPnF_74

Uma placa no Museu da FEB registra a histórica data inauguração em 1976, quando a Rua das Marrecas foi fechada, e centenas de veteranos formaram ao longo da rua para a chegada do presidente Ernesto Geisel, recebido pelo marechal Cordeiro de Farias na inauguração da nova sede da Associação Nacional dos Veteranos da FEB; presentes o vice-presidente Adalberto Pereira dos Santos, os ministros Silvio Frota, Hugo Abreu e o governador Faria Lima.

Moisés Roitman era engenheiro do Ministério da Guerra, lotado na CRO/1 – Comissão Regional de Obras da 1.ª Região Militar, no Palácio Duque de Caxias – Rio de Janeiro. Em 1984, ele e David Silberman foram indicados para receber a Medalha da Vitória, concedida pela Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção Rio de Janeiro, em cerimônia realizada na formatura alusiva ao aniversário da CRO/1, cujo chefe era o Ten.-Cel. Lucas Zacarias de Azevedo, em 2 de agosto de 1984.

Em 1985, Moisés participou do III Encontro Nacional de Veteranos da Campanha na Itália, no Rio de Janeiro, de 4 a 8 de maio de 1985.

*Harold Elkin Hime*⁴

Sempre de mão aberta, o nome de Harold Elkin Hime figurava em todas as listas de caridade, seja para os “Asilados da Misericórdia”, para as famílias dos naufragos do encouraçado Solimões, para a “Sociedade Amantes da Instrução”, para o Hospital dos Estrangeiros, e muitas outras instituições.

Jayme Aben-Athar

As Forças Armadas desempenham papel importantíssimo na preservação da Amazônia brasileira, não só em termos de soberania mas também de apoio. No passado, o contingente era pequeno e muito se sofria com as doenças tropicais.

Hoje a estrutura militar de saúde é ampla e bem aparelhada, mas nem sempre foi assim, como veremos.

Nesse particular, um grande médico e patriota desempenhou importante papel no tratamento das doenças que muito afetaram a Amazônia em geral e as tropas militares em particular.

O médico Jayme Aben-Athar ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no final do século XIX, formando-se em 1902. Ainda acadêmico e já demonstrando pendores para a pesquisa para atividade de laboratório e problemas de saúde, ingressou no Instituto de Maguinhos, então dirigido por Oswaldo Cruz. Isso se constituiu em motivo de orgulho e referência para o jovem bacteriologista.

No início de 1908, o jornal *Folha do Norte*⁵ anunciava com grande entusiasmo a inauguração do Laboratório de Análises e Clínica do doutor Jayme Aben-Athar. O consultório do médico, que passou a funcionar na Travessa São

⁴ Wolff, Frieda - AHJB, Fundo Casal Wolff, consultado em 7 mar 2012

⁵ Dr. Aben-Athar. *Folha do Norte*, 4 fev. 1908, p. 2.



► Instituto de Higiene, Seção de Bacteriologia. Dr. Jayme Aben-Athar, Dr. Antonio Magalhães, microscopista chefe, e demais auxiliares – Belém. Foto integrante da dissertação de mestrado de Sílvio Ferreira Rodrigues.

Matheus, foi considerado como “um progresso entre nós, sobretudo pelos predicados de seu diretor, um dos mais salientes discípulos de Manguinhos”, instituto “que o último Congresso de Berlim sagrou um dos primeiros do mundo”.

Ao mestre Oswaldo Cruz, Jayme Aben-Athar não poupava elogios. Em 1917, durante a sessão solene realizada pela Sociedade Médica-Cirúrgica em homenagem à memória de Oswaldo Cruz, Jayme Aben-Athar ressaltou em seu discurso que o patriotismo era o principal componente do caráter de seu mestre, dando a entender que era fundamental abraçar esse exemplo.⁶

*“Por influência de uma educação mal dirigida, até hoje temos vivido quase alheados das cousas da nossa terra. A nossa cultura está ainda por definir-se nos lineamentos severos duma teoria científica ou por palpitar (...) Era preciso então firmar o caráter nacional: Vivemos exclusivamente do reflexo de outra cultura, animados de sentimentos que não são bem os nossos porque os recebemos já feitos, de ideais que se desvirtuam porque não os gerou a dor augusta das nossas necessidades que ainda não chegamos a determinar”.*⁷

A propósito, não podemos deixar de mencionar nessas notas a Sr.^a Roseana Aben-Athar Kipman, embaixatriz brasileira no Haiti, que vem desenvolvendo um maravilhoso trabalho de amor ao próximo, muito antes da atual tragédia.

⁶ Homenagem a Oswaldo Cruz: o discurso do Dr. Jayme Aben-Athar. *Folha do Norte*, 16 mar. 1917.

⁷ RODRIGUES, Sílvio Ferreira, *Esculápios tropicais: a institucionalização da medicina no Pará, 1889-1919*. Orientador, Aldrin Moura de Figueiredo. Belém, 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2008.

D.^a Roseana faz questão de enaltecer sua condição de judia e usa seu nome de família, Aben-Athar, ostentando, com muito orgulho, a Estrela de David em seu peito, não fora ela neta do médico de renome e especializado em hanseníase, no tempo em que tratar pacientes dessa moléstia era coisa para abnegados da medicina. A neta soube assimilar o espírito do avô.

Assim, cabe destacar aqui dois trechos de uma fala presidencial alusiva, o discurso do Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de celebração do Dia da Recordação do Holocausto em Recife/PE em 27 de janeiro de 2010, na Sinagoga Kahal Zur Israel, a mais antiga das três Américas:

Minhas amigas e meus amigos;

Esta é a quinta vez consecutiva em que me encontro com a comunidade judaica no Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto – data instituída pelas Nações Unidas também há cinco anos, em referência ao dia em que o exército soviético libertou o campo de extermínio de Auschwitz.

Como vocês sabem, este é o último ano em que participo dessa cerimônia como Presidente da República – e espero que todos os presidentes que me sucederem também participem todos os anos.

Peço licença para homenagear aqui aquela que se constitui em um dos importantes símbolos da compaixão e da solidariedade humana: a embaixatriz Roseana Aben-Athar Kipman. Talvez vocês nem saibam que ela – que carrega uma Estrela de David no peito – é neta de um judeu, o médico Jayme Aben-Athar, que dedicou a sua vida aos doentes de hanseníase. Ao aconchegar crianças feridas e, em muitos momentos, até mesmo expor sua vida para salvá-las, Roseana expressa o papel que a nossa presença no Haiti tem desde antes do terremoto: compaixão, solidariedade e convicção de que os haitianos podem um dia erguer uma nação que eles mesmos sustentarão.

Uma significativa homenagem foi prestada ao Dr. Aben-Athar, dando o seu nome honrado à Colônia Jayme Aben-Athar, no estado de Rondônia, no local da Comunidade Jayme Aben-Athar (Leprosário).

O Dr. Aben-Athar participou do II Congresso Brasileiro de Medicina Militar, em Porto Alegre/RS, 1959, onde apresentou o trabalho “As doenças infecciosas e o serviço militar”. Escreveu em coautoria com Ary Scheidt o livro “*Morbus Hansen*” em face do código de vantagens.

Clarice Lispector Gurgel Valente

Clarice Lispector (1920-1977), nascida na Ucrânia e naturalizada brasileira, notável escritora, uma das três filhas de judeus que imigraram para o Brasil. Seu avô paterno, Samuel Lispector, e o pai, Pinchas Lispector, eram comerciantes e residiam na região central da Ucrânia, próxima à fronteira com a Moldávia e a Romênia, e a Kiev, então capital da Ucrânia, ao norte de Odessa, ao sul, às margens do mar Negro, tendo decidido imigrar para o Brasil devido às dificuldades de subsistência e as perseguições antissemitas.

Morou em Maceió, Recife, Rio de Janeiro, Itália, Suíça, Inglaterra e Estados Unidos; e novamente no Rio de Janeiro.

Clarice foi voluntária no 45th General Hospital, em Nápoles/Itália, quando lá residiu com o marido, Cônsul do Brasil Mauri Gurgel Valente.

Em 17 de abril de 1945, o Ten.-Cel. Méd. Dr. Sette Ramalho, ao deixar a chefia da Seção Brasileira de Hospitalização em Nápoles, agradeceu à Vice-Consulesa do Brasil em Nápoles, Clarisse Gurgel Valente, pelos serviços espontâneos prestados à seção de Serviço Social:

“(...) trazendo aos nossos soldados feridos ou doentes o grande consolo do seu serviço e da sua graça. Nunca seriam demais as palavras que eu poderia dirigir a V. Ex.^a para expressar a minha admiração pela contribuição que trouxe a todos nestes momentos em que o Brasil precisa tanto de seus filhos. Em nome destes homens, de todos os que aqui labutam e no meu próprio, beijo, agradecido, às vossas mãos dadivosas.”⁸

Alguns leitores e admiradores de Clarice tem se mobilizado ultimamente para homenagear a escritora, e Beth Goulart, a atriz que viveu Clarice no teatro, e Teresa Monteiro, a biógrafa, lançaram um abaixo-assinado pela campanha “Por uma estátua de Clarice Lispector no Leme”, no restaurante Fiorentina.

Felicja Blumenthal

Felicja Blumenthal foi uma grande pianista polonesa judia, nascida em Varsóvia em 28 de dezembro de 1918. Emigrou para o Brasil em 1942, em meio às atrocidades nazistas contra os judeus, que custaram a vida de quase toda a minoria

⁸ Facebook, A FEB em imagens, citando *Clarice fotobiografia*, Nádía Battella Gotlib, EdUSP, 2008. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.



► 1942 – Anúncio em *O Globo* de 25 de agosto de 1942 do concerto a ser realizado na Escola Nacional de Música na Rua do Passeio, em benefício das famílias dos mais de 600 brasileiros desaparecidos nos torpedeamentos pelo submarino nazista U-507. Acervo *O Globo*.



► Felicia Blumenthal ao piano. The Felicia Blumenthal International Music Festival. <http://www.blumentalfestival.com/en/felicia/>

judaica existente no país – 3 milhões de inocentes que pereceram no Holocausto. Foi uma grande intérprete de Chopin, tendo se naturalizado brasileira.

Por ocasião dos ignominiosos torpedeamentos pelos submarinos nazistas contra os navios mercantes nacionais, realizou concerto em 27 de agosto de 1942 na sala Leopoldo Miguez, da Escola Nacional de Música, cuja renda reverteu integralmente para as vítimas dos submarinos alemães – ela que também perdera toda sua família no Holocausto. Nesse mesmo dia, *O Globo* publicava matéria paga da empresa Herm, Stoltz & Cia. dando conta de que todos seus empregados, súditos da Alemanha, haviam sido afastados de seus cargos. Diversas outras notícias falavam da apresentação de voluntários, passeatas de solidariedade da colônia portuguesa com reunião no Gabinete Português de Leitura, Instrução Militar para os operários, enfim, era o Brasil mobilizado contra o Eixo, a cujo esforço aderira a ilustre pianista.

Em 1955, realizou audições do Concerto n.º 5 para piano em Londres, sob a regência do próprio Villa-Lobos, que lhe dedicou essa obra pela impressão que tivera de sua interpretação das Bachianas Brasileiras n.º 3. O concerto foi gravado pela Orquestra Sinfônica de Viena, em 1955.⁹ As gravações de F. Blumenthal – inclusive com a interpretação histórica de obras de Heitor Villa-Lobos – vêm sendo atualmente reeditadas.

Foi, também, uma grande divulgadora de compositores poloneses no Brasil, sobretudo Paderewski e Szymanowski, seu professor, e da obra de Krzyztof Penderecki.

⁹ BISPO, A. A. *Dimensões político-culturais da música nas relações Polônia-Brasil na Segunda Guerra*: Felicia Blumental (Felicia Blumenthal). <http://www.revista.brasil-europa.eu/110/Indice-110.htm>

Posteriormente deixou o Brasil dedicando-se a concertos na Europa e Israel, mas nos programas fazia questão de ser mencionada como brasileira, aparecendo abaixo do seu nome a menção “Rio de Janeiro”. Faleceu em Tel Aviv em 1991.

Em 1999, o Tel Aviv Museum of Art, principal centro cultural de Israel, deu o nome da pianista brasileira a um festival internacional de música que se tornou um dos mais renomados empreendimentos mundiais do gênero – o Felicja Blumenthal International Music Festival. Também o belo prédio de três andares do Centro e Biblioteca de Música, Beit Arieh e Rebeca Shenker recebeu seu nome (The Felicja Blumenthal Music Center and Library – Merkaz leMusica veSifriá al shem Felitzia Blumental).¹⁰

Segundo Tucci Carneiro:¹¹

“Temos um número expressivo de artistas e intelectuais judeus, entre refugiados e sobreviventes, que aportaram no país antes, durante ou depois do confronto. Um dos exemplos foi a pianista polonesa Felicja Blumenthal, posteriormente naturalizada brasileira. Grande colaboradora de Villa-Lobos e uma das maiores intérpretes de Chopin, ela tornou-se uma das principais promotoras da música clássica brasileira. O Brasil precisa dessa memória – que nunca pode ser esquecida”.

Helio Copelman

Prof. Copelman tem estreito relacionamento com a área médica militar. É titular da Cadeira 24 da Academia, cujo patrono é o Dr. João Câncio Nunes de Mattos, tendo tomado posse em 23 de maio de 1986. Coordena a Seção de Clínicas Médicas da ABMM. Foi agraciado com a Medalha da Ordem do Mérito Naval por relevantes serviços médicos prestados à Marinha do Brasil, em cerimônia na Escola Naval.

Presidiu e coordenou o XXVI Gastroproct, tradicional evento da gastroenterologia brasileira, realizado no Centro de Convenções do Colégio Brasileiro de Cirurgiões/RJ. O encontro contou com o apoio de várias academias médicas e participação de alguns dos mais renomados especialistas nacionais. Seu livro *Gastroproct II* (editora MW Comunicação) foi lançado em noite de autógrafos no Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

Na seção de Clínicas Aplicadas à Medicina o coordenador é o Alte. (Md) José Luiz de Medeiros Amarante Júnior, e no Conselho Fiscal, presidido pelo Prof. Dr. Pietro Novellino, um dos membros é o Prof. Dr. Ernesto Maier Rymer.

Meer Gurfinkel

Natural de Yedenitz, Bessarábia, hoje Moldávia. Nasceu em 17 de março de 1921, tendo imigrado aos 13 anos com os pais para o Brasil. Era o caçula de cinco irmãos, o último ainda vivo, aos 94 anos. Formou-se pela Faculdade Nacional

¹⁰ <http://www.blumentalfestival.com/en/felicja/>

¹¹ Historiadora, graduada e pós-graduada em História pela Universidade de São Paulo, que desenvolve pesquisas sobre a questão dos direitos humanos, intolerância, antisemitismo e outras. <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2015/1/27/projeto-colhe-dois-irmaos-ineditos-de-sobreviventes-do-holocausto-no-brasil.htm>

de Medicina, da Universidade do Brasil, em 1967. Durante o curso era propagandista do Laboratório Moura Brasil – Orlando Rangel, tendo chegado a diretor da empresa, da qual se desvinculou em 1949 para se dedicar unicamente a medicina. Voltado à clínica médica, exerceu, ao longo de sua carreira, 23 cargos de chefias médicas, entre os quais de chefe de serviço de clínica médica da antiga Policlínica Israelita na Rua Joaquim Palhares, na Praça da Bandeira, atual Hospital Israelita Albert Sabin, na Rua Lúcio de Mendonça – Tijuca, entre 1949 e 1958, e chefe de serviço de clínica médica do Hospital Geral do Andaraí, entre 1963 e 1977. Tem 17 artigos em revistas médicas, realizou mais de 30 conferências e ministrou mais de 10 cursos na área de medicina.

Gurfinkel é fundador e membro efetivo de 12 sociedades médicas. É ainda emérito do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, membro honorário da Academia de Medicina de Reabilitação. Presidente do Centro de Estudos do Hospital do Andaraí. Fundador e secretário-geral do Centro de Estudos da Casa de Saúde São Sebastião. Homenageado em Quadros de Formatura dos Residentes do Hospital do Andaraí e da Faculdade de Medicina de Vassouras (1972 e 1973). Placas comemorativas e medalhas de mérito (12). Membro honorário da Academia Nacional de Medicina.

Em 1949, ingressou no Hospital Central dos Marítimos, hoje Hospital do Andaraí, onde chegou a chefe de serviços de Clínica Médica, até aposentar-se.

Em 2012, recebeu a Medalha de Mérito Pedro Ernesto, concedida pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, por iniciativa da vereadora Tereza Bergher.

Em 2010, em cerimônia dos 69 anos da ABMM realizada no Clube Naval, Dr. Meer tomou posse como membro honorário da Academia Brasileira de Medicina Militar, recebendo a insígnia das mãos do acadêmico Helio Copelman, na gestão do presidente Vice-Alte. Médico Edson Baltar, 2.º vice-presidente Dr. Ernesto Mayer Rymmer, e orador CMG Carlos Alberto Jaimovich, membro do Conselho de Deontologia Médica Dr. Helio Copelman. Na ocasião, ocorreu a posse da nova diretoria 2010-2012, cujo presidente era o Alte. Méd. Celso Barbosa Montenegro, sendo os novos acadêmicos saudados pelo orador CMG Carlos Alberto Jaimovich.

É patrono em vida da Cadeira 31 ABMR – ocupada por Mauricio Younes Ibrahim. Muitos foram os clientes agradecidos do Dr. Gurfinkel, um dos quais a D.^a Elza, esposa do Gen. Tasso Vilar de Aquino, que enviou aos jornais uma emocionada missiva na qual agradecia de público ao Dr. Gurfinkel, que detectou a tempo insidiosa moléstia, e acompanhou sua esposa antes, durante e após a internação.

*Alter Ber Zylbersztajn, Nute Fainel Zylbersztajn (pai e filho caçula) e Jaime Sagorski*¹²

Três civis brasileiros judeus foram vitimados nos torpedeamentos de 1942 realizados pela Alemanha nazista contra nossa frota mercante.

¹² Com base nos depoimentos prestados pelo Dr. Salomon Binensztok e arq. Izaac Szulc, netos de Nute Fainel Zylbersztajn e sobrinhos de Alter Ber Zylbersztajn, em janeiro de 2013, Rio de Janeiro/RJ.

O Itagiba aproximava-se de Salvador quando o U-507 lançou dois torpedos, que partiram ao meio o navio, o afundando rapidamente a 13 milhas do Morro de São Paulo. Eram 10h50 de 17 de agosto. Dos 181 a bordo 145 sobreviveram no mar, até que às 14h veio em socorro o vapor Arará, que navegava para Valença. Alter Ber, jovem de 18 anos, atlético e bom nadador, mas que foi vencido pelas ondas ao tentar ajudar o pai Nute Faiwel, ficando os dois entre os 36 desaparecidos do Itagiba. Lamentavelmente, a Alemanha nazista acabava de assassinar judeus no Brasil, juntamente com centenas de outros patriotas, numa versão reduzida do Holocausto que já vinha ocorrendo na Europa sofrida.

A triste notícia caiu como uma bomba sobre a população. Imediatamente, as ruas foram tomadas pelo povo, com os estudantes à frente, os caras pintadas da época, exigindo que o governo revidasse a brutal agressão. Diante do clamor popular, o presidente Vargas, em 31 de agosto de 1942, declara o estado de guerra com a Alemanha e Itália.

Enviando submarinos para torpedear nossos navios mercantes, Hitler empurrou o Brasil para lutar junto aos aliados com a Força Expedicionária de 25 mil soldados, dos quais 25 judeus¹³, vários condecorados com as mais significativas medalhas.

Tendo Brasil perdido mais 1 milhão de vidas preciosas nos torpedeamentos, causa espécie que em princípios de 1964 durante a viagem de instrução do Navio-Escola Custódio de Mello, quatro Oficiais da Marinha do Brasil¹⁴ durante escala em Hamburgo fizessem “visita de cortesia” ao Almirante Doenitz, nazista convicto e antissemita, responsável pelas terríveis atrocidades e crimes de guerra praticados contra brasileiros indefesos.

Passadas décadas, a Alemanha é uma nação amiga, mas não se pode esquecer. Diante do Monumento aos Náufragos, no Forte do Imbuhy em Jurujuba, Niterói/RJ, o Exército recorda anualmente os que fizeram sua última viagem para jamais retornar, tendo como túmulo os mares verdes do Nordeste.

Jacob Lewin¹⁵

“Então, ele foi morar em Jacarepaguá e ampliou os negócios. Ele percebeu que ele não podia ser refém de um único fornecedor comerciante, logo começou a diversificá-los. Ele já possuía um nome, conhecimento sobre o assunto, e podia jogar com isso. Conheceu, em uma de suas andanças, um libanês, o senhor Fuad, na Rua da Alfândega, dono de uma casa de tecidos. Tecidos melhores do que os que meu pai vendia para a sua freguesia. Um dia, esse senhor disse ao meu pai: ‘Sabe, seu Jacó, eu tenho um negócio para o senhor. Ganhei uma concorrência, vou fornecer uniformes para a Intendência e quero que o senhor organize isso

¹³ Percentual de 0,1 %, compatível com os 40 mil judeus da época, numa população total de 40 milhões, ou seja, 1 cidadão judeu para cada 1.000 habitantes.

¹⁴ FRANCO, Celso. Meu Encontro com o Almirante Karl Doenitz, p. 94-98. *Paio de Saudades – Crônicas*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

¹⁵ Professora Helena Lewin recorda seu pai.

para mim'. Assim, meu pai ficou encarregado de arranjar os alfaiates, tomar conta da produção, da entrega, do recebimento de dinheiro. Foi na verdade, um grande salto, uma oportunidade de fazer negócios. Mas havia prazos a cumprir, o processo de fabricação dos uniformes demandava várias operações até a entrega do produto. Mas meu pai nunca desistiu de trabalhar por conta própria, queria ser dono do próprio nariz. Um pouco recordando a situação anterior da Polônia em que ele era o dono, o seu pai era o dono. Então ele aproveitou esse período para economizar, juntar dinheiro e fazer amizades. As amizades dele também começaram a se diversificar. Ele tinha amigos portugueses, com os quais ele aprendeu a falar português."

Noel Nutels

Um médico judeu russo dedica e consagra a sua vida para tratar e cuidar dos índios da Amazônia:

Noel Nutels – A Majestade do Xingu, segundo Moacyr Scliar. Obra de 1997, com personagens e fatos reais, conta a vida do médico sanitarista que dedicou sua vida às populações indígenas. Formado em Recife em 1938, era amigo de Ariano Suassuna, Capiba e Rubem Braga. Foi para o Rio durante a ditadura Vargas, época em que abundavam intelectuais comunistas. Noel foi admitido como especialista em malária no SPI – Serviço de Proteção ao Índio, para trabalhar no Alto Xingu. Mais tarde, indicado por Darcy Ribeiro, chefiou o SPI.

Noel nasceu em Ananyev, na Ucrânia, em 1913, e faleceu no Rio em 1973. Ainda menino, chegou ao Brasil com os pais, residindo no Recife/PE. O Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas – SUSA, do Ministério da Saúde, foi criado por Noel em 1957, levando a saúde pública para a selva amazônica. Publicou cerca de 50 trabalhos científicos no Brasil e no exterior, e foi professor da UnB e outras universidades nacionais e estrangeiras.

Nutels contou com apoio da FAB – Força Aérea Brasileira e do CAN – Correio Aéreo Nacional para as unidades volantes junto às populações rurais e indígenas para prevenir doenças infecciosas, realizando vacinações em massa nessas comunidades.

O SUSA operava na rota do CAN combatendo endemias rurais, surtos epidêmicos e a tuberculose entre os índios, pois o SPI nos anos 1960 não atuava na área da saúde, assim era alta a mortalidade indígena no pós-contato, como ocorreu com os índios Pakaa Nova/RO.

José Ephim Mindlin

Mindlin foi empresário, escritor e o maior colecionador de livros do Brasil. Nascido em 8 de setembro de 1914 em São Paulo, onde faleceu aos 95 anos, em 28 de fevereiro de 2010.

Filho do dentista Ephim Mindlin e de Fanny Mindlin, formou-se em Direito pelas Arcadas (Turma de 1936), mas deixou a advocacia para fundar a Metal Leve, uma das grandes empresas brasileiras de autopeças, que deixou em 1996

para dedicar-se integralmente a paixão que tinha desde seu *bar-mitzvá*: colecionar livros raros.

Era membro do Conselho de Curadores da FUNCEB – Fundação Cultural Exército Brasileiro, onde possuía inúmeros amigos, para o qual foi convidado pelo diretor Gen. Div. Synésio Scofano Fernandes e pelo presidente do conselho Roberto Duailibi.

Visitava sempre que podia o acervo cultural do Exército em suas pesquisas. Era admirador do trabalho educacional do Exército na formação de seus quadros e na valorização do livro. Sabia do amor do Exército aos livros e a guarda de documentos que refletem a história do Brasil.¹⁶

Em 2005, doou sua biblioteca, a maior coleção particular de livros do Brasil para a USP, hoje Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

Em 20 de junho de 2006, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, ocupando a Cadeira 29, sucedendo a Josué Montello.

Viúvo, deixou quatro filhos, 12 netos e 12 bisnetos.

ABRAFARM – Associação Brasileira de Farmácia Militar

► Patronos de Cadeira:

- 47 – Maurício Zaikowaty
- 49 – José Scheinkmann
- 57 – Moisés Abraham Fuks

► Titular:

Acad. Dr. Guirs Bank

► Aspirante:

- Acad. Dr.^a Danielle Cohen

Aleksander Laks

Presidente da Associação Brasileira dos Sobreviventes do Holocausto

Memórias de um sobrevivente de guerra foi o tema da palestra de Aleksander Henrik Laks, no Auditório do Centro Cultural Casa da FEB no Rio de Janeiro, que emocionou os presentes pela intensidade do relato e pela mensagem passada na palestra. Ao final, o Veterano Tenente Dálvaro José de Oliveira entregou ao palestrante Aleksander Laks a Medalha Mascarenhas de Moraes, por proposta do presidente da Casa da FEB, General de Divisão Marcio Rosendo de Melo. Um coquetel no Salão Nobre encerrou mais uma concorrida tarde cultural, que integra o já tradicional Ciclo de Encontros febianos, em seu 3.º ano de realização.

¹⁶ DUAİLÍBI, Roberto. José Mindlin nosso conselheiro. Obituário publicado na *Revista da Cultura*, FUNCEB, ano X, n. 16, 2010, p. 7.



► Sr. Aleksander Laks, sobrevivente do Campo da Morte de Auschwitz-Birkenau condecorado com a Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes pelo Veterano Tenente Dálvaro José de Oliveira, na Casa da FEB – RJ, vendo-se ao lado o Veterano Tenente Israel Rosenthal. Acervo do autor.



► Sr. Aleksander Laks, Veterano Dálvaro e General Marcio Rosendo, presidente da Casa da FEB. Acervo do autor.

Jorge Mautner

Filho de um judeu austríaco e uma iugoslava católica, quase toda a família dos pais foi executada pelos nazistas.

Em agosto 2012, Jorge Mautner esteve no Midrash, na Rua General Venâncio Flores n.º 184 – Leblon, para falar sobre “Amálgama do Brasil Universal”, que é como José Bonifácio de Andrada e Silva definiu o brasileiro, em 1823. O Patriarca da Independência dizia que a união de raças e culturas era uma das qualidades mais importantes do brasileiro. Esse foi o tema da palestra que o compositor, violinista, poeta, escritor e cantor carioca Jorge Mautner fez no Midrash Centro Cultural, a diversidade de culturas e a facilidade que o brasileiro tem de “abraçar o diferente”.

“Era 18 de julho de 45. Fui com meu pai assistir ao desfile das tropas que voltavam da guerra. Eu tinha 4 anos e passei o tempo todo batendo continência. Isso habita para sempre meu coração.”

“Diferente dos outros povos e culturas, nós somos a amálgama, essa amálgama tão difícil de ser feita”. Com essa frase José Bonifácio definiu o brasileiro, no século XIX. Segundo Mautner, o multiculturalismo e a multidiversidade ainda são os primeiros passos para se alcançar essa amálgama do Brasil universal, que é a absoluta necessidade da humanidade e que nasce de nossa extraordinária originalidade.

No encontro, Mautner fala sobre a peculiar capacidade de o brasileiro acolher o diferente, de se misturar a ele, de incorporar seus atributos, de reinterpretar tudo a cada segundo e, incluindo posições contrárias e opostas, chegar a uma outra coisa, a um caminho do meio, ao equilíbrio. Uma virtude que, segundo ele, vem se tornando exemplo para o mundo.

“O processo de ‘brasilição’ está em avanço no mundo e nosso país é a esperança da sobrevivência da humanidade. O Brasil é o continente indicado há muito tempo. Todas as profecias falam isso. Rabindranath Tagore (filósofo indiano) dizia que ‘a civilização superior do amor nascerá no Brasil’. Jacques Maritain (filósofo francês) dizia que ‘o único lugar onde a justiça e a liberdade poderão aflorar juntas é o Brasil’. Stefan Zweig escreveu no século XIX o livro Brasil, o país do futuro. O jornal Time Life publicou em artigo recente: ‘Em breve, seremos todos brasileiros’”, explica Mautner.

Jorge Mautner escreveu o livro *O filho do Holocausto*, no qual Pedro Bial e Heitor D’Alincourt se basearam para realizar o documentário *Jorge Mautner – O filho do Holocausto* (2012).

Eliane Velozo

Uma visão original do Brasil na 2.ª Guerra Mundial e o Holocausto

Eliane Velozo é multiartista plástica e fotógrafa. Esteve na Itália, onde refez o percurso de seu pai, que combateu com a Força Expedicionária Brasileira – FEB



► 2012 – Vet. Rosenthal, Ten.-Cel. Tavares, Comandante do 10.º Regimento de Infantaria, sediado em Juiz de Fora, Eliane Velozo e o autor. Acervo do autor.

em operações de guerra na Itália – 1944/1945. Provocada pelas ações nazi-fascistas contra judeus, negros, ciganos, homossexuais, Eliane foi a Auschwitz e à prisão de Pawiak em Varsóvia, ao Monumento AK – Armia Krajowa (Exército da Resistência), à fábrica de Schindler na Cracóvia, ao Gueto de Varsóvia, e à casa de Anne Frank em Amsterdã, emocionando-se nos campos de concentração e ao ter contato com monumentos às atrocidades cometidas e às lutas libertárias. Em Amsterdã, entregou uma flor e uma mensagem para Anne Frank, nas mãos da curadora. Em Rotterdam, registrou as luzes no chão que marcam o local onde as bombas explodiram.

Eliane Velozo enaltece a possibilidade da paz, partilhando a dor, o espanto, e a recriação da fraternidade, expondo fotografia, textos, mapas, rotas e vídeos. Eliane é de Lajedo/PE, formada em Comunicação Visual (UFPE) e mestre em Belas Artes (Univ. de Illinois, em Chicago/EUA). Já expôs em várias capitais do Brasil, em Lisboa e Porto (Portugal), Cidade Velha (Cabo Verde), e no Texas, St. Louis e Chicago (EUA).

Em 12 de dezembro de 2012, às 14h, Eliane ministrou uma palestra no Monumento aos Pracinhas, convidada pelo presidente da ANVFEB, General Marcio Rosendo de Melo: “Redescobrimo a jornada de meu pai”. Seguiu-se confraternização (mesa *kasher*) entre os presentes, que demonstraram vivo interesse pela interessante exposição.

Seu trabalho enaltece a possibilidade da paz, partilhando a dor, o espanto, e a recriação da fraternidade, expondo fotografia, textos, mapas, rotas e vídeos.

Eliane, portanto, fez sozinha a sua Marcha da Vida pessoal.

Abraão Issac Waisman

Em 1942, tirou o curso de Emergência de Medicina Militar, em vista da preparação nacional para a guerra.

Foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Geriatria (SBG), cujo primeiro presidente foi o prof. Dr. Deolindo Couto.

“Reverenciando aqueles que tanto se dedicaram à causa, no XV Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia, a SBGG, ao comemorar 45 anos de conquistas, homenageou um dos fundadores, Dr. Abraão Isaac Waisman. Prestes a completar 90 anos, ele conservava a viva alegria, nos estimulando a continuar perseverantes em direção aos nossos sonhos geriátricos e gerontológicos.”¹⁷

Turma Moacyr Scliar

Colégio Militar de Porto Alegre 2011 obteve o recorde histórico de aprovação nos vestibulares

Moacyr Jaime Scliar tomou posse na Academia Brasileira de Letras (a casa de Machado de Assis) como um escritor já consagrado, uma longa lista de quase 80 livros, traduzidos em 20 idiomas e uma coleção de prêmios brasileiros e internacionais. Aquela noite no Rio de Janeiro, no centenário prédio, concretizava-se um dos momentos culminantes de uma carreira que se inicia em duas aldeias da Europa oriental: Tulchin, de onde vem sua mãe Sara, e Tomashpol, local do nascimento do seu pai José, ambas a oeste do rio Dienpr, então império czarista-russo, região denominada Bessarábia, na Romênia, e atualmente Moldávia.¹⁸

Os formandos de 2011 do tradicional Colégio Militar de Porto Alegre, o Casarão da Várzea, escolheram o eminente escritor para patrono da turma. Scliar nasceu em 23 de março de 1937 em Porto Alegre, onde faleceu em 27 de fevereiro de 2011, próximo de completar 74 anos.

A Turma Moacyr Scliar – CMPA 2011 obteve o recorde histórico de aprovação em vestibulares.

Trata-se do tradicional Casarão da Várzea, no Parque Redenção, ao lado do bairro judaico do Bonfim, em Porto Alegre, que serviu de pano de fundo para muitas histórias do saudoso Moacyr Scliar. Nesse mesmo casarão, que antes do Colégio Militar sediou diversas escolas militares, estudaram seis alunos que viriam a ser Presidentes da República, e incontáveis cidadãos de destaque na sociedade brasileira, entre militares, médicos, engenheiros, ministros, e tantos outros.

Dos 119 ex-alunos que prestaram o vestibular na UFRGS, 77 foram aprovados, significando um índice de sucesso de 65%.

Na área militar, o CMPA teve várias aprovações na EspCEX, AFA, EPCAr, Colégio Naval, Escola Naval e IME.¹⁹

¹⁷ SAN LUCAS, Maria Zali – SBGG. Geriatra e gerontologista. *História da geriatria e gerontologia no Brasil*.

¹⁸ SCLiar, Wremyr. *Moacyr Scliar, o cidadão*.

¹⁹ site CMPA

Conexão judaico-mineira no Encontro dos Velhos Soldados

XXIV Encontro Nacional dos Veteranos da FEB – Força Expedicionária Brasileira

Juiz de Fora/MG – 7 a 10 de novembro de 2012

Em 2012, os últimos velhos soldados afluem ao antigo Arraial de Santo Antonio do Paraibuna, hoje a trepidante Juiz de Fora, os cavalos cansados já não mais arrastando as carruagens pelo Caminho Novo, arqueadas sob o peso do ouro das Geraes (Minas Gerais), levando embora nossas riquezas para a metrópole. Consta que, então, muitos cristãos-novos viveram e prosperaram naquelas paragens, hoje quase desprovidas da presença judaica, a não ser a pequena comunidade de Belo Horizonte. Por isso mesmo, foi uma surpresa deparar com dois militares conhecedores do hebraico, e de tradições e história judaica.

O Sargento Heleno, do histórico Regimento Tiradentes, poucas vezes viu um judeu de carne e osso, mas conseguiu bastante fluência em hebraico, apenas estudando em livros e pela internet. Demonstrou grande alegria por ter encontrado pela primeira vez alguém com quem pudesse praticar ao vivo, e até elucidar uma ou outra pronúncia.

Heleno é o pastor do atual 11.º Batalhão de Infantaria de Montanha, de São João d'El Rey, que não dispõe de capelão militar, sendo Heleno voluntário para manter um núcleo evangélico, que leva o nome do Pastor Soren, um dos dois únicos capelães militares evangélicos que acompanharam a FEB na Itália.



► 2012 – Sgt. Heleno, pastor voluntário do 11.º Batalhão de Infantaria de Montanha, de São João d'El Rey. Acervo do autor.



► 2012 – 11.º BIMTh de São João d’El Rey, núcleo evangélico, que leva o nome do Pastor Soren, um dos dois únicos capelães militares evangélicos que acompanharam a FEB na Itália. Acervo do autor.

Já o Tenente Coronel Tavares estudou hebraico em Copacabana, quando servia no Rio de Janeiro. Interessado pelo judaísmo, que nele repousava latente, herdado do avô italiano. Ele hoje é comandante do 10.º Regimento de Infantaria, sediado em Juiz de Fora.

Outra surpresa foi assistir à palestra da artista plástica e fotógrafa Eliane Velozo, “Redescobrimo a jornada de meu pai”, já mencionada anteriormente.

Marconi Nudelman

Engenheiro, faleceu aos 91 anos em novembro de 2013. O Conselho Diretor do Clube de Engenharia, por proposta do conselheiro Leizer Lerner, fez uma homenagem a Marconi em 24 de novembro, com um longo minuto de silêncio.

Formado pela ENE-UB em 1946, durante a Segunda Guerra Mundial integrou a campanha pela participação nacional no conflito em apoio às Nações Aliadas contra o Eixo. Ainda estudante e logo após formar-se, trabalhou na Diretoria de Engenharia no Ministério da Guerra.

Posteriormente, fundou uma empresa que construiu mais de 100 imóveis residenciais, comerciais e industriais na cidade do Rio de Janeiro.

Foi membro do Conselho Diretor do Clube de Engenharia, sucessivamente reeleito até o final da vida, e diversas vezes chefe da DTE de Construção. Presidiu a seção brasileira da Associação de Engenheiros e Arquitetos de Israel.

Isac Jacobovicz

Isac Jakubovicz foi assessor para assuntos jurídicos e de política aérea internacional da Comissão de Estudos Relativos à Navegação Aérea Internacional (CERNAI) do Ministério da Aeronáutica. Durante anos, foi assessor da delegação brasileira na International Civil Aviation Organization (ICAO) – Montreal – de janeiro de 1974 a agosto de 77.

Foi também juiz do colégio arbitral da Organização de Aviação Civil Internacional (OACI) e conselheiro do Instituto Histórico-Cultural (INCAER), tendo sido admitido na Ordem do Mérito Aeronáutico, no grau de Comendador.

Em 22 de janeiro de 1997, foi eleito para ocupar a Cadeira 17 do INCAER, tendo falecido em 30 de agosto de 1999.

Abrão Lowenthal

Foi presidente da B'nei Brith do Brasil, entidade de direitos humanos e luta contra o preconceito e antissemitismo.

Em 18 de outubro de 1990, por ocasião de sua 10.^a Convenção Nacional, a entidade outorgou a Medalha de Direitos Humanos à ANVFEB, pela brava luta da FEB em prol dos Direitos Humanos, em particular o combate ao nazismo, em diploma que vai assinado por Lowenthal.

Ruth Kac, artista plástica, filha do 1.º Ten. R/2 Art. Abrahão David Bregman

Nascida no Rio de Janeiro, Ruth tem formação artística na Faculdade Nacional de Arquitetura, pesquisando e desenvolvendo obras em diversos materiais, como bronze, resina, terracota, fundição de vidro “Glass Fusing”, pintura em seda e outros tecidos. Participou de diversas mostras, destacando-se a do World Trade Center Amsterdã, Sociedade Hebraica, Sociedade Acadêmica Fênix Naval, Museu Histórico do Exército, Salão de Artes Plásticas da Aeronáutica, Brasília, e outras. Realizou trabalhos especiais para a FIERJ, escultura Prêmio para a FIERJ – Destaques do Ano, 1996, e a *menorá* (candelabro de sete braços) instalada pela Associação Cultural Beit Lubavitch na Praça Ruben Dario. Uma de suas obras mais significativa se encontra no Monumento dos Pracinhas:

Inauguração da Estrela de David no Monumento aos Pracinhas

Parque do Flamengo – Domingo, 5 de agosto de 2012, às 9h

70 Anos da Entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial – 1942-2012

Uma Estrela de David e placa alusiva aos 70 anos da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial foram oferecidas pela CONIB – Confederação Israelita do Brasil e FIERJ – Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro ao Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, recordando o ano de 1942, quando o Brasil se uniu à luta das democracias contra o nazi-fascismo, ao serem torpedeados navios mercantes nacionais, o que motivou a entrada do Brasil na guerra.

A Estrela de Davi em metal amarelo, idealizada pela artista plástica Ruth Kac, tem 72 cm, sinal de relevante capital simbólico por ser múltiplo de 18, cuja representação numérica hebraica forma a palavra “Chai” (vida). A artista guarda ainda ligação sentimental com a obra, como filha do Tenente R/2 Abraão David Bregman, do 3.º/1.º Regimento de Artilharia Antiaérea, integrante do sistema de defesa de Natal, o Trampolim da Vitória, uma das mais importantes bases estratégicas da época.

O público presente sensibilizou-se com as tocantes palavras do Ministro da Defesa Embaixador Celso Amorim, encontrando-se destacados militares, como o Almirante de Esquadra Gilberto Max Roffé Hirschfeld, Comandante de Operações Navais; General de Exército Tulio Cherem, Comandante da Escola Superior de Guerra; Coronel Eduardo Pazuello, assistente do DECEX; Coronel R/1 Aron Felberg; Tenente- Coronel Tufic Nissan Cohen; Tenente Bianca Chigner Cramer Balassiano, do 1.º Depósito de Suprimento; General de Exército Adriano Pereira Junior, Comandante Militar do Leste – CML; General de Exército Ueliton José Montezano Vaz Montezano, chefe do Departamento de Educação e Cultural do Exército – DECEX; General de Divisão Geraldo Antônio Miotto, chefe do Estado-Maior do CML; General de Divisão Antonio Hamilton Martins Mourão, vice-chefe do DECEX; General Eduardo José Barbosa – Diretor do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército; Vice-Almirante Ellis Treidler Oberg, Comandante do 1.º Distrito Naval; Major-Brigadeiro Rafael Rodrigues, Comandante do 3.º Comando Aéreo Regional; General de Brigada Sergio José Pereira, Comandante da Escola de Comando e Estado Maior do Exército – ECEME; General de Brigada Faillace, Comandante da Artilharia Divisionária da 1.ª DE; General de Brigada Fernando Vasconcellos Pereira, diretor de Formação e Aperfeiçoamento; General Luis Antônio Silva dos Santos, diretor do Ensino Preparatório e Assistencial; Coronel R/1 Roberto Mascarenhas, neto do Marechal Mascarenhas e Moraes, Comandante da FEB e idealizador do Monumento aos Pracinhas; Coronel Gerson Gomes, chefe de Planejamento do CML, Coronel Atílio, do CML, General de Divisão R/1 Marcio Rosendo de Melo, Presidente da Casa da FEB e 2.º Vice-Presidente do Clube Militar, General Geraldo Luiz Nery da Silva, secretário da Ordem dos Velhos Artilheiros; Desembargador Egas Moniz Barreto de Aragão Daquer (ex-aluno do CPOR/RJ); Tenente Dalvaro José de Oliveira, 94, Veterano de Guerra e ex-presidente da Casa da FEB, sobrevivente de dois naufrágios consecutivos de navios torpedeados pelo submarino nazista U-507; Major Antônio André, 94, Veterano de Guerra e presidente do Conselho Deliberativo da Casa da FEB; Tenente R/2 Dr. Israel Rosenthal, 92, Veterano de Guerra e vice-presidente do Conselho Deliberativo da Casa da FEB; Tenente-Coronel capelão Militar Evangélico Ivan Xavier, chefe do Serviço de Assistência Religiosa do Comando Militar do Leste; Coronel Germano Américo dos Santos, diretor do Monumento aos Pracinhas; João Mortera, da Liga de Defesa Nacional; Tenente R/2 Sergio Pinto Monteiro, presidente do CNOR – Conselho Nacional dos Oficiais da Reserva; Capitão de Longo Curso Francisco Gondar, vice-presidente do Clube dos Capitães da Marinha Mercante; representantes

da Associação dos Integrantes do Batalhão Suez; representação da Federação Nacional dos Integrantes das Forças de Paz e FAIBRAS – Forças de Paz na República Dominicana; Veterano de Guerra Tenente da Marinha Melchisedech Affonso de Carvalho, diretor secretário da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil; Inspetor Idnei Teixeira, representando o Comandante-Geral da Guarda Municipal – RJ e outros.

O projeto foi uma realização da Diretoria de Cidadania da FIERJ, comandada na Gestão Sarita Schaffel (2011-2012) por Israel Blajberg, que desenvolveu a ideia em parceria com o Diretor do Monumento, Coronel Germano Américo dos Santos, agregando a Estrela de David ao profundo ambiente de religiosidade do Mausoléu. A iniciativa mereceu o apoio da DPHCEX – Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército, pelo seu titular, General de Divisão Eduardo José Barbosa.

Durante a cerimônia, o Coral Israelita Brasileiro, sob a regência do Maestro Abrahão Rumschinski interpretou em hebraico e português a canção pacifista “Al HaDerech” (No caminho) e a “Canção do Expedicionário”. Usaram da palavra a presidente da Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro, professora Sarita Schafel, e o doutor Fernando Kasinski Lottemberg, secretário-geral da Confederação Israelita do Brasil, sendo após descerrada a Estrela de David e a Placa Alusiva à Homenagem da Comunidade Israelita Brasileira aos bravos combatentes nacionais de Terra, Mar e Ar, que traz gravada esta mensagem:

1942 – 2012

*Há setenta anos preciosas vidas brasileiras se perderam no litoral,
pela ação perversa de uma ideologia inaceitável para a Humanidade.
O mar as recebeu e conduziu para os braços do Criador, abrindo
caminhos para bravos combatentes, a lutar pela honra da Pátria
e na defesa da dignidade humana.*

Homenagem da

CONIB – Confederação Israelita do Brasil

FIERJ – Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro

Oito de maio de 2012 – 67.º aniversário do

Dia da Vitória Aliada na Europa

David Gorodovits

Dr. David é engenheiro, foi diretor de Culto Religioso da FIERJ, um ícone da comunidade judaica carioca, sempre presente nas cerimônias cívicas e ecumênicas, trazendo belas mensagens apreciadas por todos. Entre outras, sua palavra foi ouvida no Monumento Nacional aos Mortos da 2.ª Guerra Mundial, por ocasião da Vigília da Saudade em 2 de novembro de 2012, com a presença do Comandante Militar do Leste, Gen. Modesto, na inauguração da Casa da FEB e em palestras e cultos na ESG. Atualmente, Dr. David é diretor do CHCJ, Centro de História e Cultural Judaica, situado na ARI em Botafogo – RJ.

Participou do ato inter-religioso no Monumento aos Mortos da 2.ª Guerra Mundial, a tradicional Vigília da Saudade no Dia de Finados, que contou com

uma homenagem aos civis e militares brasileiros mortos nos torpedeamentos e operações bélicas, recordando os 70 anos da Entrada do Brasil na Guerra.

Na 2ª Guerra Mundial em 1942, em ato presidido pelo Comandante Militar do Leste, General Francisco Carlos Modesto, que juntamente com o Veterano Tenente Dr. Israel Rosenthal, presidente do Conselho Deliberativo da Casa da FEB e o presidente da Casa da FEB, General Marcio Rosendo de Melo, apuseram uma coroa de flores no Túmulo do Soldado Desconhecido.

Logo em seguida ao Toque de Presença de Ex-Combatente e Hino Nacional Brasileiro, seguiu-se a apresentação do Coral Amanhecer, do Colégio Novo Horizonte de Nova Iguaçu.

O Diretor do Monumento Coronel Germano Américo deu as boas-vindas agradecendo a presença do público e dos preletores, que pronunciaram eloquentes orações, recordando os exemplos de bravura e heroísmo dos brasileiros na guerra: capelão militar evangélico Tenente Coronel Ivan Xavier, chefe do Serviço de Assistência Religiosa do CML, capelão Militar Católico Tenente Marcelo Cretton, Tenente R/2 Alfredo Castinheiras, que falou pela Doutrina Kardecista, e o Dr. David Gorodovits, Diretor de Religião da FIERJ – Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro.

Compareceram ao ato mais de 100 pessoas, incluindo diversas autoridades civis e militares: Veterano João Lanzelote, da ANVFEB; Capitão Ignacy Felczak, presidente da SPK – Veteranos Poloneses; Comandante Roland Melo, presidente da Association Francaise des Ancien Combattants; Anne Lanzilote, vice-presidente da ANVFEB; Capitão-Tenente Capelão Naval Ubiratan de Oliveira Araujo, capelão da Escola Naval; Cmt. Francisco Gondar, VP do Centro de capitães da Marinha Mercante; Veterano Manoel Bonfim Barreto, que participou como voluntário das forças inglesas na Retirada de Dunquerque; Dr. Miguel Grinspan, decano dos Veteranos do BG (Classe de 1946); Coronel Gilberto Pimentel do Clube Militar, veteranos do Batalhão Suez, FEB, Fuzileiros Navais.

CAPÍTULO 38

Comunidade Maior: Personalidades e Manifestações

Neste capítulo abordaremos personalidades civis e militares, bem como manifestações alusivas a temas abordados nesta obra.

Oswaldo Aranha

Oswaldo Aranha foi o artífice da Revolução de 30.

Durante a Segunda Guerra Mundial, como uma das poucas cabeças lúcidas do governo, insistia para que o Brasil se mantivesse ao lado dos países democráticos, alinhando-se às forças aliadas.

Apesar dos hábitos afáveis e cavalheirescos da vida diplomática, Oswaldo Aranha não se separava da sua pistola, nem mesmo na histórica sessão da ONU em que foi ameaçado de morte caso a partilha da Palestina fosse aprovada.

Oswaldo Aranha marcou época. Não é à toa que existe um prato a ele dedicado, o saboroso filé à Oswaldo Aranha, como também um Grande Prêmio no Jóquei Clube, uma arborizada e ampla Avenida em Porto Alegre, por coincidência delimitando o bairro judaico do Bonfim ou, ainda, uma importante rodovia no Rio Grande do Sul, que corta o estado de Leste a Oeste, de Osório a Uruguaiana, passando pela cidade de Alegrete, onde nasceu e iniciou sua vitoriosa trajetória política. A casa de sua família, atualmente, abriga o Museu Oswaldo Aranha e a melhor escola da região, que leva, merecidamente, seu nome, e guarda com muito carinho a maior parte de sua vasta biblioteca particular. É lá, em Alegrete, na vastidão do pampa gaúcho, que será erguido o Memorial Oswaldo Aranha, belo e arrojado projeto de Oscar Niemeyer.

Oswaldo Aranha desempenhou importante papel na histórica votação de 29 de novembro de 1947, quando as Nações Unidas aprovaram a partilha da Palestina entre árabes e judeus.

Em 13 de dezembro de 2007, foi realizada uma Sessão Solene no plenário da Câmara dos Deputados em Brasília, convocada e presidida pelo parlamentar gaúcho Ibsen Pinheiro e destinada a homenagear a memória de Oswaldo Aranha por ocasião do 60.º aniversário da Assembleia Geral da ONU, por ele presidida, que discutiu, votou e aprovou por maioria de 2/3 a partilha da Palestina.

O evento contou com a presença de familiares de Aranha, dos presidentes das Federações Israelitas do Rio de Janeiro, Brasília e Rio Grande do Sul, de vários senadores e deputados e da Embaixadora de Israel, Tzipora Rimon.

Na ocasião, em emocionado pronunciamento, o Deputado Federal Marcelo Itagiba, do Rio, dirigiu-se à Sr.^a Zazi Aranha, neta do homenageado, para agradecer o empenho pessoal de seu avô em conceder visto de entrada no Brasil a um familiar seu, que corria risco de morte se permanecesse na Europa durante a Segunda Guerra.

General Severino Sombra

Em 8 de março de 2001 foi inaugurada em Vassouras/RJ a Fundação Severino Sombra e o Museu na antiga casa do general, falecido no ano passado.

Os discursos naquela tarde festiva lembravam sua atividade em prol da educação, como fundador e presidente do educandário que agora é a Universidade de Vassouras.

Na ocasião, a historiadora Frieda Wolff pediu a palavra e mencionou o espírito de tolerância do General, seus atos ecumênicos, obviamente desconhecidos de muitos dos presentes, das homenagens que lhe foram prestadas pela Sociedade Amigos do Memorial Judaico de Vassouras, já que ele tinha ajudado muitíssimo na construção do monumento, doando toda a mão de obra, sempre difícil de obter na cidade.

Mais ainda, mandou seu filho, arquiteto, para supervisionar a obra. Foi o General que, a pedido da Sociedade AMJV, junto com o então prefeito, cortou a fita da inauguração do Memorial em setembro de 1992.

O General foi eleito sócio honorário, e será sempre lembrado com seu nome constando como colaborador na placa de bronze festejando a inauguração do Memorial.¹

O Gen. Severino Sombra ocupava a Cadeira 35 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, e teve uma relevante participação em Washington durante a Segunda Guerra Mundial como membro da Comissão Militar Mista Brasil-EUA.

Major-Brigadeiro do Ar Rui Moreira Lima

Faleceu em uma terça-feira 13 de agosto de 2013 no Rio de Janeiro, um dos últimos pilotos de caça que participaram das operações aéreas brasileiras na Itália combatendo o nazismo na Segunda Guerra Mundial, Brigadeiro Rui Moreira Lima, aos 94 anos e 2 meses.

Recentemente, havia recebido da Assembleia Legislativa de sua terra natal, o Maranhão, a Medalha Manuel Beckman, o patriota que antes de Tiradentes já dera a vida lutando pelo ideal da Independência.

O herói da Segunda Guerra Mundial foi velado no Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica (INCAER), do qual foi conselheiro, e sepultado no Cemitério São João Batista.

¹ Wolff, Frieda. *O Hebreu online*, jun. 2002.

Além de familiares e amigos, a homenagem teve a presença do chefe do Estado-Maior da Aeronáutica, Tenente-Brigadeiro do Ar Marco Aurélio Gonçalves Mendes, de membros do Alto Comando da Aeronáutica e demais Oficiais Gerais.

O Primeiro Grupo de Aviação de Caça (1.º GAVCA), unidade na qual o Major-Brigadeiro Rui combateu nos céus da Itália, foi representado por dezenas de oficiais e graduados.

O Major-Brigadeiro do Ar Oswaldo Terra de Faria, colega de turma do Major-Brigadeiro Rui no Curso de Formação de Aviadores, proferiu palavras em homenagem ao amigo.

“Foram 71 anos de convivência, nós nos reuníamos todo final de mês com nossos companheiros e o Rui sempre trazia muita alegria de viver e muita lealdade. Já na Itália esse lado aglutinador se destacou.”

O comandante do Primeiro Grupo de Aviação de Caça, Tenente-Coronel Aviador Eduardo Almeida da Silva, ressaltou a importância de manter viva a memória dos veteranos da Segunda Guerra:

“O legado Major-Brigadeiro Rui não acaba aqui. A chama dos nossos veteranos do Primeiro Grupo de Aviação de Caça, que lutaram nos céus da Itália, permanece viva nas memórias e corações dos pilotos de caça”.

Após o grito de guerra Adelphi e do canto da canção “Carnaval em Veneza”, Hino da Aviação de Caça, o cortejo seguiu do INCAER para o Cemitério São João Batista, onde foi sepultado por volta das 16h30. Duas aeronaves F-5 do 1.º GAVCA realizaram duas passagens sobre o cemitério.

As palavras do Brigadeiro Moreira Lima impressionaram e emocionaram o público na cerimônia do Dia Internacional da ONU em Recordação do Holocausto, em 24 de janeiro de 2008, organizada pela FIERJ e Centro de Informação da ONU no Salão Nobre do Palácio Itamaraty, Rio de Janeiro, com a presença do Presidente Lula, Governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral e Governador da Bahia Jaques Wagner.

“Não era a Alemanha, eram os nazistas, é preciso que se preste muita atenção, os nazistas, esses bandidos, insensíveis, matadores profissionais, matavam de uma maneira terrível, foram escolhendo, foram matando aos poucos, matavam nas valas, depois criaram salas de biometria, medindo peso, altura. Estou falando como membro de um esquadrão da Força Aérea que combateu na Itália, que combateu contra o nazi-fascismo. Por isso é que vocês, judeus, estão aqui reunidos, e eu estou aqui com vocês, batendo palmas, e gritando, porque EU VI!!! EU VI!!! (Palmas intensas)...

(...) esse colega meu estava no campo, um dia saiu e foi visitar um campo de judeus. Ele era mineiro, sabe Dornelles (Senador Francisco Dornelles), era mineiro, e me dizia: Rui você nunca me viu chorar, seu apelido era ‘Moita Paes’, falava pouco. Quando escrevi um livro, Senta a Pua, contando a história do Grupo de Caça, ele disse o seguinte: Quando vi o quadro, fiquei com vergonha,

com vergonha de ter reclamado, por ter sido maltratado nesse campo... Por aí vocês têm uma ideia... (Palmas intensas)

O Brigadeiro retorna ao seu lugar intensamente ovacionado pelo público de pé.²

Gen. Div Cesar Montagna de Souza

Gen. Montagna era da Turma de Artilharia da Escola Militar do Realengo, 1934. Participou da FEB na Itália, foi presidente do Clube Militar, do CND, secretário da Ordem dos Velhos Artilheiros, presidente do Conselho Deliberativo da ANVFEB. Faleceu em 9 de setembro de 2007, durante a Semana da Pátria.

Foi nessas duas últimas entidades que o conhecemos mais de perto. Já era idoso, mas desafiava o tempo cuidando de tudo que dissesse respeito às reuniões dos Velhos Artilheiros. Pessoalmente arrecadava contribuições para os almoços da Ordem e colhia assinaturas no Livro de Presença, como se não fosse um General, tamanho era o seu amor pela causa. Muitas vezes os convites chegavam pelo correio, endereçados com a sua caligrafia. Certa vez, pedi que deixasse a meu cargo essas tarefas, ao que ele consentia, já que o fazia com dificuldade, em pé no ônibus que conduzia o grupo para um almoço na Vila Militar.

Nos almoços havia uma mesa privativa dos artilheiros R/2, oriundos do CPOR, assim o General frequentemente nos telefonava para reforçar o convite, de modo que a mesa estivesse sempre cheia.

Até o final da vida fez questão de comparecer a ANVFEB e ao Clube Militar, nos últimos anos costumava pegar um táxi entre os dois locais.

Na ANVFEB dividia a mesma sala do Conselho Deliberativo com o Veterano Israel Rosenthal, de quem se tornou amigo, depois de saber que Rosenthal tinha sido aluno do seu genitor Cel. Paulino no Colégio Nacional, onde quase todos os professores eram militares.

Mensagem de D.^a Noemia Schwerdtner, filha do Gen. Montagna

Caro Israel: em meu nome e de toda a família do querido Montagna, os agradecimentos pelas lindas palavras a ele dedicadas na Revista do Clube Militar assim como todo apreço e carinho que você demonstrou para nosso patriarca durante todos esses anos. Continuarei lembrando com carinho todas as vezes em que ler a oração da bênção da casa que você nos deu e que ornamenta nossa sala de jantar. Um abraço, Noêmia. (2008)

Prof. Marcos Albuquerque

Nascido em Recife, em 1942, o prof. Marcos Albuquerque é chefe do Laboratório de Arqueologia da UFPE, tendo sido introduzido à Arqueologia pelo grande sociólogo Gilberto Freyre, autor de *Casa grande e senzala*.

² BLAJBERG, Israel. *Soldados que vieram de longe*, p. 260-273.

É professor do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, mestrado e doutorado.

A FIPE – Federação Israelita encarregou o prof. Marcos de escavar e revelar ao mundo a Sinagoga Kahal Tzur Israel do Recife Antigo. Sabia-se que durante o Brasil Holandês (1630-1654) a Rua dos Judeus, depois Rua do Bom Jesus, abrigara em alguma daquelas casinhas a Comunidade Rochedo de Israel (Kahal Zur Israel), que após três séculos oculta pelo véu do tempo foi reinaugurada em 18 de junho de 2002 pelo Presidente FHC.

Com a partida dos judeus, ficou perdida através dos séculos, até ser desenterrada pelo prof. Marcos Albuquerque e sua equipe, a quem devemos o resgate do solo sagrado daquela casa de orações.

Portanto, ao eminente professor Marcos Albuquerque, o Indiana Jones brasileiro, muito deve a História Judaica, pelos importantes trabalhos que levaram a revelação ao mundo desta primeira sinagoga das Américas, além de tantos outros sítios históricos, cemitérios, fortalezas.

Em julho de 2013, o prof. Marcos Albuquerque levantou a pátina do tempo que encobriu um corpo enterrado, descoberto durante as escavações para construção de um túnel urbano na Madalena, em Recife. Ao que tudo indica o esqueleto encontrado terá sido de um judeu, pois os braços repousam ao lado do corpo, despojado de qualquer joia ou pertence e sem mobiliário funerário, como manda a tradição judaica, pois na cristã os braços são cruzados sobre o tórax ou sobre a bacia. Falta ainda descerrar o mistério que oculta o antigo cemitério judaico, perdido até hoje em desconhecida localização.

Dentre suas descobertas, destacam-se o Forte Real do Bom Jesus; o de Orange; o Príncipe da Beira em Rondônia; o São Joaquim, em Roraima; o São Joaquim, em Santa Catarina; o Mauricio, em Penedo; o Campo de batalhas dos Montes Guararapes; as Baterias da Serra da Escama, no Pará; e a Fortaleza de São José de Macapá, no Amapá.

Em 2005, foi agraciado pelo Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco como “cientista do ano”.

Seus trabalhos estão em www.brasilarqueologico.com.br

Embaixador Oscar Soto Lorenzo-Fernandez

Faleceu aos 16 de julho de 2014 em Brasília, por complicações de uma pneumonia.

No XIV ENOREx – Recife-2012, foi agraciado com a Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes, como um dos R/2 mais antigos, Aspirante de 1943, com três anos de curso e serviço no Regimento Andrade Neves, Tenente de 1944, tendo o Livro de Honra da MMMM se engrandecido pela justa inclusão de mais um grande brasileiro e patriota.

Foi voluntário para a FEB, conforme DOU de 23/2/1945, fl. 2.930, não tendo seguido para a *front* devido ao final da guerra. Era diretor do CNOR. Diplomata de carreira, serviu em Buenos Aires, Washington, Londres e Bonn. Exerceu, entre outros, os relevantes cargos de diretor de finanças da Caixa

Econômica Federal e de Secretário de Tecnologia Industrial do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Era casado com D.^a Maria Luisa e deixa filhos, netos e bisnetos. O sepultamento ocorreu em 17 de julho de 2014 no Cemitério Campo da Esperança, Brasília/DF.

Mário Raphael Vannutelli

Aspirante de 1943 e Tenente de 1944. Em 11 de junho de 1997, as peças de 105 mm do Curso de Artilharia do CPOR/RJ receberam as denominações históricas de “Ten. Marcos Galper, Ten. Mário Vannutelli, Ten. Antonio Vannutelli e Ten. Alfredo Nicolau”.

Nascido em São Paulo, Vannutelli foi declarado Aspirante a Oficial R/2 de Artilharia em 1941 pelo CPOR/RJ. Na Itália integrou o 2.º Grupo do 1.º Regimento de Artilharia Autorrebecado, depois 2.º Grupo de Obuses 105 mm, o Grupo Da Camino, sediado em Campinho – RJ, que realizou o 1.º Tiro da Artilharia Brasileira na Segunda Guerra Mundial, no sopé do Monte Bastione. Hoje é o 21.º Grupo de Artilharia de Campanha – Grupo Monte Bastione, aquartelado no Forte do Imbuhy, Jurujuba – Niterói/RJ.

Por ter morado na região da Praça da Bandeira, Rua Senador Furtado, teve muitos amigos de infância judeus, e alguns foram seus colegas no Colégio Pedro II e no CPOR, como o também Veterano da FEB Ten. Marcos Galper, a quem Vannutelli considerava como um irmão. E há 60 anos um judeu salvou Vannutelli da febre das trincheiras, virose também conhecida como doença de Jean Barret. Ficou internado em 1954 na Casa de Saúde Dr. Eiras, no Rio, sob os cuidados do Dr. Akerman, o mesmo que seria chamado mais tarde para assistir o Marechal Costa e Silva, por ocasião do AVC que o acometeu.

1.º Tiro da Artilharia Brasileira na Segunda Guerra Mundial³

16 de setembro de 1944. Eram exatamente 14h22 quando foi lançado contra o inimigo nazista o primeiro tiro jamais disparado pela artilharia brasileira fora do continente sul-americano, nos contrafortes dos Apeninos. No sopé do Monte Bastione um vento gelado já prenunciava os rigores do inverno que vinha chegando. Era um sábado. Faltavam dois dias para chegar o Rosh Hashaná, o novo ano que traria a Vitória para a democracia. Uma pesada barragem de fogo contra as tropas alemãs iniciou a resposta as agressões sofridas pelo Brasil, com a perda de mais de mil vidas nos torpedamentos.

Dos 40 oficiais do 2.º Grupo de Obuses 105 da FEB apenas o Tenente-Coronel Mário Raphael Vannutelli ainda está entre nós. Nas comemorações do 1.º Tiro sempre reencontrava o amigo de longa data, Tenente Marcos Galper, quase um irmão, após incríveis 80 anos de convivência, falecido em 2011.

³ BLAJBERG, Israel. Notícias da ANVFEB, jun. 2013.

A reunião dos veteranos acontecia no Grupo Monte Bastione – 21.º Grupo de Artilharia de Campanha, aquartelado no Forte Barão do Rio Branco em Jurujuba, Niterói, sucessor do 2.º GO 105 Febiano, por sua vez herdeiro de uma das nossas mais antigas e tradicionais unidades, o Corpo de Artilharia do Rio de Janeiro, criado por Carta Régia de Dom João V em 1736, para guarnecer as fortalezas que defendiam a Baía da Guanabara. O ponto alto do evento é a reconstituição do Primeiro Tiro, por uma guarnição usando fardas da época, e que exatamente as 14h 22 executa uma salva com a mesma peça de artilharia original, ainda tracionada pela mesma viatura histórica GMC modelo 1942.

Galper e Vannutelli eram vizinhos nas ruas Paissandu e Ipiranga, cursaram o Pedro II e o CPOR/RJ com tantos outros correligionários, como o prof. Moyses Genes, Salomão Malina, Busi Rosenblit, Jaime Jacobovitz, Feiga e Jayme Tiomno, Mário Scheinberg, Salomão Naslausky, Leopoldo Nachbin, José Carlos Tuttman, Hersh Hoineff, Francisco Kaufman, Cel. Portella, Gen. Portocarrero, irmão da atriz Tônia Carrero, os três primeiros de turma, Marcel Padilla, Salli, Helio Mendes. E mais, Naslausky, do Grupo Levy Cardoso, Helio Mendes, do Grupo 155 – Panasco Alvim, e outros. A simples citação dos nomes já demonstra a importância da sua contribuição para a sociedade brasileira.

Segundo Vannutelli, Galper mudou sua vida, quando ambos fizeram a Bateria Quadros em Campinho, da antiga Artilharia de Montanha, os canhões Schneider 75. A instrução era à noite, e nos fins de semana durante o dia. Havia vários companheiros judeus. Marcos incentivou Vannutelli a fazer o CPOR juntos, junto com o irmão Tônico, em princípios da década de 1940, e os três acabaram indo para a FEB. Na volta fizeram o COR – Curso de Oficiais da Reserva,



► 2006 – Cel. Salli Szanferber, Maj. Elza Cansanção Medeiros, Ten. Marcos Galper, Ten.-Cel Mário Raphael Vannutelli, na cerimônia do 1.º Tiro da Artilharia Brasileira na Itália, no antigo quartel do 21.º GAC em São Cristóvão – RJ. Acervo pessoal

Galper já era professor de matemática e pediu desligamento, e os irmãos Mário e Tonico continuaram, seguindo a carreira militar.

Vannutelli reside em Brasília, onde é uma presença constante nas formações militares em homenagem as datas magnas da FEB. Está bem de saúde, perto de alcançar os 100 anos, embora tenha sofrido uma queda que o obrigou a cirurgias e alguns meses de tratamento, tendo se restabelecido satisfatoriamente para a idade. Evocamos, pois, a milenar saudação judaica, “que chegue aos 120”, a idade com que o nosso Grande Patriarca Moisés viveu na Terra, após contemplar a terra de Canaã do alto do Monte Nevó, na Planície de Moab, após o que Yehoshua ben Nun (Josué) o sucedeu como líder do povo, chefiando a conquista da Terra Prometida.

No Natal de 2014, o autor recebeu um cartão do Veterano:

“Amigo Israel!... feliz ano novo... faça de conta que você é católico de mentirinha... o premier Netanyahu vai aprovar essa medida... depois do Natal você retornará às origens... abraços do Vannutelli.”

Luiz Carlos Barreto

Nascido a 10 de dezembro de 1945 no Rio de Janeiro, o Cel. Intendente da FAB Luiz Carlos Barreto é graduado em Altos Estudos de Política e Estratégia pela Escola Superior de Guerra – ESG-2000. Graduado pela Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica – ECEMAR-1993. Pós-graduado em História da África e do Negro no Brasil pela Universidade Candido Mendes – 2004. Pós-graduado em História do Brasil pela Universidade Candido Mendes – 2005. Pós-graduado em Relações Internacionais pela Universidade Candido Mendes – 2006.



► 1995 – Cel. Int. Aer. Luiz Carlos Barreto. Acervo pessoal.

É Coronel Intendente da Reserva Remunerada da Aeronáutica, especializado em Orçamento e Finanças Públicas e Logística de Material de Aviação.

Exerceu três cargos de comando no Rio de Janeiro e um cargo com *status* diplomático na Comissão Aeronáutica Brasileira na Europa, órgão adido à Embaixada do Brasil em Londres, Inglaterra, em 1994.

É conselheiro do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos do Negro e pela igualdade racial, participando também da diretoria do Memorial Judaico de Vassouras.

General Ruy Leal Campello

O Rabino e o General

Aos 90 anos, o General Ruy Leal Campello exibia o mesmo entusiasmo do tempo de tenente. Em 2007, assumiu a presidência do Conselho Deliberativo da ANVFEB – Associação Nacional dos Veteranos da FEB, fundado em 2011.

Dedicado à memória dos feitos heroicos da FEB, é autor do livro *Um Capitão de Infantaria da FEB*, precioso relato da campanha abordando a trajetória do seu comandante Valdir Moreira Sampaio, publicado em 1999 pela BIBLIEX.

Na Itália, em 1944/45, foi subcomandante da 5.^a Companhia de Fuzileiros do II Batalhão do glorioso regimento da Vila Militar, que leva o nome do Patrono da Infantaria, o Brigadeiro Sampaio.

Passados 45 anos, o General tinha boas recordações do Grão-Rabino Dr. Henrique Lemle, sobre quem escreveu em maio de 1963, na época Tenente-Coronel, nas páginas do Boletim Informativo do Conselho Nacional da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, cujo original, cuidadosamente datilografado, o General gentilmente nos ofereceu.

Era o 8 de maio, o Dia V-E, da Vitória Aliada na Europa. Ainda estavam aqui muitos milhares de Veteranos Expedicionários, que se reuniam no então recém construído Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, inaugurado em 1960.

Em 2007 esta mesma cerimônia congregou não mais que alguns poucos ex-combatentes, todos com mais de 80 anos, os remanescentes dos 25 mil integrantes da FEB, e de outros tantos milhares de marinheiros, aviadores, tripulantes da Marinha Mercante, e militares que aqui permaneceram na defesa do litoral.

O culto religioso reuniu naquele domingo de 1963 a católicos, israelitas e evangélicos, em preces e sermões homenageando aqueles que tombaram.

No texto publicado no Boletim, o então Ten.-Cel. Campello destacou a cerimônia israelita, “a qual compareceram todos os dirigentes dessa Igreja no Rio, tendo a frente o Grão Rabino, Dr. Henrique Lemle”.

Intelectual e rabino consagrado já na Alemanha, o Dr. Lemle emigrou para o Brasil em 1941, radicando-se no Rio de Janeiro, onde a sua figura carismática à frente da ARI – Associação Religiosa Israelita, com sinagoga a Rua General Severiano 170, Botafogo, marcou por longos anos uma época de ouro da coletividade judaica carioca.

Pela relevância, é importante o registro desta especial passagem da sua atuação rabínica, como bem descrevia o General:

A imponência da execução do culto, a despeito da chuva inclemente que caía, foi algo de admirável. De início, vale lembrar a recusa do Grão-Rabino em utilizar o abrigo oferecido pelo próprio Monumento, fazendo questão de realizá-lo do alto do Pantheon, afirmando que a chuva não lhe seria obstáculo, assim como não foi para os soldados que combateram na Itália. Após as preces ditas em hebraico, pronunciou curto, porém incisivo e patriótico, sermão.

Lembrou o heroísmo de nossos irmãos e de todos que, em todas as frentes de batalha haviam oferecido suas vidas em prol da liberdade. Disse da tradição da cerimônia, e da honra que para ele representava concorrer para a realização daquele culto religioso, que demonstrava o elevado espírito da democracia, onde as diferenças de credo não impediam a consecução dos mais elevados ideais da Pátria Brasileira.

Referiu-se, descrevendo com emocionantes palavras, ao monumento que visitara há pouco no Vale da Galileia, em Israel, erigido em homenagem aos soldados tombados na luta pela liberdade de seu povo. Um imponente bloco de granito representando um leão, cujo olhar a infundir respeito domina o histórico vale, com a inscrição “Como é sublime morrer pela Pátria!”.

Proseguiu depois, mostrando que a Pátria orgulhosamente reverenciava a todos os seus filhos que por ela haviam morrido, destacando o esforço dos que com abnegação também, sabiam viver por ela, inspirando-se nos exemplos de nossos heroicos pracinhas, cujas cinzas estão guardadas na cripta do Monumento onde se realizava aquela cerimônia. Fácil é compreender a emoção que soube o Grão-Rabino Dr. Henrique Lemle transmitir a todos os assistentes, aqui finalizando este singelo relato, prestando mais uma vez homenagem aos nossos companheiros de jornada nos campos da Itália, repetindo a frase que encerra o reconhecimento de seus concidadãos, e serve de exemplo e estímulo para as futuras gerações:

“Como é sublime morrer pela Pátria!”.

Em conversa, o General recordava o simbolismo da frase. Trata-se do monumento do Leão de Judá, erigido em Tel-Hai (Colina da Vida) ao Norte de Israel, onde Josef Trumpeldor ferido de morte pronunciou as palavras cujo capital simbólico o Grão-Rabino Dr. Henrique Lemle tão bem soube associar ao heroísmo dos nossos pracinhas, citando a inscrição hebraica.

Ein Davar, Tov Lamut beAd Hartzeinu

Não importa, é bom morrer pela nossa Pátria.

Na batalha de 1.º de março de 1920, Trumpeldor e mais sete combatentes tombaram, seis homens e duas mulheres, daí a cidade próxima levar o nome Kiriath Shmona, a Cidade dos Oito.

Trumpeldor era russo, e havia perdido um braço no cerco de Port Arthur em 1902 na Guerra Russo-Japonesa. Foi promovido a Capitão e agraciado com a Cruz de São Jorge. Juntamente com Wladimir Zeev Jabotinski fundou o Zion Mule Corps (Jewish Legion), que integrou os Royal Fusiliers britânicos na Primeira Guerra Mundial.

O monumento aos defensores de Tel-Hai, um grande leão de pedra, representa Trumpeldor e seus camaradas, desafiador, como que montando guarda ao tumulto dos heróis, bem no alto da estrada que leva a fortaleza.

Separado deste por milhares de quilômetros, o nosso Monumento dos Pracinhas honra a última morada de 456 bravos, simbolizando a mesma mensagem de luta pela liberdade que o Grão-Rabino Dr. Henrique Lemle manifestou.

Reynaldo Antonio de Borba

Reynaldo nasceu em 7 de julho de 1918 em Getúlio Vargas/RS, filho de Jacintho Antonio de Borba e Maria Cristina de Borba. Foi incorporado ao 2.º Regimento de Cavalaria Motorizada, tendo seguido para a FEB como Cabo. Era telegrafista. Serviu no Teatro de Operações da Itália de 22 de fevereiro de 1945 a 20 de setembro de 1945, incorporado ao Depósito de Pessoal da FEB. Foi licenciado do Serviço Ativo como 3.º Sargento em 15 de outubro de 1945. Recebeu a Medalha de Campanha, por ter como integrante da FEB participado de operações de guerra na Itália. Participava da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção de Passo Fundo/RS.

Seus pais foram arrendatários de uma colônia da ICA (Jewish Colonization Association) em Quatro Irmãos/RS, que era uma colônia agrícola judaica.

Na vida civil, trabalhou como motorista da ICA em Quatro Irmãos/RS, depois como motorista autônomo e na CEEE – Cia. Estadual de Energia Elétrica.

Faleceu em Erechim/RS em 7 de junho de 1992, deixando a viúva D.^a Iracema Barrozo de Borba.

Professor Ignácio Azevedo Amaral

Ignácio Azevedo Amaral era professor da Escola Politécnica e reitor da Universidade do Brasil.

Como presidente da União dos Escoteiros do Brasil, incentivou a fundação de um grupo de escoteiros judeus, em cuja solenidade de criação pronunciou conferência sobre o Brasil e o judaísmo.

Foi também um incentivador da criação do CPOR, cujos primeiros alunos eram estudantes da tradicional Escola Politécnica, facilitando ao fundador Cel. Correia Lima que desde o início obtivesse a adesão dos professores e estudantes da escola.

Correia Lima contou ainda com o apoio de outros professores da Politécnica, como Delcídio de Almeida Pereira.

Hazkará pelo Marechal Costa e Silva

Em 29 de dezembro de 1969 às 21h uma cerimônia religiosa – *hazkará* – foi realizada em intenção da alma do Presidente Costa e Silva, no Grande Templo Israelita da Rua Tenente Possolo, pela B'nei Brith do Brasil, Hebraica, CIB, ARI e Monte Sinai.



► 1953 – Ignácio Azevedo Amaral, professor da Escola Politécnica e Reitor da Universidade do Brasil. Apoiava causas ligadas à comunidade israelita e foi um grande incentivador do CPOR, juntamente com seu fundador, Cel. Correia Lima. Acervo pessoal.

O serviço foi oficiado pelo Rabino-Chefe do Rio de Janeiro, Rachmil Blumenfeld, com a presença do filho do Presidente, Cel. Álcio da Costa e Silva, e representantes dos Ministros da Educação, Marinha, Trabalho, Fazenda, do Comandante do I Exército, Secretaria de Segurança Pública e o Embaixador de Israel Itzhak Harkavi.

CAPÍTULO 39

Anexos

FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL – FAHIMTB

Fundada em 1.º de março de 1996

Fundada em Resende, a Cidade dos Cadetes do Exército em 1º de março de 1996, aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na AMAN.

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil, ou simplesmente AHIMTB, desenvolve a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria; da Aeronáutica; Polícias e Bombeiros Auxiliares e outras forças que as antecederam.

Possui sede e foro em Resende, mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres assinalados, também ilustres chefes militares.

Entre os fatores da escolha de Resende, ressalta ser a AMAN a maior consumidora de assuntos de História Militar que hoje ministra a seus cadetes nos 2.º 3.º e 4.º anos, através de sua cadeira de História Militar, o único núcleo contínuo e dinâmico de estudo e ensino de História Militar no Brasil. A Academia possui como órgão de divulgação o jornal *O Guararapes*, já no seu número 40 – que é dirigido a especialistas no assunto e a autoridades com responsabilidade de Estado pelo desenvolvimento desse assunto de importância estratégica. Divulgação que potencializa através de sua *home page* – já com mais de 700 mil visitas – www.ahimtb.org.br

A Academia desenvolve seu trabalho e duas dimensões: 1.ª – a clássica, como instrumento de aprendizagem em Arte Militar com vistas ao melhor desempenho constitucional das Forças Terrestres, com apoio em suas experiências passadas etc.; 2.ª – com vistas a isolar os mecanismos geradores de confrontos bélicos externos e internos para que colocados à disposição das lideranças civis estas evitem futuros confrontos bélicos com todo o seu rosário de graves consequências para a sociedade civil brasileira.

A Academia vem atuando em escala nacional com representantes em todo o Brasil em suas várias categorias de sócios

Este é em síntese o perfil da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, que pretende ser um fórum cultural para o debate de assuntos históricos de natureza doutrinária e, em especial, para militares da Reserva das Forças Terrestres do Brasil, para aproveitar as valiosas experiências que colheram em suas vidas na caserna. A Academia completou 12 anos e já se orgulha de haver muito realizado. Seu sucesso continuado depende do empenho, solidariedade e vontade cultural de seus membros e da sensibilidade das lideranças de nossas Forças Terrestres em apoiar e estimular a iniciativa de grande benefício e insignificante custo para as mesmas a serviço do objetivo atual n.º 1 do Exército que a Academia entendeu as outras forças terrestres do Brasil

“Pesquisar, preservar, cultivar e divulgar a memória histórica, as tradições e os valores morais culturais e históricos do Exército Brasileiro.”

Claudio Moreira Bento
Presidente da AHIMTB

Patrono da AHIMTB/Rio de Janeiro

Marechal João Baptista de Mattos

Nascido no alvorecer do século, neto e bisneto de escravos. Em 1918, poucos anos decorridos da Abolição, torna-se um Cadete do Realengo, ingressando no Exército, que acolhe e irmana a juventude, independente do berço, de qualquer origem, transformando a todos em soldados brasileiros. Declarado Aspirante a Oficial da arma de Infantaria, sua Turma de 1920 da antiga Escola Militar daria ao Brasil outros marechais, como Castello, Costa e Silva, Kruel, Maurell, e Levy Cardoso, o último ainda vivo. Esteve à frente de tropa em combate, tornou-se o historiador dos monumentos. Presidiu o IGHMB, IHGB, SBG. A Delegacia RJ dessa Academia tem o privilégio de ostentar o seu nome honrado, de soldado exemplar, educador dedicado e historiador eminente, Marechal João Baptista de Mattos.

Curriculum Vitae do autor

Israel Blajberg

Brasileiro nato de 1.ª Geração. Nasceu no Hospital da Cruz Vermelha no Rio de Janeiro em 31 de maio de 1945.

Engenheiro Eletrônico pela Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, Turma Povo Brasileiro de 1968. Em 1975, foi admitido em concurso público para o então BNDE, tendo se aposentado em 2011 após 36 anos de serviço.

Admitido em 1969 no magistério público federal, tendo lecionado nas escolas de Engenharia, Química, Instituto de Eletrotécnica da UFRJ. Aposentou-se em 2015 na Escola de Engenharia da UFF como professor adjunto IV. Presidiu as comissões do Prêmio Acadêmico Walder Moreira e dos 40 Anos de Telecomunicações da UFF.

Ex-aluno do CPOR/RJ, Turma Marechal Rondon, Artilharia 1965. Diplomado pela ESG – Escola Superior de Guerra em 2004, CAEPE – Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia, Turma Vontade Nacional e 2007 pelo CLMN – Curso de Logística e Mobilização Nacional, Turma Cinquentenário do CLMN.

Atualmente, é Diretor de Cidadania da FIERJ – Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro, Diretor Acadêmico do Memorial Judaico de Vassouras, 1.º Vice-Presidente e Diretor de Relações Públicas da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, 2.º Diretor Social da Sociedade de Amigos da Marinha – SOAMAR-RJ e Diretor Técnico Cultural da A3P – Associação dos Antigos Alunos da Polytechnica.

Sócio Titular da Academia de História Militar Terrestre do Brasil – Cadeira 24 – Cel. Mário Clementino, e do IGHMB, Cadeira 79 – Marechal Mascarenhas de Moraes

ÍNTEGRA DA CARTA DE MESTRE JOÃO A D. MANUEL I

A carta de Mestre João, a de Pero Vaz de Caminha e a Relação do Piloto (anônimo) compõem o conjunto que documenta a expedição de Pedro Álvares Cabral quando do descobrimento do Brasil.

A carta de Mestre João e a de Caminha pertencem ao acervo do Arquivo Nacional da Torre do Tombo – ambas reconhecidas pelo certificado da UNESCO de Memória do Mundo. As cartas tiveram funções diferentes. A de Mestre João é um documento náutico e com valor para o conhecimento físico. Já a de Caminha, um dos sete escrivães da expedição, é um documento histórico ou “o testemunho de criação de uma nação”, como definiu o historiador português José Manuel Garcia, autor do livro *Pedro Álvares Cabral e a primeira viagem aos quatro cantos do mundo*.¹

Portanto, a carta que Mestre João escreveu relatando todas as suas observações é reconhecida como sendo o primeiro documento cartográfico e astronômico do Brasil. A Sociedade Brasileira de Cartografia, inclusive, instituiu a comemoração do Dia do Cartógrafo em 6 de maio pois, com a vigência do Calendário Gregoriano, esta é a data corrigida da observação realizada no dia 27 de abril de 1500 por Mestre João em Porto Seguro/BA.²

Na contracapa oferecemos um pequeno trecho da carta de Mestre João. Aos que possam depreender que o mesmo era cristão, por tão nitidamente dizer que “(...) salvo que fico rogando a *Nosso Senhor Jesus Cristo* à vida e estado de vossa alteza acrescente como vossa alteza deseja”, informamos que era um cristão-novo. Um Decreto do rei D. Manuel I, promulgado em 19 de março de 1497, converteu ao catolicismo todos os judeus do Reino de Portugal – que passaram a ser os chamados “conversos”, “batizados de pé” ou “cristãos-novos”.

¹ <http://www.ebc.com.br/cultura/2013/04/tres-cartas-documentam-o-descobrimto-do-brasil-e-revelam-detalhes-da-viagem-de>

² FURMAN, Jorge Bastos (eng. Cartógrafo). Boletim “Carta Mensal”, Associação de Cartofilia do Rio de Janeiro, 6 jul. 2009.

Mestre João (João Faras ou João Emeneslau) era espanhol, e a carta foi escrita em um misto de espanhol e português quinhentista. Como curiosidade, apresentaremos, também, a versão original.

Texto original:³

Señor

O bacharel mestre Johan fisico e cirurgyano de Vosa Alteza beso vosas reales manos. Señor porque de todo lo aca pasado largamente escrivieron a vosa alteza asy arias correa como todos los otros solamente escrivire dos puntos señor ayer segunda feria que fueron 27 de abril descendimos em terra yo e el, pyloto do capitán moor e el pyloto de Sancho de touar e tomamos el altura del sol al medyodya e fallamos 56 grados e la sombra era septentrional por lo qual segund las reglas del estrolabio jsgamos ser afastados de la equinocial por 17 grados, e por consyguiente tener el altura del polo antarctico en 17 grados, segund que es magnifiesto en el espera e esto es quanto alo uno, por lo qual sabra vosa alteza que todos los pylotos van adiante de mi en tanto que pero escolar va adiante 150 leguas e otros mas e otros menos: pero quien disse la verdad non se puede certyficar fasta que en boa ora allegemos al cabo de boa esperança e ally sabremos quien va mas cierto ellos con la carta e con el estrolabio: quanto Señor al sytyo desta terra mande vosa alteza traer un mapamundy que tyene pero vaaz bisagudo e por ay podrra ver vosa alteza el sytyo desta terra, en pero aquel mapamundy non certyfica esta terra ser habytada, o no: es napamundi antiguo e ally fallara vosa alteza escrita tan byen la mina: ayer casy entendimos per aseños que esta era ysla e que eran quatro e que de otra ysla vyenen aqui almadias a pelear con ellos e los lleuan catiuos: quanto Señor al otro punto sabra vosa alteza que cerca de las estrellas yo he trabajado algo de lo que he podido pero non mucho a cabsa de una pyerna que tengo mui mala que de una cosadura se me ha fecho una chaga mayor que la palma de la mano, e tan byen a cabsa de este navio ser mucho pequeno e mui cargado que non ay lugar pera cosa ninguna solamente mando a vosa alteza como estan situadas las estrellas del, pero en que grado esta cada una non lo he podido saber, antes me parece ser impossible en la mar tomarse altura de ninguna estrella porque yo trabaje mucho en eso e por poco que el navio enbalance se yerran quatro o cinco grados de guisa que se non puede syner en terra, e otro tanto casy digo de las tablas de la India que se non pueden tomar con ellas sy non con mui mucho trabajo, que si vosa alteza supiese como desconcertavan todos en las pulgadas reyrya dello mas que del estrolabio porque desde lisboa ate as canarias unos de otros desconcertavan en muchas pulgadas que unos desian mas que otros tres e quatro pulgadas, e otro tanto desde las canarias ate as yslandas de cabo verde, e esto rresguardando todos que el tomar fuese a una misma ora, de guisa que mas jsgauan quantas pulgadas eran por la quantitydad del camino que les paresçia que avyan andado que non el camino por las pulgadas: tornando Señor al proposito estas guardas nunca se esconden antes syenpre andan en derredor sobre el orizonte, e aun esto dudoso que non se qual de aquellas dos mas baxas sea el polo antartyco, e estas estrellas principalmente

³ http://pt.wikipedia.org/wiki/Carta_do_Mestre_Jo%C3%A3o

las de la crus son grandes casy como las del carro, e la estrella del polo antartyco, o sul es pequena como la del norte e muy clara, e la estrella que esta en riba de toda la crus es mucho pequena: non quiero mas alargar por non ynportunar a vosa alteza, saluo que quedo rogando a noso Señor ihesu christo la la vyda e estado de vosa alteza acresciente como vosa alteza desea. Fecha en uera crus a primero de maio de 500. pera la mar mejor es regyrse por el altura del sol que non por ninguna estrella e mejor con estrolabio que non con quadrante nin con otro ningud estrumento.

Do criado de vosa alteza e voso leal servidor.

Johannes

artium el medicine bachalarius.

Versão do texto:

Senhor:

O bacharel mestre João, físico e cirurgião de Vossa Alteza, beijo vossas reais mãos. Senhor: porque, de tudo o cá passado, largamente escreveram a Vossa Alteza, assim Aires Correia como todos os outros, somente escreverei sobre dois pontos. Senhor: ontem, segunda-feira, que foram 27 de abril, descemos em terra, eu e o piloto do capitão-mor e o piloto de Sancho de Tovar; tomamos a altura do sol ao meio-dia e achamos 56 graus, e a sombra era setentrional, pelo que, segundo as regras do astrolábio, julgamos estar afastados da equinocial por 17°, e ter por conseguinte a altura do Polo Antártico em 17°, segundo é manifesto na esfera. E isto é quanto a um dos pontos, pelo que saberá Vossa Alteza que todos os pilotos vão tanto adiante de mim, que Pero Escolar vai adiante 150 léguas, e outros mais, e outros menos, mas quem diz a verdade não se pode certificar até que em boa hora chegemos ao cabo de Boa Esperança e ali saberemos quem vai mais certo, se eles com a carta, ou eu com a carta e o astrolábio. Quanto, Senhor, ao sítio desta terra, mande Vossa Alteza trazer um mapa-múndi que tem Pero Vaz Bisagudo e por aí poderá ver Vossa Alteza o sítio desta terra; mas aquele mapa-múndi não certifica se esta terra é habitada ou não; é mapa dos antigos e ali achará Vossa Alteza escrita também a Mina. Ontem quase entendemos por acenos que esta era ilha, e que eram quatro, e que doutra ilha vêm aqui almadias a pelear com eles e os levam cativos. Quanto, Senhor, ao outro ponto, saberá Vossa Alteza que, acerca das estrelas, eu tenho trabalhado o que tenho podido, mas não muito, por causa de uma perna que tenho muito mal, que de uma coçadura se me fez uma chaga maior que a palma da mão; e também por causa de este navio ser muito pequeno e estar muito carregado, que não há lugar para coisa nenhuma. Somente mando a Vossa Alteza como estão situadas as estrelas do (sul), mas em que grau está cada uma não o pude saber, antes me parece ser impossível, no mar, tomar-se altura de nenhuma estrela, porque eu trabalhei muito nisso e, por pouco que o navio balance, se erram quatro ou cinco graus, de modo que se não pode fazer, senão em terra. E quase outro tanto digo das tábuas da Índia, que se não podem tomar com elas senão com muitíssimo trabalho, que, se Vossa Alteza soubesse como desconcertavam todos nas polegadas, riria disto mais que do astrolábio; porque desde Lisboa até as Canárias desconcertavam uns dos outros em muitas polegadas, que uns diziam, mais que outros, três e

quatro polegadas, e outro tanto desde as Canárias até as ilhas de Cabo Verde, e isto, tendo todos os cuidados que o tomar fosse a uma mesma hora; de modo que mais julgavam quantas polegadas eram, pela quantidade do caminho que lhes parecia terem andado, que não o caminho pelas polegadas. Tornando, Senhor, ao propósito, estas Guardas nunca se escondem, antes sempre andam ao redor sobre o horizonte, e ainda estou em dúvida que não sei qual de aquelas duas mais baixas seja o pólo antártico; e estas estrelas, principalmente as da Cruz, são grandes quase como as do Carro; e a estrela do Polo Antártico, ou Sul, é pequena como a da Norte e muito clara, e a estrela que está em cima de toda a Cruz é muito pequena. Não quero alargar mais, para não importunar a Vossa Alteza, salvo que fico rogando a Nosso Senhor Jesus Cristo à vida e estado de Vossa Alteza acrescente como Vossa Alteza deseja. Feita em Vera Cruz no primeiro de maio de 1500. Para o mar, melhor é dirigir-se pela altura do sol, que não por nenhuma estrela; e melhor com astrolábio, que não com quadrante nem com outro nenhum instrumento.

Do criado de Vossa Alteza e vosso leal servidor.

João

Bacharel em Artes e Medicina.

SOBRE O PRIMEIRO PROJETO EDITORIAL DO AUTOR

SOLDADOS QUE VIERAM DE LONGE

Os 42 heróis brasileiros judeus da Segunda Guerra Mundial

2004-2013

O livro *Soldados que vieram de longe* foi lançado em 2008, mas tudo começou em final de 2004, quando uma comissão foi formada pela B'nei Brith⁴ para prestar uma homenagem aos brasileiros judeus ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial, prevista para o 60.º Aniversário do Dia da Vitória Aliada na Europa, em 8 maio 2005.

A ideia original deveu-se ao médico e notável ativista Dr. Nelson Menda, depois do sucesso de “Hebreia”, a Musa de Castro Alves, evento realizado pouco antes no Clube Israelita Brasileiro em Copacabana e que tivera um grande sucesso. Diversos outros voluntários e colaboradores se incorporaram⁵, e o resultado final foi magnífico, com um evento histórico que marcou época na comunidade judaica, no 1.º de maio de 2005, domingo no tradicional Grande Templo Israelita da Rua Tenente Possolo n.º 8, próximo à Praça da Cruz Vermelha, quando foi anunciada pela Mestre de Cerimônias – Anna Bentes Bloch – a nominata dos heróis brasileiros judeus que participaram da 2ª Guerra com entrega de placas e diplomas comemorativos aos veteranos que puderam estar presentes ou familiares.

A abertura foi realizada por Osias Wurman, Presidente da FIERJ; Samuel Benoliel, presidente da B'nei Brith e Ruy Schneider, Presidente do Grande

⁴ Hebraico: Filhos da Aliança. Organização mundial em prol dos Direitos Humanos fundada em 1843, organizada em lojas, combate o antissemitismo.

⁵ BLAJBERG, Israel. *Soldados que vieram de longe*, p.VI e VII.

Templo. A cantora Ithamara Koorax interpretou um arranjo do Hino Nacional Brasileiro, seguindo-se breves palestras do Embaixador Sergio Correa da Costa: “As indecisões do Governo Vargas e a mobilização popular contra o nazi-fascismo”, Cel. Sergio Gomes Pereira: “Marinha, Exército e Aeronáutica, ombro a ombro em defesa da democracia”, Israel Blajberg: “General de Divisão Samuel Kicis, Veterano da FEB. A carreira exemplar de um soldado brasileiro de fé mosaica”, Luiz Benyosef: “Cmt. Jacob Benemond, autêntico Lobo do Mar”.

O Rabino Henry Sobel recitou o *Kadish*⁶ em memória dos brasileiros de todas as fés que tomaram nos campos de batalha, dos inocentes que morreram nos navios torpedeados em nosso litoral e dos 6 milhões de judeus assassinados pelos nazistas, seguindo-se o *chazan* David Jair Alhadeff interpretando da melodia litúrgica “Elmaleh Rahamin”⁷, o toque do silêncio por corneteiro militar, seguido de toque do shofar⁸ pelo *chazan* David Jair Alhadeff.

No salão do Templo realizou-se a exposição “Cadernos de Guerra”, constituída por 40 desenhos de Carlos Scliar elaborados durante o conflito, e exibição de trechos do documentário *A cobra fumou*.

Até então a participação de combatentes brasileiros judeus durante a Segunda Guerra Mundial fora pouco conhecida. Mesmo os que se tornaram heróis, agraciados com medalhas como a Silver Star do Exército Americano e a Cruz de Combate de 1.ª Classe, concedidas apenas em casos de bravura excepcional em combate e que estavam quase esquecidos.

Aproveitando o extenso material coletado na busca e coleta de dados sobre os Veteranos, organizados por uma equipe de voluntários, produzimos o livro *Soldados que vieram de longe*, apresentando relatos sobre 42 deles, sendo 30 do Exército (26 na FEB), quatro da Marinha, três da FAB e cinco da Marinha Mercante, dos quais em 2008 existiam apenas 13 remanescentes, e hoje possivelmente menos de cinco. Em geral brasileiros natos de primeira geração, seus pais e avós eram imigrantes de países como Marrocos, Polônia, Turquia e Rússia. Também são apresentados mais 10 veteranos, inclusive de nações amigas, radicados no Brasil.

Soldados que vieram de longe é a história de autênticos heróis, que não hesitaram em expor-se ao duplo perigo, exemplo para futuras gerações.

A obra incorporou ainda um retrospecto de Ações de Cidadania e Cerimônias Cívicas realizadas pela FIERJ, que editou a obra em parceria com a AHIMTB, através de seus presidentes eng. Sergio Niskier e Cel. Claudio Moreira Bento.

Na verdade, não era apenas um livro, mas sim um projeto, que constou de lançamentos itinerantes em 11 cidades brasileiras, para público de militares, ex-combatentes e comunidade judaica, a saber:

⁶ Aramaico: “Sagrado”. Oração fúnebre de reverência aos falecidos.

⁷ Hebraico: D’us Misericordioso, oração entoada em funerais e ocasiões em que se reverência a memória dos falecidos.

⁸ Hebraico: Chifre de carneiro utilizado como instrumento de sopro em rituais judaicos.

- ▶ 2008 – Rio – CEP – Forte Duque de Caxias – Presidido pelo Gen. Castro, então chefe do DEP.
- ▶ 2009 – São Paulo – Arquivo Histórico Judaico Brasileiro – Presidido pelo Cel. Edson Rosa, assistente do Cmt. CMSE Gen. Esper.
- ▶ 2009 – Brasília – Durante o XI ENOREx – ACIB – Associação Cultural Israelita de Brasília – Presidido pelo Dep. Federal Marcelo Itagiba.
- ▶ 2010 – Belo Horizonte – Instituto Histórico Israelita Mineiro – Durante o XII ENOREx – Presidido pelo Cel. Wilger representando o Gen. Ilidio Gaspar Cmt. IV RM.
- ▶ 2011 – Porto Alegre – Durante o XXIII Encontro Nacional dos Veteranos da FEB – No Centro Hebraico Rio-Grandense – Presidido pelo Diretor do CHR Davi Castiel Menda.
- ▶ 2012 – Campinas – Academia Campinense de Letras – Presidido pela diretora da Academia Campineira de Letras, Ciências e Artes das Forças Armadas, prof.^a Arita Damasceno Pettená.
- ▶ 2012 – Fortaleza – Livraria Cultura – durante a XIX Convenção Nacional da SOAMAR Brasil – Presidido pelo Diretor da Ass ExCmb BR Ten. MB Melchisedech Affonso de Carvalho.
- ▶ 2012 – Natal – no IHGRN – Presidido pela delegada da ADESG no Rio Grande do Norte, Dr.^a Zélia Madruga.
- ▶ 2012 – Petrópolis – no IHP – Presidido pelo diretor do IHP Luiz Carlos Gomes.
- ▶ 2013 – Recife – durante o XIV ENOREx – na Sinagoga-museu Kahal Zur Israel, a mais antiga das Américas – Presidido pelo Gen. Fernando Sergio Nunes Ferreira, ChEM representando o Cmt. CMNE Gen. Benzi.
- ▶ 2013 – Manaus – no CIAM – Centro Israelita do Amazonas – durante o Encontro Regional SOAMAR – Presidido pelo Vice-Alte. Domingos Savio, Cmt. do 9.º DN.

A tiragem de 1.000 exemplares esgotou-se em 2014, estando o livro disponível em diversos endereços da internet, em formato PDF, podendo ainda ser encaminhado por *e-mail* aos que o solicitarem ao autor.

Alguns dos lançamentos do livro *SOLDADOS QUE VIERAM DE LONGE*

▶ 2009 – São Paulo

O lançamento ocorreu em 28 de agosto de 2009 em Ato Cívico na sede do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, repositório de memória da comunidade judaica brasileira, quando foi prestada uma homenagem aos ex-combatentes brasileiros e de nações amigas presentes na ocasião, e ao Exército Brasileiro, na semana que comemora o Dia do Soldado. Estavam presentes os Veteranos da FEB Boris Schnaiderman e Jacob Gorender, biografados no livro.

A CIBRACON – Companhia Brasileira de Construções e a Construtora e Incorporadora Atlântica S/A, comemorando seus 40 anos, concederam um valioso patrocínio cultural que permitiu a realização do evento.



► 2009 – Lançamento de *Soldados que vieram de longe* no AHJB em São Paulo/SP, vendo-se o Veterano Antonio Cruchaki, presidente da Associação dos Veteranos da FEB de São Bernardo do Campo e sua esposa D.^a Nadir. Acervo do autor.

Tendo como mestre de cerimônias o prof. Carlos Kertész do AHJB, o evento contou com a presença de público expressivo e de autoridades civis e militares, entre as quais:

Coronel Edison Luiz da Rosa, acompanhado de sua esposa, representando o General Antonio Gabriel Esper, Comandante Militar do Sudeste; Major Magnus Copetti Weber, Subcomandante, acompanhado de uma representação do CPOR/SP, composta pelo Tenente César, Sargento Gama e sete alunos, um de cada curso; Capitão-Tenente representante do Vice-Almirante Arnaldo de Mesquita Bittencourt Filho, Comandante do 8.º Distrito Naval; Presidente da ABORE – Associação Brasileira dos Oficiais da Reserva do Exército, Tenente R/2 Aniz Buissa; Sargento representando o Tenente Coronel Betat, Chefe do 3.º Comando Telemático de Área; Vet. Isaac Plut, foi Soldado do CRP da FEB na Vila Militar – RJ; Coronel Jairo Junqueira da Silva, Presidente da Associação dos Ex-combatentes do Brasil, Seção de São Paulo; Veterano Antonio Cruchaki, Presidente da ANVFEB de São Bernardo do Campo e sua esposa, D.^a Nadir Pereira de Souza Cruchaki, Diretora Social; Capitão Gonzalez, do Museu da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção de São Paulo; Veterano da Marinha Francesa André Akiba Levi e Sra.; Vereador Gilberto Natalini (PSDB) e Luciana Feldman, Assessora Parlamentar da Câmara Municipal de São Paulo; Alberto Milkiewicz, representando a CONIB; Marina Sendacz, Presidente do ICIB; Sergio Tomchinsky, Diretor-Executivo da Câmara Brasil-Israel de Comércio e Indústria; Leib Berenstein, Presidente do Conselho Judaico da Zona

Norte; Prof. Dr. César Campiani Maximiano, historiador da FEB, prof. Ronney Citrinowicz, Sema Petragnani, e diversos associados do Arquivo e entidades culturais militares e judaicas.

Na abertura, a Banda de Música do 2.º Batalhão de Polícia do Exército executou o Hino Nacional Brasileiro, seguindo-se a execução pelo corneteiro do 2.º BPE do Toque de Presença de Ex-Combatente, dado encontrarem-se presentes veteranos da FEB.

A Mesa Diretora estava composta pelo Dr. Jaime Serebrenic, Presidente do AHJB, Dr. Mauricio Serebrinic, Vice-Presidente do AHJB, Cel. Edison Luiz da Rosa, Assistente do Comandante Militar do Sudeste e pelo autor.

O evento iniciou-se com a saudação do Dr. Jaime Serebrenic, Presidente do AHJB ao Dia do Soldado e Semana do Exército, dizendo da satisfação do Arquivo em prestar esta homenagem ao Exército e aos Veteranos. Agradeceu a presença das autoridades civis e militares, especialmente a delegação do CPOR, recordando que ele mesmo é um ex-aluno do CPOR de Salvador, que cursou nos idos da década de 50.

O autor fez um breve resumo sobre o livro *Soldados que vieram de longe*, enfatizando o heroísmo, desprendimento e resgate desta memória após tantas décadas.

O Cel. Edison Luiz da Rosa, maior autoridade militar presente fez uso da palavra, recordando ser ele mesmo também um descendente de imigrantes, portugueses. Em brilhante oração, recordou sua terra natal Cruz Alta, e seu pai, sargento do Exército, de quem herdou o gosto pela carreira das armas.



► 2009 – Lançamento de *Soldados que vieram de longe* no AHJB em São Paulo/SP, vendo-se o Veterano da FEB prof. Jacob Gorender. Acervo do autor.

Foi feita a entrega solene de um certificado de reconhecimento outorgado pelo AHJB a diversas personalidades que vêm trabalhando em prol da preservação da memória da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, marcando a homenagem prestada aos ex-combatentes do Brasil, ao Dia do Soldado, já que recordar sempre a memória dos feitos heroicos e a luta dos bravos combatentes brasileiros será a melhor homenagem que se lhes poderá prestar.

Encerrada a sessão, o autor autografou exemplares do livro para os presentes, em animado coquetel por Mr. Knich & Cia., na sede do Arquivo, onde foi também montada uma exposição alusiva à temática do livro, com peças originais da 2.^a Guerra Mundial cedidas pela Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção SP, e do acervo pessoal do autor.

► 2011 – Porto Alegre

O Centro Hebraico Rio-Grandense viveu uma noite muito especial em 23 de novembro de 2011, com a presença de ex-combatentes de todo Brasil, para o lançamento do livro *Soldados que vieram de longe*. Dentre os biografados, presente o Tenente Dr. Israel Rosenthal, de 91 anos, do Rio de Janeiro, e diversos familiares dos já falecidos, Elias Nirenberg, Carlos Scliar e David Lavinski.

O concorrido evento recebeu 150 convidados, acontecendo na semana de 15 a 19 de novembro de 2011, quando se realizou o XXIII Encontro dos Veteranos da FEB, constituindo-se em homenagem da CONIB – Confederação Israelita do Brasil, FAHIMTB – Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil, CHR – Centro Hebraico Rio-Grandense e FIRS – Federação Israelita do RS aos bravos combatentes nacionais de Terra, Mar e Ar.



► 2011 – Lançamento de *Soldados que vieram de longe* em Porto Alegre/RS, no CHR – Centro Hebraico Rio-Grandense, vendo-se o autor, Major Ruy Fonseca, Veterano da FEB e o Dr. Jarbas Milititski, presidente da FIRS. Acervo do autor.

À frente do público, uma panóplia portava as bandeiras do Brasil, Estado do Rio Grande do Sul, Cidade de Porto Alegre, Colégio Militar de Porto Alegre e sua Associação de Amigos do Casarão da Várzea, e sobre a mesa a bandeira da AHIMTB – Academia de História Militar Terrestre do Brasil, que editou o livro, presidida no Rio Grande do Sul pelo Acadêmico Cel. Luiz Caminha, também Vice-Presidente do ITHRGS – Instituto de Tradições e História do Rio Grande do Sul.

Destacaram-se as presenças de Presidentes, Diretores e Veteranos das Seções Regionais da Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Belo Horizonte, Brasília, Brusque/SC, Caxias do Sul/RS, Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Itajaí/SC, Juiz de Fora/MG, Natal, Rio de Janeiro, Salvador, São Bernardo do Campo/SP, Santa Rosa/RS, São Gonçalo/RJ, São Luis e São Paulo, pois a FEB recrutou soldados de todo o Brasil.

A fanfarra do Regimento Osório (3.º Regimento de Cavalaria de Guarda) emocionou os presentes, executando o Toque de Presença de Ex-Combatente e o Hino Nacional Brasileiro e o do Rio Grande do Sul. Trata-se da mais antiga unidade do Exército Brasileiro, remontando a 1737 (Dragões do Rio Grande), mais tarde comandado pelo próprio Marechal Manoel Luiz Osório, Patrono da Nobre Arma Ligeira.

Iniciando a sessão, a ANVFEB-SC através de seu Presidente Veterano Alcides Basso e Diretora Clélia Maria Kreuzsch Andrade agradeceram o Veterano Israel Rosenthal com a Medalha Marechal Falconiere, pelos relevantes serviços prestados à causa da FEB.



► 2011 – Mosaico de fotografias do lançamento de *Soldados que vieram de longe* em Porto Alegre/RS, no CHR – Centro Hebraico Rio-Grandense. Acervo do autor.



► 2011 – Aspecto do público presente ao lançamento de *Soldados que vieram de longe* em Porto Alegre/RS, no CHR – Centro Hebraico Rio-Grandense, vendo-se ao fundo a fanfara do Regimento Osório – 3.º RCG. Acervo do autor.

Usaram a palavra o Presidente do Centro Hebraico, Sr. Davi Castiel Menda, e o Presidente da FIRS, Jarbas Milititski, seguindo-se uma oração e leitura de Salmos pelo Rabino Samuel Biniaminy, e o toque do *shofar*.

Entre os presentes, diversos Veteranos, como o Coronel Mário Vannuteli, Antonio Inham, Major Antonio Andre, Tenente Israel Rosenthal (Presidente do Conselho Deliberativo da Casa da FEB Rio), Anselmo Alves, Presidente ANVFEB – São Luiz/MA, Tenente Dalvaro José de Oliveira, Presidente da Casa da FEB – Rio, Oudinot Willadino – Diretor Secretário da Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Regional POA, Capitão Severino Gomes de Souza – Diretor ANVFEB Nata/RN, Vinicius Venus, Presidente ANVFEB – Brasília, Ramão de Almeida Ferreira, Diretor da ANVFEB-POA, todos com mais de 85 anos, e o mais antigo presente, Major Ruy Fonseca, de Juiz de Fora/MG, com 96 anos.

Da Itália vieram Sr. Mário Pereira – Guardião do Monumento Militar Votivo Brasileiro de Pistoia, Sr. Giovanni Sula – Comunna de Montese – Itália e o Prof. Fabrizio Gilberna – estudiosos da FEB.

Presentes ainda o Tenente-Coronel FAB Isaac Ohana, Vice-Presidente do Centro Hebraico, Coronel PM/CE Ghiorgiony Franklin da Silva, Comandante do Regimento de Cavalaria e Diretor do Instituto Histórico da PM/CE, Cesar Torres – Liga da Defesa Nacional – POA, que viajou em missão para Israel na semana seguinte, Davi Conrado, Vice Presidente da LDN, Suboficial FAB Paulo Jorge Gonçalves, conselheiro ANVFEB-RJ, Dr. Jorge Krieger de Mello, Presidente da ANVFEB-POA, Sr.^a Magnólia Frey Piegas, diretora da ANVFEB-POA, General de Divisão Sergio Vaz da Silva, General Daniel Lomando Andrade, Brigadeiro Paulo Roberto Ferro, Cel. FAB Uirassu Litvinski Gonçalves,



► 2011 – Lançamento de *Soldados que vieram de longe* em Porto Alegre/RS, no CHR – Centro Hebraico Rio-Grandense, vendo-se o Veterano Ten. Rosenthal, Rabino Binjamini e Israel Blajberg. Acervo do autor.

Tenente Claudio Bayerle – Brigada Militar do RS, Sr. Vitor L A Santos e Ana Lucia Nogueira Mestre – Grupo Histórico FEB, Jaboticabal/SP, Sr.^a Clelia Maria Kreuzsch Andrade, Diretora Secretaria ANVFEB-SC, Sr.^a Leila Queiroz dos Santos – diretora ANVFEB Salvador, Sr.^a Maria do Socorro Barros – diretora ANVFEB-Brasília.

Inúmeros colaboradores tanto contribuíram para o sucesso do evento, como Albert Poziomyck – FIRS, Eliana Camejo Comunicação Empresarial, Carlos Renato Pereira Rodrigues – Cerimonial, Claudia Ioschpe – *Zero Hora*, Cláudia Surita – Cerimonial, Conib – Confederação Israelita do Brasil, *Correio do Povo*, Editoria Arte e Agenda – *Zero Hora*, Editoria By N9ve – *Zero Hora*, Editoria Gasparotto – *Jornal O Sul*, Editoria Roteiro – *Zero Hora*, Família Isdra, Fanfarra do Regimento Osório, Regente Subtenente Carlos Alberto e Mestre 1.º Sargento Maiato, Fernanda Alfaya Lignon – Recepção, Fernando Albrecht – *Jornal do Comércio*, FIRS – Federação Israelita do Rio Grande do Sul, Gasparotto – *Jornal O Sul*, Holiday Inn POA, Instituto Cultural Marc Chagall, Sr. Jaime Spitz – Conib, Sr. Jarbas Milititsky – FIRS, Juliana Gomes – Recepção, Sr.^a Karen Didio Sasson – Conib, Karina Abrahão – Comunicações, Cel. Luiz Ernani Caminha – Academia História Militar Terrestre do Brasil/RS, Marcos Nagelstein – Fotografia, Master Hotéis, Melissa Broncher – Conib, Ricardo Besen – Conib, Vânia Misura – Holiday Inn Porto Alegre.

► 2012 – Campinas

A Sociedade Amigos da Marinha -- SOAMAR Campinas, presidida pela Sr.^a Christiane Chuffi, promoveu palestra e lançamento de *Soldados que vieram de longe*, em 1.º de março de 2012.



► 1.º de março de 2012 – Lançamento de *Soldados que vieram de longe* em Campinas – SP. O autor faz breve alocação sobre o livro, observado pelo Cmt. Ronald dos Santos Santiago, atual Presidente da Academia Campineira de Letras. Acervo do autor.

O evento ocorreu na sede da Academia Campinense de Letras, com apoio da AMIRPE – Associação dos Militares da Reserva, e presença de 100 convidados.

A mesa foi composta pela Presidente da Academia Campineira de Letras, Ciências e Artes das Forças Armadas, prof.^a Arita Damasceno Pettená, Tenente Jorge Luiz Cavalheri, representante do Presidente de Honra da Academia, Gen. Tomás Miguel Miné Ribeiro Paiva – Comandante da 11.^a Brigada de Infantaria Leve, Sr.^a Christiane Chuffi, Presidente da SOAMAR – Sociedade dos Amigos da Marinha – Campinas, Cmt. Ronald dos Santos Santiago, representante da Marinha do Brasil e Cel. Fabio Ferreira, presidente do Círculo Militar de Campinas.

A poetisa Geni Fuzato Dagnoni, diretora da academia, declamou de sua autoria a belíssima composição “Os imigrantes”, e o cantor lírico Alcides Ladislau Acosta, presidente da ABAL – Associação Brasileira do Artista Lírico emocionou os presentes com vibrante interpretação de obras alusivas a FEB, como “Minha Gioconda”, “Lili Marlene” em português e a “Canção do Expedicionário”, acompanhado ao piano.

Mensagem do Expedicionário Francisco de Assis Rodarte

Ex-Presidente da Associação dos Expedicionários Campineiros e da Associação dos Militares da Reserva, Reformados, Pensionistas e Expedicionários das Forças Armadas – AMIRPE/FA

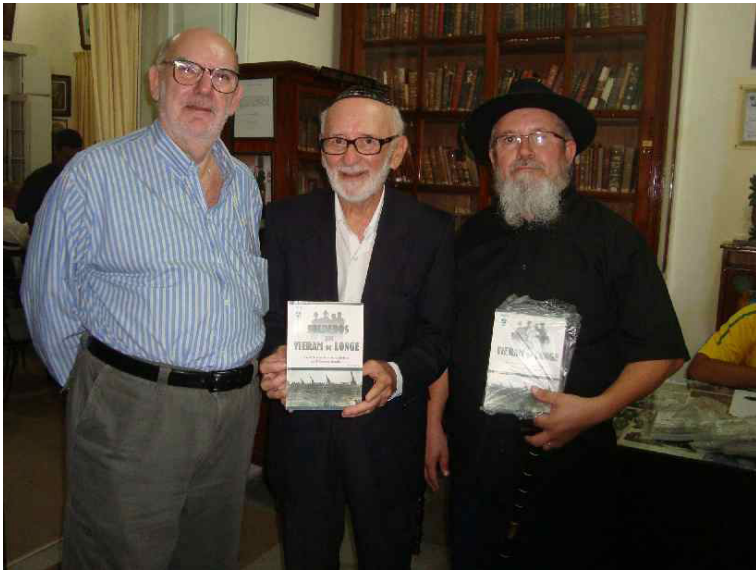
“Não podendo estar presente neste importante evento por motivo de saúde em família, não poderia deixar de parabenizar o Prof. Israel Blajberg pela brilhante ideia de relatar em livro a saga dos 42 heróis brasileiros de origem judaica que participaram com os Aliados na vitoriosa luta contra os nazistas na 2.ª Guerra Mundial, honrando com galhardia a Bandeira do Brasil.”

► 2012 – Natal

Foi lançado em Natal/RN *Soldados que vieram de longe*. O evento ocorreu no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, a mais antiga entidade cultural do Estado, guardião da memória potiguar, na Rua da Conceição – Cidade Alta.

Foi homenageado na ocasião o veterano da Força Expedicionária Brasileira, Capitão Severino Gomes de Souza, de 88 anos. O autor foi apresentado pela Delegada da ADESG no Rio Grande do Norte, Dr.^a Zélia Madruga, e em seguida discorreu sobre os 70 anos da entrada do Brasil na guerra. A mesa foi composta pelos Srs. Augusto Maranhão e Fred Nicolau, diretores Secretário e de Ensino e Pesquisa da Fundação Rampa, Juiz Dr. Carlos Adel de Souza, do IHGRN, o eminente Rabino João F. Dias de Medeiros, da Sinagoga Braz Palatnik (CIRN – Centro Israelita do Rio Grande do Norte) e Dr.^a Zélia Madruga, delegada da ADESG no Rio Grande do Norte. O mestre de cerimônias foi o jornalista Leonardo Dantas, diretor de Comunicação Social da Fundação Rampa.

Prestigiaram o evento membros da comunidade israelita local, entre os quais o Vice-Presidente do Conselho Religioso, Sr. Manoel Moura Filho, o Presidente do CIRN, Carlos Cortez, o eng. Adauto Medeiros, advogado Dr. Dejamiro Acipreste, integrantes da Fundação Rampa e da SOAMAR, ex-alunos do NPOR do 16.º BI, como o Dr. Domingos Guará, ex-presidente da Associação, e o Cel. PMRN REIS, ex-comandante-geral da PM, professores, estudantes e interessados na História Militar e da FEB.



► 2012 – Lançamento de *Soldados que vieram de longe* em Natal no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – IHGRN, vendo-se o autor com o Rabino João Medeiros e o Sr. Manuel Moura. Acervo do autor.



► 2012 – Lançamento de *Soldados que vieram de longe* no Instituto Histórico de Petrópolis/RJ, vendo-se o autor, o Rabino A. Binjamini e o presidente do IHP, Luiz Carlos Gomes. Acervo do autor.

► 2012 – Petrópolis e Fortaleza

Soldados que vieram de longe foi lançado em novembro, no Instituto Histórico de Petrópolis, e na Livraria Cultura de Fortaleza.

Em Petrópolis, compareceram a Sr.^a Ana Kaye, assessora do Deputado Federal Hugo Leal, prof. Taulois, assessor do reitor da UCP, professores e alunos



► 2012 – Lançamento de *Soldados que vieram de longe* em Fortaleza/CE, vendo-se o autor e o diretor da SIC Marlus de Carvalho. Acervo do autor.

da Yeshivá (Colégio Israelita), seu diretor Rabino A. Binjamini, Rabino Ziv Balaban, o presidente da sinagoga, Carlos Watkins, diretores das sinagogas, Cel. Ivo Albuquerque e Sr.^a, do IGHMB, membros do Instituto Histórico, Tenente Lourenço, representando o comandante do Batalhão do Imperador, e diversas personalidades do mundo acadêmico e da comunidade judaica local.

O presidente do IHP, Luiz Carlos Gomes, apresentou o prof. Blajberg, que realizou uma palestra sobre os 70 anos da entrada do Brasil na guerra.

Em Fortaleza, o lançamento ocorreu na Livraria Cultura, sob os auspícios da SIC – Sociedade Israelita do Ceará, presidida pelo Dr. Marcus Strozberg. Presentes o Comandante Cleber Ribeiro da Silva, do 3.º Distrito Naval, o Juiz de Direito Dr. Bezerril Queiroz, o presidente da Sociedade de Amigos da Marinha, Dr. Silvio Jorge, o Comandante da Marinha Mercante Francisco Gondar, membros da SIC, professores e historiadores, e diretores da SIC e SOAMAR. O evento ocorreu no âmbito da 19.ª Convenção Anual da Sociedade dos Amigos da Marinha.

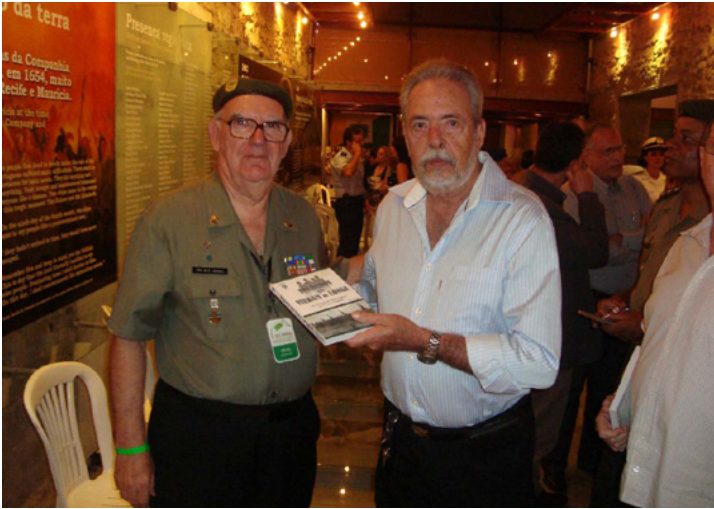
► 2013 – Recife e Manaus

Manaus sediou em 24 de novembro de 2013 o 11.º lançamento estadual de *Soldados que vieram de longe*.

O evento, realizado no salão de festas da Sinagoga Beth Yaacov/Rabi Meyr, do CIAM – Comitê Israelita do Amazonas, contou com a honrosa presença do Comandante do 9.º Distrito Naval, Vice-Almirante Domingos Sávio Almeida Nogueira, e de uma representação de oficiais e praças da Estação Naval do Rio Negro, Comando da Flotilha do Amazonas, Batalhão de Operações Ribeirinhas de



► 2013 – Lançamento de *Soldados que vieram de longe* em Recife/PE, na Sinagoga Kahal Zur Israel, vendo-se o autor, o Secretário de Segurança de Jaboatão dos Guararapes/PE, a diretora da sinagoga, prof.^a da UFPE Tania Kaufman e o Cel. Antonio Carlos de Souza, Comandante do CPOR de Recife. Acervo do autor.



► 2013 – Lançamento de *Soldados que vieram de longe* em Recife/PE, na Sinagoga Kahal Zur Israel, vendo-se o autor com o prof. Marcos Albuquerque, coordenador do Laboratório de Arqueologia da UFPE. Acervo do autor.

Fuzileiros Navais e Esquadrão de Helicópteros de Emprego Geral. O 9.º DN tem jurisdição sobre todas as bacias fluviais dos estados do Acre, Amazonas, Rondônia e Roraima. O Alte. Savio, paulista de Lorena, assumiu em 15 de abril de 2013.

Estando a presidente Sra. Anne G. Benzecry Benchimol em viagem, o Almirante Savio foi recebido pelo 2.º Vice-Presidente de Planejamento Sr. Sergio



► 2013 – Lançamento de *Soldados que vieram de longe* em Recife/PE, na Sinagoga Kahal Zur Israel, vendo-se o autor com o Cel. Antonio Carlos de Souza, Comandante do CPOR de Recife/PE. Acervo do autor.



► 2013 – Lançamento de *Soldados que vieram de longe* em Recife/PE, na Sinagoga Kahal Zur Israel, vendo-se o Gen. Fernando Sergio Nunes Ferreira, chefe do EM do CMNE com o autor. Acervo do autor.

Band, pelo antigo Presidente Dr. David Benzecry, um ex-aluno do Colégio Militar de Manaus, onde atingiu a patente honorária de Coronel-Aluno, pelo Shaliach Tzibur e Líder Oficiante Religioso Dr. Isaac Dahan, Major Médico da Reserva da Polícia Militar do Amazonas, e pelo Sr. Samuel Messod Benzecry e Sr. Abraham Messod Benzecry.

Encontrava-se entre os presentes o prof. Josemar Bezerra Raposo, delegado da ADESG no Maranhão, ora em visita a Manaus, que é um descendente direto



► 2013 – Lançamento de *Soldados que vieram de longe* no Recife/PE, vendo-se o autor com um grupo de oficiais e alunos representando os diversos cursos do CPOR. Acervo do autor.



► 24 de novembro de 2013 – Representação da Marinha do Brasil ao lançamento de *Soldados que vieram de longe* em Manaus – AM na Sinagoga Beit Yaacov – Rabi Meir, vendo-se Sergio Band, Israel Blajberg, Vice-Alte. Domingos Sávio, Comandante do 9.º Distrito Naval, Dr. Isaac Dahan e Davis Benzecry. Acervo do autor.

do Bandeirante Raposo Tavares. Cumpre destacar que dois navios-patrolha fluvial da Flotilha do Amazonas levam o nome de Raposo Tavares (P21) e Pedro Teixeira (P20), o primeiro certamente cristão-novo, e o segundo também, na opinião de alguns historiadores.

Ciceroneado pelos diretores o Almirante visitou a sinagoga, que disse ser a sua primeira visita a um templo judaico, onde interessou-se vivamente pelas explicações prestadas sobre o culto, a Torá, especialmente uma que remonta a 500 anos, a posição da *bimá* (tablado) ao centro, e a história da bicentenária Comunidade Judaica Amazônica. O CIAM ofereceu ao Almirante CD de músicas judaicas e livros, entre os quais o clássico *Eretz Amazônia*, do saudoso prof. Samuel Benchimol, Z”L.

Uma palestra do autor antecedeu o lançamento, tendo o evento sido encerrado pelo Almirante Sávio, que em seu pronunciamento comentou aspectos da apresentação realizada sobre os Combatentes Brasileiros Judeus da Segunda Guerra Mundial, e a contribuição dos judeus à Humanidade em diferentes campos, destacando-se o legado do monoteísmo às demais religiões.

O Almirante discorreu sobre as atividades da Marinha na Região Amazônica, os desafios que se apresentam, e projetos a serem desenvolvidos em sua gestão iniciada este ano. Nas despedidas, cumprimentou com um aperto de mão a cada um dos presentes, mencionando que pretende retornar outras vezes a sinagoga, o que muito agradou aos presentes pela cordialidade e amizade demonstrada pelo eminente chefe militar.



► Convites, diplomas e manifestações recebidas do Brasil e do exterior referentes aos lançamentos de *Soldados que vieram de longe*. Acervo do autor.



► Repercussão na imprensa militar e judaica sobre os lançamentos de *Soldados que vieram de longe* em diversas cidades. Acervo do autor.

Projeto editorial ESTRELA DE DAVID NO CRUZEIRO DO SUL

Memória da presença judaica nas Forças Armadas do Brasil – De Cabral ao Haiti

2010 em diante

O projeto editorial *Soldados que vieram de longe* foi desenvolvido de 2004 a 2013.

A partir de 2010, inicia-se o novo projeto editorial *Estrela de David no Cruzeiro do Sul*, com a coleta de dados, pesquisas em arquivos e entrevistas, estando o livro concluído em 2015.

Constitui-se assim em novo projeto editorial revisto e ampliado, incorporando uma amostra do grande universo de militares brasileiros judeus, seus precursores cristãos-novos, e descendentes de origem judaica, desde a chegada de Cabral até mais recentemente com as Forças de Paz no Haiti e as Forças de Pacificação na Comunidade da Maré e no Complexo do Alemão.

PARÂMETROS INICIAIS

Publicações do Casal Egon e Frieda Wolff

- ▶ *A odisseia dos judeus do Recife*, Centro de Estudos Judaicos da Universidade de São Paulo. 1979.
- ▶ Conferências e comunicações em institutos históricos.
- ▶ Crônicas do nosso arquivo.
- ▶ Depoimentos.
- ▶ *Dicionário Biográfico V – Judaísmo e judeus na bibliografia em língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Cemitério Comunal Israelita, 1990.
- ▶ *Fatos históricos e mitos da história dos judeus no Brasil* – ensaios, conferências, artigos. Ed. Mateus Kacowicz, Editora Xenon, Rio de Janeiro, 1996. (Prêmio Clío de História 1997, da Academia Paulistana da História)
- ▶ *Guia histórico-sentimental judaico carioca*.
- ▶ *Judeus em Amsterdã* – Seu relacionamento com o Brasil 1600-1620. Rio de Janeiro, Cemitério Comunal Israelita, 1989.
- ▶ *Judeus nos primórdios do Brasil República*.
- ▶ *Natal – uma comunidade singular*.
- ▶ *Nossas três vidas e outras histórias*.
- ▶ *O cristão-novo na obra de Carlos G. R.* Os judeus no Brasil Imperial.
- ▶ *Participação e contribuição de judeus ao desenvolvimento do Brasil*.
- ▶ *Quantos judeus estiveram no Brasil Holandês e outros ensaios*.
- ▶ *Sepulturas de israelitas*, volumes I, II e III.

Publicações do autor Israel Blajberg

- ▶ Revista *Shalom*, São Paulo – SP, n. 366, v. VIII – 24 abr. 2006, p. 33, Heróis Brasileiros da Segunda Guerra Mundial.
- ▶ Revista *Shalom*, São Paulo – SP, n. 363, v. VIII – 3 abr. 2006, p. 12-16, General de Divisão Moyses Chahon.

- ▶ Revista *Shalom*, São Paulo – SP, n.º. 367, v. VIII – 1.º. de maio de 2006, p. 18, Nominata dos homenageados.
- ▶ Boletim ASA, Sem eles não estaríamos aqui, p. 3. Rio de Janeiro, n. 95. jul./ago. 2005.
- ▶ Jornal *Vínculo*, Ao Ex-Combatente Beneditenses e ao Tenente Chahon, p. 2. Rio de Janeiro, AFBNDES, ano 37, n. 731, 17 ago. 2005.
- ▶ Jornal do Centro dos Oficiais da Reserva e Reformados da PM e do CBMERJ. Especial: Heróis brasileiros judeus, p. 4-5. Rio de Janeiro, ano 15, n. 100, mai. 2005.
- ▶ Palestra no IV Encontro Brasileiro de Estudos Judaicos, Judaísmo e Modernidade: suas múltiplas inter-relações. Programa de Estudos Judaicos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. “Combatentes Judeus Brasileiros na Segunda Guerra Mundial – Breve perfil de quatro heróis”, 11 nov. 2005.
- ▶ Palestra no Grande Templo Israelita do Rio de Janeiro. “General de Divisão Samuel Kicis, Veterano da FEB: A Carreira Exemplar de um Soldado Brasileiro de Fé Mosaica”, 1.º mai. 2005.
- ▶ Gerações/Brasil, publicação semestral da Sociedade Genealógica Judaica do Brasil. *Marechal Waldemar Levy Cardoso*, p. 4, v. 12, fev. 2004.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS⁹

Obras Gerais: Livros, artigos, dissertações

- ALMEIDA, Francisco Inácio. *O último secretário – A luta de Salomão Malina*. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2002.
- BARONE, João. *1942: O Brasil e sua guerra quase desconhecida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.
- BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia – Os judeus na Amazônia*. Manaus: Valer, 2008.
- BENTO, Cláudio Moreira. *2010 – 200 Anos da criação da Academia Real Militar à Academia Militar das Agulhas Negras*. Resende: AHIMTB, 2010.
- BENTO, Cláudio Moreira. *As Forças Armadas e a Marinha Mercante na Segunda Guerra Mundial*. Resende: AHIMTB, 1995.
- DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*, v. I. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1981.
- FALBEL, Nachman. *Estudos sobre a comunidade judaica no Brasil*. São Paulo: FIESP, 1984.
- FREIXINHO, Nilton. *Instituições em crise – Dutra e Góes Monteiro, duas vidas paralelas*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1997.
- FREIXINHO, Nilton. *O poder permanente da História*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1994.
- GENES, Moysés. *O 1.º Mandamento*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 2002.
- GRIECO, Donatello. *Pequena história da descoberta do Brasil*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2002.

⁹ Durante décadas o autor colecionou extensa bibliografia, da qual citam-se algumas referências. Foram anos e anos de leitura sobre a temática militar e judaica, permitindo assim organizar esta obra, a qual se espera que venha a ser significativamente enriquecida futuramente.

- GUEDES, Max Justo. *O descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha, 1998.
- IZECKSOHN, Isaac. *Os marranos brasileiros*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1967.
- LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- LEWIN, Helena. *Judaísmo e cultura: fronteiras em movimento*. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2013.
- LIPINER, Elias. *Gaspar da Gama: um converso na frota de Cabral*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- MALAMUD, Samuel. *Documentário. Contribuição à memória da comunidade judaica brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- MALAMUD, Samuel. *A Segunda Guerra Mundial na visão de um judeu brasileiro*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1997.
- MALAMUD, Samuel. *Recordando a Praça XI*. Rio de Janeiro, Kosmos, 1988.
- MERGULHÃO FILHO, Luiz Eugenio B. *Major Apollo, o herói esquecido*. Rio de Janeiro: Clube de Autores, 2014.
- MONTEIRO, Sergio Pinto; FRIZANCO, Orlando. *Resgate do Tenente Apollo*. Rio de Janeiro: CNOR, 2006.
- MOTTA, Aricildes de Moraes. *História oral do Exército: formação de oficiais da reserva*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2010.
- NEVES, Marcos Eduardo. *Servenco, sobrenome Steinberg*. Rio de Janeiro: Rotativa, 2011.
- NISKIER, Arnaldo. *Ciclo de painéis sobre a contribuição dos judeus ao desenvolvimento brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.
- SALVADOR, José Gonçalves. *Cristãos-novos, jesuítas e inquisição*. São Paulo: Pioneira, 1969.
- SCHLESINGER, Hugo. *Judaica Brasiliensis 1832-1992*. São Paulo: Schmukler Editores, 1992.
- SCHNAIDERMAN, Boris. *Guerra em surdina*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- UDERMAN, Hertz. *Os judeus no desenvolvimento brasileiro*. Rio de Janeiro, [editora do autor], 2010.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2002.
- WIZNITZER, Arnold. *Os judeus no Brasil Colonial*. São Paulo: Pioneira, 1966.

Fontes eletrônicas:

- ▶ adesnacional.blogspot.com
- ▶ chicomiranda.wordpress.com
- ▶ cobrafumando.wordpress.com
- ▶ darozhistoriamilitar.blogspot.com/2009/05/instituto-de-geografia-e-historia.html
- ▶ exalunoscorrecife.org.br
- ▶ folhamilitar.com.br
- ▶ <http://www.clubemilitar.com.br>
- ▶ <http://www.soamar-rio.com.br>
- ▶ ighmb.org
- ▶ iisesfeb.blogspot.com
- ▶ segundaguerra.org
- ▶ www.lrm.eb.mil.br

- ▶ www.abomi.org.br/academicos.php
- ▶ www.ad1de.eb.mil.br
- ▶ www.adesgrio.org.br
- ▶ www.aecbh.org
- ▶ www.ahimtb.org.br/acamardella.htm
- ▶ www.anvfeb.com.br
- ▶ www.aore.org.br
- ▶ www.aoremaceio.com.br
- ▶ www.arquivojudaicope.org.br
- ▶ www.batalhaosuez.com.br
- ▶ www.bdaamv.eb.mil.br
- ▶ www.bibliex.com.br
- ▶ www.brasilinter.com.br/guerraproscrita
- ▶ www.carlosscliar.com/guerra.htm
- ▶ www.cbmerj.rj.gov.br/
- ▶ www.cdocex.eb.mil.br
- ▶ www.clubemilitar.com.br
- ▶ www.cml.eb.mil.br
- ▶ www.cnor.org.br
- ▶ www.cporrj.ensino.eb.br
- ▶ www.cporsp.ensino.eb.br
- ▶ www.defesa.gov.br
- ▶ www.defesacivil.rj.gov.br
- ▶ www.dep.ensino.eb.br
- ▶ www.dgp.eb.mil.br
- ▶ www.dgp.eb.mil.br/almq1/aceso.asp
- ▶ www.dgp.eb.mil.br/almq1/dcem/almanaqueonline
- ▶ www.ecsbdefesa.com.br/defesa
- ▶ www.egn.mar.mil.br
- ▶ www.exercito.gov.br
- ▶ www.exercito.gov.br/web/resiscomsex/eb-em-revista
- ▶ www.fab.mil.br
- ▶ www.fundacaorampa.com.br
- ▶ www.historiamilitar.com.br
- ▶ www.icomamrio2008.com.br
- ▶ www.incaer.aer.mil.br
- ▶ www.lemp.historia.ufrj.br
- ▶ www.mar.mil.br
- ▶ www.mar.mil.br/sdm/
- ▶ www.museu.cbmerj.rj.gov.br
- ▶ www.policiamilitar.rj.gov.br/biblioteca_pm_nova.php
- ▶ www.revistadehistoria.com.br
- ▶ www.revistanavigator.net
- ▶ www.revistaoperacional.com.br
- ▶ www.rudnei.cunha.nom.br/medalhas/index.html
- ▶ www.saidareta.com.br
- ▶ www.sangueverdeoliva.com.br
- ▶ www.sentandoapua.com.br

- ▶ www.sgex.eb.mil.br
- ▶ www.siscomsex.exercito.gov.br
- ▶ www.unmultimedia.org
- ▶ www.utv.org.br
- ▶ www.veteranos.org.br

Periódicos:

- ▶ *A Defesa Nacional*, BIBLIEX, Rio de Janeiro
- ▶ *Boletim do AHJB*, São Paulo
- ▶ *Herança Judaica*, Editora B'nei Brith, São Paulo
- ▶ *Polonicus*, Curitiba
- ▶ *Revista Correia Lima*, CPOR/RJ
- ▶ *Revista da Escola Superior de Guerra*, ESG, Rio de Janeiro
- ▶ *Revista de Estudos Judaicos*, IHIM, Belo Horizonte
- ▶ *Revista do Clube Militar*, Rio de Janeiro
- ▶ *Revista do Exército Brasileiro*, BIBLIEX, Rio de Janeiro
- ▶ *Revista Marítima Brasileira*, DPHDM, Rio de Janeiro
- ▶ *Revista Shalom*, São Paulo

Documentos:

- ▶ Carta do Coronel José Spangenberg sobre Oswaldo Aranha – 30/3/2010
- ▶ Fé de Ofício do General Samuel Kicis.
- ▶ Wolff, Frieda. Caderno de anotações manuscritas de Fés de Ofício do AHEx
- ▶ Wolff, Frieda. Texto datilografado, Uma colônia agrícola em Resende
- ▶ Gorodovits, David. Discurso Proferido no Monumento Nacional aos Mortos da 2ª Guerra Mundial em Ato Inter-religioso aos Cívicos e Militares Brasileiros Mortos nos Torpedeamentos e Operações Bélicas e Recordatório dos 70 anos da Entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial (1942-2012)
- ▶ Diploma por Ocasão da Passagem da Linha do Equador Durante a II Guerra Mundial – Relação dos Companheiros de Camarote (Aspirante R/2 Israel Rosenthal)

Almanaques:

- ▶ *Almanaque da ADESG*, 1950 – 1984
- ▶ *Almanaque do Pessoal Militar do Exército*, 1974, 1977, 1987
- ▶ *Almanaque dos Diplomados da Escola Superior de Guerra*, ESG, 1999
- ▶ *Almanaque Quadrimestral dos Oficiais da Aeronáutica*, 30 set. 2002
- ▶ *Boletim dos Oficiais dos Corpos e Quadros da Marinha*, 1977, 2001
- ▶ *Livro ITA*, 1995
- ▶ *Turma Escola Militar de Resende*, 28 dez. 1946

Entrevistas concedidas ao autor – pessoais, por telefone, e-mail e escritas:

- ▶ Alberto Winkler – 2012
- ▶ Belita Rosenthal, sobre seu pai, o Cabo Saul Antelman – 2004
- ▶ Bernardo Niskier, sobre seu pai, o Capitão de Longo Curso Jacob David Niskier – 21/3/2005
- ▶ Cabo David Lavinsky – 2005

- ▶ Cabo José Caster – 17/2/2011
- ▶ Cabo Zvi Reiner – 2012
- ▶ Capitão de Longo Curso Samuel Miller – 2010
- ▶ Coronel Aviador Manoel Cambeses, sobre seu colega de turma, o Major Oscar Grubman – 2014
- ▶ Coronel Aviador Wilson Cavalcante, sobre seu colega de turma, o Major Oscar Grubman – 2014
- ▶ Coronel BM Médico – Luiz Chvaicer – 11/12/2010
- ▶ Coronel Dentista Aron Felberg – 10/8/2009
- ▶ Coronel Dentista Ivo Milman – 1.º/9/2009
- ▶ Coronel Dentista Moysés Spiegel – 2013
- ▶ Coronel Médico da Aeronáutica Max Feldman – 8/1/2011
- ▶ Coronel PM Médico – Maurício Goldbach – 2012
- ▶ Coronel PM/RN José Fontes Sobrinho – 2012
- ▶ Coronel Salli Szajferber – 2005
- ▶ Dorotea Lola Pinkusfeld, sobre seu irmão, Comissário Maurício Pinkusfeld
- ▶ Dr. Ernesto Maier Rymer (reservista) – 2012
- ▶ Dr. Jayme Zaikowaty, sobre seu irmão, Coronel Farmacêutico Mauricio Zaikowaty – 2014
- ▶ Dr. Leão Zagury, sobre seu avô, o Capitão da Guarda Nacional Leão Zagury
- ▶ Dr. Meer Gurfinkel – 2012
- ▶ Dr. Rui Schneider, sobre o seu sogro, Almirante Médico Edidio Guertzenstein – 2007
- ▶ Eduardo Stambowsky, sobre seu pai, o Tenente Leão Stambowsky – 2011
- ▶ Elizabeth A. Benemond, sobre seu pai, o Capitão de Longo Curso Jacob Benemond – 16/3/2005
- ▶ Fátima Chapier Bellini Scarpelli, sobre seu avô, Sargento Jacob Chapier Sobelman – 6/10/2010 (*e-mail*)
- ▶ Fátima Chapier Bellini Scarpelli, sobre seu tio avô, o Coronel Marcos Chapiro – 6/10/2010 (*e-mail*)
- ▶ General Antonio Joaquim Soares Moreira, sobre o seu sogro, o Marechal Waldemar Levy Cardoso – 2005
- ▶ Golde Stiefelman, sobre seu pai, o Tenente Bernardo Stiefelman – 19/3/2005
- ▶ Ingelborg Höffe Naslausky, sobre seu pai, o Coronel Salomão Naslausky – 8/4/2005
- ▶ Jacob Binsztok (reservista) – 2012
- ▶ José de Julio Rosenthal, sobre seu irmão, o Tenente Waldemar Rosenthal – 2007
- ▶ Leda Kicis, sobre seu pai, o General Samuel Kicis – 2005
- ▶ Magaly Barandes Tayah, sobre seu pai, Coronel Dentista Jaime Barandes – 22/12/2010
- ▶ Marcos Halfim, sobre seu irmão Coronel Dentista Julio Halfim – 2013
- ▶ Marcos Jacques Cohen, sobre seu pai, o Sargento Jacob David Cohen – 2004
- ▶ Mario Shaladowsky, sobre seu pai, o Sargento Henrique Shaladowsky – 2004
- ▶ Markus Novak, sobre seu pai, o Capitão Adio Novak – 2004
- ▶ Mauro Rodin, sobre seu pai, o Comandante de Longo Curso David Leon Rodin – 2006
- ▶ Melvyn Afonso Cohen (reservista) – 2013
- ▶ Michel Kawa (reservista) – 18/12/2010
- ▶ Mirian Fainguelernt, sobre seu marido, o Tenente R/2 Abrahão Fainguelernt – 17/4/2005
- ▶ Nelson Antonio de Borba, sobre seu pai, o Sargento Reynaldo Antonio de Borba – 18/3/2005

- ▶ Octave Schteiberg, sobre seu irmão, o Sargento George Schteinberg da Força Aérea da França Livre – 7/3/2005
- ▶ Paulo Cesar Kullock, sobre seu pai, o Tenente R/2 Pedro Kullock – 2005
- ▶ Professor Mauricio Kischinhevsky, sobre seu pai, o Brigadeiro Médico Waldemar Kischinhevsky – 2011
- ▶ Rachel Niskier, sobre seu tio, o Capitão de Longo Curso Jacob David Niskier – 21/3/2005
- ▶ Raquel Cerkes, sobre seu pai Tenente Marcos Cerkes – 2004
- ▶ Samuel Messod Benzecry (reservista) – 2013
- ▶ Sargento Jacob Perelman – 2005
- ▶ Sargento Moisés Gitz – 26/3/2005
- ▶ Soldado Jacob Gorender – 2005
- ▶ Tenente da Marinha Melchisedech Afonso de Carvalho – 17/4/2005
- ▶ Tenente R/2 Dr. Adolpho Hoirisch – 2012
- ▶ Tenente R/2 José Segal – 2010
- ▶ Tenente RM2 Abrahão Rumchinsky – 8/1/2011
- ▶ Tenente RM2 Bernardo Schipper – 2012
- ▶ Tenente RM2 Dawid Aronson – 8/1/2011
- ▶ Tenente RM2 Isaac Huf – 2012
- ▶ Tenente RM2 Leizer Lerner – 2014
- ▶ Tenente RM2 Salomão Vainberg – 17/2/2011
- ▶ Tenente-Coronel Art. Mario Raphael Vanuttelli – 2008

ARQUIVOS E BIBLIOTECAS

Oficiais:

- ▶ Arquivo Histórico do Exército
- ▶ Arquivo Nacional
- ▶ Biblioteca Coronel Macedo – BIBLIEX – CPHIMEX
- ▶ Biblioteca da Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN
- ▶ Biblioteca da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME
- ▶ Biblioteca da Escola de Guerra Naval – EGN
- ▶ Biblioteca da Escola Superior de Guerra
- ▶ Biblioteca da Marinha – DPHDM
- ▶ Biblioteca do Centro de Instrução Almirante Graça Aranha – CIAGA
- ▶ Biblioteca do INCAER
- ▶ Biblioteca do Ministério da Defesa – MD
- ▶ Biblioteca e Arquivos do Yad vaShem, Jerusalém
- ▶ Biblioteca Franklin Dória – BIBLIEX
- ▶ Biblioteca Lobo Vianna – BIBLIEX
- ▶ Biblioteca Nacional

Privados:

- ▶ Arquivo Histórico Judaico Brasileiro – São Paulo
- ▶ Casa da FEB
- ▶ Clube Militar
- ▶ Lar União (Parte do arquivo de D.^a Frieda Wolff)

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

- A3P – Associação dos Antigos Alunos da Politécnica
ABAL – Associação Brasileira do Artista Lírico
ABL – Academia Brasileira de Letras
ABMM – Associação Brasileira de Medicina Militar
ABMR – Associação Brasileira de Medicina de Reabilitação
ABOMI – Associação Brasileira de Odontologia Militar
ABORE – Associação Brasileira de Oficiais da Reserva
ACIB – Associação Cultural Israelita de Brasília
AD/6 – Artilharia Divisionária do 6.º Batalhão de exército
ADAF – Associação David Frishman
ADEFORM – Associação dos Diplomados da Escola de Formação de Oficiais da Reserva da Marinha
ADEMI – Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário
ADESG – Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra
AFA – Academia da Força Aérea
AFAC – Association Francaise des Anciens Combattants
AGR – Arsenal de Guerra do Rio
AHIMTB – Academia de História Militar Terrestre do Brasil
AHJB – Arquivo Histórico Judaico Brasileiro
AIB – Ação Integralista Brasileira
ALERJ – Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
ALN – Ação Libertadora Nacional
AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras
AMEBRASIL – Associação dos Militares Estaduais do Brasil
AMIRPE/FA – Associação dos Militares da Reserva, Reformados, Pensionistas e Expedicionários das Forças Armadas
AMJV – Amigos do Memorial Judaico de Vassouras
AMVERJ – Academia de Medicina Veterinária do Estado do Rio de Janeiro
ANAC – Agência Nacional de Aviação Civil
ANL – Aliança Nacional Libertadora
ANM – Academia Nacional de Medicina
ANVFEB – Associação Nacional dos Veteranos da FEB
AOPM – Associação dos Oficiais da PM
AORE/RJ – Associação dos Oficiais da Reserva
ARI – Associação Religiosa Israelita
ASA – Associação Sholem Aleichem
AVCFN – Associação dos Veteranos do Corpo de Fuzileiros Navais
BABL – Base Aérea de Belém
BACS – Base Almirante Castro e Silva
BANERJ – Banco do Estado do Rio de Janeiro
BASC – Base Aérea de Santa Cruz
BB – Banco do Brasil
BBC – British Broadcast Corporation
BC – Batalhão de Caçadores
BCC – Batalhão de Carros de Combate
Bda Inf Mtz – Brigada de Infantaria Motorizada

BE Comb – Batalhão de Engenharia de Combate
 BesEng – Batalhão Escola de Engenharia
 BG – Batalhão de Guardas
 BI – Batalhão de Infantaria
 BIB – Batalhão de Infantaria Blindada
 BIBLIEX – Biblioteca do Exército
 BIBSA – Biblioteca Israelita Brasileira Shalom Aleichem
 BIGNCRJ – Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional da Corte do Rio de Janeiro
 BIL – 4.º Batalhão de Infantaria Leve
 BIS – Batalhão de Infantaria de Selva
 BMRS – Brigada Militar do Rio Grande do Sul
 BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
 BNH – Banco Nacional da Habitação
 Bope – Batalhão de Operações Policiais Especiais
 BPE – Batalhão de Polícia do Exército
 BRABATT 1 – Brazilian Battalion
 BS – Batalhão de Saúde
 Btl Inf Mtz – Batalhão de Infantaria Motorizada
 CAAML – Centro de Adestramento “Almirante Marques de Leão”
 CADIM – Centro de Adestramento da Ilha da Marambaia
 CAEPE – Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia
 CAMAR – Curso de Adaptação de Médicos da Aeronáutica
 CAN – Correio Aéreo Nacional
 CAO – Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais
 CAV – Cavalaria
 CAVEx – Comando de Aviação do Exército
 CBPF – Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas
 CBTP – Confederação Brasileira de Tiro
 CCAC – Companhia de Canhões Anticarro
 CCC – Companhia de Carros de Combate
 CCEM – Curso de Comando e Estado-Maior
 CCER Monte Sinai – Centro Cultural Esportivo e Recreativo Monte Sinai
 CEDAE – Companhia Estadual de Águas e Esgotos
 CEDERJ – Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro
 CEDPEM – Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional
 CEEE – Cia Estadual de Energia Elétrica
 CEFAP – Centro de Formação e aperfeiçoamento de Praças
 CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica
 CELD – Centro Espírita Léon Denis
 CEMAE – Curso de Especialização em Medicina Aeroespacial
 Cemal – Centro de Medicina Aeroespacial
 CEMAL – Centro de Medicina Aeroespacial
 CEMCFA – Curso de Estado-Maior e Comando das Forças Armadas
 CEMCFA – Curso de Estado-Maior e Comando das Forças Armadas
 CENIPA – Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos
 CEP – Centro de Estudos de Pessoal
 CEP – Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias

CEPHAS – Comissão de Estudos e Pesquisas Históricas do IHGB
CERNAI – Comissão de Estudos Relativos à Navegação Aérea Internacional
CETEM – Centro de Tecnologia Mineral
CFO – Curso de Formação de Oficiais
CFOD – Curso de Formação de Oficiais Dentistas
CFS-EsSex – Curso de Formação de Sargentos – Escola de Saúde do Exército
CGERD – Curso de Gestão de Recursos de Defesa
CHB – Centro Hebreu Brasileiro
CHCJ – Centro de História e Cultura Judaica
ChEM – Chefe do Estado-Maior
CHR – Centro Hebraico Rio-Grandense
CIA – Central Intelligence Agency
CIAM – Centro Israelita do Amazonas
CIASC – Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo
CIAT-Natal – Centro de Instrução Aero Tática
CIAW – Centro de Instrução Almirante Wandenkolk
CIB – Confederação Israelita Brasileira
CIBRACON – Companhia Brasileira de Construções
CICFN – Centro de Instrução do Corpo de Fuzileiros Navais
CIE – Centro de Informações do Exército
CIEAR – Centro de Instrução de Especialistas da Aeronáutica
CIG – Campo de Instrução de Gericinó
CIMM – Centro de Instrução Motomecanizada
CIORM – Centro de Instrução de Oficiais da Reserva da Marinha
CIPA – Comissão de Investigação e Prevenção de Acidentes
CIRJ – Centro Industrial do Rio de Janeiro
CIRN – Centro Israelita do Rio Grande do Norte
CLMN – Curso de Logística e Mobilização Nacional
CMBH – Colégio Militar de Belo Horizonte
CML – Comandante Militar do Leste
CMMBEEUU – Comissão Militar Mista Brasil – Estados Unidos
CMNMD – Centro Médico Naval Marcilio Dias
CMP – Comando Militar do Planalto
CMPA – Colégio Militar de Porto Alegre
CMR – Colégio Militar do Recife
CMRJ – Colégio Militar do Rio de Janeiro
CNC – Confederação Nacional do Comércio
CND – Confederação Nacional de Desportos
CNEN – Comissão Nacional de Energia Nuclear
CNOR – Conselho Nacional de Oficiais R/2
CNPq – Conselho Nacional de Pesquisas
COMCA – Comando do Corpo de Aspirantes
ComEMCh – Comando em Chefe da Esquadra
CONFEA – Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura
CONIB – Confederação Israelita do Brasil
Contran – Conselho Nacional de Trânsito
COPPE – Coordenação dos Programas de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia

COR – Curso de Oficiais da Reserva
 CORE – Corpo de Oficiais da Reserva do Exército
 COSEF – Comissão Superior de Economia e Finanças
 CPDOC/FGV – Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas
 CPG – Comissão de Promoções de Graduados
 CPO – Comissão de Promoção de Oficiais
 CPOR – Centros de Preparação de Oficiais da Reserva
 CPOR/Aer – Centros de Preparação de Oficiais da Reserva da Aeronáutica
 CR Vasco da Gama – Clube de Regatas Vasco da Gama
 CREMERJ – Conselho Regional de Medicina do Estado do RJ
 CRM-DF – Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal
 CRO-RJ – Conselho Regional de Odontologia
 CRP – Centro de Recompilamento de Pessoal
 CRP/FEB – Centro de Recompilamento de Pessoal
 CSG – Curso Superior de Guerra
 CSP – Curso Superior de Polícia
 CTB – Companhia Telefônica Brasileira
 CTE – Curso Técnico de Ensino
 CVM – Comissão de Valores Mobiliários
 CVP – Corpos de Voluntários da Pátria
 CZC2 – Cruz de Combate 2.^a Classe
 DABT – Diretório Acadêmico Barros Terra
 DAC – Diretoria de Assuntos Culturais
 DASP – Departamento Administrativo do Serviço Público
 DECEX – Departamento de Educação e Cultura do Exército
 DEP – Departamento de Ensino e Pesquisa
 DEPT – Departamento de Estudos e Pesquisas Tecnológicas do Exército
 Detran-RJ – Departamento de Trânsito do Rio de Janeiro
 DGP – Departamento Geral de Pessoal
 DGS – Diretoria Geral de Saúde
 DHN – Diretoria de Hidrografia e Navegação
 DI – Divisão de Infantaria
 DIE – Divisão de Infantaria Expedicionária
 DMMRJ – Depósito de Motomecanização do Rio de Janeiro
 DN – Distrito Naval
 DNER – Departamento Nacional de Estradas de Rodagem
 DOPS – Delegacia de Ordem Pública e Social
 DP – Depósito de Pessoal
 DPEP – Depto de Pesquisas e Estudos de Pessoal
 DPHCEX – Diretoria de Patrimônio Histórico e Cultural do Exército
 E.A.M Almirante Batista das Neves – Escolas de Aprendizes Marinheiros
 EAOAR – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica
 EAS – Escola de Aperfeiçoamento de Saúde
 EATC – European Airtransport Command
 EB – Exército Brasileiro
 EBr, EU – Estrela de Bronze, Estados Unidos
 ECEMAR – Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica

ECEME – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército
ECMSE – Estabelecimento Central de Material de Saúde
ECMSEx – Estabelecimento Central de Material de Saúde o Exército
ECT – Empresa de Correios e Telégrafos
EFORM – Escola de Formação de Oficiais da Reserva da Marinha
EGN – Escola de Guerra Naval
EM do IV Exército – Estado-Maior
EMA – Estado-Maior da Armada
EMBRATEL – Empresa Brasileira de Telecomunicações
EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo
EMERJ – Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro
EMFA – Estado-Maior das Forças Armadas
EMR – Escola Militar do Realengo
ENE – Escola Nacional de Engenharia
ENG – Engenheiro
ENOREx – Encontro Nacional de Oficiais da Reserva do Exército
EPCAR – Escola Preparatória de Cadetes da Aeronáutica
EsACos Aae – Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea
EsAO – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
EsEFEx – Escola de Educação Física do Exército
EsFO – Escola de Formação de Oficiais
ESG – Escola Superior de Guerra
ESPM – Escola Superior de Polícia Militar
EsSEx – Escola de Saúde do Exército
ETPVM – Escola Técnica Profissional Visconde Mauá
EUA – Estados Unidos da América
FA – Força Aérea
FAB – Força Aérea Brasileira
FACEPe – Faculdade de Ciências Econômicas de Pernambuco
FAFL – Força Aérea da França Livre
FAHIMTB – Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil
FAHUPE – Faculdade de Humanidades Pedro II
FAIBRAS – Forças Armadas Interamericanas – Brasil
Faperj – Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
FDI – Forças de Defesa de Israel
FEB – Força Expedicionária Brasileira
FFE – Força de Fuzileiros da Esquadra
FFL – Forças da França Livre
FFM – Faculdade Fluminense de Medicina
FGV – Fundação Getúlio Vargas
FHC – Fernando Henrique Cardoso
FIERJ – Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro
FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos
FIPE – Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
FIRJAN – Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro
FIRS – Federação Israelita do Rio Grande do Sul
FISESP – Federação Israelita do Estado de São Paulo

FNA – Faculdade Nacional de Arquitetura
 FNFi – Faculdade Nacional de Filosofia
 FNM – Faculdade Nacional de Medicina
 FNO – Faculdade Nacional de Odontologia
 FTPRJ – Federação de Tiro do Rio de Janeiro
 FUNCEB – Fundação Cultural Exército Brasileiro
 Fundham – Fundação Museu do Homem Americano
 G A Cav – Grupo de Artilharia a Cavalo
 GAC – Grupo de Artilharia de Campanha
 GAC – Grupo de Artilharia de Campanha
 GAC AP – Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsado
 GACos – Grupo de Artilharia de Costa
 GACosM – Grupo de Artilharia de Costa Motorizado
 GADo – Grupo de Artilharia de Dorso
 GCan AuAAe 90 – Grupo de Canhões Automáticos Antiaéreos
 GESAR – Grupamento de Salvamento e Resgate
 GN – Guarda Nacional
 GO 105 – Grupo de Obuses 105 mm
 GSE – Grupamento de Serviços de Emergência
 GUEs – Grupamento de Unidades Escola.
 GUEs da 1.ª DE – Grupamento de Unidades Escola da 1.ª Divisão de Exército
 HCA – Hospital Central da Aeronáutica
 HCE – Hospital Central do Exército
 HCM – Hospital Central da Marinha
 HCPM – Hospital Central da Polícia Militar
 HCPMERJ – Hospital Central da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro
 HESFA – Hospital Escola São Francisco de Assis
 HFAG – Hospital da Força Aérea do Galeão
 HGeF – Hospital Geral de Fortaleza
 HgeJF – Hospital Geral de Juiz de Fora
 HGeRJ – Hospital Geral do Rio de Janeiro
 HGuVM – Hospital da Guarnição da Vila Militar
 HNMD – Hospital Naval Marcílio Dias
 HPM – Hospital da Polícia Militar
 HSE – Hospital dos Servidores do Estado
 HSE – Hospital dos Servidores do Estado no Rio de Janeiro
 I RCD – Regimento de Cavalaria de Guarda
 IAGS – Inter American Geodetic Survey
 IAPC – Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes
 IASERJ – Instituto de Aposentadoria dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro
 IBEx – Instituto de Biologia do Exército
 IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
 IBMEC – Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais
 IBQN – Instituto Brasileiro da Qualidade Nuclear
 ICA – International Colonization Association
 ICAER – Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica
 ICAO – International Civil Aviation Organization

IDEB – Instituto de Desenvolvimento Empresarial do Brasil
IGHMB – Instituto de Geografia e História Militar do Brasil
IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IHGRN – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte
IHP – Instituto Histórico de Petrópolis
II RMM – Regimento Motomecanizado
IIBCE – Instituto Israelita Brasileiro de Cultura e Educação
III Btl. Inf. – Batalhão de Infantaria
IMAE – Instituto de Medicina Aeroespacial
IME – Instituto Militar de Engenharia
INB – Indústrias Nucleares do Brasil
INCA – Instituto Nacional do Câncer
INCAER – Instituto de Cultura Aeronáutica
INF – Infantaria
INMETRO – Instituto Nacional de Metrologia Qualidade e Tecnologia
INPS – Instituto Nacional de Previdência Social
INSS – Instituto Nacional do Seguro Social
INT – Instituto Nacional de Tecnologia
IOC – Instituto Oswaldo Cruz
ITA – Instituto Tecnológico de Aeronáutica
ITHRGS – Instituto de Tradições e História do Rio Grande do Sul
ITS – International Transit System
LAAD – Latin American Aero Defense
LAR – Lanchas de Ação Rápida
LDN – Liga da Defesa Nacional
LQFEx – Laboratório Químico-Farmacêutico do Exército
MAM-Rio – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
MINUSTAH – Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti
MMCL – Museu Militar Conde de Linhares
MMMM – Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes
MP – Ministério Público
MR8 – Movimento Revolucionário 8 de Outubro
NPOR – Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva
NuDAet – Núcleo da Divisão Aeroterrestre
NYC – New York City (Nova Iorque)
OAB – Ordem dos Advogados do Brasil
OACI – Organização Internacional da Aviação Civil
OCEx – Odontoclínica Central do Exército
OCM – Odontoclínica Central da Marinha
OMS – Organização Mundial da Saúde
ONU – Organização das Nações Unidas
OSB – Orquestra Sinfônica Brasileira
OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte
PAMA GL – Parque de Material Aeronáutico do Galeão
PARASAR – Parachute Search and Rescue
PC do B – Partido Comunista do Brasil
PCB – Partido Comunista Brasileiro

PDF – Prefeitura do Distrito Federal
 PHNG – Parque Histórico Nacional dos Guararapes
 PLUNA – Primeras Lineas Uruguayas de Navegación Aerea
 PMCF – Prefeitura Municipal de Cabo Frio
 PMDB – Partido do Movimento do Movimento Democrático Brasileiro
 PMESP – Polícia Militar do Estado de São Paulo
 PMPE – Polícia Militar de Pernambuco
 PMRN – Polícia Militar do Rio Grande do Norte
 PMSP – Polícia Militar de São Paulo
 PPGAS – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRJ
 PPGH/UERJ – Programa de Pós-Graduação em História da UERJ
 PqRMM/3 – Parque Regional de Moto Mecanização da 3.ª Região Militar
 PSB – Partido Socialista Brasileiro
 PSD – Partido Social Democrático
 PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira
 PT – Partido dos Trabalhadores
 PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
 PUC – Pontifícia Universidade Católica
 QAO – Quadro Auxiliar de Oficiais
 QCG – Quartel do Comando Geral
 QEM – Quadro de Estado-Maior
 QG – Quartel General
 QMB – Quadro de Material Bélico
 QOCON – Quadro de Oficiais
 QTT – Quadro Técnico Temporário
 RA 75 AR – Regimento de Artilharia 75 Autorrebecado
 RAF – Royal Air Force (Força Aérea Inglesa)
 RAM – Regimento de Artilharia Montada
 RAM – Regimento de Artilharia Montada
 RAPC – Regimento de Artilharia Pesada Curta
 RAv – Regimento de Aviação
 RCI – Regimento de Cavalaria Independente
 REI – Regimento Escola de Infantaria
 RF – Rádiofrequência
 RI – Regimento de Infantaria
 RM – Região Militar
 ROAuR – Regimento de Obuses Autorrebecados
 RP – Relações Públicas
 SAME – Serviço de Assistência Médica de Emergência
 SAPS – Serviço de Alimentação e Previdência Social
 SAU – Saúde
 SBG – Sociedade Brasileira de Geografia
 SBG – Sociedade Brasileira de Geriatria
 SCMB – Sistema Colégio Militar do Brasil
 SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequena Empresa
 SENABOM – Seminário Nacional de Bombeiros
 SENAC – Serviço Nacional do Comércio

SENAI – Serviço Nacional da Indústria
SESA – Standard Electric S. A.
SESAT – Serviço Social dos Transportes
SESC – Serviço Social do Comércio
SESI – Serviço Social da Indústria
SG – Secretaria Geral
SIC – Sociedade Israelita do Ceará
SIDESC – Siderúrgica de Santa Catarina
SINDICONT – Sindicato dos Contabilistas.
SO Q FT – Suboficial Quadro de Fotógrafos
SOAMAR – Sociedade dos Amigos da Marinha
SOAMAR-DF – Sociedade dos Amigos da Marinha do Distrito Federal
Sobrasa – Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático
SPK – Stowarzyszenie Polskich Kombatantów (Federação dos Ex-Combatentes Poloneses)
SRF – Secretaria da Receita Federal
SS – Schutz Staffel
STAe – Serviço Técnico de Aeronáutica
STJ – Supremo Tribunal de Justiça
SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
Suderj – Superintendência de Estádios do Rio de Janeiro
SUS – Sistema Único de Saúde
SUSA – Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas
TDW – Tonns Dead Weight
TELERJ – Telecomunicações do Rio de Janeiro
TG 140 – Tiro de Guerra 140
TIBRAS – Titânio do Brasil
TQP – Turma Quase Perfeita
UB – Universidade do Brasil
UCP – Universidade Católica de Petrópolis
UDF – Universidade do Distrito Federal
UDN – União democrática Nacional
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFAM – Universidade Federal do Amazonas
UFF – Universidade Federal Fluminense
UFPa – Universidade Federal do Pará
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFPR – Universidade Federal do Paraná
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UGF – Universidade Gama Filho
UISGH – União Israelita Shel Guemilut Hassadim
UNE – União Nacional dos Estudantes
UNEF – United Nations Emergency Force (Força de Emergência das Nações Unidas)
UNEF – United Nations Expeditionary Force

UNIBES – União Israelita Brasileira de Bem Estar Social
 UNIFA – Universidade da Força Aérea
 UNIPEC – União dos Profissionais de Escritórios de Contabilidade do RJ
 UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
 UR – Universidade do Recife (atual UFPE)
 URB – Empresa de Urbanização do Recife
 URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviética
 USA – United States of America (Estados Unidos)
 USAF – United States Air Force
 USMA – United States Military Academy (Academia Militar de West Point)
 USP – Universidade de São Paulo
 VBTP – Viatura Blindada Transporte de Pessoal
 VP – Voluntários da Pátria
 VPR – Vanguarda Popular Revolucionária
 WIZO – Women International Zionist Organization
 XXI PROANTAR – Programa Antártico
 ZOB – Zydowska Organizacja Bojowa – Organização Judaica Combatente
 ZZW – Zydowski Zwiizek Woskowy – União Militar Judaica

GLOSSÁRIO DE ABREVIATURAS DE POSTOS E GRADUAÇÕES

Fonte: Ministério da Defesa, Estado-Maior De Defesa – Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas – MD33-M-02 (3.ª Edição, 2008). (Eventuais diferenças de escrita se devem à aplicação do Novo Acordo Ortográfico, em vigor desde 2009.)

Postos

► a) Marinha

Almirante | Alte.
 Almirante de Esquadra | Alte. Esq. ou AE
 Vice-Almirante | V-Alte. ou VA
 Contra-Almirante | C-Alte. ou CA
 Capitão de Mar e Guerra | CMG
 Capitão de Mar e Guerra Intendente |
 CMG (IM)
 Capitão de Fragata | CF
 Capitão de Corveta | CC
 Capitão Tenente | CT
 1.º Tenente | 1.º Ten. ou 1T
 2.º Tenente | 2.º Ten. ou 2T
 Guarda-Marinha | GM

► b) Exército

Marechal Mar
 General de Exército | Gen. Ex.
 General de Divisão | Gen. Div.
 General de Brigada | Gen. Bda.

Coronel | Cel.
 Tenente-Coronel | Ten.-Cel. ou TC
 Major | Maj.
 Capitão | Cap.
 1.º Tenente | 1.º Ten.
 2.º Tenente | 2.º Ten.
 Aspirante a Oficial | Asp.

► c) Aeronáutica

Marechal do Ar | Mar. Ar
 Tenente-Brigadeiro do Ar | Ten.-Brig Ar
 Major-Brigadeiro | Maj.-Brig.
 Brigadeiro | Brig.
 Coronel | Cel.
 Tenente-Coronel | Ten.-Cel.
 Major | Maj.
 Capitão | Cap.
 1.º Tenente | 1.º Ten.
 2.º Tenente | 2.º Ten.
 Aspirante | Asp

Graduações

► a) Marinha

Aspirante | Asp.
Suboficial | SO
Primeiro Sargento | 1.º SG
Segundo Sargento | 2.º SG
Terceiro Sargento | 3.º SG
Cabo | Cb
Soldado (CFN) | SD
Marinheiro | MN

► b) Exército

Cadete | Cad.
Subtenente | STen.
Primeiro Sargento | 1.º Sgt.

Segundo Sargento | 2.º Sgt.
Terceiro Sargento | 3.º Sgt.
Cabo | Cb
Soldado | Sd

► c) Aeronáutica

Cadete | Cad.
Suboficial | SO
Primeiro Sargento | 1S
Segundo Sargento | 2S
Terceiro Sargento | 3S
Cabo | Cb.
Soldado de Primeira Classe | S1

Para identificar o pessoal de cada uma das Forças, quando houver coincidência na denominação do posto ou da graduação, será utilizada, após a respectiva abreviatura, aquela indicadora da Força, entre parênteses.

Exemplo: Cel. (FAB) João da Silva; Cel. (EB) Antônio de Souza; 1.º Ten. (MB) Alberto Santos; Cb. (MB) Paulo Gonzaga.

Para os militares de carreira, quando na Reserva Remunerada, acrescenta-se “R/1” (EB e FAB) ou “(RM1)” (MB), após o posto ou graduação. Em caso de Reserva Não Remunerada, acrescenta-se “R/2”.

Exemplo: Alte. Esq. (RM1); CMG (RM1-FN); Gen. Ex. R/1; Ten.-Brig Ar R/1; CMG (RM1); Cel. (EB) R/1; Cel. (FAB) R/1; Ten.-Cel. Av Rfm; 1.º SG (RM1); 1.º Sgt. R/1; 1S R/1.

PERSONALIDADES

Aarão Isaac Benchimol	Aron Bergman	Claudio Isaac Serruya
Abdon Nunes de Carvalho	Aron Felberg	Clovis Benchaya Cardoso
Abraão Issac Waisman	Aron Zisel Tenenblatt	Daniel Cohen
Abraão Kerzner	Arthur Dieudonné Haas	Daniel Israel
Abraham Jaspán	Arthur Lewcovitch	Dario Gabai
Abraham Messod Benzecry	Arthur Velihovetchi	Dario Sion
Abraham Michel Resserman	Ary Fleischman	David Bizinover
Abrahão Cherpak	Ary Jaques Zweiter Averbug	David Dahan
Abrahão Datz	Ary Roitberg	David Feffer
Abrahão Fainguelernt	Benjamin Finkielman	David Felix Balassiano
Abrahão Lifchitz	Benjamin Szwarcwing	David Finkielsztein
Abrahão Ramiro Bentes	Benjamin Tissenbaum	David Fischel
Abrahão Rumchinsky	Benjamin Waissmann	David Furman
Abrahão Spitzcovsky	Benjamin Zymler	David Gorodovits
Abrahão Wulf Spigel	Bension Akherman	David Gryner
Abram Kaczelnik	Bernardo Rabinovich	David Jacobovitz
Abram Kutwak	Bernardo Demenstein	David Jacobovitz Netto
Abram Szajman	Bernardo Goldvag	David Lavinski
Abran Tandeitnik	Bernardo Kosminsck	David Leon Rodin
Abrão Lowenthal	Bernardo Nuzman	David Mizrahi
Adelton Gunzburger	Bernardo Pochachevsky	David Rosenvald
Adio Novak	Bernardo Rubinstein	David Szpacenkopf
Adolfo Berditchevsky	Bernardo Samuel Manela	David Szpilman
Adolfo Krutman	Bernardo Schipper	David Tenengauzer
Adolpho Berezin	Bernardo Schnitzer	David Ubiratan Weissblum
Adolpho Cohen	Grinplascht	David Zibenberg
Adolpho Hoirisch	Bernardo Stifelman	Davis Taublib
Adolpho Milman	Bernardo Toledano Vaena	Davy Bogomeletz
Adolpho Prais	Bertholdo Perecmanis	Decio Chvaicer
Adolpho Tuchman	Bertholdo Pirim	Denis Fred Benzecry
Akiba André Levy	Boris Bancovsky	Donald Cohen Marques
Alberto Burd	Boris Chigris	Edgard Buxbaum
Alberto Chahon	Boris Gheventer	Edidio Guertzenstein
Alberto Chinicz	Boris Markenon	Eduardo Horovitz
Alberto Magrisso	Boris Munimis	Eduardo Stambowski
Alberto Mossé	Boris Schnaiderman	Efrahim Kopel Meniuk
Alberto Reznik	Boris Sitnik	Efraim David Cassvan
Alberto Salomão Nigri	Borisov Steinberg	Eliane Velozo
Alberto Samuel	Bruno Meisels	Elias Beniste
Alberto Winkler	Busi Rosenblit	Elias Isaac Benchimol
Aleksander Laks	Carleto Bemerguy	Elias Niremberg
Alexander Feldmann	Carlos Alberto Alhanati	Elias Toruzman
Alexandre Cherman	Carlos Arthur Nuzman	Eliezer Itzhak
Alfredo Nicolau	Carlos Gorenstin	Eliezer Moises Levy
Altamiro Moyses Zimerfogel	Carlos José Tuttmán	Elio Fischberg
Alter Ber Zylbersztajn	Carlos Schwartz	Elisa Levy
Ambrozio M. Ezagui	Carlos Scliar	Emanuel Rottemberg
Amihay Burla	Carlos Szerman	Emilio Nudelman
Arão Berezovsky	Celso Lafer	Ernesto Maier Rymer
Arão Gerscovich	Chaim Leib Grossman	Ernesto Wachsmann
Armando Levy Cardoso	Chaskiel Jankiel Orensztajn	Ezequiel Rosman
Arnaldo Niskier	Clarice Lispector Gurgel	Feiga Rebeca Rosenthal
Arnaldo Strosberg	Valente	Felicja Blumenthal

Felix Feldon	Isaac Feingold	Jacob Binstok
Felix Kac	Isaac Gabay	Jacob Burd
Felix Rabstein	Isaac Gorenstein	Jacob Chapier Sobelman
Francisco Kauffman	Isaac Huf	Jacob Cukier
Francisco Leão Cohn	Isaac Karabichevski	Jacob David Cohen
Georges Schteinberg	Isaac Kauffman	Jacob David Niskier
Gerald Goldstein	Isaac Kayat	Jacob David Ribemboim
Germano Seidl Vidal	Isaac Kritz	Jacob Fichman
Germano Wolff	Isaac Lancman	Jacob Gorender
Gerson Barg	Isaac Lazaro Balassiano	Jacob Ibrahim Dahab
Gerson Pomp	Isaac Leisgold	Jacob Kirjner
Getulio Cohen	Isaac Mayer Klainman	Jacob Kleiman
Gilberto Cytryn	Isaac Naguel	Jacob Kligerman
Gilberto Gancz	Isaac Nahon	Jacob Kochen
Gregorio Feldman	Isaac Ohana	Jacob Kogut
Guilherme Bessa Filho	Isaac Plut	Jacob Lewin
Guirs Bank	Isaac Rosenblatt	Jacob Marcos Luksenberg
Gustavo Aichenblat	Isaac Samuel Benchimol	Jacob Palatnik
Haim Nigri	Isaac Sapir	Jacob Perelmann
Harold Elkin Hime	Isaac Schanick	Jacob Pick Bittencourt (Jacob do Bandolim)
Heitor Sennes Pinto	Isac Faerchtein	Jacob Pinheiro Goldberg
Helio Cherman	Isac Jacobovicz	Jacob Rotman
Hélio Colpeman	Isac Kimelblat	Jacob Steinberg
Helio Copelman	Isack Kipper	Jacob Welikson
Helio Gilberto Hasson	Isack Wajsenzonzon	Jacob Wolf Lilienbaum
Helio Kaltman	Isaias Pinto	Jacob Zimerfeld
Helio Posternak	Israel Averbach	Jacob Zweiter
Helio Wrobel	Israel Beloch	Jacques Cukierman
Henri Percmanis	Israel Blajberg	Jacques Jayme Hazan
Henrique Chiganer	Israel Bona	Jaques Wagner
Henrique Fainstein	Israel Feldman	Jaime Berenstein
Henrique Fuks	Israel Ghinsburg	Jaime Erlich
Henrique Schaladowsky	Israel Hollmann	Jaime Gornsztejn
Henrique Veltman	Israel Klabin	Jaime Gudel
Henry Percmanis	Israel Leão Guberman	Jaime Guinsburg
Herman Abraham	Israel Mesel	Jaime Litwak
Hirch Fucs	Israel Naslasvsky	Jaime Maschkvich
Horacio Lafer	Israel Orenstein	Jaime Rotstein
Hugo Chor	Israel Prutchansky	Jaime Sagorski
Hugo Kac	Israel Rosenthal	James Kerszner
Hugo Sergio Koatz	Israel Schachnik	Jankel Szmil Rotenberg
Humberto Gerardo	Israel Schver	Jayme Aben-Athar
Moretzsohn Brandi	Israel Zukerman	Jayme Gudel
Ida Coulicoff Gotlieb	Itamar Faul	Jayme Izaac Finkielsztajn
Ieúda Ciornai	Ivan Uderman	Jayme Jakubowicz
Ignacio Azevedo Amaral	Ivo Milman	Jayme Obraczka
Ikeciel Kiperman	Izidoro Longman	Jayme Ptak
Ilton Gewandsznajder	Izio Ajdelsztajn	Jayme Royseman
Isaac Clerman	Jack Blajchman	Jayme Saul Frajhof
Isaac Bokehi	Jack Goldemberg	Jayme Specterow
Isaac Chidachevicz	Jacó Faerman	Jayme Tiomno
Isaac Clerman	Jacó Guinsburg	Jayme Tobias Steichel
Isaac Dahan	Jacob Asvolinsque	Jayme Zaikowaty
Isaac Eliezer Levy	Jacob Bajzer	Jayme Zilbert
Isaac Faerchtein	Jacob Benemond	

Joao Fernandes Dias de Medeiros	Leonardo Hazan	Mario Vannutelli
João Gorodicht	Leonardo Koatz	Markus Novak
João Szpilman	Leonardo Lachtermarcher	Matheus Frydman
Joaquim Manoel Xavier da Silveira	Leopoldo Nachbin	Matheus Schnaider
Jonas Grimberg	Levir Bassin	Mauricio Gammal Sussman
Jony Reifman	Leyser Garber	Mauricio Goldbach
Jorge Jurkievitch	Ludwig Hartwig Brie	Maurício Grabois
Jorge Mautner	Luís Blank	Mauricio Guerchon Cohen
Jos Ephim Mindlin	Luiz Benyosef	Mauricio Karbel
José Apelbaum	Luiz Brafman	Mauricio Kicis
Jose Berman	Luiz Carlos Barreto	Mauricio Leonardos
José Britz	Luiz Chor	Mauricio Pinkusfeld
José Caster	Luiz Chvaicer	Mauricio Rubinsztajn
José Chindler	Luiz Fiszhaut	Mauricio Schulman
José Cohen	Luiz Kanter	Mauricio Stawnitzer
José de Julio Rosenthal	Luiz Lerner	Maurício Zaikowaty
José Etrog	Luiz Samet	Mauro Podcameni
José Feldman	Luiz Serman	Max Feldman
José Fontes Sobrinho	Luiz Sztajnbok	Max Ezagui
José Gutman	Luiz Tendler Leibel	Mayer Said Nigri
José Kogut	Luiz Vertzman	Meer Gurfinkel
Jose Lipet Slipoi	Manoel Griner	Melchisedech Affonso de Carvalho
José Meniuk	Manoel Huf	Melvyn Afonso Cohen
José Moysés Ezagui	Manoel Mallin	Menachem Kauffman
Jose Moyses Sambursky	Manoel Sternick	Mendel Chapiro
José Preis	Marcelo Herszenhaut	Mendel Moussatché
José Rabinowits	Marcelo Szpilman	Mendel Reissmann
Jose Roitberg	Marcio Galper	Meyer Jayme Axelband
Jose Rosenblut	Marcio Iliesco	Meyer Nunea Sirota
José Rouso	Marco Antonio Sayeg	Meyer Silverston
José Samuel Jalom	Marco Cesar Goldberg	Michael Lewin
José Scheinkmann	Marconi Nudelman	Michel Moses Kawa
José Segal	Marcos Blank	Michel Rosenberg
José Silva Sambursky	Marcos Carneiro de Mendonça	Mieczyslaw Krymchantowski
José Zetzer	Marcos Cerkes	Miguel Grinspan
José Zippin Grinspun	Marcos Chapiro	Miguel Iuchtman
Josef Barat	Marcos Cherman	Miguel Lerner
Joseph Felberg	Marcos Craizer	Miguel Noce
Joseph Nichthausen	Marcos Galper	Miguel Reale
Júlio Bozzano	Marcos Grinspun	Milton Jacob Mandelblatt
Julio Brunstein	Marcos Jaimovick Homsani	Milton Castro
Julio Goldkorn	Marcos Kruschin	Milton Kogut
Júlio Halfin	Marcos Moretzsohn Renault Coelho	Moacyr Botsman
Julius Arnold Wilberg	Marcos Spitkovsky	Moacyr Scliar
Leão Amzalak	Marcos Stern	Moisé Vainer
Leão Stambowsky	Marcus Strozberg	Moisés Abraham Fuks
Leão Zagury	Maria Clementino	Moises Gitz
Leib Goldner	Mario Edelman	Moises Hauser
Leib Leibovitch	Mario Gheiner	Moisés Mochcovitch
Leibich Gruzman	Mario Manela	Moises Naslausky
Leizer Lerner	Mario Raphael Vannutelli	Moises Pizelman
Leon Gornsztejn	Mario Schechtman	Moisés Sayeg
Leon Rabinovitch	Mario Sitnoveter	Mordechai Tzikinowski
		Mote Stambonsky

Moyés Geiger	Raul Colcher	Samuel Messod Benzecry
Moyses Behar	Raul Gitz	Samuel Miller
Moysés Burman	Raul Spielmann	Samuel Safker
Moyses Chahon	Reiven Rosenthal	Samuel Schechtman
Moysés Esrhiqui	Renata Gorinstein	Samuel Schneider
Moysés Genes	Reynaldo Antonio de Borba	Samuel Schneider Neto
Moyses Graziani	Ricardo Berer	Samuel Schoichet
Moysés Jacob Lilenbaum	Roberto Ades	Samuel Svartman
Moysés José Spigiel	Roberto Sussman	Samuel Szyglic
Moysés Kuperman	Roberval Mendonça Cohen	Samuel Weistman
Moyses Pencak	Romeu Diamant	Saul Kirschbaum
Moyses Resnitzky	Ronaldo Cesar Coelho	Saul Waisman
Moyses Sacks	Rony Schaffel	Schaias Zalcborg
Moyses Spiz	Rubem Azulay	Sender Fishiman
Moyses Szwarcberg	Rubem Tachelitsky	Sergio Adler
Moysés Tenenblat	Ruben Bemerguy	Sergio Posternak
Moysés Zajac	Rubin Feingold	Sergio Prais
Moyses Zaltman	Rui Moreira Lima	Sergio Salem
Myriam Broitman Barros	Ruth Kac	Sergio Zilberberg
Nahum Lissker	Ruy Flaks Schneider	Shaftei Baum
Natan Kimelblat	Ruy Leal Campello	Silvio Jablonka
Natasha Rissin	Sadi Canetti	Silvio Santos
Naum Klinger	Salim Cheriti	Simão Mazur
Nehemias Palatnik	Salim Hallage	Simão Sessin
Nelson Cherman	Salim Said Nigri	Simão Szwarc
Nelson Mordekschvili	Salli Szajnferber	Simon Chveid
Nissim Cohen Hallale	Sallyr Lerner	Simon Rosental
Noe Elpern	Salomão Abelson	Sion Divan
Noé Winkler	Salomão Abraham Benoliel	Sjoma Casoy
Noel Nutels	Salomão Bergstein	Sloime Zylberberg
Noel Szyfman	Salomão Cohen	Slomo Wenkert
Nuni Kauffmann	Salomão Cvaigman	Tarso Fernando Herz Genro
Nute Fainel Zylbersztajn	Salomão Guelman	Theodoro Levy
Octavio Alves Velho	Salomão Lipka	Tofic Nigri
Odilon Niskier	Salomão Luiz Wejgman	Uriah P. Levy
Oscar de Barros Amzalak	Salomão Malina	Valdemar Galinski
Oscar Grubman	Salomão Manela	Victorio Camerini
Oswaldo Aranha	Salomão Naslausky	Waldemar Craizer
Paulo Antônio Penido	Salomão Tchaicovsky	Waldemar Cukierman
Monteiro Nahon	Salomão Wajnberg	Waldemar Kischinhewsky
Paulo Bancovsky	Sami Mehliniski	Waldemar Levy Cardoso
Paulo Band	Samuel Adler	Waldemar Licht
Paulo Chor	Samuel Berlinski	Waldemar Podkamieni
Paulo Roberto Sauberman	Samuel Cogan	Waldemar Rosenthal
Paulo Sobelman Chapier	Samuel Frydman	Waldemar Z. Weinstok
Pedro Kullock	Samuel Gandelman	Welvul Cunha
Pinckus Kopiler	Samuel Goldbach	Wilson Hoineff
Pincos Gorenstein	Samuel Hulak	Wolf K. Klabin
Pinho Fleischman	Samuel Isaac Benchimol	Wolf Gryner
Rafael Eshrique	Samuel José Lederman	Yaroni Tabatchnik
Rafael Zippin	Samuel Kauffmann	Yechiel Grinszpan
Raphael Benchimol	Samuel Kicis	Zildo Faienstein
Raphael Boklis	Samuel Laks	Zvi Reiner
Raphael Nathan Bur	Samuel Lerner	
Raul Brajterman	Samuel Malamud	

